



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Arnaldo Zimmermann

**Reconfigurações da reportagem radiofônica brasileira: análise e proposta de redefinição das modalidades contemporâneas a partir dos casos CBN, Jovem Pan News e Gaúcha**

Florianópolis  
2023

Arnaldo Zimmermann

**Reconfigurações da reportagem radiofônica brasileira: análise e proposta de redefinição das modalidades contemporâneas a partir dos casos CBN, Jovem Pan News e Gaúcha**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Valci Regina Mousquer Zuculoto,  
Dra.

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Zimmermann, Arnaldo

Reconfigurações da reportagem radiofônica brasileira :  
análise e proposta de redefinição das modalidades  
contemporâneas a partir dos casos CBN, Jovem Pan News e  
Gaúcha / Arnaldo Zimmermann ; orientador, Valci Regina  
Mousquer Zuculoto, 2023.

359 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós  
Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Radiojornalismo. 3. Reportagem  
radiofônica. 4. Modalidade radiofônica. 5. Hiperídia. I.  
Zuculoto, Valci Regina Mousquer. II. Universidade Federal  
de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo.  
III. Título.

Arnaldo Zimmermann

**Reconfigurações da reportagem radiofônica brasileira: análise e proposta de redefinição das modalidades contemporâneas a partir dos casos CBN, Jovem Pan News e Gaúcha**

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Debora Cristina Lopez, Dra.  
Universidade Federal de Ouro Preto

Profa. Rita de Cássia Paulino, Dra.  
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Eduardo Barreto Vianna Meditsch, Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutor em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo.

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Profa. Valci Regina Mousquer Zuculoto, Dra.  
Orientadora

Florianópolis, 2023

À minha mãe Darci e ao meu pai Bruno (ambos *in memoriam*),  
que partiram ainda durante a minha jornada pelo doutorado.

Se não fosse o incentivo inicial, lá na infância,  
não teria chegado até este momento.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus filhos e esposa, Artur, Arnaldo Mateus e Aracely, em nome da superação das grandes dificuldades dos últimos quase cinco anos. À minha orientadora Valci Zuculoto, em nome de todas e todos os professores do PPGJOR e também das convidadas e convidados para a minha banca de defesa. À UFSC, à CAPES e aos brasileiros, por nunca desistirem de um país com educação, solidariedade e justiça social.

“Viva o som!... porque o som é um elemento vital para criar e contar uma boa história.”

(BALSEBRE, 2013, p.16)

## RESUMO

Esta tese tem como objeto de estudo a reconfiguração da reportagem radiofônica brasileira na contemporaneidade. O objetivo geral é (re)conhecer a configuração do formato reportagem radiofônica brasileira contemporânea em um ambiente que possibilita integrar o rádio hertziano com a convergência tecnológica das mídias e das potencialidades do contexto hipermediático. A pesquisa é qualitativa quanto à sua abordagem e exploratória em seus objetivos. O método utilizado é o Estudo de Casos Múltiplos, tendo a Análise Documental como técnica e método e a Entrevista como técnica, além da Análise do Produto Radiojornalístico como procedimento metodológico. O estudo tem como objeto empírico reportagens radiofônicas das rádios CBN, Jovem Pan News e Gaúcha, que são emissoras que operam em rede via satélite e possuem grande alcance territorial dentro do país. O *corpus* abrange 55 reportagens veiculadas entre 2020 e 2022 na programação do rádio hertziano e o seu reaproveitamento nas páginas das emissoras na internet. Como complemento, são realizadas entrevistas semiabertas com profissionais das três emissoras pesquisadas. As categorias de análise para o material veiculado na programação contemplam a estrutura das narrativas, tipologia e acontecimento jornalístico. Na análise das reportagens nas páginas das emissoras na web, as categorias centrais são hipertextualidade e memória. O referencial teórico envolve conceitos de reportagem jornalística, jornalismo interpretativo, características da cobertura radiojornalística e a relação entre reportagem radiofônica, novas tecnologias e a perspectiva do radiojornalismo hipermediático, fundamentada a partir das especificidades do conteúdo sonoro jornalístico. O resultado da análise permite constatar, entre várias descobertas, que o modelo tradicional de pirâmide invertida é minoria nas produções contemporâneas; que o formato contempla a ambiguidade da velocidade e instantaneidade do vivo com a profundidade do jornalismo interpretativo e a multitemporalidade dos hábitos contemporâneos de consumo de mídia; e que o potencial hipermediático nas publicações na web não é suficientemente aproveitado pelas reportagens a fim de ampliar o contexto dos acontecimentos e gerar mais engajamento dos ouvintes-internautas. Por fim, é formulada uma proposição para a categorização das modalidades radiofônicas da reportagem no espaço hertziano, além de sua adequação para a web.

**Palavras-chave:** Radiojornalismo; Reportagem radiofônica; Modalidade radiofônica; Hipermissão; Tecnologias.

## ABSTRACT

This thesis has as its object of study the reconfiguration of brazilian radio reportage in contemporary times. The overall objective is to recognize the configuration of the contemporary brazilian radio reportage format in an environment that makes it possible to integrate hertzian radio with the technological convergence of the media and the potentialities of the hypermedia context. The research is qualitative in its approach and exploratory in its objectives. The method used is the Study of Multiple Cases, with Document Analysis as a technique and method and the Interview as a technique, in addition to the Analysis of the Radiojournalistic Product as a methodological procedure. The empirical object of the study is radio reportages from CBN, Jovem Pan News and Gaúcha radio stations, which are stations that operate in a satellite network and have a large territorial reach within the country. The corpus covers 55 reports aired between 2020 and 2022 on the radio programming hertzian and their reuse on the stations' pages on the internet. As a complement, semi-open interviews are conducted with professionals from the three stations researched. The analysis categories for the material aired in the programming contemplate the structure of the narratives, typology and journalistic event. In the analysis of the reportages on the stations' web pages, the central categories are hypertextuality and memory. The theoretical framework involves concepts of journalistic reportage, interpretive journalism, characteristics of radio news coverage and the relationship between radio reportage, new technologies and the perspective of hypermedia radio journalism, based on the specificities of journalistic sound content. The result of the analysis shows, among several discoveries, that the traditional inverted pyramid model is a minority in contemporary productions; that the format contemplates the ambiguity of the speed and immediacy of the live with the depth of interpretive journalism and the multitemporality of contemporary media consumption habits; and that the hypermedia potential of publications on the web is not sufficiently explored by the reportages in order to broaden the context of the events and generate more engagement from listeners-internet users. Finally, a proposition is formulated for the categorization of the radiophonic modalities of reportages in the hertzian space, in addition to its adequacy for the web.

**Keywords:** Radio journalism; Radio Reportage; Radiophonic modality; Hypermedia; Technologies.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Publicação de conteúdo no site da Radio 5 Todo Noticia.....	42
Figura 2 – Reportagens no site da Radio 5 Todo Noticia.....	43
Figura 3 – Áudio disponível no site da BBC Radio 5 Live.....	44
Figura 4 – Áudio disponível no site da WNYC.....	44
Figura 5 – Áudio de reportagem no site da Radio del Plata.....	45
Figura 6 – Home do site da Radio del Plata .....	46
Figura 7 – Categorias e subcategorias de análise das reportagens radiofônicas .....	164
Figura 8 – Home (Página Inicial) da CBN .....	169
Figura 9 – Home (Página Inicial) da Jovem Pan .....	170
Figura 10 – Home (Página Inicial) da GaúchaZH.....	171
Figura 11 – Publicação dos três capítulos da série “O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922” no site da CBN.....	226
Figura 12 – Publicação da podcast/versão ampliada da série “O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922” no site da CBN .....	227
Figura 13 – Publicação da série de reportagens “História das copas do mundo” – site da CBN .....	229
Figura 14 – Publicação da reportagem e do podcast/versão ampliada “Brasil perdia Elis Regina 40 anos atrás” – site da CBN .....	231
Figura 15 – Publicação da reportagem sobre “Drama dos passageiros em dia de greve do BRT” – site da CBN .....	233
Figura 16 – Publicação da reportagem “Com o retorno das atividades, tutores de pets recorrem a aplicativos para manter cuidados” – site da CBN.....	233
Figura 17 – Publicação da reportagem “Turismo volta a crescer em 2022, mas setor ainda tenta voltar ao patamar pré-pandemia” – site da CBN.....	234
Figura 18 – Publicação da reportagem “Ex-policial que matou jovem negro durante abordagem é condenada a 2 anos de prisão nos EUA” no site da Jovem Pan News.....	237
Figura 19 – Publicação da reportagem “Alta dos combustíveis deixa motoristas de aplicativo sem saída” no site da Jovem Pan News.....	238
Figura 20 – Publicação da reportagem “Da periferia para a presidência da Rússia: quem é Vladimir Putin?” no site da Jovem Pan News.....	239
Figura 21 – Publicação da reportagem “MEC anuncia novo modelo do Enem a partir de 2024; entenda o que muda” no site da Jovem Pan News.....	239
Figura 22 – Publicação da reportagem “Abuso Sexual - O relato de mulheres que sofreram violência sexual” no site da Jovem Pan News .....	240

Figura 23 – Publicação da reportagem “Alta do querosene e guerra na Ucrânia influenciam aumento das passagens aéreas no Brasil” no site da Jovem Pan News.....	241
Figura 24 – Publicação da reportagem “Na contramão do mercado, empresas aderem ao home office definitivo” no site da Jovem Pan News .....	241
Figura 25 – Publicação da reportagem “Condições das favelas podem agravar transmissão do coronavírus no Brasil” no site da Jovem Pan News.....	242
Figura 26 – Publicação da reportagem “Investigados por abate clandestino de cavalos para fazer hambúrguer lavavam a carne para disfarçar mau cheiro” no site da Gaúcha/GZH .....	246
Figura 27 – Publicação da reportagem “Pais rifam carro para pagar tratamento” no site da Gaúcha/GZH.....	247
Figura 28 – Publicação da reportagem “A ascensão do EAD. Especialistas são cautelosos ao avaliar ensino a distância” no site da Gaúcha/GZH.....	248
Figura 29 – Publicação da reportagem “Três meses após o começo das aulas, estudantes ainda sofrem com a falta de transporte escolar” no site da Gaúcha/GZH .....	249
Figura 30 – Publicação da reportagem “MP-RS desarticula esquema de cartel de combustíveis em Porto Alegre” no site da Gaúcha/GZH.....	250
Figura 31 – Publicação da reportagem “Time de São Leopoldo incentiva a adoção de cães” no site da Gaúcha/GZH.....	251
Figura 32 – Fluxo da reportagem radiofônica no espaço hertziano e na web .....	273
Figura 33 – Curvas de tensão na reportagem radiofônica simultânea.....	275
Figura 34 – Curvas de tensão na reportagem radiofônica com emissão mista.....	276
Figura 35 – Estrutura da reportagem radiofônica no modelo de pirâmide invertida.....	276
Figura 36 – Modelo de pirâmide deitada.....	277
Figura 37 – Modelo <i>News Diamond</i> .....	278
Figura 38 – Representação da estrutura da notícia a partir de sua singularidade.....	280
Figura 39 – Representação da estrutura da reportagem a partir de sua singularidade.....	281

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Classificação das reportagens, segundo Jorge Pedro Sousa .....	69
Quadro 2 – Classificação das reportagens, segundo Liliana Machado .....	72
Quadro 3 – Síntese da análise da estrutura da narrativa da série de reportagens “O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922” – rádio hertziano.....	172
Quadro 4 – Síntese da análise da tipologia da série de reportagens “O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922” – rádio hertziano .....	175
Quadro 5 – Síntese da análise sobre o acontecimento jornalístico da série de reportagens “O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922” – rádio hertziano .....	176
Quadro 6 – Síntese da análise da estrutura da narrativa da série de reportagens “História das copas do mundo” – rádio hertziano .....	177
Quadro 7 – Síntese da análise da tipologia da série de reportagens “História das copas do mundo” – rádio hertziano .....	189
Quadro 8 – Síntese da análise sobre o acontecimento jornalístico da série de reportagens “História das copas do mundo” – rádio hertziano .....	190
Quadro 9 – Síntese da análise da estrutura da narrativa da reportagem “Brasil perdia Elis Regina 40 anos atrás” – rádio hertziano.....	191
Quadro 10 – Síntese da análise da tipologia da reportagem “Brasil perdia Elis Regina 40 anos atrás” – rádio hertziano .....	193
Quadro 11 – Síntese da análise sobre o acontecimento jornalístico da reportagem “Brasil perdia Elis Regina 40 anos atrás” – rádio hertziano .....	193
Quadro 12 – Síntese da análise da estrutura da narrativa das reportagens isoladas da CBN – rádio hertziano .....	194
Quadro 13 – Síntese da análise da tipologia das reportagens isoladas da CBN” – rádio hertziano .....	196
Quadro 14 – Síntese da análise sobre o acontecimento jornalístico das reportagens isoladas da CBN – rádio hertziano .....	197
Quadro 15 – Síntese da análise da estrutura da narrativa das reportagens da Jovem Pan News – rádio hertziano .....	200
Quadro 16 – Síntese da análise da tipologia das reportagens da Jovem Pan News – rádio hertziano .....	205
Quadro 17 – Síntese da análise sobre o acontecimento jornalístico das reportagens da Jovem Pan News – rádio hertziano .....	207

Quadro 18 – Síntese da análise da estrutura da narrativa das reportagens da Gaúcha – rádio hertziano .....	212
Quadro 19 – Síntese da análise da tipologia das reportagens da Gaúcha – rádio hertziano...	218
Quadro 20 – Síntese da análise sobre o acontecimento jornalístico das reportagens da Gaúcha – rádio hertziano.....	220
Quadro 21 – Síntese da análise sobre hipertextualidade da série de reportagens “O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922” – site da CBN.....	225
Quadro 22 – Síntese da análise sobre memória da série de reportagens “O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922” – site da CBN.....	227
Quadro 23 – Síntese da análise sobre hipertextualidade da série de reportagens “História das copas do mundo” – site da CBN .....	228
Quadro 24 – Síntese da análise sobre memória da série de reportagens “História das copas do mundo” – site da CBN .....	229
Quadro 25 – Síntese da análise sobre hipertextualidade da reportagem “Brasil perdia Elis Regina 40 anos atrás” – site da CBN .....	230
Quadro 26 – Síntese da análise sobre memória da reportagem “Brasil perdia Elis Regina 40 anos atrás” – site da CBN.....	231
Quadro 27 – Síntese da análise sobre hipertextualidade das reportagens isoladas da CBN – rádio hertziano – site da CBN .....	232
Quadro 28 – Síntese da análise sobre memória das reportagens isoladas da CBN – rádio hertziano – site da CBN .....	235
Quadro 29 – Síntese da análise sobre hipertextualidade das reportagens – site Jovem Pan News .....	235
Quadro 30 – Síntese da análise sobre memória das reportagens – site Jovem Pan News.....	242
Quadro 31 – Síntese da análise sobre hipertextualidade das reportagens – site e plataformas GZH.....	244
Quadro 32 – Síntese da análise sobre memória das reportagens – site e plataformas GZH...	251
Quadro 33 – Proposta de categorização das modalidades da reportagem radiofônica.....	285

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1</b>	<b>A TRAJETÓRIA DO RÁDIO NA INTERNET .....</b>	<b>29</b>
1.1	A TRANSPOSIÇÃO DO CONTEÚDO RADIOFÔNICO PARA A WEB .....	29
1.2	NOVAS PLATAFORMAS DIGITAIS E O PAPEL DO ÁUDIO COMO CANAL INTEGRADO DE INFORMAÇÃO .....	36
1.3	EXPERIÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS DE EMISSORAS <i>NEWS</i> NO EXTERIOR .....	42
<b>2</b>	<b>CARACTERÍSTICAS DO RÁDIO NA COBERTURA JORNALÍSTICA ....</b>	<b>47</b>
2.1	A ENTREVISTA RADIOFÔNICA NO CONTEXTO DO DIÁLOGO EM TEMPO REAL .....	48
2.2	O PAPEL DE LOCUTORES E REPÓRTERES NO RÁDIO CONTEMPORÂNEO .....	53
2.3	DO OUVINTE-INTERNAUTA AO PAPEL DE OUVINTE-REPÓRTER.....	57
<b>3</b>	<b>A REPORTAGEM NO RÁDIO CONTEMPORÂNEO .....</b>	<b>62</b>
3.1	REPORTAGEM NO AMBIENTE HERTZIANO .....	62
3.1.1	<b>Conceitos de reportagem.....</b>	<b>63</b>
3.1.2	<b>A estrutura clássica da reportagem no rádio .....</b>	<b>75</b>
3.2	TRANSFORMAÇÕES DA REPORTAGEM RADIOFÔNICA A PARTIR DAS TECNOLOGIAS .....	90
3.2.1	<b>Evolução da reportagem jornalística .....</b>	<b>91</b>
3.2.2	<b>Do transistor aos dias atuais .....</b>	<b>95</b>
3.3	A INTERSECÇÃO ENTRE GÊNERO INFORMATIVO E INTERPRETATIVO NA REPORTAGEM RADIOFÔNICA.....	108
3.3.1	<b>A reportagem como interpretação da realidade .....</b>	<b>109</b>
3.3.2	<b>A natureza interpretativa da reportagem radiofônica .....</b>	<b>115</b>
3.4	A REPORTAGEM DESDE O <i>DIAL</i> ATÉ AS PLATAFORMAS DIGITAIS E EQUIPAMENTOS MÓVEIS .....	119
3.4.1	<b>Propagabilidade e engajamento na reportagem radiofônica hipermídia.....</b>	<b>120</b>
3.4.1.1	<i>Os conceitos de engajamento e propagabilidade na web .....</i>	<i>121</i>
3.4.1.2	<i>Reportagem radiofônica hipermídia e as condições de propagabilidade e engajamento .....</i>	<i>125</i>
3.4.2	<b>A reportagem radiofônica como instrumento de credibilidade expandida ....</b>	<b>131</b>

3.4.2.1	<i>A credibilidade sobre o discurso e a prática jornalística</i>	132
3.4.2.2	<i>A Reportagem radiofônica dentro do novo ecossistema jornalístico</i>	137
3.5	REORDENAMENTO NO TEMPO E NO ESPAÇO: O ÁUDIO COMO AGREGADOR DE CONTEÚDO DENTRO DO CONTEXTO INFORMATIVO	141
3.5.1	<b>Cultura do ouvir, cultura do áudio</b>	142
3.5.2	<b>Entre a reportagem radiofônica e o podcast</b>	145
4	<b>METODOLOGIA</b>	151
4.1	OBJETO DE ESTUDO, OBJETO EMPÍRICO E CORPUS DA PESQUISA	151
4.2	CARACTERÍSTICAS DO MÉTODO E SUA PERTINÊNCIA PARA A PESQUISA PROPOSTA	154
4.3	PROCEDIMENTOS UTILIZADOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE	156
5	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS</b>	168
5.1	DESCRIÇÃO DAS REPORTAGENS ANALISADAS	168
5.1.1	<b>Reportagens da Rádio CBN</b>	171
5.1.2	<b>Reportagens da Rádio Jovem Pan News</b>	199
5.1.3	<b>Reportagens da Rádio Gaúcha</b>	211
5.1.4	<b>Adaptações e transformações na estrutura das reportagens nos ambientes hertziano e digital</b>	224
5.1.4.1	<i>Integração das reportagens da Rádio CBN</i>	225
5.1.4.2	<i>Integração das reportagens da Rádio Jovem Pan News</i>	235
5.1.4.3	<i>Integração das reportagens da Rádio Gaúcha</i>	244
5.1.5	<b>Análise sobre a integração dos conteúdos das reportagens</b>	253
5.2	ANÁLISE INTERPRETATIVA	262
5.2.1	<b>Reconfiguração do formato reportagem radiofônica nas ondas hertzianas e no ambiente digital</b>	262
5.2.2	<b>Revisão das configurações do formato reportagem radiofônica na contemporaneidade a partir da redefinição de suas modalidades</b>	272
	<b>CONCLUSÃO</b>	295
	<b>REFERÊNCIAS</b>	316
	<b>APÊNDICE A - Transcrição das reportagens</b>	340
	<b>APÊNDICE B - Questões semiestruturadas da pesquisa</b>	341
	<b>APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido</b>	343
	<b>APÊNDICE D - Entrevistas com profissionais das emissoras</b>	347

## INTRODUÇÃO

A Reportagem Radiofônica auxiliou o rádio a se consolidar como um meio adequado e com características próprias para a transmissão da informação. Seu processo de evolução, no entanto, permitiu-lhe novos contornos através dos tempos, tanto pela alavanca da introdução de novas tecnologias como pela crescente demanda por maior interpretação sobre os fatos da vida cotidiana. Com as mudanças em curso na era digital e a maneira como elas afetam os meios de comunicação convencionais, emerge a necessidade de se buscar uma concepção contemporânea para o formato.

O cenário de convergência já indica, pelo menos nessas quase três décadas de uso da internet no Brasil, que os tradicionais meios eletrônicos têm encontrado maior capacidade de resiliência em relação aos impressos diante das mais recentes transformações tecnológicas. Além disso, a relação rádio e tecnologia aponta a reportagem radiofônica como um formato detentor de maior competência tanto para aprofundar um tema com maior interpretação da realidade como também para transmitir as informações com o repórter localizado no centro dos acontecimentos, apropriado de características do meio, como mobilidade, imediatismo e instantaneidade. Os desafios que ora se impõem ao rádio e à reportagem radiofônica diante da aceleração do tempo com os novos meios digitais são convertidos em oportunidade. Isso, ao considerarmos a sua capacidade de oferecer materiais puramente auditivos para os momentos em que o seu público se ocupa de outras atividades simultâneas e complemento textual e visual para períodos de maior atenção concentrada.

Esta tese tem como objeto de estudo a reconfiguração da reportagem radiofônica brasileira na contemporaneidade. O objeto empírico desta pesquisa abrange reportagens radiofônicas das rádios CBN, Jovem Pan News e Gaúcha, que são emissoras brasileiras informativas operando em rede via satélite e possuem grande alcance territorial dentro do país. Enquanto a CBN e a Jovem Pan News operam em rede a partir de São Paulo (SP), a Gaúcha opera a partir de Porto Alegre (RS), com maior predominância no Rio Grande do Sul, mas com afiliadas em nove estados brasileiros via Rede Gaúcha SAT. Além do espaço hertziano, todas as três emissoras possuem serviço de *streaming* ao vivo de sua programação em várias plataformas digitais e atualizam o conteúdo informativo em suas páginas na internet. O *corpus* da análise é formado por 55 reportagens produzidas por emissoras próprias das três redes no período entre 2020 e 2022, nos modelos de boletim de reportagem, reportagem contextualizada, reportagem especial e grande reportagem, como é detalhado nos capítulos 4 e 5 desta tese.

Para analisar uma reconfiguração do formato, torna-se pertinente revisar e reconhecer as configurações da reportagem produzida para o rádio hertziano e relacioná-las às novas experiências utilizadas na web, conformadas por novos padrões de audiência, engajamento, produção de memória e ampliação do contexto dos acontecimentos narrados. O formato radiojornalístico reportagem radiofônica parte de pesquisa prévia, entrevista, seleção de dados e edição, garantindo conteúdo e estética para atrair e manter os ouvintes interessados pelo tema. É um formato que obedece a critérios de estilo e estrutura, além do fator substância atrelado ao conteúdo narrado.

A reportagem, bem como o jornalismo em si, era inexistente na primeira fase do rádio no Brasil, também chamada de “Rádio Pioneiro”, que compreende o final da década de 1910 até a década de 1930. Apesar de o radiojornalismo ter nascido e avançado nas décadas seguintes nas emissoras do país, a reportagem ainda era praticamente ausente pelo menos até a década de 1950, segundo Bessalho (2005). Foi com o fim da chamada “Era de Ouro” no rádio e a chegada do período denominado de “Pós-televisão”, entre a década de 1950 e 1970, que as reportagens nos moldes que conhecemos hoje passaram a figurar e ganhar força nas estações brasileiras. O potencial do rádio foi redescoberto no período graças às inovações tecnológicas da época, como aparatos móveis, gravadores magnéticos e, principalmente o transistor, equipamento miniaturizado que permitiu a mobilidade das pequenas estações de transmissão e de aparelhos receptores sem fio. Algumas das principais características radiofônicas, como mobilidade e imediatismo, foram potencializadas, assim como garantida a própria sobrevivência do meio (ZUCULOTO; ZIMMERMANN, 2020). Foi o avanço tecnológico que permitiu que as reportagens pudessem ser feitas diretamente dos locais dos acontecimentos, ao vivo e com entrevistas em tempo real, gerando importante fator diferencial do jornalismo radiofônico no período.

Se a década de 1950 foi preponderante para o avanço do radiojornalismo com a introdução da reportagem externa, o período a partir da década de 1990 traz à tona novos equipamentos e redefinições tecnológicas que impactam diretamente na produção de conteúdo do formato. A chegada do celular, o advento da internet, a evolução do celular para *smartphone* e a ascensão da web para parâmetros 2.0 e 3.0, alterando também as formas de consumo das informações, estabelecem uma relação direta com as características de mobilidade, imediatismo, instantaneidade e ubiquidade que até então haviam garantido ao rádio o status de protagonista dos acontecimentos.

Neste contexto de evolução tecnológica absorvida pelo meio, as transformações da narrativa radiofônica seguem em compasso distinto à sua mutação técnica. Se na década de

1950, com o surgimento da televisão, o rádio foi tensionado a evoluir seu aparato técnico e seu poder de narrativa simultaneamente, o mesmo não ocorre de forma integral nos tempos atuais. As próprias mudanças no caráter da reversibilidade da mensagem devem ser levadas em consideração na formulação das emissões para esse meio. Novos desafios como adaptações da linguagem, da estrutura narrativa e do próprio papel dos profissionais que atuam simultaneamente nas produções emitidas no rádio hertziano e nas plataformas digitais das emissoras, fazem o rádio e, sobretudo o radiojornalismo, mais uma vez buscarem sua reinvenção.

Outro aspecto pertinente são os chamados contratos invisíveis de audiência<sup>1</sup> (a exemplo dos contratos de leitura), que devem respeitar cláusulas de conteúdo e de plasticidade, mas estão sempre sujeitos a aditivos, supressões e renovações, seguindo o compasso dos acontecimentos noticiáveis em curso. Há de se considerar que o contrato original, estabelecido através de uma convenção que auxiliou o processo de construção de hábitos de audiência, submete-se também a novas pactuações, como os hábitos de consumo de conteúdo na web. O esforço do emissor para manter o controle discursivo a fim de atender a um público sem resposta fônica passa a esbarrar em novas cláusulas contratuais, embora a manutenção de traços característicos da programação original e elementos fixos do discurso no formato radiofônico auxiliem a criar o hibridismo necessário para que o radiojornalismo e a reportagem adentrem um ambiente de integração e de potencial hipermediático.

Partimos, então, do entendimento de que todas as inovações tecnológicas têm provocado transformações no formato reportagem radiofônica desde a sua concepção. Entretanto, o ambiente atual de convergência e da cultura da conexão sugere que vivemos uma fase de aceleração das tecnologias, mais veloz e menos previsível que as anteriores. Com as mudanças técnicas mais aceleradas que as transformações das narrativas, buscamos neste cenário uma reconfiguração do formato reportagem radiofônica, considerando sua emissão simultaneamente tanto na página das emissoras na web como no ambiente das ondas hertzianas.

Na web, a concepção de uma reportagem radiofônica na contemporaneidade pode significar muito mais do que a simples transposição do conteúdo do espaço hertziano para os sites das emissoras, indo além das conexões através de tags e alguns hiperlinks nos textos de

---

<sup>1</sup> Empregamos a expressão “contrato invisível de audiência” em Zimmermann (2012), a partir do termo “contrato de leitura” utilizado por Salomão (2003) em relação ao rádio, mas originário da relação leitor e jornal impresso. Salomão (2003, p.52) entende que nos contratos de leitura “o ouvinte se identifica com os atos de fala, as abordagens das coisas do mundo – ou seja, com o local que é construído para ele pelo enunciador” ou que, quando ratificados, ocorram através de mudanças as quais ele concorde.

chamada para o áudio. Desta forma, ampliaria todas as potencialidades do contexto hipermidiático, ao considerar, inclusive, a intervenção do ouvinte-internauta e sua capacidade de seguir roteiros distintos de navegação e compartilhar o conteúdo dentro de suas comunidades virtuais. A ordenação dos fatos, o encadeamento entre os trechos mais relevantes do conteúdo e a divisão dos blocos informativos são características ainda pouco utilizadas pela reportagem radiofônica de um modo geral. Apesar de o rádio ter chegado muito antes da internet na transmissão de notícias em tempo real e, desta maneira, se adequado com mais facilidade às incorporações de imediatismo, instantaneidade e mobilidade das plataformas digitais, a inserção da reportagem radiofônica no ambiente hipermidiático tem se apresentado limitada, através de transposições de arquivos de áudio da programação para a versão online das emissoras.

Como observa Kischinhevsky (2016), apesar da agilidade do rádio em sair na frente ao se articular com sites e redes sociais, o meio enfrenta uma concorrência acirrada e a pulverização de audiências. A partir do termo “rádio expandido”, cunhado por Kischinhevsky (2016) e baseado nas pesquisas sobre webjornalismo, a hipertextualidade e a personalização são duas das categorias fundamentais para que a reportagem radiofônica garanta sua expansão aos espaços online. Ao nos referirmos à hipertextualidade, cabe lembrar que esta é a base para a hipermedialidade que, conforme Canavilhas (2014), liga os nós informativos, normalmente o nó âncora e o nó de destino. O aproveitamento adequado da hipertextualidade permite que a narrativa hipermidiática na reportagem siga de forma multilinear, compondo diferentes elementos como áudio, textos e hiperlinks, possibilitando a personalização, onde o ouvinte-internauta escolhe os caminhos a percorrer, com a escuta e a leitura de diferentes trechos do conteúdo. Com a reportagem dividida em blocos independentes, autoexplicativos e interconectados, a personalização deve garantir que o usuário pró-ativo desenvolva a capacidade de criação e geração de novos conteúdos além do material-fonte, surgindo o que Lopez (2016) sugere como uma ressignificação dos conteúdos difundidos a partir da avaliação dos sujeitos consumidores.

Entretanto, esse estudo pretende ir além da pesquisa exploratória sobre o rádio expandido e de sua capacidade de adaptação à hipermedialidade. É preciso observar quais são as transformações acerca da estrutura da reportagem radiofônica e compreender de que maneira as produções são afetadas e alteradas ao passo em que são realizadas para ambientes diferentes, como o hertziano e o digital. Assim, ao observarmos quais são os elementos que transformam as especificidades da reportagem radiofônica durante sua transposição ou adaptação das ondas

sonoras para a web, também passamos a observar e analisar de que maneira a reportagem emitida no *dial* é afetada pelo fato de ser produzida para ambientes distintos.

No rádio hertziano as possibilidades de contextualização dos acontecimentos são favorecidas pelos hábitos de escuta da programação: o ouvinte sintoniza a emissora por períodos contínuos, obtendo maiores chances de ser impactado pelas narrativas acerca de um fato. Se a escuta isolada de uma notícia ou reportagem nem sempre garante o contexto acerca dos fatos, é a continuidade das emissões que dará um sentido de fechamento do discurso (MEDITISCH, 2007; ZIMMERMANN, 2012), o que pode ocorrer até o término de um programa ou de um período do dia. Nos conteúdos radiofônicos transpostos para a versão online das emissoras, sobretudo nas reportagens, o risco de fragmentação e dissimulação é ampliado, visto que o internauta não segue uma escuta contínua da programação da emissora, tampouco dispõe de mecanismos para acessar os conteúdos que integrem o contexto do acontecimento noticiado. Essa ausência das condições necessárias de navegação e interação com o conteúdo faz com que a contextualização dos acontecimentos narrados seja prejudicada no curso do consumo da informação.

Um outro fator diferencial entre as reportagens produzidas para veicular unicamente no rádio hertziano e aquelas produzidas para veiculação conjunta no ambiente digital é a questão da temporalidade. O rádio ao vivo, como uma forte característica do meio e alavanca do desenvolvimento da reportagem, abre mão de seu potencial para reproduzir seus formatos jornalísticos em forma de arquivos de áudio na web. Desta forma, torna-se pertinente neste estudo também a observação sobre o caráter da multitemporalidade e das possibilidades de veiculações síncronas e assíncronas do formato reportagem radiofônica em ambientes distintos e na sua simultaneidade.

Nesta perspectiva, com a retomada da cultura do ouvir (BAITELLO JR., 1999; MENEZES, 2008; WULF, 2007) e da cultura do uso da voz na chamada nova sonosfera (BALSEBRE, 2013), a partir da cultura da portabilidade (KISCHINHEVSKY, 2009), com a utilização da web móvel e de dispositivos móveis, o rádio se vê perante o exposto de uma oportunidade em recuperar seu protagonismo nos acontecimentos em relação aos demais meios de comunicação. Diante dessa premissa, perderia força a concepção de um rádio absolutamente multimidiático, quando integra elementos como imagem, texto e vídeo em condições de igualdade com o áudio. O promissor protagonismo do áudio, atuando de forma tanto independente como complementar (LOPEZ, 2010), deve operar muito mais dentro do aspecto da remediação na relação entre as especificidades radiofônicas e as novas formas de produção

e distribuição (KISCHINHEVSKY, 2014), como também pela hipermediação (ITO, 2019, p.147), mantendo aparentes as características originais do meio.

Nossa problematização neste cenário gira em torno da ausência de conhecimento ampliado sobre a reportagem radiofônica na atualidade, se considerarmos que o formato não se restringe mais somente ao *dial* e que as transformações dos produtos jornalísticos radiofônicos, sobretudo a reportagem, passam a ponderar produções mútuas para diferentes ambientes e distintas formas de acesso e circulação. Inclui-se na problemática, o aspecto opaco na identificação de uma reportagem radiofônica, principalmente pelo fato de muitos produtores e receptores não distinguirem, por vezes, uma reportagem de outros formatos radiojornalísticos. A confusão é ampliada em tempos de áudio na web e proliferação de *podcasts*, quando são reembalados outros formatos originários e distribuídos com denominação genérica. Também se torna necessário distinguir os tipos e modalidades das reportagens radiofônicas, entre aquelas que se apropriam do imediatismo na cobertura factual e as produções de maior fôlego que buscam contextualizar os temas pautados. Essa distinção se torna mais relevante na contemporaneidade quando há dupla distribuição de conteúdo, entre *dial* e internet. Ao tratarmos dessa dualidade entre produção de reportagem para o rádio hertziano e adaptação para a web, lançamos dois pressupostos nesta pesquisa: o primeiro é de que as inovações tecnológicas provocam transformações no formato reportagem radiofônica, interferindo nas suas formas de produção, emissão e circulação. O segundo é que as características próprias do meio rádio, como mobilidade, imediatismo, instantaneidade e ubiquidade são afetadas com o uso simultâneo da reportagem nos ambientes hertziano e digital.

Portanto, a questão-problema central que norteia a pesquisa é: Como pode ser reconfigurado o formato Reportagem Radiofônica na contemporaneidade, considerando os ambientes hertziano e digital? A partir desta questão principal, que serve como guia da nossa investigação, apresentamos outras duas indagações que dão suporte ao problema: De que forma a Reportagem Radiofônica vem sofrendo mutações em seu formato com os avanços das inovações tecnológicas diante da convergência? De que maneira a estrutura do formato reportagem radiofônica produzido para o rádio hertziano é afetada pelo fato de as emissoras produzirem diferentes produtos para diferentes plataformas e meios?

A justificativa inicial desta tese partiu da necessidade de se buscar uma concepção contemporânea para o formato Reportagem Radiofônica, diante das transformações em curso da era digital, que afetam diretamente os meios de comunicação tradicionais. Considerando que os moldes de construção das narrativas ainda herdam a formatação dos tempos de sua origem no rádio na distante década de 1950 no Brasil, apesar de todos os avanços tecnológicos nas

condições de produção, emissão e recepção do conteúdo radiofônico, busca-se revisar as configurações do formato, visando uma aproximação entre mutação tecnológica e reconfigurações de linguagens e narrativas.

Diversos estudos recentes no Brasil abordam a aproximação das temáticas apontadas nesta pesquisa, como reportagem jornalística e hipermídia, ou entre radiojornalismo e hipermídia e ainda relações entre a reportagem radiofônica e o uso das tecnologias. Ferraz (2016), em sua tese doutoral, propõe o modelo de “peça reportagem radiofônica”, ao sugerir uma relação segura entre as técnicas jornalísticas e as estruturas de narrativas ficcionais, alavancando assim, uma alternativa à habitual linguagem objetiva frequentemente utilizada e proporcionando uma escuta mais lúdica ao ouvinte. Viana (2017), durante sua dissertação de mestrado, pesquisou a utilização do áudio nas reportagens radiofônicas expandidas, partindo do conceito mais amplo de “rádio expandido”, de Kischinhevsky (2016). Na pesquisa, a autora estabelece comparativos entre reportagem radiofônica, reportagem multimídia e rádio expandido para definir um entendimento sobre reportagem expandida, utilizando categorizações como Arquitetura da Interação, Multimídia, Hipertextualidade, Personalização e Memória, empregadas pelo Grupo de Jornalismo On-line (GJOL) da Universidade Federal da Bahia e também exploradas por Kischinhevsky no conceito de rádio expandido.

Outras pesquisas também relacionam o rádio e a reportagem radiofônica com as novas tecnologias móveis e digitais. No caso da tese de Gambaro (2019), o trabalho busca revisar a compreensão sobre o rádio contemporâneo diante do novo ecossistema midiático, mas com foco na identificação do rádio como instituição social junto às transformações tecnológicas recentes, sem priorizar a abordagem acerca de formatos específicos, como a reportagem. Na dissertação de Saballa Jr. (2019), a prática da produção da reportagem é o foco principal, mas com estudo de caso único acerca dos trabalhos da Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, e a utilização do *newsmaking* e da observação participante, acompanhando a rotina produtiva das reportagens externas da emissora. Na dissertação de Gomes (2014), a pesquisa se concentra nos aspectos envolvendo a mobilidade do rádio dentro da programação jornalística das emissoras ao se apropriarem de novas tecnologias móveis. Bepalhok (2006), em sua dissertação, pesquisa sobre o advento da reportagem radiofônica no Brasil, creditado à emissora Continental do Rio de Janeiro. O trabalho contribui para o estudo histórico acerca da ascensão do radiojornalismo brasileiro, do início das reportagens externas no país e da apropriação da tecnologia da época como alavanca para o desenvolvimento de um novo formato. Em contexto semelhante, publicações como de Zuculoto (2012a) apresentam uma ampliação desse desenvolvimento com

demais recortes históricos. E mais recentemente, em Zuculoto e Zimmermann (2020) e Zimmermann e Zuculoto (2020), expandimos a linha temporal entre a relação da reportagem radiofônica e as tecnologias até os dias atuais.

Lopez (2009), em uma das teses pioneiras na relação entre radiojornalismo e conceitos de hipermídia, não trata especificamente sobre o formato reportagem radiofônica e sua integração ao ambiente hipermidiático, mas conceitua o rádio e o radiojornalismo em ambientes de convergência, abrindo assim várias portas para o avanço das pesquisas entre o radiojornalismo hertziano e suas possibilidades narrativas após a inserção de tecnologias digitais. Já a relação entre a reportagem jornalística e as possibilidades de geração de novos conceitos acerca da reportagem hipermidiática ou de “especiais multimídias” surge como algo mais presente nas pesquisas brasileiras. No entanto, tais estudos não abordam o rádio como questão central nos estudos, mas sim a apropriação pela web de elementos multimídias originais das mídias tradicionais, como áudio, vídeo, foto, texto e outros.

Embora a maior parte dos estudos sobre o meio rádio na atualidade aponte para a inserção e adaptação desse meio ao ambiente de convergência, constatamos até o momento de que ainda são escassas as pesquisas sobre as transformações existentes e necessárias dos principais formatos jornalísticos radiofônicos. Da mesma forma, é relevante estabelecer as condições de mutação da reportagem radiofônica que atenda sua existência em distintos ambientes e também dentro de situações de caráter híbrido, garantindo sobrevivência ao formato dentro de um cenário de reconfiguração que a maioria dos meios de comunicação está passando.

Esta tese, portanto, tem como objetivo mais amplo e geral (re)conhecer a configuração do formato reportagem radiofônica brasileira contemporânea em um ambiente que possibilita integrar o rádio hertziano com a convergência tecnológica das mídias e das potencialidades do contexto hipermidiático. Pretendemos chegar a este resultado através de alguns objetivos específicos, como: (1) identificar alterações no conteúdo e na estrutura das reportagens radiofônicas no Brasil entre os ambientes hertziano e digital; (2) analisar a estrutura das narrativas nas reportagens veiculadas no rádio hertziano e nas páginas das emissoras na web; (3) identificar a tipologia das reportagens produzidas pelas emissoras; (4) verificar as formas de integração dos conteúdos de uma reportagem com os demais conteúdos sobre a mesma temática nas páginas das emissoras na web; (5) formular uma proposta de categorização das modalidades de reportagem no rádio hertziano e sua adequação para a web.

A presente pesquisa é qualitativa quanto à sua abordagem e exploratória em seus objetivos. O método central escolhido é o estudo de casos múltiplos, a fim de compreender a configuração da reportagem radiofônica, suas modalidades e as adaptações que estão em curso

no ambiente de convergência. Para Yin (2005), o método é adequado quando há a intenção de buscar a compreensão sobre fenômenos sociais complexos. O estudo envolve múltiplos casos pelo fato de pesquisarmos as reportagens veiculadas em três emissoras distintas (CBN, Jovem Pan News, Gaúcha). Ao analisarmos mais casos durante a verificação dos fenômenos, os benefícios normalmente são mais substanciais do que quando da análise de casos únicos e isolados (YIN, 2005).

A análise documental também é utilizada neste estudo, como técnica e como método (MOREIRA, 2006). O ângulo formulado para a observação do *corpus* com 55 reportagens, no *dial* e no seu reaproveitamento na web pelas três emissoras, compreende o método adotado para a análise dos documentos sonoros e parassonoros. A técnica empregada na análise documental foi formulada através da categorização proposta para o produto radiojornalístico. Nossa referência inicial para a análise vem do protocolo de cobertura jornalística de Silva e Maia (2011), baseado em conhecer o processo de produção pelo produto jornalístico final. Originalmente elaborado para as pesquisas sobre os meios impressos, buscamos o protocolo como orientação inicial para a elaboração de nossas categorias de análise. Embora o interesse desse estudo não fosse investigar as rotinas produtivas das equipes de jornalismo das emissoras, a análise do produto final permite observar marcas do repórter deixadas no produto. Isso ocorre porque, diferentemente dos impressos, o processo de produção ao vivo nas mídias eletrônicas também é desenvolvido durante a emissão de seus enunciados, em uma clara fusão das competências de apuração e de narração do conteúdo. Porém, a análise do produto radiojornalístico, dentro da instância técnica da pesquisa, projeta o seu olhar para as narrativas do acontecimento jornalístico. A prioridade da análise recai sobre a cobertura dos fatos, materializada no formato reportagem radiofônica e todos os seus elementos presentes em um produto final que foi transmitido pelas emissoras ou publicados na web.

São cinco categorias de análise utilizadas, sendo três delas para os produtos do rádio hertziano e duas para a web. Nas reportagens transmitidas no *dial*, elencamos como categorias gerais: a estrutura narrativa, com cinco subcategorias que abrangem a utilização de sonoras e fontes, o modo de emissão, a estrutura básica quanto aos tipos de abertura, desenvolvimento e fechamento, duração da reportagem em áudio e a utilização de documentos vivos ou reconstruídos na produção; a tipologia das produções, através de três subcategorias envolvendo a dinâmica entre fatos, ação ou valor documental, o tipo/modalidade das reportagens e o gênero radiojornalístico predominante; e o acontecimento jornalístico, com quatro subcategorias derivadas da geral, considerando o nível de aprofundamento da reportagem, a humanização da história, a temporalidade do acontecimento social e a previsibilidade dos fatos narrados. Já para

a análise das reportagens nas páginas das emissoras na internet, escolhemos como categorias gerais a hipertextualidade, dividida em quatro subcategorias, observando a utilização de conexões via hiperlinks, a integração entre áudio e demais elementos da reportagem, a forma de aproveitamento dos blocos de informação e as condições de propagabilidade; e a memória, com duas subcategorias, entre o aprofundamento da matéria em relação ao *dial* e a forma de armazenamento do conteúdo.

Como complemento, são realizadas entrevistas semiabertas com profissionais das três emissoras pesquisadas. Para Duarte (2006), as entrevistas semiabertas com roteiros semiestruturados permitem flexibilizar as respostas dos entrevistados, ao mesmo tempo em que é mantido o controle na condução das perguntas pela utilização de questões-guia. O detalhamento sobre os procedimentos metodológicos e o referencial teórico acerca de métodos, técnicas e categorias de análise utilizadas compõem o capítulo 4 desta tese, exclusivo para a abordagem sobre a metodologia da pesquisa.

A tese foi dividida em cinco capítulos principais, mais a introdução e a conclusão. O primeiro trata da trajetória do rádio na internet, onde são apresentados alguns antecedentes sobre o período em que rádio hertziano e web convivem simultaneamente. Por se tratar de um capítulo que reunirá relatos bibliográficos de experiências anteriores (antecedentes) com conceitos teóricos sobre o tema, percorre-se no primeiro subcapítulo as fases em que emissoras de rádio passaram a vivenciar a integração do seu conteúdo das ondas hertzianas para o ambiente digital. As periodizações do rádio até e durante a chegada da internet são expostas a partir de pesquisas de autores como Ferraretto (2012), Zuculoto (2012b) e Cebrián Herreros (2011), além do surgimento das *webrádios* (PRATA, 2009) e da utilização de arquivos sonoros noticiosos na internet. No subcapítulo seguinte tratamos das novas plataformas digitais, tendo o áudio em destaque como um canal integrado de informação. O cenário é apresentado dentro das possibilidades de aproveitamento do som dentro do processo multimidiático (SALAVERRÍA, 2014), como um valor tanto agregado como agregador (PAIVA; FERREIRA, 2018) avançando para uma reintermediação da mídia sonora (KISCHINHEVSKY; LOPEZ, 2018). Neste fortalecimento do áudio são consideradas características imersivas (PAIVA, 2019), o que confere valor à reportagem jornalística, principalmente aquela que se utiliza de recursos hipermidiáticos (ITO, 2019). Na terceira parte deste capítulo ainda apresentamos algumas experiências contemporâneas no exterior de emissoras voltadas à informação, especialmente na Espanha, no Reino Unido, nos Estados Unidos e na Argentina, com foco na utilização do áudio e das reportagens nos sites das rádios.

O segundo capítulo da tese aborda algumas das principais características do rádio na cobertura jornalística. Trata-se de um capítulo teórico, a fim de apresentar o estado da arte sobre o radiojornalismo, com contribuições mais recentes nas pesquisas sobre o meio e sua estrutura jornalística, além de conceitos clássicos sobre o tema. As principais características do meio (ORTRIWANO, 1986) cruzam com os conceitos acerca da entrevista radiofônica (KAPLÚN, 2017; MERAYO, 2002; PRADO, 1989) e a submissão das vozes através de hierarquias entre as institucionais e as admitidas (MEDITSCH, 2007). Na segunda parte do capítulo tratamos do papel de locutores e repórteres do rádio na contemporaneidade, partindo de uma visão mais ampla sobre a função jornalística que reivindica a autoridade profissional (ZELIZER, 2000) e as implicações decorrentes da competência de quem possui conhecimento especializado para executar a reportagem (ERICSON; BARANEK; CHAN, 1987; GUERRA, 2008; TRAQUINA, 2001). Ainda no mesmo capítulo, abordamos as ascensões do ouvinte-internauta e do ouvinte-repórter, com conceitos de interação (PRIMO, 2000) e interatividade radiofônica (KLÖCKNER, 2011; QUADROS; LOPEZ, 2015).

O terceiro capítulo dá seguimento às bases teóricas da pesquisa, mas direcionado para o objeto de estudo da tese, que é a reportagem no rádio contemporâneo. O tema exigiu um capítulo em separado devido às dimensões e profundidade que são tratadas as investigações até então sobre a reportagem radiofônica. Na primeira parte aborda a questão da reportagem radiofônica, mas partindo da compreensão sobre o formato para o jornalismo como um todo, com contribuições de conceitos teóricos clássicos e estudos mais recentes, entre eles estão os trabalhos de Lage (2001), Sousa (2001), Sodré e Ferrari (1986), Martínez Albertos (1983), Machado (2012), Lobato (2016) e Godinho (2021). Na constitui o de pauta, apura o e produ o da reportagem jornalística, utilizamos os estudos de Ericson, Baranek e Chan (1987) sobre as competências do jornalismo, dentro dos saberes de reconhecimento, procedimento e narra o. Na concep o sobre reportagem radiofônica, Barbosa Filho (2009), Prado (1989), Faus Belau (1981), Kaplún (2017), Ferraretto (2014) e Herrera Damas (2007a) e outros autores nos auxiliam a definir o conceito clássico do formato, tanto entre pesquisas brasileiras como em estrangeiras.

Na sequência do terceiro capítulo, passamos por uma linha histórica da reportagem desde sua concep o até os dias atuais (LAGE, 2001; ROMANCINI; LAGO, 2007; SOUSA, 2001), além das transforma es e o impacto das novas tecnologias neste formato radiofônico (BESPALHOK, 2005, 2006; GAMBARO, 2019; ORTRIWANO, 2002-2003; ZUCULOTO, 2012a; ZUCULOTO; ZIMMERMANN, 2020). A discussão sobre a localiza o da reportagem radiofônica dentro dos g neros jornalísticos   apresentada, entendendo o formato como uma

intersecção entre gênero informativo e interpretativo. Para buscar essas reflexões, apoiamos-nos em pesquisas de Lucht (2009), Merayo (2002), Ferraz (2016), López Vigil (2003), entre outros autores. A base teórica para compreender a reportagem jornalística como interpretadora da realidade partiu de pesquisadores como Beltrão (1976), Leandro e Medina (1973), Erbolato (1985), Gomis (1991), Marques de Melo (2003, 2009) e Bergamo (2011).

O mesmo capítulo ainda aborda os conceitos de propagabilidade e engajamento na reportagem radiofônica hipermídia, desde definições sobre a prática (CANAVILHAS, 2014; JENKINS; FORD; GREEN, 2014; RECUERO, 2009, 2011) até as formas como o rádio busca se apropriar de tal potencialidade (DEL BIANCO; PRATA, 2018; KISCHINHEVSKY, 2016; LOPEZ, 2010, 2016). A concepção da reportagem radiofônica como instrumento de credibilidade expandida é discutida na sequência, a partir da questão da credibilidade do discurso jornalístico (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013; LISBOA, 2012; LISBOA; BENETTI, 2015; MICK, 2018, 2019) de um rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2012, 2014, 2016) que oportuniza à inserção da reportagem radiofônica no novo ecossistema jornalístico. O capítulo fecha com as aproximações entre som e internet, tendo o áudio como um agregador de conteúdo dentro do novo contexto informativo. Destaca-se aqui a “cultura do ouvir” (BAITELLO JR, 1999; MENEZES, 2008; WULF, 2007), com novos impulsos para os hábitos de escuta individualizada. Não poderíamos deixar de discorrer sobre o *podcast*, como novo grande filão de consumo de áudio na contemporaneidade. Nesta pesquisa relacionamos o formato com a reportagem radiofônica especial a partir das aproximações entre a mídia sonora digital e o radiojornalismo (BERRY, 2006, 2016; BUFARAH JUNIOR, 2017; FALCÃO; TEMER, 2019; FERRAZ; GAMBARO, 2020; MARTÍNEZ-COSTA; GÁRATE, 2019; VICENTE, 2018), resultando em um cruzamento de apropriações de linguagem e de características de ambos.

O quarto capítulo trata da metodologia, abordando a estratégia metodológica e revisando as principais características dos métodos e técnicas escolhidos. A opção por um estudo de casos múltiplos, como método central, é justificada pelo fato de que estamos examinando acontecimentos contemporâneos, com a possibilidade de observar diretamente o fenômeno e entrevistar pessoas envolvidas (YIN, 2005). O capítulo também explica a escolha pela análise documental (MOREIRA, 2006) de áudio e páginas na web, e as entrevistas (DUARTE, 2006) semiabertas e individuais com profissionais responsáveis pelo jornalismo das emissoras. É neste capítulo que detalhamos nossos procedimentos de observação, com categorias e subcategorias de análise do material de pesquisa. Nossa formulação das categorias de análise buscou contemplar exclusivamente o produto radiojornalístico e teve como ponto de partida o

protocolo de cobertura jornalística de Silva e Maia (2011), originalmente elaborado para a análise de meios impressos. Nossa adaptação, cercada de referências teóricas sobre acontecimento jornalístico, produto sonoro e webjornalismo nos permitiu o rigor da análise a fim de compreender a dinâmica das estruturas das reportagens selecionadas. Esta etapa da tese explicita a relação entre objeto de estudo e o objeto empírico, que será posta em prática no capítulo 5.

Chegamos ao quinto capítulo, que primeiramente apresenta o objeto empírico (emissoras), para em seguida detalhar o *corpus*, que são as 55 reportagens. O detalhamento das reportagens é dividido por emissora e é apresentado através de quadros-síntese e descrição textual sobre cada reportagem em separado para cada categoria e subcategoria de análise, tanto para os produtos do rádio hertziano como para as publicações na web. A transcrição completa de todas as 55 reportagens está disposta no apêndice A da pesquisa. Após a descrição, elaboramos uma análise descritiva das reportagens, onde entrelaçamos os resultados obtidos com as entrevistas. Lopes (2005) entende que esta etapa é a ponte entre a fase de observação e a fase da interpretação. Em seguida, é realizada a análise interpretativa das reportagens, dialogando com o referencial teórico da tese. Após analisarmos cada estrutura das reportagens em separado, passamos à análise do material em seu conjunto mais amplo, identificando similaridades, variações e elementos que nos auxiliassem na revisão das classificações preexistentes sobre o formato e propuséssemos uma redefinição das atribuições entre suas modalidades, modos de emissão e adequação à web. É na fase de interpretação da pesquisa que nos apoiamos com maior profundidade nas bases teóricas para, como explica Lopes (2005), oferecer uma explicação científica sobre o fenômeno. Além da análise sobre as variáveis que observamos na etapa de descrição, nossa reflexão buscou apoio para além das referências teóricas que guiaram nossas categorias de análise. Uma das importantes inclusões não previstas inicialmente no estudo acabou sendo o modelo de representação de pirâmide em pé formulado por Genro Filho (1987) para as notícias. A nossa proposta de adaptação da representação de Genro Filho às modalidades de reportagem radiofônica é resultado de uma reflexão construída durante a análise da pesquisa. É quando nos esforçamos para tentar transpor a análise para um nível de abstração e de generalização, como sugere Lopes (2005).

Na conclusão retomamos as questões-problema, pressupostos e objetivos da pesquisa ao apresentar as descobertas e recomendações profissionais e acadêmicas a partir deste estudo. É um novo momento para a reflexão teórica, com o entrelaçamento de objetivos e resultados.

As possibilidades de reforço na multiangulação, a quebra de linearidade no formato tradicional, a geração de novos valores ao conteúdo original através de multiplicadores digitais,

o fortalecimento de velhas características que se somam às novas potencialidades, tudo isso integra o desafio de manter a reportagem radiofônica atual diante da abundância na oferta de conteúdo em áudio nas novas plataformas. Diante da situação em que espaços midiáticos diversos se apropriam do áudio como alternativa de difusão dos seus conteúdos, o rádio passa a exigir de si mesmo que apresente novos diferenciais em relação a outros meios de comunicação. Foi o que ocorreu no passado quando rompeu a periodicidade das informações dos jornais através do fator instantaneidade e quando introduziu as reportagens ao vivo, com entrevistas em tempo real direto dos locais dos acontecimentos. Caso contrário, parafraseando Balsebre (2013), há mais chances de que a nova sonosfera mate o rádio do que o torne protagonista. Portanto, esse renascimento do áudio que presenciamos no momento pode exigir do rádio convencional mais do que um simples encantamento com a nova fase, mas fazer com que seus principais formatos adequem linguagem, estrutura e tecnologia dentro de um processo concomitante de evolução.

## 1 A TRAJETÓRIA DO RÁDIO NA INTERNET

O desenvolvimento do rádio é baseado em transformações tecnológicas desde sua concepção nas primeiras décadas do século 20 até os tempos atuais. Como mídia eletrônica, os impactos das inovações no campo da tecnologia têm sido evidentes em suas formas de produção, circulação e recepção, afetando linguagens, procedimentos e comumente gerando temores e perspectivas sobre a era seguinte.

Um pouco antes do rádio transbordar para a internet, a difusão via satélite, os equipamentos digitais de estúdio, a informatização da programação e o uso de celulares já ofereciam um prenúncio de que uma grande transformação estava apenas iniciando. Era o princípio da fase de convergência do rádio, segundo Ferraretto (2012), quando os novos modos de acesso à informação e os relacionamentos derivados das novas tecnologias passam a influenciar o processo de evolução radiofônica.

Apesar de a primeira conexão à web ter ocorrido em janeiro de 1991 no Brasil, a internet começa a funcionar de fato no país em 1995, quando no dia 31 de maio daquele ano foi criado o CGI - Comitê Gestor de Internet do Brasil (PRATA, 2009). O rádio brasileiro passa a se apropriar do novo fenômeno a partir de então, inicialmente seguindo uma tendência geral de criar suas páginas na web, para aos poucos e, ao compasso do aperfeiçoamento da novidade tecnológica, passar a inserir áudio e a transmitir sua programação na rede.

Este capítulo aborda o período em que o rádio hertziano e a web convivem simultaneamente, mas busca também antecedentes que contextualizam o cenário da convergência. Percorre, assim, a fase inicial de transposição do conteúdo das emissoras para os novos espaços digitais, destaca o papel do áudio dentro de novas plataformas e equipamentos contemporâneos e ainda apresenta algumas experiências internacionais de emissoras jornalísticas quanto ao aproveitamento do áudio e das reportagens em suas páginas na internet.

### 1.1 A TRANSPOSIÇÃO DO CONTEÚDO RADIOFÔNICO PARA A WEB

O conceito de midiamorfose de Roger Fidler (1998), em que as mídias emergem a partir da transformação de suas anteriores, ainda é a base de grande parte das análises sobre as mutações da mídia convencional em direção ao universo online e multiplataforma. Fidler, ao compreender que a linguagem digital surgiu como um novo agente de câmbio, partiu das constatações sobre as mudanças dentro dos eventos e processos significativos desde o período da linguagem expressiva para a linguagem falada (primeira midiamorfose), passando pelo

avanço à linguagem escrita (segunda midiamorfose) até chegar à era eletrônica e à linguagem digital (terceira midiamorfose), que alavancou um efeito transformador sobre a sociedade tão profundo quanto os desenvolvimentos das linguagens anteriores.

Dentro do processo transformador que ainda está em curso na terceira midiamorfose de Fidler, o jornalismo atravessa, desde o advento e desenvolvimento da web nos anos 1990, fases muito mais encadeadas do que exatamente justapostas. Pavlik (2001) organizou a evolução do jornalismo na web em três fases características: a primeira, de transposição do conteúdo publicado da forma tradicional para a internet, com a republicação ou reutilização do conteúdo estático e original; a segunda, de agregação, quando os conteúdos já são produzidos unicamente para as versões online, com hiperlinks para outros conteúdos e elementos multimidiáticos e interativos; e a terceira, de exclusividade, quando os conteúdos são desenvolvidos somente para a web, aproveitando todas as suas características e potencialidades. De acordo com Pavlik (2001), nesta fase, os meios convencionais e os nativos já consideram a web como um novo meio de comunicação com enfoque cada vez mais especializado e com novas formas de contar histórias através de uma narrativa mais imersiva que permite ao usuário “entrar e navegar ao longo de uma reportagem, em vez de simplesmente olhá-la de forma linear, como é o caso da reportagem tradicional”, gerando como resultado uma matéria mais contextualizada (PAVLIK, 2001, p.43, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Na sequência das pesquisas de Pavlik, Mielniczuk (2003) destaca a divisão dos estudos do webjornalismo também em três fases progressivas. A primeira geração, com o início do povoamento dos jornais impressos na web é característica da década de 1990, quando as empresas de mídia começaram a disponibilizar ao público parte de sua publicação impressa na internet, com páginas estáticas, cópias das versões originais offline (DI FÁTIMA; LAPA, 2017). Sobre essa cópia do conteúdo do papel, “o que era chamado de ‘jornal *online*’, na *web*, não passava da transposição de uma ou duas das principais matérias de algumas editorias. Esse material era atualizado a cada 24 horas, de acordo com o fechamento das edições do impresso” (MIELNICZUK, 2003, p.32). Em 1994 é lançada a primeira versão digital no mundo de um jornal diário, com o San Jose Mercury, da Califórnia, nos Estados Unidos, segundo Di Fátima e Lapa (2017). Em novembro daquele ano, “o Brasil ganha sua primeira versão web de um veículo de comunicação tradicional. O Jornal do Commercio, especializado em economia, cria

---

<sup>2</sup> Enter and navigate and throughout a News report rather than simply look at it in linear fashion, as is the case with traditional News reporting.

um website e, seis meses depois, é a vez do Jornal do Brasil inventar o seu lugar na internet” (DI FÁTIMA; LAPA, 2017, p.5435).

A segunda geração, chamada de despertar tecnológico, aproveita as potencialidades da internet, alterando a periodicidade de publicação e aproveitando mais os elementos multimídia disponíveis na rede. No final da década de 1990, o e-mail passa a ser utilizado como comunicação entre jornalista e o público (MIELNICZUK, 2003).

A terceira geração alavanca a multimídia, a hipertextualidade e a interatividade. Com o texto interligado por links, o usuário passa a construir seu próprio caminho de leitura e uso dos conteúdos. O hipertexto começa a ser usado “não apenas como um recurso de organização das informações da edição, mas também começam a empregá-lo na narrativa de fatos” (MIELNICZUK, 2003, p.36). Nas técnicas de escrita e hierarquização do conteúdo, uma profunda mudança nessa geração foi a substituição da clássica pirâmide invertida pelo conceito de pirâmide deitada<sup>3</sup>, alterando significativamente a arquitetura noticiosa (DI FÁTIMA; LAPA, 2017). A pirâmide deitada passa a exigir um novo tipo de jornalista, muito mais documentalista, além de ser uma técnica libertadora para os usuários, que passam a navegar dentro da notícia em uma leitura pessoal (CANAVILHAS, 2006), semelhante também ao modelo de *news diamond*<sup>4</sup>, de Paul Bradshaw (2007). Barbosa (2013) ainda propôs a ampliação para a quarta geração, com redação integrada, narrativa dinâmica e a entrada de *smartphones* e *tablets*, além da quinta geração, com a horizontalidade, o *continuum* multimídia, as mídias móveis e os aplicativos, fazendo com que as formas narrativas sejam ampliadas e impulsionadas pelos dispositivos móveis.

No caso do rádio, a fase de convergência ocorre a partir de meados da década de 1990 até os tempos atuais. O período é destacado por Ferraretto (2012) ao propor uma periodização para a história do meio no Brasil, com base na economia política da comunicação, dividindo as fases em implantação, difusão, segmentação e convergência. As três primeiras fases são compreendidas entre o início do rádio brasileiro (considerando o final da década de 1910) até a década de 1990, com a chegada do telefone celular e da internet. Mas é a fase de convergência, que garantirá novos modos de acesso à informação. Este período sugerido por Ferraretto

---

<sup>3</sup> Segundo Canavilhas (2006), na técnica da pirâmide invertida, o jornalista organiza a notícia colocando a informação mais importante no início e o menos importante no final, sendo que o leitor apenas pode efetuar a leitura seguindo o roteiro definido pelo jornalista. Na técnica de pirâmide deitada, não há uma organização dos textos em função de sua importância informativa, mas uma tentativa de assinalar pistas de leitura, dentro de quatro níveis: base, explicação, contextualização, exploração (CANAVILHAS, 2006).

<sup>4</sup> Modelo de hierarquização do conteúdo para a web em formato de diamante em que a unidade informativa vai mudando de gênero, partindo do alerta sobre a informação e avançando em níveis de profundidade (BRADSHAW, 2007).

engloba o uso concomitante do rádio com a internet, já que as emissoras passam a transmitir para além de suas ondas hertzianas.

Zuculoto (2012b) também aponta a fase vivida pelo rádio a partir dos anos 2000, que é marcada pelo uso das tecnologias digitais. É o período da estruturação de um novo rádio, segundo a autora: “novo na forma de produzir, a partir da convergência multimídia que permite avançar na captação, investigação, reflexão, interatividade, em novos e mais modelos e formatos, experimentação criativa, ofertas de programação e serviços” (ZUCULOTO, 2012b, p.7). A etapa integra seis fases na história do rádio no Brasil, segundo a autora. A primeira delas inicia em 1919 com a Rádio Clube de Pernambuco<sup>5</sup> (ALCAR, 2019) e segue até meados da década de 1930, representando uma revolução tecnológica com a introdução do meio, de acordo com Zuculoto (2012b). A segunda fase entre meados da década de 1930 à metade da década de 1950 é compreendida como a época de ouro, com o rádio espetáculo e já desenvolvendo suas características apropriadas para a transmissão da informação. A terceira fase vem no período de adaptação frente à concorrência da televisão, entre meados dos anos 1950 e toda a década de 1960, com novos e revolucionários aparatos tecnológicos, como detalharemos mais no capítulo 3. A quarta fase avança entre os anos 1970 e 1980, já com a chegada e popularização do rádio FM, reservando a década de 1990 para a quinta fase, com as influências e mudanças sob o impacto da globalização e de novas tecnologias, além do desenvolvimento dos modelos “*all news*” e “*talk and news*”. E é na sexta fase, a partir dos anos 2000, que as tecnologias contemporâneas são integradas ao processo de produção e recepção radiofônica, como o uso do *smartphone* e da internet.

Cebrián Herreros (2011) divide a trajetória do rádio em três períodos baseados nas transformações ocorridas no meio. O autor destaca as mudanças tecnológicas com o transistor, gravadores magnéticos e outros das décadas de 1940 e 1950 como a primeira transformação. A segunda fase de transformação viria já nos anos 1980-1990 no processo de digitalização e convergência dos meios, enquanto que a terceira transformação, na sequência, “se produz pela presença das plataformas de internet e telefonia e a convergência das plataformas anteriores com as novas até gerar o entorno multiplataforma atual” (CEBRIÁN HERREROS, 2011, p.74). O pesquisador espanhol afirma que a partir daí nasce uma nova concepção comunicacional

---

<sup>5</sup> A Rádio Clube de Pernambuco (então *Rádio Club de Pernambuco*) passa a ser reconhecida como primeira emissora oficial do país após a divulgação da Carta de Natal pela Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (ALCAR, 2019) em 20 de junho de 2019, referendando a emissora como pioneira do país a partir de sua primeira transmissão em 6 de abril de 1919. O pioneirismo da emissora em Recife antecede, portanto, o evento que até então era reconhecido como primeira transmissão radiofônica oficial no Brasil, em 7 de setembro de 1922 no Rio de Janeiro e a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro em 20 de abril de 1923, até então difundida publicamente como primeira rádio brasileira (FERRARETTO, 2021).

interativa em que navegação, hipertextos e interatividade se estabelecem como eixos para o avanço.

Dentro desta terceira transformação do rádio apontada por Cebrián Herreros, as tecnologias podem ser divididas em transversais e verticais. As tecnologias transversais seriam aquelas que cruzam outros instrumentos, plataformas e meios, como por exemplo a internet e a telefonia móvel, que “vão modificando substancial e simultaneamente o rádio em paralelo a outros meios com que precisam relacionar-se” (CEBRIÁN HERREROS, 2011, p.75). Já as tecnologias verticais se referem àquilo que modifica em particular os modelos radiofônicos, como por exemplo um formato de programação, de generalista a segmentado, ou multimidiático e convergente. Com as plataformas tradicionais perdendo valor na medida que o acúmulo de outras ofertas vai fragmentando os mercados, o rádio tradicional vê emergir ao seu lado outros modelos radiofônicos, como o ciberrádio e o rádio móvel. Tal qual a divisão periódica do jornalismo na web, esse desenvolvimento técnico-midiático se produz em várias fases, segundo Cebrián Herreros (2011). A primeira é constituída pela consideração da nova tecnologia como um mero instrumento de “redifusão” do sistema anterior, com o rádio utilizando a internet somente para difundir sua programação da transmissão hertziana sem mudança ou tratamento específico. A segunda copia a anterior, mas incorpora certas adaptações à nova tecnologia e nascem outras iniciativas, como interatividade via web, fragmentações de programação e outros. A terceira funciona como uma extensão do rádio, com vinculação a redes sociais, interatividade entre os usuários, versões diferenciadas para cada inovação, que podem se apresentar tanto dentro da perspectiva radiofônica como na criação de meios sonoros diferentes (CEBRIÁN HERREROS, 2011).

Entretanto, outras transformações também ocorrem dentro deste período de convergência, sem diretamente se referir ao uso da internet, mas pelo tensionamento que ela passa a introduzir sobre os meios convencionais. Um deles é a replicação do sinal de ondas médias (OM) em frequência modulada (FM) das grandes emissoras e, posteriormente, a migração das emissoras de amplitude modulada (AM) para o FM. A necessidade de melhoria da qualidade do sinal sonoro surge diante das incertezas quanto ao prometido processo de digitalização das emissoras, com discussão iniciada em 1998 (DEL BIANCO, 2016), mas até então não conclusiva. O momento atual da migração AM-FM decorre muito “impulsionado pela qualidade sonora, mais até do que por novidades significativas no espectro” (FARIAS, 2020, p.122). A mudança para a faixa FM promete ao menos uma tábua de salvação ao antigo rádio AM diante de sua perda vertiginosa de audiência, especialmente no meio urbano.

No entanto, apesar de outras tecnologias e transformações ocorridas no rádio nessa fase de convergência, o desenvolvimento da internet é o maior responsável pelas mudanças, não só de apropriação tecnológica pelas emissoras, mas também de comportamento e consumo de mídia por parte do público. Lopez (2009, p. 479) afirma “que entre as tecnologias recentes a que mais gerou alterações nas rotinas do jornalismo de rádio foi a internet. Ela demanda alterações nas redações sob duas perspectivas: considerada como fonte e como suporte para a informação”. Nesse sentido, redações e estúdios conectados geram mais pautas e melhoram as pesquisas das equipes de produção, mas também passam a contar com o ouvinte inserido em um universo multiplataforma, lugar que o rádio não tem mais como ignorar.

O livre acesso ao uso da web também serviu para a implantação de emissoras de rádio exclusivas na internet, as *webrádios*, ou para simplesmente transmitir informações ou produções em áudio, como observa Zuculoto (2012b). Neste cenário, as “ameaças de morte voltam a pairar sobre o veículo. Mas também, mais uma vez, se estrutura um novo rádio” (ZUCULOTO, 2012b, p.7). A abertura para as *webrádios* também serviu para despertar o interesse comercial tanto de emissoras 100% web como emissoras convencionais, ainda na década de 1990. Prata (2009) cita a Rádio Klif nos Estados Unidos como a primeira emissora comercial a transmitir de forma contínua e ao vivo pela internet em setembro de 1995. No Brasil, segundo a autora, só três anos depois a primeira *webrádio* entrou em funcionamento: a Rádio Totem em São Paulo, em outubro de 1998.

Tomando por empréstimo o termo “midiamorfose” de Fidler (1998), Prata (2009) adota o termo “radiomorfose” para ilustrar as transformações do rádio, especialmente o que ocorreu nos anos 1950 com o impacto tecnológico do advento da tv, e no século 21 com as novas tecnologias digitais e da web. Uma diferença que poderíamos apontar aqui entre ambos os conceitos é que na midiamorfose de Fidler (1998), as alterações que são provocadas nas noções de distância, tempo e realidade acabam influenciando quase todos os indivíduos, sociedades e culturas, como prega o autor. No caso da radiomorfose de Prata (2009), o processo ocorre muito mais pelo tensionamento provocado pelas novas formas de produção e consumo alavancadas pelas mídias emergentes. Mas ambos convergem pelo fato de o rádio na web repetir fórmulas conhecidas do espaço hertziano, pois é ali na repetição que o público se reconhece, como observa Prata (2009). Ao inserir novos formatos, “reconfigura elementos antigos, numa mistura que transforma o veículo numa grande constelação de signos sonoros, textuais e imagéticos” (PRATA, 2009, p.80). É o processo que Cebrián Herreros (2011) destaca como acumulação de modelos e ofertas, mas que tem nos usuários a responsabilidade de se entregar a uma ou a outra. Para o pesquisador, a aparição de uma nova plataforma não supõe de imediato

o desaparecimento das anteriores. “Há uma coexistência de todas as plataformas, ainda que se as submeta a reajustes contínuos. As emissoras localizadas em cada uma destas plataformas seguem vicissitudes similares” (CEBRIÁN HERREROS, 2011, p.73). Neste caso, as características de remediação e convergência, presentes no jornalismo contemporâneo, garantem por ora a sobrevivência e resiliência do meio.

Dubber (2014, p.35) propõe que “o ‘rádio’ contemporâneo é digital praticamente da mesma maneira que o rádio do século XX era ‘eletrônico’”. Apesar de a realidade tecnológica no Brasil não ser a de transmissão digital do rádio, mas sim da sua presença na web, o que o pesquisador compreende é o ambiente digital em que vivemos neste período. E se este ambiente muda de um contexto analógico para um digital, as suas potencialidades são alteradas, tornando disponíveis algumas novas oportunidades enquanto outras passam a ficar menos acessíveis, reflete Dubber (2014).

Ao comparar as páginas online das principais emissoras portuguesas com o site da BBC Rádio, em pesquisa publicada em 2011, Silva (2011, p.47) constatou que “na internet a rádio perde a sua identidade já que a sua especificidade é quase toda ela eliminada ao apresentar-se em sites multimédia idênticos aos sites de milhares de outros órgãos jornalísticos”. Para a autora, a voz humana continua a ser o único laço afetivo, especialmente quando é intimista, fazendo emergir como um elemento identitário radiofônico, possibilitando que uma *webradio* ou rádio na web reencontre parcialmente a sua identidade perdida em meio a tantas páginas parecidas na internet. No sentido do aspecto gráfico das páginas na web, Cebrián Herreros (2011) também passou a defender o *design* das páginas específicas para rádio diferenciadas e com elementos distintos de outros meios.

A redação para a web também é outro aspecto que veio a chamar a atenção de Cebrián Herreros, na observação da ausência de uma redação específica para web. O pesquisador acredita que foi gerada uma confusão de estilos, já que muitas vezes “a redação da internet radiofônica é semelhante à elaboração para as transmissões tradicionais” (CEBRIÁN HERREROS, 2011, p.88). Há a necessidade, segundo Cebrián Herreros, de se buscar estilos próprios de redação para a web radiofônica, com a incorporação de elementos redacionais nos programas que consigam organizar uma identidade que a diferencie das páginas de outros meios de comunicação.

A chegada do rádio na internet, seja via utilização de sites institucionais das emissoras, via *streaming* da programação veiculada no espaço hertziano ou pela forma de disponibilização de conteúdos em áudio para *download* ou *streaming* (sob demanda ou em tempo real), é cercada de desafios que expandem a curva de aprendizado por essas mais de duas décadas e meia de

convivência mútua. Há, por exemplo, ainda a dificuldade de uma *webradio* nativa produzir conteúdo novo para uma grade de programação diária, a exemplo do que ocorre nas emissoras convencionais (VICENTE, 2018) e também o fato de que o seu modelo de transmissão de conteúdo (em *streaming* ao vivo) não difere do rádio hertziano, a não ser pelo tipo de equipamento utilizado para a recepção. A transmissão direta do rádio em áudio pela internet preserva as características do hertziano, principalmente o imediatismo. Os conteúdos gravados e alojados no site das emissoras para escuta posterior são os conteúdos fragmentados do rádio que acabam predominando (REIS, 2011). Mas enquanto o noticiário geral na web apresenta como vantagem a rapidez, o mais comum é que as notícias (gravadas ou escritas) dos sites das rádios sejam as que já foram para o ar na transmissão direta. “O que ouvimos é a reprodução do que aconteceu e não do que está a acontecer [...] A notícia de última hora continua reservada à emissão tradicional, assim como a notícia ou a declaração em exclusivo” (REIS, 2011, p.15-16).

Porém, a disponibilização de conteúdos em áudio por parte das emissoras em seus sites, especialmente as jornalísticas, aproxima a forma de consumo ofertada com os novos hábitos de um público contemporâneo que deseja “pegar quando bem desejar”, ao invés de aguardar o horário imposto pelo emissor. Por outro lado, o crescente uso do áudio através das plataformas digitais faz o rádio convencional se reapropriar dos novos formatos em expansão, de onde passou instantaneamente de professor para aprendiz.

## 1.2 NOVAS PLATAFORMAS DIGITAIS E O PAPEL DO ÁUDIO COMO CANAL INTEGRADO DE INFORMAÇÃO

O áudio tem sido cada vez mais recorrente entre usuários de diversas plataformas digitais e multimídias, especialmente após o avanço dos equipamentos *mobile*, como notebook, GPS, *smartwatch*, caixa de som (tipo *smart speaker*) e especialmente *tablet* e *smartphone*. De forma similar aos tempos puramente analógicos, quando o público também consumia conteúdo visual e textual enquanto estava parado e conteúdo auditivo quando estava em movimento, a evolução dos aparelhos móveis e a dinâmica da vida urbana contemporânea favorecem a ampliação do uso do áudio, tanto para o entretenimento como para ferramenta de trabalho. Mas diferente da era analógica, limitada à unidirecionalidade, a autonomia física na era digital vem com o importante incremento de uma comunicação bi ou multilateral.

Outra diferença no consumo de áudio com a evolução da web, é que há a possibilidade de o usuário ouvir o conteúdo de um canal e ler as informações relacionadas, inclusive do

mesmo emissor. “O texto cria continuidade informativa por meio do áudio” (DEL BIANCO, 2004, p.29), pois há um rompimento da tradicional estratégia de separar os canais, passando a agregar notícia em forma de texto com o áudio agregado.

Entretanto, quando se trata de valor agregado em uma composição multimídia, um ponto importante é saber qual o nível hierárquico do áudio dentro de um conjunto informativo. Salaverría (2014) enumera os elementos multimídia entre texto, fotografia, gráficos, vídeo, animação digital, discurso oral, vibração, música e efeitos sonoros. O autor apresenta o som como um elemento que “acrescenta bastante valor às informações digitais. [...] O som utiliza-se em conjunto com o vídeo mediante peças audiovisuais. Excepcionalmente, o som também pode ser aproveitado de forma isolada como formato comunicativo” (SALAVERRÍA, 2014, p.36). Essa afirmação define, praticamente, que o som está muito mais para servir às imagens em movimento do que para protagonizar uma informação genuinamente multimidiática. A hierarquização dos elementos é um dos critérios de coordenação dos conteúdos multimídia, para Salaverría (2014), pois distante de uma percepção de integral horizontalidade, algum elemento sempre se sobreporá em detrimento dos outros, funcionando como agregador dos demais que complementam a informação. No caso do áudio ou do som, a modalidade de organização da sintaxe multimídia, sugerida por Salaverría (2014), acaba se inclinando mais para a subordinação, pelo menos na relação do texto com o áudio ou na modalidade por coordenação, quando o áudio é apenas parte integrada de um vídeo.

Com o mesmo tratamento dado à música e aos efeitos sonoros, não é exclusividade de Salaverría reconhecer o som como um elemento secundário e complementar no arranjo multimidiático. Meditsch e Betti (2019) alertam, inclusive, que a sonoridade é praticamente ignorada na análise de produtos informativos em áudio, tudo devido à supervalorização da palavra escrita e também à dificuldade de apreensão da complexidade sonora. Mesmo no mundo pré-internet já havia uma cultura em que prevaleciam os discursos audiovisuais, o que Kischinhevsky *et al.* (2015) atribuem a dificuldades de audição e de memória, evidenciando a pouca importância dada à mídia sonora.

Em pesquisa realizada na primeira década deste século, Ferreira (2006) constatou que o áudio não era um elemento essencial na comunicação em uma página da web porque “a Internet, como um meio hipertexto, tem como atrativo maior a imagem” (FERREIRA, 2006, p.10). A avaliação da pesquisadora à época era de que o hipertexto desafia o áudio, que não consegue empreender a mesma não-linearidade da dinâmica multidimensional e interativa dos outros elementos hipermediáticos aproveitados na web. Ainda em um período inicial de expansão de *podcasts* e novas experiências em áudio na internet, Ferreira sugeria que o som

deveria aumentar sua eficácia de comunicação sendo original e contextual, a fim de conseguir emocionar e surpreender. “Na medida em que sua importância for aumentando, poderá existir a possibilidade de o som ter sentido em si mesmo, sem precisar de elementos auxiliares, na Internet” (FERREIRA, 2006, p.12).

Ao revisitar a análise realizada no início deste milênio, Paiva e Ferreira (2018) ainda constata o som como um valor agregado dentro do mundo da web, porém com a diferença de que as novas gerações passaram cada vez mais a consumir áudio sem a necessidade de suportes físicos como mídia. No avançar de uma década, o áudio digital aumentou sua presença na vida das pessoas por meio de novos dispositivos *mobile* que não existiam na geração anterior da internet e que agora são conectados por pareamento *bluetooth*, por reprodução online ou por armazenamento na nuvem.

Essa constatação dos pesquisadores pode ser observada com o crescente uso de equipamentos *mobile* e aplicativos (KANTAR IBOPE MEDIA, 2021; KISCHINHEVSKY; LOPEZ, 2018; PAIVA; FERREIRA, 2018), que vão desde os *smart speakers*, os comandos de navegadores de trânsito, como Waze, GPS, Google Maps, o consumo de música por serviços como iTunes e Spotify, as conversas quase instantâneas via envio de arquivos de áudio por aplicativos, escuta de *podcasts* e até mesmo o consumo de notícias em áudio. Esses dois últimos, apesar de estarem entre os áudios mais populares, ainda parecem permanecer limitados ao que Ferreira (2006) verificou no início dos anos 2000, de que são produtos com dificuldades de seguir um caminho não-linear, até porque o polo emissor permite menor interação e intervenção no conteúdo produzido e distribuído.

Desta forma, estaríamos vivendo em uma era de retomada do uso do áudio no nosso cotidiano de duas formas, sendo uma mais interativa e com proatividade do usuário e outra menos interativa, com o usuário ainda agindo de maneira reativa no consumo das mensagens orais. Tomamos como exemplo os assistentes de voz, cada vez mais em uso na última década, como Siri da Apple ou Alexa da Amazon Echo, que se integraram ao cotidiano das pessoas indo além dos comandos de voz em celulares e computadores, ao aprenderem sobre o comportamento do seu usuário. Para Kischinhevsky e Lopez (2018, p.3), “a chegada dos *smart speakers* ocorre numa fase de desafios, tanto para as indústrias radiofônica quanto fonográfica, que moldaram, ao longo do século XX, a maior parte da comunicação sonora”. Segundo os autores, todos os segmentos da indústria da mídia sonora passaram a enxergar o potencial desses novos dispositivos acionados por voz, que podem assumir rapidamente o papel de intermediários no mercado de áudio.

Relembrando “2001: Uma Odisseia no Espaço”, produzido em 1968 sob a direção de Arthur C. Clarke e Stanley Kubrick, os pesquisadores Pase *et al.* (2019) observam que o filme já sugeria que a forma mais imersiva de interagir com as máquinas era com diálogos pela voz. Ao usarmos a voz como instrumento de interação com ou através da mediação de máquinas voltamos às questões sobre a oralidade e a nossa herança de acesso instantâneo à fala no estabelecimento das relações sociais. Ou até mesmo como McLuhan (2005) apontava de que aprender a ler e escrever é um aspecto secundário da cultura letrada. Assim, a espontaneidade natural da fala gera a interface perfeita, como pregam Pase *et al.* (2019, p.46), pois “é a que permite ao usuário esquecer que ela existe”. No entanto, ainda distante das características de uma conversação entre humanos, os *smart speakers* evoluem no relacionamento com seus usuários, não obstante sua velocidade infinitamente maior de processamento das informações. Kischinhevsky e Lopez (2018) explicam que o sistema permite a coleta de informações sobre o usuário de modo a armazenar dados sobre suas práticas de consumo de bens culturais, de compras, buscas e conversas a fim de conhecer melhor e de forma íntima o seu dono para poder devolver as informações mais adequadas e relevantes. Assim como o rádio proporcionou aos ouvintes a partir do século 20 uma espécie de sistema nervoso da informação (MCLUHAN, 2005), as novas formas de conversação oral por mediação tecnológica - ou “reintermediação da mídia sonora”, como o termo sugerido por Kischinhevsky e Lopez (2018, p.7) - reestabelecem nossa tradição da linguagem oral agora ressignificada, após um longo período de encantamento e protagonismo da imagem.

Ao refletirmos sobre o consumo de notícias em áudio com características interativas semelhantes aos novos hábitos de uso de aparelhos e softwares comandados por voz, voltamos a algumas limitações do áudio em suas propriedades de interação. Como constatou Ferreira (2006), o hipertexto desafia o áudio, por sua não-linearidade e baixa interatividade. As limitações também são existentes no sistema de tagueamento (*tagging* ou etiquetagem) no áudio. Apesar de facilitarem a localização por motores de busca, as interações sonoras são de difícil mapeamento por um observador externo (KISCHINHEVSKY, 2014). No entanto, a navegação por meio de um sistema sonoro através de nós e transições, a exemplo do hipertexto, é citada por Pontuschka (2009). O que o autor designa por hiperáudio, propõe essa navegação paralela por meio do áudio com uma rede hipermediática composta por nós com elementos sonoros. Com diferenças em relação às marcações em forma de texto ou símbolos, navegar através de elementos sonoros requer também uma maior exercitação e aprendizado entre usuário e sistema com repetições de padrões sonoros, tom de voz e classificações sonoras que extrapolam os padrões já convencionais do hipertexto. Por outro lado, a interação através de

elementos sonoros pode garantir um alto grau de imersão e interatividade, segundo Pontuschka: “A interação por meio do texto não possui o mesmo nível de imersão que o som por si só. [...] Ao ouvir a voz de outra pessoa torna a conversa mais pessoal e menos anônima” (PONTUSCHKA, 2009, p.122).

Garantir a imersão no conteúdo jornalístico sonoro através das relações hipermediáticas ainda é um desafio para o rádio, mesmo com as possibilidades técnicas já experimentadas por outros suportes de áudio. Murray (2003, p.102) explica que a imersão nada mais é do que “um termo metafórico derivado da experiência física de estar submerso na água. [...] A imersão pode requerer um simples inundar da mente com sensações, a superabundância de estímulos sensoriais”. Embora a pesquisadora estabeleça a relação entre imersão e narrativas ficcionais do mundo do entretenimento, observa que o próprio computador pode proporcionar acesso a emoções, pensamentos e condutas muitas vezes restritos na vida real, o que por si só facilita a experimentação da imersão.

Ao se basear no cinema e em games, Machado (2002) indica que nos meios digitais há dois tipos principais de imersão, ou seja, de representação de quem está interagindo no interior da cena. O autor explica que em um deles podemos acompanhar a ação de um ponto de vista externo, como um observador, enquanto dirigimos a personagem. E o outro tipo é quando podemos visualizar a ação de um ponto de vista interno, como se fizessemos parte da cena, com a impressão de experimentar a história como alguém que faz parte dela.

Quanto à linguagem sonora, a tecnologia de áudio 3D<sup>6</sup> tem facilitado o processo de imersão do usuário, já que o sistema possibilita até localizar objetos no espaço apenas ouvindo o som (JUNIOR; FORTE, 2014). Melhor aproveitado em games, devido ao casamento de som e imagem, e também utilizando fones de ouvido, o áudio 3D traz referências de direção dos sons que facilitam o processo imersivo do ouvinte. Na verdade, o áudio 3D possui dois tipos: o *surround* (utilizado em salas de cinema) e o binaural<sup>7</sup>. A gravação de som binaural produz um áudio semelhante à forma como o corpo humano percebe e distingue o som, por isso gera uma sensação maior de imersão e vem ganhando espaço, sobretudo, nos podcasts (PAIVA, MORAIS, 2020).

---

<sup>6</sup> O áudio 3D é composto por três dimensões: altura (fonte sonora acima ou abaixo do usuário), distância (fonte sonora próxima ou distante) e profundidade (intensidade do som) (RUMSEY, 2001).

<sup>7</sup> O áudio binaural oferece uma noção maior de imersão e começou sendo captado com um microfone *Dummy Head*. O aparelho é uma espécie de cabeça de madeira e outros materiais que simulam a caixa craniana com microfones posicionados no local em que ficam os ouvidos. Assim, o som é captado da mesma maneira como ele é recebido pela cabeça humana (FOLHA DE SÃO PAULO, 2010). Além do *Dummy Head*, existem outras formas de captação do som, como tripés em formato de T, com duas orelhas artificiais nas duas pontas. Já na pós-produção, há um conjunto de filtros que adicionam a informação da localização da fonte sonora (PAIVA, 2019).

A proposta de um áudio imersivo e binaural chega com a discussão acerca do conceito de realidade aumentada, como um “processo de sobreposição de elementos virtuais sobre imagens reais captadas por uma câmera” (CANAVILHAS, 2013, p.5). Novamente originado e pensado para o universo das imagens, a realidade aumentada gera novas compreensões tanto no jornalismo como no áudio. Na perspectiva de um “jornalismo aumentado” para narrar fatos e distribuir conteúdos midiáticos, Ebel (2015, p.63) explica que o ponto de convergência entre realidade aumentada e jornalismo reside no foco em revelar aquilo que está escondido através de novas camadas de significados. Nas propostas de “reportagem aumentada” para o jornalismo radiofônico ou de “rádio aumentada”, Paiva (2019, p.119) sugere a utilização do áudio binaural para “suscitar a curiosidade dos utilizadores e dar um novo significado a novas narrativas jornalísticas, nomeadamente ao nível das reportagens imersivas”. A escolha do formato reportagem, por parte da pesquisadora, é justamente pelo fato de que ela permite maior liberdade aos jornalistas na forma de narrar os acontecimentos e envolver os ouvintes através dos sons, gerando uma nova dimensão por meio de histórias narradas com elementos mais imersivos.

Nessa aproximação entre tecnologias imersivas do mundo digital e a reportagem jornalística, Ito (2019) considera que a imersão, historicamente, é uma das características da reportagem enquanto formato jornalístico, especialmente em sua versão hipermídia. A afirmação de Ito vem da questão que a reportagem garante uma maior liberdade na condução da narrativa, permitindo que detalhes sejam observados pelo olhar de personagens, como ocorre na literatura ficcional. Essa forma diferenciada de se navegar por uma reportagem vem das possibilidades hipermidiáticas, já que a hipermídia, na definição de Santaella (2007), é, por sua própria natureza, interativa, com o controle ativo do usuário sobre o que será visto e em qual sequência isso se realizará.

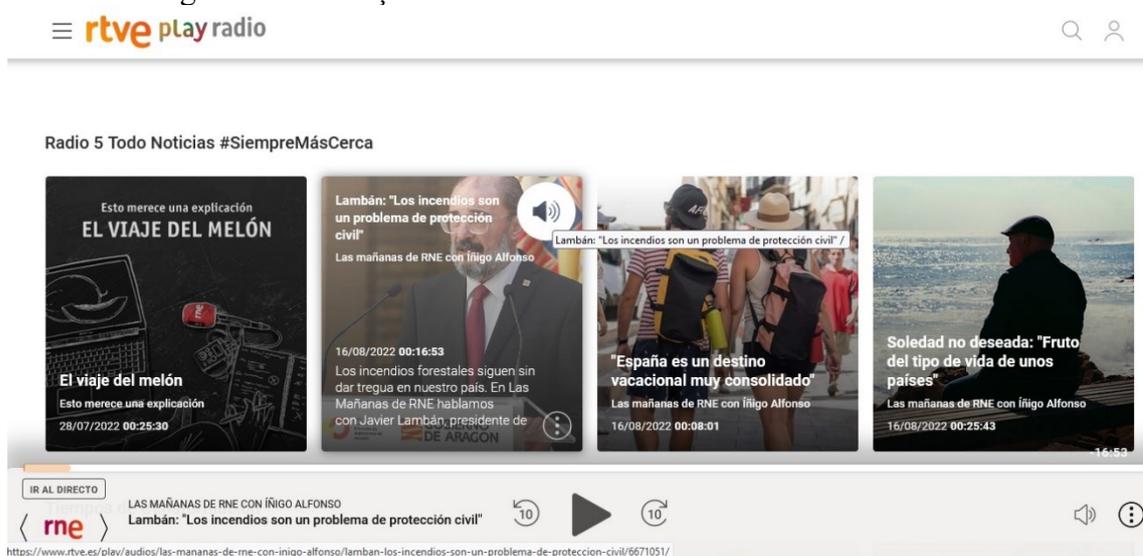
Diante de toda essa perspectiva, cabe-nos refletir sobre como é possível tornar o jornalismo sonoro mais interativo e imersivo. Buscando o termo usado por Berry (2014) de que o futuro do rádio não é na internet, mas é a própria internet, podemos vislumbrar que o público já está cada vez mais habituado a interagir instantaneamente com os recursos que o ambiente lhe proporciona no novo ecossistema midiático. Usar a *web* apenas como uma plataforma secundária para envio de conteúdo produzido originalmente para o rádio hertziano, como observa Berry (2014), é abrir mão de um potencial gigante que o espaço oferece para envolver ouvintes em conversas e conteúdos adicionais originados no mundo digital, tornando assim a experiência de escuta mais imersiva e interativa.

### 1.3 EXPERIÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS DE EMISSORAS NEWS NO EXTERIOR

Iniciamos este subcapítulo da forma que encerramos o anterior, com a afirmação de Berry (2014) de que o futuro do rádio deve ser a própria internet e não apenas a sua inserção nela. A perspectiva apontada pelo autor é de que o rádio deve criar novas oportunidades pela internet para contar histórias e interagir com o público. Neste sentido, observamos aqui exemplos de algumas emissoras internacionais quanto à utilização do áudio na web, especialmente em seus sites. De forma aleatória, por não se tratar diretamente do objeto empírico principal da pesquisa e, sim, como ilustração do cenário internacional, selecionamos alguns sites de emissoras tradicionais com programação voltada ao jornalismo localizadas na Espanha, no Reino Unido, nos Estados Unidos e na Argentina. A seleção dos países segue o critério geográfico (Europa, América) e de idiomas (Inglês, Espanhol).

Em Madri, Espanha, a Radio 5 Todo Noticia, do grupo estatal da Rádio Nacional de Espanha (RNE), está no ar desde 1994 (GUEVAR, 2015). Segundo Gambaro (2019), apesar do nome, não se trata exatamente de um modelo *all news* como conhecemos no Brasil, já que a maior parte da programação é formada por pequenos documentários, entrevistas e programetes que não são, necessariamente, ligados aos acontecimentos atuais. O autor explica que os modelos de programa, inclusive, estão muito mais próximos das revistas eletrônicas, como podemos conferir na Figura 1:

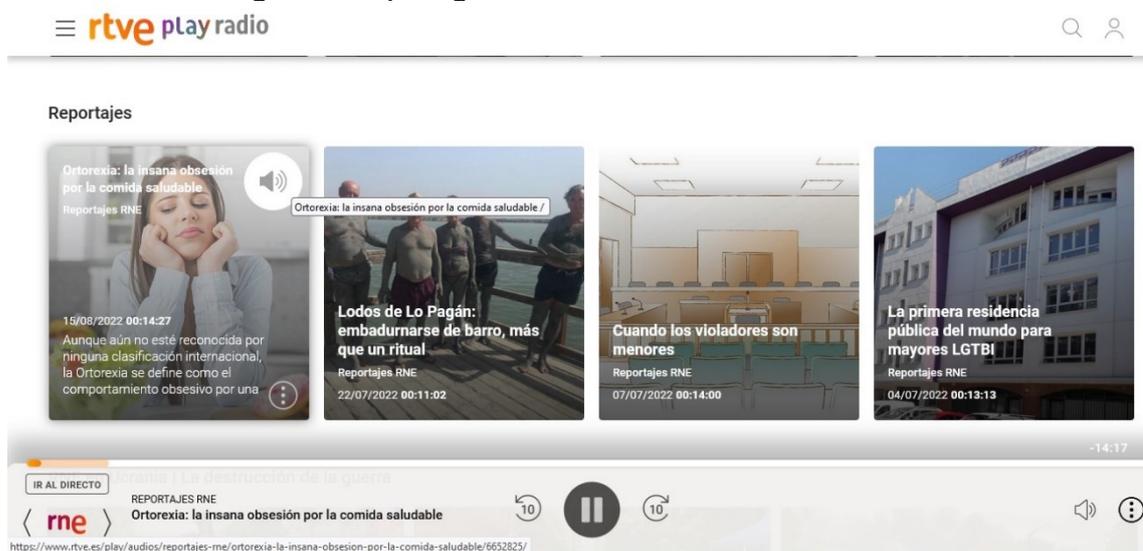
Figura 1: Publicação de conteúdo no site da Radio 5 Todo Noticia



Fonte: RTVE. <https://www.rtve.es/play/radio/radio-5/>; Acesso em: 16 ago. 2022

Gambaro (2019) destaca que as notícias não são a melhor parte da programação no rádio hertziano da emissora, mas sim os chamados *Microespacios*, que possuem variedade de temas. Na publicação das reportagens na página da emissora na web (Figura 1), é possível observar a predominância de produções voltadas ao bem-estar ou mesmo a acontecimentos atemporais, mas que possuem algum caráter inusitado ou que explorem singularidades dos fatos abordados. São reportagens em profundidade, produzidas com ampla exploração de músicas (especialmente como fundo – BG) e efeitos sonoros, tanto manipulados (*sound design*) como captados diretamente enquanto ruídos do ambiente. Um fator que chama a atenção na disposição das reportagens e outras produções na página da Rádio 5 Todo Notícia é a prioridade ao áudio: o acionamento do som aparece em destaque ao passar o mouse pelas imagens (Figura 2). Além disso, o conteúdo disponível para ser compartilhado nas redes sociais também destaca o botão de áudio e a opção de *download*.

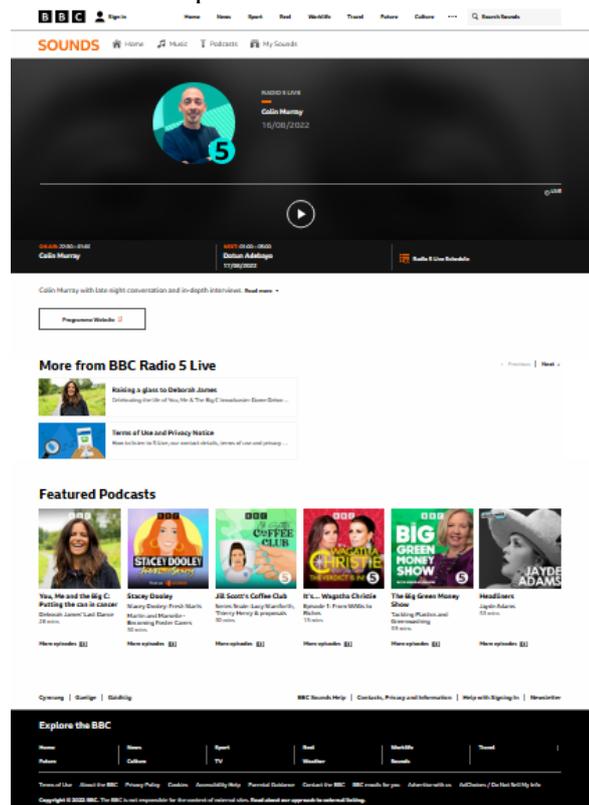
Figura 2: Reportagens no site da Radio 5 Todo Noticia



Fonte: RTVE. <https://www.rtve.es/play/radio/radio-5/>; Acesso em: 16 ago. 2022

Em Londres, Reino Unido, a BBC Radio 5 Live, do grupo estatal BBC, iniciou em 1994. A página na web é subordinada ao portal da própria BBC (LUCKHURST *et al.*, 2019). Ao navegarmos pelo site da emissora em agosto de 2022, foi possível identificar a predominância de *podcasts* com temas voltados ao entretenimento e ao bem-estar ao invés de atualidades jornalísticas (Figura 3). De acordo com Luckhurst *et al.* (2019), a emissora, originalmente voltada ao jornalismo, nos últimos anos tem se voltado muito mais ao esporte e, quando realiza coberturas jornalísticas, prioriza mais temas sobre celebridades e música do que assuntos públicos.

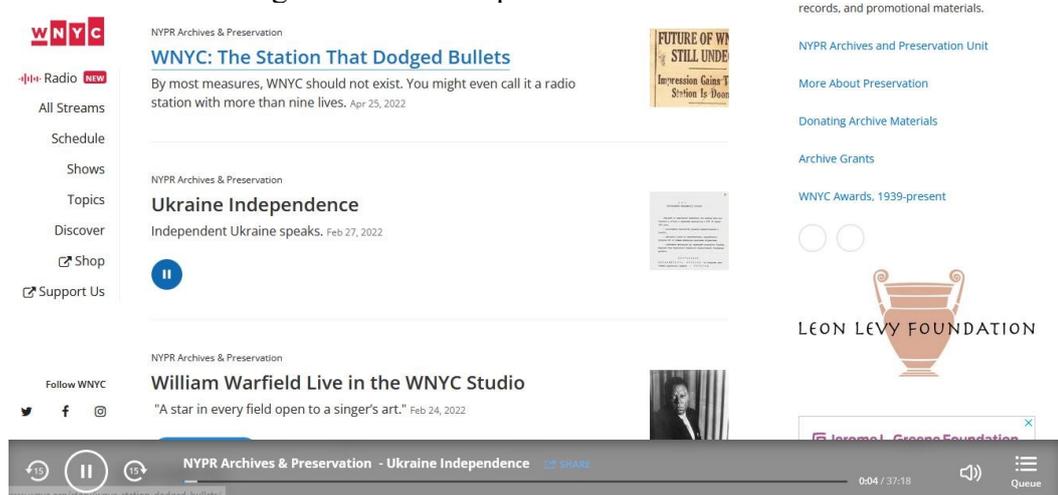
Figura 3: Áudio disponível no site da BBC Radio 5 Live



Fonte: BBC Radio 5 live. [https://www.bbc.co.uk/sounds/play/live:bbc\\_radio\\_five\\_live](https://www.bbc.co.uk/sounds/play/live:bbc_radio_five_live); Acesso em: 16 ago. 2022

Em Nova York, Estados Unidos, a Rádio WNYC opera em AM, FM e na web. A emissora surgiu em 1924 e hoje tem sua programação voltada à informação, mais precisamente no formato *talk and news*, como é possível observar na figura 4. A WNYC faz parte do grupo de emissoras públicas NPR.

Figura 4: Áudio disponível no site da WNYC



Fonte: WNYC. <https://www.wnyc.org/>. Acesso em: 16 ago. 2022.

Os arquivos de áudio estão disponibilizados no site da emissora, mas sem a identificação de uma seção específica para reportagens. O menu indica boletins, temas específicos e *podcasts*, por exemplo, para acessar o áudio. No entanto, há várias reportagens em profundidade presentes no site da emissora, com texto, imagens, infográficos, mas sem conter áudio.

Em Buenos Aires, Argentina, a Radio del Plata oferece em seu site uma quantidade ampla de recortes de áudio da programação que vai ao ar pelas ondas hertzianas (ESPADA, 2018). Nem todo o conteúdo jornalístico publicado no site da emissora contém áudio e em alguns arquivos que observamos aleatoriamente, foi possível verificar o áudio disponível no *streaming* como complemento ao texto escrito (Figura 5).

Figura 5: Áudio de reportagem no site da Radio del Plata

LA PRIMERA PRESIDENTA MUJER DE LA CÁMARA DE DIPUTADOS

Tras la renuncia de Sergio Massa, la diputada del Frente de Todos fue electa por los legisladores para presidir la Cámara baja, convirtiéndose en la primera mujer en ocupar ese cargo en la historia. En una sesión especial, la Cámara de Diputados aceptó la renuncia del titular del cuerpo, Sergio Massa, quien estará al frente del Ministerio de Economía de la Nación. En su lugar, asumió la diputada Cecilia Moreau, que será la primera mujer en ocupar ese cargo en la historia nacional. Moreau fue propuesta por el titular del bloque del Frente de Todos, Germán Martínez. "Nuestro bloque viene a proponer para la presidencia de este cuerpo, con mucho orgullo y también con mucha convicción, a nuestra compañera Cecilia Moreau", dijo Martínez. Luego de una votación favorable, la diputada asumió como presidenta de la Cámara de Diputados. En su discurso de asunción, Moreau agradeció "el honor que significa haber sido designada como presidenta" y adelantó que asume "el compromiso de cumplir con esta responsabilidad en representación de nuestro espacio político, pero también de expresar a la máxima institución de la representación popular y democrática en todos sus matices y diversidades". "Va ser mi voluntad administrar los disensos y buscar los consensos que muchas veces la sociedad espera de nosotros", agregó. Asimismo, Moreau le agradeció a Massa por la templanza que tuvo para administrar la Cámara: "Tuvo sabiduría, equilibrio, la facilidad que muchos de nosotros no encontrábamos para incorporar nuevas tecnologías, para que en el momento más grave de la historia del mundo esta Cámara siguiese funcionando". "El año que viene se van a cumplir 40 años de la recuperación democrática en la Argentina, espero que, con esfuerzo patriótico, con compromiso democrático y con la voluntad y el esfuerzo de todos podamos estar a la altura de las circunstancias", dijo Moreau durante su asunción. "Soy consciente que tengo una responsabilidad adicional por ser mujer, me genera un orgullo extra. No se confundan, no voy a gobernar por mis hormonas esta Cámara, sino con mi cabeza, con mi corazón militante y con mis convicciones políticas", cerró. Sobre el cierre de la sesión especial, Juan Marino juró como diputado nacional del Frente de Todos, en reemplazo de Massa, quien jurará hoy como ministro de Economía.

**BUSCADOR**  
Escribi y presiona enter ...

**ÚLTIMAS NOTICIAS**

- DICTAMEN FAVORABLE AL PROYECTO DE FORMACIÓN Y DESARROLLO DE LA ENFERMERÍA
- CON INVITADOS COMENZÓ EL DEBATE SOBRE EL PROYECTO DE ALCOHOL CERO AL VOLANTE
- LA COTIZACIÓN LIBRE DEL DÓLAR BAJA A \$291
- ECONOMÍA: CUALES SON LAS PRINCIPALES MEDIDAS QUE ANUNCIÓ SERGIO MASSA
- CECILIA MOREAU ASUMIÓ COMO LA PRIMERA PRESIDENTA MUJER DE LA CÁMARA DE DIPUTADOS

**AHORA EN EL AIRE**

Fonte: Radio del Plata. <https://amdelplata.com/>; Acesso em: 16 ago. 2022

A emissora opera em AM no espaço hertziano e surgiu em 1970 (ESPADA, 2018). O conteúdo disponível na web se refere somente aquilo que está em sua programação. Não localizamos no site um espaço específico para reportagens, nem no menu, tampouco nas seções observadas durante a navegação (Figura 6). Segundo Espada (2018), entrevistas e editoriais predominam no site, além da seção "Últimas Notícias", com publicação média de três notícias por dia. Conforme pudemos verificar, esse ritmo de publicação ainda é o padrão em 2022.

Figura 6: Home do site da Radio del Plata



Fonte: Radio del Plata. <https://amdelplata.com/>; Acesso em: 16 ago. 2022

Como já observou Reis (2011), de que o mais comum nos sites das rádios é aquilo que já foi ao ar em transmissão direta e não aquilo que está para acontecer, é nítido que frequentemente os espaços na web acabaram virando verdadeiros repositórios da mídia eletrônica convencional. Por outro lado, é possível observar, nesta rápida passagem por alguns exemplos do exterior, que os formatos tradicionais do rádio hertziano começam a perder força em algumas das páginas da internet dessas emissoras. Os *podcasts*, as entrevistas em profundidade e a cobertura dos assuntos não factuais expandem a sua ocupação na web para um outro perfil de audiência, deixando a cobertura com as características clássicas de imediatismo e instantaneidade para o ouvinte ligado no *dial* em fluxo contínuo de informações, sem hora para acabar. Como explica Reis (2011), o rádio pode agora romper a barreira do tempo, tornando acessíveis tanto os conteúdos que já foram ao ar como aqueles que não cabiam na sua programação. “É uma nova concepção de temporalidade para o velho meio” (REIS, 2011, p.15). E por estar sempre acessível, o áudio passa a ser compartilhado junto aos seus outros e novos elementos multimidiáticos. De intimista, como frisa Reis (2011), passa a ser um elo de conexão entre internautas que partilham dos mesmos interesses. A redução do mundo a uma aldeia, como pregou McLuhan (2005, p.151) sobre o rádio, tem agora a possibilidade de expandir “o gosto [...] pelas fofocas” a padrões além da alfabetização fonética, gerando novos sentidos em uma nova temporalidade.

## 2 CARACTERÍSTICAS DO RÁDIO NA COBERTURA JORNALÍSTICA

A simultaneidade entre apuração, produção, emissão e recepção faz com que o conteúdo jornalístico radiofônico adquira especificidades próprias durante coberturas jornalísticas. As possibilidades históricas do rádio quanto ao imediatismo e à instantaneidade garantem ao meio as condições para transmitir os fatos no instante em que eles ocorrem, fazendo com que a mensagem seja recebida exatamente no momento em que é emitida (ORTRIWANO, 1986). A transmissão em tempo real através do vivo faz o rádio aderir seu discurso ao acontecimento, emergindo uma relação direta com a realidade. A fusão entre acontecimento, produção, enunciação e recepção garantem ao rádio uma especificidade apontada por Meditsch (2007, p. 246), em que “receptor e emissor se cruzam num mesmo contexto que é o do próprio acontecimento”, cotidianamente em transmissões ao vivo.

O caráter móvel da transmissão da informação radiofônica rompe com a rigidez de outros meios convencionais como a TV, que ainda se mantém parcialmente refém da limitação tecnológica de mobilidade. Mesmo comparado aos avanços das transmissões ao vivo pela web, o rádio permanece ao mesmo tempo como escola e aluno diante do processo constante de evolução tecnológica. Assim, encurta o lapso temporal entre a frequência do acontecimento e a frequência da transmissão ao se apropriar de novas tecnologias móveis para produzir e distribuir conteúdo também através de novos canais diversificados.

A linguagem oral, uma das características originais do meio (ORTRIWANO, 1985), faz com que o conteúdo radiojornalístico adquira forma com significados totalmente diversos dos meios que dependem majoritariamente da linguagem escrita, mesmo que consideremos o entendimento de Meditsch (2007), de se tratar de uma oralidade construída por instrumentos técnicos, profissionais, organizacionais e histórico-culturais. Há uma sensação de proximidade psicológica ao utilizar a palavra falada como um ingrediente estético, emocional e afetivo (KAPLÚN, 2017) com um ouvinte já “habitado à conversa na maioria dos processos de comunicação oral” (MERAYO, 2002, p.91). As riquezas não percebidas na palavra escrita e que estão presentes na palavra falada, como orienta Mário Kaplún, ocorrem pelo ritmo, pelo som e pela musicalidade e estão presentes nos textos produzidos para serem oralizados, na realização de entrevistas, nas interações com o ouvinte, repórteres e outros agentes envolvidos no processo de comunicação radiofônica. Há um equilíbrio entre informação estética e semântica, como compreende Balsebre (2005), gerando uma comunicação mais eficaz exatamente pela proximidade sociocultural dos códigos entre emissor e receptor.

Este capítulo aborda algumas das características do rádio durante a cobertura jornalística, sobretudo aquelas relacionadas à realização das entrevistas, às atribuições de repórteres e apresentadores durante a programação e os papéis contemporâneos de ouvinte, ouvinte-internauta e ouvinte-repórter. As competências dos atores envolvidos nessas atividades, destacadas neste capítulo, estão diretamente relacionadas à constituição e à reprodução da reportagem radiofônica enquanto formato radiojornalístico.

## 2.1 A ENTREVISTA RADIOFÔNICA NO CONTEXTO DO DIÁLOGO EM TEMPO REAL

A entrevista radiofônica reserva na sua origem o caráter essencial da comunicação humana, que é a interpessoalidade e a bidirecionalidade. Tais características facilitam a concretização de um “diálogo real” onde os limites orais entre entrevistador e entrevistado são facilmente preenchidos pelo ouvinte, que se converte em testemunha de uma conversação. É exatamente esse testemunho que o pesquisador espanhol Arturo Merayo considera como resultado de um diálogo que incrementa a proximidade psicológica. O autor entende que tal conversação através da oralidade radiofônica reproduz melhor o sistema estrutural próprio da linguagem falada, já que o ouvinte está acostumado à conversa e necessita de menor esforço para manter a atenção e a escuta durante mais tempo (MERAYO, 2002, p.85-91).

O pesquisador Fraser Bond (1962, p.122-123) entende que o processo de entrevistar “é a base da maior parte dos noticiários” e é nela que “se misturam as impressões do repórter e sua descrição com os próprios comentários do entrevistado em réplica às perguntas do repórter”. Lage (2001, p.73) considera que a entrevista é “o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”. Para o autor, uma entrevista sempre significará, entre outros, um procedimento de apuração junto às fontes, uma conversa com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações úteis ao público e uma matéria com as informações colhidas com o entrevistado. Erbolato (1985) lembra que, em qualquer meio de comunicação, o repórter não deve viver exclusivamente na redação, mas como não consegue estar em todos os lugares ao mesmo tempo nos momentos das ocorrências, precisa ouvir quem presenciou os fatos. Nos meios eletrônicos, sobretudo, a sensação de presença do repórter diante de suas fontes é um elemento diferenciador para o público.

Mas para Buber (1990, p.5), a entrevista “não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica”. Para que a entrevista atinja um nível de diálogo interativo,

proposto pelo autor, seria necessário passar emoção e autenticidade no discurso de ambas as partes envolvidas na conversação. Só assim, fonte, repórter (entrevistador) e receptor se interligariam em uma única vivência. Na proposta de que a entrevista jornalística se transforme em um “diálogo possível”, Medina (1990), contudo, entende que há quatro níveis entre o momento de definição de pauta até sua realização. Para a autora, primeiro pesa o suporte delimitado pelo estágio histórico da técnica comunicacional, para em seguida atingir o nível de interação social almejado pelo entrevistador. Na sequência, haveria a ruptura com as rotinas empobrecedoras das empresas de comunicação para então ultrapassar os limites da técnica imediatista, como uma tentativa de desvendamento do real. Medina acredita que para chegar a esse último e raro patamar, o jornalista deve recapturar o real através de um processo de decifração: “o repórter se lança a uma pesquisa ou ato de decifração possível perante a complexa rede de forças que atua sobre o fato jornalístico” (MEDINA, 1990, p.33).

No rádio, em específico, a entrevista é considerada um formato jornalístico dentro do gênero informativo. Um dos precursores dessa classificação no Brasil é André Barbosa Filho (2009), que considera a entrevista uma das principais fontes de coleta de informação de um veículo de comunicação e que, como arte, prescinde de técnicas adequadas no processo de apuração e investigação.

Lucht (2009) dá sua contribuição a uma definição contemporânea da entrevista, ao considerá-la um formato radiofônico apenas quando se trata de um elemento autônomo e que tem como forte influência a técnica do entrevistador. E é essa técnica de condução do diálogo que Emílio Prado entende como apoio para provocar uma sensação de participação que faz com que o ouvinte se sinta “incluído no clima coloquial, ainda que não possa participar” (PRADO, 1989, p.57).

A diretividade da condução de perguntas e respostas proporciona foco e objetividade na entrevista radiofônica, tanto que McLeish (2001) acredita que a entrevista em si será sempre um diálogo com um objetivo definido. Até mesmo quando a entrevista deixa de ser um formato autônomo e passa a integrar outros formatos informativos como base para a confecção de matérias, seu valor permanece de grande estima na programação jornalística. Mário Kaplún (2017), por sua vez, entende que no rádio a entrevista adquire um valor extra, semelhante a uma foto em um meio impresso, como uma ilustração viva, uma prova ou um documento.

Enquanto tipologia, a entrevista radiofônica é comumente dividida entre uma base predominantemente informativa e outra onde prevalece a interpretação e a opinião. Tal distinção apoia-se na intenção de deixar claro sobre os objetivos da formalização do contato entre repórter/entrevistador e fonte. No primeiro caso, é mais comum que as respostas ou

declarações da fonte entrevistada venham a preencher uma cadeia informativa formulada com outros recursos de apuração jornalística. No segundo caso, as respostas do entrevistado tornam-se a essência do conteúdo jornalístico sobre aquele determinado assunto ou acontecimento. Mas não são raras as situações em que uma entrevista opinativa venha também apenas “recheiar” um conteúdo predefinido pela equipe jornalística da emissora, com o intuito somente de dar maior credibilidade à matéria e transformá-la em um documento, como já apontava Mário Kaplún.

Para Fraser Bond (1962), as entrevistas são subdivididas em cinco espécies principais: noticiosa, de opinião, com personalidade, com grupos e coletiva. Enquanto a entrevista noticiosa procura coletar os fatos, com o objetivo de apenas narrar o acontecimento, a entrevista de opinião busca colher o ponto de vista (normalmente de um especialista no tema) sobre determinada notícia já em processo de circulação. Bond (1962) distingue de ambas as modalidades a chamada entrevista com personalidade ou “de ilustração”, onde o objetivo principal é fazer com que o entrevistado exponha sua vida pessoal ou suas preferências. O autor ainda sugere a existência da entrevista de grupos, semelhante ao formato de uma enquete, mas podendo entrevistar uma série de especialistas sobre o assunto abordado. O inverso da entrevista de grupos encontra-se na entrevista coletiva, onde uma fonte pode falar simultaneamente com vários entrevistadores.

Na adaptação das modalidades de entrevistas para o meio rádio, Prado (1989) as divide entre “noticiosas” e “de caráter”. Enquanto a segunda possui como eixo a personalidade do entrevistado, a primeira se apoia no eixo de uma informação. Segundo Prado (1989), as entrevistas noticiosas são divididas da seguinte forma: entrevista de informação estrita, entrevista de informação em profundidade e as declarações. As entrevistas de informação estrita são breves, de ritmo rápido, com perguntas exatas e respostas curtas. As entrevistas de informação em profundidade possuem um ritmo mais pausado, tentando responder ao “por quê” da informação jornalística. Já as declarações são também chamadas por Prado como “falsas entrevistas”, pois buscam captar apenas uma breve declaração para uma pergunta ou introdução do entrevistador.

McLeish (2001), por sua vez, prefere utilizar no rádio a distinção entre entrevista informativa, entrevista interpretativa e entrevista emocional. A entrevista informativa é noticiosa, buscando somente fazer com que o entrevistado forneça as informações sobre um fato, segundo McLeish. Na entrevista interpretativa, o entrevistado apenas comenta ou explica os fatos já narrados pelo entrevistador. Nestes casos, há a necessidade de um maior domínio do entrevistador pelo tema tratado. Na entrevista emocional, a preocupação reside na captação do

estado afetivo e sentimental presente do entrevistado, que muitas vezes é uma fonte de informação afetada diretamente pelo acontecimento.

Entretanto, a linguagem verbal, própria do rádio e da TV, faz com que uma entrevista realizada pelos meios eletrônicos adquira uma forma totalmente diversa daquela realizada pelos meios impressos. Nesse sentido, Mário Kaplún (2017) chama a atenção para uma escolha prévia quanto à sua realização no meio radiofônico. Para o autor, mesmo em uma entrevista gravada sempre é necessário recriar ao máximo o ambiente acústico e condições semelhantes a uma entrevista ao vivo. “A entrevista em estúdio é como a foto de galeria, enquanto a realizada no local é como a instantânea que não sai tão perfeita, mas tem muito mais vida” (KAPLÚN, 2017, p. 229). Prado (1989) considera que a entrevista gravada tem suas compensações, como a possibilidade de ordenar melhor os fatos, já que conta com o tratamento de edição entre as fases de realização e transmissão do conteúdo e ainda selecionar os trechos mais relevantes das declarações obtidas. No entanto, uma entrevista ao vivo conta sempre com o sentido de participação nos fatos, onde o imprevisto natural das partes envolvidas gera um maior calor humano ou aquela proximidade psicológica sugerida por Arturo Merayo (2002).

Contudo, apesar da importância da palavra falada no rádio e do sentido polifônico que uma entrevista revela ao ouvinte, é pertinente a observação de Edgar Morin (1973 p.28) ao acreditar que essa maior riqueza e ao mesmo tempo duvidosa fonte da palavra coloca a entrevista em “risco permanente de dissimulação ou da fabulação”. Mas é no sentido do controle do conteúdo narrado durante uma entrevista, que Heródoto Barbeiro e Paulo de Lima, em seu Manual de Radiojornalismo, aconselham a manter o entrevistado falando ao público por intermédio do entrevistador (BARBEIRO; LIMA, 2001). Quando a entrevista é realizada no estúdio da emissora e há participação do ouvinte, por exemplo, quem atende as perguntas e conduz o programa é o apresentador/entrevistador. É o controle das “vozes admitidas”, de acordo com Hartley (apud MEDITSCH, 2007, p. 188). Dentro de uma chamada hierarquia de vozes, segundo Meditsch (2007), o ouvinte sempre distingue as “vozes institucionais” (apresentadores e repórteres) das “vozes admitidas” (entrevistados e ouvintes). E o controle dessas vozes pode ser feito também com a utilização do subtexto. Meditsch (2007) lembra que o uso deste recurso técnico pelo teatro definiu a modulação das palavras do texto na interpretação dos atores, compondo seu significado em função dos objetivos de cada fala no conjunto da obra. O autor afirma que no rádio, o subtexto se expressa através da voz, substituindo a mímica visual. Assim, muitas vezes “o tom da pergunta indica aos ouvintes submissão ou desafio ao entrevistado, admiração ou desprezo por sua pessoa, concordância ou

desconfiança com as suas respostas, sem que nada disso necessite ser explicitado em palavras” (MEDITSCH, 2007, p.191).

No entanto, Sampaio (2008) defende que o entrevistado deva ser sempre o primeiro plano, pois é quem representa o fato. O entrevistador ou repórter, na visão de Sampaio, é um mero intermediário entre o público receptor e o fato, já que o entrevistado representa o fato. “As intervenções do repórter ou entrevistador, se não forem as de mero intermediário, se não buscam unicamente o maior esclarecimento do fato que está sendo examinado, constituem *invasão de primeiro plano*” (SAMPAIO, 2008, p.47, grifo do autor).

Porém, com a chegada do novo cenário tecnológico no século 21, renovados padrões de interatividade passam a ser tensionados com as redes sociais nos meios digitais. Ao mesmo tempo em que o rádio hertziano e convencional mantém sua herança de centralização, abrindo as entrevistas com o tópico inicial e fazendo os fechamentos, detendo “a última palavra”, o emergente empoderamento do ouvinte-internauta (PESSOA, 2016) alavanca a aceitação ou submissão ao discurso para caminhos diferentes. Assim, faz também o rádio se render aos novos hábitos que buscam a horizontalidade no processo comunicativo diante de um público cada vez mais influenciador nas redes e capaz de reverter reputações dos envolvidos nas entrevistas (ZIMMERMANN; ZUCULOTO, 2021a).

Ao aproximar a bagagem cultural da relação entre apresentador/entrevistador e ouvinte com o aspecto cognitivo do controle das vozes institucionais e admitidas no rádio, é possível constatar que o caminho para o “diálogo possível” proposto por Cremilda Medina (1990) avança no meio radiofônico a passos largos somente dentro do perfil da esteticidade, como uma réplica de um discurso ou mesmo como Mikhail Bakhtin (2003) se referia ao enunciado secundário em que o romance havia se transformado, ao absorver uma realidade primária e retransmiti-la através de um outro gênero. Isto quer dizer que a fala de um entrevistado só retoma sua relação direta com a realidade de um “diálogo possível” através de um controle do discurso (das vozes), normalmente imposto pelo emissor, que conduz a entrevista.

O caráter da entrevista radiofônica merece reflexões sobre a aparente submissão que ocorre na relação entrevistador-entrevistado, como destaca Meditsch (2007) a respeito da hierarquia de vozes no rádio. Tomando como base o conceito de diálogo de Paulo Freire (1987), uma comunicação dialógica construída na relação entre os sujeitos não pode ser uma imposição de um para o outro dentro de uma relação de poder. Segundo o pedagogo, o diálogo é o encontro de pessoas que pronunciam o mundo e não o pronunciar de uns sobre os outros. A reciprocidade necessária para uma comunicação entre interlocutores, seja na relação do entrevistador com o entrevistado ou mesmo com o ouvinte, parece se adequar mais à pretensa horizontalidade

comunicacional em tempos de web do que nos padrões clássicos de emissão unilateral do rádio. O enquadramento discursivo (MEDITSCH, 2007) que o emissor normalmente impõe a entrevistados e ouvintes garante o controle das vozes durante um enunciado radiofônico, mas carece da percepção de que quem consome as informações também pretende se ouvir representado, especialmente nas entrevistas utilizadas para a construção de reportagens. A natureza do controle estabelecido pelo apresentador e o repórter sobre as interações, acontecimentos e a audiência é tratada no próximo tópico.

## 2.2 O PAPEL DE LOCUTORES E REPÓRTERES NO RÁDIO CONTEMPORÂNEO

Apesar dos avanços tecnológicos das últimas décadas, a função do locutor em uma emissora de rádio, especialmente a dos locutores-apresentadores, continua essencial em qualquer formato de programação radiofônica. Sendo difícil imaginar o rádio sem locutores e sem o uso da palavra falada, Prata (2009) evidencia esse profissional como alguém em um status superior, que impõe a significação em todas as interações. Apoiada nas constatações do linguista francês Patrick Charaudeau (1984), a autora registra que “o locutor é quem comanda a abertura e o encerramento das interações e é ele quem abre e fecha a conversação, concedendo/retirando o espaço para quem quer falar no rádio” (PRATA, 2009, p.124). Como afirmam Barbeiro e Lima (2001), normalmente o jornal ou programa de rádio tem a “cara” do âncora, pois há uma íntima identificação entre o público e quem conduz o espaço radiofônico.

O mito do herói é algo que ainda reina no imaginário do público ouvinte em relação ao locutor, como um profissional semipoderoso (ERBOLATO, 1984), pelo fato de sua voz chegar diretamente à população, sem intermediários e com um grande poder de orientação. Prata (2009) busca também o conceito de olímpianos de Edgar Morin (1982) para os comparar com os locutores de rádio. Morin se refere aos olímpianos modernos que dominam a cultura de massa e, através de sua dupla natureza, intercalam tons divinos e humanos, circulando entre o mundo da projeção e o mundo da identificação. Nessa dupla natureza, eles “realizam os fantasmas que os mortais não podem realizar, mas chamam os mortais para realizar o imaginário” (MORIN, 1982, p.93).

Nesse olhar a partir de uma mitificação gerada ao longo das diversas fases do rádio, é possível constatar que, desde as emissoras mais populares até àquelas voltadas exclusivamente para o jornalismo (*all news* ou *talk and news*), o ouvinte sofre uma influência da familiaridade do apresentador no processo de decodificação da mensagem. Goffman (2008) afirma que o locutor sustenta com a sua audiência uma ilusão estimulada por seu tom de voz. A fala no rádio

é comumente uma fala espontânea, especialmente nas transmissões ao vivo. A tendência cada vez maior no rádio contemporâneo é de uma fala em tom coloquial, de conversa com os interlocutores e ouvintes, muito distante dos padrões formais da era de ouro radiofônica. “O locutor ostensivamente fala somente com a audiência como se cada ouvinte individual fosse único. Tenta-se a simulação de uma conversa a dois, como em uma conversa telefônica na qual ninguém pudesse responder do outro lado da linha” (GOFFMAN, 2008, p.305).

Um ponto essencial nessa intimidade entre locutor e sua audiência é o fato de o ouvinte estar habituado a uma hierarquia de vozes, como já vimos em Meditsch (2007). É na identificação das vozes que estão no ar que o ouvinte distingue o que deve ser acreditado enquanto informação jornalística. De acordo com Meditsch (2007, p.188), a intercalação de vozes sinaliza “mudanças de assunto e de procedência das notícias; os diversos timbres e situações acústicas informam sobre a identidade e o contexto dos falantes”.

Da maneira em que o repórter se enquadra como uma voz institucional de nível hierárquico intermediário na comunicação radiofônica, podemos considerar que seu prestígio perante o público é distinto de acordo com a natureza do meio de comunicação. Enquanto nos meios impressos o repórter age como protagonista da observação da realidade, nos meios eletrônicos a limitação da autonomia nessa observação ocorre diante da necessidade de imagens - caso da TV - e de sonoras com depoimentos de fontes ou testemunhos de populares - caso do rádio. O desenho da narrativa para cada meio influenciará no tempo de exibição de cada reportagem.

Embora a autonomia interpretativa do repórter radiofônico muitas vezes ocorra de forma mais limitada em relação ao profissional dos impressos, “a localização no tempo e espaço faz com que o trabalho do repórter em campo exija uma capacidade mínima de interpretação dos acontecimentos” (ZIMMERMANN, 2019, p.5). De acordo com Zelizer (2000, p.40), “os jornalistas não só se constituem como objetos dos relatos que dão, mas também como sujeitos de outros relatos que se baseiam em coberturas anteriores”. A pesquisadora entende que a autoridade do repórter/jornalista se constituiu muito pela sua presença nos acontecimentos, da autenticidade da testemunha ocular. “A associação, a presença e o ‘ter estado lá’ servem de justificação quando se fazem alegações de autoridade que se prolongam no tempo” (ZELIZER, 2000, p.41-42).

Zelizer lembra que até mesmo quando o jornalista não pode estar no local, consegue reivindicar para si a autoridade cultural, incorporando no discurso o conhecimento gerado pelos colegas de profissão que cobriram acontecimentos em tempos anteriores ao seu. É quando são relacionados os modos local e durativo como modos de interpretação da comunidade

jornalística fazendo com que repórteres e jornalistas, de um modo geral “posicionam o acontecimento crítico num *continuum* temporal mais amplo” (ZELIZER, 2000, p.42).

Esta interação entre repórteres, como a troca de experiências, saberes e truques, faz parte de uma camaradagem que valida o trabalho jornalístico pelo exame de colegas de outros veículos, em uma interação que passa tanto pela ajuda entre os membros da “tribo jornalística”, como também pela concorrência desenfreada (TRAQUINA, 2001). Da mesma forma, os novos repórteres passam por um processo de osmose por acumulação, baseado na experiência e nas transações diárias com colegas, fontes, superiores hierárquicos e textos jornalísticos (ERICSON; BARANEK; CHAN, 1987).

Na teoria etnoconstrucionista, citada por Traquina (2001), o processo de produção jornalística consiste na percepção, seleção e transformação do acontecimento bruto em notícia por parte do repórter. Nessa perspectiva em que a prática profissional e as rotinas produtivas possuem maior evidência, o processo de interação social ocorre, além da relação jornalistas e fontes, também entre os próprios profissionais, gerando uma comunidade jornalística. A estruturação social do campo jornalístico e as práticas profissionais evitam, de acordo com Traquina (2001), que as fontes oficiais dominem o processo de produção das notícias.

Já na perspectiva de parâmetros clássicos de objetividade jornalística, o trabalho do repórter busca reproduzir a realidade, esperando o acontecer dos fatos e estar na hora e no lugar em que eles acontecem para capturá-los e torná-los de conhecimento público (GUERRA, 2008). Essa condicionante para uma observação rigorosa e fidedigna exigiria a necessidade de presença para expressar a realidade de um fato, ao menos no entendimento do jornalismo como prática de mediação social, segundo Guerra.

Nesta relação entre notícia e fato através da mediação do repórter, Guerra (2008) destaca o cumprimento de três prescrições metodológicas: a intenção do repórter, o rigor na realização dos procedimentos de investigação e a redação da notícia. Ao nos atermos aqui à prescrição sobre o rigor nos procedimentos de apuração dentro do paradigma da objetividade, cabe destacar os procedimentos básicos apontados por Guerra (2008), que são a observação, a entrevista e a pesquisa documental.

A observação, que demanda a presença do repórter em contato direto com o fato, permite ao profissional constatar as ações decorrentes do acontecimento ou mesmo lhe garantir a permissão para descrever as principais características do ambiente (GUERRA, 2008). Ericson, Baranek e Chan (1987) veem a observação direta como um método que os repórteres empregam regularmente e que, em muitos acontecimentos acabam se valendo da soma de seu testemunho e das eventuais perguntas às fontes envolvidas por outros colegas jornalistas que

também estiveram no local. Essa “cooperação” como uma capacidade “não ensinada” mostra que há um discurso compartilhado entre os jornalistas enquanto comunidade interpretativa diante de interpretações coletivas de determinados acontecimentos-chave (ZELIZER, 2000).

A entrevista é o principal método usado pelos repórteres, segundo Ericson, Baranek e Chan (1987). Ao abordar uma entrevista com uma fonte, o repórter está procurando declarações informativas que sejam consistentes com a angulação pretendida para a matéria, segundo os autores. A entrevista, que se vale para obter informações ou opiniões sobre o fato, recorrentemente demanda complementos ou mesmo confrontação, especialmente no caso das entrevistas informativas com quem observou o fato. Essa confirmação das informações pode surgir através de outros entrevistados ou da pesquisa documental (GUERRA, 2008) a fim de comprovar a relação entre o documento e o fato.

Para Ericson, Baranek e Chan (1987), a pesquisa documental sempre foi objeto de relutância por muitos repórteres pelo fato de que usar um documento sozinho para escrever uma história envolve um trabalho interpretativo e difícil, já que nem sempre o jornalista detém o conhecimento especializado sobre o conteúdo do documento. A crescente utilização de documentos como apoio para o repórter na construção de uma matéria ocorreu, segundo os autores, diante da dificuldade de colher as informações fidedignas de várias fontes envolvidas no acontecimento.

Essa observação direta ao fato, citada por Guerra (2008) e também por Ericson, Baranek e Chan (1987), garantem a autoridade do repórter como testemunha ao ponto de reduzir um possível excesso de dependência das declarações das fontes e dos documentos pesquisados, ou ao menos lhe conceder a capacidade de narração como alguém que verificou determinadas nuances do fato. É a alegação de autoridade de ter estado lá, como lembrado por Zelizer (2000).

Em relação ao rádio, Meneses (2016, p.114) chega a afirmar que “reportagem é tudo aquilo que não pode ser feito em estúdio”, que seria feito no local onde os fatos acontecem, fora das redações e das dependências das emissoras. O que o autor expõe é, na verdade, o sentido do trabalho do repórter de rádio, que é apurar, investigar, mas em contato direto com as pessoas envolvidas, como uma testemunha privilegiada que teve o papel delegado pelos ouvintes. É claro que as reportagens em profundidade para o meio radiofônico atenderão a critérios diferenciados devido ao seu desprendimento parcial da atualidade, como veremos no capítulo 3 desta tese.

Neste sentido, é possível dizer que o apresentador, âncora ou profissional de estúdio, no topo da hierarquia de vozes, consegue enxergar um contexto mais amplo a partir de sua localização física, relacionando fatos anteriores, presentes e posteriores. Mas o repórter que

atua no ambiente externo adquire o privilégio de testemunha ocular dentro desta roda de interpretação. Enquanto um deles observa de perto o fato, o outro enxerga o contexto. A posição crítica sobre o fato narrado é compartilhada por ambos em posições de tempo e espaço distintas, mas vistas como complementares. A introdução, os fechamentos, as interrupções nas narrativas delegam o poder de direção sobre a veiculação da reportagem ao apresentador, como um “editor em tempo real” do módulo informativo. O repórter entra com o poder da descoberta, da revelação, da proximidade com o fato e com a capacidade de articular sua aproximação com o público através do discurso *in loco*, como o resultado de uma verificação sobre o acontecimento bruto (ZIMMERMANN, 2019). O processo de mediação discursiva poderá se inclinar alternadamente para aquele que detiver maior controle da equação entre fato e público, fazendo até com que seja alterada a ordem da hierarquia de vozes ou até mesmo o contrato de audiência. No entanto, a intervenção do ouvinte, cada vez mais reivindicador da coparticipação no processo, faz multiplicar as vozes na construção das mensagens, deslocando as posições dos enunciadores originais, como veremos a seguir.

### 2.3 DO OUVINTE-INTERNAUTA AO PAPEL DE OUVINTE-REPÓRTER

O desenvolvimento da chamada consciência cidadã antecede o renascimento tecnológico corporificado pela ascensão da web 2.0 e a proliferação de múltiplos canais e formatos de interatividade. No entanto, ainda pode ser considerado um avanço tardio diante da clarividência do dramaturgo alemão Bertolt Brecht na importância em transformar o rádio de meio de distribuição em meio de comunicação, onde deveria “não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele” (BRECHT, 2005, p.42). Os escritos de Brecht, entre 1927 e 1932, defendiam que o rádio fosse um meio interativo de comunicação, mas o próprio sistema econômico que o explorava limitou sua capacidade bidirecional. No entanto, aquele intercâmbio entre fonte e destinatário, proposto por Brecht, passa a surgir “de forma tímida no Brasil após um longo período de predominância de um radiojornalismo baseado em textos redigidos e curtas entrevistas editadas, que davam voz aos acontecimentos oficiais” (ZIMMERMANN, 2012, p.84).

Embora o rádio não seja exatamente um espaço de edição coletiva ou “código aberto”, como muitos blogs e outros espaços na web, também não é refém da rigidez de um veículo impresso ou até mesmo das limitações tecnológicas de mobilidade que a TV possui. Essa facilidade de se falar ao vivo no rádio normalmente levanta uma série de implicações, inclusive – possivelmente a principal – a questão da responsabilidade profissional. De um lado, o ouvinte

pode estar em lugares em que o repórter nem sempre chega, conhecendo até mais detalhes de um evento do que o próprio jornalista. Por outro lado, há uma dificuldade em se estabelecer um filtro nas participações do público a fim de reconhecer a veracidade dos fatos, entre os vários relatos por ouvintes-testemunhas do acontecimento.

Entretanto, Kischinhevsky (2011, p.7) lembra que normalmente o ouvinte é regulado por um conjunto de regras que abrange também “códigos de conduta e etiqueta transpostos da interação face a face para o *dial*, como a não-abordagem de assuntos-tabu”. No mesmo sentido, já constatamos em pesquisa anterior que a própria revelação da voz em público remete a responsabilidades previstas diante da queda do anonimato pelo uso da fala oral (ZIMMERMANN, 2012). Além disso, quanto maior o fluxo de participações contínuas, maiores as chances de que o conjunto da audiência expulse da programação todo e qualquer objeto estranho que afronte as cláusulas do que chamamos aqui de “contrato invisível de audiência”.

Mas para avançarmos na compreensão sobre a participação direta do ouvinte na programação jornalística das emissoras radiofônicas, é importante resgatar os conceitos de interação, interatividade e conversação. A interatividade, para Primo e Träsel (2006) é vista como base para a participação do usuário nos meios de comunicação tradicionais e digitais. Como o termo “interatividade” provém da indústria do software, torna-se tão elástico que acaba por se esvaziar sem nada explicar, segundo os autores. Já Rodríguez (2005) define a interatividade como a capacidade ou possibilidade de participação do usuário no meio, nos conteúdos e com outros usuários, refletindo bem o que ocorre atualmente nos espaços virtuais, na relação entre interagentes com conteúdos emitidos e emissores destes conteúdos. Rodríguez (2005), no entanto, distingue a interatividade de acordo com o nível de conversação estabelecido. Há, segundo a autora, a interatividade reativa, que corresponde ao diálogo mínimo, sem se converter exatamente em uma conversa, pois o usuário somente responde a uma proposta do emissor. Já a interatividade dialógica permite uma autêntica conversação entre os atores envolvidos, com os papéis de emissor e receptor se alternando sucessivamente. Rodríguez ainda considera a existência de uma interatividade de três vias, que é, na verdade, um caráter híbrido das duas anteriores.

Desta forma, a conversação se diferenciará da interatividade, já que não existirá conversa através de uma interatividade minimamente reativa. Neste sentido, a conversação está mais ligada às linguagens do que aos meios, como é o caso da interatividade. Já a interação pode estar mais ligada às ferramentas de participação, como entendem Ribeiro e Meditsch

(2006), defendendo que a participação do público na produção e emissão de conteúdo se dá muito mais pelas ferramentas interativas, sejam elas analógicas ou digitais.

Na relação com o rádio, Quadros e Lopez (2015, p.165) ainda apontam que interatividade e interatividade radiofônica soam como conceitos semelhantes, mas com aplicações diferentes em sua origem: “o primeiro é associado à informática e à internet, enquanto que o segundo se refere à comunicação por ondas sonoras. Em um cenário de convergência midiática, porém, em que mídias tradicionais se fundem às digitais, os conceitos parecem se mesclar”.

Sobre a interação radiofônica, Klöckner (2011, p. 127) a diferencia em três possibilidades:

- a) Completa: é a que oportuniza o diálogo direto e ao vivo, em circunstância equivalente de espaço e de tempo, com réplicas e trélicas; b) Parcial: estabelecida quando, igualmente no mesmo tempo e espaço, o ouvinte opina, pergunta, mas não conquista um lugar ou não se interessa pela réplica ou trélica; c) Reacional: ocorreria quando o ouvinte apenas reage a uma situação proposta no programa, sem que ele próprio exija ou obtenha uma resposta, como no caso de envio de e-mails e de torpedos à rádio que são apenas lidos no ar.

O autor, no entanto, alerta que devem ser consideradas algumas pré-condições para que haja interação radiofônica, como intenção de interagir, senso de oportunidade e atenção ao conteúdo.

Lopez (2010), por sua vez, lembra que foi o telefone que impulsionou a interação no rádio, mas a participação do público já vinha desde os tempos de auditório e cartas. Com a evolução tecnológica na virada do século, a expansão da interação para outras plataformas converteu o ouvinte comum em “ouvinte-internauta”, adicionando outros relevantes fatores em uma situação mista de hábitos de audiência e hábitos de interação. O fim da delimitação na definição dos papéis – entre quem fala e quem escuta – rearticula o processo comunicacional a partir das bases tecnológicas, ampliando a capacidade dialógica entre os atores envolvidos.

Ainda nos primórdios de uma concepção sobre o papel do usuário da web, Primo (2000) propunha dois tipos de interação: a interação mútua e a interação reativa. O autor considera que a interação mútua apresenta um complexo de relações que ocorrem entre os interagentes, operando em um sistema aberto, composto por elementos interdependentes, voltados para a evolução e o desenvolvimento. O contrário ocorre com a interação reativa, de relações lineares e unilaterais, onde “o sistema não percebe o contexto e, portanto, não reage a ele” (PRIMO, 2000, p.7). Um exemplo é o *podcast*, onde não há condições técnicas de interação imediata e interferência do ouvinte no conteúdo, já que o mesmo é um arquivo de áudio fechado.

Essa forma de interatividade entra em via contramão ao próprio rádio hertziano contemporâneo, onde as reações mútuas tornam-se cada vez mais frequentes. A própria concepção dos chamados gêneros ciberradiofônicos de Cebrián Herreros (2008) já contemplaria a entrada dos usuários no desenvolvimento do seu conteúdo jornalístico.

Em uma proposta posterior, Quadros e Lopez (2015) classificam a interatividade do ouvinte-internauta em dialógica, como uma forma de troca comunicacional que vai além do conteúdo sonoro: a interatividade dialógica simples, que ocorre fora do ar, incluindo as plataformas digitais; a interatividade dialógica ampliada, que inclui o registro sonoro, seja com menção no ar pela emissora ou até mesmo pela voz do ouvinte; a interatividade dialógica imediata, que ocorre de viva voz e simultânea à programação sonora. Essa nova proposta de classificação, somada a outras anteriores como as finalidades das participações, de Herrera-Damas (2002) e a relação com a retórica, de Klöckner (2011), ampliam os caminhos para um avanço na reconfiguração das interações em diferentes formatos e suportes jornalísticos no rádio.

Sobre a forma que o ouvinte interfere no conteúdo jornalístico em uma emissora de rádio, Pessoa (2016) aborda os conceitos de ouvinte pauteiro, ouvinte entrevistado, ouvinte repórter e ouvinte comentarista. O ouvinte pauteiro é cada vez mais comum no rádio, já que as próprias emissoras estimulam esse tipo de participação, segundo a autora. É um ouvinte que colabora sugerindo pautas que podem se tornar matérias. O crescente uso das redes sociais e dos aplicativos de mensagens instantâneas facilita a participação dos sujeitos que, ao compartilharem suas experiências cotidianas para o radiojornalismo, exercem um papel de cidadão, especialmente em temáticas sobre prestação de serviços e direitos do consumidor. O ouvinte entrevistado faz parte das reportagens que utilizam as falas de pessoas comuns, segundo Pessoa (2016). Acontece em muitos casos que o ouvinte pode ser a testemunha de um acontecimento ou até mesmo uma fonte para determinada matéria. O ouvinte repórter, para a autora, satisfaz uma necessidade mais urgente do jornalista de rádio, que não pode estar em todos os lugares o tempo inteiro, então conta com a participação de algum ouvinte que relata no ar o que ocorre em suas imediações, muito comum em situações localizadas do trânsito. “A apuração das informações e a entrada no ar, ao vivo ou gravada, centradas nos processos jornalísticos, são, temporariamente, postas como uma atividade do ouvinte. O jornalista, por sua vez, [...] tem sua atuação deslocada” (PESSOA, 2016, p.364). Já o ouvinte comentarista é alguém constantemente estimulado a dar sua opinião sobre assuntos destacados pela emissora. Essa experiência já vem dos tempos do telefone fixo e atualmente funciona como mensagem

gravada via aplicativos de mensagens. “Em poucos segundos o ouvinte é o dono do espaço opinativo” (PESSOA, 2016, p.365).

O termo “ouvinte-repórter”, cunhado a partir de uma reportagem publicada na revista *Veja* São Paulo em 1993, refletia a participação ativa do ouvinte no rádio, de qualquer local, logo após a chegada do telefone celular (PARADA, 2000). Como já sugerido durante a cobertura radiofônica de desastres, o ouvinte-repórter poderia auxiliar também na apuração dos fatos, ao invés de somente testemunhá-los (ZIMMERMANN, 2012). Como o morador e ouvinte está em locais onde o repórter não está e conhece os detalhes específicos do acontecimento que o circunda, seria natural que também pudesse assumir responsabilidades de coleta, organização e fornecimento de informações sobre suas comunidades às emissoras de rádio. O compartilhamento de responsabilidades, no entanto, não retiraria do rádio a obrigação do controle da apuração e da verificação dos fatos, inclusive mantendo-lhe o papel de mediador durante as intervenções do público.

Enfim, a participação do ouvinte no ar em uma programação jornalística e, a possibilidade de o ouvinte-internauta interferir diretamente no conteúdo, faz vislumbrar uma maior ocupação do vazio deixado pela eventual escassez de acesso às fontes oficiais, além de evitar a redução da agenda pública a uma agenda institucional, dominada apenas pelos poderes e instituições. E a reportagem radiofônica no rádio contemporâneo se insere nesse contexto, ao possibilitar que seu habitual modelo predominantemente difusionista consinta que o cidadão comum interfira e estabeleça novos elos entre as vozes partícipes e a audiência passiva.

### 3 A REPORTAGEM NO RÁDIO CONTEMPORÂNEO

Para compreendermos a reportagem radiofônica dentro da contemporaneidade é preciso detalhar uma linha histórica da reportagem desde sua concepção até os dias atuais, além das transformações e o impacto das novas tecnologias no formato. Também relevante é a discussão sobre a sua localização enquanto gênero jornalístico, além dos novos estudos sobre reportagens radiofônicas na web e nas plataformas digitais, com novas experimentações do aproveitamento do áudio como conteúdo jornalístico. Este capítulo apresenta e articula pesquisas que tratam da reportagem jornalística, da reportagem radiofônica e de conceitos próprios das mídias e da mídia radiofônica na web, como propagabilidade, engajamento e o processo de integração hipermediática.

#### 3.1 REPORTAGEM NO AMBIENTE HERTZIANO

A reportagem radiofônica está presente no cotidiano da programação das emissoras no rádio brasileiro apresentada de formas diversas, como boletim de reportagem, reportagem contextualizada, reportagem especial (seriada ou em módulo único) ou grande reportagem. Em emissoras com programação mista (jornalismo e musical, por exemplo) ainda há o predomínio da reportagem apresentada sob forma de boletim. Normalmente essa forma de transmissão é compacta, com duração inferior a três minutos, onde o repórter apresenta de forma gravada, ao vivo ou mista, um apanhado geral e resumido de informações sobre um acontecimento, podendo incluir sonoras, entrevistas curtas e outras percepções sobre o fato narrado.

Já nas emissoras *all news* há, além dos boletins, uma maior inserção de reportagens contextualizadas e, em menor escala, de reportagens especiais. Nas reportagens chamadas “contextualizadas” haveria um aprofundamento maior em relação aos boletins, normalmente com a confrontação de fontes de informação e um maior detalhamento sobre o acontecimento, inclusive buscando uma explicação para os fatos além dos parâmetros do imediatismo comum do *breaking news*. Nas reportagens especiais, o contexto envolve causas e consequências sobre o assunto que vão muito além do fator atualidade, conforme veremos com mais detalhes em seguida.

Quanto ao modelo de grande reportagem, é inevitável que haja dificuldades em distingui-lo do formato “documentário radiofônico” devido ao seu grau mais elevado de aprofundamento e de esforço em pesquisa e recursos de produção. Assim, é comum que ambos estejam mais presentes em emissoras de rádio educativas ou universitárias, como uma espécie

de laboratório para produção acadêmica. Nas emissoras comerciais, são modelos mais presentes em horários de desaceleração, como na programação dos finais de semana.

No entanto, para compreendermos a dinâmica e a estrutura das reportagens radiofônicas é necessário conhecermos a conceituação de reportagem jornalística, seus procedimentos e sua tipologia. Na etapa a seguir, verificamos a articulação entre as técnicas e as teorias do jornalismo que sustentam a concepção do formato.

### 3.1.1 Conceitos de reportagem

Embora o formato reportagem radiofônica tenha diferenciais em relação àquele aplicado nos outros meios de comunicação além da duração do tempo e da compactação da narrativa, como linguagens, possibilidades de interação e contextos de recepção, algumas similaridades podem ser observadas como “regra geral” para os mais diversos meios, reestabelecendo a relação com características originais do formato jornalístico. Retomamos aqui, então, alguns conceitos sobre a reportagem e sua prática nos mais diversos meios de comunicação.

De acordo com Otto Groth (2011, p.379, grifo do autor), “a reportagem é sempre um *serviço externo* [...]. Ela obtém o seu material necessariamente fora da sede da redação em uma ligação mútua, ativa e direta com o mundo exterior”. Isso significa que, mesmo que a produção final do material ocorra em estúdios e redações, é nas ruas que a reportagem deve ser concebida.

Os escritos clássicos do pensador alemão remetem a um período anterior às facilidades dos trabalhos internos das redações, especialmente no uso da web como forma de apuração preliminar dos fatos, mas traz ainda para os dias atuais a necessidade de o repórter estabelecer esse contato com os espaços externos, locais dos principais acontecimentos. “Para o repórter, o primeiro passo é entrar em contato com o mundo exterior, ir ao local do acontecimento e então lá [...] obter a chance de entrar e conseguir o material” (GROTH, 2011, p.379).

O termo reportagem normalmente é compreendido, no mínimo, de forma dupla: vale como uma função ou prática profissional como também um gênero ou um formato jornalístico. Baseando-se nas afirmações de Otto Groth, de que a reportagem parte da experiência pessoal do repórter no acontecimento, podemos considerar a aproximação feita por Kovach e Rosenstiel (2003) e Godinho (2021) a respeito dos escritos de Tucídides sobre a Guerra do Peloponeso, no quinto século antes de Cristo, como uma narrativa com certas características da reportagem contemporânea. O que pesa na comparação é a razão de os acontecimentos serem descritos pela presença do narrador. Nesta tentativa de definir o conceito de reportagem, Godinho (2021)

aponta o fato de os acontecimentos relatados terem sido observados diretamente pelo repórter ou através do depoimento de testemunhas oculares, gerando maior autenticidade ao trabalho. Há, nesse sentido, um fator predominante na função do repórter, lembrado por Kovach e Rosenstiel (2003, p.112), que é a disciplina da verificação do jornalista, que “consiste, entre outras práticas, em procurar várias testemunhas de um fato, descobrir novas fontes, indagar sobre os lados de uma questão”.

Para Lage (2001), a reportagem faz parte da categoria de informação jornalística, que normalmente é mais extensa, mais completa, mais rica na trama de relações entre os universos de dados quando comparada com a notícia. O autor entende que, enquanto a notícia típica revela um fato e está presa à emergência do evento que a gerou, a informação jornalística típica, tal qual a reportagem, dá conta de um estado-de-arte, isto é, da situação momentânea em determinado campo de conhecimento. Assim, na visão do autor, a reportagem irá decorrer de uma intenção e de uma visão jornalística dos fatos, fazendo com que obrigatoriamente seu grau de profundidade seja maior.

Em outro momento, Lage (1985) observa a diferença entre reportagem e notícia de acordo com sua estruturação. A espinha dorsal da narrativa da reportagem seria a organização dos eventos em sequência na mesma ordem em que teriam ocorrido, no tempo. Na notícia, os eventos estariam ordenados pelo interesse ou importância decrescente, a partir do evento principal da série, através do *lead*. A estrutura do texto da reportagem, no entanto, dependerá do ângulo que será estabelecido a partir da pauta.

A distância entre reportagem e notícia estabelece-se, na prática, a partir da *pauta*, isto é, do projeto de texto. Para as notícias, as pautas são apenas indicações de fatos programados, da continuação (suíte) de eventos já ocorridos e dos quais se espera desdobramento. [...] Reportagens supõem outro nível de planejamento. Os assuntos estão sempre disponíveis [...] e podem ou não ser atualizados por um acontecimento. [...] A pauta deve indicar de que maneira o assunto será abordado. (LAGE, 1985, p.47, grifo do autor).

Jorge Pedro Sousa (2001), por sua vez, entende que se a notícia é o gênero básico do jornalismo, a reportagem é o seu gênero nobre, o gênero jornalístico por excelência. Tanto é que o autor considera a reportagem como um verdadeiro gênero híbrido do jornalismo, que pode abrigar elementos da entrevista, da notícia, da crônica, dos artigos de opinião, da análise e outros. Na busca por elementos de observação direta, “a reportagem é um espaço apropriado para expor causas e consequências de um acontecimento, para o contextualizar, interpretar e aprofundar, mas sempre num estilo vivo, que aproxime o leitor do acontecimento, que imirja o leitor na história” (SOUSA, 2001, p.259).

A informação importante, para Abramo (1989), é sempre a informação vertical, de profundidade. Embora preferisse não definir claramente o conceito de reportagem, o autor a compreende como uma narrativa, fruto de uma observação.

Ela depende muito do poder de observação do narrador, da maneira de transmitir essa observação em palavras e de saber concatenar bem a forma de expressá-la. Uma observação cuidadosa não é necessariamente uma boa reportagem. Mas uma reportagem é necessariamente o fruto de uma observação cuidadosa (ABRAMO, 1989 p. 111).

Uma das características tradicionais mais lembradas para a reportagem nos meios impressos é a profundidade, a necessidade de ser o mais abrangente possível sem deixar de ser atual. Na visão de Sodré e Ferrari (1986), não é questão de dispensar o quesito atualidade, mas de não ficar refém do imediatismo que determina a notícia: “a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.18). Para Machado (2012), a reportagem exigirá sempre um conhecimento maior por parte do jornalista a respeito do assunto ou acontecimento que será tratado:

A reportagem é uma técnica de informação que exige investigação. Não existe conhecimento profundo se não houver uma investigação detalhada do acontecimento a relatar. Praticar a reportagem é submeter o jornalista a um incessante trabalho de campo e pesquisa. A reportagem alude a ações verdadeiras, o seu objetivo é contar um acontecimento, dá-lo a conhecer na íntegra, fazer entender essa mesma realidade (MACHADO, 2012, p.4).

Além do conhecimento necessário por parte do profissional, Faro (2013) lembra a questão do compromisso público que o repórter deve possuir, com toda a amplitude social de seu ofício, já que há uma perspectiva vertical com que os fatos necessitam ser narrados, garantindo sua inserção nos processos de partilhamento simbólico. Assim, a reportagem emerge como um “relato que aborda um acontecimento para o qual a sensibilidade dos repórteres e dos editores percebe a potencialidade de uma história que mereça ser narrada em todas as suas dimensões”, que é a razão de ser da imprensa, com “apuração, checagem das fontes, confronto de informações, contextualização e competência descritiva do profissional” (FARO, 2013, p.77).

Como já afirmou Lage (2001), que o ponto de partida para uma notícia é a revelação de um fato e que a reportagem partiria de uma intenção e de uma visão jornalística dos acontecimentos, consideremos então que uma reportagem estará sujeita a uma preparação com certa antecedência. Para Sousa (2001), a reportagem não costuma sofrer tanto as pressões como

a notícia e necessita do tempo adequado para que o jornalista possa estudar o tema, procurar informações, fazer contato com as fontes e ainda planejar seu enquadramento.

Para compararmos as diferenças entre revelar um fato ou partir de um certo grau de intencionalidade para a cobertura do acontecimento, precisamos retornar um pouco a algumas questões relacionadas aos critérios de noticiabilidade e à concepção de valor-notícia. Na compreensão sobre a pauta dentro do processo de constituição de uma reportagem, vale abordar um dos principais saberes na atividade do jornalista, segundo Ericson, Baranek e Chan (1987), que é o saber de reconhecimento. Os pesquisadores definiram três competências para o jornalismo, que são o saber de reconhecimento, o saber de procedimento e o saber de narração. O primeiro é a capacidade de reconhecer quais são os acontecimentos que possuem valor como notícia, que é o momento em que o jornalista mobiliza os critérios de noticiabilidade (TRAQUINA, 2001). Já o saber de procedimento está diretamente relacionado à apuração do repórter, enquanto o saber de narração consiste na organização da narrativa jornalística.

A atribuição de protagonismo aos repórteres na concepção sobre as ideias para as pautas das reportagens, situação verificada nos estudos de Ericson, Baranek e Chan (1987), revela que a competência do reconhecimento do valor-notícia - ou valor-reportagem, como podemos arriscar a sugerir aqui – está muito mais presente em quem normalmente vivencia ou se aproxima mais do acontecimento antes de narrá-lo. As idealizações do que será transformado em reportagem “originam-se de uma inquietação, uma dúvida ou curiosidade própria sobre um ponto específico, uma perplexidade, mas sempre se orientam por uma questão mais ampla, atendendo ao critério estrutural jornalístico do interesse público” (MOSER, 2021, p.265).

Podemos então entender que é mais comum que a pauta das notícias cotidianas é mais alheia às intenções do repórter se comparada ao processo de planejamento de uma reportagem. Sponholz (2009) lembra que o acontecimento jornalístico é notícia, mas nem toda notícia se refere a um acontecimento jornalístico, justamente porque os repórteres estão mais habituados a cobrir assuntos previsíveis que não rompem com alguma continuidade. É onde o acontecimento jornalístico se diferenciará dos inúmeros acontecimentos brutos em função de uma classificação ou de uma ordem ditada pela lei das probabilidades (RODRIGUES, 1999). Nesta reorganização de fatos isolados uns dos outros, o repórter encontra o espaço para formular o elo entre fragmentos dos acontecimentos que não se explicam por si sós. Desta forma, enquanto a notícia advém de escolhas sobre fatos de menor controle por quem as informa, na “reportagem em profundidade quem reporta exerce um papel ainda mais central e determinante no saber de reconhecimento” (MOSER, 2021, p.271).

Muitos fatos noticiáveis são baseados em um rompimento mais brusco do *continuum* da repetibilidade do cotidiano trivial, o que os valora dentro do processo de seleção como notícia dentro do critério da imprevisibilidade. A atenção do público, nesses casos, é atraída por aquilo que é inesperado e raro (GALTUNG; RUGE, 1999). Assim, peguemos um exemplo trazido pelo investigador canadense Paul Stryckman (1993), que analisou a cobertura pela imprensa do Canadá de duas secas que afetaram o Saara nas décadas de 1970 e 1980. As secas são acontecimentos lentos que dificilmente irrompem em um dado momento temporal, o que, sem um momento crítico, tornaria mais complexa a sua apreensão pelos parâmetros clássicos da noticiabilidade jornalística (PONTE, 2005). Para Stryckman (1993), a ausência de uma marca forte ou de um momento chocante tornam invisíveis alguns sinais precursores que permitiriam anunciar ao público a urgência do acontecimento. Da mesma forma, dificultam a apreensão do fenômeno como um valor-notícia considerável para os jornalistas. Certamente, os vários acontecimentos curtos dentro do grande e longo acontecimento da seca virariam notícia, mas a cobertura sobre a seca em si partiria de uma intenção e de um planejamento com o tempo adequado de antecedência, típico das reportagens, como já citado aqui.

Seria nesse ponto que o tempo do acontecimento, como valor-notícia clássico de Galtung e Ruge (1999), se evidenciaria como fator determinante para a opção entre a elaboração de uma notícia ou uma reportagem. No entanto, Sousa (2001) adverte que a abundância de informações e as constantes alterações de circunstâncias do assunto escolhido não podem obscurecer a história que deverá ser contada e os dados cruciais que merecem ser revelados. “O jornalista também não pode perder de vista o foco da reportagem. [...] Tem de estabelecer limites para a reportagem: temporais, espaciais, documentais” (SOUSA, 2001, p.264).

Após a definição da pauta e de reconhecer os acontecimentos com valor-notícia, entra o domínio sobre a apuração, definido por Ericson, Baranek e Chan (1987) como o saber do procedimento. É onde, segundo Traquina (2001), o repórter precisa saber quem contactar, que perguntas fazer, que elementos pesquisar e recolher. Normalmente o repórter tem um recurso cultural pronto para determinar a importância das fontes e sua organização hierárquica, já que as declarações de fontes e testemunhas muitas vezes são a única base factual para a reportagem (ERICSON; BARANEK; CHAN, 1987). A entrevista, a pesquisa documental, a observação direta ao acontecimento, a verificação e a checagem fazem parte da apuração que constituem a competência de procedimento tratada pelos pesquisadores. Moser (2021), em sua tese doutoral, inclui a documentação dentro do processo de pesquisa exploratória e planejamento da reportagem, como também destaca a seleção de fontes na etapa de elaboração de um plano de

ação, mas ambas as competências estão inseridas no saber de procedimento. A pesquisadora elenca para a apuração em uma reportagem, entre outras categorias, a busca por evidências e pelo contraditório, a convivência com os personagens envolvidos na história e a confrontação de dados. É claro que a meticulosidade no avanço de tais atributos é mais comum em reportagens em profundidade e nem sempre podem estar presentes nas coberturas rotineiras do cotidiano, atreladas ao fator tempo, muito mais presente em tempos de web.

No entanto, a existência de procedimentos específicos garante uma maior aproximação com a realidade, impedindo transgressões de uma perigosa fronteira entre realidade e ficção, como alerta Traquina (2001). Dentro deste aspecto, os elementos objetivos dos fatos devem estar presentes e até nortear a realização da reportagem jornalística, o que evitaria um suposto flerte da história narrada com elementos ficcionais, segundo Faro (2013):

A narrativa jornalística de alta densidade investigativa é uma história que se desenrola em torno de elementos objetivos que se mesclam com a subjetividade do repórter, fato que a distingue de outras formas de narrar. Ela supõe um conjunto racional de causalidades e um outro conjunto racional dedutivo e criador em torno da massa de acontecimentos que explicam seus efeitos, painel com o qual o profissional estará irremediavelmente comprometido já que a ele não é permitida a evasão do real ou a reinvenção da realidade como acontece com o ofício da criação ficcional; mas também a ele não é dada a prerrogativa de ignorar a potencialidade e a intensidade dramática dos fatos. (FARO, 2013, p.78).

Desta forma, se os procedimentos de apuração devem garantir a aproximação máxima com a realidade, a distância entre fato e ficção também precisa ser observada na estrutura narrativa da reportagem. O saber da narração, como terceira competência apontada por Ericson, Baranek e Chan (1987) pressupõe o domínio sobre a linguagem jornalística, independentemente do meio utilizado para veiculação. Para Traquina (2001), a narrativa noticiosa possui um padrão de continuidade que permite o reconhecimento por parte das audiências. Tal procedimento “consiste na capacidade de compilar todas essas informações e *empacotá-las* numa narrativa noticiosa, em tempo útil e de forma interessante” (TRAQUINA, 2001, p.119, grifo do autor). O saber da narração envolve o processo de produção, incluindo a edição, que a depender do meio de comunicação, se estende à forma de veiculação ou publicação do conteúdo. Ericson, Baranek e Chan (1987) explicam que a edição não é uma parte discreta da criação de notícias ou no desenvolvimento de reportagens porque os seus aspectos já vão ocorrendo ao longo de todo o processo.

Nesta questão pertinente à forma, a reportagem jornalística normalmente é marcada por uma maior riqueza textual, permitindo uma certa dose de criatividade no enfoque do tema e na redação do texto (MACHADO, 2012), mesmo que não fique presa “em uma só estrutura

textual, em uma só temporalidade, em uma só perspectiva do autor, em um só estilo, uma plataforma midiática, em significações demarcadas, em um só método de apuração” (GONÇALVES; SANTOS, 2014, p.13).

Neste sentido, Sodr e e Ferrari (1986) apontam o texto impressivo, a predominância da narra o, a factualidade da narrativa e a humaniza o do relato como principais características da reportagem. Da mesma forma, Künsch (2005) enxerga na reportagem um texto não burocrático, que tem o objetivo de alcançar maior fluência e eficiência da linguagem através da humaniza o do relato e da constru o criativa do texto.

Adelmo Genro Filho (1987), em sua obra *O Segredo da Pirâmide: Para uma Teoria Marxista do Jornalismo*, se refere   reportagem jornalística como um formato em que a particularidade tenha autonomia em rela o aos aspectos singulares do acontecimento. De forma um pouco diferente do que o pesquisador defende sobre a notícia, onde um fato   apreendido pelo ângulo de sua singularidade e busque sua contextualiza o pelo particular, na reportagem “a singularidade atinge a particularidade sem, no entanto, superar-se ou diluir-se nela” (GENRO FILHO, 1987, p.208). Assim, a particularidade   aut noma, não servindo apenas como um contexto de conexões e de significa o do singular, como o próprio autor defende para o processo de constru o da notícia, que deveria ser construída como uma pirâmide em p , no inverso da pirâmide invertida, partindo do singular, para o particular e em dire o ao universal. Os fatos específicos precisam se confrontar continuamente com o contexto. Isso significa que a pirâmide manteria a proposta de se postar de p  em uma reportagem, mas ao invés de se limitar a utilizar uma pequena história de vida como algo simbólico e representativo em sua introdu o, todos os aspectos singulares que são captados em um fato poderão entremear os elementos que os contextualizam, em dire o a uma significa o maior e universal.

Quanto   classifica o das reportagens, formulada com prioridade para os meios impressos, o pesquisador português Jorge Pedro Sousa (2001, p.260-263) aponta a seguinte distribui o:

Quadro 1: Classifica o das reportagens, segundo Jorge Pedro Sousa:

Quanto � origem:	<b>Reportagem de rotina</b>	� do dia a dia, geralmente agendada na véspera ou no próprio dia.
	<b>Reportagem imprevista</b>	Sobre um acontecimento imprevisto.

	<b>Reportagem planejada</b>	É agendada e planejada com antecedência.
Quanto à <b>enunciação:</b>	<b>Reportagem na primeira pessoa</b>	Escrita na primeira pessoa, evidencia a perspectiva pessoal do repórter sobre a realidade abordada.
	<b>Reportagem na terceira pessoa</b>	Repórter assume uma perspectiva de observador externo da realidade.
Quanto ao <b>tipo:</b>	<b>Reportagem de acontecimentos</b>	O tema central é um acontecimento, mas é focada também à sua conjuntura, às possíveis consequências, às pessoas envolvidas, etc.
	<b>Reportagem de personalidade</b>	O tema central é uma pessoa, podendo também ser uma reportagem biográfica.
	<b>Reportagem temática</b>	É sobre um determinado tema central, como esportes, viagens, economia, etc.
	<b>Reportagem mista</b>	Integra em uma única peça vários elementos dos tipos anteriores.
Quanto ao <b>tamanho:</b>	<b>Reportagem curta</b>	De pequena dimensão.
	<b>Grande reportagem</b>	De grande dimensão.
Quanto às <b>características estéticas e formais:</b>	<b>Reportagem narrativa</b>	O jornalista conta uma história.
	<b>Reportagem descritiva</b>	Caracterizam pessoas, acontecimentos, fenômenos, objetos, lugares.
	<b>Reportagem explicativa</b>	Explica um fato de difícil compreensão.
	<b>Reportagem de citações</b>	Baseia-se em citações de terceiros.
	<b>Reportagem mista</b>	Integra em uma única peça vários elementos dos tipos anteriores.
Quanto à <b>linguagem:</b>	<b>Reportagem informal</b>	O jornalista usa uma linguagem informal, coloquial. Frequentemente, recorre-se ao humor.
	<b>Reportagem formal</b>	Utiliza uma linguagem formal.
	<b>Reportagem técnica</b>	Reportagem especializada que recorre a vocabulário técnico.

Fonte: elaborado pelo autor a partir de referências de Sousa (2001).

Sousa (2001) adverte, no entanto, que esta classificação não deve ser entendida como um sistema rígido. Para o autor, algumas das reportagens podem ter características mistas ou híbridas, ou ainda se situarem nas fronteiras entre essas modalidades.

Em outra divisão clássica na tipologia sobre reportagens, Martínez Albertos (1983) e Sodré e Ferrari (1986) apontam três tipos principais: a reportagem de fatos (*fact-story*), a reportagem de a o (*action-story*) e a reportagem documental (*quote-story*).

De acordo com Sodré e Ferrari (1986), a reportagem de fatos   objetiva e utiliza a pirâmide invertida, iniciando pelo fato principal, tal como na notícia. O tempo segue normal na *fact-story*, pois está submetido   sucessão de importância dos critérios da pirâmide invertida. Martínez Albertos (1983) diz que   como se o jornalista escrevesse sua reportagem de fora do evento, como um observador que contempla o objeto de sua história como um todo acabado.

A reportagem de a o pode seguir a ordem cronológica de acontecimentos, mas começa pelo fato mais atraente. Na *action-story* o tempo   acelerado, pois a intensidade está centrada apenas nos detalhes que se refiram   a o, segundo Sodré e Ferrari (1986). O importante nesse tipo de reportagem   que o desenrolar dos acontecimentos envolva o espectador. “O repórter participa da a o e deixa de ser um mero observador, para tornar-se parte da narrativa” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.52). Nesse tipo de reportagem, o jornalista oferece uma visão dinâmica dos acontecimentos que narra: ele “os conta de dentro, seguindo o ritmo de sua evolu o, como viver o processo de desenvolvimento na linha temporal” (MARTÍNEZ ALBERTOS, 1983, p.355, tradu o nossa)<sup>8</sup>.

Já a reportagem documental utiliza um texto objetivo com cita es que complementem e esclareçam o assunto tratado, como as reportagens investigativas e grandes reportagens. Há alternância entre a acelera o e o retardo do tempo na *quote-story*, características comuns presentes no gênero literário (SODRÉ; FERRARI, 1986). Martínez Albertos (1983), por sua vez, refere-se   *quote-story* como uma reportagem com cita es ou com entrevistas, mas também com valor documental. O pesquisador ainda acrescenta um quarto tipo, denominado de reportagem curta, mas que d  mais ênfase a detalhes ambientais e interesse humano.

Coimbra (2004) divide as reportagens em dissertativa, narrativa e descritiva. O autor se apoia na divisão estrutural do texto, pertencentes às matrizes de g neros linguísticos (GUIMARÃES, 1990). A reportagem dissertativa apresenta um raciocínio explicativo. A reportagem narrativa não se apoia em um raciocínio exposto, mas relata os fatos organizados

---

<sup>8</sup> (El periodista) los cuenta desde dentro, siguiendo el ritmo de su evolución, como viviendo el proceso de desarrollo en la línea temporal.

cronologicamente. E a reportagem descritiva trabalha com fragmentos descritivos, que podem ser um detalhe ou uma informação sobre o personagem, o objeto, etc.

Outra classificação possível vem da pesquisa de Kindermann (2005, p.5-6), que analisou 32 reportagens do Jornal do Brasil no ano 2000, chegando a quatro subgêneros: como aprofundamento da notícia, onde parte-se de um fato gerador e segue para os desdobramentos; a partir de entrevista, como técnica de coleta de informações; de pesquisa, como principal fonte de informações; de retrospectiva, normalmente como um retrospecto histórico em ordem cronológica crescente ou decrescente. Na análise de Kindermann, houve uma predominância da reportagem como aprofundamento da notícia que, segundo a autora, se justifica pela tendência a se caracterizar a reportagem como uma notícia ampliada.

Ainda entre as várias tipologias comumente utilizadas por diversos pesquisadores sobre a reportagem jornalística, Machado (2012) confere a tipologia na imprensa escrita portuguesa da seguinte forma:

Quadro 2: Classificação das reportagens, segundo Liliana Machado:

<b>Reportagem objetiva</b>	Descreve os fatos, mas não se expande muito quanto à linguagem.
<b>Reportagem interpretativa</b>	Faz a interpretação e a análise dos fatos e dos acontecimentos em uma história.
<b>Reportagem argumentativa</b>	Apresenta uma atitude de persuasão e de opinião. Argumenta ideias e motivos.
<b>Reportagem no local</b>	Atua contra a banalização da informação. Dá vitalidade a uma crônica local.
<b>Reportagem quente</b>	É imediata sobre os acontecimentos imprevistos e previstos, aproveitando o “calor do momento”.
<b>Reportagem morna</b>	Ocorre em três fases: quando o acontecimento eclode e vira notícia urgente; quando busca explicações e contextualização sobre o fato; pelo acompanhamento diário quando o acontecimento perdura.
<b>Reportagem fria</b>	Diz respeito aos acontecimentos previstos.
<b>Reportagem de revista</b>	Trata o acontecimento ou tema já conhecido e abordado, oferecendo novidade no conteúdo.
<b>Reportagem de “sequência”</b>	É desenvolvida algum tempo depois do acontecimento. Surge na sequência do acontecimento ou, até mesmo, de outras reportagens.
<b>Reportagem intemporal</b>	Aborda a atualidade nunca escaldante, mas muito perto, sempre de boa temperatura. Pode-se dizer que se coloca entre o interessante e o secundário.

<b>Reportagem realocada</b>	Quando um acontecimento em nível nacional ou até internacional oferece a ocasião perfeita para uma reportagem local.
<b>Reportagem novelística</b>	Pode mesclar realidade e ficção, como uma modalidade do jornalismo literário.

Fonte: elaborado pelo autor a partir de referências de Machado (2012).

A variedade dentro das classificações apresentadas aqui, se somadas a outras tipologias existentes de acordo com a prática jornalística de diferentes países, demonstra que a reportagem transita preferencialmente entre a informação e a interpretação dos fatos, conforme abordaremos de forma mais específica neste trabalho.

Além da questão da profundidade, tratada de formas diversas pelas várias tipologias, há uma questão fundamental para decidir se uma reportagem terá as condições adequadas para a contextualização dos fatos e se desprender das amarras da tradicional objetividade jornalística: o espaço destinado à reportagem, seja pela quantidade de páginas no impresso, pela duração do tempo no rádio e na tv ou mesmo pela importância que o site de notícias lhe dará, apesar de sua ilimitada dimensão na web. Já exposto por Sousa (2001), a classificação quanto ao tamanho entre reportagem curta e grande reportagem irá definir sua dimensão e conseqüentemente seu grau de aprofundamento e amplitude dos fatos geradores da informação.

Mais comum nos meios impressos, na tv e na web, a grande reportagem oferece maior vazão ao interpretativo do que ao meramente enunciativo. Para Cremilda Medina (1988), as grandes reportagens se alastraram pelos semanários através do jornalismo interpretativo. Lobato (2016, p.72), ao considerar a atualidade dos conceitos, destaca esse tipo de reportagem em profundidade como algo que se apresenta de maneira alinear<sup>9</sup> com quatro grandes características já observadas por Medina (1988): a ampliação das informações imediatas, presentes na notícia; a individualização de um fato social por meio de um perfil representativo – humanização da história; a ampliação do fato imediato no seu contexto e a reconstituição histórica do fato. Essas características geram uma amplificação da notícia ao recorrer à presença de personagens que fazem uma conexão referencial com o mundo (LOBATO, 2016).

De acordo com Sousa (2001), além de a grande reportagem poder ocupar várias páginas de um jornal ou de uma revista, pode ser subdividida em várias peças menores, o que facilita a leitura e permite ao leitor ir direto aos subtemas que mais lhe interessam. Martínez Albertos (1983) contribui com a análise, ao observar, mesmo antes da era da internet, que a

---

<sup>9</sup> O termo “alinear”, como algo não linear, é utilizado por Medina (1988) mesmo em período anterior à internet, ao se referir às reportagens em profundidade dos meios impressos.

grande reportagem já havia saltado da revista gráfica para o jornal diário, através de uma série de adaptações inteligentes e com a preocupação com novos conceitos como antecedentes, análise, contexto, entre outros. Aliás, a grande reportagem nos meios impressos transformou os especiais multimídias em seus grandes herdeiros na web, segundo Longhi (2010, p.153), que os define como uma “grande reportagem constituída por formatos de linguagem multimídia convergentes, integrando gêneros como a entrevista, o documentário, a infografia, a opinião, a crítica, a pesquisa, dentre outros, num único pacote de informação, interativo e multilinear”.

Lobato (2016), por sua vez, propõe uma demarcação metodológica a fim de alcançar uma compreensão mais clara dessa modalidade de produção jornalística, que transita entre outras definições como as de jornalismo interpretativo, jornalismo literário, reportagem alinear ou reportagem em profundidade. Assim, os traços essenciais para uma grande reportagem seriam: ampliação espaço-temporal do fato social, contextualizando e historicizando o acontecimento, permitindo a relação do tema a outros eventos e possíveis consequências; construção dramática/diegética das cenas, como reforço da narratividade, quando um conflito ou intriga podem moldar a estrutura da narrativa; reforço da enunciação e da autoria, como trabalho testemunhal e envolvimento ativo do repórter, através de sua percepção sobre o fato ou tema; singularização do fato por meio de personagens e histórias de vida, quando a figura humana pode ser utilizada para mover blocos, sequências e determinadas argumentações da narrativa a partir do ponto de vista da personagem; uso de técnicas e índices de ficcionalização, muito comuns no telejornalismo com o uso de técnicas de montagem, captura e edição para articular narrativamente o acontecimento jornalístico (LOBATO, 2016, p.74-75).

No entanto, o termo “grande reportagem” não é utilizado da mesma forma em diferentes países para atribuir uma produção jornalística mais ampla, aprofundada, investigativa, documental e de grande esforço, segundo Godinho (2021). Enquanto França e Portugal foram países que passaram a usar o nome grande reportagem para distingui-la das demais e dos documentários, os países anglo-saxônicos nunca trabalharam com o conceito de “*great reporting*”, mas de nomes como “*reporting*”, “*film*”, “*Big Story*”, ou “*journalistic documentary*”, vindos principalmente da herança do novo jornalismo da década de 1960, conforme explica o autor. Na Alemanha também, segundo Godinho (2021), é utilizada a categoria “*film*” para programas com duração superior a trinta minutos, mas que se dividem entre aqueles de atualidade, correspondentes à reportagem, e de não ficção, correspondentes aos documentários.

Ainda que a reportagem tenha características embrionárias comuns para todos os meios, os modos de realização variam para cada mídia. Enquanto nos impressos o texto é

fundamental, na TV a centralidade é ocupada pela imagem e nos espaços digitais há uma fusão de linguagens, a reportagem sonora preenche imagens e dá dimensão a lugares vazios, como enaltecem Oliveira, Santos e Der Kellen (2021). A questão da estrutura da reportagem produzida para o rádio é o que tratamos na seção seguinte.

### **3.1.2 A estrutura clássica da reportagem no rádio**

O formato jornalístico reportagem radiofônica parte de pesquisa prévia, entrevista, seleção de dados e edição, garantindo não só conteúdo, mas também níveis de esteticidade que objetivam atrair e manter os ouvintes interessados pelo tema. Como todo formato jornalístico no rádio, há uma permanente preocupação em se obedecer a critérios de estilo e estrutura, além da questão substancial do conteúdo noticiável.

Quanto à definição acerca da reportagem radiofônica, encontramos no pesquisador André Barbosa Filho (2009, p.92) o conceito geral do formato jornalístico como “uma narrativa que engloba, ao máximo, as diversas variáveis do acontecimento”, ampliando o caráter minimalista do jornalismo e oportunizando ao público uma noção mais aprofundada a respeito do fato narrado.

O espanhol Emílio Prado (1989), por sua vez, observa a reportagem radiofônica como um agrupamento de representações fragmentadas da realidade que só no seu conjunto conseguirão dar uma ideia global de um tema. Para o autor, essas representações fragmentárias compõem um fio condutor que é o fato central, juntando-se a ele, aos poucos, “outras representações fragmentadas de fatos adjacentes, que contribuem para a compreensão do tema. Na exposição, o fato central (sua ação) tem uma presença permanente e os adjacentes saem alternada e complementarmente” (PRADO, 1989, p.85). Para Faus Belau (1981) a reportagem apresenta as maiores possibilidades de adaptação aos diferentes meios de comunicação, por ser flexível em sua concepção, rica em linguagem, de grande impacto e facilmente aceita pelos ouvintes.

Na pesquisa sobre este formato radiofônico em sua tese doutoral, Ferraz (2016), aponta a reportagem radiofônica como resultado da junção de uma linguagem jornalística que desperta o interesse tanto pela forma como pelo conteúdo da narração do acontecimento. “É um meio de comunicação tornado meio de expressão quando a história apresentada explora todas as possibilidades de sons que o rádio possui” (FERRAZ, 2016, p.263). Para o autor, a reportagem no rádio pode ser um lugar de interpretação dos fatos que significam a composição da

identidade social, sendo assim a representação mais ampla do lugar que o jornalismo ocupa na sociedade.

O jornalista e radialista Milton Jung entende que é na reportagem que o jornalismo se diferencia, levanta as notícias, investiga os fatos, encontra as novidades, gera polêmicas e também esclarece o ouvinte. Para o autor, “o repórter é a síntese do jornalismo, nele se personifica o profissional que vive em busca da informação. Função que não é exercida apenas por aquele que está na rua, microfone em punho, à caça de histórias interessantes para serem contadas” (JUNG, 2004, p.114). Se para preparar qualquer reportagem, o repórter deve observar tudo e recolher todas as informações no lugar do acontecimento, a reportagem radiofônica requer tudo isso acrescentando a melhor exploração possível do universo sonoro, transportando quem escuta para esse lugar onde os fatos ocorrem (OLIVEIRA; SANTOS; DER KELLEN, 2021).

Ferraretto (2014) corrobora com a definição de outros autores que compreendem a reportagem como uma ampliação quantitativa e qualitativa da notícia. No entanto, o autor inclui o termo reportagem para além do formato jornalístico, mas também como a atividade do repórter em sua apuração jornalística:

A palavra reportagem remete, tanto, de forma mais ampla, à atividade em si do repórter na apuração de notícias quanto à transmissão destas diretamente por ele, de preferência ao vivo, do palco de ação do fato. Neste último caso, como conteúdo jornalístico, engloba mensagens que esse profissional emite, com ou sem a fala de entrevistados e, independentemente da forma de contato realizada com essa fonte ou do tipo de assunto ou tratamento dado aos temas abordados. (FERRARETTO, 2014, p. 109)

A importância da atividade do repórter durante o acontecimento é também evidenciada por Barbeiro e Lima (2001), entendendo que a reportagem no rádio é fruto da captação do fato pelo repórter que, com base no que presenciou e em depoimentos de entrevistados, conta para o ouvinte o episódio da melhor maneira possível. É por este motivo que os autores destacam este formato como a principal fonte de matérias exclusivas de uma rádio jornalística. Essa importância dada à reportagem, elevando-a à elite dos materiais produzidos por uma emissora, na visão de Barbeiro e Lima, ocorre principalmente pelo fato da necessidade da presença do repórter no local dos fatos, de sua observação sobre o ambiente, os detalhes e o contato direto com as fontes jornalísticas.

A função e a presença do repórter no acontecimento são aspectos fundamentais para a constituição das reportagens, também na visão de Jung (2004). Para o autor, a fala do repórter a partir do local do acontecimento, sob a influência dos fatos que ainda se desenvolvem, dá o

calor e a emoção necessários a uma transmissão, seduzindo o ouvinte e oferecendo credibilidade. “Ninguém tem dúvida de que a notícia de uma rebelião lida dentro do estúdio não tem o mesmo impacto do que se estivesse sendo contada do portão do presídio” (JUNG, 2004, p.115).

Para o professor e radialista Marco Vinicio Escalante, a reportagem de rádio é o desenvolvimento de uma notícia, mas que expande outras notícias complementares ao tema central. O autor entende que este formato se baseia em investigação e no conjunto de notícias ordenadas e coerentes.

A reportagem não pode ser superficial. É o resumo de todas as técnicas de jornalismo, pois pode incluir crônica, opinião, entrevista, drama de rádio, conversa, descrição, narração, etc. O importante está no uso oportuno e correto dessas técnicas, de acordo com o público, o tema, o meio, a duração e o objetivo proposto (ESCALANTE, 1986, p.292)

Em suas pesquisas acerca dos gêneros jornalísticos emitidos no rádio, Reis (2010), avalia a reportagem e outros formatos a partir das características estruturais da mensagem. Assim, o autor segue a definição aludida por outros pesquisadores ao entender que o formato difere de outros mais compactos, como a notícia, ao oferecer ao ouvinte o maior número possível de informações a respeito de um fato. Reis (2010, p.64) ainda divide as reportagens radiofônicas em “básicas, documentais, investigativas e atemporais”.

Kaplún (2017), por sua vez, vê a reportagem como uma monografia radiofônica sobre um determinado tema, com certa profundidade, considerando os vários aspectos e pontos de vista. A interpretação também é um ponto de destaque na reportagem para o autor, a fim de que o ouvinte forme uma ideia mais completa do fato. Kaplún cita tanto as reportagens curtas no rádio, com durações de três ou cinco minutos, como também os programas de reportagem, que tratariam de um tema específico a cada emissão. O pesquisador cita duas opções de reportagens de maior profundidade, que demandam maior planejamento e, inclusive, a elaboração de roteiro para a sua estruturação: a reportagem descritiva, que objetiva informar sobre uma questão, dar uma visão do assunto e um panorama sobre o material coletado; a reportagem interpretativa, que visa ir além da informação, mas levar ao ouvinte o tema de uma forma didática, para uma reflexão crítica, onde o repórter assumiria até o papel de comentarista. Quanto às duas opções, Kaplún (2017, p.294, grifo do autor) orienta: “à primeira, interessa **o que** e, à segunda, o **porquê**”.

Em suas pesquisas acerca do tema, a professora espanhola Susana Herrera Damas descreve a reportagem radiofônica sendo “um modelo de representação da realidade que, a

partir do monólogo radiofônico, busca narrar e descrever fatos e ações de interesse do ouvinte, proporcionando um amplo contexto de interpretação do conteúdo e uma utilização de fontes variadas e criativas” (HERRERA DAMAS, 2007a, p.1, tradução nossa)<sup>10</sup>.

Buscando definir uma tipologia e caracterizar sua estruturação, Herrera Damas (2007b) acredita que a reportagem radiofônica não fica limitada apenas na descrição e narração de um fato, tal qual a notícia, mas no aprofundamento destes, oferecendo uma perspectiva mais ampla das informações através de sua interpretação e contextualização. Quanto ao conteúdo, as reportagens radiofônicas podem abordar fatos, ações ou declarações, embora na prática possam apresentar esses três elementos em momentos distintos na mesma emissão (HERRERA DAMAS, 2008).

Da mesma forma vista sobre as reportagens para os meios impressos, Herrera Damas (2007b) levanta algumas formas mais habituais de se aprofundar em um tema para a realização da reportagem no rádio: procurar mais documentações; averiguar as causas do acontecimento; questionar mais fontes, indagando-as sobre consequências; verificar casos semelhantes; buscar ouvir especialistas e testemunho dos afetados; conhecer e ouvir posições opostas; descobrir soluções; etc. A autora entende que buscando esses critérios será possível distinguir as reportagens das mais básicas em relação àquelas mais investigativas, profundas e complexas.

Conforme já mencionamos, a reportagem radiofônica marca presença constante na programação das emissoras no rádio brasileiro apresentada de formas diversas, principalmente nos modelos de boletim de reportagem e reportagem contextualizada. Há uma presença mais tímida na programação com as outras estruturas, como reportagem especial (seriada ou em módulo único) e grande reportagem.

Além disso, Prado (1989) sugere dois tipos principais de realização de reportagens radiofônicas: a reportagem simultânea, ao vivo e executada paralelamente ao desenrolar da ação; e a reportagem diferida, gravada, permitindo a montagem dos fragmentos em uma ordem que facilite a compreensão do ouvinte após o fato ter ocorrido.

Nas reportagens simultâneas, Prado (1989) lembra que o cenário sonoro da ação e o ambiente acústico no local do acontecimento reforçam a produção do sentido de participação nos fatos no ouvinte. “O ambiente acústico provoca uma cascata de imagens sonoras que solicitam a intervenção da criatividade e da imaginação do ouvinte para traduzi-las em imagens visuais particulares” (PRADO, 1989, p.86).

---

<sup>10</sup> El reportaje es un modelo de representación de la realidad que a partir del monólogo radiofónico persigue narrar y describir hechos y acciones de interés para el oyente, proporcionándole un contexto de interpretación amplio en los contenidos y un uso de fuentes variado y creativo.

Para Arnheim (1980), o repórter ao vivo precisa ter capacidade de assimilação e facilidade para descrever de forma imediata tudo o que está acontecendo, utilizando uma linguagem descritiva que permita ao ouvinte vivenciar intensamente o acontecimento. Nesse caso, não basta o improviso, mas a necessidade de se possuir uma base documental e o conhecimento sobre o cenário físico de onde se desenvolverá a ação, já que o eixo criativo é dado pela própria ação que faz de fio condutor da narração. “A ação determina o ritmo da reportagem e é a espinha dorsal da mesma” (PRADO, 1989, p.88). Essa seria, segundo o autor, praticamente a única constante da reportagem simultânea emitida ao vivo, já que sua estrutura pode ser muito variável, dependendo totalmente do desenvolvimento dos fatos que estão em curso.

No mesmo entendimento, Faus Belau (1981) explica que a narração da reportagem ao vivo nas ruas segue o ritmo de evolução dos fatos ao seu tempo, em muitas vezes enquanto ainda estão ocorrendo, fazendo com que o repórter vivencie cada momento do acontecimento estando no ar. É por esse motivo que a reportagem ao vivo nas ruas “pode ser enquadrada, por sua estrutura narrativa, dentro das **reportagens de ação**, oferecendo uma visão dinâmica dos fatos (enquanto eles estão acontecendo), **e de dentro**, como protagonista, mais do que como testemunha ocular” (FAUS BELAU, 1981, p. 267, grifo do autor, tradução nossa)<sup>11</sup>.

No entanto, em uma emissão ao vivo e simultânea ao acontecimento, Prado (1989) alerta para o controle de uma curva de tensão que o profissional deve ter sobre sua reportagem, já que a tensão sobre a ação é incontrolável para quem a transmite. Os vazios existentes entre as curvas de tensão da ação e de tensão da reportagem podem ser preenchidos com dados complementares ao que ocorre em tempo real, o que exige do repórter uma boa base documental que ajudará a ampliar a compreensão do ouvinte sobre a ação central (PRADO, 1989). O autor ainda destaca a possibilidade de inclusão de entrevistas neste tipo de reportagem, até pela facilidade de acesso às fontes, mas alerta quanto à duração da participação de entrevistados, “a fim de evitar desincronização entre a tensão da ação e a da reportagem, o que produz uma falta de ritmo e diminui as possibilidades de seguir os fatos” (PRADO, 1989, p.88).

Nas reportagens diferidas, a seleção dos fragmentos do fato se faz após o conhecimento da ação. Por este motivo, as entrevistas em forma de citação “com voz” são mais comuns e mais presentes neste tipo de reportagem, podendo incluir até opiniões de especialistas após o fato

---

<sup>11</sup> Por eso al reportaje de calle se le puede encuadrar, por su estructura narrativa, dentro de los *reportajes de acción*, ofreciendo una visión dinámica de los hechos (mientras se producen), y *desde dentro*, como protagonista, más que como testigo presencial.

ocorrido, ou também, conforme Prado (1989, p.89), “o contraste entre os afetados pelo fato e os ausentes do acontecimento”. O ordenamento das representações não segue uma sequência cronológica, mas uma lógica que venha a facilitar a compreensão do fato. Porém, a síntese acaba sendo a principal vantagem da reportagem diferida, uma vez que o jornalista terá as condições para selecionar as amostras e as ordenar de uma maneira que transmita ao público, de forma compacta, a ideia de uma ação desenvolvida em uma proporção de tempo muito superior, mas sem esconder informações (PRADO, 1989).

Normalmente, quando a emissora entrevista populares (afetados pelo fato) como testemunhas do acontecimento, as chances de enquadramento pelo jornalista são maiores, pois há a preocupação com a idoneidade do informante e o risco de fragmentação. É onde entra em cena o “gestor do testemunho”, segundo Damasceno (2009, p.52) ou o “fiador da testemunha”, segundo Amaral, Pozobon e Rubin (2010, p.12), em um jogo aparente de submissão ao testemunho, mas com um domínio muito grande sobre ele, conforme as autoras. A seleção dessas fontes para que se amplie as narrativas à manifestação de vozes populares ainda é um desafio para o rádio e para a imprensa em geral. Chagas (2019b) entende que há um ambiente desigual entre fontes que mantém uma relação sofisticada com os veículos de comunicação e o cidadão comum, que demanda mais envolvimento na apuração nas ruas. Em sua tese doutoral, o autor aponta, inclusive, as implicações acerca do desequilíbrio de um jornalismo radiofônico sem diversidade e que encaixa as fontes populares apenas em temáticas como segurança e trânsito, deixando os setores tradicionais da sociedade dominarem a pauta de assuntos como política e economia.

Mesmo quando há uma entrevista opinativa durante a reportagem, não são raras as situações em que se dispense o recomendado aprofundamento do tema, utilizando a opinião como um “recheio” dentro de um conteúdo predefinido pela equipe jornalística da emissora, com o intuito somente de dar maior credibilidade à matéria e transformá-la em um documento. É neste ponto que Mário Kaplún (2017) entende que no rádio a entrevista adquire um valor documental, de prova, comparado à utilização da foto em um meio impresso.

Quanto à forma de apresentação das reportagens no Brasil, sobretudo em emissoras de cunho mais popular, é muito comum que elas sejam exibidas como boletins, onde o repórter apresenta, ao vivo, gravado ou de forma mista, um resumo de informações sobre determinado acontecimento, incluindo, por vezes, sonorais, entrevistas e, em alguns casos, outras percepções sobre o fato narrado. São reportagens ligadas intimamente às notícias, como já conceituou Faus Belau (1981), pois elas tentam retratar os acontecimentos em tempo real, o mais rápido possível, sem necessariamente haver uma conclusão, porque muitas vezes os fatos permanecem em

andamento. Normalmente esses boletins não duram mais do que três minutos a cada emissão, podendo ser apresentados de maneira fragmentada, ou seja, conforme o repórter vai apurando mais detalhes sobre o fato, gera-se uma nova entrada na programação da emissora

Há alguns motivos para que o repórter entre no ar repetidas vezes na transmissão de boletins, algo que não é exclusivo do rádio brasileiro. O principal motivo, segundo a pesquisadora espanhola Herrera Damas (2008), seria a natureza intangível e efêmera da transmissão radiofônica, exigindo maior clareza na mensagem, repetição de detalhes do fato durante a mesma mensagem e retornando no ar com mais intervenções sobre o mesmo assunto. Outro motivo, segundo a autora, pode ser a necessidade de o repórter conduzir a interpretação do ouvinte. Há, então, uma tendência tanto para a narração repetitiva como para a repetição do conteúdo em diferentes horários da programação.

É preciso, contudo, considerar que um acontecimento não se esgota logo após a primeira veiculação da reportagem e, com os fatos ainda em movimento, surge a necessidade de repetidas intervenções no ar, atualizando e contextualizando cada vez mais o assunto. A emissora se vê obrigada a fazer um acompanhamento atualizado dos eventos planejados e imprevistos, pois o que se apresenta em um boletim exige uma renovada avaliação nas intervenções seguintes, procurando incorporar novos aspectos ou dados na exposição (MARTÍNEZ-COSTA, 2002). Os fatos mais recentes, defende Martínez-Costa (2002), devem oferecer uma nova perspectiva à informação original, pois do contrário, há uma perda de valorização no sentido de que o acontecimento se distancia do tempo presente.

O conjunto de boletins veiculados ao longo da cobertura jornalística poderia, de certa forma, também ser transformado em uma reportagem contextualizada para ser exibida posteriormente, com um maior ganho de qualidade e escolha do melhor espaço na programação. Meditsch (2007) sugere essa dupla divulgação para acontecimentos temporalmente mais distantes, mas que mantenham a atualidade: “a primeira vez *ao vivo* no momento mesmo da sua apuração e a segunda numa edição mais refinada para um horário privilegiado da programação” (MEDITSCH, 2007, p.104, grifo do autor).

O número de intervenções do repórter no ar também está relacionado à abordagem direta às fontes de informação, pois nem sempre é possível reunir os entrevistados necessários para a apuração de um acontecimento durante uma transmissão ao vivo. E este já é, por si só, um fator que diferencia o rádio ao vivo dos meios de comunicação de menor mobilidade. Além da dupla divulgação mencionada por Meditsch (2007), o repórter se vê diante da necessidade de ouvir diferentes fontes em momentos diversos, inclusive diante do surgimento de novos fatos. Chagas (2019a) atribui essa condição a uma espiral informativa, com zonas altas e baixas,

de acordo com a intensidade da cobertura. Segundo o pesquisador, ao invés da produção de um material estático e acabado, “a potencialidade de diversidade se mantém na seleção das vozes que constroem a interpretação dos acontecimentos” (CHAGAS, 2019a, p.17). Há nesse sentido, um cruzamento entre o tempo e o espaço que emissora e fontes possuem.

A alternância entre a transmissão ao vivo ou gravada nos boletins de reportagem também é lembrada por Ferraretto (2014). O autor ainda inclui situações onde há uma forma mista de emissão, quando o repórter entra ao vivo no ar e veicula as entrevistas gravadas anteriormente. Nas reportagens gravadas ou mistas é possível uma ou mais sonoras das fontes entrevistadas, entremeadas por textos de passagem que farão a ligação entre os conteúdos das entrevistas.

Meneses (2016, p.98), no entanto, sugere quatro motivos básicos na escolha de uma reportagem ao vivo ao invés de gravada no rádio:

Situações de exceção, quando a expectativa dos ouvintes é grande (grandes acontecimentos de elevado impacto público); eventos importantes/interessantes que não podem ser reproduzidos (um jogo de futebol, por exemplo, ou a discussão do orçamento de Estado no parlamento); acabou de acontecer e não há tempo para gravar, embora seja importante noticiar já (a reunião dos sindicatos com o governo terminou em cima do noticiário? O repórter deve entrar em direto!); uma reação “a quente”, um comentário “em cima da hora”, um depoimento imediato.

O autor acredita que, não havendo um dos motivos elencados, as reportagens radiofônicas poderão ser gravadas. Embora reconheça a potencialidade ligada às origens do rádio ao vivo, Meneses (2016) é cauteloso nas recomendações para o vivo, mesmo reunindo mais elementos comunicativos com o ouvinte. Para o pesquisador, as chances de erro, de ruídos indesejáveis, de dificuldades para ouvir a outra parte, tudo deve ser levado em conta diante do que ele chama de “tentação perigosa” do microfone aberto. “Melhor um bom diferido do que um mau direto”, afirma Meneses (2016, p.99). Como também explicam Dayan e Katz (1999), os acontecimentos transmitidos em tempo real, à medida em que ocorrem, são imprevisíveis para o público, no sentido de que alguma coisa pode correr mal (quanto aos fatos transmitidos).

Ao investigar a tipologia dos gêneros radiofônicos na Espanha, as pesquisadoras María del Pilar Martínez-Costa e Susana Herrera Damas (2004) buscam situar vários formatos jornalísticos no rádio, incluindo a reportagem radiofônica. Apoiadas nos estudos de Faus Belau (1981), separam o formato em dois grupos principais: a reportagem de rua, subdividida entre gravada e ao vivo; e a reportagem de estúdio, subdividida entre documentário radiofônico, grande reportagem de atualidade e reportagem atualizada de conteúdo.

É possível considerar as semelhanças entre os formatos de Faus Belau e as reportagens brasileiras, com as reportagens de rua tal qual nossos boletins; a reportagem atualizada de conteúdo muito próxima às nossas reportagens contextualizadas e as grandes reportagens e documentários radiofônicos com denominações praticamente idênticas às realizadas no Brasil. A reportagem de rua, de acordo com Faus Belau (1981) tem seu caráter definido por estar totalmente ligada às notícias de última hora, com o objetivo é divulgar os fatos o mais rápido possível. A opção entre o vivo e a gravação dependerá do maior ou menor grau de imediatismo que a ação exige. Já as chamadas reportagens de estúdio se caracterizam, normalmente, por um conteúdo que não está vitalmente vinculado às notícias do momento, segundo Faus Belau (1981).

Em Cebrián Herreros, Martínez-Costa e Herrera Damas (2004) encontram a reportagem radiofônica dividida entre um modelo básico e outro de investigação, mais aprofundado. Já em Merayo (2002), as autoras encontram definições para o formato como reportagem ao vivo, reportagem gravada de rua, gravada/produzida em estúdio, reportagem atemporal, docudrama, documentário, reportagem dramatizada e grande reportagem de atualidade. Os estudos de Merayo, contudo, avançam acerca dos gêneros radiofônicos aos quais a reportagem pertence, variando entre o gênero de diálogo e o gênero misto entre diálogo e monólogo, com as possibilidades de discursos narrativo, descritivo, expositivo e argumentativo.

Em todos os modelos observados por Martínez-Costa e Herrera Damas (2004) há uma distinção mais clara entre as reportagens acerca dos assuntos factuais, como as emissões gravadas ou ao vivo direto das ruas, as produções que exigem maior contextualização e aprofundamento e aquelas que se fundem a materiais de maior esforço, como os documentários, além de considerarem alguns modelos de peças dramáticas dentro do arcabouço da reportagem radiofônica.

A estrutura recomendada para uma reportagem radiofônica é muito semelhante na visão de diversos pesquisadores da área. Reis (2010) observa que o formato deve ter abertura, entrada, desenvolvimento, sonoridade e fechamento, independentemente se é realizada ao vivo ou gravada, na rua ou em estúdio. Barbeiro e Lima (2001) reforçam a importância de uma reportagem ter começo, meio e fim, já que o ouvinte não conhece os antecedentes do fato, mesmo que este venha sendo noticiado com insistência na programação da emissora. Herrera Damas (2007a), por sua vez, aponta a estrutura básica em três partes: abertura, desenvolvimento e fechamento. Segundo a autora espanhola, a abertura deve focar o tema e captar a atenção do ouvinte para que continue acompanhando o restante da transmissão. O desenvolvimento é a parte mais extensa e deve fornecer a maior parte dos elementos do conteúdo, sustentar a

abordagem, desenvolver os argumentos e organizar os principais dados, ideias e interpretações. Já o fechamento apenas reforça a ideia principal.

Longe de aparentar simplista, a proposta de estrutura de Herrera Damas distingue as várias possibilidades de realizar cada uma das três partes da reportagem. A autora cita como possibilidades de abertura: em forma de resumo do conteúdo, de maneira informativa, como ocorre nas notícias; como um sumário, com uma lista de elementos ou fatos que farão parte do desenvolvimento; narrativa, quando inicia com uma história que exemplifique ou esteja ligada ao tema da reportagem; de forma descritiva, quando apresenta alguns detalhes do local ou das pessoas envolvidas; por contraste, que pode ser um comparativo entre fatos diferentes; com uma pergunta, que muitas vezes pode ser retórica; de apelo direto, quando se dirige diretamente ao ouvinte utilizando a segunda pessoa; de citação, de preferência com uma citação em áudio da fonte ou testemunha envolvida; dedutiva, passando do geral para algo particular; de paródia, citando, por exemplo, um poema ou uma frase conhecida; de suspense, apresentando alguns elementos e revelando outros em seguida; simbólica, utilizando símbolos ou determinadas palavras para representar outra informação; e abertura de caso, passando do particular para o geral, exatamente o oposto da abertura dedutiva. (HERRERA DAMAS, 2007a).

O desenvolvimento de uma reportagem também pode ser apresentado sob diferentes modalidades, de acordo com Herrera Damas (2007a): por blocos ou temas, separando uma situação em partes; de forma cronológica, como uma história contada na ordem dos acontecimentos; de maneira dialética ou com contrapontos, quando se apresenta a diversidade de argumentos e se explora as contradições de um fato; de cenas, quando o repórter descreve a superposição de cenas para ilustrar algo mais desconhecido de personagens e ou situações; de casos, com estrutura semelhante ao de cenas, mas que exponha em sequências casos distintos com algo em comum, como personagens diferentes vivendo uma mesma situação.

O fechamento de uma reportagem também pode ter modalidades diferenciadas, conforme Herrera Damas (2007a): de retorno, quando termina com o mesmo elemento usado na abertura, como uma estrutura circular; de conclusão, que funciona como um resumo final dos elementos essenciais da reportagem; de encerramento de caso, terminando com o destaque de determinada experiência, também ocorrendo de forma circular; com a moral da história, destacando a lição aprendida; de ação, que provoque no ouvinte o instinto de agir; de incógnita, que muitas vezes deixa uma pergunta no ar; de projeção para o futuro, quando abre possíveis situações que podem ocorrer a partir daquele momento; fechamento anticlimático, oxigenando o final e amenizando a tensão provocada pelo desenvolvimento da reportagem.

Boa parte das possibilidades de aberturas, desenvolvimentos e fechamentos na formulação de Herrera Damas são passíveis de utilização nas diversas modalidades da reportagem radiofônica, das mais compactas até as de longa duração. No entanto, com base na experiência dos curtos boletins de reportagem no rádio, Ferraretto (2014) sugere uma estrutura central de menor risco para a organização do repórter, típica dos formatos apoiados na tradição da pirâmide invertida: cabeça, para introduzir o assunto a ser desenvolvido (como um *lead* na mídia impressa); ilustração, com a inserção de entrevista ou sonora; passagem, que é o texto do repórter para interligar os conteúdos da matéria; encerramento, com informações complementares ou nota pé; assinatura, para identificar o repórter e o local da transmissão.

Para as reportagens diferidas/gravadas, em forma de boletim, Prado (1989) sustenta parte de algumas das propostas de Herrera Damas (2007a), sugerindo que a introdução tenha a função de atrair a atenção sobre o tema que será exposto. O autor nomeia alguns dos possíveis recursos:

A introdução de sumário fornece os dados mais atraentes que conterà a reportagem; a introdução de golpe, ressalta o dado mais surpreendente, a situação mais chocante; a introdução de pintura oferece uma descrição colorida; a introdução de contraste, como indica seu nome, levanta os elementos contrapostos que incluem a reportagem e poderia denominar-se também introdução de conflito; a introdução de pergunta inicia a reportagem com uma questão a qual se responde com os dados que contenha no seu desenvolvimento toda a reportagem; a introdução telão de fundo descreve a situação geográfica na qual se encontra a ação; a introdução com a citação “com voz” e a com extravagâncias são outras possibilidades. (PRADO, 1989, p.90)

De acordo com Prado (1989), a partir da introdução, o desenvolvimento na reportagem diferida em forma de boletim dá a ideia do fato, enquanto na reportagem simultânea, como vimos, apresenta a ação como fio condutor. O encerramento, para o autor, terá função redundante que conterà o elemento ou elementos mais significativos que convém repetir para que se reforce a ideia do fato.

Ferraretto (2014), por sua vez, sugere ainda a utilização de uma manchete ou uma chamada, para anunciar a reportagem que virá em seguida. Essa manchete pode ser anunciada pelo próprio repórter ou pelo profissional no estúdio. Já a chamada cita o repórter e é emitida pelo locutor que comanda o horário.

Já quanto ao desenvolvimento da reportagem, Ferraretto (2014) alerta para o cuidado que o repórter deve ter ao trabalhar com duas sonoras de entrevistados que apresentem pontos de vista divergentes, explorando a contradição ao invés de, necessariamente, pender para um dos lados. Tal divergência caberia na forma dialética de desenvolvimento proposta por Herrera

Damas (2007a). A autora sugere que, em muitos desses casos, seja necessário incluir antecedentes dos fatos, explicar conceitos e situações e até mesmo caracterizar personagens.

O zelo ressaltado tanto por Ferraretto como por Herrera Damas retoma a necessidade de contextualização acerca do acontecimento, recomendação essencial vinda da maioria dos pesquisadores da área para a realização de uma reportagem. No caso do rádio, o texto de abertura e o texto de passagem entre as sonoras garantirão a aderência dos fragmentos dos fatos expostos nas sonoras dos entrevistados a um contexto maior do acontecimento.

Na questão de uma contextualização mais ampla, a pioneira pesquisadora Gisela Ortriwano (2002-2003) cita a produção de reportagens em capítulos, muito utilizada por algum tempo por emissoras de rádio como a Eldorado e a Bandeirantes, em que o assunto é dividido em partes, levadas ao ar uma vez por dia e depois podendo ser repetida, em edição integral, no final de semana. Apesar da autora, à época, afirmar que esse tipo de reportagem de longa duração não estaria mais presente no rádio, ainda há alguma resistência em sua manutenção, principalmente em emissoras públicas e educativas ou naquelas dentro do formato “*all news*” e “*talk and news*”. Menos presente na maioria das rádios comerciais, a grande reportagem carrega algumas características comuns em relação à reportagem especial, embora alguns autores as tratem como sinônimo, como é o caso de Ferraretto (2014):

Também conhecida como reportagem especial ou reportagem em profundidade, a grande reportagem constitui-se em um meio-termo entre a reportagem comum, aquela do dia a dia, e o documentário. Aparece como ampliação quantitativa e, muito mais profundamente, qualitativa do trabalho usual e cotidiano nos boletins dos repórteres de uma emissora de rádio. (FERRARETTO, 2014, p.116)

Faus Belau (1981) explica que a opção pela grande reportagem se dá quando ela não está ligada ao noticiário diário, o que acaba sendo o oposto das emissões em forma de boletins ao vivo. Para o pesquisador, essas reportagens até surgem a partir de questões atuais, mas normalmente sobre eventos já concluídos e com uma forma de atuação bem diferente. A duração da grande reportagem é outro diferencial, segundo Ferraretto (2014), que orienta uma média entre 5 e 10 minutos e, caso ultrapasse em tempo, deve ser dividida em edições menores (capítulos) ou mesmo optar por sua transformação em um documentário, maior, com mais envolvimento de pesquisa jornalística e com mais recursos de sonoplastia.

O documentário radiofônico, por sua vez, é habitualmente confundido com a grande reportagem, justamente pelas suas características comuns. Enquanto a grande reportagem nasce a partir de pautas do cotidiano jornalístico, o documentário radiofônico tem suas origens no seu equivalente cinematográfico e, como tal, “não precisa decorrer do factual” e tem “total

autonomia em relação aos fatos” (JOSÉ, 2015, p.11). Para Detoni (2018), há definições variadas para o documentário radiofônico e o conceito varia, inclusive, de acordo com a nacionalidade. No Reino Unido, sob a influência da BBC, o documentário é algo similar a uma reportagem especial. Nos Estados Unidos, a concepção está muito mais ligada ao ato de contar histórias reais do cotidiano, com temas sem vínculos com os critérios de noticiabilidade. No Brasil, os documentários são quase inexistentes em emissoras comerciais. Mesmo sendo um formato pouco comum no espaço hertziano na América Latina, Kaplún (2017) define o documentário radiofônico como uma monografia sobre um determinado tema. A dispensa da chamada “Voz de Deus”, com um narrador impessoal, fez com que múltiplas vozes construíssem diálogos que auxiliam na condução da narrativa, estabelecendo com mais eficácia o código sonoro, transformando imagens visuais em imagens sonoras.

Com presença menos tímida na programação radiofônica cotidiana em relação ao documentário, a reportagem especial teria um grau maior de aprofundamento dos temas em relação às reportagens mais comuns, como os boletins, mas em menor escala quando comparada com os documentários. Ferraz e Basso (2013) entendem que a modalidade de reportagem especial está ancorada na atualidade, ou pelo menos apresentam fatos que merecem ser lembrados, como centenários de mortes ou de nascimentos de pessoas importantes. É “um formato capaz de realizar uma contextualização que recai sobre as causas e consequências do assunto que aborda”, trabalhando de forma ampliada e assim também se ancorando “no ato de interpretar” (FERRAZ; BASSO, 2013, p.5).

Ao buscar suas referências no radialista cubano José Ignacio López Vigil, Ferraz e Basso (2013) mencionam a aproximação da reportagem especial radiofônica com o gênero dramático. Essa aproximação é baseada no suspense que precede o conflito e o posterior restabelecimento de uma ordem. E é em decorrência desse conflito que o público se envolve na progressão da narrativa dramática (LÓPEZ VIGIL, 2003).

Relembrando o fenômeno que ocorreu na década de 1960 com o *new journalism* e os efeitos na narrativa jornalística no cotidiano nos Estados Unidos, Ferraz (2016) faz uma observação sobre a possível estrutura na reportagem radiofônica, baseada na narração ficcional:

Ela conta com uma introdução, exibindo o problema e os personagens; um desenvolvimento da trama com um conflito e o envolvimento dos personagens neste conflito, até a exposição da busca emocional de uma solução; um desenlace com a solução encontrada e todos retornando aos seus estados originais, saneados (FERRAZ, 2016, p.145).

Fugindo à lógica convencional do *lead*, a estrutura inspirada nas narrativas ficcionais com a humanização dos relatos altera a formatação clássica da reportagem radiofônica em ritmo de *breaking news*. No oposto à pirâmide invertida, a transição do singular para o particular e o universal representaria melhor o modelo narrativo da reportagem especial.

Kaplún (2017) compara tanto o documentário radiofônico como a reportagem especial radiofônica com o texto jornalístico mais aprofundado publicado junto a fotografias e ilustrações na mídia impressa. De fato, podemos considerar que enquanto um meio impresso lança mão de declarações e depoimentos entremeados com a narração onisciente do repórter (junto a imagens e ilustrações), no rádio as entrevistas em áudio e os testemunhos e declarações flagradas no calor da emotividade passariam a gerar novos sentidos ao público, o que manteria de certo modo a linguagem jornalística padrão, porém com nuances interpretativas tais quais utilizadas nas dramatizações, conforme já citadas por Ferraz e Basso (2013) e López Vigil (2003).

Quanto à duração de tempo, Kaplún (2017, p.140) adverte que o documentário e a reportagem especial não podem se limitar a uma breve exposição sobre o tema e devem durar pelo menos 15 ou 20 minutos, mas alcançando a média habitual de meia-hora. Para não ser entediante, o conjunto de recursos sonoros empregados deve cumprir papel semelhante das fotografias e dos desenhos em um artigo ilustrado, segundo o autor.

A manutenção dos ruídos do ambiente mesmo nas reportagens diferidas – neste caso, nas reportagens especiais - é lembrada por López Vigil (2003), já que a inclusão de entrevistas, testemunhos, comentários e ruídos reais gravados no local representam pequenas cenas que reconstróem os fatos. Borges (2013, p.9) compreende a manutenção do ruído captado no local do acontecimento como o “relevo da paisagem sonora”, deixando “o rádio repleto de vida e movimento”.

Neste sentido, Kaplún (2017) divide tanto o documentário como a reportagem especial no rádio em dois grupos, com aproveitamento distinto dos ruídos do ambiente. O primeiro grupo é baseado em documentos vivos: coloca-se o gravador para captar os ruídos que irão ilustrar o ambiente relacionado ao tema da reportagem; grava-se um conjunto de entrevistas com as fontes envolvidas e declarações testemunhais dos afetados, mantendo os ruídos do entorno (KAPLÚN, 2017). O segundo grupo é baseado em reconstruções, onde o autor chega a sugerir a possibilidade de incluir elementos da dramatização, como falas realizadas por atores a fim de reconstruir um diálogo ou uma cena sonora quando não se dispõe de documentos vivos (KAPLÚN, 2017). A justificativa de Kaplún para o uso desse expediente é quando não há a possibilidade de acesso a documentos vivos, como em fatos históricos muito antigos ou locais

distantes e de difícil acesso. Além das dificuldades da distância espacial e da distância histórica, ainda há o problema do idioma em algumas situações, que pode ser sanado com a reprodução simultânea do áudio original com uma tradução em voz de atores ou locutores em primeiro plano. Em muitos casos, o autor indica que é preciso incluir efeitos sonoros e até mesmo fundo musical para reconstruir cenas de fatos históricos, tais como nas peças de dramatização.

É claro que a sugestão de Kaplún não chega a ser uma substituição da reportagem por uma peça de radiodrama, mas de inclusão de alguns de seus elementos dentro de um produto que tem o enfoque jornalístico como fator central. Neste sentido, cabe o alerta feito por Meditsch (2007) quanto a questões éticas que possam confundir realidade com ficção:

No jornalismo, existe um princípio ético que limita a manipulação da realidade referente. Como os sons da realidade a que se refere o jornalismo não podem ser criados artificialmente, o mundo que o rádio informativo transmite será sempre mais pobre, no sentido formal, do que aquele construído pela arte radiofônica, com a mesma linguagem. [...] Privado dessa liberdade de utilização de recursos dramáticos, o jornalismo depende muito mais do uso da palavra, enquanto signo, para bloquear a polissemia muitas vezes presente nos ruídos naturais. Tal polissemia não se refere apenas à possibilidade de identificação errônea da fonte que provoca o som. Além de identificar corretamente a natureza do ruído, o ouvinte precisa estar informado sobre a relevância deste ruído para a mensagem. A seletividade do ouvido apaga imediatamente da consciência tudo o que não é relevante. Desta forma, os sons reais utilizados numa transmissão jornalística terão que ter o seu significado semântico claramente sinalizado, sob pena de serem desconsiderados como meros “ruídos na comunicação”. (MEDITSCH, 2007, p.179)

O autor ainda lembra que nos Estados Unidos e em outros países, por exemplo, o uso de efeitos sonoros e de técnicas que utilizem filtros, como a reverberação, foi vetado por lei na programação jornalística. O motivo é justamente para assegurar uma maior objetividade na transmissão de informações.

Borges (2013), por sua vez, entende que os ruídos do cenário sonoro de uma reportagem também constituem informações importantes do ambiente do acontecimento, sem que protagonizem a informação principal:

Em uma reportagem, apesar dos sons de fundo entrelaçarem-se com o som da voz captado pelo microfone, seu volume, amplitude ou distância não os deixa ser a informação principal. O posicionamento do microfone é fundamental para determinar os planos e os detalhes. Os sons de fundo, porém, fogem ao controle. São ruídos imprevisíveis, provocadores de desordem, mas complementam a informação transmitida ao criar condições sonoras suficientes para ambientar o local em que ocorre o fato. (BORGES, 2013, p.7)

Assim, há a necessidade de que os sons reais do ambiente estejam presentes como pano de fundo de uma reportagem, evocando o que realmente ocorreu no momento da captação do

acontecimento e mantendo o documento vivo, como sugeriu Kaplún (2017), tal qual a fotografia e suas imagens em planos secundários nos meios impressos. Mas, com base no que adverte Meditsch (2007), os ruídos do ambiente externo nem sempre devem compor a paisagem sonora da reportagem como meros invasores incidentais. A própria identificação do local da reportagem já auxilia nesse processo de justificação e assimilação pelo ouvinte. Ao repórter comunicar que está em determinada rua e os sons de carros e buzinas ilustrarem o segundo plano da transmissão, por exemplo, cumpre-se a função descritiva delegada aos efeitos sonoros produzidos espontaneamente, mais típicos da realização radiojornalística.

A estrutura da reportagem radiofônica e o aproveitamento das potencialidades do áudio, contudo, foram passando por transformações desde a concepção do formato. Se o imediatismo e a instantaneidade são marcas históricas da reportagem em rádio, características como a sensorialidade através de um maior tom coloquial e de improvisado ao vivo foram cada vez mais ocupando espaço nas produções contemporâneas, como veremos com mais detalhes no próximo subcapítulo.

### 3.2 TRANSFORMAÇÕES DA REPORTAGEM RADIOFÔNICA A PARTIR DAS TECNOLOGIAS

As transmissões ao vivo e simultâneas direto do palco dos acontecimentos são uma marca do jornalismo radiofônico desde a segunda metade do século 20, devido à característica de mobilidade que o meio possui. Tanto os equipamentos de recepção que alteraram os hábitos de escuta do ouvinte como os aparelhos de transmissão que permitiram a emissão das mensagens simultânea ao acompanhamento dos fatos em tempo real deram uma nova vida ao meio. Observar a trajetória da reportagem radiofônica pela ótica dos recursos tecnológicos que permitiram seu impulsionamento, transformando o meio rádio em protagonista dos acontecimentos, torna-se fundamental para melhor localizar o formato na contemporaneidade. Essa (re)construção histórica permite analisar e refletir com maior clareza sobre as várias fases e distintos momentos em que o rádio precisou modificar e acelerar suas técnicas de emissão nas mensagens, especialmente no olhar a partir dos tempos atuais, quando a demanda do tripé apuração-produção-circulação exige o encurtamento do lapso temporal entre o fato gerador da notícia e a transmissão do conteúdo ao público.

A facilidade histórica de transmissão em tempo real garantiu ao meio as características de imediatismo e instantaneidade. A ubiquidade possível pelo uso de equipamentos móveis faz o rádio gerar diferentes graus do vivo, retratados, sobretudo, na realização

de reportagens. Apesar de tais características estarem presentes no meio desde os seus tempos pioneiros, condições técnicas e tecnológicas, ao longo de sua história, demonstraram-se primordiais para a sua efetivação, consolidação e engajamento em um processo de evolução. E assim, o processo vem conjugando, concomitantemente, transformações nos modos de fazer e uso da linguagem, com utilização de novos aparatos técnicos e tecnológicos. (ZUCULOTO; ZIMMERMANN, 2020, p.221)

E se a reportagem no rádio foi alavancada pela evolução da tecnologia, fazendo com que o meio virasse protagonista na cobertura dos acontecimentos em tempo real, a evolução do formato nos meios impressos se deu tanto pela necessidade de presença do jornalista no local dos fatos como pela demanda por informação contextualizada e em profundidade.

### 3.2.1 Evolução da reportagem jornalística

Muito antes de chegar ao rádio, a reportagem jornalística foi desenvolvida nos meios impressos em busca de mais explicações sobre os acontecimentos, indo além do caráter puramente informativo. Se no auge de sua existência, a reportagem foi considerada atividade nobre dentro das redações, a função de repórter demorou a conquistar espaço de destaque na atividade jornalística. Mais jovem que a história do jornalismo como um todo, a reportagem emerge exatamente no desenvolvimento da figura do repórter.

Lage (2001, p.9) aponta que “a reportagem como atividade não existiu ou era irrelevante em 200 dos 400 anos da história da imprensa”. A respeito desta inexistência, Moser (2018, p.1) também relata que “a reportagem – ou o trabalho desenvolvido pela personagem que viria a ser o/a repórter - só pode ser pensada, sobretudo, a partir do século XIX”, praticamente 200 anos após o início da imprensa. Segundo a autora, ainda nos primeiros tempos, a função de repórter tinha baixo prestígio, o que só acabou mudando com a emergência dos correspondentes de guerra. Sem precisar uma data específica, Moser (2018) observa a relação traçada por vários pesquisadores em que o nascimento da reportagem estaria ligado à Guerra de Secessão (ou Guerra Civil Americana), na década de 1860 nos Estados Unidos. Chalaby (2003) cita que foi naquele período que houve a emergência do correspondente especial, exatamente como um correspondente de guerra. O autor busca o relato de que somente o *New York Herald* enviou 63 correspondentes e o *New York Times* e o *Tribune*, enviaram pelo menos 20 correspondentes cada para a Guerra Civil Americana. A experiência de guerra, na época, contribuiu para a divisão social do trabalho entre os jornalistas e os outros profissionais da imprensa. “Foi também durante a Guerra da Secessão que se puseram à prova novas técnicas de informação, como a entrevista, a reportagem e a crônica” (SOUSA, 2001, p.24).

Na verdade, o que se compreende no período da segunda metade do século 19 é a presença de repórteres nos acontecimentos, registrando suas observações, coletando informações no local dos fatos e escrevendo sua matéria para os jornais. Os ambientes das guerras foram propícios para essa atividade, já que exigiam uma longa permanência dos profissionais nos locais dos acontecimentos.

No Brasil, a cobertura da guerra de Canudos ganha destaque ao ser retratada com um estilo próprio de linguagem, em 1902, através da obra “Os Sertões”. O livro de Euclides da Cunha trata de sua experiência como correspondente de *O Estado de São Paulo* na cobertura da guerra no sertão nordestino. Outros escritores da literatura brasileira também escreviam para jornais na época, como Lima Barreto e Monteiro Lobato, ainda antes da fase em que os chamados “literatos” migrariam dos jornais para as revistas (ROMANCINI e LAGO, 2007).

Albert e Terrou (1990, p.54) explicam também que “o jornalismo de reportagem substituiu o jornalismo de crônica”, fruto da democratização da imprensa no mundo, especialmente nos Estados Unidos e na Europa no período entre o final do século 19 e o início do século 20. A exigência de alterações na imprensa provocaram a queda dos folhetins para o avanço do colunismo e em seguida da reportagem, como também expõe Sodré (1999):

Alterações serão introduzidas lentamente, mas acentuam-se sempre: a tendência ao declínio do folhetim, substituído pelo colunismo e, pouco a pouco, pela reportagem; a tendência para a reportagem; a tendência para a entrevista, substituindo o simples artigo político; a tendência para o predomínio da informação sobre a doutrinação; o aparecimento de temas antes tratados como secundários, avultando agora, e ocupando espaço cada vez maior (SODRÉ, 1999, p.296).

O trabalho do repórter vai ganhando importância ao passo em que ele começa a ser acionado cada vez mais para cobrir fatos sociais (LAGE, 2001). Após um período forte do publicismo nos séculos anteriores, o século 19 mudava radicalmente devido à revolução industrial, que alavancou uma vida em sociedade mais dinâmica e uma grande ampliação do público leitor de jornais. “Em meio à propaganda de sempre, surgiam por via da reportagem, os fatos reais” (LAGE, 2001, p.16). Segundo Lage (2001), a reportagem colocou em primeiro plano novos problemas daquela nova vida dinâmica, como discernir o que é privado e de interesse individual, daquilo que é público e de interesse coletivo.

Não há como dissociar os aspectos sociais da crescente vida urbana da virada para o século 20 em relação às transformações das atribuições da imprensa. No contexto mundial, o crescimento e a massificação do jornal impresso no período acabam alavancando a função do repórter e a existência da reportagem. São aspectos que estão ligados a fatores sociais como “a

generalização da instrução, democratização da vida política, urbanização crescente, desenvolvimento dos transportes e dos meios de comunicação”, além da redução dos preços dos jornais e da lenta elevação do nível financeiro médio da população (ALBERT; TERROU, 1990, p. 51-52). Desta forma, “a reportagem nasce como gênero em um contexto da imprensa moderna, do capitalismo selvagem, da mecanização dos processos de produção [...], imersa em uma realidade urbana, complexa, e que necessitava cada vez mais de explicações” (GONÇALVES; SANTOS, 2014, p.3).

Martínez Albertos (1983) aponta que a reportagem surge, de fato, a partir da década de 1920, quando o jornalismo informativo, com o predomínio da narração dos fatos, se impõe no mundo ocidental, após o fim da Primeira Guerra Mundial. Mas as reportagens só se tornariam mais interpretativas e em profundidade a partir da Segunda Guerra, com o surgimento e o avanço do que Martínez Albertos (1983) denomina como jornalismo de explicação<sup>12</sup>.

O jornalismo no Brasil também chegava ao fim de sua fase artesanal no novo século, segundo Romancini e Lago (2007). Para os autores, as práticas modernas como rotativas, telégrafos, trabalho assalariado, divisão de tarefas e outras, auxiliaram na valorização da reportagem, surgida como outra importante mudança. No entanto, apesar das transformações que motivavam um maior trabalho de campo por parte dos repórteres, Romancini e Lago (2007) destacam que no período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial são poucas agências internacionais de notícias dominando o mercado, o que provocaria discussões sobre a dependência demasiada dos jornais a essas mesmas agências.

A demanda pela informação em profundidade também costuma ser associada ao esboço do que viria a ser o jornalismo interpretativo a partir do início do século 20, proporcionando a evolução do que se compreendia como reportagem à época. Até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, o predomínio do jornalismo informativo limitava-se ao relato objetivo dos fatos, mas havia uma incapacidade de se estabelecer uma ligação entre eles, segundo Lima (1993). “É a partir dessa deficiência que o público passa a esperar um tratamento informativo de maior qualidade” (LIMA, 1993, p. 25). O chamado jornalismo de explicação ou interpretativo ou ainda em profundidade passaria a ganhar mais espaço diante de um público mais exigente, utilizando equilibradamente o relato e o comentário, mas dentro de uma

---

<sup>12</sup> Martínez Albertos (1983) sugere uma divisão do jornalismo em três fases: o jornalismo ideológico, doutrinador e moralizador, entre meados do século 19 até o fim da Primeira Guerra Mundial; o jornalismo informativo, de relato de fatos e acontecimentos, coexistindo em parte do tempo com o ideológico desde o final do século 19, mas se estendendo ao longo da primeira metade do século 20; o jornalismo de explicação, de profundidade e interpretativo, que equilibra fatos e opiniões, a partir da Segunda Guerra Mundial.

perspectiva onde o leitor encontra facilmente os juízos de valor ao lado da narração objetiva dos fatos (MARTÍNEZ ALBERTOS, 1983).

Assim, surgem as revistas semanais, que no Brasil fornecem um grande impulso às reportagens, “a partir dos anos 1920 e, sobretudo, anos 1950” (MOSER, 2018, p.8). Em 1928, Assis Chateaubriand começaria um grande império de comunicação, lançando o semanário *O Cruzeiro*, como primeira grande revista do Brasil, dedicada também às reportagens (ROMANCINI; LAGO, 2007).

Após a fase dominante do jornalismo de referência na virada dos séculos 19 e 20 e da ascensão das reportagens dando maior profundidade nos acontecimentos, há uma evolução para um modelo de análise nos anos 60 do século 20, com o jornalismo especializado e mais interpretativo. O novo jornalismo, ou “segundo novo jornalismo”<sup>13</sup>, apresenta duas características que impulsionam uma nova formatação da reportagem, segundo Sousa (2001), que são a elevação da subjetividade nos relatos sobre o mundo e o jornalismo investigativo em profundidade.

Com o advento deste segundo Novo Jornalismo, o jornalista passa a ser encarado como um intérprete activo da realidade enquanto o jornalismo se perspectiva como um fenómeno da mente e da linguagem. Mesmo se o acontecimento continua a ser o principal referente do discurso jornalístico, passa, porém, a ser a perspectiva do jornalista, impressionista e subjectiva, a constituir o centro da enunciação. (SOUSA, 2001, p.30)

Sousa (2001) ainda relata que a partir de meados dos anos oitenta do século 20, as novas tecnologias, com infográficos, por exemplo, fizeram o jornalismo sofrer novas mudanças, alterando o modo de produzir reportagens. Além disso, “vingou, por exemplo, um jornalismo de serviços ou utilitário” (SOUSA, 2001, p.31), mas a principal mudança chegaria com a web e o advento das atuais tecnologias de apuração, produção, circulação e consumo, permitindo maior interatividade entre jornalistas, jornais e público.

As tecnologias emergentes a cada fase do jornalismo têm, historicamente, afetado o processo de produção e distribuição das reportagens. No caso do rádio, ao longo do século 20, a utilização dos novos aparatos tecnológicos e as transformações no uso da linguagem demonstraram uma evolução *pari passu*, de forma conjugada. O avanço da web no novo século,

---

<sup>13</sup> O segundo “Novo Jornalismo” surgiu nos anos sessenta do século 20 nos Estados Unidos e sua designação foi cunhada pelo escritor Tom Wolfe no seu livro *The New Journalism*. Sousa (2008) adverte que não deve ser confundido com o primeiro “Novo Jornalismo”, que surgiu no final do século 19 nos Estados Unidos e que introduziu novos ritmos e padrões na imprensa destacando inclusive o papel das agências de notícias. (SOUSA, 2008, p.54)

com o uso popular de equipamentos como *smartphones* e o consumo de elementos multimidiáticos, no entanto, trouxe outras implicações à produção e difusão da reportagem, que passam a lhe exigir maior simultaneidade com as novas formas de consumo.

### 3.2.2 Do transistor aos dias atuais

Há uma habitual precariedade técnica no início dos experimentos e do funcionamento de todos os meios de comunicação até hoje. No rádio não foi diferente, apesar de ter sido o primeiro meio de comunicação de massa eletrônico e suas operações dependerem da tecnologia da sua época. De acordo com Zuculoto (2012a, p.42), no início as emissoras brasileiras chegavam a alternar os dias em que entravam no ar e apenas poucos falavam para poucos: “o iniciante rádio brasileiro não conseguia promover emissões mais frequentes, que ocupassem boa parte das 24 horas do dia ou pelo menos que fossem diárias”.

Apesar das condições iniciais precárias, a programação radiofônica brasileira evoluiu ao longo do período denominado “Rádio Pioneiro”, entre os finais dos anos 1910<sup>14</sup> e da década de 1930. No entanto, o jornalismo profissional não fazia parte da programação diária nem das tarefas cotidianas incorporadas pelas equipes de produção. Nem mesmo os novos redatores que passavam a atuar na escrita dos roteiros de programas se ocupavam da tarefa de escrever notícias.

Mesmo já possuindo características que lhe davam a capacidade de divulgar rapidamente os acontecimentos, a notícia no rádio brasileiro “é ainda incipiente e produzida a partir de simples transposições dos jornais impressos ou em forma de comentários das suas informações” (ZUCULOTO, 2012a, p.45). As inovadoras especificidades do meio, como a mobilidade e o imediatismo, não eram bem aproveitadas diante da ausência de técnicas de produção, que persistiu por algumas décadas desde as pioneiras transmissões. “Nem mesmo os textos das primeiras emissões eram totalmente adequados às características e linguagem específicas do meio. Ainda não se utilizava a maior parte do seu potencial para veiculação informativa” (ZUCULOTO; ZIMMERMANN, 2020, p.223-224).

O fato de que as notícias eram divulgadas apenas pela simples leitura de jornais ao microfone demonstra que o radiojornalismo no Brasil começou sem reportagem. Para Bespalhok (2005, p. 2-3): “tinha-se, desde o início, a figura do apresentador que narrava as

---

<sup>14</sup> Considera-se aqui o advento do meio no Brasil em 1919, com o início das transmissões da Rádio Clube de Pernambuco (ALCAR, 2019), mas sem deixar de considerar e citar os testes de 1922, com as irradiações das comemorações do centenário da independência do país, no Rio de Janeiro (ZUCULOTO; ZIMMERMANN, 2020).

notícias ou fazia comentários”. Desta forma, não existia a voz do repórter ou das fontes. Assim, o nascimento do radiojornalismo ocorreu de forma semelhante aos meios impressos, sem reportagem e sem a figura do repórter na rua.

Mas ainda antes do surgimento da reportagem nos padrões conhecidos até hoje no rádio brasileiro, houve um importante marco divisor no jornalismo radiofônico como consequência da Segunda Guerra Mundial: o “Repórter Esso”. A enorme gama de causas, consequências e reflexos da guerra fazia gerar a necessidade de informações imediatas, sem importar aprofundamentos, detalhes ou análises (ZUCULOTO, 2012a). Foi a partir do Repórter Esso que formalmente é fundado o radiojornalismo nacional e padronizado o segmento comercial do rádio brasileiro:

O aperfeiçoamento dos equipamentos e o desenvolvimento de sistemas de transmissão de maior alcance são consequências que ressaltam o aspecto jornalístico do rádio. Nesse contexto surgem no Brasil os primeiros programas que, em sua evolução, serão os pilares de sustentação que darão origem ao radiojornalismo praticado até nossos dias: o Repórter Esso e o Grande Jornal Falado Tupi. (ORTRIWANO, 2002-2003, p. 72).

O rádio se tornou, devido à Guerra, o que Beltrão (1976, p.26) classifica de “informação de superfície”, uma especificidade do radiojornalismo que, mesmo passado o conflito, permanece como a base dos noticiosos radiofônicos (ZUCULOTO, 2012a). Ainda no mesmo período, segundo Zuculoto (2012a), houve outro noticiário famoso na história do rádio brasileiro: o “Grande Jornal Falado Tupi”, que em 1942 entrou no ar pela Rádio Tupi.

Porém, no período inicial da chamada “Era de Ouro” do rádio, na década de 1940, o jornalismo ainda funcionava sem a apuração realizada por repórteres e outros profissionais que estivessem nos locais dos acontecimentos ou em contato direto com as fontes. Mas ao invés da leitura direta dos jornais impressos, o rádio brasileiro passa a utilizar como principal fonte de informações as agências de notícias, que influenciam e ditam rumos ao jornalismo praticado no país. Havia um contraste em relação aos grandes investimentos na produção dos programas de espetáculo, como radionovelas e shows de auditório. “Neste período, apesar de o rádio brasileiro já ter superado em parte a precariedade técnica que marcou seus tempos pioneiros, ainda não é comum a prática da reportagem externa com maior utilização das características do imediatismo e instantaneidade” (ZUCULOTO; ZIMMERMANN, 2020, p.225).

Na década de 1950, com o fim da “Era de Ouro”, no entanto, houve a primeira e grande sentença de morte para o rádio, que figurava como o meio mais popular do país até então. A chegada da televisão foi muito além de representar somente uma concorrência ao rádio, mas

acabou deslocando seus maiores atrativos. Conteúdos que antes eram veiculados de forma exclusivamente sonora passaram a ser transmitidos com som e imagens. Ortriwano observa que a TV “ocupou o primeiro plano entre os meios de comunicação, levando consigo as verbas publicitárias, os profissionais e a audiência” (ORTRIWANO, 1990, p.82). Era o período denominado de “Pós-televisão”, situado entre as décadas de 1950 e 1970, quando o rádio precisou driblar sua decretada morte com o advento de novos instrumentos tecnológicos.

Terminada a *fase de ouro*, o rádio encontra na eletrônica seu maior aliado. Uma série de inovações tecnológicas são especialmente favoráveis ao renascimento do rádio e à transmissão jornalística. Entre elas, o gravador magnético, o transistor, a frequência modulada e as unidades móveis de transmissão (ORTRIWANO, 2002-2003, p. 76).

As inovações a que Ortriwano se refere possibilitaram o desenvolvimento e a consolidação das principais características radiofônicas conhecidas até hoje, como a mobilidade, o imediatismo e a instantaneidade. Porém, de todas as inovações do período “Pós-televisão”, o transistor foi, com certeza, a grande tecnologia responsável para a reinvenção do rádio e a garantia de sua sobrevivência.

Com a utilização da inovação, a recepção radiofônica sofreu forte mudança, com os aparelhos receptores portáteis, livres de fios e tomadas, culminando na famosa expressão de que “o rádio saiu da sala e foi para a cozinha”. A novidade tecnológica substituiu as velhas e grandes válvulas, oferecendo mobilidade também para o ouvinte. “A partir do transistor, o público pressuposto do rádio passou a ser um ouvinte móvel, o que não acontecia anteriormente quando as famílias se reuniam na sala ao redor de um garboso aparelho” (PRATA, 2009, p.20).

A mudança total no conceito de recepção de rádio a partir da chegada do transistor era evidente, segundo Meditsch (2007, p.118): “a miniaturização que isto propiciou substituiu a recepção coletiva nas salas de estar das residências e nos locais públicos pela recepção individualizada nas mais diversas condições e locais e, principalmente, no automóvel”. Com a audiência individual, o rádio passa então a integrar o cotidiano do ouvinte, no carro, nas ruas e onde quer que o ouvinte pudesse transportar seus novos e pequenos aparelhos receptores transistorizados.

Tecnologicamente, o transistor é um dos mais significativos inventos para o rádio. [...] Torna o meio radiofônico complementar à televisão e responde à pergunta de um período em que a individualidade das pessoas está acentuada. Os indivíduos são considerados consumidores em potencial das novidades tecnológicas fabricadas em larga escala. O período registra ainda a miniaturização em diferentes áreas e o interesse é pela portabilidade, que amplia o alcance e o mercado (CUNHA, 2004, p.4)

De acordo com Ferraretto (2001, p.138), em novembro de 1954, chega em lojas norte-americanas o primeiro receptor transistorizado, o “Regency TR-1”. No Brasil, em 1955, o número de aparelhos receptores de rádio ainda era limitado. Segundo Klöckner (2008, p.25), nessa época eram “477 emissoras de rádio e o total de aparelhos receptores atingia quase um milhão”.

Como toda nova tecnologia, há um intervalo de tempo considerável entre o lançamento de um novo componente eletrônico e sua efetiva implantação e utilização. “A tecnologia do transistor surgiu no dia 23 de dezembro de 1947. A proposta, apresentada por cientistas da Bell Telephone Laboratories, tinha como objetivo ampliar sinais elétricos através do uso de gerânio como material semiconductor” (LOPEZ, 2009, p.4). A novidade aportou no Brasil nos anos 1950 (CUNHA, 2004), mas se difundiu somente na década seguinte. Para Sônia Virgínia Moreira (1999, p.212), a invenção popularizou e massificou o aparelho receptor:

A invenção do transistor, em 1947, tornou o rádio acessível, de fácil manuseio e preço reduzido. Depois dos anos 60, os aparelhos transistores miniaturizados, portáteis e baratos invadiram o mercado ocidental e assinalaram o início da massificação do rádio em países do Terceiro Mundo onde, na falta de energia elétrica, funcionava a bateria. (MOREIRA, 1999, p.212)

O transistor transformou de maneira marcante a forma de cobertura jornalística, com a possibilidade de narrar o fato direto do local do acontecimento. As transmissões das Copas do Mundo de Futebol em 1962 e 1966 (BESPALHOK, 2006) e, de um modo geral, todas as transmissões das mensagens radiofônicas, garantindo a opção de emitir uma informação direto do local da ação. “O jornalismo destacou-se no período, mostrando agilidade na cobertura de notícias, com entradas ao vivo, diretamente do local onde aconteciam os fatos, e com entrevistas realizadas fora do estúdio” (NEUBERGER, 2012, p.72).

A evolução da produção da reportagem, principalmente da externa, foi uma das maiores transformações na época, já que as emissões passaram a ser mais imediatas. Da mesma forma, houve um avanço considerável na mobilidade por parte da equipe de repórteres e demais profissionais do rádio direto no local do acontecimento.

As novidades tecnológicas do período permitiram, por exemplo, que o rádio superasse as características que possuía até então em seu jornalismo, quando se limitava à emissão de notícias sintéticas. Com informações sendo transmitidas diretamente das ruas em formato exato de reportagem, ampliou consideravelmente a possibilidade de inclusão de mais dados e fontes sobre os fatos. Já no caso do gravador magnético, a inovação trouxe um outro ganho: o maior controle sobre a informação veiculada.

[...] se, por um lado, o gravador magnético deu ao rádio maior agilidade, mais versatilidade, barateou custos, pois programas – ou trechos – poderiam ser repetidos e melhorou a qualidade das gravações externas, por outro, permitiu também maior controle sobre o conteúdo das mensagens: passou a ser viável fragmentar as entrevistas, depoimentos, etc. e remontar os trechos selecionados, procedimento que se tornou rotineiro (ORTRIWANO, 2002-2003, p. 76).

Mesmo o gravador, ao se transistorizar, impulsionou mais ainda a reportagem, em especial na exploração das características radiofônicas de mobilidade e imediatismo. Assim, o dia a dia do radiojornalismo foi estimulado pela disseminação das unidades móveis de transmissão com a prática das reportagens externas ao vivo.

A facilidade de deslocamento com os novos e menores equipamentos de apuração, produção e transmissão fez com que a reportagem radiofônica, em moldes como conhecemos até hoje, de vez estivesse presente na programação das emissoras e explorasse cada vez mais a mobilidade, o imediatismo, a ubiquidade e a instantaneidade. Intervenções e entrevistas ao vivo, diretamente dos locais e nos momentos exatos dos acontecimentos passaram a constituir o cotidiano dos repórteres. (ZUCULOTO; ZIMMERMANN, 2020, p.227)

A tecnologia seguia derrubando novas fronteiras no rádio, sobretudo no período “Pós-televisão”, com o transistor permitindo a sintonização das pessoas sem quaisquer barreiras (BELTRÃO, 1968). Em seu ensaio “A escrita do acontecimento”, o semiólogo Roland Barthes observou o protagonismo alçado ao rádio nos movimentos de maio de 1968, em Paris, na maneira que a palavra radiofônica se colocou diante daquele acontecimento, encurtando uma distância milenar entre o ato e o discurso, o acontecimento e o testemunho, tudo devido à nova tecnologia aplicada ao meio: “o transistor tornou-se apêndice corporal, a prótese auditiva, o novo órgão de ficção científica de certos manifestantes; pela repercussão imediata do ato, ela inflectia, modificava o acontecimento” (BARTHES, 2008, p.214). O que Barthes reflete a partir daqueles episódios, é que nunca a palavra informativa do repórter foi tão estreitamente misturada ao acontecimento. É possível afirmar, contudo, que a reportagem radiofônica passou a ser o fator diferencial do jornalismo radiofônico naquele período “Pós-televisão”, justamente pela apuração e produção própria das informações, contrastando com os períodos anteriores, de leitura direta de jornais impressos no ar como característica embrionária do radiojornalismo na fase do “Rádio Pioneiro” e da dependência das informações das agências de notícias que dominaram o período da “Era de Ouro”.

Segundo Mauro de Felice (1981, p.69), na fase inicial de popularização das reportagens externas, linhas de telefonia exclusivas e microfones eram instalados

antecipadamente em locais de eventos pautados para cobertura das emissoras: “operadores e radiorepórteres saíam juntos para as tarefas, e a primeira providência era a instalação de microfones nos locais onde se realizariam as solenidades”. A evolução na disponibilização de linhas telefônicas, conquistada devido às melhorias nas telecomunicações brasileiras, somada à transmissão via micro-ondas em meados da década de 1960, também contribuíram para o impulso do “ao vivo” nas reportagens (ZUCULOTO; ZIMMERMANN, 2020).

Dentro da equação entre aparelhos transmissores móveis e menores - como gravadores portáteis e estações móveis nos automóveis - e a miniaturização dos aparelhos receptores, vem à tona também a preocupação com o conteúdo e a linguagem adotada no jornalismo a partir daquele momento: “as sonoras das reportagens tornaram-se menores para que a mensagem não provocasse dispersão da audiência. O trabalho do repórter e a naturalidade das histórias se esvaíram, impostos pela ‘nova ordem’ de modificação da linguagem” (FERRAZ, 2016, p.69).

Uma nova linguagem era criada, apropriada para um veículo com alta mobilidade, que acompanha o ouvinte em vários lugares (PRATA, 2009). Fadiga e distração passam a compor o repertório do ouvinte com aparelhos portáteis, já que cresce a possibilidade de execução de várias tarefas ao mesmo tempo. Com a escuta mais dispersa, torna-se mais evidente a necessidade de repetição, reiteração e redundância na mensagem radiofônica (FERRAZ, 2016). No entanto, sem a possibilidade de uma redação prévia dos textos a partir da coleta de informações direto das ruas, “o tom coloquial de repórteres e apresentadores começa a desenhar o estilo de comunicação jornalística que reinaria nas décadas seguintes, com cada vez mais ênfase no ‘ao vivo’ e no improvisado” (ZUCULOTO; ZIMMERMANN, 2020, p.228).

Ainda quanto ao conteúdo, Ferraz (2016) destaca que as novas possibilidades técnicas causaram uma profunda modificação no conteúdo radiojornalístico: “a informação no rádio, sendo feita ao vivo, passou a exigir dos jornalistas que iam ao ar o improvisado no lugar de textos escritos, tanto dos que estavam no estúdio, quanto dos que estavam na rua” (FERRAZ, 2016, p.72). As mensagens também deveriam ser curtas por outro motivo: a duração da bateria dos automóveis, que alimentava os equipamentos das unidades móveis. Para Gomes (2014), apesar de as unidades móveis de transmissão instaladas nos carros das emissoras colocarem o jornalista no ambiente de pauta para finalmente relatar ao vivo os acontecimentos em tempo real, a transmissão ficava refém da bateria automotiva. Essa limitação técnica ainda perduraria pelas décadas seguintes.

Marco importante na realização de reportagens externas radiofônicas foi o início dos “Comandos Continental”, na Rádio Continental do Rio de Janeiro, no começo da década de 1950, priorizando o jornalismo direto nas ruas em detrimento da antiga seção de notícias da

emissora. “Era realmente uma maneira de priorizar a rua e a transmissão externa em detrimento da produção de notícias, que geralmente é feita de dentro da emissora” (BESPALHOK, 2006, p.69). O *slogan* da Continental era “A que está em todas”, fazendo justamente referência à transmissão das notícias diretamente dos locais do acontecimento. Segundo Zuculoto (2012a), a cobertura jornalística dos “Comandos Continental” nas ruas do Rio de Janeiro, também inaugurou o uso de carros como unidades móveis específicas para externas, além de fornecer informações para a redação dos noticiários que ainda mantinham a fórmula “Esso” de transmissão de notícias.

A emissora usava, na época, dois microfones sem fio chamados de BTP em suas externas e trabalhava diariamente com dois carros volantes, conforme Besspalhok (2006). Um dos carros cobria pautas previamente agendadas e o outro percorria a cidade em busca do inusitado e do inesperado, especialmente assuntos como assaltos, desabamentos, incêndios ou enchentes (BESPALHOK, 2006, p.71-72). Os microfones BTP<sup>15</sup>, utilizados pela Continental nas décadas de 1950 e 1960, gradualmente foram substituídos, na maioria das emissoras de rádio do país, por transmissores menores do tipo HT (*Hand talk*), nos anos de 1970 a 1990 (ZUCULOTO; ZIMMERMANN, 2020).

No entanto, entre as décadas de 1960 e 1990, diferentes modelos de microfones sem fio e linhas telefônicas fixas continuaram sendo utilizados para transmitir as reportagens externas das emissoras. Porém, no caso das linhas telefônicas, as mesmas eram instaladas em locais programados com uma boa antecedência, não se configurando, portanto, como coberturas jornalísticas de fatos imprevisíveis pelas equipes de jornalismo. A cobertura mais factual era garantida pelas Unidades Móveis instaladas nos carros das emissoras, que funcionavam como sistemas de rádio transmissores de médio alcance (LOPEZ, 2009) e possibilitavam a aproximação física com o local do acontecimento.

Sobre o telefone fixo, desde suas origens, o rádio esteve vinculado a ele, tanto para a produção como para a transmissão, segundo Cebrián Herreros (2011). “O telefone se constituiu na tecnologia midiática de maior transformação para o rádio [...]. É a tecnologia que transforma a radiodifusão em uma autêntica rádio-comunicação” (CEBRIÁN HERREROS, 2011, p.77).

O telefone fixo na reportagem, para Lopez (2009, p.473), “embora tenha cumprido um papel essencial, tinha validade parcial, já que não acompanhava do movimento do fato e exigia

---

<sup>15</sup> O BTP era um microfone portátil com aproximadamente 40 centímetros de altura, com duas alças de ferro, movido à bateria e operando como um pequeno transmissor. Necessitava que um operador de áudio à distância sintonizasse o som do microfone para fazer as transmissões externas (GOMES apud BESPALHOK, 2006, p.190).

que o jornalista, muitas vezes, se ausentasse do palco da ação para realizar a transmissão e, com isso, perdesse informações”. Muitos repórteres chegavam a utilizar telefones privados e telefones públicos (orelhões) para a transmissão o mais próximo possível de um acontecimento (ZUCULOTO; ZIMMERMANN, 2020).

Porém, a reportagem externa no rádio finalmente ficaria livre de fios e baterias de automóveis após a chegada dos telefones celulares. A primeira ligação oficial de um protótipo de telefone celular no mundo foi realizada em 1973, em Nova York, pelo engenheiro Martin Cooper, da Motorola. Mas, no Brasil, a novidade só começou a ser utilizada a partir de dezembro de 1990, no Rio de Janeiro, com a chegada do primeiro modelo de celular no país, o Motorola PT 550, com 22 centímetros e pesando 348 gramas (FOLHA DE SÃO PAULO, 2017).

Com o advento da telefonia móvel através do aparelho celular, “os repórteres poderiam ser localizados a qualquer momento, para que fossem mobilizados para uma cobertura factual, com fronteiras de transmissão mais tênues do que as anteriores, com as unidades móveis” (LOPEZ, 2009, p.473). Além disso, houve um avanço sobre a então limitação rígida no tempo de transmissão que era imposto por equipamentos das gerações anteriores. Meditsch (2007) aponta, inclusive, que o radiojornalismo ao vivo e como fator dominante nas programações informativas só foi possível com o avanço paralelo nas telecomunicações.

A telefonia móvel celular e a telefonia direta por satélite romperam os últimos obstáculos à mobilidade na produção, dispensaram a necessidade de instalação de sistemas próprios de radiocomunicação com os repórteres, nas emissoras, e aumentaram a autonomia dos jornalistas em relação aos controles governamentais, exercidos através das redes físicas (MEDITSCH, 2007, p.116).

A popularização dos telefones celulares ao longo da década de 1990 permitiu que repórteres ampliassem sua capacidade de transmitir informações em tempo real, direto do local dos acontecimentos. Da mesma forma, garantiu também a mobilidade de entrevistados e ouvintes, que passaram a participar ao vivo na emissora de qualquer local onde houvesse sinal de telefonia móvel. No caso dos ouvintes, abriu-se a possibilidade de uma participação proativa, oferecendo pauta e conteúdo para a reportagem e equipes de jornalismo. Marcelo Parada (2000) relata que o telefone celular, ainda em sua fase inicial, transformou a reportagem radiofônica e também a participação da audiência, criando a figura do “ouvinte-repórter”. A cobertura do trânsito e outras ocorrências externas tiveram grande modificação, sendo possível “informar tudo em tempo real, antes mesmo que a polícia” (PARADA, 2000, p.116).

Dessa forma, segundo Gomes (2014), o rádio reforça mais uma vez seu caráter ao vivo, no sentido em que o repórter pode ser acionado e entrar na programação a qualquer hora e de qualquer lugar, alterando radicalmente a relação espaço-tempo na produção da notícia. Com o celular virando a principal ferramenta de trabalho do repórter no período após a década de 1990, a comunicação direta do profissional na rua com a emissora e as fontes também foi alterada. Ribeiro (2005, p.170) destaca que a novidade permitiu que a fonte pudesse ser encontrada em qualquer hora e lugar, bastando manter o aparelho ligado e estando em uma região onde o serviço de telefonia fosse oferecido. Os entrevistados passaram a ser localizados e ouvidos em qualquer lugar, mesmo em deslocamentos (GOMES, 2014), tanto em conversa por áudio como através de mensagens de texto.

O relacionamento com as fontes também foi beneficiado com a novidade. Estas passaram a ser localizadas e ouvidas em qualquer lugar e mesmo em deslocamento. Para o repórter que sai para uma externa, a checagem da pauta pode ser realizada já durante o percurso para o local do acontecimento, ouvindo pessoas e recebendo dicas da produção por meio dos recursos da telefonia móvel. (GOMES, 2014, p.82)

Castells *et al.* (2006, p.19) chegou a se referir ao telefone celular como a tecnologia de maior penetração, ao passo que a comunicação sem fio se espalhou mais rapidamente do que qualquer outra tecnologia de comunicação na história. O uso dos telefones celulares pelas emissoras de rádio foi de aplicação predominantemente sonora ao longo da década de 1990 (ZUCULOTO; ZIMMERMANN, 2020), já que a tecnologia ainda dava os passos iniciais para a transmissão de textos, via SMS<sup>16</sup> e internet. O envio de mensagens SMS foi um recurso amplamente utilizado pelo rádio com fins interativos (QUADROS, 2013b).

O celular trouxe também outro aspecto para as reportagens externas, que foi a discrição da presença do repórter nas ruas, ao contrário de um período anterior, onde o profissional era obrigado a se manter próximo de sua Unidade Móvel alimentada à bateria do automóvel da emissora. Essa “invisibilidade” do equipamento que o celular trouxe às ruas, especialmente a geração dos pequenos aparelhos dos anos 2000, confirma a “profecia” de Weiser (1994) de que no futuro os computadores seriam aqueles presentes nas atividades do dia-a-dia, mas sem serem percebidos. O filósofo entendia que a melhor ferramenta de comunicação que pudessemos possuir deveria “desaparecer”, ou no caso, tornar-se pouco visível. Alves (2007, p.7) sustenta que os aparelhos celulares se tornaram cada vez mais invisíveis à medida que a evolução

---

<sup>16</sup> As primeiras mensagens de SMS (Short Messaging Service) por celular no mundo foram enviadas em 3 de dezembro de 1992, pelo engenheiro Neil Papworth no Reino Unido. Fonte: <https://olhardigital.com.br/noticia/primeira-mensagem-sms-completa-25-anos/72733>

tecnológica permitiu que eles reduzissem de tamanho, “tornando-se uma tecnologia ‘vestível’ a ponto de sua presença ser quase imperceptível.

No entanto, outros equipamentos com tecnologia digital já alteravam determinantemente a rotina de produção e edição de reportagens e conteúdos radiofônicos naquele período:

Em termos de equipamentos digitais para produção, gravação e arquivamento, os programas radiofônicos, em poucos anos, passaram rapidamente por diferentes tecnologias digitais de registro: *Mini disc* (MD), *Digital Audio Tape* (DAT), *Digital Compact Cassete* (DCC). O uso desses equipamentos digitais permitiu, principalmente, reprodução infinita sem perda de qualidade, sem degeneração de cópia; fácil manejo; grande capacidade e facilidade de armazenamento; busca rápida e facilitada do segmento desejado; e edição não linear (ZUCULOTO, 2012a, p.154).

Porém, a partir do novo milênio o avanço da tecnologia das telecomunicações alça o rádio do mundo sonoro para o mundo audiovisual e multimídia. Isto ocorreu quando telefones celulares, convertidos contemporaneamente em *smartphones*, passaram a fotografar, filmar, gravar áudio e, principalmente, navegar livremente pela internet com as tecnologias 3G, 4G e Wi-fi (ZUCULOTO; ZIMMERMANN, 2020). Essa conversão foi muito além da simples modernização no formato dos aparelhos de comunicação pessoal e das mudanças de teclas físicas para o teclado digital e o início de uma cultura de *touchscreen*. De acordo com Gambaro (2019), o *smartphone* passou a servir como um importante mediador das relações pessoais com a mídia.

O primeiro aparelho com características de *smartphone* foi lançado mundialmente em 1994<sup>17</sup> (BBC NEWS BRASIL, 2014), mas o marco tecnológico acabou sendo o ano de 2007, com o primeiro Iphone pela Apple, trazendo as funcionalidades conhecidas atualmente (GAMBARO, 2019). A partir de então, houve uma consolidação no acesso à internet (em 2G), mídias sociais e vários aplicativos, além de servir como telefone para realizar ligações. A conectividade 3G e a loja de aplicativos vieram a partir do segundo modelo do Iphone, em 2008. No mesmo ano a Google lançou seu sistema operacional Android e sua loja de aplicativos (UOL, 2017), que chegaram no Brasil somente em 2009 (ÉPOCA NEGÓCIOS, 2009).

Se o transistor garantiu a independência do repórter na transmissão sonora a partir dos anos de 1950 e se os primeiros celulares na década de 1990 potencializaram essa autonomia, os

---

<sup>17</sup> Em 16 de agosto de 1994 a IBM iniciou as vendas do Simon, uma combinação inédita até então de telefone celular com tecnologias de computação. Fonte: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140815\\_smartphone\\_vinte\\_anos\\_rb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140815_smartphone_vinte_anos_rb). Acesso em 02 de fev. 2020.

novos *smartphones* passam a agregar a possibilidade de captação, produção, edição e circulação diretamente das ruas, como reforça Gomes:

O incremento crescente dos aparelhos celulares possibilita a gravação e o envio de sonoras, com o uso de internet sem fio, potencializando a agilidade característica do meio. Com um notebook, gravador digital e acesso à web, a produção de rádio pode ser feita integralmente fora da emissora; é o radiojornalismo produzido em ambiente móvel. (GOMES, 2014, p.90-94)

Mas a rotina radiojornalística acabou sendo alterada, mais uma vez, devido a outros fatores influenciados pela chegada e apropriação de uma nova tecnologia. Os gravadores digitais, que haviam acabado de evoluir dos antigos analógicos, passaram a fazer companhia aos gravadores embutidos nos próprios *smartphones*. Mesmo que os antigos celulares também já possuíssem tal acessório, houve um ganho na “potencialização da emissão diretamente do local através das redes digitais ou do próprio celular, inclusive a disponibilização em *podcasts*”, conforme SILVA (2013, p.94). O autor ainda considera que:

Com o surgimento dos celulares digitais multimídia (*smartphones*) os repórteres passaram a ter num mesmo dispositivo os aspectos de recepção (rádio), produção (gravador digital) e emissão (centrado nas conexões sem fio). Este contexto móvel se instala nas redações convergentes. Este último aspecto, o de emissão, consideramos o maior diferencial porque permite a mobilidade/ubiquidade para o envio do material produzido. (SILVA, 2013, p.94)

O uso dos modernos *smartphones* influenciou na dinâmica das emissoras, praticamente abandonando o pouco que restava de produção analógica: “mesmo nas rádios mais tradicionais o que é difundido analogicamente produz-se digitalmente” (FIDALGO, 2013, p.15). A mobilidade, característica que ganhou vida com o transistor e foi impulsionada com os celulares, recebe novo tônico com os *smartphones*. Cunha e Avrella (2019, p.8) entendem que, com os avanços técnicos, é “na programação jornalística que conseguimos notar algumas das principais marcas do veículo rádio, tanto em termos de produção quanto de conteúdo”. No mesmo entendimento, Gambaro (2019, p.191) considera que:

No caso do jornalismo, a tecnologia impactou tanto os modos de produção como a própria forma do conteúdo. [...] Hoje, com o smartphone, alguns processos de redação e de publicação on-line podem ser conduzidos enquanto o profissional está em trânsito. Assim, a presença ao vivo do repórter e entrevistas tomadas fora da redação se tornaram elementos recorrentes.

O autor, no entanto, observa que as funções do repórter foram alteradas com o uso do *smartphone*, muito mais do que já haviam se transformado com a chegada do antigo celular. O

profissional do radiojornalismo passou a cumprir outras tarefas durante as externas, conseguindo ainda ser o primeiro a dar a notícia ao vivo na programação, mas publicando fotos, vídeos e texto a partir do seu *smartphone* (GAMBARO, 2019, p.258). Desta forma, os dispositivos promoveram uma alteração nas etapas de criação/produção, edição, distribuição e consumo nas emissoras de rádio (KISCHINHEVSKY, 2016), gerando também múltiplas funções pela extensão tecnológica das capacidades e habilidades dos profissionais (FERRARETTO; MORGADO; SABALLA JR., 2018).

Portanto, surgem novas implicações quanto à realização das reportagens radiofônicas com o repórter acumulando novas funções a partir da integração dos *smartphones*. A questão do tempo exercido pelos repórteres na realização de suas tarefas é um novo fator que chamou a atenção durante a observação participante de Saballa Jr. (2019) junto à equipe de reportagem da Rádio Gaúcha de Porto Alegre (RS). O ambiente de permanente *breaking news* adotado pela emissora faz com que o “tempo de apuração” seja o mais curto possível, em função da concorrência das redes sociais e o risco de que o assunto já tenha repercutido através da velocidade dos próprios aparelhos celulares. O “tempo no ar”, segundo a pesquisa, ocorre com o predomínio de inserções curtas e objetivas. E o “tempo para outras atividades” se expande na medida em que o profissional necessita agora publicar versões em texto das reportagens que foram ao ar na rádio, tirar fotos durante a pauta, gravar vídeos e fazer transmissões ao vivo em imagens (SABALLA JR., 2019, p.161).

Outras alterações também ocorreram na dinâmica de produção das reportagens radiofônicas, ao tomarmos como exemplo a pesquisa de Saballa Jr. com a Rádio Gaúcha. As anotações em bloco de papel foram substituídas pelo uso do próprio celular como instrumento de escrita do texto de apoio para entradas ao vivo, assim, o material já serve para publicação posterior no site da emissora ou nas redes sociais. Durante sua observação, o autor elenca os equipamentos levados às ruas pelos repórteres da emissora a cada reportagem: um *smartphone* da emissora; um *smartphone* pessoal; um celular modelo antigo apenas para fazer ligações em situações de emergência; Access24 – equipamento para transmissão de áudio com qualidade semelhante à de estúdio; bastão de selfie para transmissões em vídeo; rádio portátil e fones de ouvido; tripé para o *smartphone*; bateria portátil recarregável para *smartphone*. (SABALLA JR., 2019, p.69-70)

O uso de aplicativos de mensagens instantâneas também é outra alteração recente que os *smartphones* trouxeram à reportagem radiofônica e ao radiojornalismo em geral. O WhatsApp, por exemplo, passou a ser usado pelas emissoras de rádio no Brasil a partir de 2013, mas como forma de participação do ouvinte na programação (KISCHINHEVSKY, 2016). No

jornalismo radiofônico, é muito comum que ouvintes enviem à emissora tanto informações sobre o trânsito ou o tempo, como também perguntas para entrevistados, que podem ser resumidas em leitura pelos locutores no estúdio ou veiculadas em áudio no ar (GAMBARO, 2019, p.262). Essa redescoberta da participação do ouvinte, via aplicativo, acabou gerando uma nova configuração do papel de “ouvinte-repórter” incorporado às programações nos anos 1990, já que é comum que o público também envie mensagens em áudio sobre ocorrências em seu entorno.

O WhatsApp acabou virando ferramenta imprescindível para pautas, uma vez que os repórteres permanecem conectados às suas fontes de informações ou grupos específicos, recebendo detalhes sobre os acontecimentos em curso, até mesmo durante as coberturas jornalísticas (SABALLA JR., 2019, p.74-75). É frequente também o uso do aplicativo pelos repórteres para realizarem entrevistas, enviando perguntas em texto ou áudio e recebendo as sonoras dos entrevistados.

Com a utilização do áudio pelo WhatsApp, o controle de tempo e o controle na distribuição síncrona e assíncrona dos áudios ficam mais evidentes. Os próprios repórteres ganham a opção de gravar suas entradas na programação e enviar o áudio via aplicativo, deixando que a equipe no estúdio faça o controle de distribuição, mediando as interações internas e externas. Quando o entrevistado ou o flagrante do acontecimento não podem esperar a abertura de espaço na programação, o repórter tem a alternativa de simular o vivo, ou “gravar ao vivo” durante a ocorrência e disponibilizar o material à emissora para que seja veiculado nos minutos seguintes, por exemplo (ZIMMERMANN; ZUCULOTO, 2020, p.8).

Essas transformações tanto na reportagem como nos modos de produção e distribuição das informações no rádio e em outros meios de comunicação estão afetadas pelo conceito contemporâneo de mobilidade no jornalismo. Silva (2013) define o paradigma como “jornalismo móvel digital”, que estaria em sua quinta fase, a da Alta performance e era Pós-PC. Este período, que iniciou no ano de 2010, vem ocorrendo quando o jornalismo se beneficia de um conjunto de tecnologias de alta velocidade. Conforme a classificação do autor, as fases anteriores foram: a Tele-analógica, entre 1960 e 1970, que utilizava tecnologias analógicas como gravadores de rolo; a Portátil analógica, durante a década de 1980, com os então emergentes gravadores analógicos portáteis com fitas magnéticas para as emissoras de rádio; a da Mobilidade expansiva, na década de 1990, com o jornalismo já usando redes digitais de telefonia para envio de conteúdos por voz e dados, entre outros; a fase Ubíqua, que ocorreu dos anos 2000 até 2010, quando *smartphones* e outros equipamentos passavam a consolidar o jornalismo móvel digital (SILVA, 2013, p.109).

Perante novos cenários de transformações tecnológicas, a instantaneidade dos novos acontecimentos cruza com o imediatismo facilitado pelo *smartphone*, assim como ocorreu com as tecnologias anteriores desde a década de 1950. Entre algumas das diferenças, reside o fato de que essa equação vale tanto para o repórter como para o ouvinte-internauta, que pode ouvir o rádio pelo mesmo equipamento móvel que utiliza para receber e compartilhar novas informações. É uma transformação nos hábitos de escuta radiofônica e de conteúdo em áudio através dos *smartphones*, gerando um novo acerto do compasso entre a evolução da tecnologia para o usuário e as possibilidades do trabalho externo da reportagem radiofônica. Na verdade, pela primeira vez em todas as alterações tecnológicas vistas, o repórter passa a utilizar como ferramenta de trabalho o mesmo equipamento (o *smartphone*) que o ouvinte-internauta utiliza para recepção. Assim, encurta-se o caminho sensorial entre emissores e receptores com o compartilhamento de linguagens e operacionalidades, suscitando, por fim, uma maior sensação de horizontalidade no processo comunicativo.

Diante de tais avanços, “a reportagem radiofônica e o radiojornalismo aproveitam a oportunidade de manter constante a conexão com seu público, oferecendo conteúdo auditivo quando o indivíduo está em movimento e conteúdo visual e textual quando o indivíduo está parado” (ZIMMERMANN; ZUCULOTO, 2020, p.13). E como já lembrou Cebrián Herreros (2011, p.74), “o rádio nasceu como tecnologia, é tecnologia e seguirá sendo tecnologia. Não pode prescindir dela ou deixa de ser rádio. Empregou e segue empregando [...] as inovações que se produzem e se situa na vanguarda com a tecnologia de ponta”.

### 3.3 A INTERSECÇÃO ENTRE GÊNERO INFORMATIVO E INTERPRETATIVO NA REPORTAGEM RADIOFÔNICA

O formato reportagem radiofônica ainda carrega consigo algumas incertezas sobre sua exata localização dentro da taxonomia nos gêneros radiofônicos. Embora na classificação brasileira abarcada por Marques de Melo (2009), Lucht (2009) e Barbosa Filho (2003), a reportagem figure entre os vários formatos dentro do gênero informativo, a sua própria concepção chega a apontar traços que a deslocariam, mesmo que sutilmente, para o gênero interpretativo.

As dúvidas que residem sobre a exata localização do formato dentro da taxonomia nos gêneros não são exclusivas do radiojornalismo. As várias classificações atribuídas à reportagem jornalística para os diversos meios de comunicação fazem, no mínimo, tensionar o surgimento de uma intersecção entre os gêneros, especialmente entre o informativo e o interpretativo. Neste

subcapítulo da tese buscamos bases teóricas para compreender a reportagem jornalística como interpretadora da realidade para, em seguida, discutirmos as implicações que cercam a reportagem no rádio a respeito do tema.

### **3.3.1 A reportagem como interpretação da realidade**

Embora a definição sobre a reportagem jornalística varie em sua denominação como gênero ou formato, a depender do pesquisador e da origem de sua literatura consultada, aqui fixamos a reportagem e a reportagem radiofônica como um formato. Para facilitar a compreensão acerca das diferenças entre formatos e gêneros, recorreremos a Marques de Melo (2009) e Marques de Melo e Assis (2016), com o estabelecimento da seguinte hierarquia de classificação textual: gênero é uma classe que agrupa unidades de mensagem; formato é uma estrutura derivada dos diferentes gêneros; tipo é uma realização concreta das várias espécies de texto.

Ainda para Marques de Melo (2003, p.11), “os gêneros jornalísticos correspondem a um sistema de organização do trabalho cotidiano de codificação das mensagens de atualidade, a partir das formas de expressão adotadas nas empresas e refletindo em certo sentido o consenso corporativo”. Assim, são duas características básicas que definem um gênero, segundo Marques de Melo e Assis (2016): sua aptidão para agrupar diferentes formatos e sua função social. Já o formato jornalístico seria o resultado da construção da informação transmitida pela mídia, “por meio do qual a mensagem da atualidade preenche funções sociais legitimadas pela conjuntura histórica em cada sociedade nacional” (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2016, p.50).

Para contribuir na definição entre gênero e formato, recorreremos ao professor e pesquisador Lorenzo Gomis (1991), para quem o jornalismo funciona como método de interpretação da realidade social. O autor compreende que os gêneros jornalísticos são herdeiros dos gêneros literários, mas com a diferença de que a necessidade dos gêneros no jornalismo torna-se mais imediata e urgente do que na literatura.

Martínez-Costa e Herrera Damas (2005, p.2) corroboram com o pensamento de Gomis, ao entenderem o gênero como uma forma de representação da realidade e que se converte em um modelo de enunciação e recepção. Para as autoras, os gêneros cumprem três funções básicas: são formas de representação da realidade e servem como sistemas de referências que se modificam e evoluem constantemente; são ferramentas para o trabalho dos jornalistas e instrumentos úteis da pedagogia do exercício profissional; atuam como modelos de enunciação, ou seja, fornecem um conhecimento que permite superar ou modificar os esquemas tradicionais.

Já os formatos “são tipos de emissões que obedecem a critérios de estilo, conteúdo e estrutura” (LUCHT, 2009, p.40). Também dentro da bibliografia radiofônica, André Barbosa Filho (2009, p.71) considera que formato é “o conjunto de ações integradas e reproduzíveis, enquadrado em um ou mais gêneros radiofônicos”.

Dentro da classificação brasileira apresentada por Marques de Melo (2009), a tipologia dos gêneros jornalísticos é dividida em cinco categorias: informativo, interpretativo, opinativo, utilitário e diversional. Da mesma forma, a classificação apontada por Lucht (2009) para os gêneros radiojornalísticos mantém igual divisão. Em ambas as definições, a reportagem se localiza como um formato dentro do gênero informativo. No entanto, sua localização ainda deixa dúvidas e gera algumas divergências entre diferentes pesquisadores. Para Beltrão (1976), a reportagem é classificada como informativo e interpretativo. Enquanto o gênero informativo é calcado no objetivo de fazer saber algo, o interpretativo está mais relacionado à posição do repórter em relação aos fatos.

No entanto, na visão do catalão Lorenzo Gomis (1991), o caráter interpretativo do jornalismo amplia a margem de interpretação para oferecer ao público mais elementos para seu juízo de valor, facilitando assim a sua interpretação da atualidade que o cerca.

No jornalismo, como método de interpretação sucessiva da realidade social, corresponde aos gêneros jornalísticos cumprir distintas funções para responder também a diversas necessidades sociais e satisfazê-las. A informação e o comentário são duas necessidades sociais distintas. Necesitamos estar informados para saber o que acontece e o que significa cada um dos fatos no conjunto de acontecimentos atuais. Necesitamos formar uma opinião sobre as coisas e comentá-las para saber em que elas irão nos afetar e o que podemos fazer para tirar vantagem delas ou lidar com elas de forma eficaz e evitar os danos que podem nos causar. (GOMIS, 1991, p.44-45, tradução nossa)<sup>18</sup>

Gomis (1991) explica, dessa forma, que um meio de comunicação funciona como intérprete da realidade, por exemplo, quando recebe mensagens diversas e as decodifica, as reelabora, enfim, transforma o conteúdo em novas mensagens. Assim, as mídias vão além de transmissoras de informações e comentários, segundo o autor.

Esse papel de buscar uma melhor compreensão sobre os fatos, também pode ser visto dentro das funções dos gêneros jornalísticos, abordadas por Marques de Melo e Assis (2016) a

---

<sup>18</sup> Em el periodismo como método de interpretación sucesiva de la realidad social corresponde a los géneros periodísticos cumplir distintas funciones para responder también a diversas necesidades sociales y satisfacerlas. La información y el comentario son dos necesidades sociales distintas. Necesitamos estar informados para saber qué pasa y qué significa cada uno de los hechos en el conjunto de los acontecimientos actuales. Necesitamos formarnos una opinión de las cosas y comentarlas para saber en qué van a afectarnos y qué podemos hacer para sacar provecho de ellas o hacerles frente eficazmente y evitar el mal que podrían producirnos.

partir de contribuições de outros pesquisadores da área. Para os autores, o gênero interpretativo possui um papel educativo e esclarecedor, enquanto o informativo se ocupa da vigilância social e o opinativo serve como fórum de ideias. Já o gênero diversional tem a função de distração e lazer, ao passo que o utilitário funciona como auxílio nas tomadas de decisões cotidianas. A fim de suprir uma necessidade social, espaço de constituição do jornalismo, “os gêneros refletem aquilo que os cidadãos querem e precisam saber/conhecer/acompanhar, porque justamente nos gêneros esse público encontra respaldo para suas ações cotidianas ou, mesmo, para o exercício da cidadania” (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2016, p.49).

Embora o gênero interpretativo tenha sido legitimado no século 20 no Brasil (MARQUES DE MELO, 2009), Erbolato (1985) explica que nos Estados Unidos, a necessidade de explicar o que havia atrás dos acontecimentos e mostrar porque eles ocorriam já era evidente antes do período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). No entanto, a tendência em se explicar as notícias só avança após a Guerra, quando o jornalismo interpretativo firma seu propósito de oferecer uma maior explicação, com uma interpretação mais ampla das notícias políticas e oficiais, levando-as ao conhecimento de todos os níveis sociais e valorizando a opinião pública (HOHENBERG, 1962).

Apoiado em Fraser Bond, Mário Erbolato explica que a vida moderna havia se tornado tão complicada e variada que o cidadão comum passou a ficar perdido dentro do labirinto da economia, da ciência e das invenções, pedindo que alguém lhe auxiliasse e orientasse diante de tanta complexidade. Bond acreditava, mesmo para aquele período em meados do século 20, que a necessidade de interpretação e explanação das notícias era realmente visível.

Assim, o jornalismo de hoje deve fazer com que chegue ao leitor ou ouvinte, além da notícia de um fato, de um acontecimento ou de uma teoria, também explicações, interpretações, material de base, e diagramas, orientados no sentido de ajudar o indivíduo a compreender melhor o que lê ou ouve. (BOND, 1962, p.20-21)

De acordo com Erbolato (1985) o jornalismo interpretativo surge primeiramente nos impressos, justamente diante da nova concorrência do rádio e da televisão em divulgar os fatos em primeira mão. Assim, as reportagens nos jornais impressos ofereceriam um complemento do que foi ouvido na mídia eletrônica no dia anterior. “Adotou-se, para isso, a pesquisa, tendo como fonte os arquivos dos jornais e as bibliotecas e, ao lado deles, a obtida através da movimentação de equipes de repórteres, que coligem dados secundários ou que ocorreram concomitantemente com o fato principal” (ERBOLATO, 1985, p.31). Por outro lado, segundo o autor, a televisão e o rádio não conseguiriam garantir a mesma profundidade das reportagens

escritas, pois gastariam muito tempo na narrativa da história, sem empolgar o ouvinte ou telespectador.

Assim, o jornalismo interpretativo avança na perspectiva de oferecer ao público os antecedentes e as implicações de uma notícia, advertindo que não há fatos isolados, mas sim que pode haver raízes e projeções (ERBOLATO, 1985). Apoiado nas afirmações do jornalista dominicano Rafael Herrera, Erbolato (1985) traz outra definição para o jornalismo interpretativo, sendo aquilo que dará significado e sentido às ocorrências que relata, lançando-se em três direções: os antecedentes de um fato; o contexto social e as consequências do que houve. O estabelecimento de conexões entre um fato e uma situação mais ampla acabam por predominarem as características do jornalismo interpretativo, a partir das várias definições vindas de jornalistas e pesquisadores consultados por Erbolato: “explicação das causas de um fato, localização dele no contexto social (ou histórico) e suas consequências” (ERBOLATO, 1985, p.33).

Baseados em conceitos de Nietzsche, Marx e Freud na constituição de uma teoria da interpretação, Leandro e Medina (1973) definem o jornalismo interpretativo como “o esforço de determinar o sentido de um fato, através da rede de forças que atuam nele – não a atitude da valoração desse fato ou de seu sentido, como se faz em jornalismo opinativo” (LEANDRO; MEDINA, 1973, p.5). Os pesquisadores oferecem, assim, uma importante contribuição teórica na distinção entre interpretação e opinião aplicadas ao jornalismo contemporâneo, esclarecendo que o deslocamento a partir do gênero informativo não significa, exatamente, uma adesão ao juízo de valor do comentarista.

Beltrão (1976) propõe duas etapas principais para a elaboração da mensagem interpretativa, que são a identificação do objeto e a documentação da ocorrência. A fonte do objeto em que o repórter trabalhará é encontrada a partir do jornalismo informativo, segundo Beltrão, mas que necessita de critérios de valoração específicos para identificar o que é de maior importância e interesse, como as proximidades temporal e espacial, além da quantidade e qualidade das pessoas envolvidas e o valor material ou ideológico do acontecimento. Após a seleção da ocorrência a partir dos critérios elencados, Beltrão (1976) sugere a etapa de aprofundamento na realidade, com a decomposição da ocorrência, ao conhecer e analisar as fontes de informação e os elementos que apresentam lacunas de significação. A etapa de documentação da ocorrência é concluída com a investigação dos valores e aspectos opacos do acontecimento, necessária para que o corpo da informação possa ser estruturado. Beltrão orienta para que o trabalho de investigação jornalística possa preencher todos os vazios da ocorrência, com todas as peças necessárias para estruturar a informação, tanto pela exigência da técnica

como da ética profissional. “O jornalismo interpretativo assim compreendido e praticado não violenta nem logra a audiência” (BELTRÃO, 1976, p.83).

Ao propor novos critérios para a classificação dos gêneros jornalísticos, Lia Seixas (2009) defende que a atividade jornalística interpretativa tem algumas particularidades que podem ser resumidas da seguinte forma: o fato gera uma discussão sobre a realidade contextual; a ocorrência deve ser decomposta em elementos básicos e deve haver investigação dos valores essenciais para estruturação da informação; uma dose maior de análise crítica pelo jornalista, incluindo adjetivos, advérbios e abolição do *lead*. A autora entende também que os modos discursivos presentes no jornalismo interpretativo poderiam ser narrativos, descritivos e explicativos em grau muito mais amplo do que para o jornalismo informativo. Apoiada nos conceitos de Martínez Albertos (1983), Seixas (2009, p.67) observa a transição da reportagem entre os gêneros informativo e interpretativo, afirmando que:

A reportagem não segue a lógica do lead e pode criar imagens, impressões e invocar sentimentos. No foco, portanto, o grau de subjetividade do enunciador-jornalista, pois sua ação de interpretar permite comparar, explicar, transmitir segundo sentimentos e exige aprofundar e investigar.

Conforme já vimos, o desenvolvimento da reportagem jornalística ocorre devido a uma demanda social por informação em profundidade, principalmente através das revistas semanais, o que Künsch (2005, p.43) entende como a prática do próprio jornalismo interpretativo em si, que “reúne condições mais adequadas à prática de uma mediação social da informação de natureza humana, polifônica e polissêmica”. Na passagem do jornalismo informativo para o jornalismo interpretativo, Leandro e Medina (1973, p.7, grifo dos autores) consideram que as linhas do tempo e espaço se enriquecem, “enquanto a notícia fixa o *aqui*, o *já*, o *acontecer*, a reportagem interpretativa determina um *sentido* desse aqui num círculo mais amplo, *reconstitui* o já no antes e no depois, deixa os limites do acontecer para *um estar acontecendo* atemporal ou menos presente”.

No percurso da reportagem interpretativa, os autores ainda acrescentam à equação do “quê, quem, quando, onde, como, por que” as questões como “em que contexto?” e “em que envolvimento humano?” (LEANDRO; MEDINA, 1973, p.8). É a busca pela compreensão do fato jornalístico em que se insere a reportagem, com a complementação de fatos que situem ou interpretem o fato nuclear, através de seus antecedentes e de seus possíveis desdobramentos e consequências. Além da articulação de outros fatos ao fato nuclear, Leandro e Medina (1973) sugerem mais duas direções para a reportagem interpretativa, com a valorização do humano no

acontecimento jornalístico e o aprofundamento, quando a pesquisa supera a simples observação direta.

Em um olhar semelhante, Gomis (1991) também auxilia na comparação, mais uma vez, entre notícia e reportagem, mas pela diferenciação no grau de interpretação dos fatos. Enquanto a notícia contribui para que o público descubra com clareza, precisão e rapidez os fatos que ocorreram e que possa interessá-lo, a reportagem representa uma abordagem dupla. Segundo Gomis (1991), o repórter se aproxima da cena dos acontecimentos, seus atores, suas testemunhas, pergunta, coleta dados, os relaciona, e então relata para o leitor ou ouvinte poder compreender o que aconteceu e o que os envolvidos pensam e sentem a respeito. O público quer “ver (ouvir), sentir, compreender as coisas como se estivesse no lugar do evento, compreender a articulação de uma série de fatos e as circunstâncias em que ocorreram. Essa é a função da reportagem” (GOMIS, 1991, p.45, tradução nossa)<sup>19</sup>

Para Bergamo (2011), não há como falar de reportagens (para meios impressos, sobretudo) sem se posicionar como uma narrativa do repórter, cuja narração se baseia em grande medida na sua própria história ou naquilo que é transmitido por seus contatos em forma de testemunhos. E o testemunho, segundo o autor, depende da presença do repórter, tanto na pesquisa para a matéria como no próprio acontecimento em si. Assim, a reportagem se inscreveria na linha de fronteira entre o individual e o coletivo.

No entanto, com a perda gradativa de autoridade do repórter em um momento em que o jornalismo perde sua força como trabalho intelectual e se define cada vez mais com o que possui de técnico, a reportagem como interpretação pessoal passa a ser colocada em questão, na visão de Bergamo (2011, p.261): “a reportagem só se torna uma interpretação pessoal quando autorizada pelo cargo ou pelo prestígio de seu repórter”.

Se o caráter interpretativo da reportagem tradicional para meios impressos depende da atuação do repórter e demais atores envolvidos, em um meio exclusivamente sonoro as marcas de quem produz e quem emite podem exercer um papel de interferência muito mais complexo na definição da natureza do gênero produzido. Além disso, o sentido polifônico, que é próprio do discurso jornalístico, se materializa com desenvoltura distinta no rádio, pelo meio das vivas vozes, seus tons, timbres, ritmos e flexões singulares, trazendo mais dúvidas ao rol de incertezas sobre a localização do formato enquanto gênero radiojornalístico.

---

<sup>19</sup> Ver, sentir, entender las cosas como si hubiera estado en el lugar del suceso, comprender la articulación de una serie de hechos y las circunstancias em que se han producido. Esta es la función del reportaje.

### 3.3.2 A natureza interpretativa da reportagem radiofônica

Sendo a reportagem radiofônica uma narrativa que engloba as diversas variáveis do acontecimento, oportunizando aos ouvintes uma noção mais ampla e mais aprofundada do fato narrado, como define Barbosa Filho (2009), por si só ela já desenharia um quadro de interpretação ao representar o fato através de muita sensibilidade, criatividade e fluência na narração, conforme bem pregam muitos manuais de jornalismo na contemporaneidade.

Em contrapartida, ao se conceber o gênero interpretativo dentro de parâmetros que exijam reunir um farto material para análise antes de sua difusão, como defende o pioneiro Luiz Beltrão (1976), o rádio acaba se distanciando de tal premissa, justamente pelas suas próprias características que lhe dão agilidade, como a mobilidade, a ubiquidade, a instantaneidade e a autonomia nos hábitos de audiência.

Enquanto Beltrão nos ensina que para construir um formato jornalístico que se enquadre em uma perspectiva de interpretação da realidade é importante procurar antecedentes melhores e projetar uma visão futura, vários manuais de radiojornalismo habitualmente optaram por situar a reportagem dentro do gênero informativo. Um dos exemplos ainda na década de 1980 é o Manual de radiojornalismo Jovem Pan, em que Maria Elisa Porchat (1989) advoga a favor da sobriedade durante a cobertura de acontecimentos externos, especialmente em matérias ao vivo. Para a autora, sentimentos e impressões pessoais do repórter no momento da transmissão prejudicam a informação e a prestação de serviços: “qualquer cobertura, em que dramas humanos transpareçam, deve se basear apenas no relato de dados objetivos” (PORCHAT, 1989, p. 31). A objetividade é a receita principal recomendada por Porchat (1989) em reportagens externas, com o repórter conciso no relato dos fatos e das circunstâncias, buscando referências concretas que deem vida à matéria, como a hora exata, o local ou as pessoas.

Há, contudo, que se considerar o contexto temporal da publicação do manual de Porchat, período de reabertura política no Brasil na década de 1980, quando parte dos ensinamentos profissionais ainda era baseada em textos com redação prévia, prioridade de voz às autoridades oficiais e abolição de qualquer nuance opinativa nas mensagens. Ortriwano (1998, p.19) lembra que em tempos imediatamente seguintes ao regime militar no Brasil, era necessário “que os profissionais da comunicação, os emissores, recuperassem seu direito a ter voz sem censura oficial e, situação paradoxalmente mais complexa, aprendessem a ter voz sem autocensura”.

A pesquisadora espanhola Susana Herrera Damas (2008) também aponta a predominância da reportagem radiofônica dentro de características soberanamente informativas no que se refere ao seu conteúdo, justamente pela sua ligação com o tempo presente e o seu caráter narrativo descritivo. Entretanto, sua maior profundidade jornalística normalmente a leva além da simples narração e descrição dos elementos mais noticiosos de um fato. Para a autora, a reportagem radiofônica é um gênero que parte da inspiração em acontecimentos reais e concretos, mas que admite uma maior versatilidade temática, desde o imediatismo dos acontecimentos até a questão histórica, passando por todos os fenômenos sociais e culturais.

Em outro momento, a pesquisadora entende que na perspectiva de se aprofundar mais no conhecimento sobre os fatos abre-se a permissão para uma melhor interpretação. Segundo Herrera Damas (2007b), a interpretação é, portanto, o resultado de uma tarefa anterior, que é a de buscar o aprofundamento através da investigação. Mas essa interpretação pode ocorrer tanto de forma implícita como explícita. De acordo com Herrera Damas (2007b), a interpretação implícita refere-se à atividade de interpretação que todo jornalista realiza para selecionar e ordenar os dados de informação. No caso da reportagem, a interpretação se torna mais explícita do que a notícia, por exemplo, mas menos explícita do que um comentário ou um documentário. Nesse sentido, “a reportagem segue predominando a função informativa e o relato se limita aos fatos e não à expressão da subjetividade do autor” (HERRERA DAMAS, 2007b, p.95). O que é possível verificar no entendimento de Herrera Damas é que o grau de interpretação da reportagem radiofônica avança mais nos métodos de apuração e investigação jornalística do repórter do que exatamente na composição do conteúdo da mensagem emitida.

Ferraretto (2014), por sua vez, considera que, na versão radiofônica, a reportagem se ocupa de ampliar quantitativamente a mensagem em relação às notas e sínteses noticiosas. Porém, a carga das impressões pessoais do repórter que explora o contexto do fato faz com que o formato adentre o terreno do jornalismo interpretativo, segundo o autor.

Ainda em Ferraretto (2001), o limite entre as emissões dos gêneros informativo e interpretativo podem ser vistos como terrenos porosos. O autor inclui o boletim do repórter (módulo mais enxuto do formato reportagem radiofônica) dentro do gênero informativo, exatamente pela questão de se ocupar em retratar o fato com o mínimo de detalhes, tal qual a notícia radiofônica. Mas, segundo o autor, o deslocamento para o gênero interpretativo ocorre no momento que o repórter tenha o objetivo de situar o ouvinte dentro do acontecimento, ampliando qualitativamente as informações, comparando os fatos, remetendo ao passado, fazendo conexões com outros acontecimentos e projetando-os para o futuro. Já o pesquisador Eduardo Vicente, ao definir a reportagem radiofônica como uma matéria específica e de maior

fôlego sobre um determinado tema, chega a considerar a reportagem “como um formato que combina elementos dos gêneros jornalístico (informativo) e opinativo” (VICENTE, 2016, p.2).

Essas constatações de Vicente e de Ferraretto são mais passíveis de localização em reportagens contextualizadas, reportagens especiais e grandes reportagens, restringindo os curtos boletins de reportagem ao espectro informativo. Janine Lucht (2009) em sua tese de doutorado acerca dos gêneros radiojornalísticos, crava a reportagem na listagem de formatos no gênero informativo. No entanto, a autora cita como um dos formatos do gênero interpretativo, a cobertura especial, como transmissões em copas do mundo e eleições, quando há a interrupção da programação normal da emissora para tais coberturas ao vivo. A autora chega a comparar essas coberturas radiofônicas com os dossiês dos meios impressos, que também integram o gênero interpretativo.

Essa, porém, é uma questão que pode trazer à luz algumas observações: as coberturas especiais no rádio são feitas, muitas vezes, por inúmeros boletins com a presença dos repórteres no palco dos acontecimentos, irradiando os fatos, entrevistando fontes ao vivo e até recuperando antecedentes sobre os fatos. Da mesma forma, em muitas transmissões contínuas, há uma aproximação entre os elementos da cobertura especial com uma reportagem especial ou mesmo uma grande reportagem, mesmo que as emissões ocorram ao vivo. A aproximação de ambos os formatos amplia ainda mais as incertezas sobre a relação entre a reportagem radiofônica e o gênero interpretativo.

No entanto, para bem organizar o fluxo de produção, circulação e reconhecimento (consumo) de um material em áudio, será necessário estabelecer um padrão sequencial e estético que remeta tons familiares ao público ouvinte. O espanhol Arturo Merayo (2002) lembra bem que as próprias especificidades do meio dificultam essa limitação clara entre a apresentação e a avaliação dos fatos. Para o autor, o emprego da voz humana e a inclusão de elementos da linguagem que introduzem emotividade à narrativa podem denotar a presença de opinião sobre os fatos. O uso da voz também é expresso como um subtexto no rádio, conforme vimos em Meditsch (2007, p.191): “a curva melódica, o ritmo e as ênfases tônicas utilizadas repetidamente constituem códigos que permitem aos ouvintes situar imediatamente o texto da fala”.

Reis (2010), ao analisar as constatações de Merayo, ressalta a preferência do autor espanhol em classificar os gêneros no rádio entre monólogo, diálogo e misto, justamente pela dificuldade em distinguir informação de interpretação ou de opinião em uma mensagem jornalística no rádio. Nesta perspectiva, a reportagem se situa dentro da categoria de diálogo e também no gênero misto, pelo fato de sua estrutura narrativa incluir diferentes pessoas no

discurso, conforme Merayo (2002), que na sua proposta de tipologia, acredita que a maioria das reportagens acaba mesclando fatos e interpretação.

Também pertinente no entendimento de Merayo (2002) e na observação de Reis (2010), é o fato do uso exclusivo da comunicação oral pelo rádio hertziano, o que traria características semânticas mais complexas do que na comunicação escrita. As expressões coloquiais são mais capazes de produzir interpretação ambígua, de acordo com os autores. Até mesmo a ausência de uma linha divisória formal, tal como ocorre no jornalismo escrito, dificulta a possibilidade de o ouvinte distinguir o que é fato e o que é opinião.

Corroborando com a análise de Merayo e de Reis, não é difícil supor que, de alguma forma, possa ocorrer na reportagem radiofônica um caráter híbrido que se aproxime de uma narração interpretativa, justamente pela presença e pela utilização de elementos específicos da linguagem. Mesmo em situações em que relatos de fatos e opiniões estejam justapostos, o caráter interpretativo da emissão encontra o seu ponto de apoio interseccionado. Como já lembrou Lorenzo Gomis (1991), as mídias devem ir além da transmissão de informações e comentários, decodificando as mensagens e contribuindo para a interpretação da realidade social.

Ao propor a ideia de “peça radiofônica reportagem” em sua tese doutoral, Nivaldo Ferraz (2016, p.173) a vê como “uma composição narrativa no rádio em que convergem as qualidades do jornalismo interpretativo e do rádio como meio de expressão”. A proposta do autor se baseia na utilização de estruturas narrativas ficcionais na reportagem, como uma forma de melhorar as expressões narrativas no dia-a-dia, mas sem partir para o entretenimento ou à espetacularização. A estrutura proposta conta com uma introdução, exibindo o problema e os personagens, seguido pelo desenvolvimento da trama com um conflito e o envolvimento dos personagens neste conflito. Por fim, há a exposição da busca emocional de uma resposta ao problema com “um desenlace e a solução encontrada” (FERRAZ, 2016, p.145).

Essa aproximação com o gênero dramático, também visto em Ferraz e Basso (2013) e López Vigil (2003), aplica-se facilmente em histórias com personagens reais do cotidiano, aproximando-se tanto do formato documentário radiofônico, da grande reportagem e da reportagem especial como também da “história de vida”, formato radiofônico do gênero diversional. O cruzamento entre elementos da reportagem com a história de vida vai além de uma outra possível intersecção de gêneros jornalísticos, mas alteram inclusive temporalidades, padrões textuais e perspectivas da narração. Para Ferraretto (2014), dependendo do assunto da reportagem, ela pode realmente pender para o diversional - histórias de vida da fonte abordada – como para o utilitário, no serviço à população.

Nessa flexibilização de recursos utilizáveis em determinadas reportagens, encontraríamos pontos de fusão entre formatos e gêneros, mas sempre reforçando o caráter interpretativo dos fatos. A inclusão de efeitos sonoros, por exemplo, como partículas ficcionais durante a narração e o uso de expressões no limite da adjetivação gerariam, por vezes, certo distanciamento da tradicional objetividade jornalística, mas também recusariam o flerte da subjetividade. Nestes casos, o deslocamento do produto final da reportagem partiria em direção ao campo da intersubjetividade, onde a “voz do outro” visa tensionar a relação sujeito/objeto/sujeito. Enquanto essas reportagens repousam mais no gênero da interpretação do que propriamente no gênero informativo, amplia-se qualitativamente a capacidade do ouvinte na interpretação dos fatos relatados.

### 3.4 A REPORTAGEM DESDE O *DIAL* ATÉ AS PLATAFORMAS DIGITAIS E EQUIPAMENTOS MÓVEIS

O rádio atravessou, no mínimo, oito décadas para deixar de ter a “hora marcada” como único recurso para envolvimento e engajamento de sua audiência. Até a chegada da web e sua evolução para o nível 2.0, a forma convencional para ouvir uma reportagem ou outro conteúdo radiofônico era manter o aparelho ligado, principalmente nos horários mais propensos à veiculação do conteúdo de interesse particular, como quadros e programas. Nem mesmo a lenta evolução das formas convencionais de programação para modelos de fluxo contínuo foi o suficiente para que o público pudesse ter um razoável grau de autonomia sobre suas escolhas dentro do vasto conteúdo radiofônico exibido diariamente.

Com o avanço a partir da web, que corporificou o renascimento tecnológico na última virada de século, as formas de envolvimento, engajamento e compartilhamento de conteúdo digital trouxeram ao rádio mais uma oportunidade de autorreinvenção e até mesmo de retomada do protagonismo nos acontecimentos em relação aos demais meios de comunicação. Para Camargo e Magnoni (2019, p.126), “a antiga receita que tornou o rádio brasileiro um veículo bastante resiliente foi o desenvolvimento gradual de uma linguagem simples e direta, capaz de abranger e interagir com diversas camadas socioeconômicas e culturais”. Neste sentido, mais uma vez linguagem e tecnologia necessitam evoluir concomitantemente para, no mínimo, manter seu amplo grau de abrangência e interação, capacidade histórica do rádio lembrada por Camargo e Magnoni.

Como já vimos, a reportagem é um dos formatos jornalísticos que melhor absorveu as características próprias do meio ao longo dos tempos, como mobilidade, imediatismo e

instantaneidade. A evolução da presença do rádio na web, as mudanças no caráter da reversibilidade da mensagem radiofônica e outras transformações em curso fazem, porém, que a reportagem venha também a adentrar o ambiente integrado e hipermidiático. A aproximação entre especificidades do webjornalismo e da reportagem radiofônica, com o potencial da propagabilidade do conteúdo sonoro no contexto hipermidiático é o que tratamos na seção a seguir.

### **3.4.1 Propagabilidade e engajamento na reportagem radiofônica hipermídia**

Nessa superdistribuição de conteúdo pela web e pelas redes sociais dentro deste novo ecossistema midiático, é preciso observar o comportamento e a evolução do meio radiofônico frente aos avanços tecnológicos que, em medidas distintas, também vêm tensionando os demais meios analógicos nas últimas décadas. Hoje, o rádio não pode mais ser atrelado exclusivamente a uma única tecnologia, como prega Meditsch (2010). De acordo com o autor, a especificidade do fluxo sonoro que proporciona e as relações socioculturais que a partir dele se estabelecem é que definem o conceito de rádio e não somente a natureza de seus equipamentos de transmissão e recepção.

Para Camargo e Magnoni (2019), entre as potencialidades do rádio no contexto digital, destacam-se:

Mediações mais interativas; adaptação da mídia sonora na internet; a transmissão através da internet amplia o alcance da mensagem a proporções mundiais, ou seja, o rádio ganhou a possibilidade de ter sua programação transmitida não só em esfera local, mas também global; ferramentas de fácil manuseio e gratuitas, o que pode democratizar e facilitar a produção de conteúdo. (CAMARGO; MAGNONI, 2019, p.129)

No entanto, se os caminhos utilizados pelo rádio para sua definitiva inserção no contexto digital diferem dos demais meios, os resultados após a plena adaptação são cada vez mais próximos. Segundo Salaverría (2009), se as diferenças entre os aparelhos usados por jornalistas da imprensa, rádio e televisão pouco tinham a ver uns com os outros, hoje todos eles, e até os próprios jornalistas da internet, usam ferramentas cada vez mais parecidas.

Quanto à reportagem, um de seus diferenciais em relação a outros formatos jornalísticos dentro desse novo ecossistema midiático é a capacidade de proporcionar uma maior imersão por parte do receptor, como descreve Luciane de Lucena Ito (2019):

Uma das características da reportagem, que ganha novas nuances com o avanço das tecnologias digitais de comunicação, é a imersão do receptor na narrativa. Para conseguir tal feito, de transportar o receptor para o cenário onde esteve o repórter, é preciso – por que não dizer – dom para escrever. As técnicas que estruturam uma boa narrativa ficcional também funcionam para as reportagens e estão aí, para qualquer jornalista aprender e aplicar – mas, sem o dom da escrita, é muito mais complicado dar alma, textura, cor, cheiro e sabor a uma reportagem (ITO, 2019, p.144).

Mas além do fator imersão, antigos modelos de audiência, participação e multiplicação são alterados no novo contexto digital, especialmente entre aqueles considerados mais polivalentes do ponto de vista midiático, caso dos meios eletrônicos, ao se transformarem em meios digitais. Formas renovadas de acesso e consumo ao conteúdo sonoro precisam ser compreendidas e incorporadas na realidade radiofônica, levando em conta as recentes experiências de engajamento e envolvimento do usuário nas novas mídias.

#### *3.4.1.1 Os conceitos de Engajamento e Propagabilidade na web*

O modelo de audiência que foi dominante nos meios eletrônicos de comunicação durante o século 20 passa por uma reconfiguração após a introdução do ambiente multimidiático e da sociedade cada vez mais empenhada em um processo de midiatização. A essa reconfiguração de modelo se dá o nome de engajamento. O engajamento é o modelo contemporâneo de audiência da mídia em ambientes de propagação.

A concepção de engajamento na mídia se refere à disposição do público em buscar conteúdos. Para Jenkins, Ford e Green (2014), a discussão sobre engajamento está relacionada diretamente com quem tem procurado novas maneiras de formular, medir e rentabilizar o que é feito com o conteúdo dentro da cultura de rede. No modelo de engajamento, a audiência é vista como uma cooperativa de agentes ativos propensos a “recomendar, discutir, pesquisar, repassar e até gerar material novo em resposta” (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p.153).

A multiplicação das plataformas de distribuição de conteúdo tem feito com que os usuários também se abriguem em comunidades. De acordo com os autores, “essas comunidades estão em busca de seus próprios interesses, conectadas e informadas por aquelas decisões tomadas pelos outros dentro de suas redes sociais” (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p.92).

Para Raquel Recuero (2011), o engajamento do público no conteúdo jornalístico está relacionado com o capital social gerado pelas mídias.

O capital social é um conceito geralmente associado aos valores relacionados com o pertencimento a redes (e grupos) sociais. Quanto a ele, há pouca concordância na literatura. De um modo geral, há visões que associam o capital social à produção de

valores socialmente relevantes, ou seja, percebendo o capital social como uma "cola" social, capaz de gerar valores como solidariedade e engajamento (RECUERO, 2011, p.4)

De acordo com Jenkins, Ford e Green (2014), para um conteúdo gerar engajamento, ele precisa de propagabilidade. Os autores explicam que a propagabilidade se refere ao potencial técnico e cultural de o público compartilhar conteúdos, normalmente por motivos próprios. E ainda reforçam: “A propagabilidade se refere aos recursos técnicos que tornam mais fácil a circulação de algum tipo de conteúdo em comparação com outros” (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p.26).

Embora os conceitos de propagabilidade e engajamento que os autores utilizam originalmente em sua obra estejam relacionados à indústria do entretenimento - sobretudo à TV e aos conteúdos em vídeo - partimos aqui de um esforço em trazer essa conceituação para o campo jornalístico e especificamente ao radiojornalismo. Para Dall’agnese, Barichello e Belochio (2018) é pertinente fazer a conexão direta desses atributos com o jornalismo:

As vantagens da propagabilidade, para o jornalismo, estão na visibilidade obtida por meio das recomendações, no compartilhamento dos conteúdos e links que servem como recomendações e/ou direcionam outros usuários aos ambientes “oficiais” da organização, podendo ampliar o tráfego nesses espaços. Já as vantagens do engajamento, além de propulsionar a propagabilidade, encontram-se, de maneira mais imediata, nas contribuições para a expansão e atualização da narrativa, por meio de comentários ou mesmo de materiais produzidos pelo público. Em uma perspectiva mais ampla, leitores engajados podem representar reconhecimento da organização de mídia como legítima para fornecer informação relevante de interesse público e, mais ainda, reforço da legitimidade do jornalismo enquanto instituição. (DALL’AGNESE; BARICHELLO; BELOCHIO, 2018, p.44-45)

Enquanto a discussão inicial de Jenkins, Ford e Green aborda a preocupação dos próprios meios de comunicação convencionais em alterarem seus métodos de aferição de audiência diante da reconfiguração do modelo anterior para o modelo de engajamento, a questão discutida no âmbito da produção jornalística se localiza com mais atenção na revisão dos métodos utilizados para ganhar alcance no conteúdo publicado. Uma primeira observação é o quanto o valor de propagação de um conteúdo afeta diretamente a questão do valor-notícia, ou mesmo se essas informações necessitam ter valor-notícia seguindo os critérios clássicos de noticiabilidade no jornalismo. Raquel Recuero (2009) entende que as informações que circulam nas redes sociais na internet, necessariamente, não precisam focar no bem comum ou no conhecimento coletivo, mas, sim, em perspectivas de ganho puramente pessoal. Desta forma, compreende a autora, que sem compromisso social também se elimina um valor-notícia

aplicável ao conteúdo, como teoricamente é aplicado nos conteúdos jornalísticos produzidos pelos veículos de comunicação.

Diferentemente do “noticiável”, a concepção de “propagável” está sempre relacionada àquilo que coloca algo num lugar: “é algo em torno do qual se pode criar uma conversa” (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 26). Assim, entra em cena a figura do multiplicador na era digital, que seria aquele membro da audiência que se posiciona centralmente na criação de uma conversa e que passaria a gerar valor por meio de suas atividades, como define o antropólogo Grant McCracken:

Um “multiplicador” é alguém que tratará o produto, o serviço ou a experiência como um ponto de partida. Os multiplicadores desenvolverão algum produto de sua própria inteligência e imaginação. Eles vão se apoderar de um artefato cultural e torná-lo mais detalhado, mais compreensível contextualmente, mais diferenciado culturalmente. [...] Usar um termo como ‘multiplicador’ ajudará o criador de significado a manter as novas realidades na melhor posição. (McCRACKEN apud JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 162)

Com a popularização das redes sociais na internet, esse multiplicador ganha destaque como um usuário pró-ativo, desenvolvendo a capacidade de criação e geração de novos conteúdos além do material-fonte. Rodríguez (2005, p.272-273) distingue os usuários pró-ativos dos usuários reativos, já que eles vão além de responder a iniciativas dos outros. A concepção de usuários que Rodríguez apresenta foi formulada ainda no início da efervescência das mídias sociais na web e compreendia que o conteúdo noticioso na internet se distinguiu entre usuários consumidores, que seriam aqueles que realizam leituras, consultas e busca de conteúdos, e os usuários produtores, que seriam aqueles que criam o próprio conteúdo ou ainda ampliam, editam e modificam os conteúdos de outros usuários.

Curiosamente, em trabalho anterior (ZIMMERMANN, 2012), chegamos a estabelecer uma relação entre o conceito de usuário pró-ativo, apresentado por Rodríguez, com a concepção de um usuário em interação mútua, sugerida por Primo sobre o papel do usuário na web. Como já destacado, Primo (2000, p.7) entende que “a interação mútua apresenta um complexo de relações que ocorrem entre os interagentes, operando em um sistema aberto, composto por elementos interdependentes, voltados para a evolução e o desenvolvimento”, diferentemente da interação reativa que estabeleceria relações lineares e unilaterais. Esta aproximação foi observada compreendendo o relacionamento que o usuário estabelecia, então, com as plataformas apresentadas até à época, como sites, blogs e as páginas próprias dos veículos de comunicação convencionais. Revisando essa relação, hoje no âmbito das redes sociais na internet, é possível observar que essa proatividade do usuário ultrapassa, e muito, os limites de

interação com o veículo. Esse usuário multiplicador, como cita McCracken, se apropria e se apodera do conteúdo para desenvolver um material diferenciado do original. Para Dall'agnese, Barichello e Belochio (2018), as contribuições dos usuários para a expansão e atualização da narrativa podem reforçar a legitimidade do jornalismo enquanto instituição.

A popularização de ambientes de mídia propagável, notadamente os sites e aplicativos de mídias sociais digitais (Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp), demanda estratégias das organizações a fim de planejar como conteúdos particulares poderão circular e, conseqüentemente, potencializar sua visibilidade nesses espaços. (DALL'AGNESE; BARICHELLO; BELOCHIO, 2018, p.45)

Neste sentido, Jenkins, Ford e Green (2014, p.246) entendem que em uma era de compartilhamento digital, há considerações estratégicas e técnicas para aumentar as chances de o conteúdo ser propagado. De acordo com os autores, o conteúdo é mais suscetível de compartilhamento se estiver disponível quando e onde o público quiser; for portátil; for relevante para os vários públicos; ser facilmente reutilizável em uma série de maneiras; partir de um fluxo constante de material: a mentalidade “viral”.

Apesar do esforço técnico a ser utilizado para garantir condições de propagação, há uma preocupação também quanto ao conteúdo disponibilizado para as interações em comunidades dentro das redes sociais na web. Recuero (2009) defende que as informações circulem nas redes sociais com base na percepção de valor gerado que os atores sociais percebem. Mas para Jenkins, Ford e Green (2014), nem todo bom conteúdo é necessariamente bom para compartilhar. O conteúdo se espalha atuando como alimento para conversas do público já em andamento, conforme os autores.

As pessoas avaliam os conteúdos que encontram de acordo com seus padrões pessoais e o conteúdo que compartilham com base no valor percebido por seu círculo social. Em outras palavras, algo que seja interessante para os indivíduos pode não ser material que queiram propagar através de suas comunidades, e alguns textos de mídia que eles espalham podem se tornar mais interessantes por causa da percepção do seu valor social. (JENKINS, FORD E GREEN, 2014, p. 247)

Desta forma, um conteúdo tem muito mais chances de vir a ser compartilhado quando possuir uma valoração social maior do que o valor individual de quem compartilha. Seria, por exemplo, como conversar sobre a previsão do tempo ao invés de confidenciar um problema pessoal. Douglas Rushkoff (2000, n.p.) diz que “o conteúdo é simplesmente um meio de interação entre as pessoas. [...] Algo para ter quando a conversa fica calma no trabalho no dia seguinte; uma desculpa iniciar uma discussão com aquela pessoa atraente na baia ao lado”.

Bowman e Willis (2003) já indicavam, por sua vez, como um dos motivos principais que induzem a participação dos usuários, a construção de reputação em uma comunidade. Além disso, os autores sugeriam que a criação de conexões com outras pessoas com interesses similares também seria uma motivação para a participação e o compartilhamento de conteúdo. Neste entendimento, uma reportagem, por exemplo, veria o seu valor de propagação de acordo com a capacidade de engajamento do usuário dentro da sua comunidade virtual. Ao revisar essas concepções de Bowman e Willis voltadas à era de predominância de blogs e sites, é possível compreender que os interesses similares em um grupo e a elevação a um grau maior de status e reputação interna seriam fatores consideráveis na escolha do material a compartilhar.

De um modo geral, as disposições do público em se engajar na busca de conteúdos e propagá-los na sua rede de relacionamentos e comunidades virtuais demonstram que o próprio conceito de público se apresenta em estado permanente de mutação. Superada a visão de público como audiência massiva, estática e silenciosa, surge a definição cunhada por Anderson, Bell e Shirky (2013, p.39) de que o público é “o grupo de consumidores ou cidadãos que tem interesse em forças que exercem influência sobre sua vida e que busca alguém para monitorar tais forças e mantê-lo informado, para que possa agir com base nessa informação”.

Apesar dos autores admitirem que essa definição não soluciona satisfatoriamente o problema quanto à concepção de público dos meios de comunicação na contemporaneidade, entendem que, independentemente do alcance da circulação do conteúdo nas novas redes sociais, a posição privilegiada da fonte original do conteúdo já diminuiu drasticamente. Desta forma, as condições e a potencialidade de engajamento e propagação do conteúdo gerado inicialmente passariam a superar a preocupação com a centralidade que jornalistas e mídia têm reivindicado ao longo das últimas décadas.

### *3.4.1.2 Reportagem radiofônica hipermídia e as condições de propagabilidade e engajamento*

Entre os meios de comunicação de massa do século 20, é possível que o rádio seja aquele que mais tardiamente esteja incorporando os conceitos de hipermídia a um dos mais populares formatos jornalísticos: a reportagem. Se de um modo geral, o rádio chegou muito antes da internet na transmissão de notícias em tempo real e, desta maneira, se adequou com mais facilidade às incorporações de imediatismo, instantaneidade e mobilidade das plataformas digitais, a mesma situação não é comumente observada quanto ao aproveitamento das potencialidades do contexto hipermidiático para a reportagem radiofônica. Uma das possibilidades reais é a de que o próprio conceito de hipermídia tenha nascido na teoria do

hipertexto. E, apesar de expandir a noção de texto verbal, a base do hipertexto é formada por texto, pois é a partir de uma base textual que será possível acessar elementos não textuais como áudios, vídeos, fotos, animações, infografias e outras formas de informação. Landow define o hipertexto como “um texto composto de fragmentos de texto [...] e os nexos eletrônicos que os conectam entre si” (LANDOW, 1995, p.15, tradução nossa)<sup>20</sup>. E como já é de conhecimento comum na era do webjornalismo, as hiperligações entre blocos informativos também são feitas através das frases escritas no texto. Canavilhas e Baccin (2015, p.8) alertam, inclusive, que a hiperligação interna, ou seja, aquela dentro do mesmo conteúdo informativo, acontece “quando é grafada em palavras ou outros elementos icônicos existentes dentro do bloco informativo”.

Em contraposição à tradição do texto escrito, o rádio é feito soberanamente de palavra falada, mesmo que possamos considerar a importância dos demais elementos da linguagem radiofônica (música, silêncio e efeitos sonoros). E apesar da tradição da linguagem oral nos meios e aparelhos eletrônicos (rádio, televisão, telefone), a cultura do uso da voz na web só avança a partir da web móvel e dos dispositivos móveis, como os atuais *smartphones* que, conforme já visto, tornaram-se propulsores da reportagem radiofônica na contemporaneidade. Del Bianco e Prata (2018) observam que esses aparelhos evoluíram de comunicações especificamente informativas para comunicações expressivas: “o celular converteu-se na principal porta de entrada para consumo de conteúdo e conectividade, incluindo práticas **propagáveis**, em parte por ser rápido, manejável e útil. Encontra-se integrado ao cotidiano com implicações vastas e diferenciadas” (DEL BIANCO; PRATA, 2018, p.103, grifo nosso). Neste caso, a multissonoridade já começa a se aproximar da multimídia.

No aspecto da interação, as especificidades do meio fizeram com que o rádio fosse “naturalmente” interativo. Lopez (2010) lembra que o telefone foi o grande propulsor da interação síncrona entre ouvinte e rádio a partir da década de 1970, mas a interação já havia iniciado nas primeiras décadas com os programas de auditório e cartas. Com a evolução tecnológica na virada do século, expandiu também por e-mails, fóruns de discussão e outras formas via web. Para Jung (2004, p.68), “o rádio é interativo de nascença” e “internauta ou ouvinte, conectado à internet, transforma-se em protagonista”.

O protagonismo do ouvinte-internauta avança ainda mais na atualidade, com sua participação nas redes sociais na web e com a utilização de aplicativos de mensagens instantâneas pelo celular como o WhatsApp, fazendo com que haja um deslocamento, mesmo

---

<sup>20</sup> Un texto compuesto de fragmentos de texto [...] y los nexos electrónicos que los conectan entre sí.

que sutil, da posição estática de ouvinte passivo para ouvinte partícipe e ainda ganhando nuances de multiplicador de conteúdo. Além de, como já mencionado, ser uma importante ferramenta para a reportagem em uma nova configuração do ouvinte-repórter, o WhatsApp também lembra as antigas cartas de participação de ouvintes, mas com a vantagem da instantaneidade, sincronizando envio e recebimento com os picos de audiência na programação (KISCHINHEVSKY, 2016). Esse novo ouvinte-internauta, segundo Lopez, agora também “busca outras fontes de informação, cruza, contesta, discute, corrige, atualiza, conversa com o jornalista que está no ar” (LOPEZ, 2010, p.115).

Para Kischinhevsky (2016, p.16), “nesse novo ambiente midiático, o rádio tem se mostrado ágil na associação com mídias sociais, diretórios e portais, em vez de construir estruturas próprias, caras e sem garantia de adesão dos ouvintes”. Mas o autor adverte que “se, por um lado, o rádio saiu na frente, ao se articular com sites de redes sociais, por outro enfrenta concorrência acirrada e pulverização de audiências” (KISCHINHEVSKY, 2016, p.16-17).

Essa pulverização é facilmente observada pela quantidade de compartilhamentos diários que cada internauta recebe e envia, vindos de mídias tradicionais, novas mídias ou até mesmo dos mais recentes riscos de compartilhamentos das chamadas *fake news*. Tudo isso faz o rádio buscar sua adaptação ao novo ambiente midiático pensando na configuração de uma nova audiência. Segundo Lopez (2016), a nova audiência deve considerar um sujeito conectado e multiplataforma, já habituado ao consumo de conteúdo compartilhado nas redes sociais.

Isso significa dizer que ainda que se fale para os sujeitos que fazem uma escuta individual, em seus dispositivos, essa fala precisa considerar o outro que recebe o conteúdo compartilhado pelo ouvinte-internauta original. Lidamos no rádio em cenário de convergência com níveis de acesso ao conteúdo pela audiência, e esses níveis, ao se expandirem, vêm acompanhados de comentários, correções, juízos de valor e complementações realizadas pelos usuários. Quer dizer, há uma resignificação dos conteúdos difundidos a partir de como os avaliam os sujeitos consumidores. (LOPEZ, 2016, p.338-339)

No entendimento de Lopez, além de reconhecer o ouvinte da emissora que está disposto a acessar, baixar e consumir o conteúdo jornalístico, é fundamental considerar o terceiro sujeito – não ouvinte habitual – que também recebe o conteúdo. Esse espaço de interação entre ouvintes, internautas e ouvintes-internautas caracterizam a nova audiência expandida do rádio.

O conceito de rádio expandido foi cunhado por Kischinhevsky (2016) e é baseado nas pesquisas sobre webjornalismo, que no Brasil tiveram destaque através da categorização empregada pelo Grupo de Jornalismo On-line (GJOL) da Universidade Federal da Bahia.

Kischinhevsky propõe como categorias para o rádio expandido a arquitetura de interação, a multimídia, a hipertextualidade, a personalização e a memória. Na questão específica da hipertextualidade, a categoria representa as “possibilidades de navegação franqueadas por links, seja no corpo do texto, seja por meio de botões que remetem a outras páginas do próprio portal, de parceiros [...] ou mesmo externas” (KISCHINHEVSKY, 2016, p.82-83).

Viana (2017) contribui com o conceito de rádio expandido, partindo em direção à reportagem expandida, onde a hipertextualidade faria parte do processo de produção e a narrativa seguiria um padrão multilinear do conteúdo. No modelo proposto por Viana, a reportagem necessitaria de espaços para interação com os ouvintes-internautas e que possibilitariam o compartilhamento dos arquivos de áudio e demais elementos. Para construir a proposta de reportagem expandida, Viana trabalhou com três vertentes: reportagem radiofônica, reportagem multimídia e rádio expandido.

Na reportagem radiofônica expandida, Viana (2017) observa os potenciais usos do áudio, enaltecendo a característica de proximidade da composição sonora radiofônica, mas considera para tal a exploração de história de vida, personagens, da emocionalidade com o uso de trilha sonora e efeitos. Esses são elementos muito mais presentes nas reportagens especiais e grandes reportagens do que nos demais tipos da reportagem cotidiana do rádio hertziano, conforme já relatamos aqui, apoiados nos conceitos de López Vigil (2003) e Kaplún (2017). Viana entende, contudo, que a união entre tais elementos e a complexificação característica das produções multimídia e produções especiais, geraria o novo formato no rádio expandido.

A proposta acerca da compreensão sobre reportagem expandida de Viana, reestabelece os padrões da reportagem multimídia, porém, com destaque e protagonismo para o áudio, como eixo-condutor da narrativa. A possibilidade de participação do usuário, a linguagem multimídia, a hipertextualidade na produção, a narrativa multilinear e a formação de banco de dados são as características em comum entre ambos os conceitos de reportagem. No entanto, Viana (2017) se apoia nas bases da reportagem do rádio hertziano e considera relevantes as características do rádio expandido, nos termos cunhados por Kischinhevsky (2016).

A arquitetura da interação vai ser caracterizada pelos espaços disponíveis na reportagem para interação com os ouvintes-internautas e pelo compartilhamento dos arquivos de áudio, elementos que partiram da participação do ouvinte/usuário nas radiofônicas e multimídias e que foram reconfiguradas para o rádio expandido [...]; a multimídia aparece em uma linguagem multimídia com destaque para o áudio, característica protagonista no conceito proposto; a hipertextualidade vai permitir que blocos de informações sejam unidos através de links, proporcionando um aprofundamento do tema tratado ao explorarem o espaço disponível pela plataforma para complementar narrativas, esse aprofundamento é importante para integrar informações presentes no áudio; a personalização pode ocorrer por meio da narrativa

multilinear, na qual o ouvinte-internauta pode escolher os caminhos percorridos dentro da produção; e a memória aparece com a formação de banco de dados que podem retomar conteúdos já tratados ou trazer elementos complementares. (VIANA, 2017, p.98-99)

Essa configuração observada pela autora, aproveita as potencialidades do rádio expandido, mas que poderiam também ser úteis para vários formatos jornalísticos do espaço hertziano. No entanto, as potencialidades já apontadas por Kischinhevsky (2016) no rádio expandido conferem em especial à reportagem a autoridade para buscar o aprofundamento necessário para maior amplitude interpretativa sobre o acontecimento.

Abordando a questão da hipertextualidade, que é a base para a hipermedialidade, há uma ligação entre os nós informativos que, segundo Canavilhas (2014, p.5), normalmente são o nó âncora e o nó de destino. A composição de diferentes elementos, como áudio, textos e hiperlinks, possibilita a escuta e leitura de diferentes trechos entre fatos anteriores, atuais e posteriores ao acontecimento central narrado.

Mas enquanto o webjornalismo trabalha com o conceito de bloco informativo, o rádio convencional sem hiperligações trabalha com uma estrutura linear de conteúdo. Isso quer dizer que o ouvinte do rádio hertziano é habitualmente obrigado a ouvir um conteúdo do início ao fim para obter o mínimo de contextualização. Já na estrutura do webjornalismo, Canavilhas orienta que cada bloco ou elemento narrativo deve ser autoexplicativo, ou seja, deve ser “uma unidade independente com sentido, mas que deve ser inserido no contexto narrativo para melhor compreensão” (CANAVILHAS, 2014, p.15). Neste caso, apesar de o ouvinte-internauta conseguir percorrer caminhos diferenciados para sua leitura e escuta, a sua manutenção no conjunto temático e sua subordinação à macroestrutura do conteúdo é fundamental para a contextualização do tema. Além disso, de acordo com Anderson, Bell e Shirky (2013, p.78), na prática jornalística, a forma mais básica de link é para o material-fonte. Desta forma, evita-se a descontextualização e novos arranjos que fujam totalmente do enfoque do tema.

Como já mencionamos, o conceito de hipermídia nasce na teoria do hipertexto, que por sua vez, é baseado no abandono dos conceitos de "centro", "hierarquia" ou "linearidade" por outros como "multilinearidade", “nós”, “links” ou “redes” (LARRONDO URETA, 2009), enfim, todos os aspectos que possam garantir que o discurso polifônico nasça hipernarrativo e que parta do autor para o leitor, chamado também de “leitor-autor”. Mesmo em um conteúdo em áudio transposto do rádio hertziano para a web, o acesso entre os “nós” na rede acaba

ocorrendo via hipertexto, embora a evolução do contexto de hipermídia já tenha também buscado avanço para o conceito de hiperáudio<sup>21</sup>.

No entanto, é através da hipertextualidade que será possibilitado ao ouvinte-internauta seguir blocos ao mesmo tempo independentes e autoexplicativos como também interconectados para maior contextualização do conteúdo. Com a personalização, lembrada por Kischinhevsky (2016) e Viana (2017), a narrativa hipermidiática na reportagem segue de forma multilinear, com o ouvinte-internauta escolhendo os caminhos a percorrer dentro da produção.

Lopez (2010) adverte que não se trata, porém, de uma desconfiguração do jornalismo de rádio para transformá-lo em webjornalismo, mas do uso das ferramentas multimídia e da produção multiplataforma como um complemento ao conteúdo que vai ao ar na emissora, que é exclusivamente sonoro. Viana (2017, p.193) sugere que na reportagem expandida, o áudio permanece como destaque: “seus arquivos sonoros devem ser multiplataforma e apresentarem possibilidade de compartilhamento, o que proporciona a circulação de conteúdos”. No rádio hipermidiático, segundo Lopez (2010), o áudio ainda é o foco:

Embora a produção do rádio através de múltiplas plataformas e linguagens seja crucial para o jornalista, para a emissora atrair uma nova parcela do público, o rádio em si precisa se manter como tal. O áudio precisa ser independente e, ao mesmo tempo, complementar. Nem todo ouvinte pode – ou quer – buscar um aprofundamento, uma multiplicidade de linguagens – seja através do rádio digital ou do suporte web da emissora. [...] A característica multiplataforma e hipermidiática, como dito, deve agir como complementar – embora importante – mas não como imprescindível. O ouvinte ainda é ouvinte. Ele ainda consome rádio no carro, por exemplo, e pode demandar a informação exclusivamente via áudio e, caso queira e possa, buscará a ampliação via dispositivos móveis. [...] O áudio, em rádio hipermidiático, se mantém como a ferramenta central de transmissão de informações. Mas agora se permite lançar mão, sem temer perder espaço ou identidade, de novas ferramentas e estratégias, compondo uma narrativa própria. (LOPEZ, 2010, p.119-120)

Como já visto, se a instantaneidade através de aplicativos de celular favorece o envio de mensagens do ouvinte para a rádio, também fortalece a propagabilidade dos conteúdos radiofônicos através de um público engajado com a emissora e integrado dentro de sua comunidade virtual, tendo o hiperlink como ponto de partida para expandir conteúdo além do alcance da transmissão hertziana das emissoras.

Embora haja amplo potencial de propagabilidade para outros formatos jornalísticos no rádio, como a notícia, a entrevista ou o comentário, é a reportagem que reúne as melhores condições de inserção no ambiente multi e hipermidiático, pelas próprias características já

---

<sup>21</sup> Navegação e interação por meio e dentro de um sistema sonoro através de nós e transições, a exemplo do que ocorre com o hipertexto (PONTUSCHKA, 2009).

relatadas aqui. Por um lado, a reportagem radiofônica consegue largar na frente no aspecto da agilidade, pelo fator da mobilidade, do imediatismo e da instantaneidade da emissão, especialmente nos casos dos boletins de reportagens direto das ruas, fazendo com que a nova informação esteja constantemente na palma da mão do usuário (ouvinte-internauta com *smartphone*). Por outro lado, os modelos de reportagens que buscam uma contextualização mais ampla dos fatos possuem maior flexibilidade para atualização de conteúdos, resgatando fatos anteriores e incluindo atualizações através da navegação via hiperlink.

Del Bianco e Prata (2018) entendem que a propagabilidade do conteúdo radiofônico implica numa transformação significativa no processo comunicacional, deixando-o mais amplo, participativo, democrático e estratégico. Para as autoras, essa transformação vem a “agregar ao modelo de distribuição por ondas hertzianas o de circulação pela rede, no qual a ação ativa do público de compartilhar e disseminar conteúdos é essencial para ampliar a audiência e dar a visibilidade online para as emissoras” (DEL BIANCO; PRATA, 2018, p.103).

Mas como já profetizava Cebrián Herreros nas primeiras revisões sobre o rádio na era da convergência multimídia, a tecnologia pela tecnologia não faria sentido: “a mediação técnica não é puro instrumento. É um processo comunicacional. A técnica interessa enquanto adquire capacidade para gerar novos símbolos e outras formas de expressão e transmissão de significados” (CEBRIÁN HERREROS, 2011, p.74). Apesar de o rádio ter nascido e seguido sendo tecnologia em sons, conforme já expressou Cebrián Herreros, estamos em um período diferente de mutação radiofônica em relação aos anteriores. O rádio encontra-se hoje embarcado em uma fase permanente de aceleração dessas tecnologias. E o que o tempo sugere, é que ainda não chegamos ao estágio de desacelerar.

### **3.4.2 A reportagem radiofônica como instrumento de credibilidade expandida**

O entrelaçamento das características do formato reportagem radiofônica no rádio hertziano com as novas especificidades geradas em sua aplicação nas plataformas digitais possibilita uma expansão de seu potencial de credibilidade. Somamos aqui a credibilidade do meio rádio, as características que possibilitam maior aprofundamento, interpretação e contextualização da reportagem e as possibilidades de múltiplas conexões, armazenamento e recuperação de fatos anteriores, atuais e posteriores dentro das plataformas digitais.

Quando consideramos a inserção do formato reportagem nos meios digitais e o oportuno aprofundamento com a necessária contextualização dos temas tratados, entende-se que são ampliadas as chances de garantia de maior credibilidade para a informação tratada, seja

pela forma – composição de diferentes elementos, como áudio, textos e hiperlinks – como pelo conteúdo – ofertando a escuta e leitura de diferentes trechos entre as causas do acontecimento, sua atualização e seus possíveis desdobramentos.

#### *3.4.2.1 A credibilidade sobre o discurso e a prática jornalística*

Se a credibilidade surge como qualificadora da informação e garante legitimidade à prática jornalística, Lisboa e Benetti (2015, p.12) entendem que é presumível que o jornalismo goze de credibilidade pela “confiança de que o discurso jornalístico diz a verdade”. Segundo as autoras, a razão da credibilidade no jornalismo se aplica na razão de ser da prática, a sua finalidade e a sua competência especializada. Compreendida como fator central para que o jornalismo se torne conhecimento, a credibilidade é comumente presumida pela experiência prévia do público com o jornalismo, mas também pela associação de suas crenças, gostos e preferências que condicionam sua interpretação acerca do conteúdo oferecido pelos meios de comunicação (LISBOA; BENETTI, 2015).

No entanto, a dinâmica dos novos hábitos de utilização das mídias sociais, além de episódios recentes de manifestação de desprezo pela mídia tradicional por parte do público do mundo ocidental, coloca em questão esse, que é o principal capital simbólico do jornalismo. Segundo Newman (2017), há uma grande discussão por parte dos especialistas em mídia de que a disposição do público em consumir e repercutir notícias falsas seja uma das mais fortes explicações para a crise de credibilidade das organizações jornalísticas.

A circulação de notícias falsas, porém, não é o único ou principal motivo para a perda de credibilidade dos veículos de comunicação. Anderson, Bell e Shirky (2013, p.83) reiteram que já “é hora de aposentar a tese de que haja um ente chamado ‘imprensa’ que goza de reputação junto a um ente chamado “público””. Os autores, baseados na imprensa estadunidense, entendem que o colapso da confiança nos meios de comunicação, que vem de muito, é menos em função de uma nova postura em relação a veículos tradicionais de comunicação do que efeito colateral da contínua fragmentação do mercado norte-americano de mídia.

Jacques Mick (2018) considera que embora durante um longo tempo o discurso jornalístico ocupou posição dominante na produção de sentidos sobre o que nos cerca, os discursos não jornalísticos sempre disputaram essa posição com o jornalismo:

Os campos político, científico e mesmo o religioso também brigam pela atenção dos

públicos, não apenas pelo direito de enunciar o que dizem ser a verdade, mas de oferecer uma hierarquia a respeito dos temas mais relevantes a se dar atenção em cada momento. Num nível mais próximo da vida de cada um, as redes pessoais de relação também o fazem, trazendo para a conversa o acontecimento da vizinhança ou a versão testemunhal do grande fato jornalístico. (MICK, 2018, informação verbal)<sup>22</sup>

Outros apontamentos sobre a baixa credibilidade viriam também da percepção do público sobre a prática jornalística, como apuração mal elaborada, fontes repetitivas, imprecisão e vulnerabilidade a informações duvidosas (PETERS; BROERSMA, 2013). Mar de Fontcuberta (2006) enxerga também a submissão excessiva às rotinas que faria com que os jornalistas interiorizassem um tipo de ações que se desviam de uma verdadeira responsabilidade profissional. Para a autora, os profissionais consideram normal “recorrer sempre às mesmas fontes, mesmo que plurais, sem questioná-las” e ainda “utilizar sempre os mesmos pontos de vista frente a fatos conflitantes”, além da reprodução de comunicados oficiais e de versões sem nenhum tipo de verificação. (FONTCUBERTA, 2006, p. 69, tradução nossa)<sup>23</sup>.

No entanto, cabe observar que nem sempre o que representa um valor credível por conta de quem produz o discurso jornalístico corresponde aos valores que sustentam a credibilidade por parte do público. Neste sentido, Lisboa (2012) propôs a distinção de duas facetas do conceito de credibilidade: a credibilidade constituída (de quem enuncia) e a credibilidade percebida (atribuída pelo interlocutor). “A credibilidade tem uma natureza intersubjetiva: para ser um predicado, não pode ser uma qualidade auto-atribuída, mas se forma no contexto de uma relação e é dependente da perspectiva de outro sujeito”. (LISBOA; BENETTI, 2015, p.12).

Seguindo este entendimento, podemos pressupor que dentro dos modelos tradicionais das práticas jornalísticas, a ausência desse outro no papel de coenunciador imporia um limitador às condições para a apreensão e elevação a um nível razoável de insuspeição. Mick (2018) acredita que as condições de circulação e apreensão das formas sociais de conhecimento se transformaram muito e assim também as relações de confiança que haviam prevalecido durante a modernidade. Na mesma trilha, Lisboa e Benetti (2015, p.13) consideram que é justamente a construção de estratégias discursivas no relato jornalístico que ajuda “o leitor a atestar sua autenticidade ou verossimilhança com os fatos e o valor das explicações”. Há, segundo as

---

<sup>22</sup> Conferência apresentada pelo Prof. Jacques Mick no Seminário Internacional: mídia, política e credibilidade da informação jornalística, organizado pelo objETHOS/UFSC, 30 de novembro de 2018, Florianópolis/SC, 2018.

<sup>23</sup> Acudir siempre a las mismas fuentes, aunque sean plurales, sin cuestionarlas. [...] Utilizar siempre los mismos puntos de vista frente a hechos conflictivos.

autoras, a necessidade de uma intensa e permanente negociação de sentidos entre o jornalismo e seu público para que ocorra a credibilidade percebida.

Ao recorrer à teoria confiabilista de Alvin Goldman, Lisboa e Benetti afirmam que o jornalismo se torna uma crença verdadeira e objetivamente justificada porque é produzido por processos, faculdades e métodos confiáveis (GOLDMAN, 1979), provendo evidências acerca de sua autoridade e de suas intenções. Ainda para as autoras, o jornalismo se torna confiável à medida que consegue dar provas da veracidade do seu testemunho. “Sua justificação social está amparada em provas como a fotografia, o detalhamento dos fatos, a citação de fontes especializadas que fornecem as garantias de acurácia aos seus relatos” (LISBOA, BENETTI, 2015, p.22).

O processo de recuperação dessa credibilidade esvaziada na contemporaneidade reúne tentativas de aproximar mais os polos do que expomos aqui como credibilidade constituída e credibilidade percebida. Algumas iniciativas jornalísticas têm procurado reinventar suas relações com os públicos, como parte do esforço para recuperar sua credibilidade (MICK, 2019), o que as insere em um ecossistema midiático em constante transformação. Dados do Instituto alemão GfK Verein em 2016 apontam que o público confia muito mais nos jornalistas do que nos meios de comunicação. Entre mil entrevistados no Brasil, somente 29% declararam confiar sempre ou quase sempre na mídia convencional, enquanto 64% diziam confiar nos jornalistas (GfK VEREIN, 2016). A constatação proferida por Mick com base no relatório é de que há uma “curiosa situação em que profissionais de credibilidade alta trabalham em organizações de credibilidade em declínio” (MICK, 2019, p.244). Esse declínio também pode ser constatado em outra pesquisa recente, mostrando que os meios de comunicação caíram de 71% em 2009 para 61% em 2019 no índice de confiança no público brasileiro, segundo o ICS – Índice de Confiança Social do antigo Ibope Inteligência (2019). Apesar da queda em uma década, os índices apresentaram recuperação entre 2018 (51%) e 2019.

Enquanto posicionamos nossas lentes na situação em que a confiança reina em quem escreve ou fala ao invés de quem publica e difunde, não é difícil observar a transposição de renomados profissionais para espaços alternativos, sobretudo nos meios digitais. Paralelamente à performance individual de consagrados profissionais, proliferam-se também novos comunicadores, jornalistas cidadãos, blogueiros e outros ativistas que surfam em uma nova credibilidade muito mais “percebida” do que “institucional”, ofertando ao público uma efêmera autenticidade diante da breve e ilusória vantagem de “estar lá” ou de “conhecer aquilo”. Retomando a questão levantada por Lisboa e Benetti (2015) de que a natureza intersubjetiva

da credibilidade não permite que seu apoio esteja na autoatribuição, a confiança vale tanto para o que é dito como também pela figura de quem enuncia.

Porém, diante do pressuposto de que a credibilidade atribuída a cidadãos comuns que operam como jornalistas tem baixa sustentabilidade, Donsbach (2013) recomenda que não basta a estes novos ativistas apenas encaminhar links para sites de notícias, mas é preciso garantir as duas funções principais que o jornalismo profissional oferece para a sociedade: “1) separar as partes relevantes da realidade, verificar as afirmações sobre elas e relacioná-las com outras partes da realidade no presente e no passado; e 2) construção de uma plataforma comumente aceita para o discurso social creditado com confiança pela sociedade” (DONSBACH, 2013, p.13-14, tradução nossa)<sup>24</sup>.

Neste sentido, alguns pesquisadores têm caracterizado o jornalismo como um sistema perito, com o argumento de que cabe ao jornalista contemporâneo difundir conhecimentos e acontecimentos através da voz de especialistas que representam cada domínio de saber (MICK, 2019). “Como peritos que atuam em instituições imperfeitas, mas ainda tidas como fundamentais para a experiência social contemporânea, os jornalistas se beneficiam da complacência do público” (MICK, 2019, p.257). Para Lisboa e Benetti (2015), a presunção de credibilidade por parte do público leva o jornalismo a ser reconhecido como um sistema perito. As autoras se baseiam em Miguel (1999), na compreensão de que um sistema perito se refere a sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social:

Os sistemas ou conhecimentos peritos teriam, nas sociedades contemporâneas, o papel de organizar e suprir, com saberes e artefatos, as necessidades humanas em um mundo marcado pelo distanciamento no tempo e espaço das relações sociais. Um sistema dessa natureza exige uma confiança do público em sua competência especializada. (LISBOA; BENETTI, 2015, p.20)

Essa competência a que as autoras se referem é vista por Miguel (1999) em relação ao jornalismo como um sistema perito que inclui uma prática específica e um produto final. A atitude de confiança que o indivíduo, em seu papel de consumidor de notícias, mantém em relação ao jornalismo, é para Miguel (1999) algo similar ao que ocorre em sistemas peritos de outras áreas do conhecimento, mas que pode ser dividida em três momentos:

---

<sup>24</sup> 1) sorting out the relevant parts of reality, checking assertions about these, and relating them to other parts of reality in the present and past; and 2) building a commonly accepted platform for social discourse credited with trust by society.

1) confiança quanto à veracidade das informações relatadas; 2) confiança quanto à justeza na seleção e hierarquização dos elementos importantes ao relato; 3) confiança quanto à justeza na seleção e hierarquização das notícias diante do estoque de “fatos” disponíveis. (MIGUEL, 1999, p. 199).

Mas há uma limitação na questão de efetividade no sistema perito relacionado ao jornalismo em comparação com outras áreas, como observa Miguel (1999). O autor usa o exemplo da crença que um passageiro comum tem no avião que ele utiliza, que não ocorre necessariamente por um conhecimento especializado, mas pelo fato de que ele chega ao seu destino. No jornalismo, as restrições ao que Miguel chama de prova de efetividade impedem muitas vezes a verificação deste produto final. Há um número reduzido de ouvintes, leitores, espectadores que conseguirão de fato comprovar a exatidão de uma informação veiculada. Porém, quando o relato divulgado pela mídia é a única via de acesso que o sujeito possui com o acontecimento, reforça-se “a justificativa da existência do jornalismo como veículo especializado de transmissão de informações: o fato de que nossa vida cotidiana nos põe em contato com uma parcela bastante restrita das informações de que podemos precisar” (MIGUEL, 1999, p.200).

Entretanto, amparados pelo público em um grau de confiança acima dos próprios veículos em que atuam, os jornalistas disputam espaço na mesma esteira de confiança com os novos ativistas do jornalismo nos meios digitais. Nem sempre essa credibilidade percebida pelo público distingue trabalhos profissionais de trabalhos amadores, levando a crer que quanto mais o jornalista profissional se assemelhar ao jornalista cidadão e se distanciar dos moldes rígidos da imprensa convencional, maior confiança terá de parcela do público. Pauwels e Picone (2012) veem o declínio na confiança na mídia como um sinal de desenvolvimento da autonomia crítica de um público mais experiente e alfabetizado em mídia, o que pode ser interpretado de forma positiva. Segundo os autores, “de uma perspectiva de empoderamento do usuário, isso deveria ser celebrado” (PAUWELS; PICONE, 2012, p. 544, tradução nossa)<sup>25</sup>.

Mick (2018), por sua vez, acredita que na sociedade contemporânea foram produzidos dois tipos opostos que afetam a reação e a capacidade crítica de interpretação do mundo social através das notícias: a dobra crítica do racionalismo contra ele próprio e o retorno ao irracionalismo, ao conforto prometido por credos e vivido nas ideologias. Há, nesse entendimento, uma parte da sociedade que confia desconfiando – aquela que não recusa o jornalismo, mas denuncia seu poder de manipulação – e a parte que acata ou repudia os

---

<sup>25</sup> From a user empowerment perspective this should be acclaimed.

enunciados jornalísticos à medida em que sejam ou não coerentes com suas crenças ou ideologias.

Mas como previam Anderson, Bell e Shirky (2013), no novo ecossistema jornalístico pós-industrial haveria mais gente consumindo mais notícias e de mais fontes, o que imporá aos jornalistas novos desafios e a necessidade de dominar novas habilidades diante de um espaço mais transparente do que o modelo monopolístico anterior. A problemática neste sentido para o radiojornalismo e os jornalistas de rádio aparenta ser parcialmente distinta em relação a outras mídias tradicionais e um dos motivos mais visíveis pode ser o uso da palavra falada, como tom de conversa e aconselhamento, mesmo dentro do conteúdo informativo. No entanto, os novos produtores de conteúdo sonoro nos meios digitais já demonstram perceber e dominar esses diferenciais da oralidade, inclusive ao aplicá-los e aprimorá-los dentro dos novos padrões de interação e de relacionamento em suas mídias.

#### *3.4.2.2 A reportagem radiofônica dentro do novo ecossistema jornalístico*

O flerte com a subjetividade dentro do campo da interpretação social da realidade visto anteriormente na reportagem radiofônica expõe também outro traço que demonstra a sutileza diferenciada de um meio exclusivamente sonoro: uso coloquial da palavra falada. Em uma oralidade instantânea fica mais evidente a identificação com o público, já que, como lembra Merayo (2002) o ouvinte está habituado à conversa na maioria dos processos de comunicação oral.

Salomão (2003, p.52) vê que “o ouvinte se identifica com os atos de fala, as abordagens das coisas do mundo – ou seja, com o local que é construído para ele pelo enunciador”. Desta forma, tanto no uso do vivo e de sua necessidade de improvisação, como em materiais editados previamente, a palavra do rádio sempre será um diálogo com o ouvinte. Embora se entenda que o diálogo é construído no campo dos emissores, como prega Merayo (2002), o enunciado sempre considerará uma resposta do outro, mesmo que não haja reciprocidade fônica. Para Bakhtin “todo enunciado [...] tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto. [...] O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2003, p.275). No mesmo entendimento que Bakhtin aplicou aos diálogos inseridos nos romances, compreendemos que o texto utilizado nas reportagens radiofônicas funciona também como réplica de diálogo, mesmo que não haja resposta fônica do receptor, mas que faz diminuir a sensação de distância e fortalece o diálogo mental.

A abertura para a interpretação e avaliação dos fatos presentes na reportagem radiofônica ganha novos contornos a partir de sua inclusão nos meios digitais, seja por transposição de conteúdo, por adaptação ou por uma completa reformulação de sua estrutura. Kischinhevsky (2012) observa o “compartilhamento de arquivos digitais de áudio, como uma simultânea estratégia de distribuição e de circulação, assim como de afirmação de identidades individuais e de pertencimento a coletividades”. Essa teia de relacionamentos gerada com o advento e o avanço do áudio na web modifica a atitude dos ouvintes-internautas, diminuindo sua passividade de escuta e ampliando o seu horizonte de avaliação. Da mesma forma que a abordagem de Jenkins, Ford e Green (2014) consideram que o internauta avalia o conteúdo que irá compartilhar de acordo com seu valor social percebido, o material radiofônico na web também terá seu conteúdo avaliado de acordo com os padrões pessoais do ouvinte-internauta e do valor percebido por seu círculo social.

É nesta capacidade de avaliação de quais materiais o ouvinte-internauta escolhe para compartilhar que retomamos a questão da credibilidade do emissor, seja como mídia ou como figura profissional. Kischinhevsky (2014, p.156), entende que essa “circulação, amplificada por mídias sociais e serviços de *microblogging*, é condicionada por uma série de fatores, como prestígio, credibilidade e regularidade nas postagens”. Para o autor, os ouvintes ganharam ferramentas para se fazerem ouvir e conquistaram novos lugares de fala. Mesmo que represente apenas uma reacomodação da indústria da radiodifusão sonora, o compartilhamento é rico em sentido, segundo Kischinhevsky:

Compartilhar um áudio pode representar apenas uma reiteração do papel de mediador exercido por emissoras de ondas hertzianas que postam, em serviços de rádio social, conteúdos veiculados antes em AM e FM. Mas pode, igualmente, servir como afirmação de uma comunicação contra-hegemônica, uma guerrilha receptiva. (KISCHINHEVSKY, 2014, p.160)

Além do compartilhamento, a possibilidade de ter múltiplos caminhos de leitura e audição reconfiguram a forma de participação do público. Mais do que nunca, esse ouvinte participa e compartilha “os mesmos espaços e ambientes, muitas vezes no mesmo círculo de relações, através de redes sociais” (LOPEZ, 2010, p.115).

Novos tipos de interatividade também permitem que o receptor redesenhe seu caminho de envolvimento com o meio como também se sinta participe no conteúdo elaborado ou até mesmo na elaboração do conteúdo. Conforme Quadros e Lopez (2015), o antigo receptor radiofônico agora dispõe de uma variedade muito maior de ferramentas para sua interação, tanto

pelo conteúdo sonoro como pelos novos conteúdos disponibilizados nas novas plataformas onde o rádio se insere, gerando novas maneiras de interação.

Todas essas formas de interagir demonstram que o público contemporâneo cada vez quer mais divisão nesse grande bolo de conteúdo e com isso também uma maior divisão de responsabilidade e de credibilidade acerca do conteúdo e do conhecimento gerado. Lopez (2016) compara a confiança do público no rádio com a de um professor, dizendo que é este meio de comunicação o que goza de maior credibilidade.

Essa credibilidade histórica com origem no emissor em sua escala hierárquica, agora divide espaço com o ouvinte. Como vimos em Pessoa (2016, p.364), “o jornalista, por sua vez, que, em tese, detém o poder da emissão jornalística, e a quem seria conferida certa autoridade e credibilidade tem sua atuação deslocada”, principalmente quando o ouvinte-repórter surge como uma opção necessária às equipes de jornalismo das emissoras.

Uma análise sobre o ouvinte de rádio feita pelo Kantar Ibope Media (2018) demonstra que a programação jornalística se mostra mais importante em um ambiente no qual a difusão de notícias falsas acontece rapidamente. Neste sentido, os meios já estabelecidos (emissoras convencionais, principalmente) são os escolhidos por 75% do público que ouve notícias em áudio via aparelho convencional, celulares, computadores, aplicativos ou navegadores de internet. Comparando os últimos anos, a credibilidade do meio aumentou de 48% para 69% entre 2020 e 2021, segundo o levantamento Kantar Ibope Media (2021), sendo que na série histórica não ultrapassava o patamar de 50% desde 2015.

Em tempos de compartilhamentos instantâneos em mídias sociais, o rádio ainda mantém o patamar histórico de penetração no público. É ouvido por 80% da população brasileira (considerando 13 regiões metropolitanas pesquisadas) e chega a 85% na região sul do país. São 3 de cada 5 ouvintes que escutam rádio todos os dias. Além disso, o tempo médio diário de audiência aumentou de 2h07min. em 2017 para 4h26min. em 2021 no rádio hertziano. Entre quem ouve pela web, a média diária é de 2h44min, mas o consumo de rádio online aumentou 186% entre 2019 (último ano antes da pandemia da Covid-19<sup>26</sup>) e 2021 (KANTAR IBOPE MEDIA, 2021). O conjunto dos números desde 2018 não chega a esboçar um pretenso entusiasmo, mas também demonstra vitalidade e sobrevida (mais uma no contexto histórico) ao rádio, ao seu potencial de expansão e à sua capacidade de garantir e manter valores de

---

<sup>26</sup> A pandemia causada pelo SARS-CoV-2 (novo coronavírus), responsável pela doença Covid-19, iniciou em 11 de março de 2020. No Brasil, o fim da emergência de saúde pública foi declarado em 22 de abril de 2022 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022).

fiabilidade nos seus produtos, especialmente aqueles voltados à interpretação da realidade social.

Conceber a reportagem radiofônica nesse novo ecossistema pode significar avançar a passos velozes em direção a novas especificidades do meio rádio, mas sem abandonar o cerne de suas características principais que o tornaram grande, popular e de larga confiança histórica pelo público. Dentro dos novos termos cunhados para o rádio nas últimas duas décadas, como rádio plural (CEBRIAN HERREROS, 2001), rádio hipermidiático (LOPEZ, 2010), webemissoras (ZUCULOTO, 2012a) ou rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2012), a reportagem radiofônica ultrapassa as barreiras de formato e gênero, como já visto, devido a características anteriores, como a multiplicidade de vozes e de versões, da inclusão de vários formatos radiofônicos em um único e grande módulo de informação e devido ao aprimoramento diante das novas possibilidades, como o aprofundamento de um tema, a documentação e o armazenamento de conteúdo.

Almeida e Magnoni (2010), observam que muitas emissoras de rádio abertas, quando perceberam a concorrência do jornalismo digital, começaram a apostar mais no aprofundamento do seu conteúdo com reportagens especiais seriadas, o que acabou evoluindo para a mesma prática em seu conteúdo na web: “o aprofundamento, que foi uma tentativa do rádio aberto para preservar seus ouvintes, começa a despontar como uma tendência do jornalismo digital” (ALMEIDA; MAGNONI, 2010, p.283). Para os autores, com o aprofundamento no espaço cibernético, o rádio também passou a armazenar seus conteúdos com facilidade de localização e de recuperação instantânea da informação. Para Viana (2017), a formação de um banco de dados pode auxiliar na retomada de conteúdos já tratados ou mesmo trazer elementos complementares.

Essa equação contribui para superar uma das limitações do rádio hertziano, que era a efemeridade, impossibilitando que o ouvinte deixasse para “ouvir depois”, especialmente as sonoras com depoimentos de entrevistados, possivelmente uma das maiores riquezas documentais do meio. Para Baumworcel (2001), são as falas dos entrevistados que possuem uma força documental inquestionável e trazem verossimilhança para a situação descrita.

De mensagem instantânea nos moldes anteriores, a reportagem radiofônica nesse novo ecossistema jornalístico passa a gerar uma memória instantânea, plural e com grande poder de acumulação. Assim, aparece como formato mais adequado para agregar as potencialidades do novo espaço digital como também de opções de leitura/audição e de compartilhamento pela rede, gerando base documental e se transformando em espaço de memória, onde não apenas se reproduz, mas também ganha a capacidade de produzir conhecimento.

Como vimos, a credibilidade na atualidade está mais centrada nos profissionais do que nos meios e tanto os meios como os profissionais se transformam em “guardiões da verdade” diante da proliferação de notícias falsas e da difusão de fatos e conceitos duvidosos. Tudo isso diante da necessidade de garantir mais espaço para contrapontos, para o contraditório e para o acesso ao material-fonte a fim de confrontar e melhor contextualizar os fatos. Neste sentido, a reportagem radiofônica emerge como formato capaz de agregar valor da credibilidade histórica do meio, da credibilidade dos profissionais que a produzem e conduzem sua narrativa, de sua possibilidade de atuar como sistema perito na forma de contar a história com o auxílio de especialistas em cada campo do saber e ainda ajudando a organizar o caos informativo na sociedade contemporânea.

Ao se transformar em reportagem radiofônica hipermidiática, o formato agrega as capacidades do rádio hertziano com as dos novos meios digitais, estabelecendo conexão direta com fontes da informação, testemunhos e a contribuição do internauta, ampliando o horizonte da credibilidade. Essa transposição dos métodos convencionais do rádio somados aos hábitos de consumo de informação do internauta fortalece a ubiquidade na relação acontecimento-informação, garantindo o cruzamento do que chamamos aqui de credibilidade constituída com credibilidade percebida. Na relação entre o potencial de credibilidade da reportagem do rádio hertziano e sua expansão para os meios digitais, amplia-se a capacidade do ouvinte em apreender, interpretar e (re)acreditar no discurso jornalístico do formato. Assim, a entrada de novos elementos textuais e visuais que venham a agregar valor à força da comunicação oral reforça a verificação do público sobre o conteúdo emitido e, conseqüentemente, aumenta a chance de expandir sua confiança sobre o formato e o meio radiofônico.

### 3.5 REORDENAMENTO NO TEMPO E NO ESPAÇO: O ÁUDIO COMO AGREGADOR DE CONTEÚDO DENTRO DO CONTEXTO INFORMATIVO

Se temos a linguagem oral como forte característica clássica do rádio, a fugacidade tem sido historicamente um dos maiores desafios de locutores, repórteres, produtores e de todos aqueles que têm como principal tarefa diária levar a mensagem ao ouvinte com a menor perda possível do conteúdo emitido. Essa impossibilidade de recuperar o trecho perdido do que foi falado no rádio hertziano “impõe a recepção e a escuta das mensagens no instante preciso de sua emissão” (ORTIZ; MARCHAMALO, 2005, p.26).

Essa pelo menos sempre foi a tônica das emissões unicamente sonoras e instantâneas. Quando Kaplún (2017) elencou as principais limitações e possibilidades radiofônicas, lembrou

do risco de cansaço na escuta devido à unissensorialidade e a propensão à fugacidade devido ao caráter efêmero da mensagem.

A chegada da web, dos aplicativos e das redes sociais impuseram novos desafios à resiliência do meio de comunicação que mais atravessou transformações ao longo do século 20. Afinal, como o conteúdo sonoro pode se manter vivo com as novas concorrências que esbanjam opções no campo visual e ainda delegam ao usuário o controle de cenas e roteiros? Sob outra perspectiva, o novo ecossistema midiático também fez surgir uma nova era do ouro do áudio. É um caminho que ainda não aponta o futuro do rádio com exata definição, mas demonstra que as novas ferramentas à disposição de produtores e usuários dão sinais claros do potencial que o meio pode usufruir dentro e fora de seu modo clássico de difusão.

### 3.5.1 Cultura do ouvir, cultura do áudio

A tradição da linguagem oral na história da humanidade já havia chegado com força nos meios de comunicação e nos aparelhos eletrônicos, como o rádio, a televisão e o telefone no século 20. Porém, o encantamento pela imagem em movimento na segunda metade do século acabou esmaecendo a oralidade instantânea como hábito cultural da sociedade. No entanto, com a chegada do novo milênio e o avanço da web móvel, passamos a experimentar uma retomada da chamada “cultura do uso da voz”. Esse processo decorre da cultura da portabilidade, com a chegada da terceira geração de telefonia móvel (KISCHINHEVSKY, 2009). Assim, dispositivos móveis, como os *smartphones*, por exemplo, impulsionam mais uma vez os hábitos de escuta individualizada.

Desde a chamada primeira midiamorfose<sup>27</sup>, compreendida entre 40.000 e 90.000 anos atrás (FIDLER, 1998), passamos por fases de convergência de linguagens com períodos específicos de predomínio das formas sonoras de comunicação em detrimento das demais matrizes da linguagem, como a visual e a verbal. Mas se no período do surgimento da linguagem falada, as interações face a face eram restritas ao alcance geográfico das reuniões presenciais, nas interações mediadas, como no telefone, ou nas quase interações mediadas, como no rádio (THOMPSON, 2008), o processo comunicacional estende-se no espaço e no tempo. As formas de conversação através da mídia avançam pela necessidade de uma “situação social na qual os

---

<sup>27</sup> Segundo Fidler (1998), após o predomínio da linguagem expressiva na humanidade, que incluía sinais e símbolos na arte, na música e na dança, surgem três grandes midiamorfoses. A primeira é durante o surgimento da linguagem falada; a segunda surge no início da linguagem escrita, com o registro e a preservação da informação; a terceira midiamorfose ocorre com o advento da linguagem digital.

indivíduos se ligam uns aos outros num processo de comunicação e intercâmbio simbólico” (THOMPSON, 2008, p.80).

Ao nos referirmos ao termo “cultura do ouvir”, buscamos a análise feita por Wulf (2007), sobre o papel e a importância do ouvido na sociedade. Wulf considera o desenvolvimento do sentido do ouvido muito antes que o sentido da visão e até mesmo antes de outros sentidos humanos começarem a funcionar.

Somos interpelados pelo sentido do ouvido antes de nosso nascimento. Ouvimos os outros antes de vê-los, senti-los ou tocá-los. Com ele, ouvimos a fala antes de falar e de entender. Ouvir, desse modo, é a condição para entender e falar. Sentimentos de segurança e pertença se formam pela percepção da interpelação. O sentido do ouvido é o sentido social. Nenhuma comunidade social se forma sem que os membros aprendam a se escutar. Crescemos em uma cultura com a ajuda da percepção dos barulhos, das sonoridades, das tonalidades e das palavras. Esses processos começam antes do nascimento, e se intensificam depois do nascimento e na primeira infância. (WULF, 2007, p.58)

Na inevitável comparação com o sentido da visão, o autor observa que “enquanto a vista nos dá uma imagem do mundo em duas dimensões, o aspecto tridimensional do espaço manifesta-se através do ouvido” (WULF, 2007, p.59).

Ao resgatar o processo histórico da cultura do ouvir e da sociedade da imagem, Baitello Jr. (1999) observa a cultura e a sociedade contemporâneas do século 20 como quem veio a tratar o som como uma forma menos nobre no espectro dos códigos da comunicação humana. No entanto, conceituando a relação entre som e imagem já na proximidade da chegada do novo milênio, Baitello Jr., propunha uma nova cultura do ouvir e de uma outra temporalidade, com o ouvir mais vinculado ao universo do sentir, do receber e do aceitar. Nesta mesma ótica, Menezes (2008, p.117), acredita que “na cultura do ouvir somos desafiados a repotencializar a capacidade de vibração do corpo diante dos corpos dos outros, a ampliar o leque da sensorialidade para além da visão”.

Com o resgate da cultura do ouvir, passamos a viver no século 21 uma cultura do áudio, ou que poderia ser chamada também de uma nova cultura da voz. Quando Armand Balsebre (2013) chega a lançar a provocação de que “O rádio está morto”, mas “Viva o som”, coloca diante do velho meio o desafio de se converter em uma nova mídia sonora: “o rádio poderá chegar a ser um novo meio sonoro da nova “sonosfera”, para os novos radiouvintes, em qualquer contexto tecnológico de reprodução sonora” (BALSEBRE, 2013, p.17).

O desafio lançado por Balsebre no início de uma década que consolidaria a convergência multimidiática propalada no começo do milênio apresenta suas respostas atualmente com o sucesso de aplicativos e plataformas na web baseadas unicamente no áudio.

Neste sentido, o também visionário Cebrián Herreros (2011) observou a complementação dos novos modelos emergentes das plataformas internet e telefonia móvel sobre os modelos anteriores de difusão. Para o autor, haveria então uma oportunidade ao meio rádio de conviver simultaneamente com cada uma das plataformas que nasçam para oferecer rádio sob demanda, como “programas em *podcast*, distribuição através de iTunes, Spotify e outros, meios sonoros sociais fixos e móveis” (CEBRIÁN HERREROS, 2011, p 73).

O transporte de conteúdo em áudio que se consolida na última década tanto em forma de *download* como por *streaming* (ao vivo ou sob demanda) altera os hábitos de entretenimento, consumo de informações, como também nos modos de conversação interpessoal e grupal. Um dos aplicativos mais utilizados no Brasil e o no mundo, o WhatsApp, foi criado em 2009<sup>28</sup> como *app* de envio de mensagens escritas, mas só passou a oferecer ligações em áudio e vídeo após a aquisição pelo Facebook em 2014. Desde então, a conversação via áudio ao vivo ou sob demanda é uma prática comum de interação social em território brasileiro.

Um outro exemplo é o ClubHouse, que funciona como uma rede social que aposta nas postagens de áudio gravado em vez de texto ou fotos. O aplicativo foi lançado em março de 2020 no Silicon Valley (EUA) como uma espécie de chat por áudio e acessado inicialmente apenas por convite (UOL, 2021). Mas uma diferença em relação a outras plataformas, como ocorre no WhatsApp, é que existe a necessidade de estar conectado quando a conversa ocorre, pois não há como acessar mais tarde nem compartilhar os áudios. O sucesso momentâneo do aplicativo durante a pandemia do novo coronavírus foi o suficiente para provocar dirigentes de outras plataformas a testar aplicativos semelhantes, como o caso do Facebook, com o Hotline, também inicialmente com prioridade para o áudio (EXAME, 2021), ou o aplicativo de bate-papo para jogos Discord ou ainda o Space do Twitter (MIT TECHNOLOGY REVIEW, 2021).

A busca por mais plataformas e redes sociais sonoras amplia-se, contudo, em tempos cada vez maiores de *multitasking*<sup>29</sup>. Apesar da reconfiguração da linguagem sonora na rede, ao utilizar a informática e as telecomunicações, os hábitos de escuta conseguem manter seu vínculo com o passado ao mesmo tempo em que alteram o processo comunicativo sob maior interferência do usuário. Dessa forma, é presente o aspecto da remediação na relação entre as

---

<sup>28</sup> Um breve resumo sobre a criação e evolução do aplicativo pode ser conferida em: <https://olhardigital.com.br/2018/12/20/noticias/whatsapp-historia-dicas-e-tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-o-app/>

<sup>29</sup> *Multitasking* ou Multitarefa é um termo utilizado por quem necessita realizar várias atividades simultaneamente. Starner (2011) utiliza o termo *Multitasking* na comparação com *Multiplexing*, que diferentemente da primeira situação, significa realizar tarefas que se reforçam mutuamente e não competem entre si.

especificidades da radiofonia e a consolidação de múltiplas plataformas de distribuição de áudio em formato digital (KISCHINHEVSKY, 2014). Ou mesmo, como uma hipermediação, quando as características dos meios não podem deixar de ser notadas (ITO, 2019, p.147). Ainda não é possível afirmar que o protagonismo do áudio será o último filão de transformações dentro da grande terceira midiamorfose citada por Fidler (1998), mas os sinais de íntima aderência entre a cultura da portabilidade (KISCHINHEVSKY, 2008) e a nova cultura do áudio e do ouvir estão, sobretudo, mais evidentes até então.

### 3.5.2 Entre a reportagem radiofônica e o *podcast*

A segunda geração de *podcasts* consolida a chamada “era de ouro” no consumo de áudio pela internet e também expande o espaço do jornalismo dentro de uma nova cultura do uso da voz. Desta forma, torna-se relevante também o olhar sobre aproximações entre o novo formato e o radiojornalismo, como uma reapropriação do áudio na web pelo rádio.

Com o avanço da escuta de arquivos de áudio em novas interfaces e a necessidade de rejuvenescimento da audiência radiofônica, emissoras de rádio passam a produzir e disponibilizar a seu público boa parte do conteúdo jornalístico de sua programação através de *podcasts*. Assim, com adaptações de estrutura e linguagem, parte dos formatos clássicos do radiojornalismo passam a ser incorporados no novo formato digital, incluindo as reportagens radiofônicas especiais, pelo seu caráter assíncrono e de validade editorial mais duradoura.

O *podcast* é um conteúdo em áudio, “produzido e indexado sobre os mais diversos temas e disponibilizado na rede mundial de computadores” (BUFARAH JUNIOR, 2017, p.2). De acordo com Falcão e Temer (2019, p.1), “o podcast é uma mídia sonora cuja difusão se dá por meio da internet. Entre suas características básicas estão o fato de dividir-se em episódios temáticos, o baixo custo da produção, a busca por uma linguagem mais simples e maior liberdade de temas e formas de abordagem”. Bufarah Junior (2017) explica que o processo de globalização da economia e a proliferação da internet facilitaram a criação desses novos canais de distribuição de conteúdo que disseminam arquivos digitais de áudio através da web com determinada periodicidade, já que utilizam tecnologias de indexação RSS<sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup> RSS (*Rich Site Summary*) é uma ferramenta de agregação de conteúdos que surgiu da necessidade de os usuários acompanharem informações de diversas fontes sem ter a necessidade de navegar em cada um dos sites para fazer a busca. Assim foram criados os agregadores de feeds. Cada vez que o conteúdo é atualizado, o usuário recebe uma cópia em seu computador utilizando navegadores ou programas específicos para esta finalidade. (BUFARAH JUNIOR, 2017)

A palavra *podcast* une os termos “Pod”, de iPod, que significa *Personal on Demand*, ou “pessoal sob demanda” e *cast*, desmembrado de *broadcast*, ou “transmissão” (FALCÃO; TEMER, 2019, p.2). De acordo com Vanassi (2007), o termo foi citado pela primeira vez em 12 de fevereiro de 2004 em um artigo de autoria do jornalista Ben Hammersley, no jornal britânico *The Guardian*, como sinônimo para audioblog. Mas “*podcast*” difere de “*podcasting*”, que vem a ser um “processo midiático baseado em emissões sonoras que utiliza a internet como suporte para seu funcionamento e propagação de suas mensagens” (VANASSI, 2007, p.51). Assim, o *podcasting* seria o processo e o fenômeno midiático com a transmissão do *podcast*, mas tendo funções mais amplas, como “as interações que ocorrem nos blogs dos *podcasts* também fazem parte do *podcasting* enquanto processo, enquanto fenômeno midiático. [...] O *podcasting* é maior que o *podcast*, o programa per se” (PRIMO, 2005, p.18-19).

Pioneiro nas pesquisas sobre *podcasts* e a sua comparação com o meio radiofônico, Berry (2006) já apontava como uma das grandes diferenciais questões que vão muito além do consumo de áudio, mas uma maneira mais horizontal no processo de produção, distribuição e consumo sonoro nas novas plataformas. O autor ainda observa que enquanto alguns pesquisadores sobre *podcast* e áudio vinham sentindo que o *podcasting* seria o fim do rádio, outros afirmavam que seria uma moda passageira. No entanto, Berry (2006) entende que o mais provável seria que o sucesso dos *podcasts* fosse o primeiro passo em um longo caminho de mudança. Essa constatação feita pelo autor há mais de uma década e meia atrás nos faz supor que, aparentemente, essa mudança ainda está em curso.

Falcão e Temer (2019) acreditam que o *podcast* rompe com o movimento de imediatismo que a internet trouxe aos meios de comunicação, inclusive ao rádio, que perdeu sua exclusividade nesse quesito. Para as autoras, o *podcast* chegou para dar novo fôlego ao jornalismo quando explora o potencial da mídia sonora no ambiente online:

Ele (o *podcast*) raramente irá alterar sua periodicidade para atender ao caráter imediatista dos fatos e isso não o torna menos atual. Na verdade, essa característica faz parte do pacto entre produtor e receptor, previsto no conceito de gênero jornalístico. Para além do imediatismo, o *podcast* estabelece uma nova relação de tempo com quem o consome. [...] A prioridade passa a ser outra: a capacidade de se encaixar no tempo do receptor. (FALCÃO; TEMER, 2019, p.11)

Vicente (2018, p.21), no entanto, defende que a ausência de imediatismo no *podcast* pode ser compensada por uma suposta simulação durante as gravações em estúdio, mantendo “o frescor e a espontaneidade da interação entre seus participantes”. Também a ausência de instantaneidade no formato é verificada pelo autor como um fator positivo, já que a descoberta

de programas pelos ouvintes pressupõe uma escuta e (re)escuta mais prolongada e atenta. É um cenário que “rompe com a simultaneidade da distribuição, impactando diretamente nos perfis dos ouvintes e nas suas dinâmicas de escuta” (LOPEZ; ALVES, 2019, p.4).

Neste sentido, a escolha pelo o que e quando se quer ouvir, faz o *podcast* abrir “novas possibilidades de interação para o radiojornalismo que passa a ter sua estrutura de linguagem alterada pelas condições de uso das tecnologias e necessidades diferenciadas de consumo dos ouvintes” (BUFARAH JUNIOR; PADILHA, 2020, p.4). A forma como o ouvinte consome o áudio, segundo os autores, acaba gerando novos hábitos de escuta depois de anos de audição.

Enquanto os *podcasts* originários de iniciativas independentes fogem do modelo de mediação tradicional, os veículos de comunicação, incluindo o rádio, tendem a transformar o formato em uma espécie de “colunismo sonoro”. Porém, pelo caráter mais informal da web, o *podcast* acaba reunindo comentários e análises menos pretenciosas do ponto de vista jornalístico do que os espaços similares dentro dos canais convencionais.

Nessa encruzilhada, Berry (2006, p. 159), já enxergava durante a primeira geração de *podcasts*, que a experiência compartilhada do rádio ao vivo ainda seria um grande diferencial vantajoso em relação aos *podcasts*. No entanto, o meio radiofônico precisaria se tornar mais interativo, mais atraído para formatos orientados por fala ou por emoção, oferecendo conteúdo não disponível em outras plataformas, na opinião do autor.

Ainda na primeira geração do formato, Medeiros (2006, p.6) chegou a afirmar que o *podcast* seria o “oposto” ao rádio, ou, “no máximo, uma metáfora de um programa de rádio”. A afirmação do autor era baseada na questão de que o *podcast* não pertenceria a um fluxo contínuo de transmissão (como o espaço hertziano), pois teria um modelo diferente de distribuição e teria um polo emissor desconcentrado.

Embora esse conceito esteja superado na atualidade, a relação do *podcast* com o meio radiofônico convencional pode ser vista hoje como uma complementaridade, de acordo com Vicente (2018, p.21-22): “enquanto o rádio convencional pode preencher com música e notícias do momento parte do dia de seus ouvintes, o podcast pode propor outra relação de escuta e, de um modo geral, uma variedade muito mais ampla de programação e experimentação sonora”. Já para Bufarah Junior e Padilha (2020, p.10), o *podcast* pode reforçar o vínculo além da emissora, mas também com “profissionais, entidades e empresas que se disponham a produzir conteúdo diferenciado fugindo aos padrões comerciais de comunicação massiva”.

Apesar deste avanço da reapropriação do áudio na web pelo rádio convencional, Ferraz e Gambaro (2020) notam que a maior parte das emissoras ainda apenas reaproveita aquilo que é produzido e lançado no ar via ondas hertzianas.

A produção dos meios cujo sistema é o de broadcasting faz um processo de “re-empacotamento” do que é apresentado como os tradicionais formatos de comentário, entrevista e reportagem, apresentando o trecho isolado do todo em arquivos de áudio para serem reproduzidos estando o ouvinte on-line. Essa é a forma mais rápida e econômica que a maioria das emissoras jornalísticas encontra para participar desse novo universo de distribuição e consumo de conteúdo por via digital, sem custo adicional. (FERRAZ, GAMBARO, 2020, p.156)

Os autores, no entanto, argumentam que quando as produções jornalísticas em *podcasts* rompem com a forma corrente de produção radiofônica e conseguem, ao mesmo tempo, manter elementos e traços da transmissão hertziana, gera-se um sentido de continuidade, apesar da ruptura. Ao unir novas práticas com a conexão ao passado histórico do meio, surge um “produto cada vez mais comum de um marco que estamos vivendo, com a hibridização de modelos de produção e consumo de rádio” (FERRAZ, GAMBARO, 2020, p.169).

Essa discussão sobre a complementaridade do *podcast* ao conteúdo jornalístico veiculado pelas emissoras é reforçada no trabalho de Martínez-Costa e Gárate (2019), ao analisarem os *podcasts* diários de notícias *The Daily*, *Today in Focus* e *Las Vozes de ABC*. Para as autoras, os *podcasts* de notícias são um terreno fértil para a explicação e os gêneros interpretativos, já que não são adequados para narrar as últimas notícias ao vivo devido ao seu tipo de produção e à sua periodicidade de distribuição. Assim, o rádio hertziano continua sendo o terreno mais adequado para a difusão das informações instantâneas, justamente pela sua dinâmica de produção e recepção.

Um dos aspectos relevantes no estudo de Martínez-Costa e Gárate (2019), dá conta dos recursos narrativos utilizados nas produções dos *podcasts* analisados. Na maioria absoluta dos casos, as produções utilizaram efeitos sonoros, recursos de edição e inclusão de documentos de arquivo em áudio. As autoras destacam a importância do uso da palavra e a sua transição com os demais elementos da linguagem radiofônica, através de planos sonoros e montagens. Além disso, há a importância das reconstruções através do uso dos documentos de voz que auxiliam tanto no contexto de reportagens e entrevistas, como para transmitir a emoção das vozes dos protagonistas. O tom íntimo, adotado através da produção e da edição dos *podcasts*, aumentaria a cumplicidade com o ouvinte (MARTÍNEZ-COSTA; GÁRATE, 2019).

Em análise sobre aproximações entre três edições do *podcast* “CBN Especial” da rádio CBN e o formato reportagem radiofônica especial, foi verificado que os *podcasts* não possuem um padrão de duração, narração, estética, nem de estrutura narrativa, como ocorre com os espaços similares no rádio (ZIMMERMANN; ZUCULOTO, 2021b). Os contextos de recepção diferenciados justificariam parte dessa diferença embrionária. Enquanto o rádio hertziano se

torna refém da grade de programação, do relógio e dos intervalos comerciais, o transporte de conteúdo em áudio pela web por *download* ou por *streaming* acaba alterando essa relação entre usuário e emissor. Uma importante reflexão extraída da análise reconhece que a rigidez do rádio hertziano na distribuição do seu conteúdo jornalístico lhe exige, em muitos casos, buscar o contexto sobre um fato ao longo da programação e não necessariamente em uma emissão isolada. Já o produtor de *podcasts* contextualiza o tema dentro de uma edição determinada ou no conjunto episódico agregado, dispondo ponto e contraponto em arquivos armazenados. Porém, o risco de fragmentação e dissimulação ocorre em ambos os casos muito mais pelo hábito de escuta do que pelo processo produtivo.

Uma observação na análise dá conta de que a reportagem especial normalmente tenta superar a notícia, esgotando um fato, enquanto os *podcasts* ainda parecem carecer de uma identidade formal para tal. E para o rádio reassumir o protagonismo do áudio nas mais diversas plataformas, “ainda precisa decidir o que é material próprio de ondas hertzianas e o que é material para a web, ainda que os ouvintes-internautas possam, por vezes, ser os mesmos” (ZIMMERMANN; ZUCULOTO, 2021b, p.17).

Ao reforçar o caráter de reapropriação da estética sonora do rádio por muitos *podcasts*, Llinares, Fox e Berry (2018), entendem que a prática de escuta complementar ou escuta de substituição da audiência para alguns públicos ainda é muito presente na maioria dos *podcasts*. Como estratégia digital dos meios de comunicação, Martínez-Costa e Gárate (2019) acreditam que os *podcasts* noticiosos são uma oportunidade para se explorar, corrigir e reinventar o estilo de contar notícias, longe de serem apenas uma moda passageira.

Mas se por um lado o rádio se torna cada vez mais hipermediático, o *podcast*, por sua própria recente origem, abre mão dos mesmos aparatos e inclusão de novas matrizes de linguagem. Como afirmam Bufarah Junior e Padilha (2020, p.15), o *podcast* “inicialmente nasce como uma lista de arquivos de áudios disponíveis na *web*”. Apesar da sua natureza digital, seu atrativo está no áudio, com a possibilidade de escuta durante outros afazeres, dispensando uma atenção concentrada, tal qual o rádio. Entretanto, o *podcast* só utiliza os mesmos recursos do chamado rádio expandido, como imagens textos, vídeos e outros, quando está vinculado ou é originário de uma produção radiofônica ou de outra produção com estrutura multimidiática. Sendo assim, enquanto o rádio expande seu horizonte em direção ao universo digital, na busca por novas linguagens e formas de circulação e consumo, o *podcast* produzido exclusivamente para a web mantém suas características embrionárias de ser prioritariamente áudio, mesmo que suas referências para produção possam ser advindas do meio radiofônico. Então, no processo formal de produção jornalística, o *podcast* continua sendo rádio. Já nas formas de consumo, há

uma perceptível diferença entre a troca da sensação de urgência, comum no rádio ao vivo nos horários de *rush* e o compasso desacelerado dos horários de lazer e diversão, mais comuns para os usuários de *podcasts*.

O jornalismo sonoro consumido nas novas mídias e a relação com as formas tradicionais de elaboração e transmissão do radiojornalismo permearam parte deste capítulo da tese, buscando as várias aproximações e relações da reportagem radiofônica e as práticas contemporâneas da mídia sonora digital. Como foi possível conferir ao longo das bases teóricas discutidas ao longo deste terceiro capítulo, o formato reportagem radiofônica não se manteve estático desde seus primórdios na metade do século passado, mas vem evoluindo e carece de novas revisões periódicas sobre sua configuração, funcionabilidade e as múltiplas possibilidades de constituição de suas principais modalidades, além da adesão a novos e desafiadores ambientes.

## 4 METODOLOGIA

Para tratar do nosso objeto de estudo nesta tese – reconfiguração do formato reportagem radiofônica na contemporaneidade –, a nossa opção foi por um estudo de casos múltiplos que analisou reportagens de três emissoras selecionadas a fim de responder as questões formuladas nesta pesquisa. A relação entre o objeto de estudo e o objeto empírico é desenhada neste capítulo, onde é abordada a estratégia metodológica, conforme detalhado a seguir.

### 4.1 OBJETO DE ESTUDO, OBJETO EMPÍRICO E CORPUS DA PESQUISA

Esta pesquisa é qualitativa quanto à sua abordagem e exploratória quanto aos seus objetivos. Trata-se de uma análise do produto radiojornalístico, a fim de responder à nossa questão norteadora central: “Como pode ser definido o formato Reportagem Radiofônica na contemporaneidade, considerando os ambientes hertziano e digital?”. No mesmo sentido, a análise busca respostas às indagações derivadas da pergunta principal: “De que forma a Reportagem Radiofônica vem sofrendo mutações em seu formato com os avanços das inovações tecnológicas diante da convergência?”; “De que maneira a estrutura do formato reportagem radiofônica produzido para o rádio hertziano é afetada pelo fato de as emissoras produzirem diferentes produtos para diferentes plataformas e meios?”.

Para responder a estas questões, a análise utiliza como objeto empírico reportagens radiofônicas veiculadas em emissoras de rádio do Brasil no formato “*All News*” ou “*Talk and News*”<sup>31</sup>, com ampla cobertura em território nacional e que operam em rede. O *corpus* da pesquisa abrange 55 reportagens veiculadas na programação do rádio hertziano e também publicadas nas páginas da internet das emissoras CBN, Jovem Pan News e Gaúcha, no período entre 2020 e 2022. Enquanto as duas primeiras operam em rede a partir de São Paulo (SP), a última opera a partir de Porto Alegre (RS). Mesmo possuindo um caráter mais regional do que as emissoras paulistas, a Rádio Gaúcha possui emissoras afiliadas via Rede Gaúcha SAT em nove estados brasileiros e se tornou ao longo da história uma das referências do radiojornalismo nacional. A CBN e a Jovem Pan News possuem uma cobertura geográfica de rede mais distribuída e também são referência nacional no formato de programação informativa. As três

---

<sup>31</sup> De acordo com Ferraretto (2001), os formatos *All News* e *Talk and News* fazem parte do modelo de programação informativa do rádio, sendo que o primeiro é exclusivo para a difusão de notícias e o segundo agrega notícias com opinião, entrevistas e conversa com o ouvinte.

emissoras estão entre as mais ouvidas do país ou da praça da cabeça de rede<sup>32</sup> no segmento *all news*. Todas as 55 reportagens foram produzidas e veiculadas por emissoras próprias das três redes: na Jovem Pan News, a partir da estação cabeça de rede em São Paulo; na Gaúcha, a partir de Porto Alegre - mesmo que ocasionalmente com a colaboração de outras emissoras próprias do grupo; na CBN, todas a partir da principal geradora em São Paulo, com uma exceção, no Rio de Janeiro, onde o grupo também opera com emissora própria e gera parte da programação para as afiliadas.

Em nossa pré-seleção das emissoras, ainda entre os anos de 2021 e 2022, elencamos três emissoras inteiramente informativas (CBN, Jovem Pan News e Band News) operando em rede a partir de São Paulo, maior município e principal polo radiofônico do país. Acrescentamos a Gaúcha, como uma das principais audiências de Porto Alegre, território tradicional do rádio, do radiojornalismo e dos estudos radiofônicos, mas com a característica de também expandir o sinal de sua programação para outros estados. No período de pré-observação, fizemos contatos informais com alguns profissionais das emissoras, a fim de sanar dúvidas iniciais sobre a aparente relação da veiculação das reportagens no *dial* e no site. Entre os profissionais que auxiliaram com informações preliminares estão produtores, coordenadores de jornalismo e repórteres de cada uma das emissoras, que também orientaram o caminho até a chegada nos colegas que seriam entrevistados para a pesquisa. Na seleção final, optamos por excluir a Band News da análise devido ao fato de não evidenciar com frequência em sua página na internet suas reportagens veiculadas na programação. A escolha final recaiu sobre CBN, Jovem Pan News e Gaúcha que, além da audiência, tradição e representatividade, possuem abundante oferta de reportagens em variadas modalidades, permitindo uma melhor seleção e organização do *corpus* da pesquisa.

Fazem parte da composição do *corpus* os modelos de boletim de reportagem, reportagem contextualizada, reportagem especial e grande reportagem. Embora essas modalidades possuam estruturas distintas, conforme tratado no capítulo 3 desta tese, foi possível verificar já na fase de pré-observação da pesquisa que o aproveitamento das mesmas ocorre de maneira diferenciada quando transpostas da emissão do rádio hertziano para os sites de algumas das principais emissoras do país. Essa verificação foi importante para determinar os modelos de reportagens a serem aproveitadas na análise.

---

<sup>32</sup> Ranking das rádios AM mais ouvidas do país em 2021: <https://www.radios.com.br/estatistica/am/2021/1?pais=33>; Panorama da audiência de rádio em São Paulo: <https://tudoradio.com/noticias/ver/26928-panorama-radio-de-sao-paulo-cresce-de-novo-e-9-fms-superam-a-marca-de-2-milhoes-em-alcance>; Ranking das rádios mais ouvidas em Porto Alegre: <https://www.radios.com.br/estatistica/am-fm/2021/12?pais=33&uf=21&regiao=157>.

Apesar de a pesquisa contemplar um total de 55 reportagens das três emissoras, cabe ressaltar que várias dessas produções pertencem a capítulos de séries, desmembramentos ou divisões entre versões diferenciadas de uma mesma reportagem original. Somente na CBN foram 38 arquivos de áudio de reportagens analisados a partir do rádio hertziano, todos pertencentes a duas séries diferentes, a uma produção com versão dupla (diferenciadas) e três emissões de forma isolada. Na Jovem Pan News foram oito reportagens avulsas analisadas. Já na Gaúcha, a análise envolveu nove reportagens, sendo que duas são versões diferenciadas de uma mesma apuração jornalística. Também há duas reportagens que se referem ao mesmo tema durante o mesmo programa radiofônico. As outras cinco reportagens da Gaúcha foram veiculadas de forma isolada.

Essa seleção mista ocorre justamente para que a pesquisa possa abranger diferentes modalidades de reportagens e formas de abordagens distintas sobre os acontecimentos, contemplando reportagens especiais veiculadas em série e também de forma isolada, grandes reportagens, reportagens contextualizadas e boletins apresentados tanto ao vivo como de forma gravada. Como parte de uma pesquisa qualitativa, não optamos pela utilização de uma amostragem probabilística na seleção das reportagens, escolha comum para pesquisas quantitativas. A amostragem é não probabilística (LOPES, 2005), justamente para permitir ao pesquisador a decisão sobre os elementos relevantes que devem ser incluídos na amostra para a análise. A seleção, portanto, ocorreu por critérios subjetivos de julgamento do pesquisador, considerando a necessidade de abrangência de diferentes modalidades e tipos de reportagens que reunissem as principais características previamente expostas pelas bases teóricas do estudo. O ponto de partida da seleção das reportagens para a análise ocorreu pela veiculação no rádio hertziano, espaço em que a literatura sobre o formato destaca características mais consolidadas e de maior padronização de execução se comparadas com o espaço da web. Ao escolhermos reportagens seriadas, de dupla produção, avulsas, gravadas, ao vivo e de durações distintas, objetivamos gerar uma amostra representativa entre os conceitos expostos pelos principais pesquisadores sobre o meio radiofônico utilizados em nossa fundamentação teórica. Após a seleção das reportagens veiculadas no espaço hertziano, a busca partiu para as versões correspondentes nas páginas das emissoras na internet.

A opção nesta pesquisa foi a de não incluir no *corpus* as publicações das reportagens em plataformas variadas de áudio e vídeo na internet, nem em mídias sociais, evitando que a pesquisa fosse direcionada à análise do meio/canal em relação à análise sobre o produto radiofônico. A proposta de utilizar somente as páginas da web de cada emissora se justifica por

ser este um espaço em que podemos verificar em maiores detalhes as similaridades e variações entre o produto veiculado no *dial* e na internet.

O período selecionado entre 2020 e 2022 se refere à contemporaneidade da pesquisa, desde o início da redação sobre o tema até a sua conclusão, considerando ainda que nos dois primeiros anos o país vivia em meio a uma pandemia da Covid-19<sup>33</sup>, o que poderia limitar parte das atividades dos repórteres em seus trabalhos externos. O detalhamento de cada reportagem, contudo, é explicado no capítulo 5.

## 4.2 CARACTERÍSTICAS DO MÉTODO E SUA PERTINÊNCIA PARA A PESQUISA PROPOSTA

Para realizar este trabalho de investigação, optamos pela utilização do Estudo de Caso como método, recorrendo-se a orientações de Robert Yin (2005). Para o autor, o uso do método Estudo de Caso é importante quando há o “desejo de se compreender fenômenos sociais complexos” (YIN, 2005, p. 20). Além disso, partimos da intenção de compreender o conceito de reportagem radiofônica e suas adaptações em curso no ambiente de convergência. De acordo com Yin (2005, p. 26), “o estudo de caso é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos”. O objeto empírico deste estudo se refere à observação de um fenômeno jornalístico contemporâneo, ao analisarmos a produção de reportagens para o ambiente hertziano com a produção de materiais semelhantes para a web. A utilização de um estudo de casos múltiplos ocorre pela seleção de três diferentes emissoras para a análise das reportagens. Yin (2005) ressalta a importância de analisar mais casos porque os benefícios analíticos podem ser mais substanciais do que quando se analisa um único caso.

Já a articulação entre os dados empíricos singulares colhidos na pesquisa e as proposições de ordem geral, como defende Braga (2007), ocorre na relação entre os indícios observados no fenômeno comunicacional (o formato jornalístico na atualidade e sua transposição e adaptação dentro do ambiente de convergência) e as teorias que envolvem o rádio, os formatos radiofônicos, a reportagem e a reportagem hipermídia. Yin (2005) lembra que um dos testes para a confiabilidade de uma pesquisa é a sua validade externa. Diferente das pesquisas com base em levantamentos, que se baseiam em generalizações estatísticas, os estudos de caso “baseiam-se em generalizações analíticas. Na generalização analítica, o

---

<sup>33</sup> A pandemia causada pelo SARS-CoV-2 (novo coronavírus), responsável pela doença Covid-19, iniciou em 11 de março de 2020. No Brasil, o fim da emergência de saúde pública foi declarado em 22 de abril de 2022 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022).

pesquisador está tentando generalizar um conjunto particular de resultados a alguma teoria mais abrangente” (YIN, 2005, p. 58). Entretanto, não significa que a nossa proposta nesta pesquisa tenha se limitado a uma classificação das especificidades das reportagens a uma regra geral. Partimos do esforço, observado por Braga (2007), em também enxergar o geral no específico. Assim, trilhamos o caminho de identificar características gerais do radiojornalismo e da reportagem jornalística nas produções selecionadas a fim de rearticular a sua relação com as bases teóricas da pesquisa, que fazem parte de nossa revisão sistemática da literatura.

Nesse processo, tomamos como inspiração a orientação de Juremir Machado da Silva (2015) para estranhar, entranhar e desentranhar no processo de descoberta científica. O estranhamento necessita que tiremos a lente para ver o que ainda não foi visto, segundo o autor. Deixar-se estranhar é sempre uma tarefa desafiadora, especialmente para o pesquisador que pratica e convive profissionalmente com o objeto pesquisado, que é a reportagem radiofônica. Após sair de si mesmo e ver com os olhos do outro, passamos a nos entranhar no objeto, ou como diz Juremir Machado da Silva, mergulhar no desconhecido: “o entranhamento é uma atitude provisória que deve ser praticada como se fosse definitiva” (SILVA, 2015, p.41). Nesse momento, de imersão na escuta dos áudios das reportagens, da observação das publicações das produções em distintos ambientes e na apreensão dos depoimentos de profissionais que lidam cotidianamente com o radiojornalismo e as reportagens, foi possível ampliar a compreensão sobre razões, intenções e fundamentos das narrativas, indo muito além do conhecimento prévio do pesquisador. Ao chegar no desentranhamento e retornar ao lugar de origem, os elementos próprios da reportagem radiofônica se tornam mais facilmente articuláveis entre si. A relação dos indícios das situações singulares presentes em cada produção faz tornar mais clara a articulação com o contexto mais amplo da reportagem e do próprio jornalismo.

Desta forma, este trabalho se propôs a aproximar os dados colhidos com os estudos sobre rádio, reportagem e a potencialidade do áudio no universo digital e no contexto hipermidiático. Nesta relação de dados empíricos e bases teóricas da pesquisa, abrem-se as possibilidades futuras de tensionamento do objeto de estudo com perspectivas teóricas distintas. “O rigor e a audácia não são incompatíveis no fazer científico” (LOPES, 2005, p.100).

A Análise Documental foi fundamental nesse processo, por reunir as publicações das emissoras em suas páginas na internet, além dos arquivos em áudio das reportagens diferidas e simultâneas, tanto nos espaços da web como no próprio espaço hertziano das emissoras. Moreira (2006, p. 272) entende que a análise documental é método e técnica ao mesmo tempo: “Método porque pressupõe o ângulo escolhido como base de uma investigação. Técnica porque é um recurso que complementa outras formas de obtenção de dados”. Nesta combinação, temos

o ângulo formulado como método para a observação das produções e a técnica de categorização da análise, que veremos no subcapítulo 4.3.

### 4.3 PROCEDIMENTOS UTILIZADOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE

Muito comum nos estudos radiofônicos é o fato de pesquisadores terem que lançar mão da transposição de técnicas de observação e análise advindas de outros meios de comunicação para as mídias sonoras. A nossa proposta de formulação de categorias de análise busca contemplar exclusivamente o produto radiojornalístico, a fim de compreender a dinâmica das narrativas sobre o acontecimento jornalístico que são baseadas em textos, mas que se materializam através de sua sonoridade.

Diante da carência de técnicas próprias para observação e avaliação das emissões radiofônicas, elaboramos e utilizamos cinco categorias centrais para a análise: estrutura da narrativa, tipologia, acontecimento jornalístico, hipertextualidade e memória. Enquanto as três primeiras se referem às reportagens veiculadas no rádio hertziano, as duas últimas são aplicadas para os materiais veiculados nas páginas das emissoras na web. Desse modo, a investigação recai diretamente no produto (ZIMMERMANN; ZUCULOTO, 2021a), o que oportuniza também reconhecer alguns elementos do processo de elaboração e difusão da reportagem.

Sobre as três categorias macro para a análise no rádio hertziano - a) estrutura da narrativa; b) tipologia; c) acontecimento jornalístico -, chegamos até esta definição tomando como referência e ponto de partida o protocolo de análise de cobertura jornalística de Silva e Maia (2011). De acordo com as autoras, o protocolo se baseia em conhecer o processo de produção jornalística pelo produto jornalístico. Desta forma, viabiliza-se uma investigação diretamente no produto, reconhecendo elementos do processo de elaboração do acontecimento como notícia, o que poderia complementar ou até dispensar o *newsmaking* e a observação direta nas rotinas produtivas. A proposta objetiva, assim, “dar relevo aqui à construção do acontecimento jornalístico pelas estratégias e técnicas de apuração e composição visíveis no texto” (SILVA; MAIA, 2011, p.21).

Como a proposta das autoras se refere à análise de meios impressos, necessitando de várias adaptações para a análise de produtos em áudio, o protocolo serviu apenas como inspiração inicial na construção do nosso modelo que, em suas subcategorias se apoia também em referenciais teóricos e teórico-metodológicos de outros autores do jornalismo e do radiojornalismo, como veremos a seguir. Em nossa investigação, observamos as marcas do repórter que são deixadas no produto, verificadas a partir da análise do produto em si, sem a

necessidade de investigação específica nas rotinas produtivas das equipes de jornalismo e do processo de construção das reportagens.

Tomando como base a proposta de análise de cobertura jornalística de Silva e Maia (2011), que propõem como 1º nível, as marcas da apuração, entendemos que as mesmas devem ser localizadas dentro de nossa primeira categoria, que é a estrutura da narrativa na reportagem radiofônica do rádio hertziano. Entre as três marcas principais sugeridas pelas autoras para os meios impressos, duas delas nos chamam a atenção como elemento de análise para os produtos do radiojornalismo: o local de apuração do jornalista e a origem da informação, nesse caso as fontes utilizadas. Como o protocolo de Silva e Maia (2011) foi estruturado com contribuições sobre a prática jornalística de Kovach e Rosenstiel (2004), destacamos aqui a importância das fontes de informação como o primeiro aspecto técnico do processo produtivo que pode ser observado também a partir do produto jornalístico. Para os autores, a consulta às fontes faz parte da disciplina da verificação, que é “o que separa o jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte” (KOVACH; ROSENTIEL; 2004, p.113).

Como o 2º nível na análise de cobertura jornalística, Silva e Maia (2011) propõem as marcas da composição do produto, onde, entre outros, entrariam a identificação do gênero jornalístico, que aqui expandimos para o formato radiojornalístico, no caso a reportagem radiofônica e os tipos de reportagem. Para essa escala, buscamos a definição em Marques de Melo (2009) e Marques de Melo e Assis (2016), com a hierarquia entre gênero, como classe que agrupa unidades de mensagem; entre formato, como estrutura que deriva dos gêneros; e como tipo, que seria uma realização concreta do produto. Assim, entendemos que tais marcas de composição estão localizadas na nossa segunda categoria de análise, que é a tipologia da reportagem radiofônica.

E quanto ao 3º nível, apresentado pelas autoras, que são os aspectos do contexto de produção, buscamos na proposta de análise o contexto externo, que é a “caracterização do tema/acontecimento/assunto específico da cobertura e da conjuntura sócio-histórico-cultural envolvente” (SILVA; MAIA, 2011, p.31). Considerando o contexto externo, propomos e utilizamos a terceira categoria geral de análise, que é o acontecimento jornalístico em si, a partir da temática ou do assunto tratado na reportagem e sua abordagem de acordo com a conjuntura que lhe envolve.

Assim, como categorias específicas ou subcategorias dentro das categorias gerais, elencamos os seguintes itens para análise nas reportagens veiculadas no rádio hertziano:

- a) **Estrutura da narrativa:** quantidade de sonoras, entrevistados e fontes, a fim de configurar se há ou não multiangulação e confronto de informações a partir do tipo ou natureza das fontes (fontes institucionais, testemunhos de afetados, especialistas, posições opostas); emissão simultânea/ao vivo ou diferida/gravada ou de forma mista e se há repórter no local do acontecimento; quanto à estrutura básica, com os tipos de abertura, de desenvolvimento e de fechamento da reportagem; duração da reportagem em áudio; a existência ou não de construção dramática e uso de técnicas de ficcionalização e também a existência de documentos vivos ou de reconstruções, com aproveitamento de sons e ruídos de ambiente.
- b) **Tipologia:** caracterização como reportagem de fatos (*fact-story*), reportagem de ação (*action-story*) ou reportagem documental (*quote-story*); identificação do tipo de reportagem da emissora: boletim, reportagem contextualizada, reportagem especial, grande reportagem; gênero radiojornalístico predominante.
- c) **Acontecimento jornalístico:** caráter interpretativo da emissão, com contextualização e aprofundamento acerca do acontecimento relatado; caracterização de humanização da história; temporalidade da reportagem, verificando se explora fatos anteriores e projeta consequências futuras, ampliando o espaço-temporal do fato social; previsibilidade dos fatos: cobertura de acontecimentos previstos ou imprevistos.

Na primeira categoria geral, quanto à estrutura da narrativa, destacamos novamente a importância da questão da seleção das fontes utilizadas nas entrevistas e sonoras, pois permite também analisar a sua relação com a credibilidade, como instrumento autenticador na construção da narrativa jornalística. A posição das fontes em relação ao acontecimento narrado e sua relevância dentro do contexto sócio-histórico-cultural permite a expansão da análise para outras variáveis, além do cruzamento entre diferentes categorias de análise. Em uma perspectiva mais ampla, a análise da origem das fontes entrevistadas nas reportagens avança além do debate substancial sobre a multiangulação nos espaços radiofônicos. Há também questões técnicas voltadas à própria natureza do meio rádio, pois nem sempre existe a possibilidade de reunir diversas fontes ao mesmo tempo no mesmo espaço físico, no caso do rádio ao vivo. Chagas (2019a) contribui com essa discussão ao lembrar que a pluralidade e diversidade de vozes pode, em muitas situações, ocorrer ao longo da programação e não necessariamente em intervenções isoladas ao vivo. O autor reforça ainda sobre a possibilidade de multiplicação das experiências e entradas de novas vozes nos noticiários. “O jornalismo se torna uma grande assembleia, um

espaço de disputa de sentidos entre diferentes atores sociais que, assim como na sociedade como um todo, exercem formas de poder de ditar os acontecimentos” (CHAGAS, 2019a, p.12).

Além dos itens “sonoras e fontes” e “local do repórter no acontecimento”, incluímos também a questão da estrutura quanto à abertura, ao desenvolvimento e ao fechamento da reportagem, baseado em Herrera Damas (2007a), que analisou as várias possibilidades de estrutura da reportagem radiofônica em emissoras espanholas. A duração da reportagem é um aspecto lembrado por vários pesquisadores do meio como Ferraretto (2014), Barbosa Filho (2009), Prado (1989) e Kaplún (2017), mas ainda longe de se constituir um padrão definitivo. Na questão sobre a construção dramática, buscamos apoio nos conceitos de Kaplún (2017) e López Vigil (2003) quanto à progressão da narrativa dramática em algumas reportagens produzidas para o rádio. Kaplún também observa a distinção entre reportagens produzidas a partir de documentos vivos ou a partir de reconstruções. Neste caso, os ruídos de ambiente observados nas reportagens determinam com maior clareza o grupo em que se encaixa a produção. Ao considerarmos a relevância de incluir a informação sonora (sons e ruídos do ambiente) na análise da estrutura da reportagem, as contribuições de Meditsch e Betti (2019) e Menezes (2008), além do próprio Kaplún (2017), nos auxiliam na perspectiva de agregar o conteúdo verbal com o não verbal emitidos na mesma mensagem.

Na segunda categoria geral, sobre a tipologia, a análise busca identificar os três tipos clássicos de reportagem jornalística sugeridos por Sodr e e Ferrari (1986) e Martínez Albertos (1983), entre reportagem de fatos, reportagem de a o e reportagem documental. Esta defini o auxilia na identifica o mais apropriada para o gênero radiojornalístico de cada produto analisado e dialoga com a terceira categoria geral acerca do nível de aprofundamento e de humaniza o da narrativa. Buscamos identificar na análise o gênero radiojornalístico predominante em cada emissão, considerando que entre as várias pesquisas brasileiras acerca dos g neros radiojornalísticos, Lucht (2009) aponta a divisão nas mesmas cinco categorias utilizadas por Marques de Melo (2009) para o jornalismo impresso: informativo, interpretativo, opinativo, utilitário e diversional. Para Marques de Melo e Assis (2016), os g neros jornalísticos funcionam como um sistema de organiza o do trabalho cotidiano que geram um certo consenso corporativo a partir de formas de expressão adotadas nas empresas jornalísticas. Os g neros radiof nicos, por sua vez, auxiliam na organiza o da mensagem radiofônica, cumprindo as fun es básicas de representar a realidade, instrumentalizar o trabalho dos jornalistas de r dio e gerar modelos de enuncia o (MARTÍNEZ-COSTA; HERRERA DAMAS, 2005).

Já a identificação do tipo de reportagem pela emissora é uma grande carência dos estudos radiofônicos, uma vez que ainda estamos distantes de uma padronização sobre qual é o modelo mais apropriado de um boletim de reportagem ou de uma reportagem contextualizada ou até mesmo na distinção entre reportagem especial e grande reportagem. Neste sentido, este estudo buscou uma melhor definição dos conceitos através das produções analisadas. Utilizamos durante a análise o termo “tipo” para seguir a hierarquia utilizada por Marques de Melo (2009) entre gênero, formato e tipo. Este último seria a concretização em si do produto final, ou o “modelo assumido pela mensagem da atualidade com a finalidade de melhor preencher a função social que lhe corresponde na engrenagem midiática” (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2016, p.48). Para os autores, no entanto, os gêneros e suas subdivisões, como formatos e tipos são formas relativamente rígidas que definem o modelo a ser apresentado para o espectador. Neste sentido, a partir de nossa análise interpretativa e da revisão das configurações da reportagem, ajustamos o termo para “modalidade”, a fim de tornar menos rígida a variação de possibilidades de execução de uma reportagem radiofônica.

Na terceira categoria geral, partimos da compreensão do acontecimento jornalístico como algo de natureza especial, advindo de tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais (RODRIGUES, 1999) ou como aquilo que rompe a rotina da atualidade, caracterizado pela anormalidade e pelo seu lado extraordinário (NOBRE-CORREIA, 2018). “O acontecimento jornalístico também se diferencia dos demais acontecimentos por ser ao mesmo tempo matéria-prima e produto do jornalismo” (SPONHOLZ, 2009, p.62). Alsina (2009) diferencia o acontecimento da notícia entendendo que o primeiro é uma mensagem recebida e o segundo é uma mensagem emitida. “O acontecimento é um fenômeno de percepção do sistema, enquanto que a notícia é um fenômeno de geração desse sistema” (ALSINA, 2009, p.133).

Sobre o acontecimento jornalístico, portanto, nossa análise busca apoio também em Lorenzo Gomis (1991) sobre a questão da necessidade de o meio jornalístico contribuir para a interpretação da realidade social, oferecendo ao público mais elementos para seu juízo de valor. O público quer se sentir no lugar do evento para compreender o contexto de uma série de fatos que poderão estar encadeados através de sua articulação e das circunstâncias em que ocorreram (GOMIS, 1991). Neste caso, as colaborações de Erbolato (1985) para o jornalismo nos auxiliam também na construção desse elemento de análise, já que o autor entende que o caráter interpretativo de uma emissão deve buscar explicações sobre as causas do acontecimento, além de localizá-lo no contexto sócio-histórico-cultural e considerar suas consequências. Corroboram assim também Leandro e Medina (1973) no campo jornalístico, na compreensão

de que a reportagem interpretativa deve buscar um sentido do tempo presente com maior amplitude, reconstituindo-o a partir do passado e do futuro. Essa ampliação do espaço-temporal também ganha coro em autores como Lobato (2016) e Bergamo (2011).

A observação sobre o acontecimento narrado de acordo com sua previsibilidade ou imprevisibilidade também se alicerça na caracterização do tema tratado na cobertura e está presente nas classificações das reportagens jornalísticas a partir de Sousa (2001) e Machado (2012). Apesar das características tradicionais do rádio, como imediatismo, instantaneidade e simultaneidade, Prado (1989) já advogava na defesa de um “rádio em profundidade”, transmitindo os acontecimentos atuais com agilidade, mas aumentando a compreensão pública por meio da explicação e análise. Sodré e Ferrari (1986), Medina (1988) e Lobato (2016) contribuem também sobre humanização do relato como característica da reportagem, até mesmo como parte do processo criativo da narrativa. “A humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.15). Já para Medina (1988), a humanização das histórias individualiza um fato social por meio de um perfil representativo. Lobato (2016, p.74) explica que a tática de humanização no jornalismo consiste em uma das principais formas de estabelecer laços com o público, “abordando determinados problemas, incidentes ou fenômenos a partir de cidadãos comuns”, denominados como “personagens” nas reportagens. Neste sentido, nossa observação acerca desta subcategoria de análise recai sobre o envolvimento destas personagens que venham a, eventualmente, testemunhar os fatos a partir de seu envolvimento. Como fator de identificação sobre o grau de envolvimento e de humanização da história, também observamos se há revelação de sentimentos individuais de quem participa da história e até mesmo se há alguma aproximação entre o jornalismo e a dramatização (LUCHT, 2009).

Para as reportagens nas páginas das emissoras na web, elaboramos e utilizamos as seguintes categorias gerais de análise: como categorias gerais: a) hipertextualidade; b) memória. Definimos essas categorias considerando que o hipertexto é uma das três características da linguagem do jornalismo digital mais pesquisadas desde os primeiros estudos na área, além dos conceitos de multimídia e interatividade (SALAVERRÍA, 2019). Na revisão sobre as pesquisas realizadas em 25 anos de jornalismo digital (1994-2019), Ramón Salaverría aponta a importância do hipertexto como uma das bases fundamentais da linguagem do jornalismo digital dentro de sua capacidade em conectar textos e unidades de informação em qualquer formato. Neste sentido, entendemos que a observação a partir de tais conexões nos permite analisar e compreender as várias formas de integração da mensagem radiofônica através de áudios, textos, hiperlinks e as possibilidades da multilinearidade. Salaverría (2019), no

entanto, aponta sua preocupação para as possibilidades narrativas e documentais do hipertexto, menos lembradas nas pesquisas existentes em um quarto de século de jornalismo digital. Nesse aspecto, demonstramos também a importância em analisar as formas de armazenamento, organização de bancos de dados e constituição de memória por parte das emissoras.

Desta forma, como categorias específicas ou subcategorias dentro das categorias gerais, elencamos os seguintes itens para análise:

- a) **Hipertextualidade:** conexões com hiperlinks, verificando se a narrativa é linear ou multilinear (com condições de personalização); formas de integração entre áudio, textos e hiperlinks; arquitetura da informação: divisão por blocos de informação e se os blocos são autoexplicativos e independentes; condições para propagabilidade através da interatividade.
- b) **Memória:** nível de aprofundamento da informação em relação à versão do rádio hertziano; forma de armazenamento, banco de dados e constituição de memória.

As duas categorias gerais fazem parte da categorização utilizada pelo Grupo de Jornalismo On-line (GJOL) da Universidade Federal da Bahia nas pesquisas sobre webjornalismo e exploradas por Kischinhevsky (2016) no conceito sobre rádio expandido. O autor utiliza as categorias de arquitetura de interação, multimídia, personalização, hipertextualidade e memória como categorias centrais. A nossa análise se concentra nas duas últimas, já que nosso objetivo não é centrado em analisar a totalidade dos espaços digitais dos veículos de comunicação, como sites, portais, plataformas e aplicativos, mas direcionar a análise especificamente nas reportagens que foram produzidas para o rádio hertziano e aproveitadas nas páginas online das emissoras. Entretanto, os conceitos atribuídos aqui à personalização (como forma de o ouvinte-internauta escolher seu roteiro de escuta e leitura) e interatividade (participação do ouvinte-internauta como usuário reativo e proativo) estão relacionados diretamente à questão da hipertextualidade, tanto pela condição de narrativa multilinear como pelo potencial de engajamento e propagabilidade.

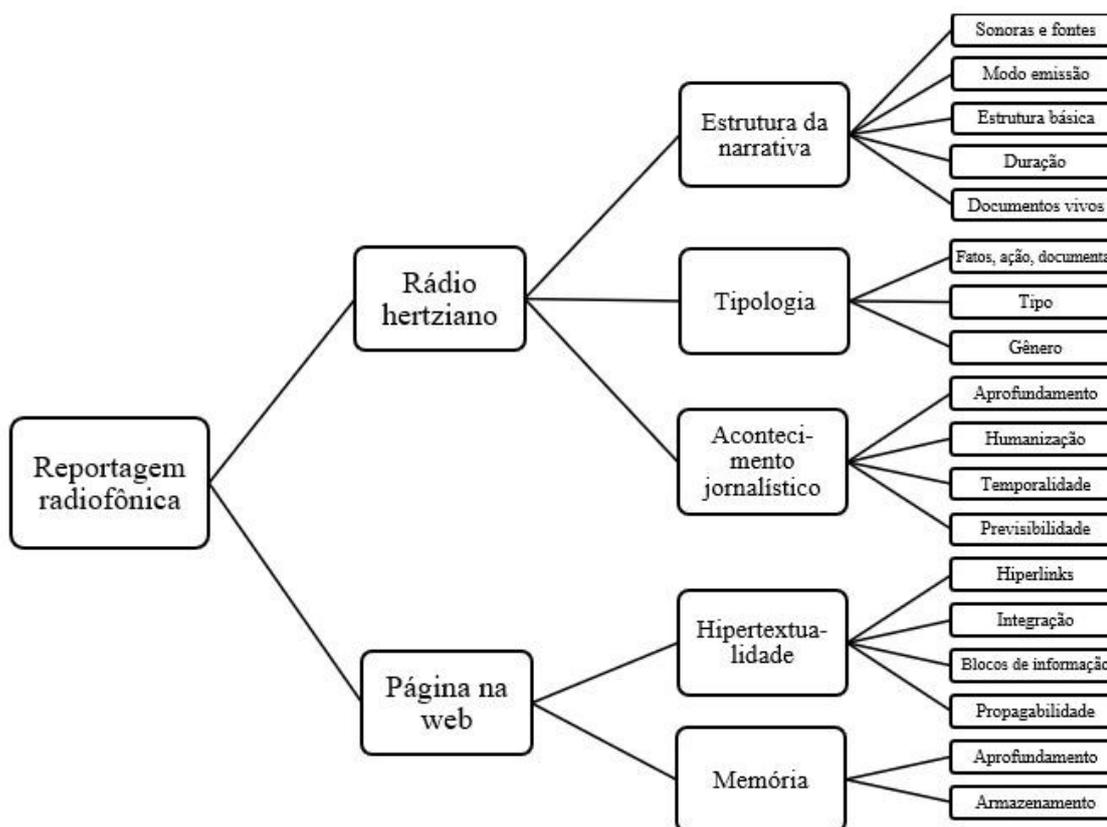
Quanto à hipertextualidade, buscamos apoio também nos conceitos de João Canavilhas (2014) e Ramón Salaverría (2005). Canavilhas (2014) considera que a base para a hipermedialidade está nas ligações do nó âncora ao nó de destino, o que permite a criação de blocos informativos, que são independentes, autoexplicativos e interconectados, mas se propõem a organizar e dar sentido ao conteúdo geral. Salaverría (2005) destaca a função narrativa das hiperligações, libertando o leitor (neste caso, o ouvinte-internauta) para diferentes

percursos de navegação dentro de uma arquitetura da informação que permite uma estrutura multilinear respondendo a interesses particulares de exploração do conteúdo. O modelo proposto por Salaverría (2005) e aperfeiçoado por Canavilhas (2014) para organização da informação jornalística parte de uma unidade base informativa, aprofundando cada vez mais para os níveis de explicação, contextualização e exploração. Na questão da propagabilidade, buscamos apoio nos conceitos de Jenkins, Ford e Green (2014) que apontam as condições para que o internauta compartilhe o conteúdo em sua rede. Neste caso, observamos se a publicação da reportagem radiofônica apresenta as ferramentas necessárias para sua propagação, quanto à disponibilidade do material, a portabilidade, a facilidade de reutilização, a relevância do conteúdo para públicos diversos, o que permite também verificar o pertencimento do assunto a um fluxo constante presente em outros materiais ou conteúdo da emissora. Os autores, contudo, ressaltam a importância da formatação para que a mídia seja propagável. No caso das reportagens radiofônicas inseridas na web, a formatação de acordo com as condições de propagabilidade dependerão da disposição do áudio tanto para *download* como por *streaming*, além do compartilhamento da URL (endereço da página) da publicação como um todo.

Na questão da memória, temos também o entendimento que sua ligação estreita com os conceitos de hipertextualidade está presente, pois o nível de aprofundamento do conteúdo será possível via hiperligações com os fatos anteriores e posteriores, como sugere Salaverría (2005), explicando que, como função documental, as hiperligações funcionam também como elementos para contextualizar e oferecer pormenores do conteúdo através da oferta de informações mais específicas sobre determinados assuntos. A indexação hipertextual para formação de memória também é lembrada por Palacios (2014, p.96) sobre a construção de contextos para a informação jornalística a partir do próprio usuário através da “memória arquivada e os conteúdos das bases à sua disposição”.

A figura a seguir demonstra organização da análise por categorias e subcategorias das reportagens veiculadas no espaço hertziano e na web.

Figura 7: Categorias e subcategorias de análise das reportagens radiofônicas



Fonte: Elaborado pelo autor

Neste sentido, como esta pesquisa é de abordagem qualitativa, não há procedimentos estatísticos na análise das reportagens no espaço digital como ocorre com muitos modelos de análise aplicados à tecnologia. Apesar da grande variedade de subcategorias apresentada aqui, houve a necessidade de integração entre os elementos analisados nas reportagens publicadas nas páginas das emissoras na internet com a sua versão veiculada no rádio hertziano. Desta forma, é possível não só conferir como a versão online da reportagem foi alterada em relação à versão do rádio hertziano, mas também verificar como a tecnologia tensionou a modificação de aspectos técnicos da produção original.

Para ampliar a compreensão acerca da utilização conjunta das reportagens para ambientes distintos, como o hertziano e o digital, o estudo contou também com entrevistas durante o processo de investigação. As entrevistas foram realizadas com três profissionais, um de cada emissora pesquisada. Todos os entrevistados selecionados possuem cargo de gerência ou direção no jornalismo e/ou conteúdo nas emissoras.

Para tanto, foi elaborado um roteiro com questões semiestruturadas, considerando que a opção foi por entrevistas semiabertas e individuais. A liberdade que consiste em uma entrevista semiestruturada permite que a lista de questões-chave seja alterada conforme o andamento da entrevista. Além da liberdade para o entrevistador alterar as questões, o entrevistado pode expor suas informações, percepções e avaliações sobre o assunto de forma mais espontânea. De acordo com Duarte (2006), desta forma é possível conjugar a flexibilidade de uma questão não totalmente estruturada com um roteiro de controle. De tal modo, as questões-guias foram elaboradas e baseadas no problema de pesquisa para buscar ampliar a compreensão acerca da escolha do formato para a cobertura de determinada pauta jornalística, dos critérios de seleção para a reutilização na web ou para decisão prévia de utilização simultânea nos ambientes hertziano e digital. As entrevistas tiveram também a finalidade de esclarecer dúvidas sobre lacunas existentes na escuta do material em áudio e nas publicações na web, principalmente sobre a escolha dos elementos da reportagem transpostos de um ambiente para outro. Um roteiro prévio de questões foi elaborado para a tramitação e aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e depois foi ajustado após a observação, escuta dos áudios e descrição das reportagens dos ambientes hertziano e digital.

A pesquisa com a proposta de entrevistas foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH), incluindo a adoção de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A tramitação ocorreu via Plataforma Brasil para análise e aprovação no CEPSH da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Essa formalidade respeita a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que trata de pesquisas com seres humanos nas áreas de Ciências Humanas e Sociais. Os documentos se encontram nos apêndices B e C da tese.

As entrevistas deste trabalho se inserem como um complemento das demais buscas por informações, sem a necessidade de deslocamento de nossos procedimentos metodológicos para o *newsmaking* ou de uma observação ampliada acerca dos métodos de produção, publicação e circulação. O objetivo aqui foi reunir necessários relatos técnicos que não estivessem explícitos nas publicações e emissões das reportagens. Mesmo assim, ainda na fase de pré-observação, foi realizado o contato com profissionais das emissoras pesquisadas para buscar esclarecimentos iniciais acerca da produção e distribuição das reportagens no *dial* e nas plataformas digitais. Esse contato com repórteres e com ocupantes de cargos de gerência e direção, mesmo que de maneira informal, permitiu uma melhor seleção das reportagens a serem analisadas, não fazendo parte do processo de entrevista, mas ainda de um primeiro momento de

observação, como tarefa para reunir dados brutos dentro de uma técnica mais ampla de coleta de dados. Lopes (2005) considera que é nesta etapa que ocorre na prática a ruptura epistemológica, até então realizada apenas em nível teórico. É quando o fato científico deve ir contra a ilusão do saber imediato para poder ser conquistado, segundo Bachelard. “Diante do real, aquilo que cremos saber com clareza ofusca o que deveríamos saber” (BACHELARD, 2005, p.18).

Como procedimento e utilização dos instrumentos de coleta, as entrevistas foram realizadas à distância, sendo duas delas de forma assíncrona, com envio por e-mail, e outra de forma síncrona, via chamada de voz pelo aplicativo de mensagens WhatsApp. Foram entrevistados os seguintes profissionais: Andressa Xavier, comunicadora e Gerente de Programação e Jornalismo da Rádio Gaúcha (questões enviadas em 09/08/2022 e respostas recebidas em 17/02/2022); Carlos Aros, Diretor de Conteúdo da Rádio Jovem Pan News (questões enviadas em 11/08/2022 e respostas recebidas em 05/10/2022); Douglas Ritter, Gerente de Jornalismo da Rádio CBN São Paulo e responsável pelo editorial da Rede CBN (entrevista realizada por chamada de voz em 05/09/2022). As perguntas para Xavier da Gaúcha e Aros da Jovem Pan News foram enviadas por escrito por e-mail e recebidas também por escrito: de Xavier por e-mail e de Aros via aplicativo WhatsApp. Já a entrevista com Ritter, da CBN, foi realizada com perguntas e respostas em áudio, por escolha do próprio entrevistado. A ligação foi realizada pelo WhatsApp e a gravação da entrevista na íntegra foi feita com o software Sony Sound Forge Pro 16 Suíte. Após a gravação, foi realizada a transcrição do áudio utilizando o aplicativo da web oTranscribe e salvo como arquivo do programa Word, junto com as demais entrevistas, que se encontram no Apêndice D.

A seleção dos entrevistados por emissora ocorreu de forma não probabilística (DUARTE, 2006), pelos critérios de conveniência – entrevistados disponíveis entre os envolvidos na produção – e intencional - escolhidos devido à função específica que exercem na emissora e na aproximação com a produção dos materiais pesquisados. Neste caso, o juízo particular do pesquisador na escolha dos entrevistados ocorreu pelo conhecimento sobre o tema e a função de informante-chave para cada emissora pesquisada.

Após a coleta dos dados e das informações, dividimos a descrição e a análise das reportagens em diferentes fases metodológicas, seguindo as orientações de Lopes (2005), quanto à análise descritiva na etapa de descrição e a análise interpretativa na etapa de interpretação dos dados e das informações. A primeira etapa apresenta as reportagens de cada emissora através de quadros-sínteses e da descrição do conteúdo e de sua estrutura através das categorias e subcategorias e análise propostas. A aplicação da descrição foi dada com a divisão

por emissora, agrupamento de reportagens e categorias gerais da análise, tanto para o rádio hertziano como para a publicação nas páginas da internet. Essa descrição qualitativa foi aplicada utilizando um texto explicativo sobre os dados exibidos nos quadros-sínteses, apontando com mais detalhes a relação entre variáveis. Lopes (2005, p. 149) considera que esse momento ocorre quando “o fenômeno deixa de ser percebido como algo caótico e ininteligível e passa a ser visto em seus atributos essenciais e interdependentes, isto é, sob uma forma sintética”.

A segunda parte se propôs a realizar a análise descritiva das reportagens em seu conjunto conforme as principais categorias de análise trabalhadas. Nesta etapa, houve a inclusão das informações e depoimentos dos profissionais, entrelaçando o resultado das entrevistas com a análise. Para Lopes (2005), a descrição se constitui como importante etapa da análise dos dados em uma pesquisa, fazendo a ponte entre a fase de observação e a fase da interpretação. Seguindo essas orientações, esta pesquisa tratou de organizar as informações em um primeiro momento, para em seguida tratar da descrição e da análise descritiva, que é a reconstrução empírica do objeto em si, quando dados de fato são convertidos em dados científicos.

A terceira etapa adentra no espectro interpretativo da pesquisa. A análise interpretativa se apoia com maior profundidade nas bases teóricas da pesquisa a fim de transpor a análise para um nível de “abstração e de generalização”, como sugere Lopes (2005, p.152). É a busca pela explicação científica sobre o fenômeno, ao analisar o material como um todo, interpretando o conjunto geral da pesquisa, além da análise sobre cada variável, que já foi elaborada na etapa da análise descritiva. Na interpretação do conjunto foi possível relacionar as informações já coletadas e organizadas com o problema e os objetivos da pesquisa. Gil (2008, p. 178) considera que “para interpretar os resultados, o pesquisador precisa ir além da leitura dos dados, com vistas a integrá-los num universo mais amplo em que poderão ter algum sentido”. A parte final da análise interpretativa buscou revisitar as configurações preexistentes sobre reportagem radiofônica e sua comparação com o formato notícia, a fim de propor uma redefinição das categorias da reportagem radiofônica através de suas principais modalidades, tipos, modos de emissão e adequação à web.

## 5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo passamos a apresentar o objeto empírico e a realizar a análise dos resultados da pesquisa. Na primeira parte, procedemos com a descrição das reportagens, seguida da análise descritiva. Na sequência, é realizada a análise interpretativa das reportagens, aproximando o objeto empírico pesquisado de nosso objeto de estudo.

### 5.1 DESCRIÇÃO DAS REPORTAGENS ANALISADAS

Nesta descrição, iniciamos com a apresentação e a análise de cada reportagem pesquisada: primeiro em sua versão veiculada no rádio hertziano, para em seguida apresentarmos e descrevermos a forma em que a produção foi publicada na web. Nesta etapa, observamos também elementos e características específicas dentro do processo de integração dos ambientes, conforme as categorias de análise já expostas na metodologia desta pesquisa.

A análise contemplou um total de 55 reportagens das rádios CBN, Jovem Pan News e Gaúcha. Consideramos aqui o total de 55 arquivos de áudio que foram veiculados pelas emissoras, mas ressaltando que várias dessas produções pertencem a capítulos de séries, desmembramentos ou divisões entre versões compactas e ampliadas de uma mesma reportagem original. O período de veiculação das reportagens analisadas compreende os anos 2020, 2021 e 2022. O acesso para a transcrição das reportagens na íntegra se encontra no apêndice A da tese.

A CBN (Central Brasileira de Notícias) é uma emissora no formato *all news* e transmite predominantemente a partir da cidade de São Paulo (SP) em rede via satélite através de 42 estações de rádio<sup>34</sup> para todas as regiões do Brasil. Das 42 emissoras, quatro são canais próprios da CBN, pertencentes ao Sistema Globo de Rádio: São Paulo (90,5 FM), Rio de Janeiro (92,5 FM), Brasília (95,3 FM) e Belo Horizonte (106,1 FM). Ocasionalmente e a depender da praça de destino, parte do conteúdo gerado em rede é proveniente da estação do Rio de Janeiro. A emissora de São Paulo foi criada em 1º de outubro de 1991 operando em amplitude modulada (AM), com o modelo *all news*, ainda considerado pioneiro para a época, segundo a própria emissora. Em 1995, a emissora de São Paulo replicou seu sinal para a frequência no FM. Sob o slogan “CBN, a rádio que toca notícia”, a emissora transmite pelas ondas hertzianas 24 horas por dia, em AM e FM. A reformulação do site ocorreu em 2012 para padrões semelhantes ao

---

<sup>34</sup> Segundo o site da emissora, a Central Brasileira de Notícias (CBN) tem o potencial de atingir um universo de mais 94 milhões de brasileiros. Fonte: <https://cbn.globoradio.globo.com/institucional/historia/HISTORIA.htm>. Acesso em 20 ago. 2022.

que existe hoje. O aplicativo com a programação da rádio pelo celular foi lançado em 2013. Embora tenha porte e estrutura de um portal de notícias, o site da CBN, hospedado em <<https://cbn.globoradio.globo.com>> está vinculado ao guarda-chuva do site globo.com (Figura 8).

Figura 8: Home (Página Inicial) da CBN



Fonte: CBN. <https://cbn.globoradio.globo.com>; Acesso em: 20 ago. 2022.

A Jovem Pan News também é uma emissora no formato *all news* que transmite na frequência 620 khz em AM<sup>35</sup> a partir da cidade de São Paulo (SP) em rede via satélite para 22 estações de rádio pelo país<sup>36</sup>. A emissora nasceu em 25 de setembro de 1942 em São Paulo, mas o que viria a ser o início do grupo Jovem Pan aconteceu somente em 3 de maio de 1944, com o nome de Rádio Panamericana. Em 1965 a emissora AM passou a se chamar Jovem Pan e em 1976 foi criada a Jovem Pan 2 FM, voltada ao público jovem. A transmissão em rede

<sup>35</sup> A Jovem Pan News transmite em AM em FM em várias cidades do país, mas o canal 620 AM de São Paulo aguardava, em dezembro de 2022, o processo de migração para a faixa estendida de FM em 76,7 mhz. Fonte: <https://www.sindiradio.org.br/noticias/item/migracao-am-fm-podera-movimentar-o-dial-fm-de-sao-paulo-ja-a-partir-de-janeiro.html>

<sup>36</sup> Segundo informações do site da emissora, são 22 emissoras afiliadas com a programação Jovem Pan News, mas outras 85 estações são afiliadas da programação Jovem Pan, baseada majoritariamente no formato musical jovem, mas com a inclusão de programas transmitidos simultaneamente pelas duas redes, incluindo o Jornal da Manhã, espaço onde foram veiculadas sete das oito reportagens analisadas. Na soma, há um total de 107 emissoras afiliadas no grupo. Fonte: <https://jovempan.com.br/afiliadas>. Acesso em 20 ago. 2022.

iniciou em 1993 com a criação da Jovem Pan Sat, com programação e materiais da Jovem Pan 1 e da Jovem Pan 2 para afiliadas, 24 horas por dia. O site na internet foi lançado em 1997, mas somente em 2007 passou a funcionar no estilo “rádio com imagem”, padrão seguido até a atualidade, com áudio para a sintonia de antena e áudio com imagens para o Youtube. Em 2020, a emissora criou o Panflix, serviços de *streaming* em vídeo e em 2021 estreou a Jovem Pan News na TV por assinatura. O site <<https://jovempan.com.br>> funciona como um portal de notícias do grupo Jovem Pan (Figura 9), mas com opções para acessar as emissoras afiliadas como Jovem Pan e Jovem Pan News ou mesmo a página JP News, com o serviço de *streaming* ao vivo e arquivos de vídeos da programação da Jovem Pan News da TV.

Figura 9: Home (Página Inicial) da Jovem Pan



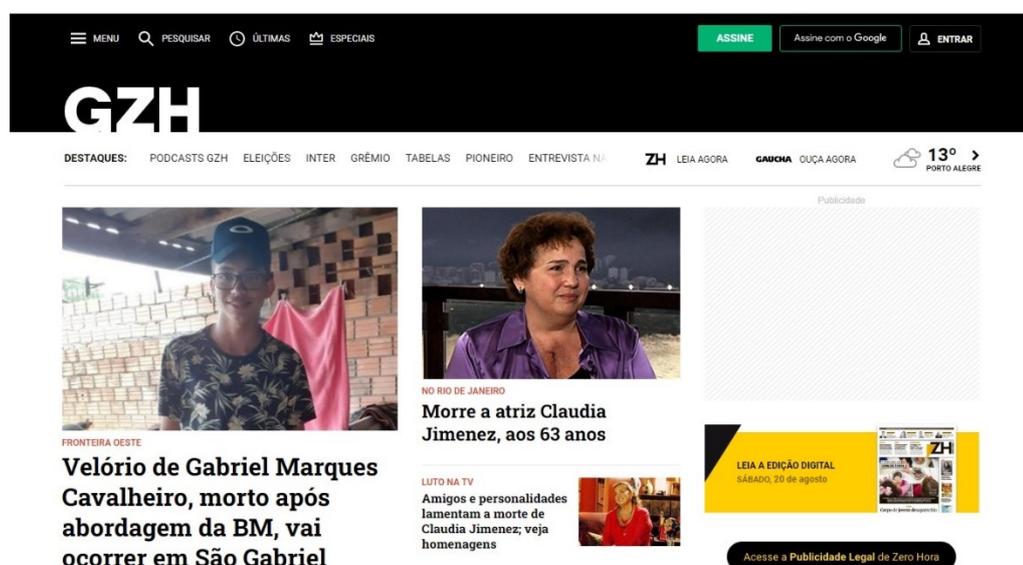
Fonte: Jovem Pan. <https://jovempan.com.br/>; Acesso em: 20 ago. 2022.

A Gaúcha é uma emissora dentro do formato *talk and news* (FERRARETTO; MORGADO; SABALLA JR., 2018) que transmite em Porto Alegre (RS), mas com afiliadas tanto no Rio Grande do Sul, onde possui maior presença, como em outros estados brasileiros. No total são 142 emissoras que transmitem conteúdos da Gaúcha<sup>37</sup>, mas com predominância maior no sul do país. São quatro emissoras próprias do grupo no Rio Grande do Sul, sendo a matriz em Porto Alegre (93,7 FM) e outras em Santa Maria (105,7 FM), Caxias do Sul (102,7 FM) e Rio Grande (102,1 FM). A emissora de Porto Alegre que operava em amplitude modulada (AM) foi fundada em 8 de fevereiro de 1927, como primeira rádio da capital gaúcha, mas só passou a fazer parte do Grupo RBS (Rede Brasil Sul de Comunicações) em 1957. Nas

<sup>37</sup> De acordo com o site GZH, atualmente são 9 estados brasileiros com emissoras retransmitindo conteúdos da Gaúcha. Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/>. Acesso em 20 ago. 2022.

primeiras décadas, a emissora era chamada de Rádio Sociedade Gaúcha e nos anos 1980 passou gradualmente a transmitir jornalismo 24 horas por dia (QUADROS, 2013a). Em 1995, com a inauguração do sistema Gaúcha SAT, passa a transmitir conteúdo para afiliadas de todo o Brasil, mas somente em 2012 operaria como rede própria, quando passou a se identificar apenas como “Gaúcha”, sem a palavra “Rádio”. Não há registro de uma data específica sobre a criação do site na internet da Gaúcha, mas a integração com o Jornal Zero Hora ocorreu em 2017, com a criação do GaúchaZH, como convergência na web e na redação entre emissora de rádio e jornal (JUSTINO; FERRARETTO, 2019). O site, com a marca GZH, é hospedado no portal da RBS na internet como <<https://gauchazh.clicrbs.com.br>> (Figura 10).

Figura 10: Home (Página Inicial) da GaúchaZH



Fonte: GZH. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

### 5.1.1 Reportagens da Rádio CBN

Na Rádio CBN, a análise no espaço hertziano contemplou 38 reportagens, divididas entre duas séries, uma produção com versão dupla e três emissões isoladas. As séries de reportagens analisadas foram: “O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922” (três capítulos e uma versão ampliada) e “História das Copas do Mundo” (29 capítulos). A produção com versão dupla foi: “Brasil perdia Elis Regina 40 anos atrás” (uma versão compacta e uma versão ampliada). E as três reportagens isoladas foram intituladas: “Reportagem acompanha drama dos passageiros em dia de greve do BRT”; “Com o retorno das atividades, tutores de pets recorrem a aplicativos para manter cuidados”; “Turismo volta a crescer em 2022”. Os

títulos das reportagens são os mesmos que constam no site da emissora. Apenas a reportagem sobre a greve do BRT foi veiculada pela emissora a partir da praça do Rio de Janeiro, sendo que as demais foram produzidas e transmitidas para todas as afiliadas a partir da estação que funciona como principal cabeça de rede em São Paulo.

A partir das três categorias de análise para o rádio hertziano e suas subcategorias definidas neste trabalho, apresentamos a seguir uma sequência de quadros-síntese da análise de cada agrupamento de reportagens.

Quadro 3: Síntese da análise da estrutura da narrativa da série de reportagens “O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922” – rádio hertziano

Reportagem	Categoria de análise: Estrutura da narrativa				
	Subcategorias de análise				
Reportagem	Sonoras e fontes	Modo de emissão	Estrutura básica	Duração	Documentos vivos ou reconstruções
Capítulo 1	4 sonoras. 1 reconstrução de arquivo histórico e 3 fontes.	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos.	<b>Abertura:</b> narrativa. <b>Desenvolvimento:</b> de casos. <b>Fechamento:</b> projeção para o futuro.	4'35"	3 documentos vivos e 1 reconstrução.
Capítulo 2	4 sonoras. 1 reconstrução de arquivo histórico e 2 fontes.	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> de citação (sem sonora). <b>Desenvolvimento:</b> de forma cronológica. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	4'48"	3 documentos vivos e 3 reconstruções (1 sonora e 2 com efeitos).
Capítulo 3	5 sonoras. 1 sonora de arquivo e 4 fontes atuais.	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> abertura de caso. <b>Desenvolvimento:</b> de casos. <b>Fechamento:</b> de retorno, com	5'07"	5 documentos vivos.

			estrutura circular.		
Versão ampliada	18 sonoras. 2 reconstruções, 2 de arquivo, 8 fontes atuais	Diferida/gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> narrativa. <b>Desenvolvimento:</b> de casos. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	20'13"	16 documentos vivos; 4 reconstruções (2 sonoras e 2 com efeitos).

Fonte: Elaborado pelo autor

A série de reportagens “O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922”, destacada no quadro 3, foi ao ar na Rádio CBN nos dias 14, 15 e 16 de fevereiro de 2022, em três capítulos. A série foi veiculada no Jornal da CBN e reapresentada em outros horários da emissora. Os três capítulos formaram também uma versão ampliada da reportagem, veiculada no final de semana anterior à exibição dos capítulos. A narração das reportagens é do jornalista Leandro Gouvêia. Por se tratar da narração de um fato histórico, o repórter não está presente no local dos fatos e nem sua voz é destacada durante as sonoras das fontes entrevistadas. Nas cabeças realizadas durante o Jornal da CBN, o âncora Milton Jung narra um texto introdutório gerando expectativa sobre os episódios que se seguirão. A abertura da reportagem sempre conta com música característica da época (primeiras décadas do século 20) em *background* (BG). A produção adota uma estrutura clássica de reportagens diferidas, com narração do repórter/apresentador, intercalada com sonoras e, neste caso específico, com efeitos sonoros de transição e muitas músicas em BG e primeiro plano para ilustrar o período dos acontecimentos.

O capítulo 1, denominado “O que antecedeu a Semana de Arte Moderna?” foi ao ar às 6h44 do dia 14/02/2022 e reapresentado em outros horários do dia. A duração da reportagem foi de quatro minutos e 35 segundos (4'35"). O repórter inicia com um relato histórico do que ocorreu em 1917, no período que antecedeu a Semana de Arte Moderna. Das quatro sonoras utilizadas, três são de fontes ouvidas pela reportagem, caracterizadas também como documentos vivos. As fontes ouvidas foram: o professor Luiz Armando Bagolin, do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, relatando a ideia sobre a criação da Semana pelo pintor Di Cavalcanti; o diretor artístico da Fundação Teatro Municipal, Bruno Imparato, sobre o local escolhido para o evento - o próprio Teatro Municipal de São Paulo; o jornalista Marcos Augusto Gonçalves, autor do livro “1922, a semana que não terminou”, relatando sobre a escolha dos artistas para a programação. Uma das sonoras utilizadas foi uma reconstrução de um arquivo histórico, no caso, um áudio gravado pela emissora com a leitura de uma crítica do escritor

Monteiro Lobato em um jornal da época. Quanto à estrutura básica da reportagem, a abertura ocorreu em forma de narrativa, apresentando a exposição e a condição de modernista para a artista plástica Anita Malfatti. O desenvolvimento da reportagem ocorreu com uma superposição de casos, envolvendo artistas modernistas e outros personagens envolvidos na preparação da Semana. O fechamento aconteceu em forma de projeção para o futuro, já que se tratava de um capítulo com fatos introdutórios ao evento, deixando uma leve perspectiva sobre o que viria acontecer na sequência dos acontecimentos e no próximo episódio.

O capítulo 2, denominado “Maestro de chinelo, vaias e insultos na Semana de Arte Moderna” foi ao ar no horário entre 6h e 7h do dia 15/02/2022 e reapresentado em outros horários do dia. A duração da reportagem foi de quatro minutos e 48 segundos (4’48”). O repórter inicia com uma citação, em sua voz, sobre o que os jornais destacaram no dia seguinte ao dia de abertura da Semana. Das quatro sonoras utilizadas, três são de duas fontes ouvidas pela reportagem, caracterizadas também como documentos vivos. As fontes ouvidas foram: o professor Luiz Armando Bagolin, comentando detalhes sobre as apresentações durante duas sonoras; o jornalista Marcos Augusto Gonçalves, explicando sobre o fato de o maestro Heitor Villa Lobos ter se apresentado de chinelo, tema do capítulo desta série de reportagens. Houve também um áudio como reconstrução de um arquivo histórico, no caso, um trecho da leitura do texto de Graça Aranha. Houve mais dois documentos reconstruídos, com efeitos sonoros de vaias e de gargalhadas da plateia. A estrutura básica da reportagem contou com uma citação na voz do repórter durante a abertura. O desenvolvimento da reportagem ocorreu em ordem cronológica dos acontecimentos, seguindo as datas dos espetáculos da Semana. Já o fechamento ocorreu em forma de conclusão, destacando o final das apresentações do evento.

O capítulo 3, denominado “Semana de Arte Moderna é considerada marco do início do modernismo no Brasil” foi ao ar às 6h25 do dia 15/02/2022 e reapresentado em outros horários do mesmo dia. A duração da reportagem foi de cinco minutos e sete segundos (5’07”). O repórter inicia destacando uma declaração do poeta Manuel Bandeira em 1952 sobre a Semana, ocorrida 30 anos antes. Das cinco sonoras utilizadas, quatro são de fontes ouvidas pela reportagem, caracterizadas também como documentos vivos. As fontes ouvidas foram: o professor Luiz Armando Bagolin, explicando que a percepção da Semana como fundação do modernismo no Brasil só aconteceu a partir da década de 1950; o crítico literário Manuel da Costa Pinto, contando que muitas das obras apresentadas ainda não eram modernistas; o crítico musical Sidnei Molina, destacando as apresentações musicais na Semana; o diretor de Teatro Zé Celso Martinez Correa, contando que só conheceu a obra de Oswald de Andrade, modernista, na década de 1960. O quinto documento vivo foi um arquivo de áudio recuperado

de uma entrevista de 1972 sobre a Semana, na TV Tupi pela pintora Tarsila do Amaral. A estrutura básica da reportagem contou com uma abertura de caso, lembrando a declaração do poeta Manuel Bandeira em 1952 sobre a Semana, em uma transição de maneira indutiva, do particular para o geral, dando a tônica dos relatos deste capítulo. O desenvolvimento da reportagem ocorreu com uma superposição de casos, de relatos posteriores sobre o legado da Semana. No fechamento da reportagem houve uma estrutura circular, destacando que a Semana ainda é lembrada 100 anos depois, retornando ao início, quando Manuel Bandeira dizia que só haveria motivos para comemorar o evento se ele fosse lembrado em 2022.

A versão ampliada, veiculada no dia 11/02/2022 e publicada como *podcast* no “CBN Mais”<sup>38</sup> na página da emissora na internet, foi intitulada com o nome da série (O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922) e teve a duração de 20 minutos e 13 segundos (20’13”). Na verdade, trata-se da união dos três episódios com materiais extras, que foram cortados ou compactados nos três capítulos. No total, houve 18 sonoras, com oito fontes atuais entrevistadas pela reportagem. Houve as mesmas duas reconstruções de documentos veiculadas durante os capítulos e dois áudios de arquivo, sendo um deles inédito. No geral, 16 documentos são considerados vivos e quatro como reconstruções, entre duas sonoras e dois efeitos sonoros. A abertura ocorreu em forma de narrativa, de maneira idêntica ao capítulo 1. O desenvolvimento da reportagem aconteceu com relatos de casos alternados e o fechamento como conclusão. Uma curiosidade na versão ampliada é que seu fechamento foi o mesmo do capítulo 3, mas não pode ser considerado um retorno ao início, já que a abertura utilizada foi a mesma do capítulo 1, quebrando a estrutura circular destacada no terceiro episódio.

Quadro 4: Síntese da análise da tipologia da série de reportagens “O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922” – rádio hertziano

	Categoria de análise: Tipologia		
	Subcategorias de análise		
Reportagem	Fatos, ação, documental	Tipo	Gênero
Capítulos 1, 2, 3	Documental	Reportagem Especial	Predominantemente interpretativo
Versão ampliada	Documental	Reportagem Especial/Grande Reportagem	Predominantemente interpretativo

Fonte: Elaborado pelo autor

<sup>38</sup> Espaço no site da emissora com *podcasts* reunindo reportagens em profundidade. Disponível em: <https://audioglobo.globo.com/cbn/podcast/feed/867/cbn-mais>. Acesso em 10 dez. 2022.

Conforme destacado no quadro 4, nos três capítulos e na versão ampliada da série, as reportagens são caracterizadas como documentais, ou *quote-stories*, pois utilizam pesquisa documental sobre acontecimentos históricos e entrevistas com especialistas que buscam trazer luz aos fatos distantes. Diante da impossibilidade de o repórter utilizar a técnica de observação direta ao acontecimento ou ouvir testemunhas da época, houve o cruzamento de documentos com depoimentos de historiadores, professores, jornalistas, artistas e outros que auxiliaram na interpretação e na reconstituição dos fatos. Essa conjunção na narrativa da história também torna as reportagens mais interpretativas do que informativas, já que o objetivo exposto é trazer uma explicação junto aos acontecimentos até então disponíveis para o conhecimento público. Por essas características, somadas às questões de aprofundamento, humanização e temporalidade, analisadas no quadro seguinte, os três capítulos da série podem ser considerados como reportagens especiais, pois vão além da factualidade e sua produção é totalmente planejada. A versão ampliada pode ser compreendida como uma grande reportagem devido à inclusão dos mesmos elementos analisados nos capítulos, mas com o diferencial da duração de tempo, muito mais ampla. Porém, registra-se o caráter ambíguo (ou complementar) como reportagem especial, por ser o mesmo material que originou a divisão da série em episódios.

Quadro 5: Síntese da análise sobre o acontecimento jornalístico da série de reportagens “O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922” – rádio hertziano

	Categoria de análise: Acontecimento jornalístico			
	Subcategorias de análise			
Reportagem	Aprofundamento	Humanização	Temporalidade	Previsibilidade
Capítulos 1, 2, 3 e Versão ampliada	Contextualiza o acontecimento histórico. O aprofundamento ocorre em detalhes específicos dos acontecimentos, com algumas reconstruções de personagens da época e depoimentos de especialistas.	Não há detalhes sobre personagens ou fontes inseridas na reportagem que humanizem a história.	Reportagem relata um acontecimento histórico, com recortes temporais limitados a períodos específicos a cada capítulo ou versão.	Previsível, por se tratar de fatos históricos, de acontecimentos já conhecidos.

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme destacado no quadro 5, o conjunto de três capítulos contextualiza o acontecimento, ao relacionar casos específicos com o fato histórico como um todo. O mesmo processo ocorre com a versão ampliada. Os detalhes que aconteceram antes, durante e após o evento ganham profundidade com as explicações das fontes especializadas e a narração acerca dos registros da Semana. Apesar do detalhamento dos casos ocorridos e de detalhes singulares ligados aos artistas no evento, não há aspectos que humanizem a história ou seus personagens. Isso é motivado pelo fato de que o foco da reportagem não é direcionado aos perfis dos envolvidos no acontecimento, mas em suas ações produzidas. A temporalidade é ampla dentro da história, pois não se resume somente à semana em que ocorreu o evento em 1922, mas no período que o antecedeu, explorando causas e, em um recorte de três a quatro décadas posteriores, destacando as consequências dos fatos. A previsibilidade do acontecimento ocorre por ser um fato histórico já de conhecimento público, porém a investigação jornalística buscou apurar e agregar detalhes menos conhecidos pela população. Por serem mais previsíveis e com fatos já acabados, as reportagens especiais e grandes reportagens são mais sujeitas a entrarem nas pautas, especialmente em datas comemorativas, como neste caso, em alusão aos 100 anos da Semana de Arte Moderna.

Quadro 6: Síntese da análise da estrutura da narrativa da série de reportagens “História das copas do mundo” – rádio hertziano

	Categoria de análise: Estrutura da narrativa				
	Subcategorias de análise				
Reportagem	Sonoras e fontes	Modo de emissão	Estrutura básica	Duração	Documentos vivos ou reconstruções
Capítulo 1	4 sonoras, 3 fontes.	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos.	<b>Abertura:</b> de citação. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> de retorno.	2'23"	4 documentos vivos
Capítulo 2	4 sonoras, 4 fontes (1 sonora de arquivo e 3 atuais)	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> narrativa. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> de incógnita.	2'39"	4 documentos vivos

Capítulo 3	3 sonoras, 2 fontes (1 sonora de arquivo e 2 atuais)	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> simbólica. <b>Desenvolvimento:</b> de forma cronológica. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	2'51''	3 documentos vivos
Capítulo 4	4 sonoras, 4 fontes (1 sonora de arquivo e 3 atuais)	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> simbólica. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> projeção para o futuro.	2'41''	4 documentos vivos
Capítulo 5	5 sonoras, 3 fontes	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> de citação. <b>Desenvolvimento:</b> de forma cronológica. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	2'34''	5 documentos vivos
Capítulo 6	4 sonoras, 3 fontes.	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> resumo de conteúdo. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> projeção para o futuro.	2'29''	4 documentos vivos
Capítulo 7	4 sonoras, 3 fontes.	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> abertura de caso <b>Desenvolvimento:</b> de forma cronológica. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	2'57''	4 documentos vivos
Capítulo 8	4 sonoras, 3 fontes	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> resumo de conteúdo. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> de incógnita.	2'50''	4 documentos vivos
Capítulo 9	10 sonoras, 5 fontes. (5 sonoras de	Diferida/ gravada, sem repórter no local	<b>Abertura:</b> descritiva e abertura de caso. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos.	3'15''	10 documentos vivos

	arquivo e 5 atuais)	dos acontecimentos	<b>Fechamento:</b> de conclusão.		
Capítulo 10	5 sonoras, 3 fontes (1 sonora de arquivo e 4 atuais)	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> de citação. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> de incógnita.	2'39"	5 documentos vivos
Capítulo 11	5 sonoras, 3 fontes.	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> resumo de conteúdo. <b>Desenvolvimento:</b> de forma cronológica. <b>Fechamento:</b> de moral da história.	2'34"	5 documentos vivos
Capítulo 12	5 sonoras, com 2 fontes (2 sonoras de arquivo e 3 atuais).	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> de citação. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	2'57"	5 documentos vivos
Capítulo 13	6 sonoras, 4 fontes (2 sonoras de arquivo e 4 atuais).	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> narrativa. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> anticlimático.	2'55"	6 documentos vivos
Capítulo 14	4 sonoras, 3 fontes.	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> narrativa. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> de retorno.	3'05"	4 documentos vivos.
Capítulo 15	8 sonoras, 4 fontes (1 sonora de arquivo e 7 atuais).	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> narrativa. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	3'10"	8 documentos vivos.
Capítulo 16	4 sonoras, 3 fontes.	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> narrativa. <b>Desenvolvimento:</b> de forma cronológica. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	3'38"	4 documentos vivos.

Capítulo 17	4 sonoras, 2 fontes.	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> narrativa. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	3'12"	4 documentos vivos.
Capítulo 18	5 sonoras, 5 fontes (2 sonoras de arquivo e 1 reconstrução/tradução).	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> de citação. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	3'07"	4 documentos vivos e 1 reconstrução
Capítulo 19	6 sonoras, 4 fontes (2 sonoras de arquivo)	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> de citação. <b>Desenvolvimento:</b> de forma cronológica. <b>Fechamento:</b> projeção para o futuro.	3'07"	6 documentos vivos.
Capítulo 20	4 sonoras, 3 fontes (1 sonora de arquivo)	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> narrativa. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> projeção para o futuro.	3'13"	4 documentos vivos.
Capítulo 21	5 sonoras, 3 fontes (2 sonoras de arquivo).	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> narrativa. <b>Desenvolvimento:</b> cronológica. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	2'49"	5 documentos vivos.
Capítulo 22	3 sonoras, 3 fontes (1 sonora de arquivo).	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> narrativa. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	2'33"	3 documentos vivos.
Capítulo 23	3 sonoras, 3 fontes.	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> resumo do conteúdo. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	2'24"	3 documentos vivos.

Capítulo 24	3 sonoras, 2 fontes.	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> de citação. <b>Desenvolvimento:</b> cronológica. <b>Fechamento:</b> anti-climático.	2'41''	3 documentos vivos.
Capítulo 25	3 sonoras, 3 fontes.	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> de caso. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	3'24''	3 documentos vivos.
Capítulo 26	3 sonoras, 3 fontes.	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> narrativa. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> moral da história.	3'10''	3 documentos vivos.
Capítulo 27	3 sonoras, 3 fontes.	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> de caso. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> de retorno.	3'04''	3 documentos vivos.
Capítulo 28	4 sonoras, 4 fontes (1 sonora de arquivo)	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> narrativa. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	3'20''	4 documentos vivos
Capítulo 29	6 sonoras, 4 fontes (4 sonoras de arquivo)	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> de citação. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	3'16''	6 documentos vivos

Fonte: Elaborado pelo autor

A série de reportagens “Histórias da Copa do Mundo”, em destaque no quadro 6, foi ao ar na Rádio CBN a partir do dia 2 de maio de 2022, com edições diárias de segunda a sexta-feira, estendendo-se por vários meses em diversos capítulos. Como a série ainda estava em andamento durante a análise nesta tese, registramos apenas as 29 primeiras edições (de um total de 75), compreendendo o período de 02/05/2022 a 09/06/2022, período em que abordou a história desde a primeira Copa do Mundo de futebol masculino em 1930 até a Copa de 1970. A série foi veiculada no Jornal da CBN às 6h30 e rerepresentada no programa Ponto Final CBN,

às 18h30. Os capítulos da série também foram publicados no site da emissora e a narração das reportagens foi alternada entre os jornalistas Roberto Lioi (capítulos 1 a 11), Vinícius Moura (12 a 16; 25 a 29), Leonardo Dahi (17 a 20) e Guilherme Pradella (21 a 24). Por se tratar da narração de um fato histórico, o repórter não está presente no local dos fatos e nem sua voz é destacada durante as sonoras das fontes entrevistadas. O modo de emissão é o diferido/gravado. A produção adota uma estrutura básica semelhante à série sobre a Semana da Arte Moderna, descrita anteriormente, com narração do repórter/apresentador, intercalada com sonoras e, alguns efeitos sonoros e muitas músicas e hinos, que auxiliaram na ilustração dos períodos históricos relatados.

O capítulo 1, denominado “A primeira Copa, em 1930” foi ao ar no dia 02/05/2022. A duração é de dois minutos e 23 segundos (2’23”). Das quatro sonoras utilizadas, três são de fontes ouvidas pela reportagem, caracterizadas também como documentos vivos: um historiador e dois jornalistas. Quanto à estrutura básica, a abertura ocorreu em forma citação, com uma sonora curta do historiador contextualizando o ambiente de 1930. A reportagem foi desenvolvida por blocos, dividindo a história a respeito da criação do Mundial, da escolha do país sede e das seleções participantes. O fechamento foi de retorno ao início, em estrutura circular, ao mencionar o ambiente político e econômico da época.

O capítulo 2, intitulado “A construção do Centenário para a Copa no Uruguai” foi ao ar em 03/05/2022. A duração é de dois minutos e 39 segundos (2’39”). Foram utilizadas quatro sonoras, com quatro fontes diferentes, mas uma delas era uma recuperação de um áudio de arquivo, do arquiteto Ruiz Casso, que projetou o estádio Centenário, da final da copa. A gravação original era em espanhol, mas com tradução em português pelo narrador. As demais sonoras, atuais, são de dois jornalistas e um historiador. As quatro sonoras são consideradas como documentos vivos, mesmo havendo dublagem. A abertura da reportagem é em forma de narrativa, abordando as condições do Uruguai para sediar o evento. O desenvolvimento ocorre por blocos, tratando dos diferentes desafios para realizar o Mundial. E o fechamento é considerado de incógnita, deixando no ar o suspense para o próximo episódio sobre quem seria o campeão daquela Copa, embora essa fosse uma informação aberta ao público e conhecida na história.

O capítulo 3, denominado “Copa 1930: Brasil eliminado na primeira fase e Uruguai campeão”, dá sequência ao anterior, indo ao ar no dia 04/05/2022, com duração de dois minutos e 51 segundos (2’51”). Foram utilizadas duas fontes em três sonoras, sendo uma delas um áudio de arquivo recuperado, com um depoimento em espanhol e tradução em português de um jornalista uruguaio. A outra fonte utilizada foi de um jornalista brasileiro. Na estrutura básica,

a abertura é considerada simbólica, ilustrada pela música da cantora Carmen Miranda, simbolizando o Brasil dentro da narrativa. O desenvolvimento ocorre em ordem cronológica, narrando a sequência dos jogos até a consagração da equipe campeã. Já o fechamento ocorre em forma de conclusão, com o desfecho da competição.

O capítulo 4, chamado de “Sob o comando de Mussolini, a Itália sediaria a segunda Copa do Mundo, em 1934”, foi ao ar em 05/05/2022 com duração de dois minutos e 41 segundos (2’41”). Das quatro sonoras utilizadas, com quatro fontes diferentes, três são atuais e uma de arquivo, que se trata de uma recuperação do áudio de um discurso do ditador italiano Benito Mussolini. As quatro sonoras são consideradas documentos vivos. Dois historiadores e um jornalista foram as fontes atuais. O trecho de áudio de Mussolini transformou a abertura da reportagem em simbólica, pois simbolizava aquele período histórico da Itália, sede da copa, não se tratando de mera citação. O desenvolvimento ocorre por blocos, com um subtema a cada um deles. O fechamento funcionou como projeção para o futuro, anunciando os desdobramentos da história, assunto do próximo capítulo.

O capítulo 5, intitulado de “Itália mostra a força de Mussolini e é campeã da Copa de 1934” foi veiculado no dia 06/05/2022 e teve duração de dois minutos e 34 segundos (2’34”). Houve cinco sonoras, todas como documentos vivos, abordando três fontes diferentes, dois jornalistas e um historiador. A abertura usou uma citação de um jornalista e o desenvolvimento ocorreu de forma cronológica, tratando mais do futebol e da sequência de partidas disputadas. O fechamento foi narrado em forma de conclusão, destacando a Itália como seleção campeã do mundo.

O capítulo 6, denominado “A Copa de 1938, às vésperas da Segunda Guerra Mundial”, foi veiculado em 09/05/2022, com duração de dois minutos e 29 segundos (2’29”). Foram quatro sonoras, com três fontes, todos considerados documentos vivos. Um historiador, um escritor e um jornalista foram entrevistados. A abertura funcionou como um resumo do conteúdo que viria a seguir. Já o desenvolvimento foi dividido por blocos, cada um deles abordando um subtema: a copa em meio ao temor da guerra e o futebol italiano. O fechamento projetando o futuro, anunciando o que viria após os acontecimentos, que seria contado no próximo capítulo.

O capítulo 7, intitulado “França, 1938: Itália bicampeã e a primeira terceira colocação do Brasil em Copas”, foi ao ar no dia 10/05/2022, com duração de dois minutos e 57 segundos (2’57”). A reportagem contou com quatro sonoras, todas como documentos vivos e três fontes, que foram três jornalistas. O capítulo inicia com uma abertura de caso, contando que pela primeira vez um narrador brasileiro viajou com a delegação nacional de futebol para narrar os

jogos via rádio. A transição aconteceu do particular para o universal, tomando o exemplo de que a expectativa do Brasil era alta no Mundial, ao seguir com o desenvolvimento em forma cronológica, abordando a seleção brasileira até chegar no fechamento, em forma de conclusão, citando o encerramento da copa, com a Itália campeã.

O capítulo 8, denominado “Em 1950, o Brasil é sede da primeira Copa pós-Segunda Guerra Mundial”, foi ao ar em 11/05/2022, com duração de dois minutos e 50 segundos (2’50”). Com quatro sonoras e três fontes, um historiador e dois jornalistas, todos os depoimentos são considerados como documentos vivos. A abertura faz um resumo do conteúdo, sobre o contexto em que o Mundial aconteceria. O desenvolvimento ocorre por blocos, tratando do Brasil como sede e das dificuldades de seleções europeias viajarem para o Mundial. O fechamento é de incógnita, ao deixar no ar um pouco de suspense sobre os desdobramentos daquela competição.

O capítulo 9 foi intitulado como “O Maracanazo, em 1950”, indo ao ar em 12/05/2022, durando três minutos e 15 segundos (3’15”). Cinco fontes diferentes foram utilizadas, se desdobrando em 10 sonoras, sendo cinco delas de arquivo, principalmente com áudios recuperados de narração de futebol e do depoimento do goleiro Barbosa. As atuais são da filha do goleiro e de dois jornalistas. A abertura é descritiva e de caso, pois conta o caso do goleiro brasileiro que foi visto como vilão naquele mundial, mas com descrição de detalhes a respeito. O desenvolvimento é feito por blocos, passando pelo drama pessoal do goleiro, pela situação da seleção brasileira e do jogo da final contra o Uruguai. O fechamento é de conclusão, terminando citando o famoso “Maracanazo” e a derrota do Brasil na final do Mundial.

O capítulo 10, denominado “Copa da Suíça, 1954: o Brasil pós-Maracanazo e o mundo em meio à Guerra Fria”, foi ao ar em 13/05/2022, com duração de dois minutos e 39 segundos (2’39”). Foram utilizadas cinco sonoras, sendo todas como documentos vivos, de três fontes diferentes. Uma das sonoras foi o arquivo de áudio de uma narração do jogo em alemão. As outras fontes foram um jornalista e dois historiadores. A abertura acontece com uma citação de um jornalista e o desenvolvimento ocorre por blocos abordando aspectos diferentes sobre aquela copa. O fechamento é de incógnita, mantendo suspense sobre a então campeã daquele torneio.

O capítulo 11 é chamado de “Em 1954, a redenção da Alemanha nazista”, indo ao ar em 16/05/2022, com duração de dois minutos e 34 segundos (2’34”). Foram usadas cinco sonoras de três fontes diferentes, como documentos vivos, sendo um professor em Estudos Germanísticos e dois historiadores. A estrutura básica é dividida em uma abertura como um resumo do que ocorreu naquela copa; o desenvolvimento em forma cronológica, com a evolução dos acontecimentos naquele mundial e o fechamento de moral da história, utilizando

uma sonora abordando o que significava a conquista da Alemanha naquele ano em um contexto mais amplo, além do futebol.

O capítulo 12, denominado “Suécia, 1958: pelas ondas do rádio, o primeiro título da Seleção”, foi veiculado em 17/05/2022, com duração de dois minutos e 57 segundos (2’57”). Cinco sonoras, sendo duas de arquivo, foram utilizadas a partir de duas fontes consultadas. Todos considerados documentos vivos. Como a temática abordou a questão da transmissão em rádio naquele mundial, foram entrevistados o diretor do Museu da TV, rádio e cinema e uma pesquisadora em rádio. Os áudios de arquivo advinham de narradores de futebol da época. A abertura de citação utiliza um trecho antigo de um narrador na copa, já o desenvolvimento em blocos trata das condições de transmissão dos jogos naquela competição e o fechamento conclui com uma abordagem mais ampla sobre o tema.

O capítulo 13 foi intitulado “Os Heróis Negros da Copa de 1958”, veiculado em 18/05/2022, com duração de dois minutos e 55 segundos (2’55”). Seis sonoras de quatro fontes diferentes foram utilizadas, sendo duas delas de arquivos e quatro entrevistados atuais, mas todos os documentos considerados vivos. As sonoras atuais são de dois escritores e uma pesquisadora de mídia. Já os arquivos são de narração de jogos da época. A abertura é narrativa, contando sobre o período de preparação para a competição e o desenvolvimento abordando a participação dos jogadores negros naquela copa. O fechamento é anticlimático, pois após citar o momento difícil de uma partida, destaca o primeiro gol da seleção brasileira.

O capítulo 14, chamado de “Na Copa da Suécia, surgia o maior jogador da história do futebol mundial”, foi ao ar em 19/05/2022, com duração de três minutos e cinco segundos (3’05”). Foram utilizadas quatro sonoras, todas documentos vivos, através de três fontes, dois escritores e um jornalista. A abertura narra a conversa de Pelé com o pai e o desenvolvimento ocorre por blocos sobre momentos diferentes do jogador de futebol. O fechamento de retorno ao início liga a questão da perspectiva de Pelé, no início da reportagem, com a expectativa do jogador em que ele se transformaria, no final da emissão.

O capítulo 15, denominado “O fantástico verão para os suecos na Copa de 1958” foi ao ar na emissora em 20/05/2022, com duração de três minutos e 10 segundos (3’10”). Das oito sonoras utilizadas, sete são atuais e uma de arquivo, com quatro fontes consultadas. São oito documentos vivos. As fontes consultadas são um jornalista sueco, uma jornalista francesa, um escritor brasileiro e o arquivo de uma narração de jogo daquela copa. A abertura é narrativa, sobre o país sede. O desenvolvimento ocorre por blocos divididos entre o assunto Suécia como país, como seleção e sobre outras seleções. O fechamento acontece como conclusão, sobre o jogo da semifinal.

O capítulo 16, “Em 1958, o Brasil conquista sua primeira Copa do Mundo, na Suécia”, teve duração de três minutos e 38 segundos (3’38”) no dia 23/05/2022. Foram usadas quatro sonoras como documentos vivos, com três fontes diferentes, sendo dois jornalistas e um escritor. A abertura é uma narrativa sobre o clima a respeito de futebol que existia naquele ano. O desenvolvimento ocorre de forma cronológica, narrando o avanço da seleção brasileira naquele mundial. Já o fechamento é de conclusão, divulgando o resultado daquela copa, o Brasil campeão.

O capítulo 17, intitulado “Pelas forças de um brasileiro, Chile se recupera de terremoto e sedia a Copa de 1962”, foi ao ar em 24/05/2022, com duração de três minutos e 12 segundos (3’12”). As quatro sonoras usadas são documentos vivos, através da consulta a dois escritores como fontes. A abertura é narrativa e conta sobre o terremoto que atingiu o Chile, sede da copa, dois anos antes do mundial. O desenvolvimento ocorre por blocos divididos entre a situação do país, a estrutura para a competição, as cidades sede e a seleção chilena. O fechamento é de conclusão, citando a morte do chefe do comitê organizador da copa para resumir o então improvável sucesso do mundial.

O capítulo 18, “Copa do Chile, 1962: A Batalha de Santiago” foi veiculado no dia 25/05/2022 e teve duração de três minutos e sete segundos (3’07”). As cinco sonoras utilizadas são de cinco fontes diferentes, mas duas de arquivos de áudio. São quatro documentos vivos e uma reconstrução, que é a tradução em português de um arquivo da narração de um jogo em inglês. Consideramos reconstrução essa tradução em específico por se tratar de um áudio antigo, reinterpretado pela produção. O outro arquivo de áudio é de uma narração brasileira da época. As fontes atuais são de dois escritores e um historiador. Na abertura há a citação em áudio da narração em inglês. Já o desenvolvimento é organizado por blocos com aspectos e etapas distintas daquela copa. O fechamento conclui com o desfecho de um pequeno conflito narrado sobre uma partida entre Brasil e Espanha.

O capítulo 19, intitulado “Sem Pelé, machucado, Garrincha é o nome do Brasil na Copa do Chile”, foi ao ar no dia 26/05/2022 e durou três minutos e sete segundos (3’07”). Foram usados seis documentos vivos, com as seis sonoras divididas entre quatro atuais e duas de arquivo. Das quatro fontes consultadas, dois são jornalistas e uma pesquisadora em mídia. As sonoras de arquivo recuperam uma narração de futebol. A abertura usa uma citação com a voz de um narrador brasileiro. Já o desenvolvimento ocorre de forma cronológica, contando as etapas dos jogos da seleção brasileira, desde o afastamento de Pelé e o protagonismo de Garrincha naquele mundial. O fechamento é de projeção para o futuro, ao anunciar sobre a final da copa que estava por vir.

O capítulo 20, denominado “Em 1962, a primeira grande geração do futebol brasileiro era bicampeã mundial”, foi ao ar em 27/05/2022, com duração de três minutos e 13 segundos (3’13”). Das quatro sonoras, uma era o arquivo de uma narração da final da copa. Das três fontes, duas eram atuais: uma pesquisadora em mídia e um escritor. Todos são considerados documentos vivos. A abertura é narrativa, contando a história da final daquela copa. O desenvolvimento ocorre por blocos, abordando o jogo e a geração de jogadores. O fechamento projeta o futuro, anunciando o que estaria por vir fora dos gramados nos anos futuros ao Brasil após a conquista daquele mundial.

O capítulo 21, intitulado “Pelo talento de Eusébio, Portugal vai a sua primeira Copa em 1966”, entrou no ar em 30/05/2022 e durou dois minutos e 49 segundos (2’49”). As cinco sonoras são provenientes de três fontes diferentes, mas somente a de um escritor é atual. As outras duas sonoras são de arquivo: uma com o ex-jogador Euzébio, da seleção portuguesa e outra como áudio recuperado de uma narração de futebol. Todos são considerados documentos vivos. A abertura é narrativa, contando sobre a participação da seleção portuguesa naquela competição. O desenvolvimento é cronológico, pois avança nas etapas da participação portuguesa no mundial e o final é de conclusão, com um trecho de uma narração brasileira no jogo de Portugal na semifinal.

O capítulo 22, chamado de “A Copa de 1966 marcaria o fim da parceria Pelé e Garrincha”, foi ao ar no dia 31/05/2022 e durou dois minutos e 33 segundos (2’33”). As três sonoras utilizadas foram de três fontes, sendo uma delas vinda de um arquivo de áudio recuperado de uma narração de futebol e outra delas de um arquivo de entrevista. A outra fonte, atual, é um jogador brasileiro da época. Todos são considerados documentos vivos. A abertura é narrativa, contando em detalhes sobre a última exibição da dupla Pelé e Garrincha. O desenvolvimento ocorre por blocos diferentes abordando a atuação da dupla. O fechamento é de conclusão, resumindo em números os resultados da atuação dos dois jogadores.

O capítulo 23, intitulado “Chefiada por João Havelange, Seleção cai na fase de grupos da Copa de 1966”, foi ao ar em 01/06/2022, com duração de dois minutos e 24 segundos (2’24”). Os três documentos vivos são três sonoras, com três fontes diferentes: um jornalista e dois jogadores daquele mundial. A abertura é como um resumo do conteúdo, falando do favoritismo da seleção brasileira ao iniciar a copa. O desenvolvimento ocorre por blocos, com diferentes abordagens sobre a participação da seleção brasileira naquela competição. O fechamento é de conclusão do assunto, comparando o resultado brasileiro com uma copa anterior.

O capítulo 24, denominado “A polêmica Copa de 1966, que ainda segue muito viva no coração dos ingleses”, foi veiculado em 02/06/2022, com duração de dois minutos e 41 segundos (2’41”). Houve apenas três sonoras de dois jornalistas como fontes, todos documentos vivos. A estrutura básica contou com uma abertura baseada em uma citação com voz de um jornalista brasileiro. O desenvolvimento ocorre de forma cronológica, com a participação da seleção inglesa ao longo da competição. O fechamento é anticlimático, registrando a vitória da Inglaterra após polêmicas sobre a arbitragem do jogo.

O capítulo 25, intitulado “A demissão conturbada de João Saldanha às vésperas da Copa de 1970”, foi ao ar em 03/06/2022, com duração de três minutos e 24 segundos (3’24”). Houve três sonoras de três fontes atuais: um jogador que atuou na época e dois jornalistas, todos como documentos vivos. A abertura é de caso, pois aborda a memória do ex-jogador a respeito do episódio da demissão do técnico da seleção brasileira. O desenvolvimento por blocos com abordagens diferentes sobre o caso do técnico, sobre futebol e política. O fechamento é de conclusão ao narrar o desfecho do caso da demissão, com um depoimento reforçando a situação.

O capítulo 26, intitulado “Em 1970, a conquista do tri era usada como símbolo de vitória nacional pela ditadura”, foi ao ar em 06/06/2022, com duração de três minutos e 10 segundos (3’10”). Três sonoras de três fontes diferentes fizeram parte da reportagem, como três documentos vivos: um sociólogo, um jornalista e um escritor. A abordagem deste capítulo foi mais voltada para a relação futebol e política, tanto que na abertura narrativa é inserida a música alusiva ao regime militar “Pra frente, Brasil” e o narrador se refere ao contexto social da época. O desenvolvimento ocorre por blocos divididos pelo cenário político da época e a relação entre a seleção e o momento político do país. O fechamento funciona como uma moral da história de que a vitória do país não alteraria o rumo traçado para o Brasil.

O capítulo 27, denominado “A reafirmação de Pelé como craque mundial na Copa do México (1970)”, foi veiculado em 07/06/2022, com duração de três minutos e quatro segundos (3’04”). As três sonoras, como documentos vivos, vieram de três fontes diferentes: dois escritores e um jornalista. A abertura é de caso, contando um episódio específico sobre Pelé, mas também com uma citação de uma frase do jogador. O desenvolvimento ocorre por blocos, abordando a atuação de Pelé naquela copa. O fechamento é de retorno ao início, relacionando o triunfo do jogador e da seleção em 1970 com a melancolia narrada na abertura sobre a Copa de 1966.

O capítulo 28, intitulado “Em 1970, a primeira Copa moderna”, foi ao ar em 08/06/2022 e durou três minutos e 20 segundos (3’20”). Houve quatro sonoras com quatro fontes, sendo três atuais e uma de arquivo. As atuais foram de dois jornalistas e um ex-árbitro.

O áudio de arquivo se tratava da narração de uma das partidas. Todos os documentos são considerados vivos. A abertura é narrativa, falando sobre a inovação no uso de cartões amarelos e vermelhos naquela copa. O desenvolvimento ocorre por blocos, divididos entre a tecnologia daquele mundial, a disputa da taça e a participação da seleção mexicana. O fechamento é de conclusão, falando sobre a torcida local apoiando a seleção brasileira.

O capítulo 29, “Em 1970, a Copa do Mundo era dominada pela técnica em verde e amarelo”, foi ao ar em 09/06/2022, com duração de três minutos e 16 segundos (3’16”). Houve seis sonoras, com quatro fontes. Quatro sonoras são de arquivo, baseadas nas narrações radiofônicas e comentários da época. As outras duas fontes são dois jornalistas e todos os documentos são considerados vivos. A abertura é de citação, com trecho da narração de um jogo. O desenvolvimento ocorre por blocos, abordando aspectos diferentes sobre a participação da seleção brasileira, não necessariamente presos à ordem cronológica. O fechamento é de conclusão, falando da vitória e conquista do título pelo Brasil.

Quadro 7: Síntese da análise da tipologia da série de reportagens “História das copas do mundo” – rádio hertziano

	Categoria de análise: Tipologia		
	Subcategorias de análise		
Reportagem	Fatos, ação, documental	Tipo	Gênero
Capítulos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29.	Documental	Reportagem Especial	Predominantemente interpretativo

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme destacado no quadro 7, todos os 29 capítulos são caracterizados como reportagens documentais (*quote-stories*), pois utilizam pesquisa documental sobre acontecimentos históricos e contemporâneos, além de entrevistas que buscam acionar memórias episódicas sobre determinados fatos ou explicar o fenômeno como um todo. Novamente, pelo fato de o repórter não poder utilizar a técnica de observação direta ao acontecimento ou ouvir testemunhas da época, há o cruzamento da narração baseada em documentos com depoimentos de historiadores, professores, jornalistas, escritores e jogadores que auxiliaram na interpretação e na reconstituição dos fatos. As reportagens são mais interpretativas do que informativas, pois

cada fato narrado é seguido de explicação por parte das fontes ouvidas que, em alguns casos, também emitem opiniões a respeito dos acontecimentos. Os 29 capítulos da série são considerados reportagens especiais, com produção totalmente planejada e a utilização de pesquisa histórica, que lhes garante uma ampliação qualitativa dos fatos. Além disso, em boa parte dos capítulos analisados, há a presença de elementos, como música e efeitos sonoros que, junto com a narração do texto, auxiliam na reconstrução dos acontecimentos. Cabe observar que a duração de tempo de cada capítulo isolado não permitiria reunir a maior parte das características vistas em reportagens especiais, especialmente por não haver uma amplitude quantitativa, além da qualitativa já verificada. Mas como as reportagens pertencem a uma série com dezenas de capítulos, seu conjunto é beneficiado por tais características.

Quadro 8: Síntese da análise sobre o acontecimento jornalístico da série de reportagens “História das copas do mundo” – rádio hertziano

	<b>Categoria de análise: Acontecimento jornalístico</b>			
	<b>Subcategorias de análise</b>			
<b>Reportagem</b>	<b>Aprofundamento</b>	<b>Humanização</b>	<b>Temporalidade</b>	<b>Previsibilidade</b>
Capítulos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29.	Aprofundamento é breve em cada emissão isolada devido à duração curta da reportagem, mas contextualiza cada edição das Copas.	Praticamente não há elementos de humanização.	Relata um acontecimento histórico, com recorte temporal, limitado ao período de realização de uma edição da Copa.	Previsível por se tratar de fatos históricos, de acontecimentos já conhecidos.

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme destacado no quadro 8, o aprofundamento sobre o tema é breve em cada uma das edições, se analisadas de forma isolada, pois a duração das emissões é curta e acaba apresentando um resumo do que ocorreu na competição ou recorta algum detalhe específico dos fatos. Porém, o nível de aprofundamento é ampliado se considerarmos o conjunto dos capítulos, o que garantiria certa desfragmentação de elementos episódicos. Há, no entanto, a contextualização dos fatos em cada edição de Copa do mundo. Além disso, apesar de nem sempre um capítulo dialogar diretamente com o outro, o contexto geral da história das copas é garantido por serem recuperados fatos que se interligam, como por exemplo, os desafios e o

contexto político e social de países sede e também as performances de seleções vitoriosas, anfitriãs ou caracterizadas como sensações de cada competição. Diferentemente da série analisada anteriormente (Centenário da Semana de Arte Moderna), onde poderíamos enxergar um acontecimento macro com lastro histórico, a sequência de edições de copas do mundo ao longo de várias décadas não pode ser observada como um único acontecimento jornalístico, devido a uma série de conjuntos de fatores isolados que distinguem um evento ao outro e à dinâmica da temporalidade demasiadamente elástica. Tanto que a temporalidade nas reportagens pode ser observada dentro de cada edição da copa que, por vezes, abrangeu mais de um capítulo da série. Assim, o acontecimento histórico se isola dentro de cada competição, apesar de suas consequências aos torneios posteriores também ocorrerem de forma indireta.

Praticamente não há aspectos que humanizem personagens ou histórias particulares, mesmo nos casos de alguns relatos pessoais terem sido verificados. Como a duração de tempo é curta e o aprofundamento de cada caso é limitado, a humanização também acaba perdendo espaço para a dinâmica de uma narrativa calcada em contar e explicar os fatos que orbitaram em cada competição. A previsibilidade do acontecimento ocorre por ser um fato histórico e de conhecimento público, como resultados dos jogos, campeões dos torneios e até mesmo peculiaridades sobre determinados atletas. Entretanto, o trabalho jornalístico buscou explorar detalhes até então menos explorados sobre o contexto político e social de cada copa, como também sobre algumas consequências geradas pelos eventos.

Quadro 9: Síntese da análise da estrutura da narrativa da reportagem “Brasil perdia Elis Regina 40 anos atrás” – rádio hertziano

	Categoria de análise: Estrutura da narrativa				
	Subcategorias de análise				
Reportagem	Sonoras e fontes	Modo de emissão	Estrutura básica	Duração	Documentos vivos ou reconstruções
Versão compacta	8 sonoras, 4 fontes (6 sonoras de arquivo).	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos.	<b>Abertura:</b> de citação. <b>Desenvolvimento:</b> de forma cronológica. <b>Fechamento:</b> de caso.	4’29”	9 documentos vivos.
Versão ampliada em podcast	14 sonoras, 7 fontes (10 sonoras de arquivo).	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos.	<b>Abertura:</b> de citação. <b>Desenvolvimento:</b> de forma cronológica. <b>Fechamento:</b> de caso.	15’03”	14 documentos vivos.

Fonte: Elaborado pelo autor

A reportagem “Brasil perdia Elis Regina 40 anos atrás” ou “40 anos sem Elis”, em destaque no quadro 9, foi produzida e veiculada pela CBN em duas versões, uma compacta veiculada no ar no dia 19/01/2022 e outra ampliada, apenas como podcast, publicada no site da emissora já no dia 14/01/2022. Na versão que foi ao ar no Jornal da CBN, por volta de 7h05 da manhã, houve a cabeça da âncora do programa e ilustração com música da cantora antes de iniciar a reportagem gravada. A versão compacta também foi para o site, mas não como podcast. Como reportagem abordando a biografia de uma cantora, houve muitas passagens de músicas durante a sua realização. Foi realizada e apresentada pela repórter Vitória Abel.

A versão compacta teve duração de quatro minutos e 29 segundos (4’29”). Foram utilizadas oito sonoras, sendo seis de arquivo e duas com fontes atuais. No total, foram ouvidas 4 fontes diferentes: a própria Elis Regina, com entrevistas em arquivos de áudio; Roberto Menescal, produtor musical da cantora; o produtor de Elis, Max Pierre; e um arquivo de áudio do locutor da Rádio Excelsior anunciando a morte da cantora. Na soma, foram nove documentos vivos, pois consideramos ainda um arquivo de áudio de Elis Regina no palco anunciando a sua música, com o som de aplausos captados do local. Quanto à estrutura básica, a abertura ocorreu em forma citação, com um trecho do locutor de rádio anunciando o falecimento da cantora. A reportagem foi desenvolvida de forma cronológica, narrando desde a chegada de Elis ao Rio de Janeiro aos 16 anos até a execução de seu último sucesso. O fechamento é considerado de caso, abordando um recorte da vida da cantora através de um depoimento seu à época.

A versão ampliada da reportagem teve duração de 15 minutos e três segundos (15’03”). Das 14 sonoras utilizadas, 10 são arquivos de áudio, como entrevistas gravadas da própria Elis Regina. Das sete fontes utilizadas, apenas quatro são de entrevistas atuais: Roberto Menescal e Max Pierre, com sonoras já utilizadas na versão compacta, porém com trechos maiores de entrevista; e os dois filhos de Elis: Maria Rita e João Marcelo Bôscoli. Todos são documentos vivos. A versão ampliada em podcast permite expandir a história da cantora para as obras, com maiores detalhes sobre as músicas, entrevistas mais longas e mais trechos de músicas. E as ilustrações das canções foram mais coladas nas falas, tanto da narração como dos depoimentos, gerando alternância entre BGs e primeiro plano, típico de alguns programas musicais ou documentários sobre música. A estrutura de abertura, desenvolvimento e fechamento foi a mesma que a utilizada para a versão compacta. No entanto, enquanto na versão compacta o encerramento ocorreu com um trecho de entrevista da cantora, na versão ampliada, foi utilizado um áudio com uma declamação da artista, proporcionando um tom mais emocional à reportagem.

Quadro 10: Síntese da análise da tipologia da reportagem “Brasil perdia Elis Regina 40 anos atrás” – rádio hertziano

	Categoria de análise: Tipologia		
	Subcategorias de análise		
Reportagem	Fatos, ação, documental	Tipo	Gênero
Versão compacta	Documental	Reportagem Especial	Predominantemente interpretativo
Versão ampliada em podcast	Documental	Reportagem Especial/Grande Reportagem	Predominantemente interpretativo

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme destacado no quadro 10, as duas versões da reportagem são caracterizadas como documentais (*quote-stories*), documentando fatos históricos à luz da interpretação contemporânea. As duas versões também são predominantemente interpretativas e utilizam vários recursos que geram afetividade, como trechos das músicas e outros recursos de sonoplastia, mas evitam flertar com a ficção, mantendo seu foco no jornalismo. A versão ampliada é uma grande reportagem, porém, passível de ser adaptado para uma reportagem mais curta, denominada apenas de especial, o que de fato ocorreu.

Quadro 11: Síntese da análise sobre o acontecimento jornalístico da reportagem “Brasil perdia Elis Regina 40 anos atrás” – rádio hertziano

	Categoria de análise: Acontecimento jornalístico			
	Subcategorias de análise			
Reportagem	Aprofundamento	Humanização	Temporalidade	Previsibilidade
Versão compacta e Versão ampliada em podcast	Contextualiza a carreira da cantora, com conexões com o momento histórico, social e cultural da época. O aprofundamento ocorre parcialmente com a compactação de episódios da vida e da carreira, mais	História é humanizada através da obra e depoimento da personagem principal da reportagem.	Reportagem trata de uma biografia com recorte temporal, limitado à carreira da cantora, dos 16 aos 36 anos de idade.	Previsível, por se tratar de biografia já conhecida na história, porém com alguns depoimentos atuais.

	detalhados na versão ampliada.			
--	--------------------------------	--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme destacado no quadro 11, nas duas versões, há contextualização sobre os acontecimentos, a partir da biografia e da carreira de Elis Regina e o estabelecimento de algumas conexões com o momento histórico, social e cultural da época, período entre as décadas de 1960 e 1980. O aprofundamento é maior na versão ampliada, apresentando mais detalhes sobre a vida e a carreira da cantora, com análises mais amplas dos entrevistados. Na versão compacta, há praticamente um resumo da pesquisa exibida durante a versão mais longa da reportagem. A história é humanizada, pois justamente revela detalhes sobre a vida da personagem principal, com depoimentos próprios e da família. Com a inserção das músicas ilustrando a sequência de sonoras, há a projeção de um ambiente mais afetivo em torno da trajetória da cantora. A temporalidade é limitada a duas décadas, desde a adolescência e início de carreira até a morte de Elis, mas revela também o contexto sócio, político e cultural do período. O acontecimento macro em si é previsível, por ser biográfico e de conhecimento público, no entanto, os depoimentos atuais, sob o olhar ao passado a partir do tempo presente, garantem uma sensação de imprevisibilidade ao ouvinte, tal qual normalmente ocorre nas peças ficcionais.

Quadro 12: Síntese da análise da estrutura da narrativa das reportagens isoladas da CBN – rádio hertziano

	Categoria de análise: Estrutura da narrativa				
	Subcategorias de análise				
Reportagem	Sonoras e fontes	Modo de emissão	Estrutura básica	Duração	Documentos vivos ou reconstruções
Greve do BRT	3 sonoras, 3 fontes.	Mista, com repórter ao vivo e sonoras gravadas, mas captadas no local dos acontecimentos.	<b>Abertura:</b> de resumo de conteúdo. <b>Desenvolvimento:</b> de casos. <b>Fechamento:</b> de retorno, mas com projeção para o futuro.	5'47"	3 documentos vivos.

Tutores de Pets	3 sonoras, 3 fontes.	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos.	<b>Abertura:</b> simbólica. <b>Desenvolvimento:</b> de casos. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	4'08"	3 documentos vivos
Turismo em 2022	3 sonoras, 3 fontes.	Diferida/ gravada, mas com captação de sonoras em ambiente externo.	<b>Abertura:</b> narrativa. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	3'02"	3 documentos vivos

Fonte: Elaborado pelo autor

A reportagem destacada no quadro 12 como “Greve do BRT” foi intitulada no site da Rádio CBN como “Reportagem acompanha drama dos passageiros em dia de greve do BRT” e foi ao ar no rádio hertziano às 10h08 do dia 25 de fevereiro de 2022 no programa CBN Rio, voltado à praça do Rio de Janeiro. A reportagem durou cinco minutos e 47 segundos (5'47") e foi realizada pela jornalista Alexia Souza, que dialogava diretamente com os âncoras no estúdio. Trata-se de uma reportagem emitida de forma mista, com a repórter ao vivo e as sonoras gravadas, mas realizadas pela profissional direto no local dos acontecimentos, inclusive com a manutenção de perguntas nas gravações. Houve três sonoras com três fontes distintas, que eram passageiros do transporte coletivo afetados pela paralisação. Os três documentos são considerados vivos. O fato de emitir as sonoras em diferido garantiu à repórter a possibilidade de introduzir as falas dos entrevistados, com um breve resumo sobre a situação de cada impactado pela greve. Na estrutura básica, há a abertura como um resumo de conteúdo, reforçado pela cabeça chamada do estúdio, lembrando que a intervenção da repórter faz parte de uma cobertura maior sobre o acontecimento, iniciado desde cedo. A repórter claramente recupera o assunto para quem ligou o rádio naquele momento, resumindo a situação de greve. O desenvolvimento é de casos, com os três casos de usuários do transporte afetados diretamente pela paralisação. O fechamento é de retorno ao início, por explicar novamente detalhes sobre a greve, mas também de projeção para o futuro, já que divulga nota do poder público sobre o funcionamento do sistema.

A reportagem destacada no quadro 12 como “Tutores de Pets” foi denominada no site da CBN como “Com o retorno das atividades, tutores de pets recorrem a aplicativos para manter cuidados”. Ela foi ao ar no dia 19/11/2021 às 6h43 no Jornal da CBN. Houve uma longa

introdução sobre o tema a partir do estúdio, com o âncora Milton Jung, acionando a reportagem conduzida pela jornalista Débora Fortuna. A reportagem teve a duração de quatro minutos e oito segundos (4'08") e foi emitida de forma diferida/gravada. Houve três sonoras de três fontes distintas, todas como documentos vivos. As fontes entrevistadas foram uma usuária e o criador do aplicativo e um médico-veterinário. A abertura é simbólica, com efeitos sonoros de animais domésticos ilustrando a narração em forma de título, referindo-se aos animais (pets) como companheiros de todas as horas. O desenvolvimento da reportagem é de casos, abordando cada caso das fontes em separado: a rotina da usuária e tutora de pet, a explicação sobre o aplicativo com o seu criador e a percepção do médico-veterinário sobre os serviços durante a pandemia da Covid-19, ainda gerando isolamento parcial pela população. O fechamento é de conclusão, narrando dados sobre as mudanças de comportamento dos tutores de animais domésticos.

A reportagem com o título resumido “Turismo em 2022” no quadro 12 é denominada no site da CBN como “Turismo volta a crescer em 2022, mas setor ainda tenta voltar ao patamar pré-pandemia” e foi ao ar na emissora no Jornal da CBN, às 6h44 do dia 29 de abril de 2022. A duração da reportagem é de três minutos e dois segundos (3'02"), foi realizada pelo repórter Vinícius Passarelli e é gravada/diferida, mas com a captação das sonoras em ambiente externo. Foram ouvidas três fontes em três sonoras: dois populares (um consumidor e um trabalhador no turismo) e um especialista (presidente de entidade do setor), todos como documentos vivos. A abertura da reportagem é narrativa, com uma história curta sobre o caso de um usuário do turismo, exemplificando o tema central. O desenvolvimento ocorre por blocos, alternando entre depoimentos diferentes e dados sobre o turismo no país. O fechamento é de conclusão, quando o repórter aproveita a explicação do especialista para fazer um breve resumo sobre o assunto.

Quadro 13: Síntese da análise da tipologia das reportagens isoladas da CBN” – rádio hertziano

Reportagem	Categoria de análise: Tipologia		
	Subcategorias de análise		
	Fatos, ação, documental	Tipo	Gênero
Greve do BRT	Fatos	Boletim de reportagem.	Predominantemente informativo.
Tutores de Pets	Fatos	Reportagem especial	Informativo, com nuances interpretativas.
Turismo em 2022	Fatos	Reportagem contextualizada	Predominantemente informativo.

Fonte: Elaborado pelo autor

As três produções destacadas no quadro 13 são consideradas reportagens de fatos, objetivas e com os repórteres observando e narrando os acontecimentos com determinada distância, sem envolvimento direto nos casos relatados. Embora a abertura da reportagem “Com o retorno das atividades, tutores de pets recorrem a aplicativos para manter cuidados” tenha a utilização de elementos de dramatização (efeitos sonoros), sua estrutura e conteúdo relatados se dirigem diretamente aos fatos. O que diferencia essa produção das demais deste quadro, são suas nuances interpretativas durante a narração e na utilização de música e efeitos, apesar de o conteúdo central manter o caráter informativo. Esse diferencial e o fato de se tratar de uma pauta não factual a transformam em uma reportagem especial. As outras duas reportagens se mantêm predominantemente informativas, mas enquanto o assunto sobre a Greve do BRT é apresentado em forma de boletim, como uma reportagem externa, a matéria sobre o Turismo em 2022 é veiculada como reportagem contextualizada.

Quadro 14: Síntese da análise sobre o acontecimento jornalístico das reportagens isoladas da CBN – rádio hertziano

	<b>Categoria de análise: Acontecimento jornalístico</b>			
	<b>Subcategorias de análise</b>			
<b>Reportagem</b>	<b>Aprofundamento</b>	<b>Humanização</b>	<b>Temporalidade</b>	<b>Previsibilidade</b>
Greve do BRT	Há pouco aprofundamento nessa emissão. Pouco contextualizada durante essa emissão isolada. Divulga casos de usuários e um resumo do panorama pelo poder público. Contraponto limitado na emissão isolada, mas presente em outras emissões ao longo da cobertura da greve.	A história não é humanizada. Há uma humanização relativa em alguns fragmentos nas entrevistas com usuários.	Recorte temporal limitado ao acontecimento da greve e à cobertura do período da manhã. Faz uma pequena relação com os fatos ocorridos desde a última greve.	Baixa previsibilidade, pois o acontecimento (greve) está em andamento e a repórter flagra e acompanha a situação ao vivo e em tempo real.

Tutores de Pets	Aprofundamento breve e relativo, já que apresenta apenas um caso de tutora de Pet, um dono de aplicativo e um dono de creche para animais. Contextualiza o fato de forma razoável diante das questões da pandemia.	A história não é humanizada.	Temporalidade centrada no período do retorno gradual às atividades, durante a pandemia do novo coronavírus.	Previsível, por se tratar de números de mercado, mas semiprevisível por revelar novos comportamentos.
Turismo em 2022	Breve aprofundamento e pouca contextualização do assunto. Repórter apresenta alguns dados sobre o tema e a fonte do setor emite uma breve opinião.	Há poucos aspectos de humanização, a não ser por um relato pessoal entre as fontes.	Temporalidade centrada em 2022, mas com comparativos de dados de anos anteriores. Há uma sutil projeção futura.	Fato previsível diante do conhecimento público sobre os números. Reportagem planejada.

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme destacado no quadro 14, na reportagem sobre a greve do BRT no Rio de Janeiro, há pouco aprofundamento se considerarmos a emissão isolada, que relata o básico do problema e um recorte das consequências. Também contextualiza pouco o assunto durante essa reportagem, apenas divulgando casos de usuários e um resumo do panorama pelo poder público. O contraponto, limitado nessa emissão com apenas a leitura de uma nota do poder público, ocorre em outras emissões ao longo da cobertura da greve, com vários boletins de reportagem com transmissão local e nacional na rede. Inclusive, os âncoras no estúdio continuam comentando o assunto após o encerramento da participação da repórter. Desta forma, tanto o nível de aprofundamento, como o contexto geral e a multiangulação de fontes são ampliadas ao longo da programação, delegando às reportagens externas apenas o papel de atualização dos acontecimentos para quem está ligando o rádio naquele determinado momento. A história também não chega a ser humanizada, pois não aprofunda cada caso dos usuários entrevistados, apenas oferece ao ouvinte alguns fragmentos de cada situação individual, como forma de representar o conjunto de passageiros afetados e situar o ouvinte. A temporalidade se localiza

durante o acontecimento da greve e à cobertura realizada pela emissora durante o período da manhã, mas relaciona com os fatos ocorridos desde o último acontecimento similar. Este é o tipo de reportagem com pautas imprevisíveis, que normalmente rompem a estrutura do cotidiano da população. O acontecimento está em andamento enquanto a repórter flagra as situações dos usuários do transporte coletivo em tempo real.

Já na reportagem sobre os tutores de Pets, o aprofundamento também é breve e relativo, já que só é apresentada uma experiência de uma usuária do aplicativo e tutora de Pet, limitando assim uma exploração maior sobre as mudanças de comportamento por parte de quem cuidava dos animais durante a pandemia. Por outro lado, contextualiza o fato de forma razoável quando ouve o criador do aplicativo e um médico veterinário, além de divulgar dados a respeito do tema. A história não possui elementos de humanização e sua temporalidade se localiza no período em que as pessoas estavam voltando gradualmente às suas atividades durante a pandemia da Covid-19, impondo uma mudança de hábitos nos cuidados com os Pets. Consideramos o fato previsível, já que trata de números de mercado e de situações já disponíveis anteriormente para o conhecimento público. Porém, ao serem revelados novos comportamentos do usuário naquela fase da pandemia, torna o fato em si semiprevisível.

A reportagem sobre o Turismo em 2022 é breve no aprofundamento e contextualiza pouco o assunto. O que ocorre é a divulgação de vários dados comparativos sobre o mercado no setor, praticamente ilustrados com as entrevistas de três perfis diferentes: quem consome, quem fornece e quem organiza. Praticamente não há elementos de humanização nessa reportagem, salvo por uma exposição sutil das práticas do consumidor de serviços. O recorte temporal se situa em 2022, mas se estende quando há comparativos com dados de anos anteriores e quando o especialista emite sua opinião sobre como o sistema pode melhorar no futuro, fazendo projeções. O fato é previsível, já que o público pode ter acesso aos números sobre o turismo através de outras fontes de informação. Essa situação oferece as condições para que a reportagem seja planejada e possa focar na exemplificação de casos entre os afetados diretamente pelo assunto.

### **5.1.2 Reportagens da Rádio Jovem Pan News**

Na Rádio Jovem Pan News, a análise foi realizada sobre oito reportagens avulsas no espaço hertziano da emissora, veiculadas entre 2020 e 2022. As reportagens foram intituladas no site da emissora como: “Ex-policial que matou jovem negro durante abordagem é condenada a 2 anos de prisão nos EUA”; “Alta dos combustíveis deixa motoristas de aplicativo ‘sem

saída”]; “Da periferia para a presidência da Rússia: quem é Vladimir Putin?”; “MEC anuncia novo modelo do Enem a partir de 2024; entenda o que muda”; “Abuso Sexual - O relato de mulheres que sofreram violência sexual”; “Alta do querosene e guerra na Ucrânia influenciam aumento das passagens aéreas no Brasil”; “Na contramão do mercado, empresas aderem ao home office definitivo”; “Condições das favelas podem agravar transmissão do coronavírus no Brasil”. Todas as oito reportagens foram veiculadas em rede nacional a partir da emissora de São Paulo.

A partir das três categorias de análise para o rádio hertziano e suas subcategorias definidas e já utilizadas na seção anterior, apresentamos a seguir os quadros-síntese da análise das oito reportagens, sendo um quadro para cada categoria macro.

Quadro 15: Síntese da análise da estrutura da narrativa das reportagens da Jovem Pan News – rádio hertziano

	Categoria de análise: Estrutura da narrativa				
	Subcategorias de análise				
Reportagem	Sonoras e fontes	Modo de emissão	Estrutura básica	Duração	Documentos vivos ou reconstruções
Ex-policial condenada	Não há sonoras.	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos.	<b>Abertura:</b> narrativa. <b>Desenvolvimento:</b> de forma cronológica, mas dividida em dois blocos. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	2’35”	Não há
Alta dos combustíveis	3 sonoras, 3 fontes.	Diferida/ gravada, com repórter no local dos acontecimentos.	<b>Abertura:</b> de caso. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> projeção para o futuro.	2’10”	3 documentos vivos.
Quem é Vladimir Putin?	3 sonoras, 1 fonte	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> narrativa. <b>Desenvolvimento:</b> parcialmente por blocos ou temas. <b>Fechamento:</b> de conclusão e de projeção para o futuro.	6’09”	3 documentos vivos.

Novo Enem	2 sonoras (reproduções de áudios de evento), 2 fontes.	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> resumo do conteúdo. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	3'24"	2 documentos vivos.
Abuso Sexual	50 sonoras, 15 fontes (4 sonoras de arquivo).	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> dedutiva, mas com citações ilustrativas. <b>Desenvolvimento:</b> de blocos, mas com sequência de casos ao invés de temas diferentes. <b>Fechamento:</b> de moral da história.	55'17"	50 documentos vivos e 3 reconstruções.
Passagens aéreas	3 sonoras, 3 fontes.	Mista (repórter ao vivo, sonoras gravadas, captadas no local dos acontecimentos)	<b>Abertura:</b> descritiva, mas com resumo do conteúdo. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos e de casos. <b>Fechamento:</b> de retorno.	3'44"	3 documentos vivos.
Home office	2 sonoras, 2 fontes.	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos.	<b>Abertura:</b> resumo do conteúdo. <b>Desenvolvimento:</b> de casos. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	2'20"	2 documentos vivos
Coronavírus nas favelas	3 sonoras, 3 fontes.	Diferida/ gravada, sem repórter no local dos acontecimentos	<b>Abertura:</b> resumo do conteúdo. <b>Desenvolvimento:</b> de casos. <b>Fechamento:</b> moral da história.	2'41"	3 documentos vivos

Fonte: Elaborado pelo autor

A reportagem destacada no quadro 15 como “Ex-policial condenada” foi intitulada no site da Rádio Jovem Pan News como “Ex-policial que matou jovem negro durante abordagem é condenada a 2 anos de prisão nos EUA” e foi veiculada na emissora no Jornal da Manhã, às 10h15 do dia 19 de fevereiro de 2022. A reportagem durou dois minutos e 35 segundos (2'35”) e foi realizada pelo jornalista Vítor Hugo Salina. A chamada no estúdio pelo âncora do

programa foi objetiva e compacta e não houve diálogo com o repórter por se tratar de uma reportagem gravada/diferida, sem a presença do profissional no local dos acontecimentos. O fato noticiado ocorreu nos Estados Unidos e o repórter o narrou a partir do Brasil, alternando entre o estúdio e um texto de passagem em transmissão externa. Cabe destacar que, como a emissora transmite simultaneamente para o rádio e para TV/Vídeo, só foi possível perceber o lugar do repórter devido às imagens transmitidas: off na narração durante a exibição de imagens sobre o caso e boletim na rua durante a passagem. Não há sonoras veiculadas nessa reportagem, nem abordagem direta a alguma fonte de informação, portanto também não há o registro de documentos vivos ou reconstruídos na matéria. Quanto à estrutura básica, a abertura é considerada narrativa, contando a história a partir da abordagem policial contra o jovem negro morto. O desenvolvimento segue de forma cronológica, mas dividido em dois blocos: o primeiro narrando como ocorreu a abordagem policial em 2021 (fato anterior) e o segundo bloco contando como aconteceu o julgamento da policial. Os dois blocos são claramente divididos com a passagem do repórter em transmissão externa. O fechamento é de conclusão, embora haja uma relação contextual sobre o tema ao final da reportagem, divulgando os números divulgados pelo jornal *The New York Times* sobre mortes envolvendo troca do equipamento *taser* por arma de fogo (caso narrado nesta reportagem) e condenações de policiais nessas situações.

A reportagem sobre “Alta dos combustíveis”, no quadro 15, é denominada no site da Jovem Pan News como “Alta dos combustíveis deixa motoristas de aplicativo ‘sem saída’”, veiculada no dia 14/03/2022, às 7h02 no Jornal da Manhã. A duração é de dois minutos e 10 segundos (2’10”) e foi realizada pelo jornalista Vinícius Moura. A reportagem é diferida/gravada, mas há a presença do repórter no local dos acontecimentos. São três sonoras de três fontes ouvidas, todas como documentos vivos: um motorista de aplicativo (afetado), um vereador (opinião) e um economista (análise do cenário mais amplo). A abertura é de caso, abordando a situação do motorista de aplicativo, mas já nos primeiros segundos há uma citação curta (4”) na voz do motorista, de caráter mais ilustrativo. O desenvolvimento ocorre por blocos, a partir de cada fonte, um ângulo diferente sobre a situação dos preços dos combustíveis. O fechamento é de projeção para o futuro, com o especialista sugerindo o que o país deveria fazer em médio e longo prazo sobre a situação.

A reportagem “Da periferia para a presidência da Rússia: quem é Vladimir Putin?” foi ao ar na Jovem Pan News no Jornal da Manhã às 6h24 do dia 01/03/2022, com duração de seis minutos e nove segundos (6’09”). A condução da reportagem foi da jornalista Carolina Abelin, em uma produção gravada/diferida e sem a sua presença no local dos acontecimentos. Houve

três sonoras com uma fonte apenas, mas com os três documentos considerados vivos. A única fonte ouvida em voz foi o brasileiro Valdir Bezerra, que mora na Rússia e é mestre em Relações Internacionais pela Universidade de São Petersburgo, ajudando a reportagem com informações para definir o perfil do líder russo Vladimir Putin. A abertura é narrativa e biográfica, iniciando com data e local de nascimento de Putin. O desenvolvimento ocorre por blocos, cada um informando aspectos diferentes sobre a vida e a trajetória política do líder russo. O fechamento é de conclusão ao mesmo tempo em que é de projeção para o futuro, pois conclui a biografia, mas aponta, resumidamente, sobre o que pode acontecer até 2036, validade do cargo de presidente para Putin. A reportagem é uma versão compacta do que foi ao ar no dia 12/03/2022 no programa Documento JP (não analisada nesta pesquisa), com duração de 53'40", ampliando o contexto sobre a biografia de Vladimir Putin e a guerra da Rússia contra a Ucrânia, pauta recorrente na emissora e na mídia brasileira à época. Após a reportagem analisada, o âncora Thiago Uberreich analisa ao vivo o perfil de Putin com o especialista, professor Manuel Furrela.

A reportagem sobre o “Novo Enem” no quadro 15, é intitulada no site da emissora como “MEC anuncia novo modelo do Enem a partir de 2024; entenda o que muda” e foi ao ar no dia 18/03/2022, às 9h12 no Jornal da Manhã. A duração é de três minutos e 24 segundos (3'24"), com a condução da repórter Katiuscia Sotomayor. A reportagem é diferida/gravada, sem a repórter no local dos acontecimentos, mas alternando sua presença entre o estúdio e o ambiente externo. Há dois documentos vivos na reportagem, que são as duas sonoras utilizadas como reproduções de áudio do ministro e do secretário nacional de educação básica durante um evento em que a proposta foi lançada, não havendo entrevistas realizadas pela emissora, portanto. Também não há multiangulação, já que as duas fontes representam o mesmo ângulo (ministério e governo). A abertura é um resumo do conteúdo que vem a seguir, falando quando o novo Enem será lançado e em quais condições. O desenvolvimento ocorre em blocos, divididos pelas sonoras, com detalhes diferentes sobre a proposta. O fechamento é de conclusão, falando da transição gradual do modelo.

A reportagem “Abuso Sexual - O relato de mulheres que sofreram violência sexual” foi ao ar em 29/01/2022, às 21h30 no programa Documento JP, com duração de 55 minutos e 17 segundos (55'17"). A repórter (feminina) que conduz a produção não é identificada em áudio nem nas publicações online da emissora. A reportagem é diferida/gravada e sem a demonstrar a presença da repórter no local dos acontecimentos. Há um total de 50 sonoras, sendo quatro delas reproduções de arquivo. São 15 fontes diferentes ouvidas pela reportagem, sendo possível observar multiangulação em vários casos relatados. Todas as 50 sonoras são consideradas documentos vivos, mas há também três reconstruções de diálogos na voz da repórter/narradora.

As reconstruções envolvem quatro personagens diferentes. As principais fontes ouvidas são vítimas de abuso sexual, testemunhas, advogados de defesa e especialistas sobre o tema, como psicólogas, ginecologista, representante de entidade, entre outros que analisam o tema sob perspectivas diferenciadas. A abertura da reportagem é dedutiva, pois inicia tratando do tema geral sobre abuso sexual para aos poucos ir relatando casos particulares. O desenvolvimento ocorre em blocos, mas com sequência de casos diferentes de abusos e as suas implicações. O fechamento é de moral da história, quando a repórter fala sobre os medos e traumas, o erro em se culpar as vítimas e sobre a necessidade de políticas de enfrentamento e acolhimento.

A reportagem citada no quadro 15 como “Passagens aéreas” e denominada “Alta do querosene e guerra na Ucrânia influenciam aumento das passagens aéreas no Brasil” no site da Jovem Pan News foi ao ar no dia 21/04/2022 às 6h43 no Jornal da Manhã, durando três minutos e 44 segundos (3’44”). A reportagem foi conduzida pelo jornalista Marcelo Mattos, acionado do estúdio pela âncora do horário. O modo de emissão é misto, pois o repórter está ao vivo no local do acontecimento, mas com as sonoras gravadas, embora também captadas no mesmo ambiente. São três sonoras de três fontes diferentes, sendo todos documentos vivos. As fontes são três passageiros abordados no aeroporto de Congonhas, em São Paulo, sobre suas percepções acerca dos preços das passagens aéreas, já que estavam viajando durante o feriado. Na terceira fonte entrevistada, houve algumas perguntas do repórter mantidas na gravação, gerando maior sensação de “vivo” no documento. A abertura descreve o movimento no aeroporto naquele momento do feriadão de Tiradentes, mas também resume o assunto em seguida, falando do aumento acumulado das passagens aéreas. O desenvolvimento ocorre em dois blocos, um com vários dados sobre o setor e outro com os depoimentos nas sonoras, com os populares expondo as suas experiências. O fechamento é de retorno ao início, já que o repórter volta a falar sobre a expectativa de movimento no feriadão.

A reportagem sobre home office, denominada no site da emissora como “Na contramão do mercado, empresas aderem ao home office definitivo”, foi ao ar no dia 16/12/2021, às 9h20 no Jornal da Manhã. O repórter Victor Moraes conduziu a produção que teve duração de dois minutos e 20 segundos (2’20”). A reportagem é diferida/gravada, sem o repórter no local dos acontecimentos, mas alternando sua presença entre externa e estúdio. Foram duas sonoras de duas fontes, todas como documentos vivos: o fundador de uma empresa que criou uma plataforma para trabalhos de home office na área da educação e um executivo de contas que optou pelo home office. Não há relação entre as duas fontes ouvidas. A abertura ocorre com um resumo sobre a opção de home office definitivo. O desenvolvimento é dividido entre os dois casos: aquele com a perspectiva de quem oferece o serviço e aquele com a

perspectiva de quem consome. O fechamento é de conclusão, apresentando dados gerais sobre o tema.

A reportagem com título resumido como “Coronavírus nas favelas” no quadro 15, é intitulada como “Condições das favelas podem agravar transmissão do coronavírus no Brasil”, veiculada no dia 10/04/2020 às 6h44 no Jornal da Manhã. Nicole Fusco conduz a reportagem gravada/diferida, sem sua presença no local dos acontecimentos, mas alternando a narração entre estúdio e externa. A duração é de dois minutos e 41 segundos (2’41”). Houve três sonoras na reportagem, com três fontes, sendo uma captada via videoconferência, mas todos considerados documentos vivos. Uma das fontes é um estudante universitário, morador de uma favela em São Paulo. Outra fonte é a presidente da associação de moradores de outra favela na mesma cidade. A terceira fonte é um especialista, doutor em saúde pública, comentando sobre as políticas públicas na área para os moradores de comunidades mais distantes diante dos riscos do novo coronavírus, à época. Na estrutura básica, a abertura é um resumo do conteúdo sobre o comportamento na pandemia e o problema do distanciamento social nas favelas. O desenvolvimento é de casos, divididos principalmente nos dois casos relatados das duas favelas. O fechamento é de moral da história, ao ser citado o comentário da fonte sobre menor atenção às áreas mais vulneráveis da cidade de São Paulo.

Quadro 16: Síntese da análise da tipologia das reportagens da Jovem Pan News – rádio hertziano

Reportagem	Categoria de análise: Tipologia		
	Subcategorias de análise		
	Fatos, ação, documental	Tipo	Gênero
Ex-policial condenada	Fatos	Boletim de reportagem.	Predominantemente informativo.
Alta dos combustíveis	Fatos	Reportagem contextualizada	Predominantemente informativo.
Quem é Vladimir Putin?	Documental	Reportagem Especial	Predominantemente informativo, com nuances interpretativas.
Novo Enem	Fatos	Boletim de reportagem.	Predominantemente informativo.
Abuso Sexual	Documental	Documentário/Reportagem Especial/Grande reportagem	Predominantemente interpretativo, mas com narração predo-

			minantemente informativa.
Passagens aéreas	Fatos	Boletim de reportagem	Predominantemente informativo
Home office	Fatos	Reportagem contextualizada	Predominantemente informativo
Coronavírus nas favelas	Fatos	Reportagem contextualizada	Predominantemente informativo

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme destacado no quadro 16, seis das oito produções analisadas da Jovem Pan News são consideradas reportagens de fatos e apenas duas podem ser classificadas como documentais. A maior parte delas é caracterizada pela objetividade narrativa. São duas reportagens especiais, três contextualizadas e três boletins. Há uma linha tênue entre as reportagens contextualizadas e os boletins nestes casos. O que as diferencia é a busca por mais versões ou ângulos distintos sobre os fatos.

A reportagem sobre a ex-policia condenada não inicia exatamente seguindo as características de pirâmide invertida e ainda é dividida em dois blocos distintos: sobre a morte e sobre o julgamento. Apesar desse diferencial, o repórter não se envolve com o acontecimento e nem há citações ou entrevistas de valor documental, reportando-se apenas aos fatos objetivos.

Sobre a alta dos combustíveis e os motoristas de aplicativos, a abertura foge um pouco da pirâmide invertida, com uma transição do particular para o universal, mas estruturalmente, a reportagem se mantém em fatos, utilizando o restante como ilustração.

A reportagem sobre o novo Enem é a que mais se aproxima de uma notícia, devido à escassez de variáveis em sua construção. As últimas três do quadro, passagens aéreas, home office e coronavírus, diversificam em dados e sonoras, no entanto os focos principais são os fatos. Todas essas reportagens são compactas e transmitidas ou em forma de boletins ou de forma mais contextualizada, mas predominantemente informativas.

Já a reportagem sobre Vladimir Putin tem um caráter biográfico e já por este motivo, acompanhado da análise de um especialista, adquire valor documental, fugindo dos assuntos cotidianos, embora sua pauta surja devido à problemática atual. É uma reportagem predominantemente informativa, mas com várias nuances interpretativas, especialmente ao narrar detalhes da vida do líder russo, o que a inclina mais para a modalidade de reportagem especial.

A reportagem sobre abuso sexual é documental, tanto que é apresentada em um programa chamado Documento JP, documentando vários casos e análises sobre fatos passados e distantes. Suas características maiores são de documentário radiofônico, mas sua linguagem mais objetiva e informativa a deslocam parcialmente para a modalidade de reportagem especial ou mesmo grande reportagem. Apesar disso, na estrutura geral, agregando os depoimentos ouvidos e o drama das vítimas, ambientados por diferentes elementos sonoros, é possível reconhecer a reportagem como predominantemente interpretativa.

Quadro 17: Síntese da análise sobre o acontecimento jornalístico das reportagens da Jovem Pan News – rádio hertziano

	<b>Categoria de análise: Acontecimento jornalístico</b>			
	<b>Subcategorias de análise</b>			
<b>Reportagem</b>	<b>Aprofundamento</b>	<b>Humanização</b>	<b>Temporalidade</b>	<b>Previsibilidade</b>
Ex-policial condenada	Aprofundamento ocorre somente pelo detalhamento na narração sobre o caso. Existe contextualização ao buscar a relação com outro caso semelhante e com estatísticas sobre situações similares.	Não há	Trata de uma atualização sobre um fato iniciado 10 meses antes. Amplia para uma comparação de dados sobre duas décadas.	Previsível, devido ao conhecimento anterior sobre o fato e as consequências recentes.
Alta dos combustíveis	Breve aprofundamento ocorre apenas pela opinião de um especialista. Contexto limitado às circunstâncias atuais.	Praticamente não há.	Temporalidade limitada, com o passado recente e o destaque sobre as incertezas para o futuro.	Acontecimento previsível, devido ao conhecimento público sobre os fatos.
Quem é Vladimir Putin?	Aprofundamento pela história do personagem. Contextualização se dá pela relação personagem-fato.	Não há.	Temporalidade ampla, entre a história política do personagem e o fato recente com projeções futuras.	Previsível por se tratar de biografia e de fatos históricos e recentes já conhecidos pelo público.
Novo Enem	O breve aprofundamento ocorre apenas na narração	Não há.	Temporalidade curta, pois destaca o	Semiprevisível, pois o fato já era objeto de pautas

	da repórter. Não contextualiza.		lançamento da proposta, embora anuncie aplicação futura.	anteriores dos meios de comunicação.
Abuso Sexual	Aprofundamento ocorre pelo detalhamento de cada caso narrado e pela duração de depoimentos de vítimas e especialistas. A contextualização ocorre pela relação entre depoimento da vítima, opinião de especialistas e dados sobre os casos.	A humanização ocorre pela singularidade dos depoimentos das vítimas.	O espaço temporal se restringe ao período de cada caso, entre os abusos e a atualidade. A pequena projeção ao futuro ocorre no encerramento.	Semiprevisível. É previsível pelo conhecimento público sobre os casos, mas com detalhes específicos até então pouco conhecidos do público.
Passagens aéreas	Breve aprofundamento e breve contextualização ocorrem pelos dados apresentados pelo repórter e por alguns depoimentos dos envolvidos.	Humanização relativa, com alguns fragmentos, ao entrevistar usuários que relatam suas expectativas. Mas a história não é humanizada.	O espaço temporal se restringe ao momento em que o repórter está no aeroporto, mas faz relação de dados com anos anteriores.	Semiprevisível pela expectativa de maior movimento nos aeroportos, mas sem previsão sobre a quantidade de público.
Home office	Breve aprofundamento ocorre pelos relatos das fontes. A contextualização ocorre parcialmente com a informação dos dados ao final da reportagem.	Não há.	Assunto do momento, no estágio atual da pandemia e do retorno do trabalho presencial.	Previsível, por expor números e situações de fácil acesso do público.
Coronavírus nas favelas	Não há aprofundamento. Contexto passa brevemente pelos relatos das fontes ouvidas, mas	Não há.	Assunto do momento, no estágio inicial da pandemia.	Semiprevisível. Previsível pela exposição da precariedade nas favelas;

	sem explorar fontes responsáveis pelo controle do vírus.			imprevisível pela dinâmica da pandemia.
--	--	--	--	---

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme destacado no quadro 17, na reportagem sobre a ex-policiaI condenada, o aprofundamento ocorreu pelo relato detalhado do crime, que foi a morte de um jovem negro, e pelo julgamento da ex-policiaI que teria confundido uma arma de choque com uma arma de fogo e matado a vítima. Apesar da duração curta, a reportagem conseguiu explicar os detalhes, mesmo em forma de resumo, sobre como o crime ocorreu e algumas situações ligadas à condenação. A contextualização é garantida quando a reportagem busca a relação com outro caso que reservaria similaridades, como o do assassinato de George Floyd, homem negro sufocado por um policiaI em 2020 e que ganhou ampla repercussão internacional. As estatísticas apresentadas sobre as mesmas condições do crime relatado também contribuem à organização do contexto. No entanto, não há elementos de humanização, pois não narra detalhes sobre a vida ou descreve características pessoais dos envolvidos. A ausência de sonoras e entrevistas, bem como o caráter informativo da narração também impedem a humanização do fato. A reportagem trata de um caso ocorrido 10 meses antes de sua emissão, mas julgado no tempo presente e amplia para comparação entre duas décadas quando divulga os dados estatísticos. Essa ampliação da temporalidade também auxilia na contextualização. Trata-se de um acontecimento previsível, devido ao conhecimento por parte do público sobre o fato anterior, a morte, e sobre as consequências recentes, o julgamento.

Na reportagem sobre a alta dos combustíveis, há um breve aprofundamento apenas pela opinião do especialista e o relato sobre a situação econômica, mas a compactação da reportagem de curta duração também permite que se aprofunde em detalhes. O contexto está ligado apenas às circunstâncias atuais e não amplia para maiores causas e consequências sobre os preços e os afetados pelas majorações. Isso também porque a temporalidade é igualmente limitada a um passado muito recente, no caso, o aumento da gasolina naquele período e a incerteza do futuro, especialmente sobre a guerra na Ucrânia em 2022 e a economia no Brasil no mesmo período. Também não há aspectos que pudessem levar a reportagem à humanização da história. O único momento possível seria a citação com voz do motorista, de apenas quatro segundos, caso o depoimento fosse mais longo e aprofundado. O acontecimento é previsível, devido ao conhecimento público sobre aumentos de preços dos combustíveis e a existência e impactos da guerra.

A reportagem sobre Vladimir Putin é mais aprofundada devido à história do personagem. Mantendo as características de narração com texto objetivo da emissora, a produção consegue abordar detalhes e criar uma cronologia de ascensão ao poder pelo líder russo mesmo em uma duração de tempo compacta. A contextualização ocorre quando se estabelece a relação entre personagem-fato e a guerra que vinha sendo travada entre Rússia e Ucrânia no período de exibição da reportagem. Apesar de possuir características biográficas, não se trata de uma história humanizada. A temporalidade é ampla, pois passa pelas décadas entre a história política do personagem e o fato recente, a guerra, fazendo projeções futuras. Como a maior parte dos fatos narrados são antigos, a reportagem parte de uma pauta com tema acontecimento previsível, tanto pela biografia e pelos eventos históricos, mas também pelos acontecimentos mais recentes e já amplamente divulgados pela mídia de forma geral.

A reportagem sobre o novo modelo do Enem teve pouco aprofundamento, mais pelo detalhamento na narração da repórter de como a prova irá funcionar, mas não com explicações e análises a respeito. Também praticamente não contextualiza o fato com questões mais amplas sobre a educação, a juventude ou outras medidas do governo na área, por exemplo, pois só trata da medida isolada. Não há humanização nessa reportagem e o espaço temporal se resume ao lançamento da proposta, embora anuncie também a aplicação futura da medida. O acontecimento pode ser compreendido como semiprevisível, pois se trata de um evento, mas o lançamento da proposta já era objeto de pautas anteriores.

Na reportagem sobre abuso sexual, o aprofundamento ocorre pelo detalhamento de cada caso narrado, já que são vários depoimentos das vítimas, inclusive com a descrição das situações dos abusos. A duração dos depoimentos é maior e permite maior explicação sobre os casos, inclusive por especialistas. A contextualização ocorre pela relação entre depoimento da vítima, opinião de especialistas e dados sobre os casos de abuso sexual. Há humanização na história, devido à singularidade dos depoimentos das vítimas, que é transposta para uma situação mais ampla. O espaço temporal se restringe ao período de cada caso, entre os abusos e a atualidade, ângulo em que o contexto é emitido. A pequena projeção ao futuro ocorre no encerramento, quando a repórter sugere que “Políticas de enfrentamento e acolhimento são o caminho”. O assunto é semiprevisível: previsível pelo conhecimento público sobre os casos mais famosos, mas com detalhes específicos até então pouco conhecidos do público. E também há casos de pessoas anônimas, onde as circunstâncias dos crimes também ajudam a alternar o grau de previsibilidade dos acontecimentos.

A reportagem sobre o aumento de preço das passagens aéreas possui pouco aprofundamento, até porque não entrevista especialistas para analisar o tema. Os dados

apresentados em texto pelo repórter é que garantem um tímido grau de profundidade e de contexto, que cola nos depoimentos de alguns passageiros ouvidos pela reportagem. A história não é humanizada, sendo que os poucos fragmentos de humanização acontecem apenas durante as entrevistas com os usuários que relatam as suas expectativas a respeito das viagens. O espaço temporal se restringe ao momento em que o repórter está no aeroporto, apesar da relação de dados com anos anteriores. O fato é semiprevisível porque aborda viagens durante um feriado após um longo tempo de pandemia (menos previsível) e a expectativa de maior movimento no período (mais previsível), mas sem fazer projeções, por exemplo sobre a quantidade de público.

A reportagem sobre as empresas aderindo ao home office em definitivo se aprofunda timidamente apenas devido ao relato das fontes ouvidas. A contextualização ocorre parcialmente com a informação dos dados ao final da reportagem, comum em vários casos analisados nesta emissora. Apesar dos relatos, a história não é humanizada. Na questão temporalidade, o assunto é do momento, naquele estágio da pandemia (final de 2021) e do retorno do trabalho presencial. O assunto é previsível porque apresenta números e situações que são de fácil acesso do público.

Já a reportagem sobre coronavírus nas favelas possui pouca profundidade. A contextualização ocorre de forma relativa devido aos depoimentos de um morador, de uma liderança e de um especialista, já que apresentam perspectivas distintas sobre a situação, mas não explora fontes de órgãos públicos, por exemplo, ou outros responsáveis pelo controle do vírus. Não há elementos presentes de humanização na história. O espaço temporal é restrito aquele período inicial da pandemia, em abril de 2020, como assunto do momento. O fato pode ser considerado semiprevisível: previsível pela exposição da precariedade nas favelas em relação à saúde e ausência de outras políticas públicas, mas imprevisível pela dinâmica da pandemia em um estágio de pouco conhecimento sobre as condições de contaminação pelo coronavírus.

### **5.1.3 Reportagens da Rádio Gaúcha**

Na Rádio Gaúcha, a análise foi realizada sobre nove reportagens, veiculadas entre 2020 e 2022 no espaço hertziano da emissora. Dos nove registros, dois são versões diferenciadas relativas a uma mesma cobertura jornalística. Outros dois registros se referem a intervenções do repórter sobre o mesmo tema durante o mesmo programa radiofônico. As outras cinco reportagens foram registradas nesta pesquisa de forma isolada, independentemente de sua sequência na cobertura realizada pela emissora.

As reportagens com versões diferenciadas foram intituladas no site ou nas plataformas de áudio da emissora como: “Investigados por abate clandestino de cavalos para fazer hambúrguer lavavam a carne para disfarçar mau cheiro”; “Desarticulada quadrilha que vendia carne de cavalo como se fosse de gado no RS”. As reportagens com repetição do mesmo tema não receberam título, mas abordaram como assunto o “Aumento dos combustíveis e a comparação entre diesel e gasolina”. Já as cinco reportagens registradas de forma isolada foram intituladas: “Pais rifam carro para pagar tratamento”; “A ascensão do EAD. Especialistas são cautelosos ao avaliar ensino a distância”; “Três meses após o começo das aulas, estudantes ainda sofrem com a falta de transporte escolar”; “MP-RS desarticula esquema de cartel de combustíveis em Porto Alegre”; “Time de São Leopoldo incentiva a adoção de cães”. As nove produções foram veiculadas pela emissora em Porto Alegre, com disponibilização para o sistema Gaúcha SAT, que possui afiliadas no interior do Rio Grande do Sul e em vários estados brasileiros.

A partir das três categorias de análise para o rádio hertziano e suas subcategorias definidas e já utilizadas nas seções anteriores, apresentamos a seguir os quadros-síntese da análise das nove reportagens, sendo um quadro para cada categoria macro.

Quadro 18: Síntese da análise da estrutura da narrativa das reportagens da Gaúcha – rádio hertziano

	Categoria de análise: Estrutura da narrativa				
	Subcategorias de análise				
Reportagem	Sonoras e fontes	Modo de emissão	Estrutura básica	Duração	Documentos vivos ou reconstruções
Abate clandestino de cavalos	3 sonoras (reproduções de escuta telefônica)	Ao vivo.	<b>Abertura:</b> resumo de conteúdo. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	7’01”	3 documentos vivos.
Desarticulada quadrilha que vendia carne de cavalo	8 sonoras (4 são reproduções de escuta telefônica), 2 fontes entrevistadas	Diferida/ gravada, com repórter no local dos acontecimentos.	<b>Abertura:</b> de citação; <b>Desenvolvimento:</b> por blocos. <b>Fechamento:</b> de retorno.	13’21	7 documentos vivos.

Aumento dos combustíveis (p.1)	Não há sonoras.	Ao vivo e simultânea, com repórter no local do acontecimento	<b>Abertura:</b> descritiva. <b>Desenvolvimento:</b> de cenas. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	2'18''	Não há
Aumento dos combustíveis (p.2)	1 sonora, 1 fonte	Ao vivo e simultânea, com repórter no local do acontecimento	<b>Abertura:</b> descritiva. <b>Desenvolvimento:</b> de cenas e de casos. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	2'05''	1 documento vivo
Pais rifam carro	2 sonoras, 1 fonte.	Mista (repórter ao vivo, sonoras gravadas).	<b>Abertura:</b> de citação. <b>Desenvolvimento:</b> cronológica e por blocos. <b>Fechamento:</b> de ação.	5'28''	2 documentos vivos
A ascensão do EAD	49 sonoras, 24 fontes.	Diferida/ gravada. Repórter parcialmente no local dos acontecimentos.	<b>Abertura:</b> resumo do conteúdo. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos, mas também de casos a cada bloco. <b>Fechamento:</b> misto de conclusão com moral da história.	35'42''	49 documentos vivos.
Falta de transporte escolar	3 sonoras, 3 fontes	Mista (repórter ao vivo e entrevistas gravadas).	<b>Abertura:</b> resumo do conteúdo. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos e também de casos. <b>Fechamento:</b> de conclusão.	6'49''	3 documentos vivos
MP-RS desarticula cartel	Não há sonoras.	Ao vivo e simultânea.	<b>Abertura:</b> resumo do conteúdo. <b>Desenvolvimento:</b> Mais próximo à divisão por blocos. <b>Fechamento:</b> de caso.	1'30''	Não há
Time de São Leopoldo	4 sonoras, 3 fontes.	Ao vivo e simultânea, com repórter no local do	<b>Abertura:</b> misto de paródia com narrativa. <b>Desenvolvimento:</b> por blocos.	5'45''	4 documentos vivos

		aconteci- mento.	<b>Fechamento:</b> de moral da história.		
--	--	---------------------	---	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor

A reportagem com o título resumido no quadro 18 sobre abate clandestino de cavalos foi registrada no site da GZH, que integra a Rádio Gaúcha, como “Investigados por abate clandestino de cavalos para fazer hambúrguer lavavam a carne para disfarçar mau cheiro”. Ela foi ao ar no programa Gaúcha Atualidade, entre 8h e 10h da manhã do dia 18 de novembro de 2021. A duração da reportagem veiculada na emissora é de sete minutos e um segundo (7’01”) e foi realizada pelo repórter Eduardo Matos. A reportagem foi realizada ao vivo, utilizando apenas as sonoras gravadas. Não entendemos a reportagem como mista, já que as sonoras não se tratam de entrevistas gravadas pelo repórter, mas sim da veiculação de três reproduções de escuta telefônica, servindo como complemento à realização do vivo. A cabeça/introdução foi realizada no estúdio, em Porto Alegre (RS), pela âncora Andressa Xavier, que dialogou por alguns momentos com Eduardo Matos, em Caxias do Sul (RS) ao longo da reportagem. Quanto às sonoras, como documentos vivos, são três arquivos de áudio com trechos das gravações telefônicas revelando conversas dos envolvidos no crime de abate clandestino de cavalos, investigado pelo Ministério Público do Rio Grande do Sul, em que a reportagem acompanhou o cumprimento de mandado de prisão dos suspeitos. Quanto à estrutura básica, a abertura ocorreu como um resumo de conteúdo, com o repórter situando o ouvinte sobre sua localização e sobre o teor da investigação. O desenvolvimento ocorreu por blocos distintos, com o primeiro quando o repórter explica como o crime vinha acontecendo, o segundo revelando as conversas por telefone entre os investigados e o terceiro quando ele se aproxima e narra sobre o local onde as equipes de fiscalização estão desenterrando os restos dos animais. O fechamento ocorreu em forma de conclusão, embora parcial, quando o repórter fala sobre a confirmação dos investigadores diante das provas do crime.

A cobertura da Gaúcha sobre o caso gerou uma reportagem especial, disponibilizada na plataforma *soundcloud* da emissora em abril de 2022, intitulada como “Desarticulada quadrilha que vendia carne de cavalo como se fosse de gado no RS”. A reportagem também é conduzida pelo jornalista Eduardo Matos e teve duração de 13 minutos e 21 segundos (13’21”). Trata-se de uma reportagem diferida/gravada, mas com o repórter no local dos acontecimentos. Do total de oito sonoras utilizadas, quatro são reproduções de escuta telefônica, sendo uma delas veiculada duas vezes, somando sete documentos vivos no total. Foram duas fontes entrevistadas gravadas pelo repórter, um promotor de justiça e um fiscal agropecuário do

governo do estado, que falaram direto do local do flagrante sobre a investigação, no dia 18 de novembro de 2021. A abertura ocorreu por citação, com um trecho da gravação da escuta telefônica da investigação. O desenvolvimento aconteceu por blocos, com a primeira parte recuperando as informações e contextualizando o assunto; a segunda parte revelando as escutas telefônicas; a terceira parte recuperando a narração ao vivo do repórter direto do local do flagrante do crime, com as sonoras dos investigadores. O fechamento é considerado de retorno ao início, repetindo o trecho de áudio da escuta telefônica que abriu a reportagem, formando uma estrutura circular.

As reportagens marcadas no quadro 18 como “Aumento dos combustíveis” foram analisadas em duas emissões, onde o repórter Tiago Boff vai às ruas de Porto Alegre para relatar a situação sobre o aumento nos derivados de petróleo e compara os preços de óleo diesel com a gasolina. As duas reportagens foram veiculadas no dia 20/06/2022 no programa Gaúcha Atualidade. A primeira, às 8h23 e a segunda, às 9h07. As duas participações do repórter foram ao vivo, com sua presença no local dos acontecimentos, no caso, nos postos de combustíveis. A primeira reportagem (parte 1) teve duração de dois minutos e 18 segundos (2’18”) e não teve sonoras, portanto nenhum documento vivo nem reconstrução. A segunda reportagem (parte 2) durou dois minutos e cinco segundos (2’05”) e teve uma sonora de uma fonte, como documento vivo: trata-se de uma entrevista ao vivo com um motorista de aplicativo, onde o repórter fez várias perguntas curtas sobre o impacto do aumento para o consumidor. As duas reportagens tiveram aberturas descritivas, com o repórter ao vivo descrevendo seu local de apuração jornalística e o que ele já observou a respeito dos aumentos de preços. O desenvolvimento de ambas é de cenas: na primeira apenas pela narração dos cenários captados e narrados pelo repórter; na segunda, também pela sua narração, mas acrescido de um desenvolvimento de casos, já que expos um caso de um consumidor. O fechamento de ambas é de conclusão, pois o repórter resume o apanhado de preços que conferiu para encerrar sua intervenção ao vivo e passar a palavra para as apresentadoras no estúdio.

Cabe o registro de que as duas reportagens sobre o aumento de combustíveis não são intervenções isoladas sobre o assunto, que pautou pelo menos dois dias do programa. No dia 20/06/2022, as âncoras e apresentadoras comentaram o assunto sobre aumento dos combustíveis na maior parte do programa, que vai ao ar entre 8h10 e 10h da manhã, inclusive entrevistando um dirigente do setor no Rio Grande do Sul. No dia 21/06/2022, o quadro “Mais Vozes” do programa Gaúcha Atualidade levou 4 entrevistados para falar ao vivo sobre o tema aumento dos combustíveis: os(as) presidentes da Federação dos Caminhoneiros do Rio Grande do Sul, da federação das empresas de carga do estado, da associação de transporte escolar de

Porto Alegre e do Sindicato dos motoristas por aplicativo do Rio Grande do Sul. Durante 28 minutos de entrevista, foi dada a continuidade à pauta do dia anterior, ilustrada e exemplificada pelas reportagens nas ruas.

A reportagem “Pais rifam carro para pagar tratamento” foi ao ar na emissora no dia 18/05/2021, no programa Gaúcha Hoje, entre 5h e 8h da manhã, com o repórter Tiago Boff. A duração foi cinco minutos e 28 segundos (5’28”) em uma transmissão mista, com repórter ao vivo, mas sonoras gravadas. As duas sonoras, como documentos vivos, são da mesma fonte, o pai do jovem Bruno, que foi vítima de um acidente e a família resolveu fazer uma rifa para pagar o tratamento e demais despesas. A abertura é de citação, pois a reportagem abre com uma pequena introdução do repórter sobre o assunto, mas logo em seguida já roda uma citação/sonora de um minuto e 11 segundos do pai do jovem para explicar melhor o caso. O desenvolvimento é de forma cronológica na primeira parte, quando o repórter conta como aconteceu o acidente e o processo de recuperação da vítima. Também é em blocos, já que existe uma segunda parte, não cronológica, quando o repórter passa detalhes sobre a o estado do jovem e da rifa. O fechamento é de ação, pois é quando são divulgados os dados e contatos para a população poder colaborar com doações.

A reportagem intitulada “A ascensão do EAD. Especialistas são cautelosos ao avaliar ensino a distância” foi veiculada no programa Gaúcha Atualidade da emissora, entre 8h10 e 10h da manhã no dia 03 de janeiro de 2020. Foi produzida pelo repórter Eduardo Matos e teve duração de 35 minutos e 42 segundos (35’42”). A reportagem foi emitida de forma gravada/diferida e só há o registro em áudio da participação do repórter no local dos acontecimentos para entrevistar uma das fontes e relatar sua observação do local. Foram utilizadas 49 sonoras de 24 fontes diferentes, todas como documentos vivos. Os entrevistados são: dirigentes de entidades patronais da área da educação superior privada; dirigentes de instituições de ensino privada, pública, com ou sem ensino à distância (EAD); vários estudantes, professores e especialistas da área. Quanto à estrutura básica, a abertura ocorre como um resumo do conteúdo, onde o repórter descreve vantagens em estudar à distância, a cautela recomendada e a origem da modalidade. O desenvolvimento ocorre por blocos, nitidamente separados por vinhetas com locução destacando o subtema de cada parte. Porém, dentro de cada bloco, a história é explorada pela exposição de casos distintos que se ligam uns aos outros de alguma forma, seja na convergência ou em sua contradição. O fechamento é um misto de conclusão com moral da história, quando é destacada a importância do EAD, tema da reportagem, sobre o que pode ocorrer para quem procura emprego sendo egresso de um curso à distância.

A reportagem sobre “Falta de transporte escolar”, no quadro 18, é intitulada no site GZH como “Três meses após o começo das aulas, estudantes ainda sofrem com a falta de transporte escolar” e foi veiculada na emissora de rádio no dia 07/06/2022, às 9h20, dentro do programa Gaúcha Atualidade. A reportagem é de Guilherme Millmann, que entra ao vivo, dialogando com as âncoras do programa, mas veiculando as sonoras de forma gravada (reportagem mista). São três sonoras de três fontes, todas como documentos vivos. As fontes ouvidas foram três mães de alunos que estão sendo prejudicados pela falta de transporte para ir às suas escolas em cidades do interior do Rio Grande do Sul. A abertura funciona como um resumo do conteúdo apontando os oito municípios que estavam com problemas no transporte escolar. O desenvolvimento ocorre por blocos, mas também de casos, já que o primeiro bloco explica o problema e o último bloco apresenta na voz do repórter as justificativas dos órgãos públicos, mas os blocos intermediários abordam as três histórias de mães que têm filhos ou sem aula ou com precariedade no ensino em função da ausência de transporte. O fechamento é de conclusão e o repórter chama o ouvinte para ler a matéria no site do GZH (Rádio Gaúcha e Jornal Zero Hora) para conferir histórias de outros pais de alunos afetados, a visão de especialistas sobre o impacto no aprendizado dos estudantes e a situação específica de cada município, abordagens que não fizeram parte desta reportagem em áudio no rádio hertziano.

A reportagem “MP-RS desarticula esquema de cartel de combustíveis em Porto Alegre” foi ao ar no dia 30/11/2021 no programa Gaúcha Hoje, às 7h32 da manhã, sob a responsabilidade do jornalista Eduardo Matos. A duração da reportagem é de um minuto e 30 segundos (1’30”), emitida ao vivo e de forma simultânea ao acontecimento. Não há sonoras, portanto sem documentos vivos ou reconstruídos. A abertura ocorre como um resumo do conteúdo, onde o repórter se dirige ao âncora do programa, situando o ouvinte sobre uma operação do Ministério Público do Rio Grande do Sul para desarticular um suposto esquema de acerto de preços entre donos de postos de combustíveis em Porto Alegre. A forma que a reportagem foi desenvolvida não se enquadra em nenhuma das subcategorias de análise utilizadas neste estudo, mas está mais próxima da divisão por blocos, mesmo havendo apenas uma narração contínua em texto corrido: primeiro fala sobre a operação que está acontecendo e depois sobre o histórico das investigações. O fechamento é de caso, já que revela um caso de um dono de posto, flagrado em escuta telefônica, falando sobre a troca rápida das placas de preços em seu estabelecimento. Mas a cobertura sobre o assunto continuaria na programação, com o repórter anunciando mais detalhes em seguida em novas participações ao vivo.

A reportagem “Time de São Leopoldo incentiva a adoção de cães” foi veiculada no dia 21/04/2022, no programa Gaúcha Hoje, entre 6h e 8h da manhã. A duração é de cinco

minutos e 45 segundos (5'45'') com a condução do repórter Tiago Boff, ao vivo, no local e simultaneamente aos acontecimentos. Há 4 sonoras, com 3 fontes entrevistadas ao vivo no local, configurando como documentos vivos. As fontes entrevistadas são o vice-presidente do time Aimoré, da cidade de São Leopoldo, e duas organizadoras da ação sobre doação de cães, incentivada pelo clube de futebol. A abertura é um misto de paródia com narrativa: paródia por usar uma frase conhecida e ilustrativa "é muito mais que futebol"; e narrativa por lembrar a história da despedida do jogador D'Alessandro do Clube Internacional de Futebol, como comparativo à ação, tema da reportagem. O desenvolvimento ocorre por blocos, divididos entre a exposição do tema, o assunto futebol e a ideia da ação de adoção. O fechamento acontece como moral da história, explicando que o clube Aimoré quer mudar a realidade dos animais domésticos.

Quadro 19: Síntese da análise da tipologia das reportagens da Gaúcha – rádio hertziano

	Categoria de análise: Tipologia		
	Subcategorias de análise		
Reportagem	Fatos, ação, documental	Tipo	Gênero
Abate clandestino de cavalos	Fatos	Boletim de reportagem (estendido).	Predominantemente informativo.
Desarticulada quadrilha que vendia carne de cavalo	Fatos	Reportagem Especial	Predominantemente informativo, com poucas nuances interpretativas.
Aumento dos combustíveis (p.1)	Fatos	Boletim de reportagem.	Predominantemente informativo.
Aumento dos combustíveis (p.2)	Fatos	Boletim de reportagem.	Predominantemente informativo.
Pais rifam carro	Fatos	Boletim de reportagem.	Predominantemente informativo.
A ascensão do EAD	Documental	Grande Reportagem/ Reportagem Especial.	Predominantemente informativo, com nuances interpretativas.
Falta de transporte escolar	Fatos	Reportagem contextualizada.	Predominantemente informativo.
MP-RS desarticula cartel	Fatos	Boletim de reportagem.	Predominantemente informativo.

Time de São Leopoldo	Fatos	Boletim de reportagem.	Predominantemente informativo.
----------------------	-------	------------------------	--------------------------------

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme destacado no quadro 19, todas as produções da Rádio Gaúcha analisadas são consideradas como reportagens de fatos (*fact-story*), com exceção da reportagem sobre a ascensão do EAD, caracterizada como documental (*quote-story*). A objetividade narrativa foi predominante na maioria delas, mesmo naquelas com maior grau de aprofundamento e contextualização, como a reportagem especial sobre a quadrilha que vendia carne de cavalo.

Em praticamente todas essas reportagens de fatos observadas, o jornalista demonstra um certo distanciamento em relação aquilo que narra, sem envolvimento na ação ocorrida e sem produzir base relevante de documentos, como entrevistas, dados, etc. Nas duas reportagens sobre o abate de cavalos há uma maior inserção do repórter dentro do acontecimento, comuns em coberturas simultâneas às ocorrências, com alguns momentos em que até sugere ares de *action story*. Apesar disso, não chega a ditar um ritmo cronológico e imprevisível em seus resultados, como seria comum em reportagens de ação (*action-story*), no caso.

Mesmo em reportagens ao vivo, como nas duas sobre o aumento dos combustíveis, sobre o cartel de combustíveis e sobre a campanha do time de São Leopoldo, quando os repórteres dialogam mais com os apresentadores e conduzem as narrativas com maior descontração, a objetividade no método de coleta de informações ainda é predominante. Todas essas quatro produções são típicas de reportagens externas, em forma de boletim ao vivo.

Já a reportagem sobre a ascensão do EAD é documental, pois produz um amplo repertório de documentos com informações, análises e opiniões de fontes diversas que, juntas, acabam por gerar um novo e grande documento contemporâneo sobre a modalidade de ensino. É o tipo de material que se torna menos efêmero após sua produção, devido a uma riqueza maior de informações menos perecíveis que são coletadas e articuladas entre si.

A reportagem sobre o EAD também pode ser classificada tanto como reportagem especial como grande reportagem. É grande reportagem devido à sua duração (35'42") e à expansão de fontes, perspectivas distintas e situações diferenciadas a respeito do tema. Pode ser também uma reportagem especial, pois, se mais compactada e dividida em módulos, acabaria se transformando em uma série onde cada bloco se tornaria autossuficiente e ao mesmo tempo integrado aos demais. Essa produção se tornou predominantemente informativa pela forma de narração e de distribuição das fontes, mas a contribuição interpretativa aconteceu muito mais pelos relatos dos entrevistados (sonoras).

Outra reportagem especial analisada é sobre a quadrilha desarticulada que vendia carne de cavalo. É especial porque já se tornou atemporal, reunindo trechos de outras matérias factuais e formando um contexto maior sobre o caso. Apesar de ser predominantemente informativa, possui algumas nuances interpretativas, especialmente por sua edição, com música e geração de clima de suspense. Diferente de reportagem sobre o mesmo tema apresentada ao vivo (abate clandestino de cavalos), predominantemente informativa, sem edição e caracterização dramática e apresentada em forma de boletim do repórter, apesar de estendido e ainda não contextualizado como emissão isolada.

A matéria sobre a falta de transporte escolar pode ser considerada uma reportagem contextualizada, pois vai além de um boletim e busca avançar um grau a mais no aprofundamento e no contexto geral, mas não de maneira tão ampla como ocorre nas reportagens especiais. Ela se transforma em uma reportagem especial quando publicada no site, conforme veremos adiante. As demais reportagens analisadas na Rádio Gaúcha podem ser caracterizadas como boletins e de predominância informativa, devido à brevidade de suas emissões e da clara intenção de apresentar um recorte do assunto pautado naquele momento.

Quadro 20: Síntese da análise sobre o acontecimento jornalístico das reportagens da Gaúcha – rádio hertziano

	<b>Categoria de análise: Acontecimento jornalístico</b>			
	<b>Subcategorias de análise</b>			
<b>Reportagem</b>	<b>Aprofundamento</b>	<b>Humanização</b>	<b>Temporalidade</b>	<b>Previsibilidade</b>
Abate clandestino de cavalos	Aprofundamento relativo na emissão, mas o aprofundamento e a contextualização ocorrem na cobertura total do fato.	Não há.	Fato atual, acontecimento flagrante. Estende-se temporalmente aos dois meses relatados sobre a investigação. Sem projeção para fatos posteriores nesta emissão.	Imprevisível. A reportagem ocorreu simultaneamente ao flagrante.
Desarticulada quadrilha que vendia carne de cavalo	Há aprofundamento, já que apresenta um histórico completo da situação com	Não há.	Fato atual, recuperando o flagrante do acontecimento. Estende-se	Semiprevisível, pois os fatos já haviam sido divulgados em emissões

	repórter no local do flagrante. Há contextualização na narração dos detalhes e das consequências.		temporalmente aos dois meses relatados sobre a investigação. Não faz projeção para fatos posteriores.	anteriores pela emissora.
Aumento dos combustíveis (p.1)	Não há aprofundamento nesta emissão, mas na cobertura total sobre o tema. O contexto na emissão envolve apenas o comparativo de preços.	Não há.	Fato atual.	Previsível.
Aumento dos combustíveis (p.2)	Não há aprofundamento nesta emissão, mas na cobertura total sobre o tema. O contexto na emissão envolve apenas o comparativo de preços.	Não há.	Fato atual.	Previsível.
Pais rifam carro	Não há aprofundamento sobre o tema, mas há o detalhamento sobre a história singular. Não houve ampliação a um contexto maior.	História parcialmente humanizada.	Fato atual que explora um antecedente, mas não projeta o futuro.	Semiprevisível, com situação já conhecida, mas reunindo fatos novos.
A ascensão do EAD	Há aprofundamento sobre o tema. Contextualiza o assunto com muitos dados e depoimentos.	Praticamente não há.	Fato contemporâneo com atualização de informações.	Previsível, pelo fato de que os números já estavam dispostos ao público. Semiprevisível pelos relatos das fontes.

Falta de transporte escolar	Há aprofundamento quanto ao estado do problema e nas situações singulares. A contextualização ocorre especialmente nos contrapontos.	Há aspectos parciais de humanização.	Fato contemporâneo com atualização de informações.	Semiprevisível, pois é um problema conhecido da sociedade, mas que pode ser alterado a qualquer momento.
MP-RS desarticula cartel	O aprofundamento ocorre pela cobertura total do fato, mas não neste boletim isoladamente. Resumo do repórter contextualiza o fato.	Não há.	Fato atual, acontecimento flagrante.	Imprevisível. A reportagem ocorreu simultaneamente ao flagrante.
Time de São Leopoldo	Há pouco aprofundamento, e praticamente não há contextualização	Não há, apesar de a história se referir a uma ação social.	Fato atual.	Imprevisível, pois repórter vai ao local ao vivo relatar casos até então desconhecidos pelo público.

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme destacado no quadro 20, na reportagem do abate clandestino de cavalos, o aprofundamento é relativo na emissão, com repórter recuperando as informações sobre a investigação, mas ainda sem maior detalhamento. O aprofundamento ocorre de fato durante a cobertura total do acontecimento e de seus desdobramentos. O mesmo se verifica na contextualização, pois as conexões mais amplas sobre o processo de investigação - o abate clandestino e as vendas da carne proibida para hamburguerias - ocorrerão no conjunto da cobertura. É o que ocorre na reportagem especial sobre o assunto (“Desarticulada quadrilha que vendia carne de cavalo”, no quadro 20): há aprofundamento e maior explicação sobre o fato, com a apresentação de um histórico completo da situação, além da presença do repórter no local do flagrante, presente nas duas emissões. Há também ampla contextualização, unindo fatos anteriores, que são o curso da investigação, fatos atuais, em torno do flagrante, e, embora não projete fatos posteriores, cita algumas consequências, como a informação de que após a

operação houve maior cautela na compra de alimentos por parte dos restaurantes. A reportagem narra, assim, os detalhes e as consequências, exhibe as escutas e ouve investigador e fiscal, articulando a multiangulação necessária para uma reportagem especial.

As duas reportagens abordam, portanto, fatos atuais, sendo que ambas se estendem temporalmente aos dois meses de investigação, mas sem fazer projeção para o futuro durante a emissão, a não ser com âncora anunciando que o repórter voltará ao ar com novas informações. Na segunda, há a citação das consequências, que já observamos. Não há elementos de humanização nas duas reportagens sobre a venda de carne de cavalo. Quanto à previsibilidade, na primeira reportagem, o fato é considerado imprevisível, com a participação do repórter ocorrendo simultaneamente à atuação das equipes do ministério público, polícia e governo que estavam flagrando o local clandestino. A segunda pode ser considerada como semiprevisível, pois os fatos já haviam sido divulgados em emissões anteriores pela emissora e por outros canais de comunicação.

Nas duas reportagens sobre o aumento dos combustíveis (partes 1 e 2), não é observado aprofundamento sobre o tema se considerarmos as duas emissões de forma isolada. O aprofundamento ocorre pelo conjunto da cobertura jornalística que incluiu entrevistas com representantes do setor no mesmo programa do dia seguinte. Da mesma forma, o contexto foi explorado também pela cobertura como um todo. Nas reportagens, isoladamente, a contextualização se limita ao comparativo de preços dos combustíveis. Não há aspectos de humanização em ambas as emissões e o espaço-temporal é limitado ao tempo presente. Trata-se também de um fato previsível, já que o anúncio sobre o reajuste dos preços havia sido divulgado nas datas anteriores à realização das reportagens.

Na reportagem sobre os pais rifando carro para tratamento de saúde do filho, não há exatamente um aprofundamento sobre o tema em si, mas envolve aspectos singulares da história, focalizando um caso específico. O contexto não chega a ser ampliado para outras variáveis e fatos relacionados. Há parcialmente um aspecto de humanização, devido aos detalhes sobre a vítima narrados pelo repórter e contados pelo pai. O recorte temporal se situa no presente, pois o fato principal é a realização da rifa, mas que explora acontecimento anterior (acidente) e não projeta para o futuro, a não ser o pedido de doações para a família, dentro das características da busca à ação, comum no jornalismo de serviços. O fato também pode ser considerado como semiprevisível, pois a situação da vítima já era relativamente conhecida pelo público, mas a reportagem reúne fatos novos, como a existência e o resultado da rifa a favor da vítima.

Na reportagem sobre a ascensão do EAD, há um grande aprofundamento sobre o tema, abordando, em blocos, várias perspectivas e pontos de vista sobre o assunto. A reportagem consegue contextualizar o assunto ao trazer muitos dados e vários depoimentos, com perspectivas diferenciadas. Não é possível observar aspectos de humanização na história, salvo, de maneira muito discreta, quando é relatada a experiência pessoal de algumas das fontes ouvidas. O fato é contemporâneo, com atualização de informações e pouca projeção para o futuro. A reportagem trata de um tema conhecido, com fatos previsíveis, já que os números estavam dispostos ao público antes da reportagem. No entanto, é semiprevisível pelo relato das fontes ouvidas e suas experiências pessoais.

A reportagem sobre falta de transporte escolar traz um aprofundamento sobre o assunto, principalmente quanto ao estado do problema apresentado e na situação singular das famílias ouvidas pela reportagem. A contextualização ocorre também, especialmente quanto à questão dos contrapontos, narradas em texto pelo repórter. Há também aspectos parciais de humanização, já que narra em texto e sonora, a situação singular dos afetados, suas dificuldades específicas e detalhes sobre as condições de cada família. Trata-se de um fato contemporâneo com atualização de informações e semiprevisível, pois apesar de ser um problema conhecido da sociedade, poderia ser alterado a qualquer momento pela dinâmica governamental.

Na reportagem do MP-RS desarticulando um cartel, o aprofundamento ocorre pela sequência de intervenções do repórter e pelas publicações das escutas telefônicas no site da emissora, mas não neste boletim isoladamente. Há um resumo narrado pelo repórter que não aprofunda, mas contextualiza o fato. Não há humanização na história e o fato abordado é atual, com o acontecimento flagrante, o que o torna imprevisível, já que o boletim de reportagem ocorreu simultaneamente à atuação da equipe do ministério público.

A reportagem sobre o time de São Leopoldo e a adoção de cães traz pouco aprofundamento, já que fala sobre a ação que o clube desenvolve. Praticamente não há contextualização e não há humanização, mesmo que a história esteja se referindo a uma ação social. É um fato atual e imprevisível. Apesar de narrar uma ação ocorrida no dia anterior, o repórter vai ao local ao vivo relatar o caso e entrevistar as fontes envolvidas.

#### **5.1.4 Adaptações e transformações na estrutura das reportagens nos ambientes hertziano e digital**

O passo a seguir na descrição desta pesquisa é verificar a presença de características envolvendo fatores como a hipertextualidade e a memória nas 55 reportagens radiofônicas

publicadas nos websites das emissoras. Não se trata aqui de estabelecer uma análise comparativa entre o hertziano e o digital, mas de observação sobre aspectos de complementaridade em relação ao áudio veiculado na programação. Desta forma, tratamos de identificar traços, indícios e outros elementos sonoros e parassonoros<sup>39</sup> que possam ter contribuído para um processo de integração das reportagens emitidas em canais diferenciados a partir das ferramentas existentes nos sites e também como o áudio que foi veiculado no ar é reaproveitado nas páginas da internet. Para isso, a prioridade da análise centra-se nos sites de cada emissora, sem a necessidade de analisar e avaliar todas as outras ferramentas digitais que cada uma utiliza no seu cotidiano, como mídias sociais ou plataformas externas de áudio e vídeo.

#### 5.1.4.1 Integração das reportagens da Rádio CBN

As 38 reportagens analisadas e que veicularam no espaço hertziano da Rádio CBN também foram publicadas no site da emissora. A partir das duas categorias de análise para as reportagens radiofônicas nas plataformas digitais e suas subcategorias definidas neste trabalho, apresentamos a seguir uma sequência de quadros-síntese da análise de cada agrupamento de reportagens. O quadro 21 resume a presença ou não de hipertextualidade na série de reportagens sobre o centenário da Semana de Arte Moderna no Brasil:

Quadro 21: Síntese da análise sobre hipertextualidade da série de reportagens “O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922” – site da CBN

	Categoria de análise: Hipertextualidade			
	Subcategorias de análise			
Reportagem	Uso de hiperlinks	Integração áudio, texto, hiperlink	Blocos de informação	Propagabilidade
Capítulos 1, 2, 3 e Versão ampliada	Não há	Isolamento entre texto e áudio. Sem hiperlink.	Divisão simplificada entre texto, áudio e imagem.	Há botões de compartilhamento

Fonte: Elaborado pelo autor

<sup>39</sup> Adotamos o termo “parassonoro” para os elementos multimídia que compõem uma publicação radiofônica na internet, mas mantendo a predominância sonora. De acordo com KISCHINHEVSKY e MODESTO (2014, p.19), fazem parte dos elementos parassonoros “fotos, vídeos, ícones, infográficos e outras ilustrações de sites de emissoras, toda a arquitetura de interação (botões de compartilhar, etiquetar, curtir, espaços para comentários), textos, hiperlinks, perfis de estações ou de comunicadores em serviços de *microblogging* e sites de relacionamento, aplicativos para web rádio ou *podcasting*, serviços de rádio social”.

Os arquivos de áudio dos três capítulos da série “O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922” foram publicados no site da emissora quase de forma simultânea à sua primeira veiculação no espaço hertziano, nos dias 14, 15 e 16 de fevereiro de 2022, conforme é possível verificar na figura 11 a seguir:

Figura 11: Publicação dos três capítulos da série “O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922” no site da CBN



Fonte: Rádio CBN. <https://bityli.com/wlmdBc>; <https://bityli.com/UEheUhd>; <https://bityli.com/qGNWZJ>.  
Acesso em: 10 ago. 2022

As publicações do áudio das reportagens contemplaram também um texto adicional, funcionando como uma introdução, similar à cabeça em produções sonoras, ou mesmo como um *teaser* ou uma abertura. Há o incremento das imagens nas publicações, como ilustração comum do webjornalismo. Tanto nos capítulos como na versão ampliada não há a utilização de hiperlinks no texto das reportagens, o que não permite a navegação para fatos anteriores, por exemplo, através de indexadores por hipertexto ou via *tags*. No entanto, há a presença de links para “conteúdo relacionado” após a matéria. Há, desta forma, um isolamento entre o texto e o áudio, que pode ser consumido via *streaming* ou *download*. Sem a presença de hiperlinks, não há a presença de blocos informativos que sejam independentes, autoexplicativos e interconectados. Podemos considerar que apenas há o bloco do texto, do áudio e das imagens. Há também os botões de compartilhamento para as redes sociais, e-mail ou site próprio, o que garante as condições de propagabilidade do conteúdo. Mas tanto nas versões para *desktop*, como *mobile* e aplicativo, a publicação inteira é compartilhada e não apenas o áudio.

Já a versão ampliada da reportagem ganhou duas publicações no site, no dia 11/02/2022, quando também veiculou na emissora. Foi publicada como conteúdo normal no

site e também na seção de *podcasts*, no “CBN Mais”, conforme podemos verificar na figura 12 a seguir:

Figura 12: Publicação da podcast/versão ampliada da série “O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922” no site da CBN



Fonte: Rádio CBN. <https://bityli.com/qXJhPV>; <https://bityli.com/apNqIz>. Acesso em: 10 ago. 2022

O formato de publicação da versão ampliada (imagem da direita na figura 12) é similar ao dos capítulos. Já a publicação no espaço do *podcast* “CBN Mais” não acompanha imagens (lado esquerdo na figura 12), pois compreende um material voltado ao internauta que busca apenas áudio. O texto, neste caso, acaba se tornando um indexador de conteúdo. Como outras publicações de *podcast* da emissora em seu site, também não há botões de compartilhamento do conteúdo, havendo apenas texto e botão de acionamento do áudio. O quadro 22 a seguir resume como é constituída a base de memória na versão da web das reportagens:

Quadro 22: Síntese da análise sobre memória da série de reportagens “O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922” – site da CBN

	Categoria de análise: Memória	
	Subcategorias de análise	
Reportagem	Aprofundamento	Armazenamento
Capítulos 1, 2, 3 e Versão ampliada	Não amplia pela internet	Áudio, texto introdutório e imagens.

Fonte: Elaborado pelo autor

O aprofundamento das reportagens não é ampliado pela sua publicação na internet, já que o texto está presente apenas para convidar o internauta a clicar no botão de acionamento do áudio e ouvir a reportagem que foi veiculada no rádio hertziano. O breve texto também serve como armazenamento e indexador de conteúdo. As imagens atuais do Teatro Municipal de São

Paulo (local da Semana em 1922) e as fotos históricas de artistas compõem a documentação que auxiliam na formação de memória. Mas o principal armazenamento na publicação é o próprio áudio da reportagem, disponível com facilidade para o internauta.

Na série “História das copas do mundo”, os arquivos de áudio dos 29 capítulos analisados foram publicados no site da emissora entre 02/05 e 09/06/2022, em publicações diárias entre segundas e sextas-feiras, de acordo com a veiculação das reportagens na emissora. Conforme já explicado, nossa análise se concentra em apenas 29 capítulos, já que a veiculação da série estava em andamento durante nossa pesquisa.

Quanto à publicação na internet, há um determinado padrão adotado em todos os capítulos da série. O quadro 23 a seguir resume a questão da hipertextualidade na série de reportagens:

Quadro 23: Síntese da análise sobre hipertextualidade da série de reportagens “História das copas do mundo” – site da CBN

	<b>Categoria de análise: Hipertextualidade</b>			
	<b>Subcategorias de análise</b>			
<b>Reportagem</b>	<b>Uso de hiperlinks</b>	<b>Integração áudio, texto, hiperlink</b>	<b>Blocos de informação</b>	<b>Propagabilidade</b>
Capítulo s 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29.	Não há	Isolamento entre texto e áudio. Sem hiperlink.	Divisão simplificada entre texto, áudio e imagem.	Há botões de compartilhamento

Fonte: Elaborado pelo autor

Da mesma forma que na série sobre a Semana de arte moderna, aqui o áudio das reportagens foi acompanhado de um pequeno texto introdutório e imagem relativa à edição da copa que foi tema de cada capítulo. Na figura 13 a seguir, apresentamos um dos exemplos entre as 29 reportagens, que mantiveram os mesmos padrões de publicação no site da emissora:

Figura 13: Publicação da série de reportagens “História das copas do mundo” – site da CBN

SEGUNDA, 02/05/2022, 09:34

Histórias da Copa do Mundo

### #1 - A primeira Copa, em 1930

Este é o primeiro capítulo da série que contará a história das 21 edições do mundial. Em 2022, o torneio será jogado no Catar, em novembro. Em 1930, o país escolhido foi o Uruguai. Em um mundo cheio de incertezas pós- crise de 1929, aconteceria o inédito grande evento de seleções. A escolha desagradou países europeus. Itália e Áustria boicotaram a competição e apenas 13 nações confirmaram presença.

▶ DURAÇÃO: 00:02:23

🗘 🌐 📧 📧 📧



Uruguai, campeão da Copa do Mundo de 1930

Fonte: Rádio CBN. <https://bityli.com/daJrnKk>. Acesso em: 10 ago. 2022

Em todos os capítulos analisados, o padrão de publicação é o mesmo: não há hiperlinks no texto, que é curto e praticamente separado do áudio como blocos sequenciais. Não há tagueamento (*tags*), mas apenas links para “conteúdo relacionado”. O áudio pode ser ouvido por *streaming*, com disponibilidade de *download*. As condições de propagabilidade são garantidas pelos botões de compartilhamento para as redes sociais, e-mail, etc. O quadro 24 a seguir resume como é constituída a base de memória na versão da web das reportagens:

Quadro 24: Síntese da análise sobre memória da série de reportagens “História das copas do mundo” – site da CBN

	Categoria de análise: Memória	
	Subcategorias de análise	
Reportagem	Aprofundamento	Armazenamento
Capítulo s 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29.	Não amplia pela internet	Áudio, texto introdutório e imagens.

Fonte: Elaborado pelo autor

Não há ampliação do aprofundamento das reportagens pela publicação no site, pois o texto possui apenas uma função de introdução, mas o suficiente para compor o armazenamento junto às imagens e o áudio das reportagens completas. Por se tratar de uma série que aborda a história do futebol e das copas do mundo, as imagens em cada publicação contribuem para o incremento da constituição de memória no conjunto da produção.

A reportagem “Brasil perdia Elis Regina 40 anos atrás” e a sua versão ampliada para *podcast* foram publicadas respectivamente em 19/01/2022 e 14/01/2022. Veiculou primeiro como especial na rádio e como *podcast* para depois veicular como versão reduzida.

O quadro 25 a seguir resume a questão da hipertextualidade nas versões da reportagem:

Quadro 25: Síntese da análise sobre hipertextualidade da reportagem “Brasil perdia Elis Regina 40 anos atrás” – site da CBN

Reportagem	Categoria de análise: Hipertextualidade			
	Subcategorias de análise			
	Uso de hiperlinks	Integração áudio, texto, hiperlink	Blocos de informação	Propagabilidade
Versões compacta e ampliada em <i>podcast</i>	Não há	Isolamento entre texto e áudio. Sem hiperlink.	Divisão simplificada entre texto, áudio e imagem.	Há botões de compartilhamento

Fonte: Elaborado pelo autor

Aqui segue o mesmo padrão de publicação das reportagens analisadas anteriormente: sem hiperlinks no texto, sem *tags* e apenas links para “conteúdo relacionado”. O áudio também disponível por *streaming* e *download*. Os botões de compartilhamento seguem o padrão de publicação da emissora. Na figura 14 a seguir, é possível conferir as duas publicações:

Figura 14: Publicação da reportagem e do podcast/versão ampliada “Brasil perdia Elis Regina 40 anos atrás” – site da CBN



Fonte: Rádio CBN. <https://bityli.com/zYZpZZ>; <https://bityli.com/zhnUx>. Acesso em: 10 ago. 2022

Texto curto, áudio e imagem formam o conjunto de ambas as publicações. A versão compacta foi ao ar e ao site no dia em que foram completados 40 anos da morte da cantora. A adaptação para *podcast* foi lançada no final de semana.

O quadro 26 a seguir resume como é constituída a base de memória nas versões da web da reportagem:

Quadro 26: Síntese da análise sobre memória da reportagem “Brasil perdia Elis Regina 40 anos atrás” – site da CBN

	Categoria de análise: Memória	
	Subcategorias de análise	
Reportagem	Aprofundamento	Armazenamento
Versões compacta e ampliada em podcast	Não amplia pela internet	Áudio, texto introdutório e imagens.

Fonte: Elaborado pelo autor

Também da mesma forma que as reportagens anteriores, não há maior aprofundamento no site em relação ao que foi ao ar. As imagens se somam ao pequeno texto e ao áudio para reforçar as condições de memória.

Nas outras três reportagens avulsas da CBN, o padrão de publicação é semelhante. O quadro 27 resume a questão da hipertextualidade nas três reportagens em análise:

Quadro 27: Síntese da análise sobre hipertextualidade das reportagens isoladas da CBN – rádio hertziano

	Categoria de análise: Hipertextualidade			
	Subcategorias de análise			
Reportagem	Uso de hiperlinks	Integração áudio, texto, hiperlink	Blocos de informação	Propagabilidade
Greve do BRT	Não há	Isolamento entre texto e áudio. Sem hiperlink.	Divisão simplificada entre texto, áudio e imagem.	Há botões de compartilhamento
Tutores de Pets	Não há	Isolamento entre texto e áudio. Sem hiperlink.	Divisão simplificada entre texto, áudio e imagem.	Há botões de compartilhamento
Turismo em 2022	Não há	Áudio na abertura da reportagem em texto. Sem hiperlink.	Divisão entre texto, áudio e imagem, sem hiperligações.	Há botões de compartilhamento

Fonte: Elaborado pelo autor

Nas três reportagens não há hiperligações através do texto, nem *tags* e há apenas links para “conteúdo relacionado”. O áudio segue disponível normalmente por *streaming* e *download*. Os botões de compartilhamento seguem o mesmo padrão adotado em todas as publicações vistas.

A reportagem sobre o “Drama dos passageiros em dia de greve do BRT” foi publicada em 25/02/2022, menos de uma hora após entrar ao vivo na programação, conforme é possível conferir na figura 15 a seguir:

Figura 15: Publicação da reportagem sobre “Drama dos passageiros em dia de greve do BRT” – site da CBN

SEXTA, 25/02/2022, 11:01

Cidade

### Reportagem acompanha drama dos passageiros em dia de greve do BRT

A reportagem CBN está percorrendo as estações do BRT, que estão lotadas de usuários após funcionários do sistema entrarem em greve na madrugada desta sexta-feira. Os corredores Transcarioca e Transolímpica estão paralisados.

DURAÇÃO: 00:06:06



Passageiros esperam em estação do BRT em Madureira, na Zona Norte. Foto: Reprodução/ TV Globo

Fonte: Rádio CBN. <https://bitly.com/wDsajV> Acesso em: 10 ago. 2022

Aqui, observamos que os padrões de publicação seguem os mesmos já analisados nas reportagens anteriores, com as informações básicas para chamar o áudio que foi ao ar.

Da mesma forma, seguem as publicações da versão do site e *podcast* sobre os aplicativos para tutores de pets, publicados em 19/11/2021. A primeira foi ao site pela manhã e a segunda no horário noturno, conforme verificado na figura 16 a seguir:

Figura 16: Publicação da reportagem “Com o retorno das atividades, tutores de pets recorrem a aplicativos para manter cuidados” – site da CBN

SEXTA, 19/11/2021, 06:31

Cidade

### Com o retorno das atividades, tutores de pets recorrem a aplicativos para manter cuidados

Com o isolamento e home office, muitas pessoas passaram a ter contato com os animais 24 horas por dia, mas agora precisam de ajuda para dar banho e até passear. Empresários vêem aumento da procura nos últimos meses com a volta das atividades presenciais.

DURAÇÃO: 00:04:38



Cachorro. Foto: Pixabay

SEXTA, 19/11/2021, 21:02

CBN+

### Tutores de pet de volta ao trabalho presencial

A pandemia fez muita gente ficar em casa mais do que costumava e, conseqüentemente, atender as necessidades dos animais em tempo integral. Agora, com o retorno gradual das atividades, tutores estão recorrendo a aplicativos e serviços para manter os cuidados com os bichinhos. Empresários veem crescimento no setor nos últimos meses. Ouça os detalhes no podcast.

DURAÇÃO: 00:04:21



Tutores de pet de volta ao trabalho presencial

Fonte: Rádio CBN. <https://bitly.com/MYNiVU>; <https://bitly.com/qmZoWA>. Acesso em: 10 ago. 2022

As duas publicações mantêm o mesmo padrão das demais analisadas e são diferenciadas entre si apenas pela mudança de texto e de imagem, com o texto introdutório do podcast em tom mais coloquial.

A publicação da reportagem sobre a volta do crescimento do turismo foi realizada em 29/04/2022, menos de uma hora após ir ao ar na emissora, conforme podemos ver na figura 17:

Figura 17: Publicação da reportagem “Turismo volta a crescer em 2022, mas setor ainda tenta voltar ao patamar pré-pandemia” – site da CBN

**TURISMO, 29/04/2022, 07:00**

**Resumo**

**Turismo volta a crescer em 2022, mas setor ainda tenta voltar ao patamar pré-pandemia**

Com a melhora significativa no cenário da pandemia, o turismo brasileiro voltou a crescer. O faturamento do setor aumentou 18% no começo deste ano em relação ao mesmo período de 2021. A intenção agora é voltar, pelo menos, aos índices pré-pandemia. De acordo com especialistas, o Brasil ainda precisa de políticas e investimentos para atrair turistas estrangeiros, mas tem alto potencial para superar esse obstáculo.

**Por Vinícius Passarelli**

Com a melhora significativa no cenário da pandemia, o turismo brasileiro voltou a crescer. O faturamento do setor aumentou 18% no começo deste ano em relação ao ano passado. Já o segmento de agências de viagens cresceu quase 38% em 2021 em relação a 2020. A intenção, agora, é voltar ao menos aos índices pré-pandêmicos. De acordo com especialistas, o Brasil ainda carece de políticas e investimentos para atrair turistas estrangeiros, mas tem alto potencial para superar esse obstáculo.

O médico Egaré Ferreira é de Pelotas, no Rio Grande Sul, e desde o ano passado ele pretendia visitar amigos em São Paulo.

Por conta das restrições da pandemia, ele acabou adiando o passeio para este ano. Agora, ele relata que tem sentido o movimento na capital paulista gradativamente normalizado.

"Parece uma cidade que funciona normalmente, não tem nenhuma restrição importante, nenhum local fechado, eventos. Parece uma cidade retomando as suas atividades".

De acordo com o Conselho de Turismo da Federação do Comércio de São Paulo, em fevereiro deste ano, o faturamento do turismo nacional cresceu quase 18% em comparação com o mesmo período do ano passado, quando os números de casos e internações da pandemia ainda estavam elevados. Em comparação com fevereiro de 2020, no entanto, o saldo ainda é de mais de 15% negativo.

O turismo doméstico é o que vem puxando essa retomada no setor. Os destinos mais procurados continuam sendo regiões do nordeste, como Fortaleza, Natal, Maceió e Porto de Galinhas, de acordo com a ABAV, a Associação Brasileira de Agências de Viagem.

O atendente de um bar na Avenida Paulista, um dos principais pontos turísticos de São Paulo, diz que o aumento do movimento de turistas nos últimos meses é visível. Para Henrique Silva, no entanto, ele é ainda menor do que no período pré-pandemia, principalmente em relação aos estrangeiros.

"O que deu uma diminuição aqui foi a visita dos estrangeiros, que antigamente tinha uma frequência maior. Mas aos poucos tem aumentado, sim".

O taxista Valdo Vieira, que fica em ponto próximo da região, tem a mesma percepção. Ele diz que tem notado um aumento forte de turistas de outros locais do país, mas ainda poucos de fora, em relação ao que era até o início de 2020.

"Eu percebo esse aumento aqui nos hotéis da região. Mais o pessoal do nosso país mesmo, região nordeste, sul, pessoal de fora, de outros país, tem bem pouco ainda".

Para a professora de turismo da USP, Mariana Aldrigui, o Brasil ainda carece de mais políticas de promoção da imagem no exterior. Ela afirma que fatores como o idioma, a violência e a má gestão da pandemia afetam isso.

Mas, segundo a especialista, o país tem potencial turístico pra além dos clichês.

"O Brasil não é um país fácil de ser vendido pro estrangeiro, pela barreira idiomática, pelo fato de que a gente não tem uma imagem clara e constante consistente de campanhas que reforcem alguns aspectos. Por exemplo, o país do carnaval, o país do samba, o país do futebol ao longo de muitos anos, então as campanhas acabam sendo curtas e esporádicas e muitas vezes sem muita conexão".

Dados da Abav mostram que o Brasil atraiu entre 2013 e 2019 cerca de seis milhões de estrangeiros por ano, enquanto países europeus como a França atraem cerca de 90 milhões. Com a pandemia, em 2020, cerca de dois milhões de turistas de outros países visitaram o Brasil.

De acordo com integrantes do setor, um dos pontos mais importantes para promover a vinda de estrangeiros é o investimento no segmento do turismo receptivo, ou seja, aquele turismo voltado a receber pessoas de fora e garantir logística, segurança, hospedagens, roteiros, entre outros.

Para o presidente da Associação Brasileira de Turismo Receptivo, César Fernandes, a burocracia do setor público precisa diminuir para o setor engatar.

"O volume de leis que se sobrepõem ou que se contradizem nos âmbitos municipais, estaduais e federais são enormes. Para você ter uma ideia a gente tem que fazer dois, três seguros diferentes porque cada autarquia pede um seguro distinto. Isso vai gerando mais custos, mais ineficiência".

Para Fernandes, outro fator que pode melhorar para atrair estrangeiros ao país é o investimento em infraestrutura de comunidades e cidades menores, mas com alto potencial turístico, como áreas de vinícola no Sul do país ou cidades litorâneas menores, e não somente em grandes centros.

Fonte: Rádio CBN. <https://bityli.com/wvxGSw> Acesso em: 10 ago. 2022

De todas as reportagens da CBN analisadas, esta é a única que utiliza no site um texto mais ampliado em relação àquele que foi ao ar por áudio. Nos demais itens, mantêm os mesmos padrões das anteriores. Apesar de não possuir hiperlinks no texto, os blocos de informação são divididos no mesmo padrão que os blocos em áudio que foram ao ar, mas nenhum deles se torna autoexplicativo ou independente. O quadro 28 sintetiza as questões relacionadas à constituição de memória nas três reportagens na web:

Quadro 28: Síntese da análise sobre memória das reportagens isoladas da CBN – rádio hertziano

	Categoria de análise: Memória	
	Subcategorias de análise	
Reportagem	Aprofundamento	Armazenamento
Greve do BRT	Não amplia pela internet	Áudio, texto introdutório e imagens.
Tutores de Pets	Não amplia pela internet	Áudio, texto introdutório e imagens.
Turismo em 2022	Amplia pela internet	Áudio, texto e imagens.

Fonte: Elaborado pelo autor

Nas duas primeiras reportagens (Greve BRT e Tutores de Pets) não há ampliação do conteúdo na internet em relação ao que foi ao ar no rádio hertziano. E o armazenamento de conteúdo segue o padrão das demais reportagens analisadas, com áudio, imagens e um pequeno texto introdutório. A diferença está na reportagem “Turismo em 2022”, onde há uma extensão de conteúdo, que incluiu mais duas fontes entrevistadas, ampliando também o contexto sobre o acontecimento. O texto que segue em formato de notícia no site também auxilia o armazenamento de informações e seu potencial de constituição de memória.

#### 5.1.4.2 Integração das reportagens da Rádio Jovem Pan News

As oito reportagens analisadas e que foram ao ar na Rádio Jovem Pan News também foram publicadas nos espaços online da emissora, sete delas no site. A partir das duas categorias de análise para as reportagens radiofônicas nas plataformas digitais e suas subcategorias definidas neste trabalho, apresentamos a seguir como o conteúdo foi disponibilizado nesse espaço na web, através de quadros-síntese da análise e de imagens das publicações. O quadro 29 a seguir resume a presença ou não de hipertextualidade nas reportagens:

Quadro 29: Síntese da análise sobre hipertextualidade das reportagens – site Jovem Pan New

	Categoria de análise: Hipertextualidade			
	Subcategorias de análise			
Reportagem	Uso de hiperlinks	Integração áudio, texto, hiperlink	Blocos de informação	Propagabilidade

Ex-policial condenada	Há	O áudio (com vídeo) é isolado dos demais elementos.	Divisão entre áudio/vídeo, foto e texto, com hiperligações.	Há botões de compartilhamento
Alta dos combustíveis	Há	O áudio (com vídeo) é isolado dos demais elementos.	Divisão entre áudio/vídeo, foto e texto, com hiperligações.	Há botões de compartilhamento
Quem é Vladimir Putin?	Somente <i>tags</i>	Isolamento entre título, vídeo e <i>tags</i>	Divisão simplificada entre título e vídeo.	Há botões de compartilhamento
Novo Enem	Há	O áudio (com vídeo) é isolado dos demais elementos.	Divisão entre áudio/vídeo, foto e texto, com hiperligações.	Há botões de compartilhamento
Abuso Sexual	Não há	Não há	Não há	Há somente no youtube.
Passagens aéreas	Há	O áudio (com vídeo) é isolado dos demais elementos.	Divisão entre áudio/vídeo, foto e texto, com hiperligações.	Há botões de compartilhamento
Home office	Há	O áudio (com vídeo) é isolado dos demais elementos.	Divisão entre áudio/vídeo, foto e texto, com hiperligações.	Há botões de compartilhamento
Coronavírus nas favelas	Há	O áudio (com vídeo) é inserido junto aos demais elementos.	Divisão entre áudio/vídeo, foto e texto, com hiperligações.	Há botões de compartilhamento

Fonte: Elaborado pelo autor

Duas das oito reportagens possuem baixo ou nulo o potencial de hipertextualidade. As outras seis reportagens analisadas possuem texto com hiperlinks e fotos na versão do site, além da publicação dos vídeos que contempla os áudios veiculados no rádio hertziano. Os indexadores via *tags* também estão presentes em todas as seis reportagens, que garantem a

conexão com conteúdos relacionados. Todas garantem propagabilidade pela inclusão de botões de compartilhamento externo. Tanto nas versões para *desktop*, como *mobile*, a publicação inteira é compartilhada e não apenas o áudio. Como o áudio é publicado através de vídeo do youtube no site, há também a opção de compartilhamento via ferramenta do youtube. No aplicativo para telefone celular há o compartilhamento do texto compactado, com link para as reportagens completas. Em todas as oito reportagens, a escuta dos áudios ocorre via *streaming*, sem opção de *download*, por se tratar da utilização de vídeos do youtube, incorporados na publicação do site.

A publicação da reportagem intitulada “Ex-policial que matou jovem negro durante abordagem é condenada a 2 anos de prisão nos EUA” foi realizada no dia 19/02/2022, menos de quatro horas após ser veiculada no Jornal da Manhã da emissora, conforme podemos verificar na figura 18 a seguir:

Figura 18: Publicação da reportagem “Ex-policial que matou jovem negro durante abordagem é condenada a 2 anos de prisão nos EUA” no site da Jovem Pan News

Fonte: Rádio Jovem Pan News. <https://bitly.com/zDNyqbM>. Acesso em: 12 ago. 2022

A publicação da reportagem contempla texto com hiperlinks, fotografia e vídeo via youtube. A utilização de vídeo com áudio é a forma de transmissão da programação da

emissora, que funciona como rádio e tv simultaneamente. Há também botões de compartilhamento para as redes sociais e aplicativo de mensagens instantânea.

A publicação da reportagem sobre a alta dos combustíveis foi realizada no dia 14/03/2022, pouco mais de três horas após ser veiculada no Jornal da Manhã da emissora, conforme podemos verificar na figura 19 a seguir:

Figura 19: Publicação da reportagem “Alta dos combustíveis deixa motoristas de aplicativo sem saída” no site da Jovem Pan News



Fonte: Rádio Jovem Pan News. <https://bitly.com/RFKoFLO>; Acesso em: 12 ago. 2022

A reportagem segue o padrão principal de publicação da emissora, contendo texto com hiperlinks, fotografia e vídeo com imagens e o áudio da matéria. O compartilhamento para as redes sociais também é contemplado no site.

A publicação da reportagem sobre Vladimir Putin foi realizada no final da manhã de 01/03/2022, após a veiculação no Jornal da Manhã da emissora, conforme podemos verificar na figura 20 a seguir:

Figura 20: Publicação da reportagem “Da periferia para a presidência da Rússia: quem é Vladimir Putin?” no site da Jovem Pan News



Fonte: Rádio Jovem Pan News. <https://bitly.com/ZyPToP>; Acesso em: 12 ago. 2022

A reportagem sobre Vladimir Putin no site da Jovem Pan News contém apenas título e o vídeo via youtube, contemplando imagens e o áudio na íntegra da matéria veiculada no ar. Não há texto escrito na matéria, além do título, portanto não há hiperlinks no conteúdo e assim não cumpre o papel de integração entre conteúdos e mídias distintas dentro da publicação. Também, devido a essa condição, não divide o conteúdo em blocos, a não ser os próprios blocos dentro da narração em áudio, conforme já analisado. As hiperligações são garantidas apenas pelas *tags*, que levam a assuntos relacionados ao tema. As condições de propagabilidade, no entanto, são mantidas pela presença dos botões de compartilhamento para as redes sociais.

A publicação da reportagem sobre o novo modelo do Enem foi realizada três horas após a sua veiculação no Jornal da Manhã da emissora, no dia 18/03/2022, conforme podemos verificar na figura 21:

Figura 21: Publicação da reportagem “MEC anuncia novo modelo do Enem a partir de 2024; entenda o que muda” no site da Jovem Pan News

**MEC anuncia novo modelo do Enem a partir de 2024; entenda o que muda**

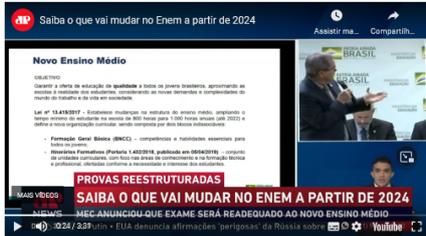
Por Mariana, 18/03/2022, às 10h30. Última atualização em 18/03/2022, às 10h30.



O novo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) será aplicado somente no final de 2024, segundo o ministro da Educação, Milton Ribeiro. Ele explicou que será criado um sistema de avaliação que vai além do tradicional Enem, incluindo também o ensino superior e o mercado de trabalho. O novo modelo do Enem será aplicado em 2024 e terá como objetivo avaliar o conhecimento dos estudantes em áreas como matemática, física, química, biologia, história, geografia, português e inglês. O novo modelo do Enem será aplicado em 2024 e terá como objetivo avaliar o conhecimento dos estudantes em áreas como matemática, física, química, biologia, história, geografia, português e inglês.

O ministro da Educação, **Milton Ribeiro**, destaca que a mudança do Enem é um marco de inovação para a educação brasileira. “Tive como base a legislação e as melhores referências nacionais e internacionais. A reforma do ensino médio estabeleceu um itinerário técnico e profissional para permitir que mais jovens possam ter acesso à formação técnica. Naturalmente, o Enem e os sistemas de seleção para o nível superior precisam se adaptar a esse desejo de toda a sociedade”, disse Ribeiro.

*\*Com informações da repórter Katuscia Sotomayor*



**PROVAS REESTRUTURADAS SAIBA O QUE VAI MUDAR NO ENEM A PARTIR DE 2024**

MEC ANUNCIANDO QUE EXAME SERÁ READEQUADO AO NOVO ENSINO MÉDIO

02/24/231: MEC anuncia reforma do Enem a partir de 2024

Tags: Enem, Exame Nacional do Ensino Médio, Milton Ribeiro, Ministério da Educação

Fonte: Rádio Jovem Pan News. <https://bitly.com/ZAJTyh>; Acesso em: 12 ago. 2022

A publicação sobre o novo Enem também segue o padrão principal no site da emissora, contendo texto com hiperlinks, fotografia e vídeo com imagens e o áudio da matéria, além da opção para compartilhamento para as redes sociais.

A reportagem sobre abuso sexual não foi publicada no site da emissora como versão web. Houve somente a publicação por vídeo após a transmissão ao vivo no dia 29/01/2022, como no youtube (Figura 22).

Figura 22: Publicação da reportagem “Abuso Sexual - O relato de mulheres que sofreram violência sexual” no site da Jovem Pan News

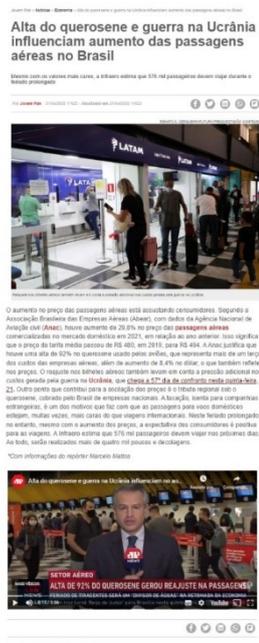


Fonte: Rádio Jovem Pan News. <https://bityli.com/gqQAzi>; Acesso em: 12 ago. 2022

A grande reportagem sobre abuso sexual só foi localizada no canal do youtube da emissora, sem publicação no site. Desta forma, as condições de compartilhamentos são utilizadas com ferramentas próprias da plataforma e sem o potencial hipermediático de um site. No geral, as reportagens do Documento JP da Jovem Pan News não foram encontradas na íntegra no site da emissora no período da análise, mas apenas um anúncio como programa. As reportagens estão disponíveis em vídeo no youtube.

A publicação da reportagem sobre as passagens aéreas foi realizada no dia 21/04/2022, quase cinco horas após a sua veiculação no Jornal da Manhã da emissora, conforme podemos verificar na figura 23 a seguir:

Figura 23: Publicação da reportagem “Alta do querosene e guerra na Ucrânia influenciam aumento das passagens aéreas no Brasil” no site da Jovem Pan News



Fonte: Rádio Jovem Pan News. <https://bitly.com/UOoQFta>; Acesso em: 12 ago. 2022

A reportagem sobre as passagens aéreas também segue o padrão principal do site da emissora, contendo texto com hiperlinks, fotografia e vídeo com imagens e áudio, além de botões para compartilhamento para as redes sociais.

A publicação da reportagem sobre home office foi realizada na mesma manhã em que veiculou no Jornal da Manhã em 16/12/2021, conforme podemos verificar na figura 24 a seguir:

Figura 24: Publicação da reportagem “Na contramão do mercado, empresas aderem ao home office definitivo” no site da Jovem Pan News



Fonte: Rádio Jovem Pan News. <https://bitly.com/WPKcuK>; Acesso em: 12 ago. 2022

A publicação sobre o home office segue o padrão do site, com texto, hiperlinks, fotografia, vídeo com imagens e áudio e botões de compartilhamento para as redes sociais.

A reportagem sobre coronavírus nas favelas foi publicada no site da Jovem Pan News em 10/04/2020, quase simultaneamente à sua veiculação no ar, no Jornal da Manhã da emissora, conforme podemos verificar na figura 25 a seguir:

Figura 25: Publicação da reportagem “Condições das favelas podem agravar transmissão do coronavírus no Brasil” no site da Jovem Pan News

The image shows a screenshot of a news article on the Jovem Pan News website. The main headline is "Condições das favelas podem agravar transmissão do coronavírus no Brasil". Below the headline, there is a large photograph of a densely packed favela. To the right of the photo is a video player with a red play button and the text "distanciamento nas favelas". Below the video player, there is a small inset photo of Cleide Alves, president of the Unias association, with a caption: "Cleide Alves, presidente da Unias, uma associação de moradores da comunidade de Heliópolis, localizada na Zona Sul de São Paulo, também decidiu não esperar o poder público. Ela conta que a associação começou a atuar de três formas para ajudar a comunidade, que é a maior da capital paulista, com aproximadamente 200 mil pessoas." The main text of the article discusses the difficulties of social distancing in favelas and mentions the presence of state officials in the communities.

Fonte: Rádio Jovem Pan News. <https://bityli.com/soHpD>; Acesso em: 12 ago. 2022

A publicação sobre coronavírus nas favelas também segue o padrão do site, com texto, hiperlinks, fotografia, vídeo com imagens e áudio e botões de compartilhamento para as redes sociais.

O quadro 30 resume como é constituída a base de memória na versão da web das reportagens:

Quadro 30: Síntese da análise sobre memória das reportagens – site Jovem Pan New

	Categoria de análise: Memória	
	Subcategorias de análise	
Reportagem	Aprofundamento	Armazenamento
Ex-policial condenada	Texto escrito é mais compacto que o texto do áudio, mas complementa com imagens em vídeo. Hiperligações com fatos anteriores.	Áudio, vídeo, texto, foto.

Alta dos combustíveis	Amplia pela internet.	Áudio, vídeo, texto, foto.
Quem é Vladimir Putin?	Não aprofunda além do áudio, mas complementa com imagens em vídeo.	Áudio, vídeo e título em texto escrito.
Novo Enem	Amplia pela internet.	Áudio, vídeo, texto, foto.
Abuso Sexual	Não aprofunda além do áudio, mas complementa com imagens em vídeo.	Áudio e vídeo.
Passagens aéreas	Texto escrito é mais compacto que o texto do áudio, mas complementa com imagens em vídeo.	Áudio, vídeo, texto, foto.
Home office	Amplia pela internet.	Áudio, vídeo, texto, foto.
Coronavírus nas favelas	Amplia pela internet.	Áudio, vídeo, texto, foto.

Fonte: Elaborado pelo autor

O aprofundamento é ampliado em quatro das oito produções, com incremento de algumas informações no texto escrito nas reportagens sobre alta dos combustíveis, novo Enem, Home office e coronavírus. Nas reportagens sobre a ex-policiaI condenada e as passagens aéreas, apesar do texto escrito no site ser mais compacto do que a reportagem em áudio, podemos considerar que há parcialmente mais profundidade, devido à presença de imagens em vídeo junto ao áudio (característica de todas as reportagens analisadas da emissora) e pelas hiperligações com assuntos relacionados, o que indiretamente também remetem a fatos anteriores. Nas reportagens sobre Putin e sobre abuso sexual, o sutil aprofundamento ocorre apenas pelo incremento das imagens em vídeo. O armazenamento também é garantido pela existência de texto, que também serve como indexador de conteúdo e fonte alternativa de consulta documental. As imagens em foto e vídeo também completam a documentação, fortalecendo o caráter da constituição de memória, além do áudio conjunto ao vídeo como principal fonte de documentação.

Todas as reportagens que possuem texto jornalístico no site possuem hiperlinks e *tags* que praticamente se relacionam com outras informações sobre as mesmas temáticas, não necessariamente contextualizando os acontecimentos pelos fatos anteriores. Das produções analisadas, a reportagem sobre a ex-policiaI condenada é a que melhor se destaca com as hiperligações remetendo a informações anteriores sobre o mesmo fato. Já nas *tags*, há tanto o redirecionamento para fatos anteriores como também para temas que ampliam o contexto do conteúdo, como por exemplo racismo e violência policial.

### 5.1.4.3 Integração das reportagens da Rádio Gaúcha

As nove reportagens analisadas e que veicularam no espaço hertziano da Rádio Gaúcha também foram publicadas nas plataformas digitais da emissora, sendo que cinco foram publicadas de alguma forma no site GZH, que congrega a emissora de rádio e o Jornal Zero Hora, ambos do grupo RBS. A partir das duas categorias de análise para as reportagens radiofônicas nas plataformas digitais e suas subcategorias definidas neste trabalho, apresentamos uma sequência de quadros-síntese da análise de cada agrupamento de reportagens e também as imagens que demonstram como o conteúdo foi disponibilizado nos espaços na web. O quadro 31 a seguir resume a presença ou não de hipertextualidade nas reportagens.

Quadro 31: Síntese da análise sobre hipertextualidade das reportagens – site e plataformas GZH

Reportagem	Categoria de análise: Hipertextualidade			
	Subcategorias de análise			
	Uso de hiperlinks	Integração áudio, texto, hiperlink	Blocos de informação	Propagabilidade
Abate clandestino de cavalos	Há	Há integração entre áudio, texto, vídeo e hiperlinks.	Divisão de blocos autoexplicativos e interdependentes	Há botões de compartilhamento
Desarticulada quadrilha que vendia carne de cavalo	Não há	Não há	Não há	Há somente no <i>soundcloud</i> .
Aumento dos combustíveis (p.1)	Sem publicação no site	Sem publicação no site	Sem publicação no site	Sem publicação no site
Aumento dos combustíveis (p.2)	Sem publicação no site	Sem publicação no site	Sem publicação no site	Sem publicação no site
Pais rifam carro	Há	Há integração entre áudio, texto, fotos e hiperlinks.	Divisão de blocos autoexplicativos e	Há botões de compartilhamento

			interdependentes	
A ascensão do EAD	Há	Há integração entre áudio, texto, foto, infográficos e hiperlinks.	Divisão de blocos autoexplicativos e interdependentes	Há botões de compartilhamento
Falta de transporte escolar	Há	Sem áudio. Há integração entre texto, foto e hiperlinks.	Divisão de blocos autoexplicativos e interdependentes	Há botões de compartilhamento
MP-RS desarticula cartel	Há	Há integração entre áudio, texto, fotos e hiperlinks.	Divisão de blocos autoexplicativos e interdependentes	Há botões de compartilhamento
Time de São Leopoldo	Há	Sem áudio. Há integração entre texto, fotos e hiperlinks.	Divisão de blocos autoexplicativos e interdependentes	Há botões de compartilhamento

Fonte: Elaborado pelo autor

A reportagem intitulada “Desarticulada quadrilha que vendia carne de cavalo como se fosse de gado no RS” não possui uma publicação específica no site GZH, pois se trata de uma reportagem especial que reúne trechos de outras reportagens sob a mesma pauta. O áudio da emissão que foi ao ar está também na plataforma *soundcloud*, que possui suas próprias ferramentas de compartilhamento.

As duas reportagens sobre o aumento dos combustíveis não foram publicadas no site, como emissões isoladas, mas parte do conjunto da cobertura sobre o mesmo assunto foi objeto de publicação no dia 20/06/2022, que na verdade se tratava de reprodução das entrevistas realizadas pela emissora na mesma data, um dia após as reportagens ao vivo analisadas nesta pesquisa.

As outras seis reportagens foram aproveitadas de formas diferenciadas no site GZH. Um exemplo é a produção intitulada “Investigados por abate clandestino de cavalos para fazer

hambúrguer lavavam a carne para disfarçar mau cheiro”, que teve sua publicação no dia 18/11/2021, algumas horas após sua veiculação no rádio hertziano, conforme a figura 26 a seguir:

Figura 26: Publicação da reportagem “Investigados por abate clandestino de cavalos para fazer hambúrguer lavavam a carne para disfarçar mau cheiro” no site da Gaúcha/GZH

**Investigados por abate clandestino de cavalos para fazer hambúrguer lavavam a carne para disfarçar mau cheiro; ouça diálogos**

Alvor de ação na manhã desta quinta-feira na Serra Gaúcha negociaram equinos, combinaram entregas dos animais e conversaram as condições da próxima visita.

**WILLIAM SMIDERLE**  
FISCAL AGROPECUÁRIO  
E SUPERVISOR REGIONAL  
DA SECRETARIA DA  
AGRICULTURA DO RS

Escutas telefônicas a que GZH teve acesso revelam a negociação de **carne de cavalos** se passando por carne de **vaca** para **hamburguerias** na **Serra Gaúcha**.

Operação liderada pelo Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaeco) – Secretaria de Alimentar do Ministério Público do Rio Grande do Sul (MP-RS) – com apoio da Brigada Militar e Secretaria Estadual de Agricultura, desarticulou o esquema nesta quinta-feira (18). Foram cumpridos seis mandados de prisão e 13 de busca e apreensão em **Castro de Indaiá**.

Conforme o MP, o grupo não possui autorização para o abate e comercialização de nenhum tipo de carne. Assim, as atividades de abate, beneficiamento, armazenamento e comercialização vinham ocorrendo sem qualquer fiscalização, o que é essencial para prevenir que carnes sem inspeção de fiscais médicos veterinários sejam consumidas pelas pessoas.

**LEIA MAIS**

**Confira a reportagem que foi ao ar na Rádio Gaúcha**

Fonte: GZH. <https://bitly.com/LdKSXS>; Acesso em: 13 ago. 2022

A reportagem utiliza três hiperlinks em seu texto, sendo um deles relacionado a fatos anteriores dentro do mesmo acontecimento e os outros dois por temas associados, em função semelhante às indexações por tagueamento. Além disso, há hiperligações ao lado da matéria como no menu “leia mais” e que levam a outros detalhes sobre a mesma apuração. A arquitetura da publicação garante uma integração total entre os elementos multimidiáticos, com um vídeo de uma das fontes entrevistadas já no topo das informações, seguido pelo texto organizado em blocos informativos que também distribuem trechos de áudio que fizeram parte da reportagem no rádio hertziano (áudio das escutas telefônicas). Junto ao áudio há a sua transcrição incorporada no texto da reportagem. O áudio da reportagem completa também é apresentado ao final. Assim, podemos verificar que os blocos informativos dialogam entre si, mas conseguem manter um determinado nível de autoexplicação, como uma das regras da hipertextualidade. As condições de propagabilidade também estão garantidas em todas as seis reportagens, com botões de compartilhamento para redes sociais e e-mail, assim como os indexadores via *tags*, que garantem a conexão com conteúdos relacionados. No aplicativo para celular do GZH há mais opções de compartilhamento do que nas versões para *desktop* e *mobile*.

O áudio está disposto via *soundcloud*, com arquivos incorporados no site, o que possibilita também o compartilhamento do áudio de forma isolada, sem a reportagem inteira do site. A escuta dos áudios ocorre via *streaming*, sem opção de *download* no site, por se tratar da utilização de outra plataforma (*soundcloud*), incorporados na publicação do site.

A reportagem “Pais rifam carro para pagar tratamento” foi publicada no GZH em 18/05/2021, poucas horas após à sua veiculação na emissora, conforme podemos verificar na figura 27 a seguir:

Figura 27: Publicação da reportagem “Pais rifam carro para pagar tratamento” no site da Gaúcha/GZH



Fonte: GZH. <https://bityli.com/DBuWdW>; Acesso em: 13 ago. 2022

A reportagem utiliza hiperlinks em seu texto para assuntos relacionados, mas um deles, neste caso, possui caráter utilitário, como link de redirecionamento para as doações na campanha divulgada. Trata-se de uma reportagem mais curta em relação a outras aqui analisadas, então seus blocos informativos apenas organizam os elementos presentes, como foto, texto e áudio (via *soundcloud*). A reportagem que veiculou no ar não é inserida no site em sua integralidade, mas apenas o trecho do depoimento do pai do rapaz para quem a campanha é realizada, fonte utilizada também no rádio hertziano. Da mesma forma que as demais reportagens, os botões de compartilhamento para redes sociais garantem as condições de propagabilidade da reportagem.

A reportagem “A ascensão do EAD. Especialistas são cautelosos ao avaliar ensino a distância” foi publicada no GZH em 03/01/2020, poucas horas após à sua veiculação no programa Gaúcha Atualidade da emissora, conforme podemos verificar na figura 28 a seguir:

Figura 28: Publicação da reportagem “A ascensão do EAD. Especialistas são cautelosos ao avaliar ensino a distância” no site da Gaúcha/GZH

**Especialistas são cautelosos ao avaliar ensino a distância**  
Qualidade das aulas é a grande questão que persiste a respeito da modalidade no país

**CONFIRA TAMBÉM**

**MAIS LI**

**A presença no RS**  
Nega oferta de vagas em instituições de Ensino Superior do Estado

**Confira a reportagem em áudio:**

**As outras partes desta reportagem**

**A evolução do EAD no país**

Ano	Modalidade	Matrículas	Variação
2014	Presencial	1.816.113	-
	EAD	1.842.977	+15,3%
2015	Presencial	1.749.175	-4,3%
	EAD	2.176.488	+22,3%
2016	Presencial	1.590.415	-8,6%
	EAD	2.592.130	+19,1%
2017	Presencial	1.479.212	-7,6%
	EAD	2.791.824	+7,7%
2018	Presencial	1.376.576	-6,8%
	EAD	2.976.176	+6,6%

**Fontes:** Censo de Educação Superior do Brasil (Censoesp) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Fonte: GZH. <https://bitly.com/WKETxbm>; Acesso em: 13 ago. 2022

Como reportagem especial ou grande reportagem veiculada no rádio hertziano, essa produção teve tratamento semelhante em sua versão para o site GZH. Não há tantos hiperlinks no texto, proporcionalmente ao tamanho da publicação, mas alguns deles, inclusive, permitem ao usuário ir direto para parte do material-fonte e a outras publicações sobre temas correlacionados. As hiperligações também estão presentes em seções laterais como “Leia também”, para outros trechos da mesma apuração ou “Confira também” para notícias e reportagens sobre a mesma temática. Há integração entre os vários elementos utilizados, como o áudio com a íntegra da reportagem, texto com hiperlinks, foto, infográficos e seções relacionadas. Os blocos informativos podem ser considerados autoexplicativos e interdependentes, mas a reportagem foi dividida em partes, com links de acesso ao final das

páginas. Como nas demais reportagens, os botões de compartilhamento para garantir propagabilidade estão presentes, assim como as *tags* para assuntos relacionados.

A reportagem “Três meses após o começo das aulas, estudantes ainda sofrem com a falta de transporte escolar” foi publicada no GZH em 07/06/2022, um pouco antes de sua veiculação na emissora, conforme podemos verificar na figura 29 a seguir:

Figura 29: Publicação da reportagem “Três meses após o começo das aulas, estudantes ainda sofrem com a falta de transporte escolar” no site da Gaúcha/GZH

**Três meses após o começo das aulas, estudantes ainda sofrem com a falta de transporte escolar**

Impacto na saúde mental

LEIA MAIS

Dona pressa

Continue a situação das crianças

Nas Mídias

Fonte: GZH. <https://bitly.com/WQXcBr>; Acesso em: 13 ago. 2022

Para o rádio hertziano, classificamos essa produção como uma reportagem contextualizada, mais ampla que um boletim e de menor profundidade que uma reportagem especial. Já na publicação da web, a reportagem ganha ares de reportagem especial, com hiperlinks no texto e também o uso das seções que remetem a outras publicações sobre o mesmo assunto ou a temas relacionados. Apesar da integração entre foto, texto jornalístico e seus hiperlinks, não há áudio nessa publicação, sendo que parte do que foi veiculado no ar pela Rádio

Gaúcha foi adaptado para texto escrito no site do GZH. Os blocos informativos são mais visíveis nessa reportagem, que separa os depoimentos por angulações distintas, como distância, região, impacto na saúde mental e outros. As condições de propagabilidade seguem o padrão das demais reportagens analisadas nesta pesquisa.

A reportagem “MP-RS desarticula esquema de cartel de combustíveis em Porto Alegre” foi publicada no GZH em 30/11/2021, praticamente de forma simultânea à sua veiculação na emissora, conforme podemos verificar na figura 30 a seguir:

Figura 30: Publicação da reportagem “MP-RS desarticula esquema de cartel de combustíveis em Porto Alegre” no site da Gaúcha/GZH



Fonte: GZH. <https://bitly.com/vpRLhug>; Acesso em: 13 ago. 2022

O boletim de reportagem que analisamos no rádio hertziano foi apenas uma parte da cobertura total que a Rádio Gaúcha e o site GZH fizeram sobre a operação do Ministério Público gaúcho na questão do cartel dos combustíveis. Tanto é que na versão na web há a publicação de sonoras, com as escutas telefônicas interceptadas pela investigação, que não estavam no boletim analisado que foi ao ar, mas utilizado em outras emissões da programação. A integração das partes da reportagem é formada por hiperlinks no texto, além da inclusão do áudio acompanhado da transcrição textual das sonoras e das fotos. A navegação é facilitada pelos links nas seções adicionais, levando o internauta tanto a fatos anteriores como a assuntos relacionados. A reportagem se desdobra em partes diferentes na publicação e em blocos que

também mantém determinada autonomia, mas que são interdependentes. Os botões de compartilhamento também fazem parte da publicação.

A reportagem “Time de São Leopoldo incentiva a adoção de cães” foi publicada no GZH em 21/04/2022, em horário próximo à sua veiculação na emissora, conforme podemos verificar na figura 31 a seguir:

Figura 31: Publicação da reportagem “Time de São Leopoldo incentiva a adoção de cães” no site da Gaúcha/GZH



Fonte: GZH. <https://bityli.com/HdkAknI>; Acesso em: 13 ago. 2022

Essa reportagem pode ser considerada de menor fôlego em comparação com as anteriores e não teve inserido o áudio que veiculou no rádio hertziano. Há poucas hiperligações no texto e praticamente não há fatos anteriores, mas sim a presença de conexões com assuntos relacionados, mais para a proteção animal do que para o futebol. Há integração entre imagem, texto e hiperlinks e os blocos informativos são divididos entre a abertura, que relaciona com o futebol e a causa social. As condições de propagabilidade também estão presentes com os botões de compartilhamento.

Quadro 32: Síntese da análise sobre memória das reportagens – site e plataformas GZH

	Categoria de análise: Memória	
	Subcategorias de análise	
Reportagem	Aprofundamento	Armazenamento
Abate clandestino de cavalos	Amplia pela internet. Hiperligações com fatos anteriores.	Áudio, vídeo, texto.

Desarticulada quadrilha que vendia carne de cavalo	Publicações no site não se referem diretamente a esta reportagem em áudio.	Não há.
Aumento dos combustíveis (p.1)	Sem publicação no site.	Sem publicação no site.
Aumento dos combustíveis (p.2)	Sem publicação no site.	Sem publicação no site.
Pais rifam carro	Amplia pela internet.	Áudio, foto, texto.
A ascensão do EAD	Amplia pela internet pelas estatísticas e maior contextualização.	Áudio, foto, texto, infográficos.
Falta de transporte escolar	Amplia pela internet.	Sem áudio. Há foto e texto
MP-RS desarticula cartel	Amplia, aprofunda e contextualiza pela internet. Hiperligações com fatos anteriores.	Áudio, foto, texto.
Time de São Leopoldo	Não aprofunda pela internet.	Sem áudio. Há foto e texto

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme destacado no quadro 32, o aprofundamento pela web é ampliado em cinco das nove produções que veicularam no rádio hertziano. Nas reportagens sobre o abate clandestino de cavalos, da ascensão do EAD e da investigação do MP-RS sobre combustíveis, a articulação com fatos anteriores é mais presente, ampliando significativamente o contexto do assunto pelo site em relação à versão do rádio hertziano. Além dessas, as reportagens sobre os pais rifando um carro para ajudar um filho e sobre a falta de transporte escolar ganham mais profundidade na versão na web. Apesar disso, esta última não utilizou o áudio que foi ao ar, mas publicou opinião de especialista e forneceu mais dados e detalhes a respeito do problema, avançando mais na transição do singular para o particular e o universal, quando comparada com a versão hertziana. A reportagem sobre a ação do time de São Leopoldo não aprofunda pela web. As demais não foram publicadas como versão da web.

Embora todas as seis reportagens que foram publicadas no site do GZH acrescentam de alguma forma a constituição de memória, através da documentação de texto e outros elementos vistos, a ausência do áudio em duas delas (Transporte escolar e time de São Leopoldo) reduzem esse potencial, já que o áudio cumpre papel relevante de comprovação documental, seja por sonoras de entrevistados ou pelo fato de demonstrar que o repórter esteve

no local dos acontecimentos. O armazenamento também ocorre pela indexação de conteúdo, via hiperlinks e *tags*, para facilitar as pesquisas sobre informações relacionadas.

### 5.1.5 Análise sobre a integração dos conteúdos das reportagens

No total das 55 produções analisadas no rádio hertziano, 40 são identificadas como reportagens especiais ou grandes reportagens. Neste caso, 36 delas são consideradas especificamente como reportagens especiais. Em outras quatro, houve dupla identificação, pois podem ser atribuídas tanto como reportagens especiais como grandes reportagens. 10 produções foram identificadas como boletins de reportagem e cinco como reportagens contextualizadas. O grande número analisado de reportagens especiais se deve ao fato de termos selecionado produções em séries com vários capítulos. Por não se tratar de uma amostragem de pesquisa quantitativa, a divisão não está relacionada à incidência de modalidades que ocorre na programação das três emissoras.

Quanto ao aproveitamento na web do áudio original veiculado no rádio hertziano, há algumas diferenças entre as emissoras analisadas e também de acordo com o tipo e a modalidade de reportagem. Todas as 38 reportagens da CBN e sete da Jovem Pan News mantêm o áudio original no website. Na Jovem Pan, a exceção é o Documento Jovem Pan que não está publicado no site da emissora, conforme já destacamos anteriormente.

No caso da Gaúcha, o processo é totalmente diferente em relação ao áudio no site: o padrão de publicação do GZH, que funciona como um portal integrado entre rádio e jornal, não prioriza as reportagens em áudio na íntegra. Das nove reportagens analisadas, há três delas que não foram publicadas no site, mesmo que o áudio estivesse em outra plataforma de armazenamento. Em duas delas, a reportagem está presente no GZH, mas sem a presença de áudio. Em duas publicações, há somente trechos de entrevistas ou sonoras que foram utilizadas nas reportagens ou no conjunto das coberturas jornalísticas. Entre as nove, há somente duas publicações que apresentam as reportagens completas em áudio, além de trechos desmembrados de sonoras que ficam entremeados com o texto escrito.

De acordo com a gerente de programação e de jornalismo da Gaúcha, Andressa Xavier, os áudios que vão ao ar são recortados para depois ficarem disponíveis nas plataformas. “Quando avaliamos necessário, embedamos o *link* do áudio na matéria escrita para o site. Normalmente ocorre quando há elementos de áudio que auxiliam no entendimento, como sonoras e declarações gravadas” (XAVIER, 2022).

Mas enquanto na Gaúcha o áudio pode ser recortado e ter seus trechos inseridos junto ao texto escrito no site GZH, na CBN o áudio é publicado na íntegra no site, já que o texto escrito é mais reduzido, funcionando como uma pequena introdução para a reportagem sonora. Segundo o gerente de jornalismo da CBN São Paulo e responsável pelo editorial da emissora em rede, Douglas Ritter, o texto no site possui função semelhante à chamada que os âncoras leem no ar e tem “algumas palavras chaves para facilitar a busca, caso o ouvinte queira ouvir aquele material de novo, salvar como predileto, compartilhar com alguém, então ele precisa ter um título [...], uma introdução e um pequeno resumo” (RITTER, 2022). E o áudio, explica Ritter, é publicado com a reportagem consolidada “para a história ter um início, meio e fim”.

O áudio também tem seu protagonismo no site, mesmo que integrado ao vídeo, no caso da Jovem Pan News. Carlos Aros, diretor de conteúdo da rede, explica que o site da emissora exhibe os vídeos das reportagens – todos com os áudios que foram ao ar - e a sua transcrição em texto. Apesar de todo o avanço da emissora em novas plataformas e a evolução nas linguagens e formatos, o entendimento é de que “o rádio está em nosso DNA e é a essência por trás de cada nova plataforma na qual ingressamos” (AROS, 2022).

Priorizar o áudio no site das rádios tem sido uma recomendação constante de pesquisadores da área se o objetivo for manter a identidade das emissoras e apresentar algum diferencial entre a infinidade de páginas e portais de notícias espalhados pela rede. Silva (2011) destaca a voz humana como mantenedora do laço afetivo na relação emissor-ouvinte e esse é um aspecto que não pode ser negligenciado nos espaços radiofônicos digitais. O próprio *design* das páginas é lembrado por Cebrián Herreros (2011), ao defender que o espaço de uma rádio na web deve ser diferenciado dos outros meios.

Quando observamos as páginas na internet de algumas emissoras internacionais, entre a pequena amostra que apresentamos no capítulo 1 desta tese, percebemos o protagonismo e o destaque do áudio em parte delas, principalmente na RTVE Play Radio (Espanha) – como o nome já sugere – e a BBC Radio 5 Live (Reino Unido). Ambas as emissoras apresentam uma navegação mais intuitiva para o acionamento do áudio, com pequenos banners contendo título das reportagens e rápida identificação dos comandos. Mas uma diferença entre as páginas dessas emissoras europeias e as brasileiras analisadas é de que o conteúdo prioritário para a web envolve atividades de bem-estar, fatos singulares e foco na proeminência dos entrevistados. Mesmo assim, são caracterizadas como reportagens em profundidade e que exploram ao máximo os elementos sonoros da linguagem radiofônica, como efeitos sonoros e fundo musical.

No caso de outros exemplos internacionais que expusemos nesta pesquisa, como a Rádio WNYC (Estados Unidos) e a Radio del Plata (Argentina), há maior aproximação com os

três exemplos brasileiros analisados, com o aspecto gráfico mais semelhante aos modelos de sites de notícias que se originaram de jornais impressos. Na Jovem Pan News, a home da versão *mobile* se aproxima mais ao o modelo de navegação das emissoras europeias, mas com a fácil identificação dos comandos para acionamento dos vídeos. Nos aplicativos para celulares, as diferenças nesse sentido em relação ao site nas versões *desktop* e *mobile* são pequenas nas emissoras brasileiras, onde o áudio nem sempre está em maior destaque. É claro que, como já destacamos, o aproveitamento e o realce do áudio entre as três emissoras brasileiras analisadas são mais evidentes na CBN e parcialmente na Jovem Pan News em relação à Gaúcha no GZH.

Neste aspecto é preciso lembrar o que prega Berry (2014) a respeito, quando diz que a web não deve ser tratada como uma plataforma secundária, sob o risco de ser perdido um espaço enorme para a interação com o público e a proporção de uma escuta mais imersiva. Além disso, Pontuschka (2009) ressalta que ao navegar e interagir majoritariamente por texto não garante o mesmo nível de imersão do que através do som, que quebra anonimatos e garante um diálogo mais pessoal.

Já a respeito do vivo, embora ele seja comum e esteja presente na programação das três emissoras e nas reportagens analisadas, o seu aproveitamento nas produções não chega a ser prioridade na publicação nos sites. Apesar desta pesquisa não se ater a dados quantitativos, mesmo no rádio hertziano é possível perceber que, nas entradas ao vivo, as reportagens acabam tendo maior inclinação para uma emissão mista, com repórter falando ao vivo, muitas vezes dialogando com o âncora do estúdio e com sonoras gravadas, revelando maior controle sobre a exibição do conteúdo apurado e coletado.

De todas as reportagens selecionadas para análise, nove foram emitidas ao vivo ou de forma mista, mas sempre com o repórter de forma parcial ou total no local dos acontecimentos. Destas, sete são da Gaúcha, que possui uma predominância de entradas ao vivo na programação, mas com menor frequência de publicação no site GZH. De acordo com Andressa Xavier, na dúvida quanto à escolha da emissão das reportagens do dia a dia, o vivo é sempre a escolha principal (XAVIER, 2022).

Embora apenas uma das oito reportagens da Jovem Pan News analisadas fosse emitida de forma mista, Carlos Aros afirma que esse é o modo preferido pela emissora. No entanto, o jornalista observa que o factual é a base da programação da emissora, então sendo de forma gravada ou com *link* ao vivo, “as reportagens têm caráter muito focado no que está acontecendo naquele momento” (AROS, 2022).

Douglas Ritter, da CBN, estima que cerca de 60% das reportagens da rádio sejam transmitidas ao vivo, mas com o horário predominante das seis horas da manhã às 21 horas. A

existência de reportagens mistas (repórter ao vivo e entrevistas gravadas), segundo Ritter, ocorre porque a emissora só leva o conteúdo ao ar quando as várias vozes daquela história já foram contempladas, a fim de evitar um conteúdo unilateral. “A gente toma esse cuidado, de sempre ouvir o outro lado [...], mesmo que o acusado não vai conceder uma entrevista, mas vai divulgar uma nota com a versão dele, a gente busca esse equilíbrio nas nossas apurações” (RITTER, 2022). Portanto, como dificilmente todas as fontes envolvidas são encontradas no mesmo local e no mesmo horário, uma opção das emissoras acaba sendo gravar as entrevistas e veiculá-las como sonoras dentro da entrada ao vivo do repórter.

Como já era esperado, os boletins de reportagem concentram a maior parte das emissões ao vivo e mistas nas emissoras analisadas por estarem ligados aos assuntos factuais e de maior urgência na inserção à programação. O grau de previsibilidade sobre o acontecimento é menor nas reportagens ao vivo analisadas, reforçando a sensação de ineditismo para as entradas durante os programas. Nos casos analisados, o recorte temporal também está mais limitado à duração do acontecimento ou mesmo somente ao período da transmissão da reportagem nas emissões ao vivo e mistas. O foco nos fatos atuais e até mesmo em flagrantes de situações, mesmo que sejam recuperadas informações anteriores, acaba sendo mais relevante do que as projeções para o futuro. E também, todas as emissões ao vivo e mistas se enquadram no gênero informativo e são caracterizadas como reportagens de fatos que, segundo Sodré e Ferrari (1986), costumam utilizar a pirâmide invertida como modelo. Esta estrutura pode ser comprovada nas transmissões ao vivo pela predominância de aberturas contendo um resumo do conteúdo, como também a descrição sobre a situação ou o local dos acontecimentos, características apontadas por Herrera Damas (2007a).

Outro aspecto também esperado e verificado é que em todas as emissões ao vivo ou mistas, o nível de aprofundamento é relativamente menor do que das reportagens diferidas, já que a profundidade sobre os temas abordados acaba ocorrendo pela cobertura jornalística como um todo e não apenas em emissões isoladas. Já a duração do tempo de emissão não é um fator que diferencia as reportagens ao vivo e mistas das gravadas, salvo pelas exceções observadas em reportagens especiais assemelhadas a grandes reportagens e documentários.

Entre as modalidades de reportagens sugeridas para análise nesta pesquisa, podemos dividir dois grupos principais: as reportagens factuais e aquelas em profundidade. As factuais se referem aos boletins e às reportagens contextualizadas, que buscam mais informar o que está acontecendo, podendo até avançar e explorar algumas explicações em um contexto temporal mais limitado, que é o caso das reportagens contextualizadas. Já as matérias em profundidade são construídas como reportagens especiais e grandes reportagens, comprometidas em explicar

o fenômeno em maior amplitude. Enquanto o primeiro grupo é caracterizado como reportagens de fatos e produções predominantemente informativas, as reportagens especiais e as grandes reportagens se dividem entre as de fatos e de valor documental, como também possuem um caráter maior de interpretação sobre os acontecimentos relatados, mesmo que a informação venha a guiar as narrativas.

Especificamente nas reportagens especiais e grandes reportagens que resgatam elementos históricos, o nível de análise dos acontecimentos é maior, ocorrendo um deslocamento do formato reportagem do gênero informativo, visto por Marques de Melo (2009) e Lucht (2009) para o gênero interpretativo, como ocorre em produções em que haja a necessidade de documentar fatos para em seguida explicá-los ao ouvinte. Principalmente nas séries especiais analisadas da CBN, na grande reportagem sobre abuso sexual da Jovem Pan News e na reportagem especial sobre EAD da Gaúcha, é possível observar como fatos adjacentes se somam e auxiliam a esclarecer o fato nuclear tratado em cada produção, como orientam Leandro e Medina (1973), sobre a reconstituição do tempo presente no antes e no depois.

Naturalmente, as reportagens especiais transformadas em grandes reportagens possuem maior duração, mas o fator tempo não é uma distinção clara entre as demais, como já observamos na relação entre emissões gravadas e ao vivo. O aprofundamento, a contextualização e a relação entre fatos anteriores e posteriores são muito mais presentes nas reportagens especiais e grandes reportagens do que nas demais modalidades. Essas conexões ocorrem pelo agrupamento das representações fragmentadas do evento e de sua explicação (PRADO, 1989), fazendo a reportagem especial e a grande reportagem se diferenciarem das demais modalidades, pois ampliam profunda e qualitativamente os fatos (FERRARETTO, 2014) ao buscarem explicações sobre as causas do acontecimento e considerar suas consequências no contexto sócio-histórico-cultural (ERBOLATO, 1985).

Da mesma forma, a previsibilidade também é maior, já que se sugere que em produções desta natureza, o planejamento acerca da pauta e das condições de seu desenvolvimento seja bem mais antecipado do que nas reportagens contextualizadas e nos boletins. No caso da CBN, o gerente de jornalismo Douglas Ritter explica que essas pautas são discutidas semanalmente nas reuniões de segunda-feira. Nas reportagens especiais da CBN, pode entrar o reaproveitamento de alguma cobertura factual da semana, com o incremento de outras vozes e outras visões sobre o fato, mas os assuntos sem relação com o *hard news*, que envolvam pautas de comportamento, por exemplo, são os mais utilizados, segundo Ritter. São “reportagens com mais fôlego, com mais personagens, pra gente veicular no final de semana,

matérias de cinco, seis minutos [...]. A gente prepara esses conteúdos maiores, com mais especialistas, vai atrás de dados, mais histórias” (RITTER, 2022). Na Gaúcha, de acordo com a gerente de jornalismo Andressa Xavier, todas as pautas mais elaboradas são tratadas como reportagem especial e o que vale como critério para optar por um material em profundidade em relação às demais modalidades são a “relevância do tema, complexidade de apuração, tempo demandado para captar dados e fontes” (XAVIER, 2022). Na Jovem Pan News, “as grandes reportagens ou as séries especiais surgem como complemento” na programação, já que o foco principal é a cobertura factual, segundo Carlos Aros (2022). Para o diretor de conteúdo da rede, o que conta na hora de planejar reportagens especiais são as dimensões que possam ser exploradas dentro de cada assunto. “Algumas histórias precisam de tempo para serem contadas e podem ganhar ainda mais força se a forma de contar for atraente. São produções, em geral, que não estão focadas no factual, no *hard news*, mas que complementam o noticiário” (AROS, 2022).

A quantidade de sonoras e fontes em cada produção não chega a ser um diferencial relevante entre os boletins, as reportagens contextualizadas e até mesmo as reportagens especiais, salvo naquelas que foram transformadas em grandes reportagens, pois a duração de tempo é muito maior. O que altera nas reportagens em maior profundidade em relação às demais analisadas neste trabalho é o fator multiangulação. Há casos em que boletins de reportagens possuem o mesmo número de fontes que aquele utilizado em uma reportagem especial, mas reúne depoimentos a partir de um ângulo semelhante, mesmo que haja diversidade quanto às impressões. As reportagens especiais analisadas são, majoritariamente, caracterizadas por reunir ângulos e perspectivas diferenciadas, cruzando, em muitos casos, depoimentos de afetados, contrapontos da história e análise de especialistas.

O grau de aprofundamento e de contextualização é mais amplo nos acontecimentos com maior expansão temporal, principalmente naqueles já concluídos e de maior valor histórico. No entanto, a humanização é pouco presente na maior parte das 55 produções analisadas, sendo que ela ocorre com maior nitidez somente nas reportagens da CBN sobre a biografia de Elis Regina e da Jovem Pan sobre abuso sexual. Mesmo em outras reportagens que abordaram a situação de afetados pelo acontecimento, as produções pareceram optar mais pelo aspecto informativo dos relatos do que por algum drama inserido nas histórias.

Do mesmo modo, a presença de documentos reconstruídos só foi localizada em duas situações: em uma série de reportagens da CBN, que se tratava de um resgate histórico, sem a existência de arquivos de áudios da época; e em uma grande reportagem da Jovem Pan News, para reconstruir depoimentos de personagens envolvidos na investigação. A utilização de atores

para cenas sonoras em que não se dispõe de documentos vivos, como chega a sugerir Kaplún (2017), é localizada, portanto, em produções específicas, não se valendo como uma regra ou prática comum nas reportagens especiais e grandes reportagens. Até mesmo outros elementos de ficcionalização, como música e efeitos sonoros, para compor a paisagem sonora, sugeridos por Ferraz e Basso (2013) e López Vigil (2003), são pouco utilizados na maioria das reportagens analisadas, mas ocorrem com mais frequência naquelas baseadas em registro histórico. Para Lobato (2016), a ampliação espaço-temporal do fato social, o uso de técnicas de ficcionalização, como as reconstruções de falas e a singularização dos fatos são alguns dos traços presentes nas reportagens especiais e grandes reportagens.

O que ocorre em produções específicas, como na grande reportagem sobre Abuso Sexual da Jovem Pan News, é uma adequação da narrativa dos blocos a uma progressão dramática ao envolver personagens como fontes e testemunhos da história. O aproveitamento de ruídos captados diretamente do ambiente das reportagens também não demonstra ser uma prioridade na maioria das produções analisadas nas três emissoras. Nas produções da Jovem Pan News, os eventuais sons do ambiente das reportagens são muito mais anulados do que destacados. Na CBN, ocorrem com um pouco mais de destaque na série sobre as copas do mundo. Na Gaúcha, estão presentes nas entradas ao vivo dos repórteres, muito mais como um risco dentro do que que Meneses (2016) cita como chance de ruídos indesejáveis do que como uma intenção de ilustrar o conteúdo.

Quanto à publicação na Internet, o aprofundamento das reportagens praticamente não é ampliado na CBN, já que, com apenas uma exceção, o texto adicional funciona apenas como uma introdução, similar à cabeça em produções sonoras, ou mesmo como um *teaser* ou uma abertura, convidando o internauta a clicar no botão de acionamento do áudio. O texto, neste caso, acaba se tornando um indexador de conteúdo. Mesmo que haja o incremento de imagens nas publicações, elas servem mais como ilustrações simplificadas do que necessariamente flagrantes vivos dos acontecimentos. Na Jovem Pan News, metade das reportagens analisadas tem o aprofundamento ampliado em sua versão no site da emissora, especialmente pela extensão do texto escrito e por imagens diretamente relacionadas aos fatos em si. Na Gaúcha, o número de reportagens analisadas que foram para o site é menor, mas entre essas, o grau de aprofundamento é mais amplo quando comparado com a versão do rádio hertziano. Além de um texto escrito mais extenso, a inserção de imagens coladas no acontecimento, muitos hiperlinks com antecedentes ou assuntos relacionados e até infográficos acabam apresentando reportagens praticamente novas. As reportagens no GZH demonstram muito mais identificação com um jornal online do que com uma emissora de rádio. As condições de propagabilidade

(JENKINS, FORD, GREEN, 2014), contudo, estão presentes de forma mais padronizada em quase todas as publicações nos sites das três emissoras.

Enquanto as reportagens selecionadas e analisadas da CBN não possuem hiperlinks em seu texto escrito no site, a maioria das publicações da Jovem Pan News e da Gaúcha se integram ou a fatos anteriores ou a assuntos relacionados através desse tipo de hiperligações. Ao abrir mão de explorar a utilização de links no texto escrito, a CBN acaba se distanciando dos padrões orientados por Canavilhas (2014) sobre a geração de blocos que funcionem como unidades independentes, autoexplicativas, mas integradas às demais. É o que arquiteta em seu site a Gaúcha, ao menos nas reportagens analisadas que tiveram versão publicada na web. Já a Jovem Pan News divide seus blocos por elementos multimidiáticos, como foto, texto escrito e vídeo, que acaba contemplando o áudio da versão hertziana, o que contribui para a compreensão sobre a hierarquização na modalidade por coordenação (SALAVERRÍA, 2014), quando o áudio apenas integra um vídeo. Mais presente na Gaúcha e na Jovem Pan News, a indexação hipertextual defendida por pesquisadores como Palacios (2014) e Salaverría (2005), auxilia no cumprimento de uma função documental e de formação de memória, especialmente quando as publicações priorizam as características hipermediáticas.

A constituição de memória, contudo, ocorre de forma significativa pelo fato de a publicação na *web* disponibilizar o áudio ao internauta, já que em períodos anteriores as emissoras também mantinham seus arquivos, porém sem acesso fácil ao público. Altera-se, assim, o lugar de documentação e de memória, segundo Palacios (2014, p.96): na rede, “os arquivos disponíveis para o acionamento da memória, no momento da construção do discurso jornalístico, tornam-se não somente acessíveis e facilmente pesquisáveis, mas também múltiplos”.

Ritter (2022), da CBN, explica que o site “acaba sendo um grande arquivo histórico, e que você pode pesquisar e buscar falas importantes, sentir o tom, a tensão em algumas situações ou a emoção das pessoas que participaram daquele momento histórico”. Xavier (2022) destaca a importância de incluir, no GZH, todos os elementos possíveis que foram produzidos, principalmente nas reportagens especiais da Gaúcha, como áudio, vídeo, foto, infográficos, etc. Carlos Aros, da Jovem Pan News, cita que todas as reportagens feitas para o *dial* vão para a web, já que o foco multiplataforma da emissora contempla rádio, TV e plataformas digitais, com o respeito à dinâmica de cada espaço. Quando não é possível uma veiculação simultânea em todos os canais, são montadas “versões do mesmo conteúdo para atender características particulares de cada meio” (AROS, 2022).

Mesmo com diferentes perspectivas e visões sobre a importância da utilização dos elementos parassonoros nos sites das emissoras, entre as produções analisadas, a reportagem especial e a grande reportagem, pela própria característica de aprofundamento e de contextualização atribuída a ambas, demonstram maior capacidade de armazenar informações sobre o presente para a prosperidade. Para Bergamo (2011, p.247), as reportagens já são um documento em si: “a relação de dependência do acontecido ao narrado torna a narrativa o documento mais importante de todos”. A expansão do tempo presente ocorre também com o registro de aspectos singulares da história, dos depoimentos ouvidos e das impressões relatadas enquanto o acontecimento perdura. Como argumenta Palacios (2014, p.91, grifo do autor): “o jornalismo é **memória** em ato, memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, **presente vivido** e transformado em notícia que amanhã será **passado relatado**”.

No caso das reportagens analisadas que resgatam episódios históricos, o seu cruzamento com recursos atuais, como entrevistas e publicações contemporâneas, transforma a narrativa como um todo no principal documento histórico. É um passado, captado através de arquivos históricos e ressignificados pela interpretação do tempo presente, gerando um novo documento, especialmente quando o conteúdo das reportagens também passa a ficar disponível como arquivo de áudio nas plataformas digitais da emissora. O conteúdo, assim, “perde a sua natureza perecível e ganha uma segunda vida”, fazendo história, ganhando novas propriedades e passando a “constituir uma unidade de memória” (CANAVILHAS, 2004, p.7). E na reflexão de Palacios (2014, p.91) quando diz que “tantos passados relatados haverá quantos forem os relatos registrados”, é possível verificar que a adaptação das reportagens sonoras em publicações na web cumpre o papel de constituição de memória como documento sonoro e parassonoro, exatamente pelas suas condições de contextualizar o passado com a contemporaneidade ou mesmo integrar antecedentes, atualizações e projeções futuras em espaços hiperligados e hiper-relacionados.

Após a análise descritiva que realizamos sobre cada uma das 55 reportagens do rádio hertziano e aquelas que foram aproveitadas nas páginas das emissoras, realizamos a análise interpretativa da pesquisa no próximo subcapítulo. Nesta etapa, buscamos significado no conjunto geral, na relação entre o material pesquisado e nosso referencial teórico. No processo de interpretação dos resultados, lançamos novos olhares sobre o formato na atualidade a fim de propor, em seguida, uma redefinição das configurações da reportagem radiofônica através das atribuições de suas modalidades e a sua adequação à internet.

## 5.2 ANÁLISE INTERPRETATIVA

As reportagens analisadas nesta pesquisa conferem, em sua grande maioria, o caráter híbrido sugerido por vários pesquisadores da área. Outros formatos radiojornalísticos estão presentes dentro deste formato, que se torna um agregador de uma diversidade maior de elementos quando comparado com outros praticados no rádio. Como sugere Sousa (2001) ao se referir à reportagem como gênero nobre do jornalismo, é um formato que abriga elementos da entrevista, da notícia, da análise, entre outros. Definição semelhante vem de Escalante (1986), chamando a reportagem de um resumo de todas as técnicas de jornalismo. Observamos, portanto, uma predominância na inclusão de entrevistas e notícias entre a maioria das reportagens analisadas. Elementos embrionários da notícia, obrigatoriamente, surgem para atualizar, contextualizar ou situar o ouvinte sobre o assunto tratado. As entrevistas aparecem tanto de forma simultânea e integral como também em recortes das conhecidas sonoras ou citações com voz, mais comuns na maioria das produções. Conforme já observou Vicente (2016), de que a reportagem também funciona como um formato que combina elementos de diferentes gêneros jornalísticos, há uma presença majoritária dos gêneros informativo e interpretativo nas produções analisadas. O gênero opinativo surge também em alguns casos, de forma tímida por parte dos repórteres, mas em maior volume na voz dos entrevistados.

A reportagem do rádio hertziano, no entanto, ainda mantém a compactação de cada um de seus elementos utilizados, mesmo no caso daquelas de maior duração, como as grandes reportagens e reportagens especiais. A linguagem dinâmica e a utilização de depoimentos das fontes como amostras representativas do acontecimento ainda parecem ser a tônica do formato. Mesmo quando há aprofundamento sobre o tema, ele se dá pelo conjunto das representações e não por cada elemento em distinção. No caso da utilização das mesmas reportagens na web, apesar da oportunidade de ampliação do espaço disponível, a dinâmica sugere ser a mesma, com o contexto apresentado mais pela desfragmentação do conteúdo do que por sua extensão no tempo e no espaço.

### **5.2.1 Reconfiguração do formato reportagem radiofônica nas ondas hertzianas e no ambiente digital**

Várias características comuns em reportagens jornalísticas para meios de comunicação convencionais e para a web também estão presentes nas reportagens radiofônicas, pois, embora respeitadas as diferenças quanto à natureza dos meios, as atribuições dos jornalistas raramente

se distanciam do conjunto de regras e normas às quais os mesmos se submetem no exercício da apuração e da produção de seus conteúdos. E com as novas plataformas digitais coexistindo dentro da aplicação de renovadas regras de circulação, traços semelhantes de veiculação também são passíveis de serem percebidos. No entanto, características embrionárias de cada meio ainda tensionam e disputam seu lugar na geração do produto final. No caso do rádio, o áudio certamente é a sua maior e primordial especificidade.

Enquanto Otto Groth (2011) observa que a reportagem sempre deve ser um serviço externo e que o lugar do repórter é o local do acontecimento, nem sempre é possível perceber a presença do profissional na rua ao analisarmos o material pronto, editado e veiculado, independentemente de qual meio de comunicação foi utilizado. No rádio, a identificação através do áudio sobre a presença do repórter no ambiente externo torna-se relevante para agregar valor quanto à credibilidade jornalística. Nas reportagens analisadas, há uma predominância clara da identificação do repórter no palco dos acontecimentos durante a emissão dos boletins de reportagens e, em menor proporção, nas reportagens contextualizadas. A única identificação mais nítida do repórter no local dos acontecimentos durante as reportagens especiais e grandes reportagens analisadas ocorreu em uma das produções da Gaúcha, mas pelo motivo de haver a recuperação de trechos de outro boletim emitido. Mesmo que cada vez mais o trabalho externo do repórter possa ser complementado com a atividade dentro da emissora, através de contatos telefônicos ou com pesquisa na web, o som captado das ruas com a presença de quem apura os fatos auxilia no que Lisboa e Benetti (2015) denominam de credibilidade percebida, que é atribuída pelo interlocutor/ouvinte. Além disso, a credibilidade que é constituída por quem enuncia garante a autoridade do jornalista por sua presença como testemunha ocular dos acontecimentos (ZELIZER, 2000).

Porém, se a identificação sobre a presença do repórter no local dos acontecimentos está muito vinculada à modalidade da reportagem e à sua emissão ao vivo, o uso equilibrado de sonoras na maior parte das produções analisadas e uma angulação mais plural nas reportagens especiais e grandes reportagens reforçam a característica de sistema perito (MIGUEL, 1999) ao jornalismo. Isso porque, ao se valer apenas de sua observação direta, não há o que saliente diferenças substanciais entre a prática do repórter e a experiência similar que possa ser atribuída a um cidadão comum, que na maioria dos casos já testemunhou o fato antes mesmo da chegada do repórter e registrou as possíveis cenas em seu *smartphone*.

A entrevista como método, a fim de estabelecer relações entre depoimentos, impressões, opiniões e o fato, integra o saber do procedimento (ERICSON; BARANEK; CHAN, 1987) que, nas reportagens radiofônicas, se funde com o saber de narração, em uma

sincronização entre apuração e produção do conteúdo. Essa mesclagem de saberes ocorre porque ao repórter radiofônico não basta apenas utilizar a entrevista como ferramenta de apuração, mas de enquadrar a linguagem comum utilizada pela fonte em uma linguagem jornalística, que dê fluidez à narrativa, em um processo de “empacotamento” (TRAQUINA, 2001) antecipado da estrutura informativa. Deste modo, a percepção de credibilidade está localizada tanto nos ruídos do ambiente captados durante as entrevistas, que são detalhes relacionados à forma, como no confronto de informações, interpretações e opiniões a partir de fontes de natureza diversa, garantindo verossimilhança aos fatos, como já haviam explicado Lisboa e Benetti (2015).

Uma característica observada nos dez boletins de reportagem analisados é a sua relação com o tempo real, mesmo naqueles não emitidos ao vivo. Enquanto as transmissões ao vivo estabelecem uma equiparação entre o seu tempo de emissão no ar e o tempo do relógio, as reportagens mistas e gravadas apresentadas em forma de boletim condensam o tempo, aproximando-o do ritmo de atividades do ouvinte e mantendo a sensação de atual. É o que Meditsch (2007) se refere à relação do tempo do rádio com o tempo social do ouvinte e também à realidade referencial. E a simultaneidade temporal, para Reis (2011), sempre foi uma necessidade social dos indivíduos. O ritmo de narração do repórter e o enquadramento das sonoras nos boletins garantem o status de urgência nas transmissões, apoiando-se na característica de imediatismo do rádio.

Diferente do que ocorre nas reportagens contextualizadas e especiais analisadas nesta pesquisa, o tempo interno das emissões dos boletins é calculado dentro dos parâmetros de *breaking news*. Nas reportagens com maior aprofundamento, ocorre com maior frequência o que Meditsch (2007) chama a atenção quanto ao encapsulamento do tempo externo dentro de um enunciado planejado que, como afirma Bakhtin (2003), torna-se uma réplica do discurso. Essa distinção entre a relação da construção temporal do discurso radiofônico com o tempo do público, nos leva à ambiguidade do formato reportagem, que tanto pode servir ao caráter de urgência dentro da aceleração do horário comercial quanto ao ritmo descompassado do diferido em edições especiais para horários de contemplação no consumo do jornalismo sonoro.

Embora a pretensão desta pesquisa não seja exatamente apresentar uma amostra representativa das reportagens exibidas regularmente na programação que vai ao ar pelas três emissoras, cabe observar que o vivo não é o material preferido pelos produtores para compor o espaço jornalístico nas páginas da internet. Os boletins emitidos ao vivo, de forma direta e simultânea aos acontecimentos tornam-se materiais mais difíceis de serem editados e transformados em conteúdo esteticamente adequado à arquitetura da informação na web, que

prioriza estruturas multilíneas. A exceção é o *streaming* ao vivo que, como já vimos, apenas reproduz a transmissão do hertziano. A situação de ausência de controle na tensão sobre a ação durante uma emissão ao vivo (PRADO, 1989), é substituída pela onisciência do repórter durante a ordenação dos fatos e dos blocos de informação na web. Isto ocorre até porque o contexto de recepção do vivo do rádio hertziano em relação ao seu material adaptado para a internet é totalmente diferenciado: enquanto um público ouvinte está diante da imprevisibilidade narrada pelo repórter em tempo real, o outro acompanha a recuperação de fatos acabados, situação em que já foram anuladas as curvas de tensão entre a ação e a reportagem.

Sem sombras de dúvida, é na transmissão ao vivo e externa que podemos constatar essa fusão de atribuições do repórter radiofônico quanto aos procedimentos de apuração com sua performance na produção do conteúdo, de forma instantânea e em tempo real. Até mesmo a primeira competência do jornalista, sugerida por Ericson, Baranek e Chan (1987) quanto ao reconhecimento, tem seu espaço de tempo reduzido nessas reportagens. Reconhecer acontecimentos que possuirão o devido “valor-reportagem” - como chamamos aqui - implicará, sobretudo, nas condições técnicas de levar o conteúdo ao ar no momento mais próximo de sua ocorrência e, de preferência, garantir a simultaneidade ou mesmo a sobreposição da transmissão online com o incremento de elementos parassonoros, como vídeo, texto e fotos. Segundo a gerente de jornalismo da Gaúcha, Andressa Xavier (2022), o repórter sempre planeja as suas matérias para dupla entrega, no ar e na web, pensando no formato demandado para cada veículo, considerando que a rádio e o jornal estão integrados através do site GZH. “Fazer apenas *on air* hoje é exceção completa” (XAVIER, 2022).

Para o diretor de conteúdo da rede Jovem Pan News, Carlos Aros, toda a produção dos materiais é pensada para ser exibida simultaneamente em todos os canais que a emissora possui. Desta forma, não há mais porque alterar algum aspecto na produção para diferenciar uma ou outra plataforma, já que aquilo que será gerado no rádio também irá simultaneamente para a TV, canais de áudio e vídeo e serão reaproveitados no site. “Ao longo dos anos apresentamos ferramentas e técnicas para as equipes de conteúdo para que fosse possível gerar uma mesma matriz de conteúdo para atender as nossas diferentes plataformas. Hoje não existe alteração no processo porque ele é um só” (AROS, 2022).

Douglas Ritter, gerente de jornalismo da CBN São Paulo, lembra que a emissora está em vários lugares online além do *dial* e que a produção considera esse ouvinte multitela. “A gente brifa o repórter, na eventualidade de gerar uma imagem para ilustrar aquela reportagem, ou de repente um mini vídeo, algum *teaser*, pra chamar pra reportagem, então a gente tenta discutir isso aí da forma mais ampla possível” (RITTER, 2022). Ritter também explica que

quando há a necessidade de buscar a captação de alguns elementos sonoros específicos das ruas durante a apuração, normalmente é para ilustrar um conteúdo especial, como acontece nas produções das reportagens de maior fôlego. Mesmo nesses casos, ele considera que a prioridade é o conteúdo que será levado ao ar no *dial*, mas sempre pensado em tentar emplacar nas plataformas da emissora, no site ou mesmo no portal do g1, no portal da Globo.com ou de parceiros.

Toda essa dinâmica nos leva à reflexão sobre o encurtamento do lapso temporal entre o acontecimento e a transmissão de informações ao ouvinte, quando a velocidade de etapas de execução da reportagem, como apuração, produção e circulação, passa a depender cada vez mais dos aparatos tecnológicos à disposição nas emissoras e, para as reportagens externas, centralizada no *smartphone* como seu elemento preponderante. É uma aceleração do tempo com o fenômeno da webemergência, que pode provocar questionamentos sobre um suposto prejuízo ao processo de apuração da informação, mas que gera um novo tipo de aproximação entre o fato narrado e o público. Isto ocorre porque emissor e receptor utilizam o mesmo equipamento, o *smartphone*, para produzir e ouvir, respectivamente. Podemos afirmar, assim, que o repórter passa a se conectar com as ações da audiência, em um caminho sensorial mais próximo, ao compartilhar as mesmas linguagens e operacionalidades que o ouvinte-internauta, tornando o processo mais horizontal.

Apesar da instantaneidade da internet, nas reportagens analisadas das três emissoras há uma conseqüente perda da força do vivo e do tempo real nas publicações nos sites, que não possuem a mesma dinâmica que as redes sociais, menos estáticas e mais espontâneas. O processo de reempacotamento das transmissões que foram ao ar acaba gerando um grande repositório de materiais multimídia, mas com força parcial do áudio, já que conforme vimos, enquanto a CBN prioriza mais o áudio no site, a Jovem Pan News aposta no vídeo (com o áudio do ar) e a Gaúcha relativiza a parte sonora devido à força textual de um site com heranças do jornal impresso. A força do vivo e do tempo real nos sites é conferida apenas através do *streaming* que funciona como canal (ou canais) extra de circulação do conteúdo do mesmo rádio hertziano, seja de forma síncrona ou assíncrona. Surge uma multitemporalidade, que ganhará vida através da navegação dos ouvintes-internautas tão fiéis quanto os ouvintes da emissora convencional ou do público potencial de internautas reativos que recebem constantemente os materiais compartilhados pelos usuários contumazes.

A questão do compartilhamento, que se refere ao fator propagabilidade (JENKINS; FORD; GREEN, 2014), talvez seja o aspecto melhor resolvido nas publicações das reportagens nos sites das três emissoras analisadas. O conjunto de botões e ferramentas que garantem o

engajamento do ouvinte-internauta serve como um serviço de recomendação e auxiliam para atestar a qualidade da produção publicada. Com a execução das reportagens já pensadas desde a sua origem para a publicação na web, o repórter passa a se interessar tanto naquilo que envolverá a audiência através das ondas da emissora quanto a detalhes que chamarão a atenção dos consumidores do novo ecossistema midiático. O multiplicador da era digital amplia seu empoderamento social ao dispor do acesso e das condições de compartilhamento dentro de seu círculo, mas ele também precisa de alguns requisitos mínimos para garantir sua confiabilidade, o que inclui a autenticidade do material-fonte gerado pela emissora.

No entanto, quanto mais empacotado for o material original, menores serão as chances de ressignificação do conteúdo por esses multiplicadores quando agem como influenciadores digitais. E esta pode ser uma questão ambígua, pois se de um lado o áudio da publicação original no site estiver mais “lacrado”, menos condições serão oferecidas aos usuários de alterar ou adulterar o conteúdo. Por outro lado, uma das condições para que o conteúdo seja mais suscetível à propagabilidade é ser facilmente reutilizável em uma série de maneiras (JENKINS; FORD; GREEN, 2014) e o ouvinte-internauta terá dúvidas se o seu círculo social deseja ouvir uma reportagem em áudio completa ou somente trechos mais relevantes para a sua abordagem.

O espaço cedido pela emissora para essa ressignificação a partir da avaliação do usuário (LOPEZ, 2016) pode definir se o engajamento se dará através de uma interação mútua ou apenas por uma interação reativa (PRIMO, 2000) entre usuários e espaços digitais do veículo. Neste sentido, os áudios da CBN vão para o site na íntegra, disponíveis para *download* e *streaming*. No GZH da Gaúcha, há a variação de áudios completos, recortes e publicações sem áudio. Na Jovem Pan News há a predominância do vídeo (com áudio) para *streaming* junto ao texto e demais elementos. É claro que esta disponibilização se refere às reportagens analisadas e somente publicadas nas páginas da emissora, desconsiderando outras plataformas digitais de áudio que permitirão alternativas de compartilhamento.

As condições de propagabilidade, contudo, não se referem somente ao áudio, mas às publicações como um todo, já que na maioria dos casos analisados, o que é compartilhado é o endereço das páginas (URL). Sendo assim, o repórter radiofônico, dentro de suas novas atribuições, se vê no desafio de considerar que o seu conteúdo produzido não terá mais o caráter efêmero de outrora, mas também que as condições de reversibilidade das mensagens passam a estar disponíveis e que, pelo menos entre os demais elementos multimidiáticos, a edição necessariamente não é concluída no momento de sua primeira publicação. E a atualização pode considerar a junção de enunciados até então fragmentados, já que no rádio hertziano não há ferramentas para estabelecer uma conexão, a não ser que o mesmo ouvinte acompanhe

continuamente toda a programação até esgotar a cobertura sobre determinada pauta. Enquanto na publicação da web, o fechamento do discurso pode ocorrer como na tradição da mídia impressa, no rádio o fechamento não se dá necessariamente por enunciados isolados, como explica Meditsch (2007), mas como um conjunto de emissões, com diferentes fontes e olhares sobre o acontecimento ocorrendo durante intervenções distintas no ar. Mesmo que o webjornalismo possa ter se ancorado nesse imediatismo instruído pelo rádio, a contextualização avança pelas hiperligações relacionadas ao tema ou a fatos anteriores.

As possibilidades de ampliação do aprofundamento na web do conteúdo que foi ao ar necessariamente não ocorrem da mesma forma entre as três emissoras analisadas através de suas reportagens. Conforme já observamos, enquanto a Gaúcha organiza seu material no site GZH com maiores características de jornal e a Jovem Pan News, com performance de TV na web, a CBN ainda aposta mais no áudio ao invés dos elementos parassonoros. De um modo geral, enquanto a tendência de Gaúcha e Jovem Pan News é oferecer um conteúdo extra no site ao seu ouvinte do *dial*, a CBN apenas lhe indica o local de armazenamento do áudio que foi ao ar.

Quanto aos espaços para acionamento da memória, eles ocorrem de duas formas principais: uma dentro do áudio, principalmente nos casos de reportagens sobre fatos históricos; e outra fora do áudio, na indexação do conteúdo no site. Entretanto, o uso dos documentos em áudio, a fim de produzir memória, é o que garante a contextualização do presente a partir dos eixos de ligação com os fatos anteriores, especialmente através da hiperligação textual. É o sentido amplo que se busca no tempo presente, como recomendam Leandro e Medina (1973) para uma reportagem genuinamente interpretativa, com sua reconstituição a partir do passado e do futuro, articulando assim novos e velhos fatos ao fato nuclear. Mas nesse caso, o caminho trilhado para essa ampla interpretação não ocorre através do áudio depositado nos sites. O áudio publicado surge como um destino final da leitura escrita. Não é possível observar uma construção entre elementos sonoros, de navegação de áudio para áudio, como ocorre, por exemplo, em equipamentos comandados por voz, tipo os *smart speakers*. A proposta de “reintermediação da mídia sonora” (KISCHINHEVSKY; LOPEZ, 2018, p.7) fica limitada à organização narrativa hipertextual e ao tagueamento nas reportagens. Mesmo entre a minoria dos casos analisados onde há mais de um arquivo de áudio na mesma publicação na web, o ouvinte-internauta navega entre os áudios através do texto. Então o roteiro de escuta e leitura definido pelo usuário será sempre dependente da leitura e das conexões estabelecidas via hipertexto. Os áudios são publicados por subordinação, nos conceitos de hierarquização de Salaverría (2014), a não ser nas publicações da Jovem Pan News, onde a

coordenação/integração acontece pelo fato de o áudio estar dentro dos arquivos de vídeo. Na arquitetura das reportagens analisadas do site GZH, o áudio é subordinado, enquanto na CBN é ele quem comanda os demais elementos à sua subordinação.

Porém, se dentro das várias características observadas e analisadas até agora nas produções veiculadas no rádio hertziano e em sua adaptação no site das emissoras, as diferenças entre as modalidades de reportagem ficam mais claras, restaria ainda a dúvida sobre a distinção entre um boletim de reportagem e uma notícia, tanto no *dial* como na web. Afinal, se um boletim de reportagem se propõe a ser compacto, objetivo e predominantemente informativo, tal qual a notícia radiofônica, quais são as suas diferenças? Seria a revelação do fato? A urgência nos acontecimentos? Ser narrada por um repórter ou garantir a presença deste repórter no local? A interpretação da realidade? Ou a estrutura da narrativa?

Faus Belau (1981) já alertava que essa modalidade de reportagem possui uma ligação muito mais íntima com a notícia, uma vez que apresentam características em comum, como tentar retratar os acontecimentos em tempo real, com muita velocidade e sem esgotar o assunto, pois normalmente se referem a acontecimentos ainda em andamento. Conforme já observamos em Gomis (1991), a função da reportagem é fazer com que o público veja, ouça, sinta e compreenda as coisas como se estivesse no lugar do acontecimento. E é o repórter que cria esse elo entre o ouvinte e a cena dos acontecimentos, seus envolvidos e suas conexões. É uma abordagem mais ampla em relação à notícia, que cumpre o papel de informar ao público a existência de determinados fatos.

Vejamos então novamente algumas especificidades nos boletins de reportagens analisados nesta pesquisa que podem se distinguir do conceito clássico de notícia. Nos boletins da CBN (Greve do BRT), da Jovem Pan News (Passagens aéreas) e da Gaúcha (Abate clandestino de cavalos, Aumento dos combustíveis, Pais rifam carro, MP-RS desarticula cartel e Time de São Leopoldo) há a identificação da presença do repórter no local dos acontecimentos flagrando situações ou colhendo depoimentos. Em duas delas não há sonoras, mas nas demais há entrevistados em tempo real ou através de citações com voz editadas, porém captadas no mesmo espaço. O que há em comum nessas reportagens é a construção de uma narrativa pelos repórteres que informam sobre o acontecimento (notícia), mas que ampliam o fato nuclear pelo menos até a alguns fatos anteriores, sendo que algumas delas chegam a relatar consequências, ou através das sonoras ou via narração de informações de fontes oficiais. Os maiores diferenciais em relação a uma notícia se concentram na conjunção de observação direta com apuração instantânea ou quase simultânea com as fontes. A observação direta garante espaço para uma breve interpretação do repórter sobre o que está ao seu redor, mesmo que as emissões

sejam caracterizadas como de cunho informativo. A apuração direta com as fontes envolve afetados e ausentes do acontecimento (PRADO, 1989). Há, nesses casos, uma fusão temporal entre competência de procedimento e de narração (ERICSON; BARANEK; CHAN, 1987).

No caso das reportagens “Abate clandestino de cavalos”, “Aumento dos combustíveis” e “MP-RS desarticula cartel”, da Gaúcha, e da “Greve do BRT”, da CBN, a sincronização entre apuração, organização da narração e emissão do enunciado deixa mais clara a diferença entre reportagem e notícia. Os boletins fazem parte de uma apuração mais ampla, envolvendo notícias e entrevistas sobre o assunto. Os repórteres ampliam dessa forma a repercussão do fato, indo às ruas para constatar as consequências do acontecimento original.

Já no caso do boletim “Pais rifam carro”, da Gaúcha, a emissão ganha contornos de reportagem contextualizada, pois o repórter apurou os fatos junto aos afetados e construiu a narrativa de acordo com a sua coleta de informações. A duração mais longa (5’28”) deste boletim também é um fator diferenciador em relação às notícias radiofônicas habituais. A singularidade e a humanização da história se somam ao caráter utilitário de serviço (pedido de doações).

A reportagem “Time de São Leopoldo” (Gaúcha) se caracteriza como um boletim clássico, ao vivo, com repórter entrevistando as fontes no local, mas sem a necessidade de ampliação do contexto. Caso semelhante da Jovem Pan (Passagens aéreas), mas com a diferença de que as entrevistas feitas no local foram editadas. Há, nesses casos onde o fato é narrado direto do local dos acontecimentos, o ato de pronunciar do repórter, mesmo que ele não venha a expressar uma opinião pessoal, mas pela construção da narrativa, ao explicar aos colegas do estúdio ou aos ouvintes a situação que observa no momento de sua intervenção no ar. É quando pode ser percebida a superação da notícia, como ato de anunciar (SODRÉ; FERRARI, 1986) e embute-se um discurso na narração que também se pronuncia, como uma das características da reportagem.

Nos outros dois boletins de reportagem da Jovem Pan News (Ex-policial condenada e Novo Enem), a presença dos repórteres em ambiente externo é revelada para quem assiste ao vídeo, mas não necessariamente para quem somente ouve o áudio. Além disso, os trechos externos da transmissão são meramente ilustrativos, pois não se referem aos locais dos acontecimentos, mas sugerem que há o exercício da reportagem na apuração, simbolizando a autoridade profissional de quem emite a informação. Porém, não ficam explícitas as competências de procedimento e de narração. Em um dos boletins não há fontes de informação em viva voz. No outro, as sonoras utilizadas não foram fruto de entrevistas da reportagem, mas de edição de discursos oficiais. Esses fatores, por si sós, não garantem a diferença entre notícia

e reportagem. Um diferencial na primeira (ex-policial condenada) é que a abertura ocorre de forma narrativa e o desenvolvimento flui de forma cronológica, fugindo aos padrões mais habituais da notícia, ao não utilizar a pirâmide invertida como estrutura, apesar de se manter como uma reportagem de fatos. Já na segunda (Novo Enem), a abertura como resumo de conteúdo e o desenvolvimento em blocos de informação (HERRERA DAMAS, 2007a) também não diferenciam a narrativa de uma notícia. Conforme já observado em nossa análise descritiva, é a reportagem da Jovem Pan News que mais se aproxima de uma notícia, devido à escassez de variáveis em sua construção.

De qualquer forma, o conceito de reportagem radiofônica se torna tão amplo que permite agregar outros formatos radiofônicos, fazendo com que a soma de uma notícia com uma entrevista e outros ingredientes que demonstrem existir a atividade do repórter possa constituir uma reportagem radiofônica. Sendo assim, a notícia sempre fará parte de alguma forma da reportagem (SOUSA, 2001) e só esse fator já dificulta a análise sobre seu desmembramento do todo. E o boletim se diferenciará das demais modalidades por uma eventual “licença” que o desobriga de contextualizar os fatos dentro de uma mesma emissão, mas que o condicione a apresentar elementos que somem ao conjunto da apuração sobre um mesmo acontecimento ou tema.

Entra nessa questão a evidência do trabalho do repórter, que será o ponto de partida para uma definição mais clara sobre a distinção do que é e o que não é reportagem radiofônica. Mesmo havendo um trabalho em equipe, de pauteiros a checadores e editores, o repórter radiofônico ainda reivindica para si a autoridade de detectar nas ruas ou nas dependências da emissora aquilo que possui valor-notícia (valor-reportagem). Incide nesta autoridade a sua observação direta como testemunha do acontecimento, de ter estado no palco da ação, e também de sua capacidade de compilar as informações e levá-las ao ar com a pretensa garantia de sua credibilidade profissional. Repetimos aqui o termo sugerido de “valor-reportagem” por ser muito mais próprio de quem vivencia diretamente os fatos ou se aproxima mais das fontes e do acontecimento antes de organizar sua narração. Esse conjunto de atribuições do repórter, que Ericson, Baranek e Chan (1987) definem como saberes de reconhecimento, de procedimento e de narração, nos permite refletir de maneira mais ampliada sobre o grau de adesão entre o acontecimento e o fazer jornalístico.

Em relação à distinção do trabalho do repórter de rádio comparado ao exercício em outros meios de comunicação, o vivo radiofônico pode ser considerado um dos fatores que venham a definir tal diferença. Além do preparo para o imprevisto enquanto a ação perdura (FERRARETTO, 2014), a capacidade de produzir e emitir um enunciado simultaneamente à

observação sobre o desenrolar do acontecimento completa a isocronia entre quatro tempos, de acordo com Meditsch (2007, p. 213), que são “o do acontecimento, o da produção do relato, o da enunciação e o da recepção”.

Entretanto, quando a reportagem radiofônica se transforma em reportagem na web (site da emissora de rádio), as especificidades do trabalho do repórter radiofônico correm o risco de serem esmaecidas. No conjunto de reportagens analisadas das três emissoras, vimos que o GZH acaba transformando reportagens radiofônicas em reportagens com características de webjornalismo. A Jovem Pan News mantém a estrutura, mas dá destaque para o vídeo e as imagens não vistas anteriormente pelo ouvinte radiofônico. E a CBN mantém o áudio original, mas também integra o conteúdo aos demais elementos e possibilidades de navegação habituais da internet.

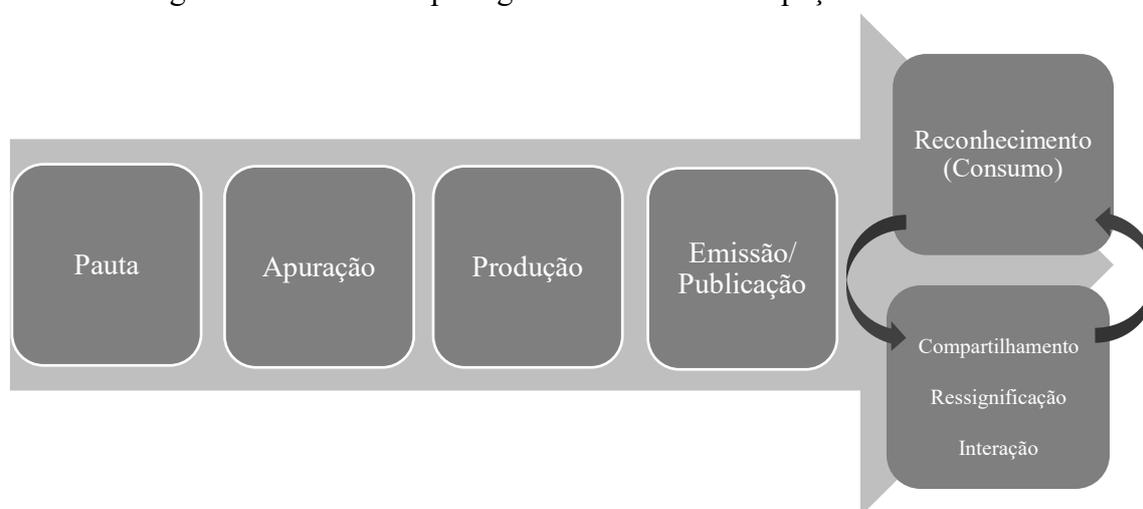
Mas quanto à diferença entre notícia e reportagem factual, os sites das emissoras dão essa contribuição de deixar clara uma linha divisória entre ambas, através de seu grau de aprofundamento e interpretação do fato, com o avanço dos blocos informativos e das conexões com fatos anteriores e posteriores. Ao ganhar nova vida na web, as reportagens radiofônicas também passam a contar com a companhia de outros elementos parassonoros que organizam o processo multimidiático, com o contexto dos eventos articulados, prioritariamente, em torno do áudio. Mesmo em tempos distantes da era da web, Faus Belau (1981) já observava a reportagem como o melhor formato para se adaptar às variadas mídias, pois sua estrutura é flexível desde a sua concepção. Sem dúvidas, ao adentrar nas páginas das emissoras na web, a reportagem radiofônica ganha em profundidade, contextualização, poder de memória, empoderamento do ouvinte-internauta e possibilidades de engajamento público. Porém, o preço do ganho dessa multilinearidade e de uma comunicação mais horizontal é a perda de algumas de suas características originais, mesmo que mantenha outras. Perde a instantaneidade do vivo em áudio, mesmo que a mantenha em suas mídias sociais e outras plataformas de *streaming*, mais dinâmicas que as publicações nos sites. Reduz o impacto da palavra falada, já que o internauta passará pelo texto e outros elementos não sonoros antes de chegar ao arquivo de áudio. Mantém o potencial de mobilidade e imediatismo, uma vez que o tempo de publicação na web, mesmo com a inclusão da redação de um texto introdutório e de imagens do local dos acontecimentos, não exige tanto atraso como ocorria em outros meios convencionais.

## **5.2.2 Revisão das configurações do formato reportagem radiofônica na contemporaneidade a partir da redefinição de suas modalidades**

Enquanto tradicionalmente a reportagem tenta superar a notícia, esgotando um fato ou buscando outras abordagens acerca do acontecimento original, este formato radiofônico não pode ser observado como algo de única modelagem ou em condições estruturais imutáveis quanto às suas práticas jornalísticas contemporâneas. De acordo com os três entrevistados das três emissoras pesquisadas, as reportagens já são produzidas na sua origem considerando a veiculação tanto no *dial* como na web. Na Jovem Pan News, as equipes de reportagens pensam o conteúdo e geram uma mesma matriz de conteúdo para todas as plataformas (AROS, 2022). Na Gaúcha, faz alguns anos que o repórter possui como rotina planejar o material para diferentes entregas, já pensando em cada formato demandado (XAVIER, 2022). Na CBN, é considerado o ouvinte multitela desde a concepção da reportagem, com o profissional brifado para produzir o conteúdo para o site, principalmente em reportagens especiais (RITTER, 2022).

Podemos entender, então, que o crescimento do uso compartilhado, distinto ou alternado por parte do ouvinte de rádio através de diferentes plataformas afeta a sua produção em todos os sentidos, interferindo desde a seleção da pauta, os métodos e ferramentas utilizados para a apuração, a organização da produção e da emissão em múltiplas frentes e o impacto com o recebimento e as novas formas de circulação do conteúdo com o usuário final. Neste sentido, adaptamos o fluxograma da figura 32 que compreende uma sequência conhecida das etapas de produção de materiais radiojornalísticos para a reportagem radiofônica produzida e emitida conjuntamente entre o espaço hertziano e a web:

Figura 32: Fluxo da reportagem radiofônica no espaço hertziano e na web



Fonte: elaborado pelo autor

Esse fluxograma inclui o conjunto de atribuições do repórter, como os saberes de reconhecimento, de procedimento e de narração (ERICSON; BARANEK; CHAN, 1987), a fim

de garantir a adesão entre o acontecimento jornalístico e a reportagem. A pauta parte de uma intencionalidade e de uma visão jornalística dos fatos (LAGE, 2001), dentro do saber de reconhecimento, que definirá qual o formato radiojornalístico e qual a modalidade e o tipo de reportagem que será aplicada. A apuração, através de consultas às fontes, entrevistas, pesquisa e verificação, integra o saber de procedimento, que também definirá desde o tipo de emissão da reportagem no espaço hertziano como o seu posterior aproveitamento na web. A produção, que integra o saber de narração, pode incluir redação e edição após a conclusão do acontecimento ou ser integrada com a apuração e a emissão, nos casos de reportagens ao vivo.

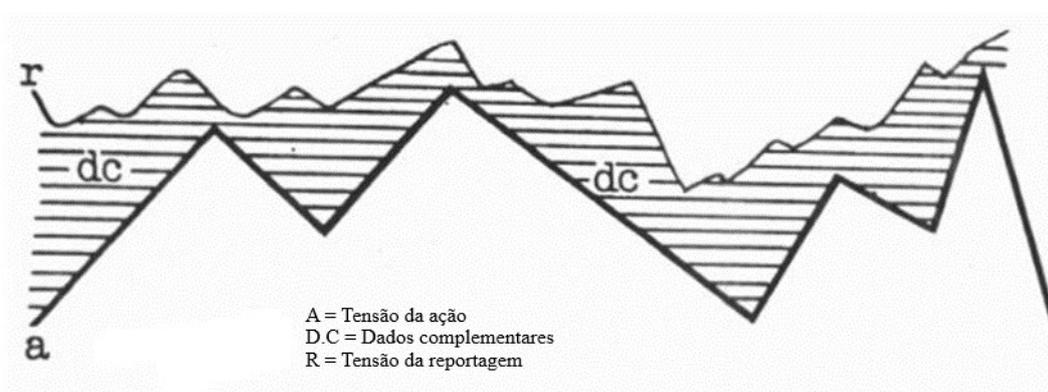
Para a página na web, no entanto, sempre haverá um estágio posterior para uma segunda produção, refinamento ou adaptação ao novo espaço. O sincronismo entre emissão e recepção garantido no *dial* não ocorre entre publicação e consumo na página da web, salvo nas transmissões ao vivo compartilhadas naquele espaço. O consumo convencional do rádio hertziano passa também a ganhar novos atores, como os multiplicadores de conteúdo digital, que gerarão uma nova circulação de conteúdo, através do engajamento e das condições de propagabilidade (JENKINS, FORD; GREEN, 2014), entregando um produto ressignificado ao ouvinte-internauta final. Esse novo modelo de interação ocorre muito mais entre os próprios ouvintes-internautas pelas redes sociais e aplicativos de mensagens do que necessariamente entre ouvinte e emissora, como convencionalmente já ocorria no rádio antes da chegada da internet. O encurtamento do lapso temporal entre o fato gerador da notícia e a transmissão do conteúdo ao público (ZIMMERMANN; ZUCULOTO, 2020), historicamente tensionado em função das características embrionárias da agilidade radiofônica, é novamente necessário devido ao incremento de aparatos técnicos e tecnológicos integrados entre emissora e receptor.

No entanto, as características relacionadas à mobilidade, instantaneidade e imediatismo normalmente são mais exigidas e estão presentes nos boletins e nas reportagens contextualizadas, ambas voltadas à cobertura de acontecimentos temporalmente mais recentes. As entradas ao vivo dos repórteres na programação, mesmo que estudos recentes apontem para sua diminuição, continuam sendo importantes para o ouvinte do radiojornalismo, que espera que seu contrato de audiência (ZIMMERMANN, 2012) seja cumprido e que o noticioso rotineiro seja interrompido para a revelação de fatos imprevisíveis.

O modelo desenvolvido por Prado (1989), que representa as curvas de tensão da ação e tensão da reportagem nas emissões simultâneas (figura 33), pode ser muito mais atribuído às entradas de repórteres ao vivo em emissoras locais do que necessariamente em transmissões via rede nacional. Isso porque normalmente os assuntos do cotidiano que envolvem acidentes, desastres, ações policiais, manifestações de rua e outros conflitos tipicamente urbanos acabam

preenchendo a programação das praças e interessando muito mais ao ouvinte local do que aquele de âmbito nacional, que opta mais pela explicação sobre os fatos. Tanto que entre os boletins de reportagens analisados, encontramos na Gaúcha, com mais conteúdo regional, maior presença de emissões nessa modalidade. As outras emissoras, que cobrem um território mais amplo em sua rede, deixam as entradas ao vivo sobre fatos localizados preferencialmente às suas afiliadas.

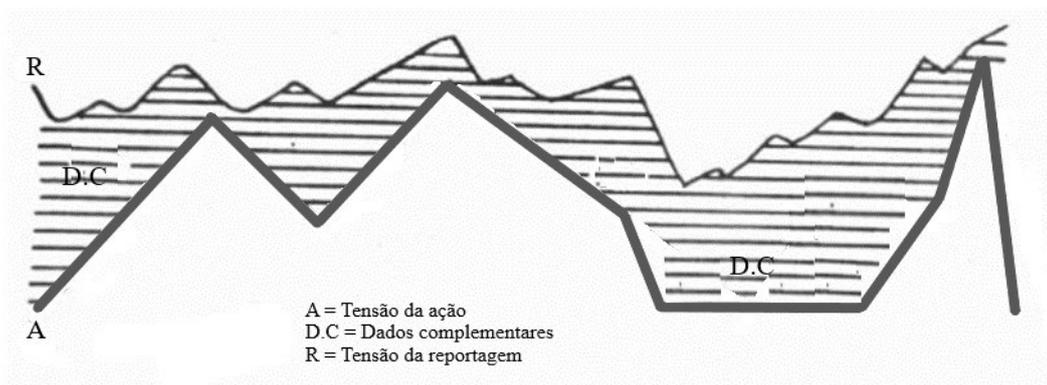
Figura 33: Curvas de tensão na reportagem radiofônica simultânea



Fonte: Prado (1989, p.87)

Se formos adaptar a figura das curvas de tensão sugeridas por Prado (1989) para uma reportagem mista (figura 34), podemos compreender que os dados complementares incluirão as sonoras gravadas com as fontes entrevistadas, fazendo inclinar mais ainda para baixo a curva de tensão da ação. Assim, a curva de tensão da ação (A) inicia com um espaço vazio, que pode ser preenchido com os dados complementares iniciais coletados pelo repórter antes de sua entrada ao vivo. No momento em que a reportagem veicula as sonoras gravadas com as fontes, a curva de tensão da ação desce novamente para a inclusão dessas informações complementares (D.C), mantendo a oscilação da curva de tensão da reportagem (R) novamente em elevação, como na proposta original de Prado (1989). Essa situação sugere uma maior onisciência e maior controle da ação por parte do repórter que continua no local dos acontecimentos e disposto a concluir sua intervenção no ar narrando os últimos detalhes dos fatos que ainda se desdobram, elevando ambas as curvas de tensão, conforme a figura 34 a seguir.

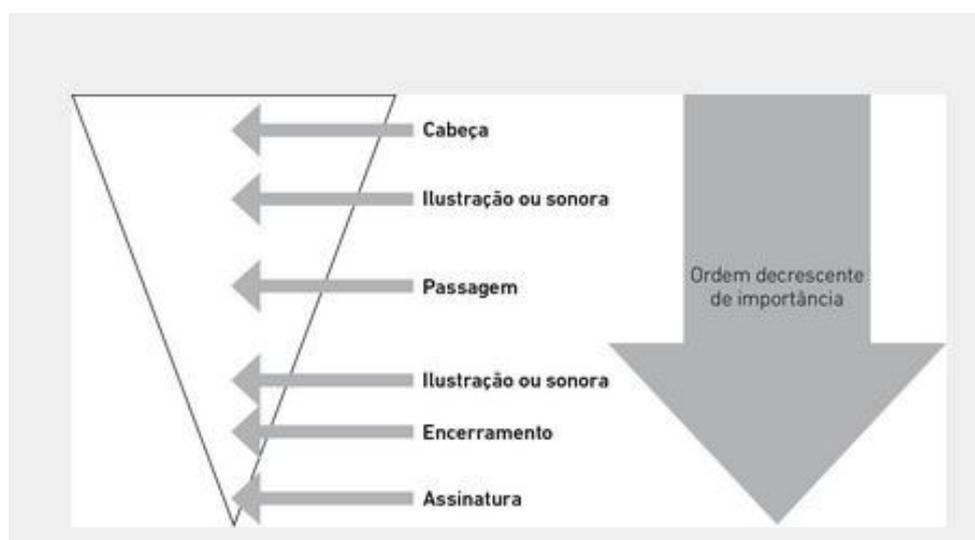
Figura 34: Curvas de tensão na reportagem radiofônica com emissão mista



Fonte: elaborado pelo autor, adaptado do modelo de Prado (1989).

Já a estrutura da reportagem radiofônica tem sido apresentada no Brasil reproduzindo o modelo de pirâmide invertida que foi atribuído às notícias, primeiramente nos jornais impressos. A técnica da pirâmide invertida compreende que uma notícia inicie pelos dados mais importantes e responda às clássicas perguntas “o quê, quem, onde, como, quando e por quê”, seguido de informações complementares organizadas em blocos decrescentes de interesse (CANAVILHAS, 2006, p.5). O risco mais reduzido nesta estrutura para a organização do repórter é um dos motivos para que Ferraretto (2014) sugira a sua aplicação nas reportagens radiofônicas, principalmente nas coberturas factuais, conforme a figura 35 a seguir.

Figura 35: Estrutura da reportagem radiofônica no modelo de pirâmide invertida



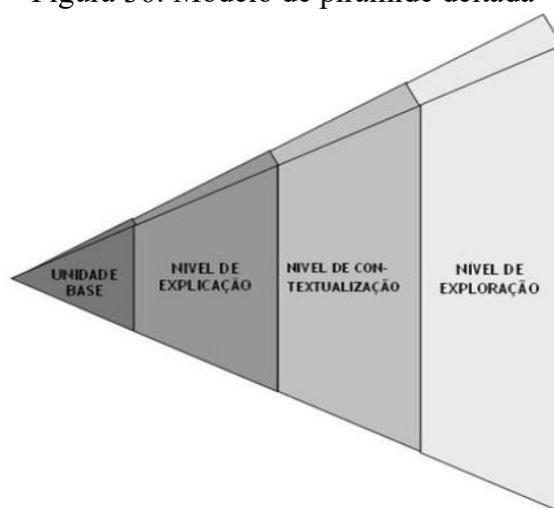
Fonte: Ferraretto (2014)

No entanto, este modelo de pirâmide invertida, criado baseado na emissão de notícias, iniciando pelos fatos julgados mais importantes e descendo a detalhes de menor relevância,

contempla uma minoria das reportagens analisadas neste trabalho. Das 55 produções, podemos identificar apenas cinco que se encaixam claramente neste modelo: “Greve do BRT” da CBN, “Novo Enem” e “Passagens aéreas” da Jovem Pan News, “MP-RS desarticula cartel” e “Falta de transporte escolar” da Gaúcha. O que todas essas cinco reportagens possuem em comum é o tipo de abertura como um resumo de conteúdo, de acordo com a estrutura sugerida por Herrera Damas (2007a). E a maioria delas é encerrada como uma conclusão (resumo das informações) ou de retorno ao início, mas com redundância em relação ao que já foi informado, liberando o ouvinte da escuta antes de seu fechamento, sem prejuízo de perda de conteúdo.

No caso do webjornalismo, Canavilhas (2006) propõe o modelo de pirâmide deitada, baseada na arquitetura sugerida por Darnton (1999) para documentos acadêmicos, com seis camadas de informação: resumo do assunto; uma versão alargada com elementos dominantes e organizada com elementos autônomos; documentação sobre o assunto em análise; enquadramento com referências a outros dados; nível pedagógico; reações dos leitores e suas discussões com o autor. Canavilhas (2006) utilizou esses conceitos para uma pesquisa com 39 estudantes da Universidade de Beira do Interior, onde 22 fizeram percursos diferentes de leitura. Foi então que o pesquisador sugeriu o modelo de pirâmide deitada com quatro níveis de leitura (figura 36): uma unidade base, como *lead*, para responder ao essencial (o quê, quando, quem, onde); o nível de explicação, para responder ao Por Quê e ao Como; o nível de contextualização, com mais informação textual e multimídia; o nível de exploração, ligando a informação a arquivos externos através da hipertextualidade.

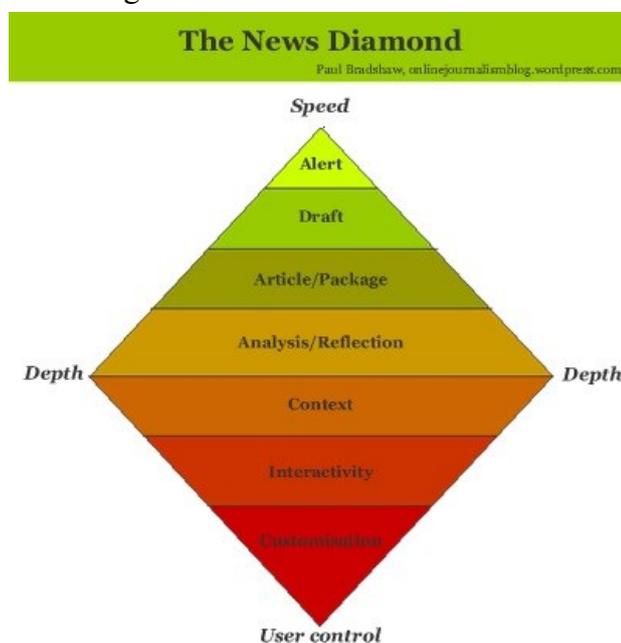
Figura 36: Modelo de pirâmide deitada



Fonte: Canavilhas (2006)

Outro modelo surgido para o jornalismo na web vem de Paul Bradshaw (2007), com a proposta de *news diamond* (figura 37), em formato de diamante que vai da velocidade à profundidade das informações nas seguintes etapas: alerta, para distribuir as primeiras informações para dispositivos móveis; rascunho (*draft*), que fornece mais dados e vai atualizando conforme novos detalhes vão chegando; artigo, que é a notícia construída com maiores valores de produção e com natureza documental; contexto, com espaço infinito em conexões hipertextuais; análise e reflexão, onde entra a reação e discussão de quem é afetado ou informado; interatividade, através de uma cauda longa (*long tail*) combinada através de elementos hipermediáticos, vídeo, áudio, banco de dados e outros; customização/personalização, quando os usuários podem personalizar as informações de acordo com suas próprias necessidades.

Figura 37: Modelo *News Diamond*



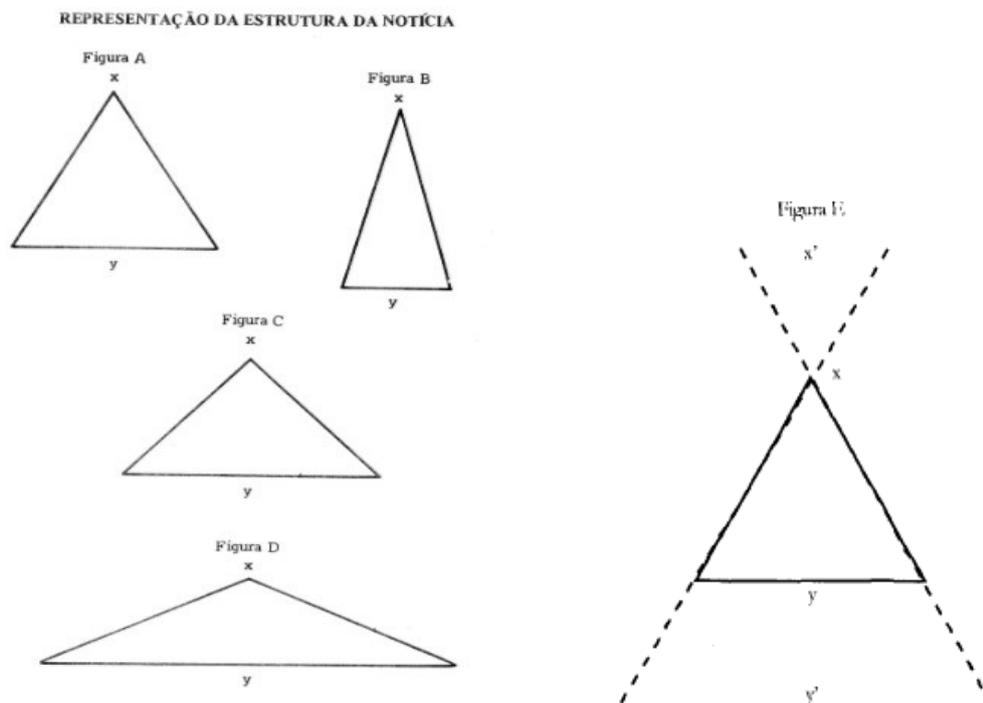
Fonte: Bradshaw, 2007.

Nenhuma das 38 reportagens da CBN e das sete da Jovem Pan News, publicadas nos sites das emissoras, se aplicam ao modelo de pirâmide deitada de Canavilhas (2006) ou no de *news diamond* de Bradshaw (2007). Apenas uma da CBN (Turismo em 2022) chega a utilizar pelo menos os dois primeiros níveis da pirâmide deitada, mas ainda mantendo a mesma estrutura da reportagem original que veiculou no *dial* e sem a utilização de hiperlinks para ampliar o contexto dentro do universo online. Na Jovem Pan News, todas as produções seguem estrutura muito semelhante à versão hertziana, apesar de maior riqueza em conexões

hipertextuais em relação às reportagens da CBN. No entanto, todas as cinco reportagens da Gaúcha que foram publicadas no site GZH, podem ser compreendidas estruturalmente como o modelo de pirâmide deitada (CANAVILHAS, 2006), avançando nos níveis que exploram a contextualização e o aprofundamento, tanto na relação interna de seus blocos informativos como através de suas conexões externas. A assemelhação ao modelo de *news diamond* de algumas das reportagens da Gaúcha, vão além do site GZH, mas da integração com outras plataformas digitais utilizadas pela emissora, que não foram objeto de nossa análise. Um dos fatores que diferenciam as publicações da Gaúcha em relação às outras emissoras, conforme já observamos, é o fato de o site GZH seguir um padrão de portal de notícias de webjornalismo. Já CBN e a Jovem Pan News, definitivamente mantêm maiores traços do rádio na publicação online. Na maioria dos casos, em ambas as emissoras, o texto da página da web é praticamente o mesmo que foi veiculado no *dial*.

Retomando a observação acerca das reportagens veiculadas no rádio hertziano, que majoritariamente também não seguem à arquitetura noticiosa da pirâmide invertida, cabe lembrar que esse modelo nasceu durante a Guerra da Secessão nos Estados Unidos devido ao uso do telégrafo. A iniciativa possibilitava aos jornalistas o envio diário das informações, mas sem a confiança técnica de conclusão das transmissões (CANAVILHAS, 2006). A prática virou regra para a maioria dos veículos de comunicação do Brasil e de outros países ao longo das décadas seguintes. Assim, os jornalistas passaram a organizar os fatos por critério de importância, o que é contestado por Genro Filho (1987), por entender que a estrutura informa o público apenas de maneira superficial e não o leva à reflexão. No entanto, Genro Filho defende a utilização do modelo de pirâmide de pé, mas que possa também iniciar pelo *lead*, pois este representa o momento mais importante da informação, que é “a apreensão sintética da singularidade ou núcleo singular da informação” (GENRO FILHO, 1987, p.201). Os modelos gráficos apresentados por Genro Filho na figura 38 demonstram que a notícia deve iniciar pelo aspecto mais singular do acontecimento (ponta da pirâmide) e relacioná-lo com seu contexto particular e suas conexões, permitindo avançar à base larga da pirâmide, onde a informação busca o significado universal do fato e o jornalismo se propõe a construir conhecimento.

Figura 38: Representação da estrutura da notícia a partir de sua singularidade



**x** - O núcleo singular da notícia.

**y** - A base de contextualização particular.

**x'** - Os pressupostos ontológicos e ideológicos que orientaram a produção da notícia.

**y'** - A projeção ideológica e ontológica que emana ou é superior pela notícia.

**A:** modelo de notícia diária. Equilíbrio entre a singularidade do fato, a particularidade que o contextualiza e o significado universal.

**B:** notícia sensacionalista, excessivamente singularizada.

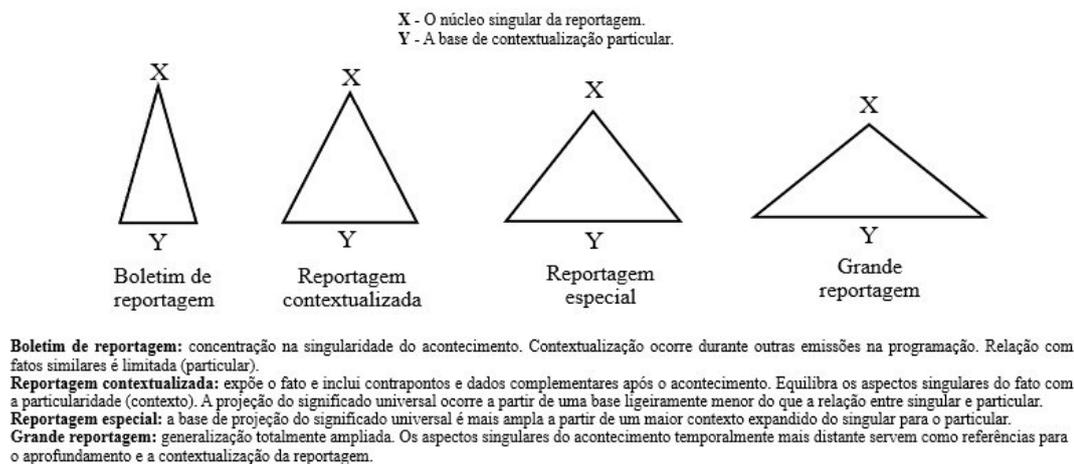
**C:** modelo de periódico semanal, com maior ângulo de generalização do singular para o particular.

**D:** modelo de periódico mensal, com maior contextualização e generalização.

Fonte: Genro Filho (1987, p.204)

Em sua obra *O Segredo da Pirâmide: Para uma Teoria Marxista do Jornalismo*, Genro Filho (1987) faz poucas menções à reportagem, mas recomenda que neste formato jornalístico, a particularidade assuma uma relativa autonomia em relação ao singular. É claro que o pesquisador se referia neste sentido aos modelos de grandes reportagens dos veículos impressos, especialmente aqueles de grande fôlego de apuração e investigação ou mesmo às reportagens que transcendem ao gênero literário. Nessas modalidades, o autor entende que a singularidade atinge a particularidade, mas não se dilui nela, preservando-se ao longo da narrativa. Adaptando o modelo de Genro Filho (1987) para as quatro modalidades principais de reportagem radiofônica, compreendendo as especificidades de cada modelo, sugerimos a seguinte representação, na figura 39:

Figura 39: Representação da estrutura da reportagem a partir de sua singularidade



X - O núcleo singular da reportagem.

Y - A base de contextualização particular.

**Boletim de reportagem:** concentração na singularidade do acontecimento. Contextualização ocorre durante outras emissões na programação. Relação com fatos similares é limitada (particular).

**Reportagem contextualizada:** expõe o fato e inclui contrapontos e dados complementares após o acontecimento. Equilibra os aspectos singulares do fato com a particularidade (contexto). A projeção do significado universal ocorre a partir de uma base ligeiramente menor do que a relação entre singular e particular.

**Reportagem especial:** a base de projeção do significado universal é mais ampla a partir de um maior contexto expandido do singular para o particular.

**Grande reportagem:** generalização totalmente ampliada. Os aspectos singulares do acontecimento temporalmente mais distante servem como referências para o aprofundamento e a contextualização da reportagem.

Fonte: elaborado pelo autor, baseado no modelo de Genro Filho (1987)

A nossa proposta de uma representação do boletim de reportagem assemelhada à notícia sensacionalista e excessivamente singularizada de Genro Filho (1987) se dá pelo fato de que um boletim não se ocupa em esgotar o fato dentro de uma mesma emissão. Essa modalidade de reportagem pode ser vista na maioria das vezes como um fragmento do conjunto da apuração e da cobertura jornalística sobre um acontecimento de dimensões mais amplas. Em outros casos, funciona somente como um alerta sobre a ronda noticiosa praticada pela emissora, flagrando acontecimentos repentinos, muito comuns principalmente na rotina urbana, como problemas no trânsito, ocorrências policiais, pequenos desastres ou mesmo comunicados de utilidade pública. Nesses casos, o fato é apreendido pelo ângulo da sua singularidade (GENRO FILHO, 1987), mas com o leque reduzido em sua relação com o contexto particular. Há uma limitação, ao menos temporal, na relação do acontecimento com fatos similares ou com seus possíveis desdobramentos.

Diferente é o que ocorre na representação proposta para uma reportagem contextualizada, também factual, mas que avança para mais fontes de informações e novas angulações que garantirão contrapontos e um equilíbrio maior entre a singularidade do fato

apreendido e os elementos que lhe auxiliarão no percurso do contexto particular até o seu significado universal. A assemelhação com a representação no modelo de notícia diária de Genro Filho ocorre pela proposta de uma apreensão um pouco mais crítica da realidade, embora tenhamos optado por uma base ligeiramente menor, com um pequeno estreitamento em sua projeção universal, devido à natureza mais efêmera e imediatista do rádio.

Já a proposta de representações da reportagem especial e da grande reportagem com semelhanças aos modelos de periódicos semanais e mensais de Genro Filho (1987) ocorre pelo fato de que a primeira é de uso habitual do rádio tanto em edições diárias como semanais. Já a grande reportagem, menos utilizada no rádio comercial, ocorre em edições esporádicas e mais comumente aos finais de semana. No entanto, a base de projeção do significado universal da reportagem especial é mais ampla do que a da reportagem contextualizada, com um maior contexto na transição singular-particular. As grandes reportagens partem de uma apreensão singular do fato como referência para avançar e se aprofundar sobre o tema, já que o acontecimento original e gerador da pauta jornalística normalmente se encontra temporalmente mais distante da produção e posterior veiculação.

Dos dez boletins de reportagem analisados nesta pesquisa no rádio hertziano, seis se encaixariam dentro desta sugestão de representação da pirâmide em pé: “Ex-policiaI condenada” da Jovem Pan News, “Abate clandestino de cavalos”, “Aumento dos combustíveis” (dois boletins), “Pais rifam carro” e “Time de São Leopoldo” da Gaúcha. Os boletins sobre “Greve do BRT” da CBN, “Novo Enem” e “Passagens aéreas” da Jovem Pan News, “MP-RS desarticula cartel” da Gaúcha mantêm o modelo de pirâmide invertida.

Das cinco reportagens contextualizadas analisadas nesta pesquisa no rádio hertziano, quatro se encaixariam dentro desta sugestão de representação da pirâmide em pé: “Turismo em 2022” da CBN, “Alta dos combustíveis”, “Home office” e “Coronavírus nas favelas” da Jovem Pan News. Já a reportagem “Falta de transporte escolar” da Gaúcha se aproxima mais do modelo de pirâmide invertida.

Das reportagens especiais analisadas na CBN pelo rádio hertziano, todas seguem o modelo sugerido de pirâmide em pé, iniciando pelo fato mais singular e expandindo o contexto a partir das particularidades do acontecimento e projetando um significado universal, como propõe Genro Filho (1987). Os três capítulos e a versão estendida como grande reportagem na série “O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922”, a reportagem especial “Brasil perdia Elis Regina 40 anos atrás” da CBN e sua versão ampliada para podcast (também como grande reportagem) e a reportagem especial sobre “Tutores de Pets” seguem esse modelo. Os 29 capítulos analisados da série “História das copas do mundo” também seguem o modelo de

pirâmide em pé. Uma diferença em relação às demais reportagens especiais da CBN analisadas nesta pesquisa é de que nesta série das copas a contextualização se divide entre relacionar os fatos singulares aos particulares dentro da mesma emissão e entre a mesma edição de copa do mundo, que na maioria das vezes é relatada em capítulos distintos (e diários) da série.

Na Jovem Pan News, a versão analisada da reportagem especial “Quem é Vladimir Putin?” também segue o modelo de pirâmide em pé, porém sem utilizar uma base tão ampliada como no modelo que adaptamos de Genro Filho. Neste sentido, sua ampliação para um significado universal é menor do que a maioria analisada nesta pesquisa. A reportagem sobre “Abuso Sexual”, observada tanto como especial, grande reportagem ou até mesmo documentário, contém também as características de pirâmide em pé.

Na Gaúcha, a reportagem especial “Desarticulada quadrilha que vendia carne de cavalo” não segue exatamente a estrutura de pirâmide em pé. Apesar de iniciar com uma citação que singulariza o acontecimento, o resumo do contexto surge logo na sequência. Isso porque essa produção foi editada a partir de outras emissões realizadas ao longo da cobertura sobre a mesma pauta. Mesmo assim, podemos verificar sua aproximação parcial ao modelo sugerido, já que sua divisão em blocos recupera vários aspectos singulares do fato que permitem relacioná-los a um contexto mais amplo. A reportagem especial (também apresentada como grande reportagem) sobre “A ascensão do EAD” possui uma curiosa estrutura, onde cada bloco possui uma interdependência e é autoexplicativo, tanto no rádio hertziano como na web. Isso faz com que alguns dos blocos sigam o modelo proposto de pirâmide em pé e outros não. No conjunto, a reportagem se distancia mais do modelo, por iniciar com um resumo do conteúdo e depois ampliar para detalhes específicos.

Entretanto, o fato de as reportagens indicadas se situarem mais adequadas ao modelo de pirâmide de pé não significa que elas não possam possuir *lead* em suas aberturas, como já explicou Genro Filho (1987). Em algumas das reportagens analisadas, inclusive em boletins com predominância informativa e aberturas baseadas em resumo do conteúdo, há a presença de *lead*, respondendo ao menos as questões “o quê, quem, quando, onde” já nos primeiros 10 ou 15 segundos da emissão. O que as desloca para o modelo representado de pirâmide de pé de Genro Filho é o fato de iniciarem destacando o que há de mais singular no acontecimento, aquilo que o diferenciara de tantos outros aparentemente similares. É claro que no rádio, a cabeça narrada pelos apresentadores no estúdio auxilia nesse processo, ao ampliar mais a abrangência do fato para que em seguida o repórter possa iniciar a sua participação contando a história com um texto que organize a singularidade do evento. “O *lead* é uma importante conquista da informação jornalística, pois representa a reprodução sintética da singularidade da experiência

individual. As formulações genéricas são incapazes de reproduzir essa experiência” (GENRO FILHO, 1987, p.205-206). Para o pesquisador, o *lead*, ao sintetizar informações básicas no início da informação, reproduz o fenômeno em sua manifestação empírica, criando um epicentro para que o público obtenha melhor percepção do conjunto. Neste sentido, a representação da pirâmide de pé na reportagem radiofônica não abole necessariamente a existência do *lead*, mas faz com que ele conduza a informação a partir das principais peculiaridades que envolvem o fato narrado, daquilo que é mais raro ou menos frequente no fenômeno observado.

Essa análise de ordem mais interpretativa do que descritiva que fazemos a partir dos modelos de representação de Genro Filho (1987) demonstra, no mínimo, que há uma variedade maior de concepções sobre a estrutura das reportagens radiofônicas, especialmente entre os modelos mais comuns utilizados nas emissoras brasileiras. Não se trata aqui, no entanto, de simplificar as complexas reflexões teóricas do pesquisador sobre a inversão da pirâmide, já que o singular pode ser o ângulo que o jornalista observa o acontecimento e não apenas o acontecimento em si (GENRO FILHO, 1987). Mas o olhar sobre as produções radiofônicas a partir da formulação teórica do autor, nos permite identificar estruturas narrativas para além de formatações até então padronizadas pela rotina produtiva das emissoras.

O modelo de pirâmide invertida, presente nos principais manuais de jornalismo e radiojornalismo, continua sendo aplicado a uma parcela das produções, principalmente entre os boletins, que se apoiam majoritariamente nas características tradicionais do rádio hertziano, como imediatismo, mobilidade e instantaneidade. O avanço do trabalho conjugado com publicações duplas ou múltiplas, *dial* e *web*, além de uma maior segmentação das emissoras nos formatos *all news* e *talk and news*, desloca as produções para estágios diferenciados quanto à organização de seus enunciados. O próprio fato de que, de acordo com o relato dos entrevistados nesta pesquisa, emissoras de grande porte que operam em rede venham a reaproveitar com maior frequência seus materiais radiojornalísticos para formatos diferenciados no ar e na internet, já demonstra que a consolidação das produções realizadas avança para níveis além da esperada superficialidade da mensagem radiofônica.

Neste sentido, apresentamos na sequência uma proposta de categorização para o formato reportagem radiofônica a partir das suas modalidades principais, considerando fatores como a temporalidade na relação emissão-acontecimento, a produção e a emissão da reportagem, o nível de contextualização e aprofundamento, o gênero radiojornalístico predominante e a utilização das fontes de informação. Esta proposta é apresentada baseada no resultado da análise descritiva realizada nas reportagens da CBN, Jovem Pan News e Gaúcha,

no subcapítulo 5.1 deste trabalho e de sua articulação com os pressupostos teóricos que norteiam nossa análise interpretativa, expostos aqui no subcapítulo 5.2. O quadro a seguir considera quatro modalidades de reportagem radiofônica (boletim de reportagem, reportagem contextualizada, reportagem especial e grande reportagem<sup>40</sup>) produzidas para o rádio hertziano, mas sob a influência do uso compartilhado na web e das inovações técnicas e tecnológicas da contemporaneidade, que impactam na visão jornalística sobre os acontecimentos e nas formas de apuração, produção, emissão e circulação do conteúdo, dentro dos saberes de reconhecimento, de procedimento e de narração (ERICSON; BARANEK; CHAN, 1987), conforme verificado na quadro 33 a seguir.

Quadro 33: Proposta de categorização das modalidades da reportagem radiofônica

<b>Boletim de reportagem</b>				
<b>Modo de emissão</b>	<b>Ao vivo e estrito</b>	<b>Ao vivo/misto com entrevistas e/ou sonoras</b>	<b>Gravado e estrito</b>	<b>Gravado com entrevistas e/ou sonoras</b>
<b>Temporalidade</b>	Factual; Flagrante do acontecimento; Resumo dos fatos	Factual; Flagrante do acontecimento	Factual; Recupera o flagrante do acontecimento; Resumo dos fatos	Factual; Recupera o flagrante do acontecimento
<b>Produção e emissão</b>	Simultânea ao acontecimento e/ou seus primeiros desdobramentos	Simultânea ao acontecimento e/ou seus primeiros desdobramentos	Gravação síncrona/simultânea ao acontecimento e/ou seus primeiros desdobramentos; Transmissão assíncrona	Registro gravado e editado da cobertura do acontecimento; Concentração no fato isolado, sem ampliação para novos fatos; Transmissão assíncrona
<b>Nível de contextualização</b>	Baixo	Baixo	Baixo	Baixo

<sup>40</sup> Não incluímos aqui o termo documentário radiofônico, pois, como já exposto nesta tese, compreendemos que o formato pode tanto ser tratado como algo similar a uma grande reportagem como também ser definido com características mais próximas das produções de origem cinematográfica.

<b>Gênero</b>	Informativo	Informativo	Informativo	Informativo
<b>Fontes</b>	Fontes não são utilizadas como sonoras	Envolvidas diretamente no acontecimento	Fontes não são utilizadas como sonoras	Envolvidas diretamente no acontecimento
<b>Reportagem contextualizada</b>				
<b>Modo de emissão</b>	<b>Misto com entrevistas e/ou sonoras</b>	<b>Versão gravada e consolidada do boletim</b>	<b>Gravado com entrevistas e/ou sonoras</b>	
<b>Temporalidade</b>	Factual; Recupera o flagrante do acontecimento	Factual; Recupera o flagrante do acontecimento e atualiza as informações	Factual; Recupera detalhes do acontecimento e atualiza as informações; explora antecedentes e faz projeções futuras	
<b>Produção e emissão</b>	Registro do repórter ao vivo com sonoras gravadas e editadas durante ou após o acontecimento; Conexão com fatos relacionados; Transmissão síncrona	Gravação e edição de trechos do boletim que foi transmitido ao vivo; Transmissão assíncrona	Registro gravado e editado após o acontecimento; Conexão com fatos relacionados; Transmissão assíncrona	
<b>Nível de contextualização</b>	Alto	Alto	Alto	
<b>Gênero</b>	Informativo	Informativo	Predominantemente informativo	
<b>Fontes</b>	Afetadas pelo fato e ausentes do acontecimento; Inclusão de especialistas e/ou contrapontos de fontes variadas	Afetadas pelo fato e ausentes do acontecimento; Inclusão de especialistas e/ou contrapontos de fontes variadas	Afetadas pelo fato e os ausentes do acontecimento; Inclusão de especialistas e/ou contrapontos de fontes variadas	
<b>Reportagem especial e Grande reportagem</b>				
<b>Modo / modelo</b>	<b>Reaproveitamento ou ampliação da cobertura factual (cobertura jornalística)</b>	<b>Temática</b>	<b>Narrativa dramática</b>	

<b>Temporalidade</b>	Durante o intervalo de irrupções de acontecimentos mais longos e complexos; Temporal e espacialmente ligada ao acontecimento original; As reportagens especiais podem ser apresentadas em módulo único ou de forma seriada, em capítulos	Relação temporal com o acontecimento ocorre por aniversário, datas alusivas ou aproximação temática e motivacional com acontecimento similar do momento; Historiciza o acontecimento; Grande valor documental	Conta a história sobre acontecimentos já concluídos; Humanização da história; Reconstrução de documentos; Grande valor documental
<b>Produção e emissão</b>	Registro gravado e editado após a cobertura do acontecimento; Detalhamento dos fatos; Conexão com fatos relacionados e antecedentes; Transmissão assíncrona	Registro gravado e editado; Conexão com fatos relacionados e antecedentes; Promove uma retrospectiva sobre o assunto abordado; Transmissão assíncrona	Registro gravado e editado, utilizando elementos ficcionais e de dramatização; Estrutura narrativa moldada por conflito; Possibilidade de envolvimento autoral do repórter; Transmissão assíncrona
<b>Nível de contextualização</b>	Alto. Reportagem em profundidade	Alto. Reportagem em profundidade	Alto. Reportagem em profundidade
<b>Gênero</b>	Informativo e interpretativo	Predominantemente interpretativo	Predominantemente interpretativo
<b>Fontes</b>	Múltiplas fontes; Afetadas pelo fato e ausentes do acontecimento; Inclusão de especialistas e/ou contrapontos de fontes variadas	Múltiplas fontes; Afetadas pelo fato e ausentes do acontecimento; Inclusão de especialistas e/ou contrapontos de fontes variadas	Múltiplas fontes; Afetadas pelo fato e ausentes do acontecimento; Inclusão de especialistas e/ou contrapontos de fontes variadas

Fonte: Elaborado pelo autor

As denominações de Boletim de Reportagem, Reportagem Contextualizada, Reportagem Especial e Grande Reportagem advêm de uma consolidação daquilo que já é praticado e referenciado no mercado profissional e em pesquisas acadêmicas, mas considerando

que até então não há total consenso a respeito da exatidão dos termos. Para o ajuste às definições aplicadas para cada uma das quatro modalidades buscamos também referências em Prado (1989) e Faus Belau (1991) sobre a concepção da reportagem radiofônica. As classificações entre reportagens diferidas e simultâneas (PRADO, 1989) e reportagens de rua e de estúdio (FAUS BELAU, 1991), além de outras variações, auxiliaram na divisão e na nomenclatura que adotamos nesta proposta.

Como já vínhamos desenvolvendo ao longo desta pesquisa, podemos compreender que as reportagens factuais, que atendem às demandas jornalísticas de acontecimentos mais recentes e imediatos, são divididas entre boletim de reportagem e reportagem contextualizada. O boletim se restringe mais a responder “o que” está acontecendo, enquanto a reportagem contextualizada expande o “o que” a um nível intermediário de explicações sobre o acontecimento.

O termo “boletim” já é comumente utilizado no rádio tanto para reportagens curtas e com certo grau de instantaneidade, como para informativos noticiosos compactos na programação radiofônica. Algumas emissoras denominam o termo “boletim” para suas reportagens compactas e estritas, sem sonoras, ao estilo *stand-up*<sup>41</sup> do telejornalismo, como é o caso da CBN, pelo relato do gerente de jornalismo em São Paulo, Douglas Ritter (2002). No entanto, entendendo que há uma variação nos modos de emissão nessa modalidade compacta de reportagem, optamos pela divisão entre aquelas levadas para o ar ao vivo/mistas e as gravadas, conforme classificação anterior para todos os tipos de reportagens (PRADO, 1989) e outra divisão entre emissões estritas (somente a narração do repórter) e aquelas que contém entrevistas e/ou sonoras. No cruzamento entre o modo de emissão e a inclusão de fontes em viva voz, quatro opções resultam dessas variações: ao vivo e estrito; ao vivo/misto com a inclusão de sonoras ou entrevistas; gravado e estrito; gravado com entrevistas ou sonoras.

Os boletins de reportagem ao vivo, em forma de reportagem externa, são mais indicados quando não há a necessidade imediata de transmitir outro ângulo ou outra versão sobre um mesmo fato, como por exemplo um acidente de trânsito, um desastre ou um crime onde a narrativa não está implicada quanto às causas naquele momento, mas sim às consequências visíveis e/ou testemunhadas por populares que estão no local da transmissão. Outros exemplos possíveis seriam anúncios de realizações governamentais, de jornalismo de serviço, ou mesmo quando há uma denúncia, mas que o repórter já tenha recebido a resposta por texto da outra parte e possa emití-la simultaneamente com a cobertura ao vivo. O boletim ao vivo se ocupa em flagrar um acontecimento e transmitir ao ouvinte uma sensação maior de

---

<sup>41</sup> É quando o repórter de TV faz uma gravação no local do acontecimento para transmitir informações do fato. Normalmente ele se posiciona de pé, sozinho, em primeiro plano no vídeo. (PATERNOSTRO, 1991).

participação nos fatos, como já pregava Prado (1989). A reportagem radiofônica em forma de boletim ao vivo em ambiente externo, com ruídos e vozes captados das ruas, oferece ao ouvinte o compartilhamento de algo no tempo e no espaço onde é possível dividir a sensação de “estar lá”.

O boletim pode também funcionar como um resumo dos últimos acontecimentos, narrados pelo repórter. Uma situação intermediária, é a utilização do modo de emissão misto, com o repórter entrando ao vivo, mas veiculando as gravações das entrevistas realizadas antes de sua intervenção. Nesta opção, a reportagem mantém seu caráter de simultaneidade ao acontecimento, pois pode haver complementações de informações antes de ser concluída. A opção por um boletim totalmente gravado pode ocorrer por questões técnicas ou de administração do fluxo de informações na grade de programação da emissora. De qualquer forma, um boletim gravado se diferenciará de uma reportagem contextualizada exatamente pelo nível de contextualização: o boletim gravado recupera as informações sobre o flagrante do acontecimento, concentra-se no fato de forma isolada e entrevista as pessoas envolvidas diretamente no caso relatado. Como já definiu Faus Belau (1981), essa modalidade de reportagem não demanda necessariamente de uma conclusão, pois os eventos narrados ainda podem estar em andamento.

Quando o fato exige que se veicule os dois lados da história na mesma emissão, o ideal é construir uma reportagem contextualizada, também factual e que pode ser emitida de forma mista ou gravada, mas apresentando todos os ângulos possíveis em uma mesma emissão. A reportagem contextualizada representa com maior clareza o modelo de reportagem diferida de Prado (1989), com a possibilidade de inserir depoimentos diversos após o acontecimento, o que inclui fontes envolvidas direta e também indiretamente no fato, os afetados e os ausentes daquela situação. Essa modalidade de reportagem recupera detalhes do acontecimento e atualiza as informações, mas também explora antecedentes e se permite fazer projeções futuras, o que vai muito além da função do boletim. A divisão é proposta em três opções: a reportagem contextualizada mista, com repórter ao vivo e sonoras/entrevistas gravadas; totalmente gravada e editada, com sonoras/entrevistas; gravada, mas como uma versão consolidada de um boletim emitido anteriormente na programação. Neste último caso, o material original da cobertura ao vivo é recuperado para o uso na reportagem contextualizada.

Como foi possível verificar ao longo do desenvolvimento deste trabalho, o aproveitamento do conteúdo apurado pelos repórteres para formatos, modalidades e horários diversos nas emissoras ocorre pela necessidade de encurtar o lapso temporal entre o acontecimento e a emissão, mas também pela consolidação do produto radiojornalístico final,

com apuração de mais dados, inclusão de mais fontes e a perspectiva de uma multiangulação, gerando um significado mais amplo ao acontecimento jornalístico. O material consolidado e editado também oportuniza diversificar as fontes de informação, dando voz a segmentos tradicionalmente silenciados, evitando o domínio de uma agenda institucional sobre a apuração jornalística. Públicos implicados com as consequências do acontecimento necessariamente não estão próximos do palco da ação, como por exemplo nos assuntos que envolvem economia e política.

Já as reportagens especiais e as grandes reportagens buscam explicações mais amplas sobre o fenômeno relatado, muito além da concentração no fato gerador da informação. Elas possuem entre si a diferença principal da duração de tempo, o que implicará também na escolha da data e do horário de sua veiculação. Enquanto a reportagem especial, frequentemente mais curta, consegue ser inserida na grade diária da programação, até em meio aos conteúdos de *hard news*, as grandes reportagens terão seu melhor espaço na programação nos horários de desaceleração das coberturas factuais, como é o caso dos finais de semana, situando-se temporalmente mais distante do acontecimento que lhe deu origem e permitindo mais espaço proporcional para análise e discussão sobre o tema.

As reportagens especiais podem ser apresentadas em módulo único ou em capítulos/episódios, de forma seriada, com a opção de gerar uma versão estendida como grande reportagem. No entanto, para que a divisão seja seriada é necessário que haja elementos que entrelacem os capítulos, gerando interdependência entre eles, mas que garanta a autonomia da escuta, podendo ser ouvidos até de forma aleatória.

Para ambas as modalidades – reportagem especial e grande reportagem - propomos três variações: as reportagens que reaproveitam ou ampliam os materiais da cobertura jornalística factual da semana, mas que necessitam de maiores explicações e aprofundamento, sem perder seu laço com o acontecimento original; as temáticas, que aproveitam a oportunidade de uma data alusiva ou um acontecimento semelhante para buscar reflexões ou historicizar os fatos, interpretando o passado a partir do tempo presente e valorizando o valor documental e de memória na produção; as narrativas dramáticas, que normalmente buscam humanizar a história, através de personagens e até mesmo de alguns elementos ficcionais, com roteiros construídos com etapas do conflito, típicos de obras de dramatização. Neste tipo de reportagem, há também a possibilidade de um maior envolvimento autoral do repórter, inclusive com a construção de uma narração na primeira pessoa. Como reportagens de grande profundidade, a variação de fontes utilizadas tende a ser múltipla, com vários ângulos de observação em torno do acontecimento e ainda com a análise e explicação de especialistas no assunto.

A nossa proposta para as quatro modalidades também indica maior incidência do gênero interpretativo nas reportagens especiais e grandes reportagens. Entendemos que essa sugestão sobre os gêneros radiojornalísticos seja compreendida sempre como uma localização parcial, muitas vezes híbrida, mas com predominância de um gênero sobre o outro. Neste caso, sugerimos que os boletins sejam de fato informativos e que as reportagens contextualizadas gravadas, editadas com sonoras e/ou entrevistas possam ser reconhecidas com predominância informativa, mas com alguma abertura à interpretação dos fatos. Essa proposição está de acordo com o predomínio entre os gêneros observado no *corpus* da pesquisa. No entanto, como observado ao longo da pesquisa, há maior dificuldade em se delimitar um gênero jornalístico em mensagens exclusivamente sonoras. O fato de um repórter apresentar um boletim informativo e estrito, falando diretamente das ruas, em reportagem externa, por exemplo, e explicar ao ouvinte detalhes sobre o palco da ação, já introduz elementos pertencentes ao gênero interpretativo, dificultando a identificação de uma linha divisória entre ambos. A proposta que apresentamos, portanto, trata-se de uma orientação para o ponto de partida de cada modalidade.

No caso do uso das reportagens na página da emissora na web, a variação será maior ainda devido ao projeto de arquitetura dos sites de cada emissora, que é subordinado à identidade visual e editorial de cada veículo ou grupo de comunicação. Apesar das amplas possibilidades que a rede mundial de computadores oferece, apresentamos alguns complementos para a adequação de cada modalidade.

O boletim de reportagem pode funcionar como uma notícia em atualização na página da internet da emissora. O texto escrito segue com informação estrita. Já as declarações de entrevistados se juntam preferencialmente ao áudio, que deve manter ao máximo as características originais do boletim que foi ao ar, editando apenas trechos próprios da emissão ao vivo, como por exemplo o diálogo com o apresentador e falhas eventuais da transmissão ao vivo. Deve incluir links de direcionamento aos outros boletins sobre o mesmo acontecimento ou a outras matérias que contextualizem o assunto, como entrevistas com outras fontes, contrapontos ou atualizações. Devido à necessidade de publicação em horário o mais próximo possível do fato, não se exige uma edição mais apurada ou atualização dos fatos na mesma emissão, a não ser que o boletim seja transformado em uma reportagem contextualizada.

A reportagem contextualizada tem na web as opções de reproduzir o áudio na íntegra que foi para o ar no rádio hertziano ou dividi-lo em trechos que serão intermediados por texto escrito e outros possíveis elementos multimidiáticos. É uma opção para contextualizar o acontecimento em uma mesma publicação. Trechos muito longos ou informações com muitos dados podem ser extraídos das sonoras e convertidos em textos, tabelas, infográficos e outros.

Também serve como opção para transformar um boletim que foi ao ar no *dial* em uma reportagem contextualizada no site, acrescentando novos dados e depoimentos atualizados.

A reportagem especial tem a opção de reprodução do mesmo material que foi ao ar, acrescido de elementos parassonoros, que auxiliem na ampliação qualitativa do fato. Há a alternativa de transformar outras modalidades de reportagens ou formatos radiojornalísticos diferenciados que foram exibidos durante a semana no rádio hertziano em uma reportagem especial em profundidade no site. Os elementos multimidiáticos devem ter a função de ampliar a compreensão do que foi veiculado em áudio e não a de buscar sua substituição. Também podem servir para aumentar a imersão ou localizar o ouvinte no tempo e no espaço, como mapas, geolocalização, vídeos, fotos, etc. A opção de transformar a reportagem em *podcast*, incluindo trechos que foram suprimidos da versão hertziana, ajuda a reembalar o conteúdo e também a disponibilizá-lo, eventualmente, para um público distinto do *dial*, mas frequentador de outras plataformas.

A grande reportagem segue com as mesmas recomendações da reportagem especial, com a diferença de que um áudio com conteúdo mais extenso exigirá mais elementos de apoio no site, como textos escritos mais longos e mais imagens que possam contribuir com a função documental sobre o acontecimento. Em caso do uso de recursos de dramatização na reportagem em áudio, elementos como fotos e vídeos servirão como “prova material” sobre o evento apurado, separando mais o fato da ficção. Também reúne mais condições de transformar a reportagem em um *podcast*.

Além da expansão textual e inclusão de elementos multimidiáticos como imagens, vídeos, gráficos e outros, a internet oferece ao rádio a oportunidade de contextualizar o presente através de fatos anteriores e projeções de consequências futuras, utilizando o hiperlink como principal instrumento de navegação ao usuário, o que sempre foi impensável no espaço hertziano. Romper o aspecto linear da mensagem falada através de texto e hipertexto promove o ouvinte-internauta a condutor do seu próprio roteiro de escuta sincronizada à leitura e à navegação das partes do conteúdo. As hiperligações farão com que o alargamento do espaço-temporal do fato social não fique restrito somente às reportagens de maior profundidade, mas também à conexão das reportagens factuais entre si, como na recuperação dos históricos sobre os acontecimentos narrados. Deste modo, aprofunda para maiores níveis de explicação, contextualização e exploração (CANAVILHAS, 2014) através da multilinearidade formada pelas possibilidades narrativas e documentais do hipertexto (SALAVERRÍA, 2019). O valor de pertencimento à rede que a navegação via hiperlink proporciona ao usuário amplia o capital social (RECUERO, 2011) construído entre emissora e ouvinte, justamente pelas possibilidades

oferecidas de intervenção e de engajamento para além do espaço privativo da emissora. O conteúdo recebe novo valor social ao se espalhar como alimento que abastece as conversas já em andamento do público (JENKINS; FORD; GREEN, 2014).

Aproveitando e adaptando os conceitos anteriores sobre reportagem radiofônica a partir de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, como Barbosa Filho (2003), Prado (1989), Barbeiro e Lima (2001), Escalante (1986), Kaplún (2017) e Herrera Damas (2007a), podemos definir a reportagem radiofônica brasileira na atualidade como: uma representação da realidade que reúne diversas variáveis do acontecimento sob a condução de um fato nuclear e que explora ao máximo as potencialidades do universo sonoro, com o complemento de elementos parassonoros em sua produção para a web. Em síntese, a partir da nossa proposição, a reportagem radiofônica pode ser dividida nas modalidades de boletim de reportagem, reportagem contextualizada, reportagem especial e grande reportagem. Os modos de emissão mais comuns no boletim do rádio hertziano são: ao vivo, misto e gravado. Os boletins podem ser estritos ou conter sonoras e entrevistas. As reportagens contextualizadas normalmente são emitidas de forma gravada e, em alguns casos, de forma mista, sempre contendo sonoras ou entrevistas. As reportagens especiais e as grandes reportagens são emitidas de forma gravada, utilizando múltiplas fontes como sonoras ou entrevistas. A principal divisão entre as modalidades de reportagem especial e grande reportagem está entre aquelas que promovem o reaproveitamento ou a ampliação da cobertura jornalística factual, as temáticas e as narrativas dramáticas.

A proposta de categorização para quatro modalidades da reportagem radiofônica para o rádio hertziano e sua aplicação na web não pretende se transformar em um agrupamento rígido e invariável, tampouco ser sistematizada como parte de um manual de produção. A orientação que propomos aqui tem a pretensão de buscar uma diferenciação mais clara entre o que é reportagem radiofônica no contexto da atualidade, de aproveitamento mútuo entre o *dial* e a internet, e que possa ser aplicada a partir da intencionalidade do repórter e da equipe de radiojornalismo da emissora.

Enquanto nos meios de comunicação baseados somente na escrita convencionou-se qualificar a reportagem como uma notícia mais ampliada e aprofundada, no rádio convivemos com uma dupla atribuição de seu conceito, desde a sua introdução na década de 1950. A reportagem radiofônica nasce em função das características do imediatismo e da instantaneidade, com o apoio das inovações tecnológicas e com o trabalho de apuração e atividade do repórter, mas também se constitui como um material de maior profundidade, interpretativo e investigativo, que se distancia da cobertura costumeira do *hard news*. A

distinção de suas características e a projeção do seu potencial, afetado pelo fator expansão, visa tanto facilitar a tomada de decisões sobre os conteúdos a serem pautados e executados pelos profissionais, como também buscar uma melhor compreensão sobre as potencialidades de um formato e de sua resiliência diante de renovados desafios tecnológicos de produção e de consumo do áudio e do jornalismo sonoro na contemporaneidade.

## CONCLUSÃO

Nesta pesquisa buscamos identificar e analisar reconfigurações da reportagem radiofônica na contemporaneidade e propor uma redefinição para as principais modalidades deste formato radiojornalístico, considerando que as emissões não estão mais limitadas ao espaço hertziano do rádio, mas também a novas plataformas. No presente estudo, concentramos a observação e a análise sobre a veiculação das reportagens no *dial* e nos sites das emissoras pesquisadas. O objeto empírico escolhido envolveu reportagens veiculadas em emissoras especializadas em jornalismo, nos formatos “*all news*” ou “*talk and news*”, com prioridade para veiculação nacional, mesmo que as produções pudessem incluir temáticas regionais. As 55 reportagens das emissoras CBN, Jovem Pan News e Gaúcha, selecionadas no *corpus* da pesquisa no período entre 2020 e 2022, puderam nos proporcionar uma melhor percepção sobre a estrutura construída para veicular no espaço hertziano e nas páginas da internet. A nossa opção foi por não utilizar como *corpus* as publicações das reportagens em plataformas diversas de áudio e vídeo na internet, nem nas mídias sociais, o que acabaria colocando a pesquisa no risco de sobrepor uma análise do meio/canal em relação à análise sobre o produto em si.

Nossas perguntas iniciais, formuladas como questões-problema, foram resultado de alguns pressupostos baseados na vivência profissional e acadêmica. A atividade do pesquisador no rádio atravessou décadas convivendo com diversas mutações tanto de linguagem como de ordem técnica. Na experiência das pesquisas acadêmicas, já havia demonstrações de que não basta apenas desbravar o jornalismo sonoro na web, mas é preciso também conhecer como ele afeta e coexiste com o modo tradicional de produção radiojornalística. As questões foram elaboradas a partir da nossa problematização sobre a ausência de um conhecimento ampliado e atual a respeito do formato reportagem radiofônica, já que a grande maioria dos estudos anteriores ainda não considera a sua produção mútua para diferentes ambientes. Além disso, especificamente nas mídias eletrônicas, caso do rádio, costuma-se confundir o termo reportagem como formato radiofônico e como atividade do repórter na apuração de informações.

A primeira e principal pergunta da pesquisa indagava como poderia ser reconfigurado o formato reportagem radiofônica na contemporaneidade, considerando os ambientes hertziano e digital. Pois bem, iniciamos com a difícil missão de buscar uma compreensão para o formato como um todo, já que estudos anteriores avançaram com prioridade sobre os produtos radiojornalísticos na web e outras formas de emissão sonora em novas plataformas, mas sem

uma definição mais clara para a existência atual do formato, independentemente de qual espaço é utilizado para sua produção e emissão.

Já de partida, as reportagens radiofônicas, no momento de sua produção, precisam considerar que serão veiculadas tanto no rádio hertziano como reaproveitadas na web, mesmo que com estruturação diferenciada, mas partindo de uma mesma matriz. Ao produzir um conteúdo que será, a princípio, difundido em canais diferenciados, podemos afirmar que a técnica interfere também na linguagem e vice-versa, tal como ocorreu com o rádio na era pós-televisão (a partir dos anos 1950), onde os novos recursos tecnológicos faziam emergir uma nova linguagem (ZUCULOTO; ZIMMERMANN, 2020). Tanto o conteúdo como a estrutura das reportagens analisadas demonstram que o modelo tradicional da pirâmide invertida não é maioria nas produções contemporâneas.

Com base na nossa análise, propusemos a formulação da representação da pirâmide em pé, baseada no modelo de Genro Filho (1987), com a reportagem estruturalmente evoluindo do singular para o particular e em direção ao significado universal. Com distinções entre as modalidades de reportagem, os aspectos singulares do acontecimento norteiam a execução de um boletim, com estreitamento em sua relação ao particular e garantindo a universalidade somente no conjunto da cobertura sobre o fato ou tema divulgado. Na reportagem contextualizada, os contrapontos e diferentes angulações sobre o acontecimento equilibram o singular, como ponto de partida, até o contexto particular e o universal. Já nas reportagens especiais e nas grandes reportagens, o distanciamento temporal entre o acontecimento e a produção/veiculação permite ampliar a base de projeção do significado universal quando comparada com o ângulo de apreensão da singularidade do fato.

Cabe aqui ressaltar que a aproximação entre o modelo de pirâmide em pé de Adelmo Genro Filho e a nossa sugestão quanto às reportagens radiofônicas não estava prevista inicialmente na proposta de análise deste estudo. O resultado do processo desenvolvido entre descrição e análise descritiva das produções nos provocou a reflexão sobre a possibilidade de adaptação dos modelos de representação de Genro Filho (1987) às quatro modalidades de reportagem radiofônica. Portanto, ao identificarmos que o modelo tradicional de pirâmide invertida é minoria nas produções analisadas, nossa análise interpretativa da pesquisa passou a considerar as formulações teóricas do autor como adequadas ao nosso objeto de estudo.

No caso das reportagens veiculadas nas páginas da internet das emissoras, o modelo de pirâmide deitada (CANAVILHAS, 2006) é quase impraticado nos exemplos que adaptam o conteúdo do *dial* para a web (CBN e Jovem Pan News), mas é a referência na arquitetura comum de webjornalismo praticada por uma das rádios (caso da Gaúcha). Isso significa que

emissoras que mantêm suas páginas na web independentes de outros meios de comunicação optam por fazer rádio dentro e fora da web, mantendo texto semelhante em ambos os espaços e priorizando o áudio que foi veiculado no *dial*.

Em resposta, então, à questão inicial e central desta pesquisa - Como pode ser reconfigurado o formato Reportagem Radiofônica na contemporaneidade, considerando os ambientes hertziano e digital? – chegamos à proposição de uma compreensão para o formato no espaço hertziano, considerando suas diferentes modalidades (quadro 33) e sua inserção na web. A proposição aplica os fatores temporalidade na relação emissão-acontecimento, produção e emissão, nível de contextualização e aprofundamento, gênero radiojornalístico predominante e utilização das fontes de informação para cada uma das modalidades: boletim de reportagem, reportagem contextualizada, reportagem especial e grande reportagem. Na sequência, apresentamos também uma proposta para a adequação dos principais elementos das produções e alguns complementos para a página na internet, considerando os diferenciais de cada modalidade de reportagem utilizada.

Na segunda pergunta apresentada, derivada da questão-problema central, indagando de que forma a reportagem radiofônica vem sofrendo mutações em seu formato com os avanços das inovações tecnológicas diante da convergência, partimos do pressuposto de que as inovações tecnológicas provocam transformações no formato, interferindo nas suas formas de produção, emissão e circulação, o que também nos levou à terceira pergunta de pesquisa. Como a proposta deste estudo não é comparativa, nem selecionou reportagens de períodos distintos e distantes para realizar a verificação, a pesquisa se baseou nos referenciais teóricos sobre o conceito de reportagem radiofônica até então e na análise do *corpus* proposto, com o complemento de informações colhidas com profissionais das emissoras.

A identificação mais clara sobre mutação no formato vem com a utilização de novas ferramentas, aplicativos, redes sociais e utilização conjunta das reportagens na web. Neste caso, não nos referimos à tecnologia utilizada no processo de produção, mas aquilo que resulta e é aparente no produto final, que é o foco principal da nossa pesquisa. De fato, as reportagens publicadas nas páginas das emissoras na internet são diferenciadas daquelas que foram ao ar no espaço hertziano, mesmo considerando as publicações que aproveitaram o áudio original na íntegra ou replicaram o texto usado no *dial*. A razão de utilizar texto escrito, imagens e outros elementos não sonoros no novo espaço já configura uma nova produção.

No caso da Jovem Pan News, que transmite simultaneamente no rádio, na TV e na internet o mesmo módulo de reportagem, a transformação ocorre principalmente pelo acréscimo de elementos característicos do telejornalismo, como a imagem do repórter em

atividade, a revelação física através da figura de entrevistados, entre outros. A proposta da emissora é servir a diferentes plataformas sem prejuízo da dinâmica de uma ou outra distintamente, embora foi possível perceber situações em que algumas informações, como nomes das fontes, deixam de ser transmitidas no rádio, mas exibidas por caracteres na TV e na web. Não obstante o vanguardismo da emissora em proporcionar mídias distintas simultaneamente ao seu público, os riscos desta integração para quem consome apenas áudio ainda estão presentes. Um deles seria a diminuição da sensorialidade, como uma das principais características radiofônicas, em que normalmente há um poderoso diálogo mental entre quem fala e quem ouve, através do poder de sugestão e da criação de imagens auditivas. O controle rígido que a emissora se obriga a estabelecer para manter características de rádio para quem apenas ouve e de tv para o público de outra plataforma é um desafio para quem aposta na integração midiática.

Nas demais emissoras pesquisadas, a mudança também ocorre em função da imagem em movimento, embora de forma mais modesta, já que o vídeo é apenas complementar, como imagens de estúdio ou captações específicas para os sites e redes sociais. Na CBN, onde tudo o que vai ao ar vira *podcast* (RITTER, 2022), a distinção entre o que foi veiculado no *dial* e o que veiculou na web se situa mais na duração de tempo do que na diferenciação de linguagem e estrutura central. No caso das reportagens especiais, foi possível observar que a linguagem utilizada e a distribuição entre texto e sonoras permitem atender a ambos os ambientes, porém com maior predominância interpretativa, o que viria a atender aos novos padrões de consumo tanto do internauta como do ouvinte contemporâneo, em busca de análise e explicação para além da informação. Na Gaúcha, há uma reconstituição das reportagens no site ao recortar os áudios e complementar as informações com mais elementos multimidiáticos e texto diferenciado em relação ao rádio.

Na conjunção do espaço hertziano com a web, outro ponto que acompanha as tendências contemporâneas é sobre a constituição de memória, principalmente nas reportagens especiais e grandes reportagens. Ao produzir materiais que, com o conhecimento prévio, receberão aquilo que Canavilhas (2004, p.7) denominou de “segunda vida” ao ir para a internet e perder a sua natureza precíval, há uma dupla ressignificação dos fatos pesquisados pela produção da reportagem. A primeira é aquela interpretada pelas fontes de informação através da angulação do tempo presente sobre o tempo do acontecimento, mais distante. A segunda é aquela que se torna passível de avaliação de quem consome ou redistribui o conteúdo, como os multiplicadores digitais, ouvintes e ouvintes-internautas. O poder de memória está ligado,

portanto, a essa perpetuação do conteúdo, reduzindo o grau de efemeridade do antigo rádio, que era preso aos limites da instantaneidade.

Na terceira indagação apresentada, também subordinada à principal questão norteadora, perguntamos de que maneira a estrutura do formato reportagem radiofônica produzido para o rádio hertziano é afetada pelo fato de as emissoras produzirem diferentes produtos para diferentes plataformas e meios. Neste ponto, também partimos do pressuposto de que as inovações tecnológicas provocam transformações no formato, interferindo nas suas formas de produção, emissão e circulação. Relacionado intimamente a esta pergunta de pesquisa, também se encontra o nosso pressuposto de que as características próprias do meio rádio, como mobilidade, imediatismo, instantaneidade e ubiquidade são afetadas com o uso simultâneo da reportagem nos ambientes hertziano e digital.

As emissoras pesquisadas transmitem simultaneamente a programação e as reportagens em plataformas distintas, além do *dial*. Uma característica relevante de alteração no produto é a produção de uma mesma matriz que atenda a múltiplos espaços. Assim, o repórter, na captação de suas informações, passa a depender mais de cenários para as imagens da câmera, de conteúdo em áudio que possa ser transformado em texto escrito, da presença física de entrevistados, enfim, fatores que irão afetar a dinâmica do processo de produção e por conseguinte o produto final.

Outro fator é compreender que o consumo final do produto será realizado através de diferentes plataformas, cada uma com sua dinâmica específica, fazendo com que algumas características clássicas do rádio sejam suprimidas, como a descrição do ambiente físico ou a repetição e redundância textual. Apesar deste risco, essa não acabou sendo a tônica aparente nas reportagens ouvidas e analisadas, principalmente naquelas emitidas ao vivo. Entre os responsáveis pelo jornalismo nas três emissoras, é consenso de que o repórter vai a campo já sabendo que planejará um mesmo conteúdo para diferentes aproveitamentos, mas que atualmente essa já é uma questão consolidada. Como explicou Aros (2022) da Jovem Pan News, “hoje não existe alteração no processo porque ele é um só”. Na Gaúcha já é rotina produzir na essência o material para diferentes entregas (XAVIER, 2022). Na CBN, o ouvinte multitela já é considerado desde a concepção da reportagem (RITTER, 2022).

Há que se considerar que o rádio hertziano precisa manter válido o contrato comunicacional com o ouvinte, que chamamos de contrato de audiência. Há um pacto original estabelecido que criou e aperfeiçoou as normas na relação emissora-ouvinte e que não pode ser quebrado de forma abrupta em função da influência direta de outra plataforma, supondo que toda a audiência migrou para um novo espaço e requer, de imediato, uma transformação

generalizada. As renovadas pactuações vão se formando conforme vai avançando o consumo mútuo entre os espaços digital e de antena. Romper com as cláusulas de conteúdo e de plasticidade na programação radiofônica e em seus produtos, como a reportagem, é um risco tão grande como não prever aditivos e supressões no mesmo contrato. O ouvinte necessita ouvir aquilo que ainda lhe é familiar, identificando suas características originais dentro e fora do *dial*, sem que isso represente um congelamento de suas exigências a novas pactuações. Como já previa Cebrián Herreros (2011), a acumulação de modelos e ofertas é o que vem a favorecer a coexistência das plataformas, cada uma seguindo vicissitudes similares. Neste sentido, a dupla entrega da reportagem radiofônica precisa prever em um mesmo processo a manutenção de seu ouvinte clássico com a ampliação de sua audiência sob novas formas de consumo.

Quanto ao nosso pressuposto inicial de que mobilidade, imediatismo, instantaneidade e ubiquidade são afetados com o uso simultâneo da reportagem nos ambientes hertziano e digital, verificamos nas reportagens analisadas que a perda destas características ocorre na publicação nas páginas da web, mesmo que consideremos a transmissão simultânea e em tempo real na versão *webradio*, em redes sociais e em outras plataformas de *streaming* utilizadas. No site há um reempacotamento daquilo que foi originalmente transmitido ao vivo. A multitemporalidade ganha força através de novos espaços e novos públicos. As novas formas de circulação de conteúdo promovidas pelo ouvinte-internauta passam a priorizar também as condições de engajamento e propagabilidade para além do calor do vivo, da sensação de estar recebendo a mensagem no exato momento em que o fato está ocorrendo. Contudo, a característica da mobilidade se torna ainda mais relevante, já que está associada aos equipamentos de produção e de consumo do conteúdo.

De um modo geral, sobre a alteração do produto original, afetado pela produção conjunta para várias plataformas, podemos concluir que não há perdas significativas sobre as características embrionárias do rádio na veiculação no espaço hertziano. Certamente, as alterações no processo de produção em função da tecnologia pouco refletem no resultado aparente da reportagem em áudio, visto que repórteres ainda vão a campo para produzir materiais para o rádio e que possam ser aproveitados em diferentes ambientes de distribuição. O que observamos no conjunto da análise é que as potencialidades dispostas nas páginas da web, especialmente dentro do contexto hipermediático, não são suficientemente aproveitadas a fim de gerar mais engajamento do usuário e de aprofundar e contextualizar mais o conteúdo através da navegação. Tomando como base apenas o *corpus* analisado, enquanto a Gaúcha utiliza mais esse potencial hipermediático, mas não aproveita suficientemente os boletins de reportagens na página da web, a CBN prioriza o áudio e a Jovem Pan News privilegia o vídeo

com o áudio. A reflexão que podemos fazer é que cada meio convencional, ao utilizar uma página na web, tensiona para ocupar seu lugar de destaque na geração do produto final, seja pela cultura profissional de repórteres e produtores envolvidos ou pela dinâmica da rotina produtiva da equipe. Da mesma forma que jornais priorizam texto, fotos e elementos gráficos, e tvs destacam vídeo, o rádio tem no áudio a sua relevante especificidade nas páginas das emissoras na internet.

Entendemos que foi possível alcançar nosso objetivo principal nesta tese, que é fazer um reconhecimento sobre a configuração do formato reportagem radiofônica brasileira na contemporaneidade. O objetivo foi inicialmente elaborado considerando que o formato não existe mais somente dentro do ambiente hertziano, mas integrado também ao contexto da convergência tecnológica das mídias e das potencialidades que as propriedades hipermidiáticas podem lhe proporcionar. Nesta visão, buscamos atualizar suas principais características dentro de cada modalidade distinta, tanto para uso no *dial* como na web, porém compreendendo que esses não são processos isolados e que a produção do material para um espaço tensiona e influencia a estrutura do outro.

Para chegarmos a uma definição mais próxima do que compreendemos como reportagem radiofônica e o que se pratica no rádio brasileiro, partimos da revisão teórica de alguns conceitos da técnica e da teoria jornalística, passando pela reportagem jornalística e o jornalismo interpretativo, principalmente no capítulo 3 da tese. A relação dos fundamentos teóricos do jornalismo com a reportagem radiofônica nos auxiliou a trazer luz sobre as principais distinções, semelhanças e pontos comuns no formato produzido para o rádio e para outros meios convencionais. A perspectiva do radiojornalismo hipermidiático, do conteúdo sonoro na web e do avanço do rádio em novas plataformas, nos capítulos 1 e 3, nos proporcionou uma dimensão mais clara sobre o potencial de aproveitamento das especificidades do radiojornalismo, exploradas no capítulo 2.

Após as etapas da pesquisa bibliográfica nos três primeiros capítulos e da escolha dos procedimentos metodológicos no capítulo 4, realizamos a apresentação do objeto empírico e a análise do *corpus* da tese no capítulo 5. As 55 reportagens das três emissoras foram analisadas de forma sistematizada através das categorias estrutura da narrativa, tipologia e acontecimento jornalístico para a veiculação no espaço hertziano e pela hipertextualidade e memória para as publicações nas páginas da web. Cada síntese foi dividida em subcategorias, com as etapas metodológicas da descrição, análise descritiva e análise interpretativa, chegando até a proposição de categorizações para as quatro modalidades de reportagem radiofônica. Como complemento à análise documental dos áudios e dos sites, foram realizadas entrevistas

semiestruturadas com três profissionais, um de cada emissora pesquisada, todos ocupando função de gerência ou direção no jornalismo e/ou conteúdo nas emissoras: Douglas Ritter da CBN, Carlos Aros da Jovem Pan News e Andressa Xavier da Gaúcha. As informações colhidas com esses profissionais, sem sombra de dúvida, auxiliaram na busca por respostas às nossas perguntas de pesquisa.

A análise detalhada de cada reportagem, sob a luz da orientação de nosso referencial teórico, possibilitou primeiramente algumas confirmações que ajudam a consolidar o formato. Uma delas é que a reportagem radiofônica no espaço hertziano mantém seu caráter híbrido de agregador de outros formatos radiojornalísticos e também uma maior riqueza na variedade de elementos sonoros, o que a faz transitar com maior desenvoltura entre diferentes gêneros. Outra, que a linguagem dinâmica e a compactação de textos e sonoras ainda predominam no formato, mesmo nas modalidades de maior aprofundamento, como a reportagem especial e a grande reportagem. O contexto acerca do acontecimento ocorre pelo conjunto de todas as representações presentes na produção e não em cada parte isolada. Essa questão faz dificultar o desmembramento da reportagem, como pode ocorrer com mais facilidade em outros formatos, como por exemplo em uma entrevista em profundidade, onde trechos mais relevantes poderiam ser recortados para tratar de detalhes específicos. Apesar disso, há a possibilidade de separar as sonoras da narração do repórter, no caso de publicações na web, onde o texto do repórter poderia ser publicado por escrito e as declarações de entrevistados em áudio, como sugestão para uma parcela das produções.

Outra confirmação que pudemos obter através da análise é sobre a evidência do trabalho do repórter radiofônico, distinto dos demais meios pela possibilidade do vivo e da exigência do improviso, como também investido da autoridade de quem observou diretamente e testemunhou os fatos, resultando em uma pretensa credibilidade perante o público. Neste ponto, observamos que é crucial que ocorra alguma forma de identificação do repórter no local dos acontecimentos, seja pela informação em voz sobre sua localização, pelos ruídos que compõem o cenário sonoro ou por detalhes revelados pela fonte entrevistada. Sem dúvida, esse é um detalhe que delega à reportagem um diferencial relevante em relação aos demais formatos. Desde a observação de Otto Groth (2011), de que a reportagem deve ser sempre um serviço externo e guiado pelo repórter no local onde os fatos ocorrem, até as observações de Lisboa e Benetti (2015) sobre a credibilidade percebida pelo público e pela importância da testemunha ocular dos acontecimentos (ZELLIZER, 2000), a verossimilhança dos fatos narrados está baseada, também, pelo local de observação do repórter.

Para além das confirmações que obtivemos nesta pesquisa, na relação entre conceitos teóricos e objeto empírico, um avanço que desenvolvemos foi na diferença entre reportagem e notícia, mais precisamente na diferença entre boletim de reportagem e a notícia radiofônica. Neste caso, a soma dos fatores da observação direta do repórter e o grau de instantaneidade das informações e da participação das fontes foram requisitos importantes para avançarmos na distinção entre os formatos. Na mesma linha, a pesquisa nos possibilitou enxergar com maior clareza as distinções entre as modalidades de reportagem. Na web, pudemos também constatar que está longe de haver uma receita uniforme para a presença da reportagem nas páginas de emissoras de rádio. O grau de aprofundamento ou de utilização de recursos depende muito mais da filosofia editorial e empresarial do veículo do que propriamente uma consolidação na aplicação das produções, como ocorre no rádio hertziano.

Outro aspecto que verificamos é sobre a baixa presença do fator humanização das produções analisadas. A dramatização em reportagens de maior profundidade demonstra ainda alguma raridade, se levarmos em conta somente o material analisado. Da mesma forma, essa escassez ocorre com a presença de ruídos captados diretamente do local onde as reportagens são realizadas ou os áudios são captados. Os ruídos, em menor destaque no *corpus* analisado, poderiam auxiliar no equilíbrio entre elementos verbais e não verbais e também denotar uma certa imprevisibilidade na percepção do ouvinte. Como lembra López Vigil (2003), de que os ruídos reais gravados no local representam pequenas cenas que reconstroem os fatos, esses seriam fatores que facilitariam a imersão do ouvinte, algo que muitas produções de *podcasts* já utilizam com frequência.

Ademais, uma das justificativas principais para a realização de uma reportagem radiofônica ao invés de uma reportagem audiovisual, escrita ou multimídia é a relevância das características próprias do meio rádio. Além do imediatismo na transmissão e a instantaneidade da mensagem, o destaque para os elementos sonoros e a linguagem própria da radiodifusão voltada à sensorialidade são fatores fundamentais que diferenciam a produção radiofônica das demais. Neste sentido, o diálogo mental entre emissor e receptor ocorre pelo áudio, como já sugeria Ortriwano (1986). Uma vez que o repórter contemporâneo, munido de novos equipamentos, já está no local do acontecimento ou está diante das fontes, suas facilidades em fazer os registros em vídeo, imagens e texto são atualmente as mesmas de se ocupar da captação do som. Então o que justifica a prioridade pelo áudio é a sua importância no envolvimento que a atmosfera sonora gerará no ouvinte.

Já entre as competências do jornalismo, segundo Ericson, Baranek e Chan (1987), que são os saberes de reconhecimento, de procedimento e de narração, observamos que nas

reportagens radiofônicas, sobretudo naquelas transmitidas ao vivo, há uma fusão entre as atribuições de apuração (procedimento) e produção (narração). A compreensão sobre estas etapas e de sua aplicação no rádio contemporâneo nos permite definir com maior transparência o que se aplica e como se atribui esses saberes nas distintas modalidades e modos de emissão da reportagem radiofônica.

Nesse sentido, o boletim do repórter ao vivo, possivelmente semelhante às atuais transmissões ao vivo dos canais de notícias na web (*lives*) e superior às coberturas televisivas, seja o modelo que mais ofereça ao público a sensação de que a apuração da informação está em processo de construção enquanto é transmitida, com os fatos ainda em desenvolvimento. A entrada do repórter ao vivo em ambiente externo será sempre algo tanto indesejado quanto surpreendente. Interrompe a boa qualidade sonora transmitida pelos equipamentos de estúdio e rompe com a previsibilidade do fluxo informativo controlado pela redação e pelas vozes na estação interna de trabalho. É o tipo de transmissão que chama a atenção do ouvinte como algo extraordinário ocorrendo, algo que está fora do controle e da governabilidade da agenda dos produtores, dos emissores e, principalmente, dos receptores.

O ambiente acústico das entrevistas ou da narração do repórter garante a dupla autoridade na relação entre estúdio e rua: a autoridade do apresentador/âncora na condução do processo dentro do contexto macro da cobertura e a autoridade do repórter dentro do seu espaço de tempo e lugar, com a amplitude do olhar sobre os fatos anteriores que culminaram com o momento de sua intervenção externa e com a leitura mais ampla do acontecimento, conseguindo resumir toda a complexidade da situação em poucos minutos de emissão. O modo aplicado para contar a história, o uso de um tom de voz que não soe ensaiado, a descrição do ambiente e da situação, tudo faz o vivo transmitir uma sensação de descoberta e revelação instantâneas. O vivo supõe um rompimento brusco da rotina do cidadão, mesmo que a interrupção esteja limitada à programação e à escuta radiofônica no momento de sua emissão. Sua transmissão em tempo real é o que melhor caracteriza esse rompimento da repetibilidade dos acontecimentos triviais. É o que podemos dizer que dá saliência à audiência e ao grau de atenção dispensado durante a escuta radiofônica.

Não é surpresa que dos nove boletins ao vivo ou mistos, entre as 55 reportagens analisadas nesta tese, oito possuem um recorte temporal limitado ao desenrolar do acontecimento e sete deles se tratavam de fatos com menor grau de previsibilidade. Ainda temos que levar em conta que a pesquisa se refere a reportagens transmitidas por emissoras que operam em rede, que necessariamente não priorizam a cobertura externa e ao vivo de acontecimentos urbanos como acidentes e pequenos desastres, comuns em emissoras locais, o

que elevaria ainda em maior grau a imprevisibilidade dos fatos e um menor controle sobre eles por parte de quem o transmite.

O acontecimento sempre despertará grande apelo da audiência quando lhes é repassada a sensação de estar imersa a ele, normalmente no momento em que o rádio hertziano é lançado na isocronia entre os tempos do acontecimento, da produção do relato, da enunciação e da recepção (MEDITSCH, 2007). No entanto, a perda da instantaneidade do vivo nas páginas das emissoras na web é compensada pelos novos hábitos de um ouvinte-internauta que desfruta da multitemporalidade, mais ajustada à era contemporânea de consumo de conteúdo sonoro. E isso não significa uma perda total da força do vivo, que ainda serve às audiências dos horários que demandam ritmos acelerados de difusão e de consumo, mas permite a seleção intencional e a liberdade de uma navegação multilinear para os horários de contemplação. É uma reconstrução temporal que surge, provocada pela divisão de protagonismo entre emissor e usuário.

A instantaneidade sobrevive nas publicações das reportagens nas páginas da web das rádios, mas seu êxito é dividido com o ouvinte-internauta pelas condições criadas de propagabilidade do produto sonoro. É a atualização do que Faus Belau (1981) pregava ao dizer que a reportagem seria o formato que melhor pode se adaptar a outras mídias, por ser flexível desde o início da sua elaboração. A resiliência do formato contribui, assim, para que o rádio se reinvente, ocupe e resista aos desafios tecnológicos do século 21 e às novas demandas de consumo de conteúdo sonoro e jornalístico.

Se a reportagem pode também ser identificada como a atividade profissional do jornalista, nesta pesquisa consideramos a reportagem radiofônica como um formato, que contempla em suas quatro modalidades tanto as contumazes entradas ao vivo do repórter como as matérias em profundidade. Esse aprofundamento nas reportagens de maior caráter interpretativo contextualizam o fato nuclear através de seus antecedentes, das projeções sobre possíveis desdobramentos e da multiangulação.

O aproveitamento para expandir a reportagem através da web e ganhar a profundidade que o relógio da programação do espaço hertziano não permite chega em um dos nossos objetivos específicos, que é analisar a estrutura dessas narrativas em ambos os ambientes. Atendemos, assim, a esse objetivo junto com outro, que trata da identificação das alterações no conteúdo e na estrutura das reportagens nos ambientes hertziano e digital. Como já abordamos, ao ouvinte tradicional do velho sintonizador de rádio, as modificações são pouco aparentes, já que as maiores transformações estão para além do áudio, o que só é evidenciado fora da plataforma original. A identificação da tipologia das reportagens também fez parte dos nossos objetivos específicos, sendo que foi possível definir o enquadramento de cada produção dentro

das subcategorias de análise propostas, como a divisão entre fatos, ação ou documental, o tipo ou modalidade e ainda o gênero radiojornalístico predominante.

Entrelaçando esses objetivos a outro proposto na pesquisa, que é verificar as formas de integração dos conteúdos de uma reportagem com os demais conteúdos sobre a mesma temática nas páginas da web das emissoras, havíamos partido da premissa de que essa conexão entre conteúdos estivesse dentro do potencial hipermidiático oferecido pela web, como já fazem vários portais de notícias. No entanto, a navegação por hipertexto ou por sequências de áudios, guiadas por *tags* ou outras formas de indexação de conteúdo, não é a oferta predominante nos sites das emissoras analisadas. Novamente, destacamos que a exceção é a Gaúcha, que publica seus conteúdos no site conjuntamente com o jornal ZH, gerando o Portal GZH, e explora com mais intensidade a utilização de hiperlinks.

Em princípio, tanto as potencialidades do novo cenário hipermidiático como o potencial tradicional do rádio como meio móvel, imediato, instantâneo e interativo ainda parecem estar distantes de um cruzamento em sua plenitude. Contudo, o crescente uso de áudio por plataformas digitais passa a gerar uma nova oportunidade de aproximação nessa relação. O renascimento do áudio exige do rádio muito mais do que uma simples transposição ou mesmo uma adaptação de via única dos conteúdos radiofônicos convencionais para o espaço hipermidiático.

Nosso quinto e último objetivo específico, o de formular uma proposta de categorização das modalidades de reportagem no rádio hertziano e sua adequação para a web, também foi cumprido durante nossa análise interpretativa, conforme já adiantamos na resposta à questão central da pesquisa. Sendo assim, as reportagens são divididas em quatro modalidades: boletim de reportagem, reportagem contextualizada, reportagem especial e grande reportagem. O boletim é dividido em quatro opções, variando a partir do cruzamento do modo de emissão com a inclusão de fontes em viva voz: ao vivo e estrito; ao vivo/misto com a inclusão de sonoras ou entrevistas; gravado e estrito; gravado com entrevistas ou sonoras. A reportagem contextualizada é dividida em três opções: com o modo de emissão misto (repórter ao vivo e sonoras/entrevistas gravadas); reportagem gravada e editada, com sonoras/entrevistas; reportagem gravada, como versão consolidada de um boletim. As reportagens especiais e grandes reportagens são divididas em três opções: um modelo que reaproveita ou amplia os materiais da cobertura jornalística factual da semana; reportagem temática; reportagem como narrativa dramática.

Nessas modalidades e alternativas formulamos a proposição pelos critérios de temporalidade na relação emissão-acontecimento, produção-emissão, contextualização, gênero

radiojornalístico e aproveitamento de fontes jornalísticas. A maior novidade na formulação ocorre pela definição sobre as possibilidades de aplicação de cada uma dessas modalidades, com base nesses cinco critérios que elencamos. De forma resumida, a proposta formulada para as modalidades de reportagem radiofônica para o rádio hertziano é assim apresentada:

a) Boletim de reportagem:

- Ao vivo e estrito: factual; aproveita o flagrante dos acontecimentos; serve como opção para um resumo dos fatos; emissão é simultânea ao acontecimento e/ou seus primeiros desdobramentos; baixo nível de contextualização; gênero informativo; fontes de informação não são utilizadas como sonoras.

- Ao vivo/misto com entrevistas e/ou sonoras: factual; aproveita o flagrante dos acontecimentos; emissão é simultânea ao acontecimento e/ou seus primeiros desdobramentos; baixo nível de contextualização; gênero informativo; fontes de informação envolvidas diretamente nos acontecimentos.

- Gravado e estrito: factual; recupera o flagrante do acontecimento; serve como opção para um resumo dos fatos; gravação síncrona/simultânea ao acontecimento e/ou seus primeiros desdobramentos; transmissão assíncrona; baixo nível de contextualização; gênero informativo; fontes de informação não são utilizadas como sonoras.

- Gravado com entrevistas e/ou sonoras: factual; recupera o flagrante do acontecimento; registro gravado e editado da cobertura do acontecimento; concentração no acontecimento isolado, sem ampliação para novos fatos; transmissão assíncrona; baixo nível de contextualização; gênero informativo; fontes de informação envolvidas diretamente nos acontecimentos.

b) Reportagem contextualizada:

- Mista com entrevistas e/ou sonoras: factual; recupera o flagrante do acontecimento; registro do repórter ao vivo com sonoras gravadas e editadas durante ou após o acontecimento; conexão com fatos relacionados; transmissão síncrona; alto nível de contextualização; gênero informativo; fontes de informação afetadas pelo fato e ausentes do acontecimento; opção de inclusão de especialistas e/ou contrapontos de fontes variadas.

- Versão gravada e consolidada do boletim: factual; recupera o flagrante do acontecimento e atualiza as informações; gravação e edição de trechos do boletim que foi transmitido ao vivo; transmissão assíncrona; alto nível de contextualização; gênero informativo; fontes de informação afetadas pelo fato e ausentes do acontecimento; opção de inclusão de especialistas e/ou contrapontos de fontes variadas.

- Gravada com entrevistas e/ou sonoras: factual; recupera detalhes do acontecimento e atualiza as informações; explora antecedentes e faz projeções futuras; registro gravado e editado após o acontecimento; conexão com fatos relacionados; transmissão assíncrona; alto nível de contextualização; gênero predominantemente informativo; fontes de informação afetadas pelo fato e ausentes do acontecimento; opção de inclusão de especialistas e/ou contrapontos de fontes variadas.

c) Reportagem especial e Grande Reportagem:

- Reaproveitamento ou ampliação da cobertura jornalística factual: ocorre durante o intervalo de acontecimentos mais longos e complexos; é temporal e espacialmente ligada ao acontecimento original; pode ser apresentada em módulo único ou de forma seriada, em capítulos; registro gravado e editado após a cobertura inicial do acontecimento; detalhamento dos fatos; conexão com fatos relacionados e antecedentes; transmissão assíncrona; alto nível de contextualização e aprofundamento; gêneros informativo e interpretativo; várias fontes de informação, com afetadas pelo fato e ausentes do acontecimento; inclusão de especialistas e/ou contrapontos de fontes variadas.

- Temática: a relação temporal com o acontecimento ocorre por aniversário, datas alusivas ou aproximação temática e motivacional com acontecimento similar do momento; historiciza o acontecimento; grande valor documental; registro gravado e editado; conexão com fatos relacionados e antecedentes; promove uma retrospectiva sobre o assunto abordado; transmissão assíncrona; alto nível de contextualização e aprofundamento; gênero predominantemente interpretativo; várias fontes de informação, com afetadas pelo fato e ausentes do acontecimento; inclusão de especialistas e/ou contrapontos de fontes variadas.

- Narrativa dramática: conta a história sobre acontecimentos já concluídos; humanização da história; reconstrução de documentos; grande valor documental; registro gravado e editado, com elementos ficcionais e de dramatização; estrutura narrativa moldada por conflito; possibilidade de envolvimento autoral do repórter; transmissão assíncrona; alto nível de contextualização e aprofundamento; gênero predominantemente interpretativo; várias fontes de informação, com afetadas pelo fato e ausentes do acontecimento; inclusão de especialistas e/ou contrapontos de fontes variadas.

A análise do *corpus* desta pesquisa confirma várias das possibilidades de aplicação que propusemos a cada uma das modalidades de reportagem, além de que os critérios elencados

são oriundos de nossas categorias de análise. Sabemos que nem sempre as nomenclaturas de emissões radiofônicas propostas pela academia convergem com aquilo que é praticado no mercado profissional, por vezes muito mais amparado nos jargões ligados à rotina de produção do que necessariamente pela aproximação científica. Neste sentido, zelamos pela manutenção de termos já parcialmente consolidados na relação entre atividade profissional e academia, como os próprios nomes das modalidades de reportagem radiofônica.

Mesmo que não haja um consenso na classificação de modalidades/tipos de reportagens para o rádio entre os pesquisadores da área no Brasil, aproveitamos os modelos mais praticados no mercado profissional, mas também nos baseamos em autores como Faus Belau (1981) e Prado (1989). Embora ambos versassem sobre uma prática do século anterior e com um olhar maior sobre o mercado radiofônico europeu, seus conceitos são de coerente adaptação à nossa realidade brasileira. A chamada reportagem de ação ou de rua, de Faus Belau (1981), está relacionada aos nossos boletins, enquanto o que o pesquisador chama de reportagem atualizada de conteúdo, e parte dos profissionais brasileiros denominam informalmente de reportagem factual, chamamos aqui de reportagem contextualizada. O que Faus Belau se refere a uma grande reportagem de atualidade é facilmente aplicado às nossas modalidades de grande reportagem e reportagem especial. Também em Prado (1981) buscamos as referências para a divisão entre reportagens simultâneas e diferidas, a fim de adaptá-las à nossa proposição.

A relação entre o boletim e a reportagem contextualizada nos fez trazer à tona uma questão usual no mercado radiofônico, que é o aproveitamento de um mesmo conteúdo para formatos e modalidades distintas no rádio-jornalismo. Como pudemos conferir no material observado e nos depoimentos de entrevistados deste estudo, a dinâmica de um mesmo material apurado pelas equipes de jornalismo ocorre tanto pelo fator tempo – entre divulgar ao vivo e editar uma nova versão posteriormente – como pela consolidação do produto final, com mais fontes consultadas, mais dados apurados e um contexto mais amplo que a emissão original. Além disso, destacamos também a questão da utilização das fontes na reportagem contextualizada que, diferentemente do boletim, possui a capacidade de expandir seus entrevistados para além dos afetados diretamente no acontecimento, como pessoas implicadas com as consequências ou mesmo com a análise de especialistas no tema.

Sobre as reportagens especiais e grandes reportagens foram definidos três modelos principais, mesmo que haja a possibilidade de serem utilizadas variações ou modos similares. No caso do reaproveitamento de matérias factuais, é comum que grandes coberturas de fatos extraordinários, que envolvem diversos rádio-jornalistas e chegam até a “derrubar” a

programação das emissoras, possam ter seu vasto material produzido aproveitado pelas rádios para edições diversas. Sendo assim, sugerimos que uma das variações das reportagens especiais/grandes reportagens seja aquela em que aproveita a matéria-prima factual para produzir um conteúdo de fôlego, mais amplo e de maior aprofundamento. No caso do modelo das reportagens temáticas, é muito comum que datas históricas entrem na pauta, algo que valoriza o potencial documental e de memória do jornalismo sonoro. Além destas, há as narrativas dramáticas que, embora não constassem no resultado do nosso *corpus* analisado, dialogam com as raízes radiofônicas e emergem novamente em tempos de serialização de *podcasts*. No entanto, como valor documental jornalístico, esse modelo oportuniza situações de caráter investigativo ou até mesmo autorais por parte do repórter, além de ampliar o cenário acústico e o diálogo mental com o ouvinte.

As principais diferenças entre a reportagem especial e a grande reportagem estão na duração da produção e no aproveitamento do material para a sua veiculação. Por normalmente possuir duração mais curta, a reportagem especial pode ser incluída com mais facilidade na programação diária das emissoras, até mesmo em programas com notícias factuais, como observamos no *corpus* desta pesquisa. Já a grande reportagem buscará espaços da programação mais voltados à contemplação do conteúdo, como em finais de semana ou datas e horários especiais. Outro diferencial é o fato de que nas grandes reportagens os aspectos mais singulares dos fatos funcionam muitas vezes como referências sobre temas em que o objetivo principal seja o seu aprofundamento, com ampla explicação e análise. Em alguns casos podem servir como amostras representativas que humanizem a história e gerem identificação no público, mas com maior distanciamento temporal em relação ao fato gerador da informação. Nas reportagens especiais, apesar de também buscarem o seu significado universal de forma mais ampla em relação às reportagens factuais, a base para explicação dos eventos narrados já ocorre com maior frequência na transição singular-particular. O contexto entre os aspectos singulares do fato e a sua relação com as particularizações, como comparações ou classificações, são uma forma de inclusão do acontecimento à organização da vida social e cotidiana, reconhecida facilmente pelo ouvinte. O significado universal, como vimos em Genro Filho (1987) ao se referir à notícia semanal, será atingido após os fatos específicos se confrontarem com suas particularidades. No entanto, a preservação do singular através de toda a narrativa em direção a uma significação universal, como se refere Genro Filho às grandes reportagens dos meios impressos, representa um desafio para a produção dessas modalidades no rádio, o que certamente as consolidaria como produtos de maior predominância interpretativa sobre o caráter informativo.

A maior incidência do gênero interpretativo sobre as reportagens especiais e grandes reportagens, observada no *corpus* da pesquisa e formulada em nossa proposição, busca também demonstrar que é equivocada a uniformização muitas vezes aplicada à reportagem radiofônica enquanto gênero radiojornalístico, como se o formato existisse em molde único. Os boletins e as reportagens contextualizadas tendem a se situar como predominantemente informativos devido aos seus próprios objetivos de narração sobre os acontecimentos. O grau de interpretação dos fatos vai crescendo a cada modalidade na medida em que ela amplia suas conexões a situações mais complexas e que gere um sentido mais aprofundado ao ouvinte. Da mesma forma, não seria mais concebível, tanto no *dial* como em tempos de web, enxergar a reportagem radiofônica como um formato estanque ou de poucas variações.

A adequação de todas essas propostas para a internet aproveita a inclusão de elementos parassonoros e a ampliação qualitativa dos fatos apurados, além da constituição de memória e a possibilidade de engajar o ouvinte-internauta no compartilhamento do conteúdo original. Mais do que apenas usufruir do potencial das ferramentas disponíveis, a publicação das reportagens nas páginas das emissoras na web deve ter o propósito de ampliar a contextualização do fato, uma oportunidade que não se restringe somente às reportagens de maior profundidade. É na utilização de hiperlinks que cenários mais abrangentes sobre os acontecimentos farão parte também das produções factuais, reforçando a característica de um radiojornalismo hipermediático que garante maior autonomia ao público dentro do processo de consumo das informações.

O que ainda observamos em relação à nossa formulação, é que a multiangulação não linear tem sido uma das fortes características da reportagem jornalística, passível de sobrevivência em tempos de consolidação de sua inserção nas novas plataformas. Enquanto a web tem se portado como espaço de velocidade e imediatismo, seu espaço quase infinito de armazenamento possibilita a geração de memórias instantâneas e de uma pluralidade maior de vozes, o que é propício para grandes reportagens e reportagens especiais. Aliás, várias características comuns entre o rádio e a web já facilitam o entrelaçamento entre os seus produtos jornalísticos desde a emergência das novas plataformas digitais. Se o jornalismo de rádio mais ensinou do que necessariamente aprendeu com a internet, nem por isso fugiu da oportunidade de se apropriar das novas capacidades que lhe foram dispostas. Enquanto a instantaneidade e o imediatismo na informação favorecem a ambos, a individualização da audiência cada vez mais aponta traços em comum, pela antiga mobilidade do radinho à pilha ou pelo fácil transporte e intuitivo uso dos *smartphones*. A reportagem radiofônica se reascende nesse cenário como o

formato mais adequado para agregar as potencialidades do novo espaço digital e também de opções de leitura/audição e de compartilhamento pela rede.

No âmbito interno do conteúdo radiojornalístico, a ruptura da linearidade discursiva em uma narrativa não sequencial facilita à reportagem radiofônica na web o uso dos recursos hipermediáticos para promover uma relação entre os eventos narrados e as novidades sobre o assunto, contextualizando o presente através da relação entre fatos anteriores e posteriores. Ao se considerar que a sequência de escuta dos áudios será definida pelo próprio ouvinte-internauta, surge a necessidade de um novo padrão que adeque o conteúdo jornalístico produzido para o rádio hertziano concomitantemente com as novas plataformas, levando em conta a intervenção de multiplicadores que poderão alterar o produto original dentro de sua relação de engajamento e propagabilidade através de sua cooperativa ou comunidade virtual.

Nas edições da mídia tradicional, inclusive as do rádio, o tempo anteriormente seguido era o do público e não exatamente o tempo dos acontecimentos. Embora o rádio contasse com as características já vistas, como mobilidade, imediatismo e instantaneidade para transmitir os fatos em tempo real, o contexto dos acontecimentos sempre foi reservado para as edições nos horários de maior audiência. Entretanto, o público consumidor de informações através da web cada vez mais exige seguir o tempo dos acontecimentos, já que seu horário de “maior audiência” com o *smartphone* na mão é muito mais elástico. E uma das condições delineadas para a propagabilidade, segundo Jenkins, Ford e Green (2014), é que o conteúdo deve estar disponível quando e onde o público quiser.

O resultado deste trabalho, no entanto, não se limita à compreensão isolada de um *corpus* que atende apenas a análise de um número limitado de reportagens e emissoras, mas busca uma percepção mais clara do próprio fenômeno e do conjunto de fenômenos comunicacionais similares, utilizando emissoras e reportagens analisadas apenas como um ferramental para que elementos singulares possam se situar dentro de uma realidade mais abrangente. É neste sentido que acreditamos que a tese avança em relação a estudos anteriores sobre o meio e o formato. Além de estudar a singularidade empírica das emissoras analisadas, nosso desafio residiu na articulação dessa singularidade com as compreensões existentes até então sobre o formato reportagem radiofônica, provocando a necessária revisão sobre suas estruturas dentro do ambiente hertziano e de sua inclusão no universo digital. Desta forma, torna-se possível avançar nos estudos sobre a concepção de um formato jornalístico reconfigurado e adaptado aos desafios que a convergência tecnológica das mídias vem impondo ao jornalismo nas últimas décadas.

Neste sentido, além da nossa proposta de categorização para as modalidades de reportagem radiofônica para o rádio hertziano e sua aplicação na web, este trabalho sugere algumas recomendações às emissoras de rádio e aos profissionais do meio. Uma delas é uma maior exploração do uso de elementos hipermidiáticos nas reportagens radiofônicas publicadas nas páginas da internet, remetendo a navegação a um contexto mais amplo sobre o conjunto de acontecimentos relacionados ao fato nuclear. A projeção ao significado universal, como propunha Genro Filho (1987), terá a contribuição da organização de camadas de informação disponibilizadas ao público, com níveis diferentes de aprofundamento ou de conexões com fatos estreitamente relacionados. O que aparenta ser uma recomendação simples dentro do universo do webjornalismo ainda não foi apropriado a contento dentro dessa dupla publicação entre web e *dial*.

Outra recomendação possível ao meio profissional é o aproveitamento diferenciado do áudio das reportagens nas páginas da internet. Além da disponibilização do arquivo sonoro da reportagem na íntegra e de seu aproveitamento como *podcast*, há a sugestão também de recortar os trechos mais relevantes do áudio para a página, como sonorais, trechos de entrevistas ou pontos mais opinativos, transferindo introduções, fechamentos e passagens para o texto escrito. A redação oferecida para leitura terá o papel de guiar e indexar o áudio publicado. Isto quer dizer que o centro da produção da reportagem no rádio deve continuar sendo o áudio, como prega Lopez (2010). Mas a sua contextualização pode contar com um maior apoio de textos, ícones, imagens e outros elementos multimidiáticos conectados entre si, evitando a dispersão deste novo ouvinte-internauta multiplataforma, que tem em suas mãos inúmeras opções de acesso em um circuito totalmente aberto. Entretanto, esta recomendação serve apenas para as produções de baixa fluidez na transição das vozes entre repórter e entrevistados e também para aquelas em que os pontos de corte no áudio existem principalmente devido à objetividade no método e na aplicação da narração como um todo. Reportagens investigativas com microfone registrando panorâmicas ou produções com a narração predominantemente dramática, por exemplo, são algumas daquelas que não se enquadram nesta recomendação, já que o encadeamento do áudio, com todos os seus elementos devidamente ajustados e editados é que proporcionará a atmosfera sonora adequada para o ouvinte.

No meio acadêmico, uma de nossas sugestões para a sequência desta investigação é a realização de estudos de caso com emissoras de rádio de interior, agrupadas por regiões ou até mesmo estados, considerando as peculiaridades e diferenças culturais e profissionais de cada território. Sabemos que as redes de rádio e as emissoras de maior porte situadas nos grandes centros possuem a capacidade operacional para produzir reportagens em profundidade, como

vimos nesta pesquisa, e até mesmo outras que possuam boa base investigativa por parte dos repórteres. Essa é uma condição que, aparentemente, não confere a emissoras de rádio de menor tamanho, o que oportuniza a novas pesquisas a identificação sobre as modalidades formuladas nesta tese em realidades profissionais distintas.

Outra possibilidade de pesquisa diz respeito à instância de produção das reportagens, através de *newsmaking* e observação participante, conferindo de fato como as múltiplas entregas afetam de maneira similar ou distintas as diferentes modalidades de reportagem estudadas aqui. E ainda, a possibilidade dessa verificação no próprio produto, com as suas variadas plataformas, como no caso específico da Jovem Pan News, que faz rádio, TV e internet simultaneamente com a premissa de não promover nenhum prejuízo a cada mídia distinta.

Curiosamente, elaboramos a análise desta tese quando se completaram 27 anos do uso da internet no Brasil (1995-2022), os mesmos 27 anos iniciais do rádio como meio de difusão contínua de programação até a chegada da TV (1923-1950), o que mudaria consideravelmente a sua vida pela primeira vez. Foram 27 anos de estágio, desde a chegada da internet, para que a reportagem radiofônica se reconfigurasse com a adesão a novos ambientes. Pelo olhar atual, há uma sensação de que o primeiro período de 27 anos na história radiofônica brasileira demonstrou ser muito mais intenso e carregado de mudanças no produto entregue ao ouvinte do que este último período a partir de 1995. Apesar de as transformações tecnológicas terem diretamente afetado o público em maior proporção nos tempos de web do que nas fases anteriores dos meios de comunicação, nas emissoras de rádio os avanços ainda podem ser considerados parcos, pouco além de transposições e adaptações parciais. O marco temporal coincidente se torna simbólico para refletirmos sobre o produto que é entregue a este ouvinte contemporâneo, cercado de variadas opções de áudio, de conteúdos com forte estímulo visual, de acesso a infinitas mídias e até mesmo com a tentação de negar a mídia profissional, consumindo informações duvidosas através das redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas.

Como demonstrado nos resultados desta pesquisa, a reportagem radiofônica é um formato capaz de envolver ouvintes e internautas em momentos e situações distintas em suas circunstâncias de recepção, seja pelo imediatismo sobre os últimos acontecimentos ou pelo aprofundamento e valor interpretativo em assuntos de maior complexidade. Explorar de maneiras diversas as possibilidades de constituição e difusão do formato radiofônico é mais do que fazê-lo resistir diante de uma era de maior autonomia de produção e consumo de conteúdo por parte do usuário. É estar integrado à sua rotina, evoluindo e se adaptando, sem abandonar as especificidades sonoras que garantem a distinção dos demais meios. É se transformar, mas

sem abrir mão do que é essencial para a razão de sua existência. Como proferem Anderson, Bell e Shirky (2013, p.73), “a chegada da internet não trouxe um novo ator para o ecossistema jornalístico. Trouxe um novo ecossistema”. Neste mesmo sentido podemos dizer que um dos desafios contemporâneos do rádio deve ser o de ir além da atualização das modalidades de reportagem, proposta nesta tese, mas de definitivamente incluir a reportagem radiofônica nesse novo ecossistema jornalístico.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Cláudio. **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ALBERT, Pierre; TERROU, Fernand. **História da imprensa**. Tradução de Histoire de la presse. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 121p.

ALMEIDA, Ana Carolina; MAGNONI, Antônio Francisco. Rádio e internet: recursos proporcionados pela *web* ao radiojornalismo. *In*: MAGNONI, Antônio Francisco; CARVALHO, Juliano Maurício de (org.). **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010. p. 273-290.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.

ALVES, Jucélia. Tecnologia celular: uma convergência de mídias para a aproximação de públicos. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 30, 2007, Santos. **Anais [...]** São Paulo: Intercom, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1697-1.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2020.

AMARAL, Márcia Franz; POZOBON, Rejane de Oliveira; RUBIN, Anaqueli. Modos de endereçar a tragédia: indignação, testemunho e piedade. **Lumina** - Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação - Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF, Vol.4, nº2. Juiz de Fora, 2010.

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, abril-junho de 2013, p. 30-89.

ARNHEIM, Rudolf. **Estética radiofônica**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1980

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES DE HISTÓRIA DA MÍDIA - ALCAR. **Carta de Natal**. Natal, 20 jun. 2019. Disponível em: <https://redealcar.org/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

Áudio 3D é aposta no mercado do som. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 90. 28 jul. 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/tec/tc2807201007.htm>. Acesso em: 02 fev. 2022.

BACCIN, Alciane Nolibos. **Como contar histórias?** O hipertexto jornalístico na reportagem hipermídia / 2017. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre (RS), 2017.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro : Contraponto, 2005. 5ª ed.

BAITELLO JUNIOR, Norval. A cultura do ouvir. *In*: ZAREMBA, Lílian; BENTES, Ivana (org.). **Rádio Nova, Constelações da Radiofonia Contemporânea 3**. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1999. p. 53-69.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALSEBRE, Armand. “O rádio está morto... Viva o som ou como o rádio pode se transformar em uma nova mídia”. **Significação** – Revista de Cultura Audiovisual, São Paulo, v. 40, nº 39, p. 14-23, jan.-jun. 2013.

BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de radiojornalismo: produção, ética e Internet**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BARBOSA, Suzana. Jornalismo convergente e *continuum* multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In: CANAVILHAS, João (org.). **Notícias e Mobilidade: O Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis**. Covilhã, UBI, LabCom, 2013. p. 33-54.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos: Os Formatos e os Programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2009.

BARTHES, Roland. A Escrita do acontecimento. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci. (org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, vol. II, 2008, p. 213-218.

BAUMWORCEL, Ana. Radiojornalismo e sentido no novo milênio. In: MOREIRA, Sônia Virgínia; BIANCO, Nélia R. (org.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: INTERCOM; Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 109-116.

BELTRÃO, Luiz. Jornalismo pela TV e pelo rádio: perspectivas. **Revista da Escola de Comunicações Culturais.**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 112-119, 1968.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

BERGAMO, Alexandre. Reportagem, memória e história no jornalismo brasileiro. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 233-269, ago. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132011000200001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132011000200001&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 20 fev. 2021.

BERRY, Richard. Will the iPod kill the radio star? Profiling podcasting as radio, **Convergence**, v. 12, n. 2, p. 143-162, 2006. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Richard\\_Berry5/publication/249827460\\_Will\\_the\\_iPod\\_Kill\\_the\\_Radio\\_StarProfiling\\_Podcasting\\_as\\_Radio/links/548eff0a0cf225bf66a7f82f/Will-the-iPod-Kill-the-Radio-StarProfiling-Podcasting-as-Radio.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Richard_Berry5/publication/249827460_Will_the_iPod_Kill_the_Radio_StarProfiling_Podcasting_as_Radio/links/548eff0a0cf225bf66a7f82f/Will-the-iPod-Kill-the-Radio-StarProfiling-Podcasting-as-Radio.pdf) Acesso em: 27 dez. 2020.

BERRY, Richard. The future of radio is the internet, not *on* the internet. In: OLIVEIRA, Madalena; STACHYRA, Grażyna; STARKEY, Guy (org.). **Radio: The Resilient Medium**. Sunderland, UK: Centre for Research in Media and Cultural Studies, University of Sunderland, 2014. p. 3-16.

BESPALHOK, Flávia Lucia Bazan. Reportagem Externa Radiofônica: A Experiência da Emissora Continental na Construção da História do Radiojornalismo Brasileiro. In.: Congresso Brasileiro da Comunicação, 28, 2005, Rio de Janeiro. **Anais [...]** São Paulo: INTERCOM, 2005. Disponível

em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1337-1.pdf> Acesso em: maio 2019.

BESPALHOK, Flávia Lucia Bazan. **A prática da reportagem radiofônica na Emissora Continental do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Bauru, SP. 2006. p. 340. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/89453>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BOND, Frank Fraser. **Introdução ao jornalismo**: uma análise do quarto poder em todas as suas formas. Tradução de: An introduction to journalism. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1962. 373p, il.

BORGES, Paulo. A credibilidade do ruído no radiojornalismo. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 4 a 7 de setembro de 2013, Manaus (AM). **Anais [...]**. Manaus: Intercom, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0765-1.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

BOWMAN, Shayne; WILLIS, Cris. **Nosotros, el medio**: como las audiencias están modelando el futuro de la noticias y la información. The Media Center at The American Press Institute. Stanford, California, USA: 2003. Disponível em: <http://www.hypergene.net/wemedia/espanol.php> Acesso em: 17 jul. 2019

BRADSHAW, Paul. A model for the 21st century newsroom: pt1 – the news diamond. **Online Journalism Blog**, 2007. Disponível em: <https://onlinejournalismblog.com/2007/09/17/a-model-for-the-21st-century-newsroom-pt-1-the-news-diamond/>. Acesso em: 23 dez. 2022.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. *In*: ENCONTRO DA COMPÓS, XVI, GT Epistemologia da Comunicação, 2007, Curitiba. **Anais [...]**. Campinas, Galoá, 2007. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2007/trabalhos/comunicacao-disciplina-indiciaria?lang=pt-br>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BRECHT, Bertolt. Teoria do rádio. *In*: MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, vol. I, 2005. p. 35-45.

BUBER, Martin. Microfone para as vozes sufocadas. *In*: MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990. p. 5-7.

BUFARAH JUNIOR, Álvaro. Podcast: possibilidades de uso nas emissoras de rádio noticiosas. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 40, 2017, Curitiba, PR. **Anais [...]** São Paulo: INTERCOM, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2638-1.pdf>. Acesso em: 04 out. 2020.

BUFARAH JUNIOR, Álvaro; PADILHA, Luis David. O radiojornalismo como gênero discursivo aplicado ao conceito de podcast. *In*: SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 18, 2020. Encontro realizado no formato virtual. **Anais [...]** São Paulo: SBPJor, 2020. Disponível em:

<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2722/1410>. Acesso em: 22 dez. 2020.

CAMARGO, Aline. MAGNONI, Antônio Francisco. Jornalismo Radiofônico no Contexto do Desenvolvimento de Tecnologias Digitais e da Convergência dos Meios.

*In:* ITO, Luciane de Lucena., ROCHA Melani P. (org.). **Transformações do Jornalismo na Nova Ecologia dos Meios**. 1a Ed. Aveiro: Ria Editorial, 2019. p.124-131.

CANAVILHAS, João. **A Internet como Memória**. Covilhã, Portugal: 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-internet-como-memoria.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2022.

CANAVILHAS, João. Retrato dos jornalistas online em Portugal. *In:* Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação – **SOPCOM**, 4º, 2005, Aveiro (PT): p. 1393-1402, 2005. **Anais [...]**. Disponível em: [https://sopcom.pt/wp-content/uploads/2005/10/2005\\_Atas\\_4sopcom.pdf](https://sopcom.pt/wp-content/uploads/2005/10/2005_Atas_4sopcom.pdf). Acesso em: 10 nov. 2022.

CANAVILHAS, João. Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, 2006. Disponível em: [www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf). Acesso em: 18 jan. 2022.

CANAVILHAS, João. Jornalismo móvel e Realidade Aumentada: o contexto na palma da mão. **Verso e Reverso**, v. 27, nº 64, 2013, p. 2-8. Disponível em <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/1145>. Acesso em: 02 fev. 2022.

CANAVILHAS, João. Hipertextualidade: Novas arquiteturas noticiosas. *In:* CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã (PT): Ed. LabCom, 2014. p. 3-24.

CANAVILHAS, João; BACCIN, Alciane. Contextualização de reportagens hipermídia: narrativa e imersão. **Brazilian Journalism Research**, v.1, n.1, 2015, p.10-27.

CASTELLS, Manuel. *et al.* **Comunicación móvil y sociedad**. Barcelona: Ariel e Fundação Telefônica, 2006.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **La radio en la convergencia multimedia**. Barcelona: Gedisa, 2001.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **La radio em Internet: de La ciberradio a las redes sociales y La radio móvil**. Buenos Aires: La Crujiá, 2008.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. O rádio no contexto da comunicação multiplataforma. **Rádio-Leituras**, Santa Maria, RS (UFSM), ano II, n.2, jul-dez 2011. Disponível em: <https://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras/article/view/378>. Acesso em: 14 jul. 2019.

CHAGAS, Luã José Vaz. Da pirâmide à espiral: a construção da notícia no radiojornalismo ao vivo. **Fronteiras – estudos midiáticos**. São Leopoldo, RS, v.21, n.1, p. 11-20, jan-abr. 2019a. Disponível em:

<https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2019.211.02>. Acesso em: 06 jul. 2022.

CHAGAS, Luãn José Vaz. **Entre fontes e jornalistas: A seleção das vozes na construção das notícias na BandNews e na CBN.** 2019b. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2019b.

CHALABY, Jean K. O Jornalismo como invenção anglo-americana: comparação entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano (1830-1920). **Media e Jornalismo**, Lisboa, n. 3, p. 29-50, 2003. Disponível em: <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/02/n3-03-Jean-Chalaby.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** 1ªed. São Paulo: Contexto, 2009.

Clubhouse: popular aplicativo de áudio busca ampliar suas operações. **UOL.** São Paulo, 11 fev. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2021/02/11/clubhouse-popular-aplicativo-de-audio-busca-ampliar-suas-operacoes.htm>. Acesso em: 02 maio 2021.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura.** São Paulo: Ática, 2004.

Como as rádios de notícias gaúchas estão atuando no período de pandemia? Coletiva.net. 02 jun. 2020. Disponível em: <https://coletiva.net/comunicacao/como-as-radios-de-noticias-gauchas-estao-atuando-no-periodo-de-pandemia,359878.jhtml>. Acesso em: 20 jul. 2020.

CUNHA, Márgda Rodrigues da. Rádio e Internet: o Encontro de Duas Grandes Invenções. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 27, 2004, Porto Alegre. **Anais [...]**. São Paulo: 2004. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/resumos/R1760-1.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2021.

CUNHA, Márgda Rodrigues da; AVRELLA, Bárbara. O radiojornalismo no contexto do software. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 10, n. 01, p. 04-21, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>. Acesso em: 04 fev. 2020.

DALL'AGNESE, Carolina Teixeira Weber; BARICHELLO, Eugenia Maria Mariano da Roch; BELOCHIO, Vivian de Carvalho. Transmídia, propagabilidade, engajamento. Reflexões sobre visibilidade e legitimação do jornalismo em ambiências digitais. **Questões Transversais** – Revista de Epistemologias da Comunicação, Santa Maria, RS, v. 6, nº 11, p. 40-47, jan-jun 2018.

DAMASCENO, Dorcas Vieira. **Me llamo Rigoberta Menchú: heterogeneidade, hibridismo e relações de poder.** 2009. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil. 2009.

DARNTON, Robert. The New Age of the Book. **The New York Review**, 1999. Disponível em: <https://www.nybooks.com/articles/1999/03/18/the-new-age-of-the-book/>. Acesso em: 23 dez. 2022.

DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu. **A história em directo**: os acontecimentos mediáticos na televisão. Tradução de Ângela e José Carlos Bernardes. Coimbra: Minerva Editora, 1999.

DEL BIANCO, Nelia. A presença do radiojornalismo na Internet - Um estudo de caso sobre os sites da Jovem Pan e da Bandeirantes. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis v. 1, n. 1, jan-jun. 2004.

DEL BIANCO, Nelia. Processo de implantação do rádio digital no Brasil: um debate inacabado. *In*: ZUCULOTO, Valci; LOPEZ, Debora; KISCHINHEVSKY, Marcelo (org.). **Estudos Radiofônicos no Brasil**. Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora Intercom. São Paulo, GP Ebooks, 2016. p. 294-308.

DEL BIANCO, Nelia. PRATA, Nair. Rádio, mobilidade e ubiquidade: análise do projeto de inclusão mobile digital da Abert. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. 41, n. 1, jan-abr. 2018.

DETONI, Márcia. **O documentário no rádio**: desenvolvimento histórico e tendências atuais. Pesquisa pós-doutoral (Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

DI FÁTIMA, Branco. LAPA, Tiago. A reportagem na internet: uma análise das transformações narrativas do webjornalismo. *In*: Congresso Ibercom, 15, 2017, Lisboa. **Anais [...] ASSIBERCOM**, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/341901906>. Acesso em: 20 jan. 2022.

DONSBACH, Wolfgang. Journalism as the new knowledge profession and consequences for journalism education. **Journalism**, 2013. p. 661-677. Disponível em: <http://jou.sagepub.com/content/early/2013/06/27/1464884913491347>. Acesso em: 15 ago. 2018.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 62-83.

DUBBER, Andrew. Repensando o rádio na era digital. **Significação** – Revista de Cultura Audiovisual, São Paulo, nº 39, p. 24-43, jan.-jun. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/59949/63055>. Acesso em: 29 ago. 2022.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

EBEL, Ivana. R. Jornalismo aumentado: experiências digitais com novas camadas de significação. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, SC, v. 12, n.1, p. 56-71, jan.-jun. 2015.

ERBOLATO, Mário. **Comunicação e Cotidiano**. Campinas: Papyrus: 1984.

ERBOLATO, Mário. L. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

ERICSON, Richard V.; BARANEK, Patrícia M.; CHAN, Janet B;L. **Visualizing Deviance**: a study of new organization. University of Toronto Press. Toronto, 1987.

ESCALANTE, Marco Vinicio D. **Comunicacion radiofônica**: teoria y práctica. Quito: Editorial Belén (CIESPAL), 1986.

ESPADA, Agustín. Da desprogramação à multimídia, como trabalham o conteúdo da web as estações de rádio mais ouvidas em Buenos Aires? **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 09, n. 02, p. 149-176 jul./dez. 2018.

FALCÃO, Bárbara Mendes, TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. O podcast como gênero jornalístico. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 42, 2019, Belém, PA. **Anais [...]**. São Paulo: INTERCOM, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1367-1.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2020.

FARIAS, Karina Woehl de. **Do AM para o FM**: adaptações do radiojornalismo na migração de *dial* em Santa Catarina. Tese (Doutorado em Jornalismo). Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC - Florianópolis, 2020.

FARO, José Salvador. Reportagem: na fronteira do tempo e da cultura. **Verso e Reverso**. Rio Grande do Sul: Unisinos, v. 27, n. 65, p. 77-83, maio-ago. 2013.

FAUS BELAU, Angel. **La Radio**: introduccion a um médio desconocido. Madrid: Editorial Latina, 1981.

FELICE, Mauro de. **Jornalismo de Rádio**. Brasília: Thesaurus Editora, 1981.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FERRARETTO, Luiz Artur. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e Comunicação**, Aracaju, v. 14, n. 2, maio-ago. 2012. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/418>. Acesso em: 14 jan. 2022.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo; Summus, 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando; SABALLA JR., Léo Henrique. O jornalista com múltiplas funções no rádio: velhos preconceitos para novos desafios (2018). *In*: SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 16, 2018. São Paulo, SP. **Anais [...]**. São Paulo: SBPJor, 2018.

FERRARETTO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. **Covid-19 e comunicação**: um guia prático para enfrentar a crise. Rio de Janeiro: Válega, 2020. 62p. Disponível em: <http://bit.ly/livroner>. Acesso em: 13 jul. 2020.

FERRARETTO, Luiz Artur. Por que o rádio brasileiro começou em Recife. **Revista da Famecos**. Porto Alegre, v. 28, p. 1-13, jan.-dez. 2021.

FERRAZ, Nivaldo; BASSO, Eliane Fátima Corti. A reportagem especial no rádio: apontamentos, análise e reflexão sobre o programa Universidade no Ar. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 28, 2013, Bauru, SP. **Anais [...]** São Paulo: INTERCOM SUDESTE, 2013. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1185-1.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.

FERRAZ, Nivaldo. **Reportagem no rádio**: realidade brasileira, fundamentação, possibilidades sonoras e jornalísticas a partir da peça radiofônica reportagem. Tese (Doutorado). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. 2016. 396p. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27161/tde-25072017-150144/pt-br.php>. Acesso em: 10 jun. 2019.

FERRAZ, Nivaldo; GAMBARO, Daniel. Podcast e radiojornalismo: uma aproximação entre a mídia formal e as novas experiências de produção e escuta. **Novos Olhares**, São Paulo, SP. v. 9 n.1, p. 155-172. jan/jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2020.166393>. Acesso em: 20 out. 2020.

FERREIRA, Daniela Carvalho Monteiro. Áudio na Internet. 29º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 6 a 9 de setembro de 2006, Brasília (DF). **Anais [...]**, São Paulo: Intercom, 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/72229646658120924491229208209069069659.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2022.

FIDALGO, Antônio. O celular como radio de pilhas na era da Internet. Rádio IP no celular. *In*: BARBOSA, Suzana e MIELNICZUK, Luciana Pellin (org.). **Jornalismo e Tecnologias móveis**. 2013. p. 11-23. Disponível em: [http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20130522-201302\\_susana\\_luciana\\_jornalismotechmoveis.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20130522-201302_susana_luciana_jornalismotechmoveis.pdf). Acesso em: 01 fev. 2020.

FIDLER, Roger. **Mediamorfosis**: comprender los nuevos médios. Buenos Aires, Granica, 1998.

FONTCUBERTA, Mar de. El periódico como sistema. FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Héctor. *In*: **Periódicos**: sistemas complejos, narradores em interacción. Buenos Aires: La Crujía, 2006. p. 15-154.

Do 'isto fala' ao 'zap'. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 97, n. 32.404, p. 8, 21 dezembro 2017. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=48108&anchor=6074416&origem=busca&pd=41aaea39871317aefb3c5f19b572604c>. Acesso em: 10 jun. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. A estrutura do noticiário estrangeiro. A apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. *In*: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 61-73

GAMBARO, Daniel. **A instituição social do rádio:** (re)agregando as práticas discursivas da indústria no ecossistema midiático. 2019. Tese (Doutorado) – Programa em Pós-graduação em Meios e Processos Audiovisuais, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide:** para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre, Editora Tchê, 1987.

GfK VEREIN. Confiança nas profissões 2016 – um estudo da GfK Verein. De bombeiros a políticos. **GfK Verein**, 2016. Disponível em: [http://www.gfk.com/fileadmin/user\\_upload/dyna\\_content/BR/documents/reports/Trust\\_in\\_Professions\\_2016\\_Brazil\\_POR\\_v1.pdf](http://www.gfk.com/fileadmin/user_upload/dyna_content/BR/documents/reports/Trust_in_Professions_2016_Brazil_POR_v1.pdf). Acesso em: 24 dez. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, Erving. A fala do rádio – um estudo dos percursos dos nossos erros. *In*: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci. (org.). **Teorias do rádio:** textos e contextos. Florianópolis: Insular, vol. II, 2008, p. 297-326.

GODINHO, Jacinto. Genealogias da reportagem. *In*: COELHO, Pedro; REIS, Ana Isabel; BONIXE, Luís (org.). **Manual de Reportagem**. Covilhã (PT): UBI, Labcom: 2021. p. 33-56.

GOLDMAN, Alvin. What is justified belief? *In*: PAPPAS, G. S (org.). **Justification and Knowledge:** New Studies in Epistemology. Dordebrecht: Reidel Publishing Company, 1979. Disponível em: <http://www.andrew.cmu.edu/user/kk3n/epistclass/goldmanjust.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2022. p. 1-23.

GOMES, Juliana. **Impactos da mobilidade do rádio na produção do radiojornalismo:** um estudo dos programas Gaúcha Repórter e Notícia na Tarde. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2014. p. 185 Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PJOR0065-D.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

GOMIS, Lorenzo. **Teoria Del Periodismo:** cómo se forma el presente. Barcelona: Paidós, 1991, p. 13-47.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes; SANTOS, Marli dos. Reportagem: narrativa em muitos estilos. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais [...]**, Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014 Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-2470-1.pdf> Acesso em: 17 fev. 2021.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido:** fundamentos da ciência dos jornais (periodística). Tradução de Liriam Sponholz. Petrópolis: Vozes, 2011

GUERRA, Josenildo. **O Percurso Interpretativo da Produção da Notícia**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracajú: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

GUEVAR, Eugenio González Ladrón de. **Radio 5: el formato todo noticias en la radio pública estatal**. Tese (Doutorado em Ciências de la Información). Universidad Complutense de Madrid. Madrid, 2015. Disponível em: <https://eprints.ucm.es/id/eprint/44264/1/T39111.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2022

GUIMARÃES, Elisa. **A articulação do texto**. São Paulo: Ática, 1990.

Há 10 anos, lançamento do primeiro iPhone iniciava revolução no mundo. **UOL**. São Paulo, 09 jan. 2017. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2017/01/09/ha-10-anos-lancamento-do-primeiro-iphone-iniciava-revolucao-no-mundo.htm>. Acesso em: 01 fev. 2020.

HERRERA DAMAS, Susana. **La participación de la audiencia en la radio española: evolución, evaluación e implicaciones para la práctica profesional**. Estudio del caso de RNE Radio 1 (1999/2000). Tesis doctoral. Universidad de Navarra, Navarra, 2002.

HERRERA DAMAS, Susana. La estructura del reportaje en radio. **Área Abierta**, Universidad Complutense, Madrid, n. 17, jul. 2007a. p. 1-22. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/ARAB/article/view/ARAB0707230001A>. Acesso em: 17 fev. 2021

HERRERA DAMAS, Susana. El reportaje en radio: Anatomía de un género. **Ámbitos**. Revista Internacional de Comunicación Universidad de Sevilla. Sevilla, n. 16, 2007b. p. 91-105. Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/Ambitos/article/view/9651>

HERRERA DAMAS, Susana. La frecuencia como dimensión temporal en los reportajes en radio. *In*: Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística (SEL), XXXVII. 2008. Pamplona. **Anais [...]**. Pamplona, Universidad de Navarra, 2008. Disponível em: <http://www.unav.es/linguis/simposiosel/actas/>. Acesso em: 17 fev. 2021

HOHENBERG, John. **Manual de jornalismo**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

Hotline: Facebook cria aplicativo que mistura Clubhouse com Instagram Live. **Exame**. São Paulo, 08 abr. 2021. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/hotline-facebook-cria-aplicativo-que-mistura-clubhouse-com-instagram-live/> Acesso em 02 mai. 2021.

ICS – Índice de Confiança Social do Ibope Inteligência, 2018. Disponível em: <http://177.47.5.246/noticias-e-pesquisas/confianca-do-brasileiro-nas-instituicoes-e-a-mais-baixa-desde-2009/>. Acesso em: 28 jan. 2019.

ITO, Luciane de Lucena. “Definir é Preciso”: Características-Chave da Reportagem Hipermídia na Nova Ecologia dos Meios. *In*: ITO, Luciane de Lucena., ROCHA Melani P. (org.). **Transformações do Jornalismo na Nova Ecologia dos Meios**. 1ª. ed. Aveiro: Ria Editorial, 2019. p.144-156.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão**. São Paulo: Ed. Aleph, 2014.

JOSÉ, Carmen Lúcia. Estruturas do Documentário Radiofônico: Padrão e Desviante. **Nhengatu**. Revista Ibero-Americana para a comunicação e cultura contra-hegemônicas. São Paulo, v. 2, n. 3, 2015. p. 78-92

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

JUNIOR, David Blanco Varela; FORTE, Cleberson Eugenio. Áudio 3D em jogos. **Revista Tecnológica da Fatec de Americana**. Americana, v. 2, n. 1, 22. mar-set. 2014. p. 35-56.

JUSTINO, Guilherme Jancowski de Avila; FERRARETTO, Luiz Artur. “Você vê. Você lê. Você ouve”: a convergência entre rádio, on-line e jornal em GaúchaZH. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 42, 2019, Belém, PA. **Anais [...]** São Paulo: INTERCOM, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0203-1.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

KANTAR Ibope Media - Target Group Index, 2018. Disponível em: [www.kantaribopemedia.com/](http://www.kantaribopemedia.com/). Acesso em: 28 jan. 2019

KANTAR Ibope Media - Target Group Index, 2021. Disponível em: [www.kantaribopemedia.com/](http://www.kantaribopemedia.com/). Acesso em: 22 abr. 2022

KAPLÚN, Mario. **Produção de Programas de Rádio, do roteiro à direção**. *In*: BETTI, Juliana Gobbi; MEDITSCH, Eduardo (org.). São Paulo: Intercom, Florianópolis: Insular, 2017.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: O que os jornalistas devem saber e o público exigir. Tradução de Wladir Dupont. 2ª Ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

KINDERMANN, Conceição Aparecida. Subgêneros: desvendando as variantes do gênero. **Intercâmbio**. v.14, 2005. São Paulo: LAEL/PUC-SP. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3927>. Acesso em: 21 fev. 2021.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Cultura da Portabilidade e Novas Sociabilidades em Mídia Sonora – Reflexões sobre os Usos Contemporâneos do Rádio. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 31, 2008, Natal, RN. **Anais [...]** São Paulo: INTERCOM, 2008. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0057-1.pdf>. Acesso em: 02 maio 2021

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Cultura da portabilidade – Novos usos do rádio e sociabilidades em mídia sonora. **Observatório (OBS\*)**. Lisboa: OberCom, V.3, n.1, 2009. p. 223-238.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio social: Mapeando novas práticas interacionais sonoras. *In*: Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação – Compós, 20, 2011, Porto Alegre. **Anais [...]**. São Paulo: Compós, 2011. Disponível em: <http://www.compos.org.br/>. Acesso em: 10 out. 2021.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio social: mapeando novas práticas interacionais sonoras. **Revista da Famecos**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 410-437, maio-agosto 2012.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Compartilhar, etiquetar: interações no rádio Social. **PPGCOM – ESPM, Comunicação, Mídia e Consumo**. Vol.11, n.30, p. 143-162 jan./abr. 2014. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/371/pdf>. Acesso em: 09 set. 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MODESTO, Cláudia Figueiredo. Interações e mediações Instâncias de apreensão da comunicação radiofônica. **Questões Transversais** – Revista de Epistemologias da Comunicação, Santa Maria, RS, v. 2, p. 12-20, 2014. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/8557/PDF>. Acesso em: 26 jan. 2023.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; FERNÁNDEZ, Jose Luis; BENZECRY, Lena; MUSTAFÁ, Izani; CAMPOS, Luiza; RIBEIRO, Cintia; VICTOR, Renata. Desafios metodológicos nos estudos radiofônicos no século XXI. *In*: Congresso Brasileiro da Comunicação, 38, 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]** São Paulo: INTERCOM, 2015. Disponível em: [https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/lista\\_area\\_DT4-RM.htm](https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/lista_area_DT4-RM.htm). Acesso em: 02 ago. 2021.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; LOPEZ, Debora. A emergência dos *smart speakers* e os desafios ao rádio no contexto do big data. *In*: Congresso Brasileiro da Comunicação, 41, 2018, Joinville (SC). **Anais [...]** São Paulo: INTERCOM, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1474-1.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2022.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

KLÖCKNER, Luciano. **Nova retórica e rádio informativo: estudo das programações das emissoras TSF-Portugal e CBN-Brasil**. Porto Alegre: Evangraf, 2011.

KÜNSCH, Dimas Antônio. Compreendo ergo sum: Epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística. **Communicare: revista de pesquisa**. São Paulo Centro Interdisciplinar de Pesquisa, Faculdade Cásper Líbero, v. 5, nº 1, 2005.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1985.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LANDOW, George. **Hipertexto: la convergencia de la teoría crítica contemporánea y la tecnología**. Barcelona: Paidós, 1995.

LARRONDO URETA, Ainara. Report's metamorphosis in Online Journalism: concept and characterization of a new narrative model. **Communication & Society**, Pamplona, v. 22, n. 2, 2009. p. 59-88. Disponível: <https://revistas.unav.edu/index.php/communication-and-society/article/view/36258>. Acesso em: 10 jan. 2023.

LEANDRO, Paulo Roberto; MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de tecer o presente: jornalismo interpretativo**. São Paulo: Edição dos Autores, 1973.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas, SP: UNICAMP, 1993.

LISBOA, Sílvia. **Jornalismo e a credibilidade percebida pelo leitor: independência, imparcialidade, objetividade, honestidade e coerência**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/54507>. Acesso em: 20 jan. 2019.

LISBOA, Sílvia; BENETTI, Márcia. O Jornalismo como crença verdadeira justificada. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, DF, v. 11, n. 2. 2015. p. 9-29.

LLINARES; Dario, FOX, Neil; BERRY, Richard. Introduction: Podcasting and podcasts – parameters of a new aural culture. *In*: LLINARES; Dario, FOX, Neil; BERRY, Richard. (org.). **Podcasting: New aural cultures and digital media**. Palgrave Macmillan, 2018. p. 1-13. Disponível em: [https://doi.org/10.1007/978-3-319-90056-8\\_1](https://doi.org/10.1007/978-3-319-90056-8_1). Acesso em: 20 out. 2021

LOBATO, José Augusto Mendes. Jornalismo e narratividade em sintonia: um percurso teórico-conceitual pelos elementos da grande reportagem. **Estudos em Jornalismo e Mídia - EJM (UFSC)**, Florianópolis, SC, v. 13, n. 2, p. 66-77, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2016v13n2p66>. Acesso em: 20 dez. 2020.

LONGHI, Raquel Ritter. Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia. **Estudos em comunicação**, Covilhã, PT, v. 2, nº 7, 149-161, maio 2010. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/07/vol2/longhi.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

LOPES, Maria Immacolatta Vassallo de. Pesquisa em comunicação. 9ª ed. São Paulo: **Edições Loyola**, 2005.

LOPEZ, Debora Cristina. Marcos tecnológicos do radiojornalismo no Brasil: uma revisão histórica. *In*: KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair (org.). **A história da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil**. Porto Alegre: Edipucrs, 2009. p. 466-482.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2009.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo Hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã, UBI, LabCom, 2010.

LOPEZ, Debora Cristina. (Re)Construindo o conceito de audiência no rádio em cenário de convergência. *In*: ZUCULOTO, Valci; LOPEZ, Debora; KISCHINHEVSKY, Marcelo (org.). **Estudos Radiofônicos no Brasil - 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom**. São Paulo: INTERCOM, 2016. E-book Coleção GP'S: grupos de pesquisa; vol. 22. p. 326-342.

LOPEZ, Debora Cristina; ALVES, João. Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 42, 2019, Belém, PA. **Anais [...]** São Paulo: INTERCOM, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0147-1.pdf> Acesso em: 27 dez. 2020.

LÓPEZ VIGIL, José Ignacio. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2003.

LUCHT, Janine Marques Passini. **Gêneros radiojornalísticos: análise da rádio Eldorado de São Paulo**, 2009. 204 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

LUCKHURST, Tim; COCKING, Ben; REEVES, Ian; BAILEY, Rob. **Assessing the Delivery of BBC Radio 5 Live's Public Service Commitments**. Suffolk, UK: Abramis academic publishing, 2019.

MACHADO, Arlindo. Regimes de Imersão e Modos de Agenciamento. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 25, 2002. Salvador, BA. **Anais [...]**. São Paulo: INTERCOM, 2002. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/9131a28436128d20687f11f8e2bf62e8.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2022.

MACHADO, Líliliana Mesquita. 30 anos de reportagem político-social na imprensa escrita do Porto (1974-2004): *Jornal de Notícias*, o *Primeiro de Janeiro* e o *O Comércio do Porto*. **Comunicação & Inovação**. Universidade São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, SP, v. 13, n. 25:(3-12) jul.-dez. 2012.

MARQUES DE MELO, José. O desafio do estudo dos gêneros. **Pauta Geral**, Salvador, n.5, p. 11-20, 2003. Entrevista concedida a Tatiana Teixeira.

MARQUES DE MELO, José. Gêneros jornalísticos no Brasil: O estado da questão. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 32, 2009. Curitiba, PR. **Anais [...]** São Paulo: INTERCOM, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0763-1.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2021.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.** São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, abr. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-58442016000100039&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442016000100039&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 03 abr. 2021.

MARTÍNEZ ALBERTOS, José Luis. **Curso General de Redacción Periodística**. Madri: Editorial Paraninfo, 1998.

MARTÍNEZ-COSTA, Maria del Pilar. El processo de escritura de la información radiofónica. *In: MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar (Coord.). Información radiofónica: cómo contar noticias en la radio hoy*. Madrid: Ariel, 2002. p. 97-120

MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar; HERRERA DAMAS, Susana. Los géneros radiofónicos en la teoría de la redacción periodística en España: Luces y sombras de los estudios realizados hasta la Actualidad. **Comunicación y Sociedad**. Zapopan, Jalisco (MX), v. 17, n.1, 2004, p. 115-143. Disponível em: <https://dadun.unav.edu/handle/10171/8096>. Acesso em: 17 fev. 2021.

MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar; HERRERA DAMAS, Susana. Qué son los géneros radiofónicos y por qué deberían importarnos. **Global Media Journal**, México [S.I.], v. 2, n. 3, primavera, 2005. p. 62-70. Disponível em: [http://gmje.mty.itesm.mx/articulos3/articulo\\_7.html](http://gmje.mty.itesm.mx/articulos3/articulo_7.html). Acesso em: 07 ago. 2021.

MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar; GÁRATE, Eva Luz. El éxito de los podcasts de noticias y su impacto en los medios de comunicación digital. **Miguel Hernández Communication Journal**, Elche (ES), v. 10, nº 2, 2019, p. 317-334. Disponível em: <https://revistas.innovacionumh.es/index.php/mhcj/article/view/314/668>. Acesso em: 12 jul. 2022.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

MCLUHAN, Marshall. Rádio: O tambor tribal. *In*: MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, vol. I, 2005. p. 143-152.

MEDEIROS, Marcello Santos de. Podcasting: Um Antípoda Radiofônico. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 24, 2006, Brasília, DF. **Anais [...]** São Paulo: INTERCOM, 2006. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0776-1.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2020.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia, um produto à venda: Jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo. Summus, 2 ed. 1988.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. 2ª ed. rev. Florianópolis: Insular; Ed. UFSC, 2007.

MEDITSCH, Eduardo. A informação sonora na webemergência: sobre as possibilidades de um radiojornalismo digital na mídia e pós-mídia. *In*: MAGNONI, Antônio Francisco; CARVALHO, Juliano Maurício de (org.). **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010. p. 203-238.

MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana Gobbi. Os elementos sonoros na análise da informação radiofônica: em busca de métodos. *In*: SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 17, 2019. Goiânia, GO. **Anais [...]** São Paulo: SBPJor, 2019. Disponível em: <https://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/viewFile/2030/1173>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MENESES, João Paulo. **Jornalismo radiofônico**. Braga: CECS., 2016. Disponível em:

[http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/43887/1/JPM\\_2016\\_jornalismo-radiofonico.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/43887/1/JPM_2016_jornalismo-radiofonico.pdf). Acesso em: 03 jan. 2022.

MENEZES, José Eugenio de O.: Cultura de ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade. **Libero**, São Paulo, Ano XI, n. 21, p. 111-118. Jun., 2008. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/610>. Acesso em: 01 maio 2021.

MERAYO, Arturo. La construcción Del relato informativo radiofónico. *In*: MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar (org.). **Información radiofónica: cómo contar noticias en la radio hoy**. Madrid: Ariel, 2002. p. 59-96.

MICK, Jacques. Credibilidade jornalística (Conferência). *In*: objETHOS/UFSC (org.). **Seminário Internacional: mídia, política e credibilidade da informação jornalística**. 30 de novembro de 2018, Florianópolis/SC, 2018.

MICK, Jacques. Profissionalismo e confiança: o curioso caso do país que acredita mais nos jornalistas do que na mídia. **Revista Política & Sociedade**, Florianópolis (SC), v. 18, n.43, set-dez. 2019. p. 242-260.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web: Uma contribuição para o estudo do formato Da notícia na escrita hipertextual**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea). Salvador, Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2003.

MIGUEL, Luis Felipe. Jornalismo como sistema perito. **Tempo Social**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 197-208, maio 1999.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Rádio@Internet. *In*: BIANCO, Nélia R. Del Bianco; MOREIRA, Sônia Virgínia (org.). **Rádio no Brasil: Tendências e Perspectivas**. Rio de Janeiro: EdUERJ; Brasília, DF: UnB, 1999. p. 205-224.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 269-279.

MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, na rádio e na televisão. *In*: MOLES, Abraham. *et al* (org.). **Linguagem da Cultura de Massa**. Petrópolis: Vozes, 1973.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

MOSER, Magali. **Apontamentos sobre a invenção da reportagem**. *In*.: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 41, 2018. Joinville, SC. **Anais [...]** São Paulo: INTERCOM, 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0449-1.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

MOSER, Magali. **O método da reportagem: um estudo a partir de depoimentos de repórteres especiais**. Tese (Doutorado em Jornalismo). Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis: 2021.

MURRAY, Janet. **Hamlet no holodeck**: o futuro da narrativa no ciberespaço. Tradução de E. Khoury Daher e M. Fernandez Cuzziol. São Paulo: Itaú Cultural: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2003.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O Rádio na Era da Convergência das Mídias**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2012. Disponível em: <https://blog.ufba.br/portaldoradio/files/2012/10/O-r%C3%A1dio-na-era-da-converg%C3%Aancia1.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

NEWMAN, Nick. **Journalism, media, and technology trends and predictions 2017**. Digital news project 2017. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism, 2017.

NOBRE-CORREIA, José Manuel. **Teoria da Informação Jornalística**. Coimbra: Almedina, 2018

O futuro das redes sociais pode ser o áudio. **MIT Technology Review**. Rio de Janeiro, 12 fev. 2021. Disponível em: <https://mittechreview.com.br/o-futuro-das-redes-sociais-pode-ser-o-audio>. Acesso em: 26 jan. 2022.

OLIVEIRA, Madalena; SANTOS, Francisco Sena; DER KELLEN, Miguel Van. O som: elemento âncora da reportagem. *In*: COELHO, Pedro; REIS, Ana Isabel; BONIXE, Luís (org.). **Manual de Reportagem**. Covilhã (PT): UBI, Labcom: 2021. p. 147-162.

ORTIZ, Miguel Ángel; MARCHAMALO, Jesús. **Técnicas de comunicação pelo rádio**. São Paulo: Loyola, 2005.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 4ª ed. São Paulo: Summus, 1986.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Os (des) caminhos do radiojornalismo**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo. São Paulo, SP. 1990.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Rádio: interatividade entre rosas e espinhos. **Revista Novos Olhares**, São Paulo: ECA. ano 1, nº 2, p. 13-30, 1998.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de uma história. *In*: **REVISTA USP**, São Paulo, n.56, p. 66-85, dez/fev. 2002-2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/33808/36546/>. Acesso em: 20 jun. 2019.

PAIVA, José Eduardo Ribeiro de; FERREIRA, Daniela Carvalho Monteiro. Áudio na Internet: estado da arte em 10 anos de evolução. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 41, 2 a 8 de setembro de 2018, Joinville (SC). **Anais [...]**, São Paulo: Intercom, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1096-1.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2022.

PAIVA, Ana Sofia. Reportagem Aumentada: uma proposta para o jornalismo radiofônico. *In*: CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina.; GIACOMELLI, Fábio (org.). **Narrativas Jornalísticas para Dispositivos Móveis**. Covilhã (PT): LabCom, 2019, p. 101-121.

Disponível em: [https://labcom.ubi.pt/ficheiros/201904041416-201902\\_narrativasjornalisticas\\_jcanavilhascrodriguesfgiacomelli.pdf](https://labcom.ubi.pt/ficheiros/201904041416-201902_narrativasjornalisticas_jcanavilhascrodriguesfgiacomelli.pdf). Acesso em: 20 dez. 2021.

PAIVA, Ana Sofia. MORAIS, Ricardo. A vingança do áudio: o despertar do som binaural na era dos podcasts e das narrativas radiofônicas. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 20, nº 36, jun. 2020. Disponível em: [https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462\\_36\\_7/6535](https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_36_7/6535). Acesso em: 02 fev. 2021.

PALACIOS, Marcos. Memória: Jornalismo, memória e história na era digital. *In*: CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã (PT): Ed. LabCom, 2014, p. 89-110.

PARADA, Marcelo. **Rádio: 24 horas de jornalismo**. São Paulo: Editora Panda, 2000.

PASE, André Fagundes; PELLANDA, Eduardo Campos; CUNHA, Mágda Rodrigues da; STRECK, Melissa. A Voz como Interface no Sistema Ecoevolutivo dos Assistentes Pessoais. *In*: BURGOS, Taciana; CUNHA, Rodrigo (org.). **Interfaces Contemporâneas no Ecosistema Midiático**. Aveiro: Ria Editorial, 2019, 1ª ed. p. 36-47.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PAUWELS, Caroline.; PICONE, Ike. The tussle with trust: Trust in the news media ecology. **Computer Law & Security Review**, v. 28, n. 5, p. 542-550, 2012.

PAVLIK, Jhon Vernon. **Journalism and New Media**. New Cork: Columbia University Press, 2001.

PESSOA, Sônia Caldas. O empoderamento sutil do ouvinte no radiojornalismo: os desafios de uma cultura além da escuta. *In*: ZUCULOTO, Valci; LOPEZ, Debora; KISCHINHEVSKY, Marcelo (org.). **Estudos Radiofônicos no Brasil - 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom**. São Paulo: INTERCOM, 2016. E-book Coleção GP'S: grupos de pesquisa; vol. 22. p. 358-369.

PETERS, Chris; BROERSMA, Marcel. **Rethinking Journalism: Trust and Participation in a Transformed News Landscape**. London; New York: Routledge, 2013.

PMB - Pesquisa Brasileira de Mídia, 2016. Disponível em: <http://pesquisademidia.gov.br>. Acesso em: 28 jan. 2019.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico**. Florianópolis: Insular, 2005.

PONTUSCHKA, Maurício Nacib. **O Áudio aleatório em um processo de comunicação**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. 196f.

PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de radiojornalismo Jovem Pan**. 2ªed. - São Paulo: Atica, 1989.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1989.

PRATA, Nair. **Webradio**: novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis: Insular, 2009.

Primeiro smartphone completa 20 anos. BBC News Brasil. São Paulo, 16 ago. 2014.

Disponível em:

[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140815\\_smartphone\\_vinte\\_anos\\_rb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140815_smartphone_vinte_anos_rb)

Acesso em: 01 fev. 2020.

Primeiros celulares com Android chegam ao Brasil. Época Negócios. São Paulo, 17 set. 2009.

Disponível em:

<http://colunas.revistaepocanegocios.globo.com/tecneira/2009/09/17/primeiros-celulares-com-android-chega-ao-brasil-em-outubro/> Acesso em: 01 fev. 2020.

PRIMO, Alex. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista da Famecos**, Porto Alegre, n. 12, p. 81-92, jun. 2000.

PRIMO, Alex. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. **Intexto**,

Porto Alegre, n. 13, 2005. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/4210/4466>.

Acesso em: 07 jun. 2021.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. **Contracampo** (UFF), Niterói (RJ), v. 14, p. 37-56, 2006.

QUADROS, Miriam Redin de. **As redes sociais no jornalismo radiofônico**: as estratégias interativas adotadas pelas rádios Gaúcha e CBN. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria, 2013a.

QUADROS, Miriam Redin de. **O ouvinte no rádio**: uma análise histórico-descritiva da interatividade radiofônica. *In*: Encontro Nacional de História de Mídia – ALCAR, 9, 2013b, Ouro Preto, MG. **Anais [...]**. São Paulo: ALCAR, 2013b. Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-sonora/o-ouvinte-no-radio-uma-analise-historico-descritiva-da-interatividade-radiofonica>. Acesso em: 27 mar. 2021.

QUADROS, Miriam Redin de.; LOPEZ, Debora Cristina. O rádio e a relação com o ouvinte no cenário de convergência: uma proposta de classificação dos tipos de interatividade.

**Revista da Famecos**, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 03, p. 164-181, jul-set. 2015.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. "Deu no Twitter, alguém confirma?" Funções do Jornalismo na Era das Redes Sociais. *In*: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 9, 2011, Rio de Janeiro. **Anais [...]**, São Paulo: SBPJor, 2011.

REIS, Clóvis. Taxonomia dos gêneros jornalísticos no rádio: proposta de uma

nova tipologia. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, SP, v. 32, n. 54, p. 51-70, jul./dez. 2010

REIS, Isabel. A reconfiguração da temporalidade da rádio na era da Internet. **Comunicação e Sociedade**, Braga, PT, v. 20, p. 13-28, dez. 2011.

RIBEIRO, Ângelo Augusto. O uso de telefones celulares para a produção de conteúdo: viabilidade, possibilidades e necessidades. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, SC, v. 2, n. 2, p. 169-174, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2214/1863>. Acesso em: 01 fev. 2020.

RIBEIRO, Ângelo Augusto; MEDITSCH, Eduardo. O chat da internet como ferramenta para o radiojornalismo participativo: uma experiência de interatividade com o uso da convergência CBN-Diário AM de Florianópolis. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29, 2006, Brasília. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1267-1.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2022.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. *In*: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**. Lisboa: Vega, 1999. p. 27-33.

RODRÍGUEZ, Lourdes Martinez. La Participación de los Usuarios en los Contenidos Periodísticos de la Red. *In*: GARCÍA, Guillermo López (org.). **El Ecosistema Digital**. Valencia: 2005. p. 269-332.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007. p. 67-94

RUMSEY, Francis. **Spatial audio**. Woburn: Focal Press, 2001.

RUSHKOFF, Douglas. Second sight: the internet is not killing off conversation but actively encouraging it. **Guardian**, 28 June 2000. n.p. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/technology/2000/jun/29/onlinesupplement13>. Acesso em: 20 dez. 2022.

SABALLA JR., Léo Henrique. **A mudança do padrão de emissão na reportagem da Gaúcha**: uma análise da preponderância do ao vivo na fase da convergência. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SALAVERRÍA, Ramón. **Redacción periodística em internet**. Pamplona: EUNSA, 2005.

SALAVERRÍA, Ramón. Los medios de comunicación ante la convergencia digital. Actas del I Congreso Internacional de Ciberperiodismo y Web 2.0, Bilbao, 11-13 noviembre 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/269097778\\_Los\\_medios\\_de\\_comunicacion\\_ante\\_la\\_convergencia\\_digital](https://www.researchgate.net/publication/269097778_Los_medios_de_comunicacion_ante_la_convergencia_digital). Acesso em: 21 abr. 2021.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: Informar para cinco sentidos. *In:* CANAVILLAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã(PT): Ed. LabCom, 2014. p. 25-52.

SALAVERRÍA, Ramón. Digital journalism: 25 years of research. Review article. **El profesional de la información**, León, v. 28, n. 1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.3145/epi.2019.ene.01>. Acesso em: 25 jun. 2021.

SALOMÃO, Mozahir. **Jornalismo radiofônico e vinculação social**. São Paulo. Annablume, 2003.

SAMPAIO, Walter. Teoria e prática do jornalismo no rádio. *In:* MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci. (org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, vol. II, 2008, p. 37-48.

SANTAELLA, Lúcia. As linguagens como antídotos ao midiacentrismo. **Matrizes**, São Paulo: ECA/USP, v. 1, n. 1, p. 75-97, 2007.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**: Proposta de novos critérios de classificação. Covilhã/Espanha: Labcom, 2009, 369p.

SILVA, Nair Daniela Carvalho Moreira. A Rádio na Web ou um novo modelo de comunicação radiofônica? **Rádio-Leituras**, São Paulo, ano II, n. 01, p. 27-50, jan/jul., 2011.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel digital**: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo. 2013. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Rumores**, São Paulo, n. 10, p. 18-36, jul/dez., 2011.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer**: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnicas de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. 4.ed. São Paulo: Summus, 1986

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Muad, 4. ed. 1999.

SOUSA, Jorge Pedro de. **Elementos de Jornalismo Impresso**. Covilhã, Portugal: 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf> Acesso em: 17 fev. 2021.

SOUSA, Jorge Pedro de. Uma história breve do jornalismo no Ocidente. *In:* J. P. SOUSA (org.). **Jornalismo: História, Teoria e Metodologia da Pesquisa**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008. p. 12-93.

SPONHOLZ, Liriam. O que é mesmo um fato? Conceitos e suas consequências para o jornalismo. **Galáxia**. São Paulo, n. 18, dez. 2009, p. 56-69. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3996/399641244012.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2021.

STARNER, Thad. Multiplexing versus multitasking. **The Technium**. 31 março 2011. Disponível em: <https://kk.org/thetechnium/multiplexing-vs/>. Acesso em: 02 mai. 2021.

STRYCKMAN, Paul. Les presses canadiennes et les crises sahéliennes. Problématique sur le traitement médiatique des désastres lents. **Communication. Information Médias Théories**, Quebec, CA, v. 14, n. 1, p. 106-126, 1993.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001.

VANASSI, Gustavo Cardoso. *Podcasting* como processo midiático interativo. Universidade de Caxias do Sul. 2007.

VIANA, Luana. **O áudio em reportagens radiofônicas expandidas**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mariana, MG, 2017.

VICENTE, Eduardo. **Gêneros e formato radiofônicos**. São Paulo: Núcleo de Comunicação e Educação, 2016. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4327572/mod\\_resource/content/1/G%C3%AAneros%20Radiof%C3%B4nicos.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4327572/mod_resource/content/1/G%C3%AAneros%20Radiof%C3%B4nicos.pdf) Acesso em: 28 dez. 2020.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. *In: Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS)*, 28, 2018, Belo Horizonte, MG. **Anais [...]**. São Paulo: Compós, 2018. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/arquivos\\_2018/trabalhos\\_arquivo\\_5U524AASCK6777ZKAF\\_XV\\_27\\_6695\\_25\\_02\\_2018\\_16\\_09\\_06.pdf](http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_5U524AASCK6777ZKAF_XV_27_6695_25_02_2018_16_09_06.pdf). Acesso em: 28 dez. 2020.

WEISER, Marc. The world is not a desktop. **Interactions**. v. 1, n. 1, p. 7-8. Jan. 1994. Disponível em <https://dl.acm.org/doi/pdf/10.1145/174800.174801>. Acesso em: 10 dez. 2022.

WULF, Christoph. O Ouvido. **Ghrebh**, Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia. São Paulo, n. 09, p. 56-67. Mar. 2007. Disponível em: [http://cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%209/07\\_wulf.pdf](http://cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%209/07_wulf.pdf). Acesso em: 01 mai. 2021.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. *In: TRAQUINA, Nelson (org.) Jornalismo 2000*. Revista de comunicação e linguagens. Lisboa, Relógio

D'Água, 2000. p. 33-61.

ZIMMERMANN, Arnaldo. **A participação do público na cobertura radiofônica do desastre de 2008 em Blumenau**. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2012. 177 p.

ZIMMERMANN, Arnaldo. Reportagem no rádio contemporâneo: interpretação da realidade em formato informativo nas coberturas do 15 de maio pela CBN e Jovem Pan News. *In.*: SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 17, 2019. Goiânia. **Anais [...]**. São Paulo: SBPJor, 2019. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/viewFile/2030/1176>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ZIMMERMANN, Arnaldo. ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A transformação da reportagem radiofônica externa a partir do uso dos smartphones: reflexões sobre as potencialidades tecnológicas em tempos de pandemia. *In.*: SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 18, 2020. Remoto. **Anais eletrônicos [...]** São Paulo: SBPJor, 2020. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2722/1411>. Acesso em: 27 mar. 2021.

ZIMMERMANN, Arnaldo. ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Análise do produto radiojornalístico: proposta de categorias e técnicas específicas de pesquisa. *In.*: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 19, 2021a, Brasília. **Anais eletrônicos [...]** Campinas, Galoá, 2021a. Disponível em: <https://proceedings.science/sbpjour-2021/papers/analise-do-produto-radiojornalistico--proposta-de-categorias-e-tecnicas-especificas-de-pesquisa>. Acesso em: 21 jan. 2022.

ZIMMERMANN, Arnaldo. ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Da reportagem ao podcast: Aproximação entre a reportagem radiofônica especial e o podcast CBN Especial. **Comunicação Pública**, Lisboa, v. 16, n. 31, 2021b. DOI: 10.34629/cpublica.55. Disponível em: <https://journals.ipl.pt/cpublica/article/view/55>. Acesso em: 3 fev. 2022.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar**: a história da notícia de rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, 2012a.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. As fases da história do rádio brasileiro e as transformações da notícia radiofônica. *In.*: Encontro do Núcleo Gaúcho de História de Mídia – ALCAR, 4, 2012. São Borja, RS. **Anais [...]**. ALCAR, 2012b. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sul/4o-encontro-2012>. Acesso em: 20 jan. 2022.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. ZIMMERMANN, Arnaldo. Do transistor ao celular: anotações históricas sobre transformações da reportagem radiofônica a partir de tecnologias. **Revista Âncora**, João Pessoa-PB, v. 7 n. 1, p. 220-238, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/51297>. Acesso em: 13 jul. 2020.

### SITES DAS RÁDIOS ANALISADAS

CBN. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com>

GAÚCHA. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br>

JOVEM PAN NEWS. Disponível em: <https://jovempan.com.br>

### ENTREVISTAS

AROS, Carlos. **Entrevista concedida a Arnaldo Zimmermann**. Florianópolis, 2022.

RITTER, Douglas. **Entrevista concedida a Arnaldo Zimmermann**. Florianópolis, 2022.

XAVIER, Andressa. **Entrevista concedida a Arnaldo Zimmermann**. Florianópolis, 2022.

## APÊNDICE A – Transcrição das reportagens

A transcrição das 55 reportagens das rádios CBN, Jovem Pan News e Gaúcha pode ser acessada no link abaixo. Nas reportagens transcritas há também o endereço das páginas das emissoras na internet onde foi publicada cada produção.

Transcrição das reportagens da CBN: **[clique aqui](#)**

Transcrição das reportagens da Jovem Pan News: **[clique aqui](#)**

Transcrição das reportagens da Gaúcha: **[clique aqui](#)**

## APÊNDICE B – Questões semiestruturadas da pesquisa

### Proposta de questionário de pesquisa:

#### - Leitura e aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE):

Estando esclarecido sobre os procedimentos e direitos descritos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aceito o convite e declaro meu consentimento em participar da pesquisa para a tese de doutorado “Reconfiguração da reportagem radiofônica brasileira contemporânea”.

#### - Nome completo:

#### - Função desempenhada na emissora:

#### Questões semiestruturadas:

a) Quais os critérios de escolha do formato mais adequado (reportagem, notícia, nota, entrevista, etc.) para a cobertura das pautas jornalísticas?

- Quais os critérios principais adotados para que seja pautada uma reportagem em profundidade (reportagens especiais/grandes reportagens) ao invés de outra modalidade de reportagem?

- Quais os principais tipos de reportagem atualmente são mais utilizados pela emissora (Grande reportagem, reportagem especial, reportagem contextualizada, boletim de reportagem ou outra denominação adotada)?

- Quanto à emissão, qual a maior frequência utilizada pela emissora (reportagens ao vivo, gravadas ou mistas - com repórter ao vivo e sonoras gravadas)?

b) As reportagens são produzidas, na sua essência, pensando em sua utilização conjunta para o rádio hertziano e o site da emissora?

- c) Se a emissora planeja desde o início utilizar a reportagem conjuntamente nos ambientes hertziano e digital, o que é alterado em sua produção?
- d) Quais os critérios de seleção das reportagens que serão reutilizadas na web?
- e) Quais as principais adaptações (texto, áudio, etc.) necessárias que são realizadas na reportagem ao reutilizá-la na web e plataformas digitais? De que forma o áudio da reportagem que foi ao ar (rádio hertziano) é reaproveitado nesses espaços? (ex.: cópia na íntegra do áudio que foi ao ar; somente sonoras e entrevistas; áudio completo do programa em que a reportagem foi veiculada; outra forma a detalhar)
- f) Especificamente para a Rádio CBN: além da veiculação no rádio hertziano, o foco maior de reaproveitamento do **áudio** de reportagens especiais é como *podcast* mesmo? Poderia explicar um pouco sobre esse reaproveitamento do áudio em *podcast*? Há outro espaço principal na web a destacar?
- f) Especificamente para a Rádio Jovem Pan News: além da veiculação no rádio hertziano, o foco maior de reaproveitamento do **áudio** de reportagens especiais e as reportagens, de um modo geral, é como vídeo/tv por *streaming* mesmo? Poderia explicar um pouco sobre essa veiculação conjunta em áudio e vídeo? Há outro espaço principal na web a destacar?
- f) Especificamente para a Rádio Gaúcha: além da veiculação no rádio hertziano, o foco maior de reaproveitamento do **áudio** de reportagens especiais é no site GZH mesmo? Poderia explicar um pouco sobre essa dinâmica de aproveitamento das reportagens no GZH? Há outro espaço principal na web a destacar?

## APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) para participar de pesquisa integrante da tese de doutorado “Reconfiguração da reportagem radiofônica brasileira contemporânea” que será conduzida pelo doutorando Arnaldo Zimmermann, do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

#### Objetivo e justificativa da pesquisa

Objetivo: estudar o conceito do formato reportagem radiofônica brasileira na contemporaneidade, ao considerar o aproveitamento conjunto dos materiais na programação e nos sites das emissoras.

Justificativa da pesquisa: há a necessidade de se buscar uma concepção atual para o formato Reportagem Radiofônica, diante das transformações em curso da era digital, que afetam diretamente os meios de comunicação tradicionais. Desta forma, é relevante estabelecer as condições de produção e adaptação da reportagem radiofônica que possam garantir sua inserção tanto na programação da emissora transmitida pelo rádio hertziano como nos ambientes digitais ou mesmo em situações de caráter híbrido. O interesse da pesquisa se refere aos aspectos envolvendo a produção e distribuição das reportagens e ao processo de decisão sobre a utilização dos materiais em diferentes plataformas.

#### Participação no estudo (método de pesquisa)

Nesta pesquisa pretende-se analisar reportagens radiofônicas veiculadas em quatro emissoras de rádio do Brasil que operam em rede via satélite e com cobertura na maior parte do país. As reportagens selecionadas serão aquelas que foram veiculadas tanto na programação do rádio hertziano como na versão online das emissoras. Como complemento da análise, o estudo inclui também entrevistas com um profissional de cada uma das emissoras pesquisadas. As entrevistas com os profissionais envolvidos na produção ou na distribuição das reportagens ocorrerá de preferência através de ferramentas da web, como e-mail ou aplicativos de mensagens, como única etapa virtual. Cada entrevistado poderá responder as perguntas no momento que considerar mais adequado, não havendo a necessidade de horário agendado para elaborar as respostas. A entrevista é individual e é considerada semiaberta, ou seja, são elaboradas questões-guias para nortear todas as entrevistas, mas que podem ser adaptadas para cada entrevistado conforme houver dúvidas específicas acerca dos materiais de cada emissora que estão sendo analisados. A intenção é buscar alguns relatos técnicos dos profissionais entrevistados sobre detalhes que não estejam explícitos nas publicações e emissões das reportagens. Assim, o número de questões aplicadas situa-se na média entre 5 e 6.

#### Benefícios

A pesquisa poderá beneficiar emissoras e produtores para uma maior padronização do produto e melhor compreensão sobre linguagens e formatações da reportagem para as diversas plataformas. Para os participantes das entrevistas, os benefícios serão os mesmos que aqueles proporcionados a todos os profissionais do meio, como uma oportunidade para reconhecer seus critérios de seleção dos materiais para utilização no rádio hertziano e reutilização na web.

#### **Riscos**

Os riscos de participação nessa pesquisa são mínimos e vão desde um possível desconforto em relatar parte do processo de produção da emissora como também a identificação nominal do participante. O tema abordado não é sensível e não se interessa pela exposição da atividade individual do participante, mas a identificação é importante como autenticação das fontes utilizadas. O relato do entrevistado se refere a decisões coletivas de equipes de trabalho e a diretrizes editoriais do veículo de comunicação, mesmo que possa, eventualmente, haver alguma decisão no processo de cunho individual. Assim, cada profissional entrevistado poderá decidir sobre suas limitações nas declarações ou mesmo recomendar que outros colegas da empresa possam substituí-lo, caso haja qualquer constrangimento quanto à identificação pessoal.

#### **Sigilo e privacidade**

Nesta pesquisa não há sigilo quanto ao nome do profissional participante, já que o mesmo será utilizado como fonte de pesquisa. Mesmo assim, o pesquisador zelará pela privacidade durante o processo de realização da pesquisa até o seu envio para os membros da banca de defesa e da apresentação da tese. Até lá, o material será compartilhado apenas entre o pesquisador e sua orientadora. Durante o processo, haverá também o zelo quanto ao recebimento e armazenamento das respostas enviadas de forma online, evitando vazamento de informações de forma antecipada. A comunicação via e-mail ou mensagem instantânea entre pesquisador e entrevistado terá sempre apenas um remetente e um destinatário, de acordo com o disposto no item 2.1.1 do ofício circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, de 24 de fevereiro de 2021, que dispõe sobre procedimentos de pesquisas em ambientes virtuais. As respostas brutas do participante serão armazenadas de forma offline, no computador ou em HD pessoal do pesquisador pelo período de dez anos. No entanto, enfatizamos também a importância que o entrevistado guarde em seus arquivos uma via do documento eletrônico em que serão enviadas as respostas desta pesquisa (de acordo com o item 2.2 do ofício circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS) e também este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Informamos também que serão cumpridos os requisitos da Lei Geral de Proteção de Dados (Lei No 13.709, de 14 de agosto de 2018) quanto ao tratamento de dados pessoais e dados pessoais sensíveis que serão utilizados para a execução do presente projeto de pesquisa.

**Assistência e acesso aos resultados da pesquisa**

O pesquisador garante a assistência aos participantes durante toda a pesquisa bem como o livre acesso a esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, pessoalmente ou pelos contatos fornecidos ao final desse Termo. O participante também tem garantido o acesso aos resultados da pesquisa, resguardadas a privacidade e identidade dos participantes.

**Ressarcimento e indenização**

Não estão previstos gastos com a realização da pesquisa. Caso ocorra algum dano decorrente de sua participação no estudo, o participante será devidamente indenizado, conforme determina a lei. Salientamos que sua participação não terá compensação financeira. No entanto, quaisquer despesas que porventura surjam, decorrentes da sua participação na pesquisa, serão ressarcidas pelo pesquisador.

**Liberdade de não participação ou de retirada do consentimento**

Independente das informações prestadas pelo pesquisador pessoalmente ou por meio deste documento o participante poderá, a qualquer momento solicitar esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa. Também informamos que o participante pode se recusar a participar do estudo, bem como retirar seu consentimento, sem precisar justificar e sem nenhuma penalização (de acordo com o item 2.2.1 do ofício circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS), bastando informar a decisão por meio dos contatos ao final desse termo.

**Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC)**

O pesquisador, por meio deste termo manifesta seu respeito à ética no desenvolvimento desta pesquisa. Esta pesquisa atende todas as especificações da Resolução 466/2012 e observa a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e foi submetida para análise ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPSH. Vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, o Comitê foi “criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos” (<http://cep.ufsc.br/> para mais informações).

**Contato do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPSH**

Universidade Federal de Santa Catarina  
Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, sala 701, Reitoria II  
Trindade – 88040-400 – Florianópolis – SC – (048) 3721-6094  
[cep.propesq@contato.ufsc.br](mailto:cep.propesq@contato.ufsc.br)

**Contato com os pesquisadores**

Arnaldo Zimmermann (pesquisador): telefone (047) 99118-4276. E-mail: arnaldozimmermann@gmail.com.

Valci Regina Mousquer Zuculoto (pesquisadora responsável/orientadora): telefone. (048) 99968-3972. E-mail: valzuculoto@hotmail.com.

**Declaração**

Estando esclarecido sobre os procedimentos e direitos acima descritos,

..... aceita o convite e declara seu consentimento em participar da pesquisa para a tese de doutorado "Reconfiguração da reportagem radiofônica brasileira contemporânea". Para isso rubrica e assina este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, também rubricadas e assinadas pelo pesquisador responsável, sendo que uma das vias ficará com o participante e outra com o pesquisador, tendo o participante acesso a qualquer momento ao registro de consentimento fornecido ao pesquisador.

Florianópolis, 9 de agosto de 2022.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador responsável

## APÊNDICE D – Entrevistas com profissionais das emissoras

### Entrevista com Carlos Aros, Jovem Pan News:

#### - Leitura e aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE):

Estando esclarecido sobre os procedimentos e direitos descritos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aceito o convite e declaro meu consentimento em participar da pesquisa para a tese de doutorado “Reconfiguração da reportagem radiofônica brasileira contemporânea”.

- **Nome completo:** Carlos Aros

- **Função desempenhada na emissora:** Diretor de Conteúdo

Questões enviadas em arquivo do Word por e-mail em 11/08/2022 e respostas recebidas por escrito em arquivo do Word via WhatsApp em 05/10/2022.

#### Questões semiestruturadas:

a) Quais os critérios de escolha do formato mais adequado (reportagem, notícia, nota, entrevista, etc.) para a cobertura das pautas jornalísticas?  
*O formato, no nosso caso, deve se enquadrar na nossa estratégia de distribuição que hoje engloba, além da rede de rádios, plataformas digitais e também TV. Basicamente, preservamos o formato tradicional da reportagem diária do rádio e incluímos elementos que permitem a melhor experiência para quem nos acompanha nas demais plataformas.*

- Quais os critérios principais adotados para que seja pautada uma reportagem em profundidade (reportagens especiais/grandes reportagens) ao invés de outra modalidade de reportagem?

*Além dos aspectos mencionados acima, levamos em conta as dimensões que podemos explorar dentro desses assuntos. Algumas histórias precisam de tempo para serem contadas e podem ganhar ainda mais força a forma de contar for atraente. São produções, em geral, que não estão focadas no factual, no hard News, mas que complementam o noticiário.*

- Quais os principais tipos de reportagem são mais utilizados atualmente pela emissora (Grande reportagem, reportagem especial, reportagem contextualizada, boletim de reportagem ou outra denominação adotada)?

*O factual é base da nossa programação. Portanto, seja gravado ou em link ao vivo, as reportagens tem caráter muito focado no que está acontecendo naquele momento. As grandes reportagens ou as séries especiais surgem como complemento.*

- Quanto à emissão, qual a maior frequência utilizada pela emissora (reportagens ao vivo, gravadas ou mistas - com repórter ao vivo e sonoras gravadas)?

*mistas*

- b) As reportagens são produzidas, na sua essência, pensando em sua utilização conjunta para o rádio hertziano e o site da emissora?

*Nosso foco é o multiplataforma, que contempla rádio, TV e plataformas digitais. Ou seja: toda a nossa produção de conteúdo é pensada para ser exibida simultaneamente em todos esses canais. Quando, por alguma razão, isso não ocorre, montamos versões do mesmo conteúdo para atender características particulares de cada meio. Nosso objetivo é entregar sempre a melhor experiência para a nossa audiência, onde quer que ela esteja nos acessando.*

- c) Se a emissora planeja desde o início utilizar a reportagem conjuntamente nos ambientes hertziano e digital, o que é alterado em sua produção?

*Ao longo dos anos apresentamos ferramentas e técnicas para as equipes de conteúdo para que fosse possível gerar uma mesma matriz de conteúdo para atender as nossas diferentes plataformas. Hoje não existe alteração no processo porque ele é um só.*

- d) Quais os critérios de seleção das reportagens que serão reutilizadas na web?

*Todas são utilizadas. O que ocorre é a adequação do formato, como expliquei acima.*

- e) Quais as principais adaptações (texto, áudio, etc.) necessárias que são realizadas na reportagem ao reutilizá-la na web e plataformas digitais? De que forma o **áudio** da reportagem que foi ao ar (rádio hertziano) é reaproveitado nesses espaços? (ex.: cópia na íntegra do áudio que foi ao ar; somente sonoras e entrevistas; áudio completo do programa em que a reportagem foi veiculada; outra forma a detalhar)

*Cada plataforma tem uma dinâmica diferente. O site exibe os vídeos das reportagens e a transcrição delas; no youtube, os cortes dos programas são exibidos em conjunto com as*

*íntegras. Estamos em mais de dez plataformas diferentes, com produtos exclusivos para elas e também com exibições simultâneas. Temos esforços constantes para garantir que nossa performance seja boa em todos os canais onde atuamos, respeitando a dinâmica desses meios e a forma de consumo para cada canal. A qualidade do conteúdo é uma premissa importante pra nós, algo que nos norteia há 80 anos, e com o passar do tempo entendemos que esse conteúdo pode ser exibido no rádio, na TV, na internet, em qualquer lugar, desde que sejamos capazes de extrair o melhor de cada um desses espaços.*

*Hoje, para nós, rádio, TV e Internet (YouTube, site, agregadores, redes sociais, etc.) são plataformas complementares que nos permitem alcançar um número cada vez maior de pessoas. O rádio está em nosso DNA e é a essência por trás de cada nova plataforma na qual ingressamos, mas precisamos entender cada vez mais sobre digital, sobre algoritmos, sobre comportamento dos usuários, entre outros aspectos, para conseguir evoluir na linguagem e nos formatos.*

f) Especificamente para a Rádio Jovem Pan News: além da veiculação no rádio hertziano, o foco maior de reaproveitamento do **áudio** de reportagens especiais e as reportagens, de um modo geral, é como vídeo/tv por *streaming* mesmo? Poderia explicar um pouco sobre essa veiculação conjunta em áudio e vídeo? Há outro espaço principal na web a destacar?

#### **Entrevista com Andressa Xavier, Gaúcha:**

##### **- Leitura e aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE):**

Estando esclarecido sobre os procedimentos e direitos descritos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aceito o convite e declaro meu consentimento em participar da pesquisa para a tese de doutorado “Reconfiguração da reportagem radiofônica brasileira contemporânea”.

**- Nome completo: Andressa Xavier**

**- Função desempenhada na emissora: comunicadora / Gerente de Programação e Jornalismo da Gaúcha**

Questões enviadas em 09/08/2022 em arquivo do Word por e-mail e respostas recebidas por escrito em 17/02/2022 por e-mail em arquivo do Word.

### Questões semiestruturadas:

a) Quais os critérios de escolha do formato mais adequado (reportagem, notícia, nota, entrevista, etc.) para a cobertura das pautas jornalísticas?

R: Utilizamos critérios jornalísticos básicos. Interesse do público, relevância, formato. Cada assunto demanda um tipo de apuração, seja via reportagem ou produção. Utilizamos esses formatos e recursos para adequar o conteúdo à melhor maneira de disponibilizar ao público.

- Quais os critérios principais adotados para que seja pautada uma reportagem em profundidade (reportagens especiais/grandes reportagens) ao invés de outra modalidade de reportagem?

R: Relevância do tema, complexidade de apuração, tempo demandado para captar dados e fontes.

- Quais os principais tipos de reportagem são mais utilizados atualmente pela emissora (Grande reportagem, reportagem especial, reportagem contextualizada, boletim de reportagem ou outra denominação adotada)?

R: Pautas do dia a dia entram em formatando boletim. Pautas mais elaboradas são tratadas como reportagem especial.

- Quanto à emissão, qual a maior frequência utilizada pela emissora (reportagens ao vivo, gravadas ou mistas - com repórter ao vivo e sonoras gravadas)?

R: Ao vivo sempre que possível.

b) As reportagens são produzidas, na sua essência, pensando em sua utilização conjunta para o rádio hertziano e o site da emissora?

R: Sempre que possível, adaptando para as duas entregas, tanto em áudio como em texto. O ideal é que possamos entregar no melhor formato para cada veículo, respeitando a característica deles.

c) Se a emissora planeja desde o início utilizar a reportagem conjuntamente nos ambientes hertziano e digital, o que é alterado em sua produção?

R: Sim, sempre. Há alguns anos já é rotina que o repórter pense sua matéria para as diferentes entregas, pensando no formato demandado para cada veículo. Fazer apenas on air hoje é exceção completa.

d) Quais os critérios de seleção das reportagens que serão reutilizadas na web?

R: Praticamente todo material que vai ao ar estará também no site, com imagens, infográficos e outros elementos.

e) Quais as principais adaptações (texto, áudio, etc.) necessárias que são realizadas na reportagem ao reutilizá-la na web e plataformas digitais? De que forma o **áudio** da reportagem que foi ao ar (rádio hertziano) é reaproveitado nesses espaços? (ex.: cópia na íntegra do áudio que foi ao ar; somente sonoras e entrevistas; áudio completo do programa em que a reportagem foi veiculada; outra forma a detalhar)

R: Os áudios que vão ao ar são recortados e ficam disponíveis nas plataformas. Quando avaliamos necessário, embedamos o link do áudio na matéria escrita para o site. Normalmente ocorre quando há elementos de áudio que auxiliam no entendimento, como sonoras e declarações Gravadas.

f) Especificamente para a Rádio Gaúcha: além da veiculação no rádio hertziano, o foco maior de reaproveitamento do **áudio** de reportagens especiais é no site GZH mesmo? Poderia explicar um pouco sobre essa dinâmica de aproveitamento das reportagens no GZH? Há outro espaço principal na web a destacar?

R: Programas de entrevistas disponibilizam o áudio em gzh e demais plataformas, como o Spotify. Nas reportagens especiais, podemos colocar junto ao texto todos os elementos possíveis que produzimos, seja áudio que foi ao ar, podcast específico, vídeo, foto... depende da matéria e de Como ela foi pensada pelo repórter e pelo Editor para a entrega e melhor Experiência possível ao nosso público.

### **Entrevista com Douglas Ritter, CBN:**

#### **- Leitura e aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE):**

Estando esclarecido sobre os procedimentos e direitos descritos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aceito o convite e declaro meu consentimento em participar da pesquisa para a tese de doutorado “Reconfiguração da reportagem radiofônica brasileira contemporânea”.

**- Nome completo:** Douglas Ritter

**- Função desempenhada na emissora:** Gerente de Jornalismo da CBN São Paulo e responsável pelo editorial da Rede CBN.

Entrevista realizada de forma síncrona por chamada de voz via WhatsApp em 05/09/2022, por escolha do próprio entrevistado.

Arnaldo: Quais são os critérios principais que vocês usam na CBN em rede para escolher um formato mais adequado no jornalismo, entre reportagem, notícia, nota, entrevista, para vocês cumprirem as pautas jornalísticas. Quais são os critérios que definem que seja uma reportagem ou seja um outro formato radiojornalístico?

Douglas: Então, o primeiro critério é o interesse público. Se aquele fato lá vai interessar ao maior número de pessoas. E a relevância dele para o maior número de pessoas. Nesses últimos anos aí a gente calibrou muito a definição de escolhas de pauta aqui na CBN por alguns motivos. Uma: é... hoje as pessoas têm uma infinidade de canais pra se manter informados. Então a gente tem de buscar uma linguagem, um conteúdo que seja interessante pro nosso ouvinte. O segundo: nos últimos dez anos, todas as redações, não só a CBN, diminuíram de tamanho. O processo industrial da produção da notícia passou por transformações, até por avanços tecnológicos, mas também econômicos do mercado de mídia e isso fez a gente tomar algumas decisões, né, de escolher melhor os assuntos... Então, o que que eu quero dizer com isso: tem algumas coletivas, a divulgação de um índice de emprego, por exemplo, ou a inflação Fipe, que antigamente, quando eu falo antigamente é coisa de 10, 15 anos, a gente mandava o repórter lá pra cobrir essa coletiva, hoje a gente dá uma nota que (ruído) com esse índice. E até por uma outra questão, a numerilhada em rádio, o noticiário econômico, ele é mais complexo. Um conteúdo difícil de ser compreendido, mas juntamente com nosso time de comentaristas, dependendo do assunto, é, esses dados e esses números mais complexos, a gente tenta trabalhar da melhor forma essa notícia, com análise dos nossos comentaristas explicando como é que determinado índice vai impactar nas nossas vidas. Né, mas o principal critério pra escolha de "vamos gastar uma energia produzindo uma reportagem" é o interesse público. A pauta é sempre uma aposta, né. E às vezes a gente consegue desenvolver bons conteúdos. Então essas apostas aí que eu mencionei há pouco, elas geralmente são ideias, pautas genuínas da CBN, que surgiram via sugestões de ouvintes, colegas da redação que trazem essas informações "ó, esse assunto aqui tá sendo discutido no meu grupo da família, do whatsapp... passei numa padaria, vi tal discussão, que tal se a gente desenvolvesse uma reportagem sobre isso explicando". Esse é um assunto que gera interesse das pessoas ...é... e pode ser trabalhado na forma x, y, z. Então a nossa definição dos assuntos que a gente vai cobrir passa aí por todos essas camadas de análise, mas a primeira delas é sempre o interesse público. E isso vale para a produção de reportagem, do registro de uma informação em nota, né, nós temos os redatores, a gente assina alguns conteúdos internacionais sobretudo, além de algumas parcerias que a gente tem, então o critério de a gente noticiar algum fato, ele passa pela questão da relevância e do interesse do maior público que a gente possa considerar.

A: Nesse mesmo raciocínio que você expôs, é possível dizer então que na escolha sobre o tipo de reportagem, se vocês vão fazer uma reportagem com profundidade, como uma reportagem especial ou uma reportagem ao vivo, curta, realizada pelo repórter, também segue mais ou menos esses critérios que você mencionou?

D: Não, aí tem a cobertura factual, né, que como nós somos uma rede nós temos uma limitação, entre aspas, pra essa reportagem ser levada ao ar, ao vivo. E o que que eu quero dizer com isso: é, a nossa programação segue um relógio, que se a gente for ilustrar, seria como uma pizza,

dividida em pedaços maiores, que seria o conteúdo editorial e em pedaços menores, os breaks comerciais. É, o break comercial da CBN não é um break chapado, só com publicidade. Ele vai sendo intercalado com editorial local, prestação de serviços das cidades. Hoje a gente tem mais de 40 emissoras no país, São Paulo é a cabeça de rede. então, nesses pedaços menores que são os breaks, entra uma publicidade e um trânsito na marginal Pinheiros, por exemplo, mais uma publicidade e um atraso no Metrô por causa de uma queda de energia. Em Blumenau entra uma informação local e a publicidade, e assim respectivamente nas outras emissoras. Então, a reportagem ao vivo, ela tem que encaixar nesses espaços locais e nacionais. E uma reportagem especial, que vai exigir, uma produção de maior fôlego, aqui em São Paulo, como é cabeça de rede a gente faz uma grande reunião de pauta. participam dessa reunião, diretor de jornalismo, que que sou gerente de jornalismo aqui de São Paulo e cuida do editorial da rede, até porque eu tô na emissora que é cabeça de rede, participa o produtor do Jornal da CBN, gerente de jornalismo de Brasília, gerente de jornalismo do Rio de Janeiro e BH e o nosso gerente de digital, além do coordenador esportivo de esportes. Então nessa reunião eu passo uma agenda da semana até o próximo sábado e domingo. Até no feriado na quarta-feira nós vamos ter um ponto de atenção porque é o 7 de setembro, bicentenário, promessa de vários atos, a gente tá quase na reta final de uma cobertura eleitoral, então eu consigo mensurar o dia da semana que vai ser mais noticioso. E aqui a gente toma algumas decisões. A gente vai cobrir, se não vai cobrir... se precisamos marcar um entrevistado, se a gente vai levar os comentaristas pra participarem da programação, e tudo isso influencia no tempo das reportagens. Então a gente tem que meio que ir calculando... se a gente fosse pensar numa mídia impressa, o tamanho daquela reportagem, se vai ser uma matéria de alto de página, duas, três páginas, se vai ser meia página, a gente mais ou menos faz esse exercício já na segunda-feira. Mas a gente só vai saber exatamente o tempo que a gente vai poder dar para cada cobertura no dia, né. Por aqui é uma previsão de pauta, a gente tem uma previsão de pauta para terça-feira, mas amanhã de manhã quando o chefe de reportagem mandar uma pauta consolidada no meio da manhã, já surgiram assuntos que brotaram do chão, né, rádio, se pudesse resumir, é como cozinhar e comer ao mesmo tempo. Então, tá sempre acontecendo, nosso deadline é o próximo minuto. Então, o que vai influenciar o tamanho da reportagem ao vivo também é uma série de fatores. Mas nessa reunião de segunda-feira, a gente discute pautas especiais. O que seriam essas pautas especiais? Reportagens com mais fôlego, com mais personagens, pra gente veicular no final de semana, matérias de 5, 6 minutos, até porque fim de semana, a demanda do noticiário é menor e a gente tem uma escala de plantão. Só que o relógio continua com 24 horas, sábado e domingo. Então a gente prepara esses conteúdos maiores, com mais especialistas, vai atrás de dados, mais histórias e veicula no fim de semana. A gente procura buscar um lide, uma informação nova nessas reportagens e aí a gente costuma, render, entre aspas, para o Portal do G1 e pro Portal da Globo.com, porque tem muita audiência, então se eles acham nosso material pertinente, eles destacam na Home deles e isso traz audiência para nós, pro nosso site também. Então é uma série de fatores aí que acabam delimitando esse tempo, mas algumas coberturas factuais também se desdobram em reportagens especiais que podem render uma outra visão, ou manter uma discussão ainda, então se a gente faz uma cobertura factual, isso não quer dizer que ela não esteja presente em uma matéria especial no fim de semana, uma reportagem maior com outras visões, outras vozes, que podem ser interessantes aí numa discussão que a gente propõe pra sociedade na nossa audiência.

A: Falando quanto à emissão, ao vivo ou gravada, se você pudesse quantificar, a maioria das reportagens na CBN em rede nacional, elas são gravadas ou são ao vivo?

D: É, eu não tenho como te dar um recorte exato, uma precisão, mas eu diria que 70%, ou vamos baixar um pouco a régua, uns 60% são reportagens ao vivo. Das 6 da manhã até 9 da noite é ao vivo, predomina o ao vivo. Mas como a carga dos jornalistas é de 7 horas, então ao final dessa jornada, o colega que participou dessa cobertura, ele vai consolidar esse material, essa apuração que ele fez, a menos que seja um factual, que vai ter continuidade, ele vai ter uma aquisição e o outro colega vai consolidar isso no fim do dia. Então, "o Douglas participou de uma cobertura", pegar um exemplo aqui, "de uma operação da Polícia Federal". Se essa cobertura encerrar no meu horário, eu vou deixar o material gravado. Se ela estiver em curso, se "os policiais estão na rua cumprindo mandado de prisão, de apreensão e essa coletiva que é importantíssima vai acontecer no fim da tarde", alguém vai consolidar esse material. O outro colega vai consolidar esse material. E aí essa reportagem depois ela fica gravada. Por quê? Primeiro, uma rádio all news tem uma audiência rotativa, então, a gente pode ter uma ouvinte que me ouviu durante boa parte do dia, mas a gente tem um outro ouvinte que só vai ligar o rádio à noite. E aí ele vai ouvir esse material consolidado. Então, primeiro requisito é a questão da audiência rotativa. E o segundo, é porque a gente tem uma programação de 24 horas de notícias, então vai ter repetição de notícias. E aí a gente tem várias funções na redação, tem o redator, tem o editor, tem o editor, tem os âncoras, tem o apurador, tal. Então o editor vai pegar esse material consolidado e vai colocar uma validade, por exemplo, "até terça-feira 10 da manhã". Então esse material vai entrar no Jornal da CBN, possivelmente, e depois a gente vem com os programas locais, a partir desse horário ninguém mais vai usar essa reportagem. Então, é, a maioria é ao vivo, mas tem uma boa parte da programação que é gravada, sobretudo a noite e a madrugada. Com reportagens gravadas, os programas são apresentados ao vivo, mas o conteúdo que é aproveitado à noite e de madrugada, ele é predominantemente gravado.

A: Eu tenho observado na análise, na CBN, algumas reportagens que a gente classifica aqui de mistas, quanto à emissão, repórter entra ao vivo, mas as sonoras estão gravadas e editadas. Isso ocorre muitas vezes por uma questão técnica, um controle, por não ter todas as fontes ao mesmo tempo no mesmo local, poderia me explicar um pouco isso, Douglas?

D: Sim, sim, a gente só leva o conteúdo ao ar quando a gente contemplou aí as várias vozes daquela história, né, pra não ficar um conteúdo unilateral, com um lado só. Então tem reportagem que a gente tem meia apuração, mas é importante ter o outro lado. Né, vamo pegar o caso aí de alguma acusação, que uma das fontes deu entrevista, apresentou documentação, mas eu como jornalista não posso partir do pressuposto que aquilo tudo é verdade sem ouvir o outro lado, ou seja, quem está sendo acusado e o que a pessoa tem a dizer, que provas e documentos ela pode apresentar pra contestar aquilo, que uma vez que eu leve a informação da primeira fonte ao ar eu posso acabar com a vida do acusado. Então, a questão das reportagens mistas como você mencionou, do repórter ao vivo com as entrevistas gravadas é porque aqui a gente toma esse cuidado, de sempre ouvir o outro lado, né, numa história, sempre tem o outro lado, mesmo que o acusado não vai conceder uma entrevista, mas vai divulgar uma nota com a

versão dele, a gente busca esse equilíbrio nas nossas apurações aqui na CBN, que faz parte, e é um pressuposto básico aí do jornalismo profissional.

A: Nessa questão, Douglas, você falava desse aproveitamento das reportagens, as reportagens que vão pro site da CBN, que vão eventualmente pro G1 e tudo mais. Pensando exatamente o aproveitamento conjunto no rádio, que a gente chama aqui de rádio hertziano, né, o rádio por antena, na programação aberta da rádio e no site da CBN, quando elas são produzidas lá na sua essência, já é pensado que a produção vai levar em consideração a emissão dela, a transmissão, na emissora de rádio e também no site? Já é pensado isso desde o início?

D: Sim, no caso dessas reportagens especiais a gente considera isso. Porque hoje a CBN não é só uma rádio no *dial*. A gente está em todos os lugares, estamos no aplicativo, estamos no youtube, estamos no Twitter, transmitindo as imagens do estúdio, estamos no facebook, transmitindo as imagens do estúdio, a gente (inaudível) também, transmitindo as imagens do estúdio. Então hoje o ouvinte é multitela, né, e a gente, sim, considera, a exibição, a publicação desses conteúdos no site e que é um dos canais por onde a gente acaba tendo um tráfego de audiência. Né, então a gente tem isso, um título que seja interessante, que vai fazer o ouvinte clicar ali, ouvir ou ler aquela reportagem, é, a gente brifa o repórter, é, na eventualidade de gerar uma imagem para ilustrar aquela reportagem, ou de repente um mini vídeo, algum teaser, pra chamar pra reportagem, então a gente tenta discutir isso aí da forma mais ampla possível. Tá, até, como eu te falei, pra gente ter essa exposição nos sites parceiros, quanto mais elementos você tiver para ilustrar aquela notícia, mais chance a gente tem do nosso conteúdo ser publicado lá. Então a gente pensa, assim, é, em todos essas questões desde o início da ideia de uma pauta de uma reportagem.

A: Além desses elementos, aí, a gente chamando aí de elementos parassonoros, né, que complementos como foto, vídeo, texto escrito, falando especificamente do áudio. O que que é alterado na produção em áudio na reportagem, quando você já pensa desde o início que ela vai pro ar, mas também vai pro site. Muda alguma coisa na questão da condução da reportagem no áudio?

D: Não, o que, na cobertura factual no rádio news, não. Tá? A gente pensa numa sonorização quando é um desses conteúdos especiais, pro fim de semana, tá, daquela pautas que eu comentei, que nos ajudam na travessia do sábado e domingo, então ali sim, a gente pensa numa sonorização, que são assuntos que não necessariamente eles têm alguma relação com hard news, mas com pautas de comportamento, com boas histórias, então, como a gente é áudio, é... alguns elementos sonoros, eles nos ajudam a valorizar essas boas apurações que a gente consegue fazer. Tá? Então, uma sonorização, um elemento sonoro, ele, a gente tem esse cuidado, quando é um conteúdo que a gente trata mesmo como especial. Algo diferente que a gente vai entregar pra nossa audiência. E aí sim, a gente considera como prioridade o conteúdo que é levado ao ar no *dial*, né? Mas ele também fica disponível em todas essas plataformas que eu mencionei pra você, porque hoje é aquilo, vou repetir aqui, o rádio, a CBN não tá mais só no *dial*. Então se eu perdi o Jornal da Manhã eu tenho a chance de ouvir ele às 6 horas da noite no aplicativo da CBN em podcast. Né, e isso vale para todos os conteúdos que a gente leva ao ar, seja ao vivo

ou gravado, factual ou especial, ele fica disponível no site e no aplicativo da CBN. No site, ele funciona também como grande arquivo de áudio, né, basta o ouvinte dar uma busca, ele vai encontrar aquele conteúdo, clica e vai ouvir aquela informação. Aí isso vale pra reportagem, vale pros comentaristas, né, então, "tô viajando de São Paulo pro Rio de Janeiro, e não ouvi o comentário da Miriam Leitão de manhã, mas quero saber o que ela falou, eu vou lá no aplicativo da CBN, baixo o podcast e acompanho o que a Miriam falou.

A: Isso tem um valor documental, de memória também, com esse áudio armazenado, não é, Douglas?

D: Tem um valor documental, de história, mas aqui na CBN também a gente tem um departamento, que é o Cedope, que eles documentam tudo que a gente leva ao ar. Então, ao final dos programas, os produtores enviam um relatório pra produção pra redação, é... as chefias de reportagem, gerência de jornalismo, diretor de jornalismo, às vezes não estão ouvindo a rádio o tempo inteiro e "eu quero saber o que que entrou às 3 e 14 e eu olho no e-mail e vi o que tem nesse relatório" e esse centro de documentação já abriu uma pasta e colocou lá "uma fala do Fernando Henrique Cardoso", por exemplo, do ex-presidente. É... agora, a CBN tá com uma série de podcasts aí "Como chegamos até aqui", contando os fatos mais importantes e curiosos desde o período da redemocratização e as eleições que a gente passou e aí tem sonoras de presidentes que eu quando era repórter colhi, em 2006, que tão nesse, nessa produção de podcast. Como que a gente chegou até isso, nesse grande arquivo que é o site, mas também com os relatórios desse nosso centro de documentação. Então, sim, acaba sendo um grande arquivo histórico, e que você pode pesquisar e buscar falas importantes, sentir o tom, a tensão em algumas situações ou a emoção das pessoas que participaram daquele momento histórico.

A: Douglas, as reportagens que eu analisei na CBN, elas... algumas reportagens especiais, cito aqui a série da Copa do Mundo, a história da copa do mundo, da Elis Regina, feita nesse ano, o aniversário do falecimento, outras reportagens especiais também, algumas ao vivo, algumas factuais também. Eu observei, na publicação no site da CBN, além do podcast, no site, eu observei uma predominância do áudio, quer dizer, o áudio no seu arquivo na íntegra e um pequeno texto introdutório. Esse é o padrão mesmo de aproveitamento do áudio no site da CBN? Coloca-se o áudio na íntegra ou existem outras versões que talvez eu não tenha encontrado, onde vocês colocam somente as sonoras, somente as entrevistas, que desmembram esse áudio da reportagem que foi ao ar? Ou o padrão é botar a reportagem na íntegra no site mesmo?

D: Não, esse é o padrão. Geralmente é o conteúdo que foi exibido ao ar, né... que foi ao ar, então tem uma introdução às vezes ali naquele áudio mesmo, que é uma cabeça, uma chamada que os âncoras leem, né, pra contextualizar pra quem ligou o rádio naquele momento, e do assunto que a gente vai tratar, e a mesma coisa no nosso site, né, e ele também precisa ter algumas palavras chaves para facilitar aí a busca, caso o ouvinte queira ouvir aquele material de novo, salvar como predileto, compartilhar com alguém, então ele precisa ter um título, né, uma introdução e um pequeno resumo pra facilitar a vida do ouvinte, senão ele não permitiria a busca do site, né? Mas as sonoras, as entrevistas, na íntegra que fazem parte dessa reportagem,

essas o ouvinte não vai encontrar no site. É só a reportagem consolidada mesmo. Ou a entrada e a participação ao vivo, né, isso vale pra conteúdo de especial tanto quanto para as coberturas factuais, que se encaixam lá naquele exemplo que eu mencionei, né, que a gente procura seguir o caminho das pedras de uma apuração jornalística ouvindo vários personagens daquela história.

A: Certo, então, pela decisão de colocar o áudio da reportagem na íntegra, quer dizer que evita-se, eventualmente, descontextualizar, quer dizer, eventualmente se vocês colocassem as entrevistas em arquivos separados, correriam o risco de alguém compartilhar somente uma das partes, um dos lados ouvidos e não... e se perder essa contextualização da reportagem? Mais ou menos isso?

D: Não, não, não é nem essa preocupação. É mais para a história ter um início, meio e fim. E aquelas histórias ali que os trechos, que a apuração definiu como mais importante, eles estão dentro de um contexto da narrativa escrita pelo jornalista, né, que discutiu com a chefia de reportagem, com o editor, o melhor encaminhamento pra aquela história ficar, é... bem contada. É diferente de agente abordar um tema e realizar apenas uma entrevista. Tem alguns temas que cabem uma discussão com um entrevistado, mas no caso de uma reportagem, é que vai contar uma história, precisa se buscar o outro lado, as outras versões, outras impressões, outros dados, pra aquela história ficar melhor contada.

A: Douglas, você já falou um pouco a respeito disso, mas vou recuperar aqui, pra fins de organização só do questionário. Eu percebi que na CBN especificamente, o maior reaproveitamento do áudio das reportagens especiais acaba sendo via podcast mesmo. Eu queria que confirmasse que é isso, essa força do podcast, ou a prioridade do podcast pra CBN ou se existem outros espaços de reaproveitamento do áudio que você lembraria aqui, que você destacaria?

D: Não, tem algumas reportagens especiais que elas diante da apuração e de um vasto material, como eu falei pra você, as reportagens especiais elas têm entre 5 e 6 minutos, as que são levadas ao ar no *dial*, mas às vezes a apuração rende tanto que a gente consegue desenvolver um material de até 10, 15 minutos. Então ele acaba virando uma versão de podcast maior, tá? Mas tudo o que vai ao ar aqui na CBN vira podcast, né? Ele é recortado da programação, pela nossa equipe do site, ele tem um título, tem um resumo daquela informação e ele fica disponível no site. E o que tá no site automaticamente consegue ser ouvido em podcast pelo aplicativo ou no próprio site. Então, tudo, 100% do que o ouvinte acompanha na programação da CBN já vira um podcast. Mas, explicando um pouquinho melhor, a CBN também desenvolve alguns conteúdos de fôlego, grandes reportagens, exclusivamente em podcast, tá? É uma outra forma de fazer rádio. Eu volto naquilo que eu falei lá na minha primeira resposta: hoje a CBN não é uma emissora que está só no *dial*, no rádio, também tá em podcast. Nós temos ouvintes que querem estar bem informados, acompanhar o noticiário factual, mas nós temos ouvintes que querem acompanhar uma discussão aprofundada sobre ansiedade, por exemplo. Nós temos um podcast lá, que é o Vozes. A gente tem "um ouvinte que quer acompanhar a cobertura eleitoral e a gente quer saber, a gente tem um outro ouvinte que quer acompanhar uma discussão sobre

a legalização das drogas", por exemplo. Tem um podcast falando sobre isso lá, maior, com uma gama enorme de fontes. Então, tudo o que vai ao ar vira um podcast. Nós temos conteúdos exclusivos para podcast, também.

A: Eu queria saber...

D: Nessa mudança de público, do avanço das tecnologias, entrou um consumidor de áudio novo, que não necessariamente ele é um ouvinte de rádio, ele às vezes é um ouvinte de podcast. Nós temos ouvintes da CBN que consomem os nossos podcasts, mas também temos o inverso, nós temos ouvintes da CBN que consomem nossos podcasts, mas eles não são ouvintes da CBN no rádio, porque ele tá em busca de conteúdo diferenciado.

A: Douglas, quando a nomes, nomenclatura, nomes que internamente vocês dão às reportagens, você citou até agora, Grande reportagem, reportagem especial e a gente falou de reportagem ao vivo e gravada, que muitas vezes a gente chama de um boletim ao vivo, existe outro nome que vocês são internamente, existe uma reportagem intermediária entre a reportagem especial e aquele boletim ao vivo do repórter, como é que vocês tratam isso internamente. Essa é uma curiosidade que a gente tem, porque às vezes muda a nomenclatura de região a região e emissora a emissora, não é?

D: É, a reportagem gravada com sonoras, com entrevistas, essa é uma reportagem factual, né, aqui internamente, o boletim é uma informação sem sonora, sem nenhuma entrevista. "A gente conseguiu uma apuração com a polícia sobre um caso sigiloso com uma fonte que é um delegado ou um promotor do ministério público", mas a gente não tem entrevista, mas ele passou informações preservando a fonte, então a gente vai dizer "a polícia tal tal, tal, ou o ministério público tal", isso é um boletim, não tem entrevista. Uma reportagem factual com entrevistas é uma reportagem factual, aí tem a reportagem especial, que é aquela que a gente pensa com o maior número de fontes, com uma sonorização, são uma reportagem especial, tá, e tem o podcast. A maioria dos podcasts genuínos não são levados ao ar no *dial*, tá, a gente faz ele só para o podcast. A gente anuncia esse conteúdo dentro do nosso editorial nacional, que ele tá disponível em podcast. Então, se a pessoa tiver interesse, ou identificar interesse, ele vai lá nos agregadores de podcast ou no aplicativo da CBN e procura aquele conteúdo. Então, é podcast, reportagem especial, reportagem factual, e o boletim. O boletim também pode ser uma informação como eu mencionei agora, uma informação passada sob sigilo da polícia, do Ministério Público, de algum secretário, de algum político, mas também é também é um boletim de trânsito ao vivo, porque não tem sonora, né, é um boletim sobre alguma dificuldade que algum usuário de metrô, da CPTM estejam enfrentando, então ao vivo ou gravado sem sonora, é um boletim. A reportagem factual, ela vai ter sonoras, é... e a reportagem especial tem mais sonoras, mais fontes, e eventualmente ela é sonorizada também.

A: Só como você citou de novo o podcast, eu vi caso em que a série vira uma versão ampliada de podcast, foi o caso da Elis Regina, não sei se é muito comum, saem três episódios ou três capítulos, depois vocês juntam e lançam uma versão ampliada só em podcast ou também no ar. Isso também ocorre, não é?

D: Sim, essa é uma forma de melhor embalar o conteúdo, né... se você faz uma série de reportagens, a gente tem aquela, aquela régua lá de uma reportagem especial para o *dial* de 4 a 6 minutos, de 4 minutos pra gente rodar de segunda a sexta e até 6 minutos sábado e domingo. Só que eu tenho mais apuração e eu posso fazer um podcast sobre "a história da Elis Regina" pra rodar e deixar disponível lá no podcast, com coisas que eu tive que suprimir desses conteúdos que foram ao ar pela questão do tempo, pra aquela explicação inicial lá também da pizza, né, com as fatias grandes que são o editorial e com fatias menores que são os breaks locais. Aí como a gente é uma rede, a gente tem que ter o mínimo de organização para não deixar as afiliadas confusas, né? Eles têm uma previsibilidade de horário de intervalo, de horário de volta, da programação nacional, né, uma porque eles precisam zelar pelo conteúdo editorial local, se programar com as coberturas com as respectivas equipes e também tem o outro lado da moeda, que é a questão comercial, né, então, eu não posso, se eu tenho dois intervalos previstos numa meia hora, eu preciso me organizar.